

«Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa»

O Discurso Missionário sobre a Perseguição aos Cristãos
no Regime Tokugawa na Imprensa Europeia
(1598 – 1650)

Ana Cantante Mota Fernandes Pinto

**Tese de Doutoramento em
História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa**

Abril, 2014

DECLARAÇÕES

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente.
O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas
no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Arafernanda P. G.

Lisboa, ...9 de Abril... de 2014...

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a
designar.

O orientador,

J. Paulo Correia

Lisboa, 9 de Abril... de 2014...

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a
designar.

A coorientadora,

Ana Isabel Pires

Lisboa, de de

Ao António
Pela tolerância ao martírio.

AGRADECIMENTOS

Foram várias as instituições e as pessoas que me apoiaram e contribuíram para esta dissertação de doutoramento.

Ao Professor João Paulo Costa, meu mestre e orientador, devo o interesse pelo Japão e a confiança que, ao longo dos anos, depositou em mim.

À Professora Ana Isabel Buescu, minha co-orientadora, agradeço as novas perspectivas de análise e uma palavra de sincero reconhecimento pela leitura atenta deste trabalho.

Sem Fundação para a Ciência e Tecnologia, que me concedeu uma bolsa de doutoramento e apoiou as minhas deslocações às principais bibliotecas europeias, e sem o Centro de História de Além Mar (CHAM), com o seu ambiente académico estimulante, esta dissertação este trabalho não se teria realizado.

Aos amigos, agradeço em particular a Liam Brockey e a Manuel Lobato, a quem devo as observações inteligentes, a João Teles, pelas perspectivas históricas inspiradoras, e à Alexandra Curvelo, cujo rigor científico procurei mimetizar.

À Mariana Magalhães, à Helena Barros e à Inês Versos agradeço o empurrão final nos aspectos informáticos e logísticos.

Ao Paulo Pinto, para lá da amizade, devo a argúcia com que brindou os nossos almoços de trabalho, desconstruindo e ajudando-me a reconstruir argumentos. À Cristina Joanaz de Melo, cuja diversidade de interesses é para mim uma referência, e à Rita Almeida de Carvalho que, com o seu rigor de historiadora, leu, criticou e fez inúmeras sugestões, devo o apoio incondicional quando o desânimo parecia instalado.

Há depois a família sem a qual nada do que fiz faria sentido. Em particular, agradeço a Teresa Salgueiro, cujo apoio de avó foi essencial para a estabilidade dos meus filhos, aos meus Pais e às minhas irmãs Isabel e Madalena por terem estado presentes nos momentos cruciais e ausentes sempre que foi necessário.

As últimas palavras deste agradecimento são para a Graça e para o António pelo estímulo e pela capacidade precoce de apreciarem a qualidade de persistir.

RESUMO

«*Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa*»

O Discurso Missionário sobre a Perseguição aos Cristãos
no Regime Tokugawa na Imprensa Europeia
(1598 – 1652)

Ana Fernandes Pinto

Palavras-Chave: Japão – Regime Tokugawa – Martírio – Europa Católica – Reforma Católica – Companhia de Jesus – Franciscanos – Dominicanos – Agostinhos

Resumo

Em 1549 os missionários da Companhia de Jesus estabeleciam a missão do Japão, inaugurando um período de evangelização católica que se prolongou até à década de 1640. O sucesso da conversão dos nipónicos levou a que, a partir da década de 1590, as ordens mendicantes fossem no encalço dos jesuítas. O período coincidiu com o momento em que o regime Tokugawa impôs no Japão um processo de centralização política de cariz autoritário. A doutrina católica e as atitudes dos missionários colidiram com a nova ordem estabelecida pelos Tokugawa que, por isso, promoveram uma política sistemática anticristã. O sucesso da evangelização deu lugar a uma missão martirizada que serviu para alimentar uma vasta produção tipográfica na Europa Católica de Seiscentos, tanto mais que ia ao encontro das tendências devocionais da Europa da Contra-Reforma e da espiritualidade do Barroco. Por esta via, a Europa tomou contacto com a longínqua Ásia. Mas os textos missionários impressos não tinham apenas fins informativos. A dinâmica tipográfica gerada servia também para fazer a apologia de cada uma das ordens missionárias e assim influenciar os poderes políticos e religiosos a fim defenderem os seus direitos de evangelização. O martírio no Japão foi assim utilizado como arma de propaganda pelas ordens missionárias na Europa.

ABSTRACT

«*Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa*»

The Missionary discourse about Tokugawa persecution towards Christians
in European Printing Press
(1598 – 1652)

Ana Fernandes Pinto

Keywords: Tokugawa Japan – Martyrdom – Early Modern Europe – Catholic Renewal
– Jesuits – Dominicans – Augustinians

Abstract

In 1549 the missionaries of the Society of Jesus established themselves in Japan ushering in a period of Catholic evangelization which lasted until the 1640s. Since the Japanese mission came to be very successful, Mendicants Orders went after Jesuits evangelization from 1590's onwards. By that time Tokugawa rulers were committed to structuring a centralized and authoritarian government. Missionaries' preaching and attitudes clashed with the new order established by Tokugawa, who ended up promoting an anti-Christian policy. The success of the evangelization gave rise to a martyred mission which fueled a large missionary printing press activity in Catholic Europe. This discourse on martyrdom in Japan fed into the then occurring Catholic renewal devotional trends and Baroque spirituality. This was the setting in which 17th century Catholic Europe learned about Japan. Those printed texts were not simply used for information purposes. Printing press activity, separately promoted by each missionary order, envisaged also their own exaltation in a competition to influence the European political and religious powers in the ongoing controversy on missionary rights in Japan. Martyrdom in Japan thus became as a weapon of propaganda for missionary orders in Europe.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Estado da Arte	2
Limites cronológicos	7
Metodologia.....	9
O Japão e a Europa seiscentista	12
Cap. 1 Da tolerância à perseguição: o discurso missionário sobre a evolução da política anticristã. ..23	
1.1. Antes do Decreto de Perseguição Generalizada (1614).....	26
1.2. Do «Grande Exílio / <i>Daitsuihō</i> » à supressão de facto (1614 – 1640).....	42
Cap. 2 «Tempo de calamidade»: A realidade punitiva dos cristãos a partir dos textos impressos missionários.....	73
2.1. Que cristãos foram perseguidos?	75
2.2. O Exercício da Justiça.	79
2.2. O Repositório das Práticas Anticristãs.	87
2.2.1. Arbítrio e Dissimulação.....	89
2.2.2. As Sanções	93
2.2.3. O Aparato da Execução	101
2.2.4 O Novo Ciclo de Perseguição.....	109
2.3. As repercussões da «barbaridade».....	112
Cap. 3 «Invencível constância e fervoroso desejo de padecer por Cristo»: Os significados do martírio nos textos impressos missionários	120
3.1. <i>Sair para o palanque</i> : Honra ou «Gloriosa morte»?	123
3.1.1. A «Niponização» do Cristianismo.....	125
3.1.2. O Legado da Cultura Honorífica: Vassalagem e Liberdade	128
3.1.3. O Legado da Morte Honrada	132
3.2. O Discurso do Mártir: Representação e Devoção.....	142
3.2.1 A Verdade Doutrinal	142
3.2.2. Os que se «deixaram ficar»	150
3.2.3 Em Harmonia com a Espiritualidade da Época	153
3.2.3. «A verdade feita»	158
Cap. 4 O texto impresso missionário sobre a missão do Japão: modalidades e estratégias	168
4.1. Centros de Produção.....	169
4.2. Uma Propaganda Intensa	178
4.3. A Arte Tipográfica entre Rivais	181
4.4. A Rivalidade no Discurso.....	189
4.5. Em Demanda da Santidade.....	198
CONCLUSÃO	212
CRONOLOGIA.....	220
BIBLIOGRAFIA	224
GLOSSÁRIO	258
MAPAS.....	260
ANEXO: Reportório Bibliográfico	270

ABREVIATURAS

AIA – Archivo Ibero-Americano

BPJS – Bulletin of Portuguese and Japanese Studies

CEHR-UCP – Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa

CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa

CHAM – Centro de História Além-Mar

CHJ – Cambridge History of Japan

CNCDP – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

IHSI – Institutum Historicum Societatis Iesus

JJRS – Japanese Journal of Religious Studies, Nanzan Institute for Religion and Culture

RAC – Real Academia História, Madrid

UA – Universidade dos Açores

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

A abrangência geográfica do tema discutido na presente dissertação obrigou à definição de um critério relativamente à nomenclatura. A ortografia dos antropónimos e dos topónimos europeus foi actualizada e traduzida para português contemporâneo. No caso dos antropónimos nipónicos seguiu-se a regra local, isto é, o apelido antecede o nome próprio ao que, quando se tratam de japoneses conversos, acresce o nome de baptismo. No caso dos topónimos, respeitaram-se as denominações da época, ou seja, os das eras de Quinhentos e Seiscentos (por exemplo, Miyako e Edo).

Na transcrição de vocábulos japoneses, seguiu-se o Sistema de Hepburn, utilizado para transcrever os sons da língua japonesa para o alfabeto latino.

Apesar de no Japão o calendário lunar ter prevalecido até 1873, tendo em conta que o presente estudo assenta em documentação impressa na Europa, a cronologia apresentada segue a datação ocidental.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação centra-se na análise do texto impresso na Europa por ordens missionárias a evangelizar no Japão, durante a primeira metade do século XVII, com enfoque no discurso sobre as práticas anticristãs do regime Tokugawa.

Em 1545, o jesuíta Francisco Xavier desembarcou no Japão, iniciando um período de contacto permanente entre ocidentais e nipónicos. A partir de então, a presença missionária tornou-se uma peça fundamental no relacionamento entre a Europa e o Japão. Foi igualmente um factor decisivo na alteração da atitude nipónica face ao exterior, que inicialmente foi de abertura, para depois, se transformar numa crescente desconfiança, até que, por fim, terminou na expulsão de comerciantes e missionários ibéricos, uma das expressões do efectivo controlo dos contactos com o exterior pelo xogum.

A intransigência das autoridades políticas do Japão evoluiu a par do processo de unificação do arquipélago, que se desenrolou a partir da década de 1560, com as conquistas militares de Oda Nobunaga, e terminou em 1600, com a vitória de Tokugawa Ieyasu em Sekigahara. O guerreiro que iniciou a unificação, Oda Nobunaga, tolerou a presença dos missionários. Foi o seu sucessor, Toyotomi Hideyoshi, quem deu os primeiros sinais de desconfiança ao mandar executar o primeiro grupo de cristãos em 1597. Tokugawa Ieyasu, o último dos unificadores militares, impôs a perseguição generalizada ao Cristianismo. O seu neto, Tokugawa Iemitsu, responsável pela consolidação política do processo militar, tornou sistemática a perseguição aos cristãos e expulsou os mercadores castelhanos do arquipélago, em 1623, medida que foi estendida aos comerciantes portugueses em 1639. Os missionários, que sempre tinham vivido na sombra dos mercadores, perderam definitivamente a base de apoio que lhe permitira viver, desde 1614, na clandestinidade

As notícias da crucificação do primeiro grupo de 26 cristãos a 5 de Fevereiro de 1597, entre os quais se encontravam seis frades franciscanos, três jesuítas, e 17 japoneses convertidos ao Cristianismo, começaram a ser impressas na Europa logo no ano seguinte pela mão de missionários jesuítas e franciscanos. A partir de então, e durante todo o período de permanência no arquipélago nipónico, as ordens missionárias aí estabelecidas foram relatando as suas experiências, sendo que algumas foram dadas à estampa. A Europa vivia ainda os efeitos das reacções à Reforma protestante, que

desencadeara guerras e a morte de milhares de indivíduos por causas religiosas. Para os católicos, o contexto era de renovação da Igreja e de reafirmação da veracidade do catolicismo. As notícias sobre cristãos que perseveravam na fé Católica até à morte, numa missão tão longínqua, adequavam-se a uma Igreja que se procurava impor como triunfante. Em 1627 a Cúria Romana, mostrando o reconhecimento da realidade martirológica nipónica, beatificava aquele primeiro grupo de mártires.

Estado da Arte

Os relatos dos missionários têm sido uma referência para compreensão das mutações militares, políticas e sociais do Japão dos *senjoku daimyō* ao Japão dos Tokugawa. Porém, estas fontes têm sido ignoradas enquanto testemunho da atitude anticristã do *bakufu* de Edo. Até bem recentemente, o estudo da proibição do Cristianismo no Japão Tokugawa foi objecto de análises que ora privilegiam a missionação e enquadram a proibição como a etapa final da primeira evangelização do arquipélago, iniciada na década de 1540, ora se centram no processo histórico do Japão, integrando a supressão da Fé cristã no âmbito da política de controlo das relações exteriores estabelecida pelo regime Tokugawa. Uma e outra perspectiva resultam sobretudo da base documental subjacente.

A partir da década de 1920, investigadores pertencentes às ordens missionárias que estiveram envolvidas na primeira missionação do Japão deram início a um trabalho sistemático sobre a imensa produção escrita pelos religiosos. Daqui resultaram narrativas históricas sobre a evolução da respectiva actividade missionária no arquipélago, a publicação de documentação inédita que abarca igualmente o período das perseguições e a sua edição crítica. Lorenzo Pérez traçou a biografia dos frades franciscanos que trabalharam no Japão e foi responsável pela edição de um manancial de documentação que se encontrava dispersa¹. Na década de 1960, surgiram estudos similares sobre a presença agostinha e dominicana no Japão, pela mão respectivamente

¹ Lorenzo Perez, “Los Franciscanos en el Extremo Oriente. Noticias bio-bliograficas in *Archivum Franciscanum Historicum*, 1 (1908), pp. 241-247, pp. 536-43; 2 (1909), pp.47-62, pp. 232-39, pp.548-60; 3 (1910), pp.39-46; 4 (1911), pp.50-61, pp.482-503. O autor foi ainda responsável pela publicação de muita documentação inédita, “Cartas y Relaciones del Japon” in *Archivo Ibero Americano*, IV (1915), pp. 395-418; VI (1916), pp.199-309; IX (1918), pp.55-142, pp. 168-263

de Arnulf Hartamann² e de Fr Honorio Muñoz³. O contributo dos investigadores jesuítas é mais diversificado, o que se explica pelo volume ímpar de documentação. Johannes Laures traçou a história da igreja católica no Japão⁴. Georg Shurhammer centrou o seu trabalho nas primeiras décadas da presença missionária no Japão, sendo o responsável pela edição crítica das obras de Francisco Xavier⁵. Josef Franz Schütte, para além do seu estudo sobre a presença da Companhia de Jesus até 1650, foi particularmente activo na inventariação de documentos dispersos e na edição completa dos textos relativos à cristandade nipónica entre 1547 e 1562⁶. A obra de publicação da correspondência enviada pelos jesuítas, iniciada por Schütte, foi prosseguida, mais tarde, por Juan Ruiz de Medina. A este jesuíta fica ainda a dever-se o trabalho de organização cronológica dos martírios ocorridos no Japão, desde os primórdios da missão jesuíta, até 1873. Trata-se de uma obra e compilação de toda a informação possível relativa aos martírios ocorridos no Japão⁷.

Na actualidade, a informação missionária compilada e disponibilizada por esta geração de historiadores mantém-se incontornável pelo seu rigor científico, seja no estabelecimento de uma cronologia dos acontecimentos, seja na identificação de topónimos e antropónimos. Em termos interpretativos, e no que às práticas anticristãs se refere, redundam, porém, numa leitura apologética da realidade, desenquadrada das políticas de controlo social a decorrer no Japão.

Com base nestes trabalhos desenvolveram-se linhas de investigação similares também valorativas do acontecimento, mas representativas de novas abordagens. Nestes estudos o tema da perseguição continua a ser subsidiário. Destaca-se a obra de C.R.

² Entre os anos de 1964 e 1965 publicou em várias séries a história da presença dos agostinhos no Japão. Arnulf Hartamann, “The Augustinians in Seventeenth Century Japan” in *Augustiniana*, XIV (1964), pp.315-377, 640-669; XV, 1965, pp.237-258, 462-492.

³ Fr Honorio Muñoz, *Los Dominicos Españoles en Japon (s. XVII)*, Madrid, 1965.

⁴ Johannes Laures, *The Catholic Church in Japan*, Tokyo, Charles E. Tuttle, 1954.

⁵ Georg Shurhammer dedicou especial atenção às primeiras décadas da presença missionária no Japão. *Orientalia*, Roma-Lisboa, Institutum Historicum Societatis Iesu – Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

⁶ Josef Franz Schutte, *Introductio ad Historiam Societatis Jesu in Japonia 1549-1650*, Roma, IHSI, 1968. Foi também responsável pela *Monumenta Historica Japoniae Editionem critica, introductiones ad singula documenta, commentarios historicos proposuit Josef Franz Schütte/ Juan Ruiz-de-Medina, S.J.*, 1975-1995. Publicou ainda o texto de Alexandre Valignano *Il cerimoniale per i missionari del Giappone: Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão : importante documento circa i metodi di adattamento nella missione giapponese del secolo XVI : testo portoghese del manoscritto originale, versione letterale italiana di Alexandro Valignano*, edição crítica, introdução e notas de Josef Franz Schutte, 1946.

⁷ Juan Ruiz-de-Medina, *Documentos del Japón (1547-1562)*, 2 vols., Roma, 1990-1995. Juan Ruiz-de-Medina, *El Martirologio del Japón 1558-1873*, Roma, IHSI, 1999.

Boxer e, mais recentemente, os trabalhos de João Paulo Oliveira e Costa⁸. Em *The Christian Century in Japan*, Boxer abandona a perspectiva apologista do trabalho missionário que dominara a historiografia e traça a evolução das presenças religiosa e mercantil europeias, relacionando-a com o processo político e o desenrolar das atitudes das autoridades nipónicas, primeiro para com os missionários, depois para com os mercadores, sem esquecer as repercussões na vida dos cristãos⁹. O impacto deste seu trabalho é bem evidente no facto do título da obra ter ascendido a conceito operativo, usado ainda hoje para designar o período da história do Japão que compreende a primeira evangelização. No plano da historiografia nacional, os trabalhos de João Paulo Costa apresentam um novo retrato sobre a evolução da cristandade nipónica. A evangelização missionária surge agora tratada no quadro mais genérico da expansão e, em particular, da presença portuguesa no Japão e avaliada no âmbito do processo de adaptação e acomodação eclesiástica à civilização nipónica. Por último importa referir, já no plano da historiografia nipónica o trabalho de Ikuo Higashibaba, uma abordagem do cristianismo no Japão, centrada nos cultos e nas práticas locais¹⁰.

O período histórico coincidente com a primeira evangelização do Japão foi ainda objecto de estudo de uma geração de japonólogos que surgiu após a 2ª Guerra Mundial. Dominando a língua e empenhados no intercâmbio com historiadores nipónicos, estes investigadores privilegiaram maioritariamente a documentação em japonês, dando a conhecer informação inédita em línguas europeias¹¹. Nestes estudos a perseguição ao Cristianismo surge integrada nas políticas de controlo social. John Whitney Hall foi responsável por uma extensa bibliografia que proporcionou o entendimento da evolução do *bakufu* em línguas ocidentais, organizou ainda a publicação de colectâneas de estudos específicos que enquadram as práticas anticristãs no processo histórico do Japão. Os estudos de Marius Jansen¹², Conrad Totman¹³, Herman Ooms¹⁴ e, mais

⁸ Cita-se o trabalho de referência João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, vols. I e II, dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998 [texto policopiado].

⁹ C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan*, Manchester, Carcanet Press, 1993 (1951).

¹⁰ Ikuo Higashibaba, *Christianity in Early Modern Japan. Kirishitan Belief and Practice*, Leiden-Londres-Colónia, Brill, 2001.

¹¹ *The Cambridge History of Japan*, vol. IV, *Early Modern Japan*, John Whitney Hall (coord.), Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p.vi.

¹² Marius B. Jansen, *The Making of Modern Japan*, Cambridge Mass-Londres, Belknap Press- Harvard University Press, 2000.

¹³ Conrad Totman, *Early Modern Japan*, Londres-Los Angeles, University of California Press, 1993.

¹⁴ Herman Ooms, *Tokugawa Ideology*, Princeton, Princeton University Press, 1985.

recentemente, James McClain¹⁵ tratam das perseguições no âmbito das estratégias desenvolvidas pelo regime ao nível político, social e ideológico. A mesma abordagem encontra-se nas biografias dos grandes unificadores, no trabalho de Mary Elizabeth Berry sobre Toyotomi Hideyoshi¹⁶, de Conrad Totman sobre Tokugawa Ieyasu¹⁷, e num estudo mais recente, na investigação de Jeroen Lamer sobre Oda Nobunaga¹⁸. Refira-se ainda o trabalho mais específico e actual de Jurgis Elisonas “Christianity and the Daimyo” onde traça a inter-relação entre dáimios, missionários e mercadores, e analisa a influência destas ligações nos desenvolvimentos políticos¹⁹.

Enquanto tema autónomo, os estudos dedicados à supressão do Cristianismo deram os primeiros passos a partir da década de 1920, pela mão de Anesaki Masaharu. O autor foi ainda responsável pela disponibilização de documentação nipónica fundamental à história da perseguição dos cristãos no Japão: documentos produzidos no âmbito do exercício do cargo de *shumôn aratame yaku* (uma espécie de inquisidor que tinha por missão vigiar o cumprimento da proibição do cristianismo); material disperso em arquivos nipónicos que evidenciam práticas religiosas realizadas pelos cristãos que se mantiveram crentes de modo oculto; ou ainda literatura cristã redigida em japonês sobre o martírio²⁰. Hubert Cieslik também contribuiu para o tema com vários artigos tratando algumas figuras da missão (Pedro Kasui, Sebastião Kimura e Cristovão Ferreira)²¹. A investigação ganhou novo impulso com a obra *Deus Destroyed*, na qual Jurgis Elisonas examina os mecanismos intelectuais explorados pelos Tokugawa com vista a denegrir a imagem do cristianismo (uma fé perniciosa) ao ponto de erradicá-lo do Japão. Elisonas publica e analisa tratados eruditos (redigidos por monges budistas e intelectuais ligados ao neo-confucionismo) e panfletos de propaganda popular²².

¹⁵ James L. McClain, *Japan. A Modern History*, W. W. Norton & Company, 2002.

¹⁶ Mary Elizabeth Berry, *Hideyoshi*, Cambridge Mass.-Londres, Harvard University Press, 1982.

¹⁷ Conrad Totman, *Tokugawa Ieyasu: Shogun*, Heian, 1983.

¹⁸ Jeroen Lamers, *Japonius Tyrannus. The Japanese Warlord. Oda Nobunaga Reconsidered*, Leiden, Hotei Publishing, 2000.

¹⁹ A partir do ano de 1991 George Elison retomou a grafia lituana do seu nome, Jurgis Elisonas. Jurgis Elisonas, “Christianity and the daimyo” in *CHJ*, vol. IV, *Early Modern Japan*, John Whitney Hall (coord.), Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp.301-372.

²⁰ O número de publicações por Anesaki Masaharu nesta matéria é muito extenso. Veja-se «Bibliografia».

²¹ Hubert Cieslik, «The Great Martyrdom in Edo, 1623. Its Causes, course and consequence» in *Monumenta Nipponica* 10 (1955), pp.81-98. *Idem*, «Sel. Sebastian Kimura (1565-1622): der erste japanische Priester» *Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft* (15) 1959, pp.81-98; *Idem*, «P. Pedro Kasui (1587-1639) der letzte japanische Jesuit der Tokugawa-Zeit» *Monumenta Nipponica* 15 (1960), pp.35-86. *Ibidem*, «The case of Christovão Ferreira» *Monumenta Nipponica* 29 (1974), pp.1-54.

²² George Elison, *Deus Destroyed. The Image of Christianity in Early Modern Japan*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991. Uma abordagem mais resumida mas seguida da publicação de

Actualmente é já possível diferenciar várias linhas de investigação centradas especificamente em matérias relativas à supressão do Cristianismo. Ôhashi Yukihiro tem desenvolvido a questão enquadrando a problemática no âmbito do estabelecimento da «ordem social e estatal do Japão» Tokugawa²³; Peter Nosco tem abordado o Cristianismo partindo das directivas do regime para com as restantes religiões²⁴; mais recentemente, Kiri Paramore publicou *Ideology and Christianity in Japan* onde, na esteira do trabalho de Elisonas, analisou o discurso anticristão em momentos distintos do desenvolvimento do regime Tokugawa (instituição e transição Meiji), perspectivando deste modo o contributo dessas construções na formação do Estado moderno e contemporâneo nipónico²⁵.

A presente dissertação pode ser enquadrada nesta historiografia dedicada às práticas anticristãs. Porém, ao contrário dos estudos referidos, apenas faz uso de documentação nipónica a título complementar, e quando esta está traduzida para línguas ocidentais. As práticas anticristãs são agora analisadas a partir da documentação redigida pelos missionários, os mesmos que eram perseguidos por um poder político que se formava a partir da oposição política e social ao Cristianismo. Valdemar Coutinho descreveu as informações contidas nos textos redigidos pela Companhia de Jesus sobre a perseguição aos cristãos, tratando-se do único trabalho sobre esta matéria em língua portuguesa²⁶. É objetivo do presente estudo alargar o espectro da análise, incluindo também a informação contida nos relatos redigidos por membros das ordens mendicantes.

Ora, a descrição destas práticas anticristãs a circular na Europa sob a forma de texto impresso suscita questões relacionadas com estratégias de propaganda, empreendidas, mediadas e alimentadas pelas ordens missionárias, que se encontram por formular. De facto, a supressão do Cristianismo no Japão enquanto estratégia editorial e política na Europa não foi até ao momento objecto de uma avaliação crítica. Na presente dissertação procura-se assim seguir uma abordagem que tem vindo a ser desenvolvida a

documentação encontra-se “The Evangelic Furnace: Japan’s First Encounter wit the West” in *Sources of Japanese Tradition*, vol.II abr., *Part One 1600 To 1868*, Wm. Theodore de Bary, Carol Gluck, Artur E. Tiedemann (dir.), Nova York, Columbia University Press, 2006, pp.127-157.

²³ ÔhashiYukihiro, “Orthodoxie, hétérodoxie et *Kirishitan*: maintien del’ordre et prohibition du Cristianismo dans le Japon moderne”, *Histoire & Missions Chrétiennes*, n° 11, Septembre 2009, p.131.

²⁴ Peter Nosco, “Early Modernity and the State’s Policies toward Christianity” in *BPJS*, 7 (2003), p.20

²⁵ Kiri Paramore, *Ideology and Christianity in Japan*, Nova York, Routledge, 2009.

²⁶ Valdemar Coutinho, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão*, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

propósito dos mártires resultantes do conflito religioso que deflagrou na Europa de Quinhentos e se prolongou por Seiscentos. Brad S. Gregory apresenta uma visão global dos textos publicados a este propósito por todas as confissões religiosas²⁷, Dickens e Tonkin²⁸, e Frank Lestringant²⁹ têm prosseguido na análise acentuando a relação entre estratégias editorial e política.

Limites cronológicos

Tendo em conta que se procura estudar as práticas anticristãs a partir de uma tipologia documental específica – o texto impresso – as barreiras cronológicas foram definidas pela conjugação de duas variáveis distintas: o desenrolar das práticas anticristãs no Japão e a recepção e impressão dessas notícias na Europa. Analisa-se assim o designado primeiro período da perseguição, que vai desde o primeiro acto de hostilização aos nipónicos convertidos até ao estabelecimento da política de exclusão nacional, (*sakoku*) que os conduziu à clandestinidade.

Em 1597, ocorreu a primeira execução de cristãos no Japão. Toyotomi Hideyoshi, o autor do decreto, governava o arquipélago desde a morte de Oda Nobunaga (1582), tendo consolidado e prosseguido o trabalho do seu antecessor no que se refere à unificação territorial e à imposição da autoridade: primeiro pela força das armas, depois através de uma abrangente reforma administrativa que visava o controlo efectivo da sociedade e manutenção da ordem. Sob o pretexto de garantir o bem público (*kōgi*), Hideyoshi decretou várias medidas, como a obrigatoriedade de realização de censos e a recolha de armamento e estabeleceu regras de controlo comunitário (*goningumi*), que permitiram um melhor controlo sobre a população. Uma série de atitudes protagonizadas por cristãos, interpretadas como expressão de uma ambição político-militar, explica a alteração da atitude de Hideyoshi, que passou de condescendente a perseguidor. O assunto foi amplamente divulgado na Europa em textos que começaram a ser impressos no ano de 1598. Esta é, por isso, a data de início do estudo das notícias publicadas sobre o Japão na Europa.

²⁷ Brad G. Gregory, *Salvation at Stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Cambridge Mass.-Londres, Harvard University Press, 1999.

²⁸ A. G. Dickens, John Tonkin, Dickens, *The Reformation in Historical Thought*, Oxford, Basil Blackwell, 1985.

²⁹ Frank Lestringant, *Lumière des Martyrs: Essai sur le Martyr au Siècle des Réformes*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 2000.

Em 1600, a vitória de Tokugawa Ieyasu na batalha de Sekigahara (na qual as forças Tokugawa atacaram os apoiantes do sucessor Toyotomi), dava início a um novo regime que se caracterizou pelo autoritarismo e pela intolerância face aos comportamentos considerados desviantes, entre os quais, se passou a enquadrar a profissão do Cristianismo. Os Tokugawa empenharam-se na imposição de sistemas de controlo social e político que se repercutiram na Cristandade nipónica, primeiro numa série de constrangimentos, depois na punição dos transgressores. Ainda assim, alguns religiosos mantiveram-se ocultos no território continuando a reportar a sua actividade através de notícias que circulavam por via dos mercadores portugueses e castelhanos. Sem a presença de um poder institucional europeu que os protegesse, o relacionamento entre comerciantes e missionários era portanto particularmente estreito. Por isso, num primeiro momento a recepção de textos de religiosos na Europa não sofreu alterações, sendo condicionada pela clandestinidade dos missionários que permaneceram no território. O revés na circulação deste tipo de textos na Europa deu-se após a expulsão dos mercadores, primeiro dos castelhanos (1623), mais tarde dos portugueses (1639). É certo que os holandeses, que negociavam no Japão de modo contínuo desde 1609, foram autorizados a permanecer em solo nipónico mas, ainda assim, agora confinados à ilha artificial de Deshima (1640). Para além deste constrangimento, os holandeses não tinham qualquer interesse proselitista e estavam empenhados, pelo contrário, na «destruição da cristandade local ligada à Igreja Romana»³⁰ enquanto estratégia de obtenção do exclusivo comercial na área.

Pode afirmar-se que em 1644 já não restavam missionários clandestinos no Japão. O chamado Primeiro Grupo Rubino, que desembarcara em Chikuzen em Julho do ano anterior, tinha sido imediatamente capturado. O relato do acontecimento, impresso em 1652, naquela que deverá ter sido a primeira a edição europeia (Roma), encerra um capítulo do discurso missionário sobre as práticas anticristãs. Essa é a razão pela qual o ano de 1652 é o termo cronológico deste estudo, apesar da ausência de informações precisas sobre as práticas anticristãs ser anterior. Quando em 1660 sai impresso o volume da obra do jesuíta Daniello Bartoli (1608-1685), dedicado em exclusivo ao Japão, a abordagem é já assumidamente retrospectiva, uma exposição sobre o que tinha sido a presença da congregação naquele território (neste caso em

³⁰ João Paulo Oliveira e Costa, *op.cit.*, p.771.

particular desde 1570 até à expulsão de 1640)³¹. Trata-se claramente de uma nova linha discursiva, que se tornou dominante. Embora importante, por ser o resultado da reutilização de informação compilada durante um século e meio de contacto entre o Ocidente e Japão, merece, por isso, uma abordagem específica que não se enquadra no presente estudo.

Metodologia

As práticas anticristãs estiveram na origem de uma vasta documentação impressa por missionários. Adoptou-se uma abordagem epistemológica abrangente que procura questionar os vários níveis de representação contidos no impresso³². Para este efeito coligiu-se um repertório bibliográfico, onde foram compilados todos os títulos com referência ao Japão ou a topónimos e antropónimos nipónicos desde que de autoria religiosa, fossem ordens missionárias ou membros da hierarquia eclesiástica, impressos na Europa. Cientes das lacunas presentes em todos os trabalhos de inventariação, procurámos que o presente reportório fosse tão exaustivo quanto possível. Nesse sentido procedeu-se ao confronto de informação de diversas proveniências, um trabalho moroso que permitiu, em contrapartida, detectar erros, esclarecer dúvidas e apresentar no final um repertório que consideramos descrever um quadro muito próximo da realidade tipográfica sobre o Japão preservada na actualidade. As obras catalogadas constituem uma amostra bastante exaustiva da realidade que resultou da consulta directa de catálogos de bibliotecas – bibliotecas nacionais dos países em estudo e arquivo das ordens religiosas em estudo – de catálogos de textos impressos, bem como bibliografias especializadas nas questões referentes ao Japão, e nos assuntos das ordens religiosas em estudo.

Os textos publicados sobre o Japão são analisados ao nível descritivo, enquanto testemunho de uma realidade empírica. Os textos impressos baseiam-se essencialmente em factos, mas estes foram coligidos e descritos de forma a construir uma retórica estratégica. O seu discurso é, por isso, também analisado na perspectiva da formulação de representações. A escrita do impresso traduz muitas vezes um olhar etnocêntrico

³¹ A versão definitiva da obra de D. Bartoli foi publicada em Roma, em 1667, sendo que pouco diferencia do original

³² Stuart B. Schwartz, «Introduction» in *Implicit Understandings. Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, dir. Stuart B. Schwartz, Cambridge University Press, 1994 (1995).

sobre o Japão, ali avaliado através das categorias mentais de quem o olha e, por isso mesmo, é reveladora da identidade de quem o redigiu³³. Mas esse discurso não se limita a ser um espelho cultural, social e imaginário de quem o escreveu. O Japão e os nipónicos surgem também descritos e analisados como o «outro», fazendo do impresso uma manifestação do chamado «primeiro orientalismo». Segue-se aqui a interpretação de C. R. Boxer, que classificou desta forma os textos redigidos no contexto da expansão portuguesa dos séculos XVI-XVII que davam a conhecer aos europeus as civilizações asiáticas³⁴. O termo, contudo, remete de imediato para a obra *Orientalism* de Edward Said. Porém, a abordagem deste autor tem por base a realidade de projectos colonizadores em que as potências europeias instrumentalizaram o conhecimento sobre o Oriente com vista a «legitimação do domínio imperial europeu»³⁵, o que não encontra paralelo com a situação vivida pelos missionários no Japão seiscentista. Por último, o texto impresso será avaliado no jogo de interesses que se desenrolava na Europa entre ordens religiosas, poderes políticos e Cúria Romana, isto é, enquanto veículo de uma estratégia de produção e de publicitação.

De forma a proceder-se a estes vários níveis de análise, a dissertação foi estruturada em quatro capítulos.

No primeiro e segundo capítulos analisa-se a evolução do discurso das práticas anticristãs traçado por aqueles que foram objecto de perseguição. Como se afirmou, a série de textos impressos que constituem objecto de análise da presente dissertação abrange um período de grande mudança no que se refere aos desenvolvimentos políticos ocorridos no Japão e, conseqüentemente, às características que a presença missionária assumiu no território. Em 1598, sob a égide de Toyotomi Hideyoshi, o Japão transitou de um contexto caracterizado por lutas militares e total fragmentação de poder, para uma nação unificada. Até ao ano de 1652, termo do período cronológico que se analisa, o Japão foi governado pelos três primeiros xoguns do regime Tokugawa: Ieyasu

³³ Steven L. Rosen mostra como na actualidade uma série de paradigmas continuam a projectar-se no relacionamento entre ocidentais e o Japão. Steven L. Rosen «Japan as Other: Orientalism and Cultural Conflict» in *Intercultural Communication*, 4 (2000). <http://www.immi.se/intercultural/>.

³⁴ Assunto discutido por Diogo Ramada Curto em «Introdução» *Opera Minora II. Orientalismo*, editado por Diogo Ramada Curto, Fundação Oriente, 2002, pp.xvii e ss. António Manuel Hespanha segue a mesma denominação, e define esse primeiro orientalismo como um elemento marcante «do sistema de produção de um saber colonial português no período anterior ao séc. XVIII» in *O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX)*, António Manuel Hespanha (coord.), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p.19. Sobre esta questão veja-se ainda Rosa Perez «Introdução» in *Os Portugueses e o Oriente. História, Itinerários, Representações*, Dom Quixote, 2006.

³⁵ Rosa Maria Perez, *op. cit.*, p.20.

(r.1600/1603-05), fundador do regime, proclamado xogum em 1603; o seu filho Hidetada, (r. 1605-23); e o seu sucessor, Iemitsu, (1604-1651, r.1623-1651), filho do segundo e neto do primeiro. O período compreende o processo de consolidação de um regime recém-criado, que emergira, como se afirmou, após um longo e conturbado período de instabilidade. O objectivo primordial dos Tokugawa foi garantir a paz e a durabilidade do regime. Se inicialmente o Cristianismo constituía uma hipotética ameaça política, acabou por ser encarado, face ao quadro organizacional estabelecido, como um factor de desestabilização social, que por isso tinha de ser erradicado. Nestes dois primeiros capítulos escrutina-se o relato missionário sobre a perseguição e a punição vivida pelos cristãos japoneses e pelos próprios religiosos. É possível identificar uma evolução da atitude do regime e das práticas anticristãs? A punição dos cristãos diferenciou-se no contexto do sistema punitivo nipónico? O impresso constitui de alguma forma uma fonte de informação, ou limitou-se a encerrar um discurso valorativo da actividade missionária e dos padecimentos sofridos, que interessava divulgar enquanto tal na Europa? Por último, em que medida este discurso sobre a punição influenciou a imagem de barbaridade que foi colocada aos nipónicos em Oitocentos?

No terceiro capítulo analisam-se as condicionantes desse discurso de propaganda que encerra o impresso. O discurso produzido pelos missionários traduz uma construção intelectual e uma representação do Japão em geral e dos cristãos japoneses em particular, influenciada por categorias mentais europeias. Porém, o texto impresso em análise não é dominado pelas visões de alteridade. A escrita missionária baseia-se na analogia, representando um «outro» aculturado. Os missionários descrevem com bastante detalhe as atitudes dos japoneses face ao seu destino, e apresentam o converso como um indivíduo que se afirma sempre (ou na maioria dos casos) disposto a «morrer mártir». Mas em que medida estes comportamentos, embora descritos na perspectiva cristã, não são representações dos modelos e das tradições da sociedade nipónica, de cunho marcadamente marcial e honorífico? Por outro lado, seguindo esta representação das práticas anticristãs nipónicas – a perseguição dos cristãos japoneses, a execução das penas, a relação de mortes – sob a classificação de martírio e a missão nipónica apresentada como uma Igreja Primitiva renovada, em que medida este discurso não visa ir ao encontro da espiritualidade barroca?

O último capítulo trata do movimento editorial, tendo em vista discernir estratégias de impressão. O mártir correspondia a um dos arquétipos de santo reconhecido pela Igreja Católica e o discurso impresso sobre o Japão encaixava na perfeição no movimento renovador que absorvia então a Igreja Católica pós-tridentina que exaltava «os santos em vida (em carne ou em memória)»³⁶. Os textos impressos têm de ser por isso avaliados no contexto do movimento renovador que absorvia então a Igreja de Roma. Porém, nem todos os textos publicados relativos à missão nipónica foram redigidos por missionários a trabalhar no Japão. Não se tratou assim de uma simples consequência do édito de expulsão dos religiosos nem da sua dificuldade crescente em permanecer no território num contexto de intensa perseguição aos cristãos, nem de uma estratégia única. Ao longo de todo o período analisado, jesuítas e mendicantes a residir noutras paragens (Macau, Manila, México ou Europa) tomaram também a iniciativa de redigir e publicar textos sobre a missão nipónica. A existência simultânea de diversos contextos de produção é indicadora de projectos distintos que, não descurando a intenção apologética no âmbito do movimento renovador da Igreja, parecem responder a interesses particulares de certos grupos. Quais? O compromisso da Monarquia Católica junto do Papado em prosseguir e manter o seu império sob o imperativo da evangelização? A luta das ordens missionárias envolvidas na missionação no Extremo Oriente?

Do mesmo modo que no Japão Tokugawa emerge um discurso anticristão que visa consolidar uma política interna, na Europa é publicado um discurso centrado no anticristianismo nipónico que visava consolidar estratégias. Pelo estudo deste legado europeu relativo ao Japão do séc. XVII, que resulta e se enquadra na expansão portuguesa, procura-se dar um contributo para a história do Japão e para a história do catolicismo europeu.

O Japão e a Europa seiscentista

O século XVII foi um tempo de profundas mudanças, quer para o Japão, quer para Europa. Nos dois territórios a reorganização política, social e religiosa abarcou toda a sociedade. Procura-se aqui traçar as linhas gerais destes processos históricos tão

³⁶ R. Po-Chia Hsia, *The World of Catholic Renewal 1540-1770*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999 [1998], p.105.

vastos quanto complexos e distintos, assim enquadrando o estudo sobre os textos missionários impressos na Europa da época sobre o Japão.

À chegada dos mercadores portugueses (1523/1543), o Japão era um país assolado por guerras civis. Desde 1467 que a corte imperial e o *bakufu*, isto é, o governo militar chefiado pelo xogum, tinham perdido a sua autoridade. De facto, há muito tempo que o imperador não exercia um poder político efectivo, gozando apenas de um prestígio simbólico. Quanto ao governo do xogum e dos seus oficiais, este tornara-se incapaz de travar a guerra civil entre guerreiros menores, os *sengoku daimyō*.

Alguns anos após a chegada dos portugueses, a partir de 1560, Oda Nobunaga, também ele dáimio, começa a destacar-se no processo de reunificação militar, iniciando a sua caminhada em direcção Miyako, sede do xogunato e da corte imperial. A presença de mercadores portugueses e de missionários jesuítas, em Kyushu, em nada colidia com as ambições do guerreiro; antes proporcionaram bens e conhecimentos exóticos de que ambos tiraram partido. O sucessor de Oda, Toyotomi Hideyoshi, prosseguiu as campanhas militares até que, entre 1582 e 1587, conseguiu unificar toda a região do Kinai, as ilhas de Shikoku e de Kyushu. Ficaram por se render à sua autoridade algumas províncias no norte do arquipélago, o que por fim viria a acontecer em 1591. Senhor do Japão, até 1598, data da sua morte, Hideyoshi levou a cabo reformas administrativas que lançariam as bases de um governo político centralizado e de que se destaca um sistema de vassalagem em que todos guerreiros passaram a estar submetidos à sua própria autoridade militar hegemónica. Foi então já neste contexto que foi proclamado o primeiro édito de expulsão dos missionários (1587) e ocorreu a primeira execução de cristãos (1597).

Em 1603, a imposição da casa Tokugawa conduziu a uma mudança de regime. O novo xogum, Tokugawa Ieyasu, reforçou ainda mais a autoridade hegemónica do governo militar. Ieyasu impôs um sistema que representava o retorno à diarquia política – *bakufu* e casa imperial – modificando, contudo, o sistema de governo do Japão³⁷. A

³⁷ Seguimos as informações de John Whitney Hall «The *bakuhan* system» in *CHJ*, vol. IV, *Early Modern Japan*, John Whitney Hall e James McClain (dirig.), pp.128-182; Harold Bolitho, «The *han*», in *ibidem*, pp.183-234; Jurgis Elisonas, «Christianity and the daimyo», *op. cit.*, pp.343-372; Shinzaburô Ôishi “The *Bakuhan* System” in *Tokugawa Japan. The Social and Economic Antecedents of Modern Japan*, Chie Nakane e Shinzaburô Ôishi (dirig.), Tokyo, University of Tokyo Press, 1990, pp.11-36.

organização político-administrativa passou a assentar no sistema *bakuhan*³⁸, assim designado por conjugar dois níveis de poder, o xogunato, sede da autoridade governativa controlada pelos Tokugawa, e os dáimios, guerreiros e senhores de um vasto território (*han*) que administravam com uma autonomia significativa, sobretudo no que se refere à cobrança de impostos e ao exercício da justiça local. Tokugawa Ieyasu fixou ainda as funções e prerrogativas da corte imperial e, fazendo uso da expressão utilizada por Ikegami Eiko, «domesticou» os dáimios³⁹. Para este efeito, recorreu à exigência de votos de lealdade constantes, à sujeição à *Buke Shohatto*, código regulador da casa dos guerreiros, à imposição de um único castelo por domínio, meios estes que utilizou para impor a centralização política, tornando o *bakufu* autoridade hegemónica. Todavia, o regime Tokugawa não era a autoridade militar suprema do Japão, já que não controlava a totalidade do território – apenas cerca um terço do território se encontrava sob a administração do *bakufu* embora incluísse os principais portos (Nagasaki e Sakai) centros urbanos (Miyako, Edo e Osaka).

Tokugawa Hidetada, sucessor de Ieyasu no *bakufu*, após a morte do seu pai, em 1616, levou ainda mais longe a consolidação do seu poder, centrando-se para este efeito na regulação das relações do Japão com o exterior e na política anticristã. Mais tarde, quando em 1623 Tokugawa Iemitsu assumiu o cargo de xogum, a supremacia do *bakufu* era já um facto mas que não garantido. É certo que a lealdade e obediência dos dáimios eram já para com o *bakufu* e não, como desde o tempo de Oda Nobunaga, para com um guerreiro hegemónico. Apesar desta mudança de paradigma, para que o *bakufu* pudesse garantir a sua supremacia havia que equilibrar melhor os poderes envolvidos no sistema *bakuhan*. Assim se explica que Iemitsu tenha reforçado os mecanismos de controlo político, levando ainda mais longe a centralização do sistema de governo e a autoridade sob os dáimios. Em concreto, o código *Buke Shohatto* aumentou o número de proibições relativas aos dáimios – por exemplo só podiam casar com consentimento do *bakufu*, não podiam fazer reparações no castelo do domínio sem a sua autorização... – e foi-lhes imposto o regime de residência alternada em Edo (*sankin kōtai*), o que obrigava os senhores dos domínios a participar nos rituais no palácio xogunal. Aliás, esta obrigação

³⁸ O vocábulo emergiu na historiografia pós II Guerra Mundial, resulta da conjugação dos termos *baku* (de *bakufu*, o governo central) e de *han*.

³⁹ Ikegami Eiko, *The Taming of Samurai. Honorific Individualism and the Making of Modern Japan*, Londres, Harvard, University Press, 1995.

é hoje comumente considerada a medida mais eficaz na estratégia de controlo destes importantes guerreiros.

A autoridade do *bakufu* foi também reforçada nos domínios territoriais. Por exemplo, o julgamento de alguns crimes passaram a estar adstritos a oficiais do *bakufu* e foi criado um tribunal central para os julgar (*hyōjōshō*)⁴⁰. É também neste crescente processo de centralização que se insere a perseguição generalizada aos cristãos – fazendo dela uma política do xogunato –, a expulsão dos mercadores castelhanos e portugueses, e dos missionários ao serviço do Padroado Português do Oriente e do *Patronato Real*, o controlo rigoroso das relações com o exterior (*sakoku*), em suma, a sua política isolacionista. Iemitsu criou assim novos mecanismos de centralização e autoritarismo que acabaram por permitir a longa duração do regime Tokugawa – 200 anos.

A política dos três primeiros xoguns alterou profundamente o regime político japonês, criando um sistema que se caracterizou pelo autoritarismo e pelo centralização, embora o *bakufu* não fosse um poder absoluto. Na verdade, os dáimios conservaram sempre um certo grau de autonomia, controlando e intervindo no quotidiano das populações, estipulando, por exemplo, o que podiam comer ou vestir, cobrando impostos e garantindo o policiamento. Os senhores dos domínios eram também a primeira instância judicial do território; porém, as suas prerrogativas judiciais estavam sob a vigilância do *bakufu*, o qual, em última análise, podia retirar ou não confirmar a posse do dáimio no respectivo domínio.

Também na Europa se vivia uma guerra endémica desencadeada pela cisão religiosa⁴¹. Quando em 1517 Martinho Lutero protestou contra os abusos da Cúria Romana, era difícil de prever as consequências religiosas e políticas que tal gesto viria a ter. Com propósitos reformistas, surgiu em poucas décadas a Igreja Luterana, seguida, mais tarde, pelos Calvinistas.

O reformismo Protestante mergulhou a Europa em inúmeros conflitos. No Sacro Império Romano as disputas entre católicos e protestantes estenderam-se até 1555, data

⁴⁰ Seguimos as informações em *CHJ*, vol. IV, *Early Modern Japan* dirig. por John Whitney Hall e James McClain..., p.159, p. 195, p.200.

⁴¹ R. Po-Chia Hsia, *The World of Catholic Renewal 1540-1770*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999 [1998]; David Sturdy, *Fractured Europe 1600-1721*, s. 1., Blackwell, 2002; António de Oliveira, *D. Filipe III*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005. *Historia de España*, Manuel Tuñón de Lara, Julio Valdeón Baroque e António Domínguez Ortiz (dir.), Barcelona, Editorial Labor, 1991.

da assinatura da Paz de Augsburg. O acordo tinha por base a aceitação da multi-confessionalidade nos territórios e estabelecia certos princípios de modo a evitar futuros conflitos. Um deles era a aceitação de que a religião dominante em cada um dos territórios do Sacro Império Romano era a religião dos respectivos súbditos. Este princípio aplicava-se apenas a católicos e luteranos pois os calvinistas não eram ainda reconhecidos. Determinava-se ainda que nas cidades imperiais onde o número de seguidores católicos igualava o de luteranos haveria liberdade de culto. Em França Henrique IV (r. 1589-1610) tinha conseguido pôr cobro ao conflito entre católicos e calvinistas (os huguenotes) sagrando-se como rei católico e publicando o Édito de Nantes (1598). Porém, este édito tinha um alcance mais limitado pois, ao contrário da Paz de Augsburg, apenas autorizava que os calvinistas gozassem de liberdade de culto em alguns territórios do reino de França. Nos Países Baixos, as províncias que desejavam separar-se de Espanha criaram a chamada União de Utrecht (1579), numa revolta simultaneamente contra o domínio de Filipe II e contra as perseguições dos católicos aos calvinistas. Algumas das províncias permaneceram fiéis à Monarquia dos Áustrias - os Países Baixos Espanhóis tornaram-se no conclave católico da região, que incluía os condados da Flandres, de Hainault e de Artois, e os ducados de Brabante e do Luxemburgo.

Sob a pressão reformista, Roma reagiu tardiamente convocando o Concílio de Trento que decorreu entre 1545 e 1563. Deste concílio saiu a condenação das doutrinas Luterana e Calvinista e excluiu-se qualquer possibilidade de compromisso com o Protestantismo. Também aí se deu corpo à ofensiva católica promovendo uma renovação religiosa que passava não só pela disciplina religiosa, mas também pela evangelização. A Companhia de Jesus, nascida dos combates entre católicos e protestantes, desempenhou um papel preponderante no projecto proselitista católico, desenvolvendo uma intensa actividade missionária nos territórios protestantes.

Em 1618 reiniciaram-se as hostilidades entre as confissões religiosas que seriam agravadas pela crescente popularidade do Calvinismo. De novo, às motivações religiosas aliaram-se interesses políticos, acabando por originar conflitos militares. Assim se explica, entre 1618 e 1648, a Guerra dos Trinta Anos um conflito aberto entre protestantes e católicos que envolveu quase todos territórios europeus – Sacro Império Romano, Suécia, Dinamarca, Inglaterra, França e alguns territórios italianos como Mântua.

Nada do que até aqui se descreveu acabou com os conflitos religiosos, nos quais nenhum dos monarcas da Europa assumiu a defesa do catolicismo como os Filipes de Espanha o fizeram. Filipe II (r.1556-1598), ao criar para a Monarquia Católica um destino providencialista, associou de uma forma particular os destinos da Espanha aos da Igreja Católica. O seu reinado foi marcado por conflitos políticos e militares de cunho marcadamente religioso; são os casos das guerras com o Império Otomano, com a Inglaterra e com os súbditos dos Países Baixos. Durante o governo do seu neto, Filipe IV (r.1621-1665) entrou-se num período de tal modo conflituoso que todos os recursos foram canalizados para a guerra – razão pela qual a historiografia se refere neste período a uma «economia de guerra» –, sempre levada a cabo sob o estandarte do catolicismo. Em 1621, depois de algum tempo de paz (1609-1621), o jovem monarca reabriu as hostilidades com as Províncias Unidas sob o argumento de que as tréguas tinham sido assinadas em termos humilhantes, pois não tinha ficado garantida a liberdade de culto dos católicos nas regiões sob o domínio protestantes. No mesmo ano, Filipe IV envolveu-se ainda na Guerra dos Trinta Anos. No início desta política intervencionista, entre 1625-1626, Filipe IV saiu vitorioso a ponto de ter granjeado o cognome de o *Grande*. Mas a mesma política acabaria por culminar na Paz de Vestefália, assinada em 1648, com a Espanha destruída e derrotada. A pretensão espanhola de dominar uma Europa católica fora em vão: em Vestefália foi declarada a independência das Províncias Unidas, foram reconhecidos os Calvinistas e restabelecido a regra enunciada na Paz de Augsburgo de que no Sacro Império Romano cada unidade territorial determinava a respectiva religião oficial.

Entre o Japão e a Europa, locais onde ocorriam processos históricos completamente distintos, circulavam missionários e mercadores, os protagonistas da Expansão portuguesa e castelhana⁴². A chegada dos portugueses ao Japão em 1543 não foi planeada pela Monarquia de Portugal e o estabelecimento de portugueses no

⁴² Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994; e, Sanjay Subrahmanyam, *O Império Asiático português, 1500-1700. Uma História Política e Económica*, Lisboa, Difel, 1995. Boxer, C.R., *The Christian Century in Japan*, Manchester, Carcanet Press, 1993. João Paulo Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, vols. I e II, dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998 [texto policopiado]. *História de Portugal*, Rui Ramos, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro (coord.), Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009. Paulo Jorge Sousa Pinto, *No Extremo da Redonda Esfera: Relações Luso-Castelhanas na Ásia, 1566-1640. Um ensaio sobre os Impérios Ibéricos*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2010 [texto policopiado].

arquipélago, à semelhança do que aconteceu em outros lugares da Ásia Oriental, não se baseou em estruturas administrativas régias. A intervenção da Coroa limitou-se à década de 1570 – através do sistema de concessão da "viagem do Japão", na figura do capitão da viagem, cuja presença no arquipélago era, contudo, sazonal. Mesmo após a fundação de Nagasaki em terrenos cedidos por um daimio local à Companhia de Jesus, a comunidade portuguesa era pouco significativa quando comparada com a dos restantes portos que garantiam a rede de comércio do império português.

Mesmo assim, os membros da Companhia de Jesus foram os primeiros europeus a viver permanentemente no território (a partir de 1545), aí permanecendo ao serviço do projecto proselitista da Coroa portuguesa e sob a jurisdição do Padroado Português do Oriente. Foram também os jesuítas que estabeleceram as bases que permitiram assegurar a rota marítima que fez florescer o porto Macau. O Japão mostrara-se um território bastante favorável à evangelização pois a guerra civil que assolava o arquipélago desde 1460 garantia liberdade de acção dos missionários: se havia daimios que rejeitavam a sua presença nos respectivos domínios, outros acolhiam-nos de bom grado. A mesma volatilidade se verificou entre os unificadores do Japão, os quais como se afirmou olharam para os missionários, ora como fonte de saber, instrumento de poder e elo de ligação aos mercadores, ora como entraves à expansão da sua autoridade.

A união ibérica, em 1580, teve impacto em toda a Ásia portuguesa e também no Japão. A união dos dois impérios sob a Monarquia Católica abriu as portas a uma rivalidade entre portugueses e castelhanos, que estava latente desde o estabelecimento destes nas Filipinas em 1565. O tratado de Saragoça, que resolvera a indefinição em que ficara o anti-meridiano no Tratado de Tordesilhas e a “Questão das Molucas” que foram entregues a Portugal a troco de uma avultada soma, fora assinado num passado já longínquo, no tempo de Carlos V e D. João III (1529).

Filipe II procurara cumprir o juramento das Cortes de Tomar (1581), isto é, defender o princípio da exclusividade dos naturais do reino no governo da metrópole e do império português, o que era extensível ao Padroado Português do Oriente. Na prática, o monarca não conseguiu fazê-lo dada a distância, a sobreposição dos interesses locais e a complexa burocracia que se instalou com a união ibérica. De facto, em torno do rei, chefe de uma Monarquia que congregava vários reinos, passou a orbitar o Conselho de Estado e o Conselho da Guerra, órgãos de jurisdição geral, bem como todos os outros conselhos específicos dos governos das unidades políticas que

formavam a Monarquia. O sistema de intermediação entre o despacho real e a Coroa de Portugal e as partes do seu império dificultaram em muito a execução das determinações régias.

Nestas condições, e apesar da navegação e o comércio entre os extremos dos dois impérios estar formalmente proibidos, mercadores e missionários ao serviço de Castela sediados nas Filipinas viram o acesso ao Japão facilitado. Em 1584, mercadores castelhanos, alegando o facto de a sua embarcação ter sido obrigada a aportar no arquipélago (Hirado), alcançavam o Japão. Sabendo que os mercadores acabam por trazer consigo missionários, os jesuítas sob a jurisdição do Padroado Português reagiram de imediato. Nesse momento, os missionários ao serviço do *Patronato Real*, isto é, sob a jurisdição da Monarquia dos Áustrias, já se encontravam a laborar nas Filipinas: os jesuítas desde 1571, os franciscanos desde 1577, os dominicanos desde 1587 e os agostinhos com uma presença mais tardia, de 1606. Em 1585 o papa Gregório XIII confirmava o monopólio da evangelização do Japão aos missionários jesuítas (breve papal *Ex pastoralis officio*).

Em 1593 os franciscanos Pedro Baptista e Bartolomé Ruiz acompanhados de mais dois religiosos, viajando a partir das Filipinas, estabeleceram-se no Miyako. Esta iniciativa suscitou de imediato uma enorme reacção por parte dos poderes políticos do Estado da Índia e das ordens religiosas envolvidas na missionação sob a jurisdição do Padroado Português. Porém, a actuação dos mendicantes não tinha sido totalmente clandestina. O caminho para a indefinição das áreas de missão tinha sido aberto por Sisto V que, entretanto, elevara São Gregório das Filipinas a província e outorgara-lhe o direito de missionar em países asiáticos (1586). A ambiguidade desta concessão era utilizada como argumento para os mendicantes entrarem no arquipélago nipónico. Acresce ainda que o édito de 1587 de Toyotomi Hideyoshi que expulsava os missionários do território parecia comprovar a ineficácia da política evangelizadora dos jesuítas. Isto acontecia quando se supõe que à data existissem 170.000 japoneses convertidos.

Entretanto, outras vicissitudes desestabilizavam a presença missionária no arquipélago. As potências do Norte da Europa tinham-se organizado mercantilmente. Em 1602 as Províncias Unidas criaram a *Verenidge Oos-Indische Compagnie* (VOC, isto é, Companhia Holandesa das Índias Orientais) e os ingleses a *East India Company* (EIC). A sua expansão ultramarina implicava a competição com os mercadores ibéricos.

Os mercadores holandeses, que tinham em 1600 aportado por mero acaso em Hirado, regressam em 1610 e aí estabelecem a sua feitoria, proporcionando uma alternativa comercial às rotas ibéricas. O regime Tokugawa apreciou a chegada de um novo aliado que, oferecendo as mesmas vantagens comerciais, não trazia consigo o problema da religião. De facto, os ‘bárbaros ruivos’ (*komojiin*), assim denominados por oposição aos “bárbaros do sul” (*nanbanjin*) – portugueses e castelhanos –, faziam questão de mostrar que não eram movidos por nenhum tipo de proselitismo religioso.

Como se não bastasse a presença efectiva do inimigo político e religioso em terras nipónicas, os portugueses – comerciantes e missionários – tiveram ainda de lidar com os efeitos dos conflitos da Monarquia Católica com os países europeus. Mesmo durante o período de tréguas assinado entre Filipe III e as Províncias Unidas (1609-1621), que em teoria era extensível aos impérios, a guerra manteve-se na Ásia, tendo as possessões ultramarinas da Coroa de Portugal sofrido ataques dos inimigos. Já antes, em 1605, os holandeses tinham capturado fortalezas portuguesas nas Molucas e, em 1606, dá-se o primeiro grande confronto em Malaca. A partir de então, a VOC, dada a sua capacidade para interceptar as ligações marítimas, constituía um obstáculo à circulação no Mar da China e no Sudeste Asiático, perturbando o acesso aos mercados necessários ao comércio com o Japão: também os ingleses aportaram no Japão, mas não conseguiram reunir as condições para desenvolver um comércio rentável. Por essa razão, chegados em 1613, abandonam a sua feitoria, também em Hirado, em 1623. A desestabilização dos também hereges ingleses deu-se sobretudo em outras paragens no Estado da Índia.

Em 1614 era promulgado um novo édito anticristão que remetia definitivamente os missionários à clandestinidade. Daí em diante iniciou-se um período de perseguições que só terminou em 1639 com o fim da presença missionária no território. O édito não resultava apenas de um conflito religioso e do facto de os japoneses entenderem que a presença dos religiosos prejudicava o processo de unificação. Na verdade, as dinâmicas da perseguição nipónica aos cristãos devem ser enquadradas nos já referidos processos de centralização e autoritarismo políticos. Primeiro, foram expulsos os castelhanos em 1623, depois, foram expulsos os portugueses em 1639. Ficaram os holandeses, mas nas condições ditadas pelos Tokugawa pelo xogum, isto é, restritos à ilha artificial de Deshima, construída nas imediações de Nagasaki, com dinheiro de mercadores portugueses.

Em simultâneo, a Coroa de Portugal começava a dar sinais de revolta. O desgaste do esforço de guerra a que a união ibérica obrigara, a política centralista do conde de Olivares, valido de Filipe IV, que procurava quebrar o princípio de respeito pela jurisdição da Coroa de Portugal e pela exclusividade dos portugueses no governo da metrópole e do império redundou na Restauração em 1640.

Na Ásia, mercadores e missionários tiveram de se ir ajustando às políticas dos Tokugawa e dos governos europeus. Em 1639 o Senado de Macau, na sequência da expulsão dos mercadores portugueses do Japão, pedia ao Monarca que pusesse cobro às pretensões de evangelização no Japão que, apesar de toda a perseguição, continuava a persistir, prejudicando os interesses comerciais. Em 1640, a reboque da Restauração, procurou-se restabelecer o comércio com o Japão. É neste contexto que decorreu a organização da primeira embaixada oficial enviada por Portugal ao Japão. O embaixador Gonçalo de Siqueira de Sousa, que partira de Lisboa em 1640, aportou em Nagasaki em Julho de 1647. Diversas vicissitudes explicam este hiato de tempo, nomeadamente o debate em Goa e em Macau sobre se o embaixador deveria ou não afirmar junto o xogum que nunca nenhum comerciante transportaria missionários. Tendo Siqueira acabado por não se comprometer, o xogum não recebeu a embaixada e os dois galeões regressaram em Lisboa em 1650, dez anos depois de terem iniciado a viagem. Em face da determinação nipónica, D. João IV não voltou a insistir.

Cap. 1 Da tolerância à perseguição: o discurso missionário sobre a evolução da política anticristã.

“Os relatos de novos martírios começam usualmente com uma síntese da história da missão, das perseguições e martírios precedentes. Poucos destes relatos contêm descrições sobre o Japão e do seu povo, e aqueles que as apresentam fornecem pouca informação inovadora”¹. Esta afirmação de Donald Lach sobre as notícias impressas relativas à missão jesuíta do Japão nem sempre é exacta. A informação que circulava nos textos do século XVII relativos ao Japão contrasta fortemente com os conteúdos da documentação congénere produzida durante o século XVI, repleta de detalhes sobre a geografia, os costumes, e as realidades políticas e sociais do arquipélago. Porém, mesmo os impressos seiscentistas relativos ao Japão continuam a dar informações sobre a realidade local e sobre o «outro». Os exemplos são múltiplos. Refira-se o grau de pormenor usado na descrição da recepção com a qual, em 1594, Toyotomi Hidetsugu na qualidade de *kanpaku*, agraciou o seu tio, Toyotomi Hideyoshi, que ocupava então a dignidade de *taiko*, descrita no seu todo, desde os preparativos aos cortejos finais, pormenorizando-se as precedências a respeitar pelos participantes na recepção, o seu vestuário, as oferendas²; ou refira-se a descrição do aparato cerimonial aquando da elevação de Tokugawa Ieyasu ao cargo de xogum em 1603³. Significa isto que se manteve a lógica narrativa que sempre presidiu à redacção das missivas e que a menor atenção prestada aos temas seculares nos textos impressos seiscentistas foi sobretudo consequência da evolução política, sendo por isso, reveladora da mesma. Na verdade, em face da hegemonia militar e da progressiva consolidação política obtida pelos Tokugawa, tornou-se menos necessária a descrição da realidade japonesa a qual

¹ Donald F. Lach, Edwin J. Van Kley *Asia in the Making of Europe*, vol. III, *A Century of Advance*, livro 4, *East Asia*, Chicago, University of Chicago Press, 1993, p.1842.

² Na carta ânua que compreende os anos de 1594 e 1595 encontra-se a seguinte descrição: «era huã das mais magnificas & reaes que se fazião em Iapão, // & auia já muytos annos que se não tinha feita porque todos os senhores da Tença morrerão, á espada sem auer lugar de a renunciar em seus filhos, nem fazer esta festa: por isso achando se agora Taicosama senhor vniuersal de Iapão, por deixar fama de si desejou de fazer esta festa & Quambacudono seu sobrinho desejaua muito que se fizesse por ficar com isso mais autorizado, & entronizado», in *Compendio de algvas cartas qve este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesv, que residem na India & corte do grão Mogor, & nos Reynos da China, & Iapão, & no Brasil em que se contem varias cousas. Collegiadas por o padre Amador Rebello de mesma companhia*, Lisboa, Alexandre Siqueira, 1598, fl.130-131.

³ Carta ânua de 1603 redigida por Mateus Couros em Nagasaki a 23 de Novembro de 1604 in *Tre lettere annue del Giappone de gli anni 1603, 1604, 1605 e parte del 1606, mandate dal P. Francesco Pasio, V. provinciale di quelle parti, al M. R. P. Claudio Acquaviva, Generale della Compagnia di Giesu*, Milão, Pietro Locarni, 1609, fl.4-6. A edição será citada em diante *Tre lettere annue del Giappone de gli anni 1603, 1604, 1605 e parte del 1606...*, seguido da numeração de fólio.

era agora menos complexa e de mais fácil apreensão, ao contrário do que acontecera no século XVI, quando no período dos *senigoku daimyō* as mutações eram uma constante. Contudo, a caracterização da realidade nipónica, apesar de sucinta, foi sempre suficiente para a compreensão dos acontecimentos que afectavam a vida dos religiosos e/ou da comunidade cristã:

«... muerto Taycosama [Toyotomi Hideyoshi], senõr de todo Iapon, año de 1598 dexo vn hijo niño, llamado Fideyori [Toyotomi Hideyori], y por tutor principal a Dayfusama [Tokugawa Ieyasu], a quien agora llaman Xogun, señor que era del Quanto [Kanto] y a otros senõres grandes del Reyno, que le ayudassem en el gouierno. Ellos se desunieron entre si: y el tutor se dio tan buena maña, que en el año de 1600 se hizo señor de todo Iapon, llamandose Xogun, o Cubosama»⁴.

Durante o governo de Ieyasu, o Japão mergulhou numa «pace vniuersale, mercè del Cubò Monarcha di tutto questo stato, il quale lo gouerna con tal prudenza, & ordine ch'... tutti sotto l' ombra sua viuono quieti e contenti»⁵. Depois, «essendo ... morto il Daifù [Ieyasu] Signore vniuersale del Giapone, e succedutogli così nell' Imperio... il Xongùn suo figliuolo»⁶, Hidetada. A partir de então repete-se consecutivamente a informação de que o «imperatore nel Giappone il medesimo ch' era l'anno passato: lo stato temporale delle cose è lo stesso: le ricchezze accumulate dal Padre dell' Imperatore, e lasciate à lui con l' Imperio lo rendono ogni giorno più potente e formidabile»⁷. A tomada de poder por Iemitsu assentou definitivamente o caminho da estabilidade política, e deu novo impulso à perseguição. Este tipo de informação tornou-se uma

⁴ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion qve huuo estos años contra la Iglesia de Iapon, y los ministros della. Sacada de carta anua, y de otras informaciones authenticas q truxo el Padre Pedro Morejon*, Juan de Larumbe, Saragoça, 1617, fl.254. Em diante esta obra será citado de forma abreviada *Relacion de la persecucion...*, seguida da numeração de fólho

⁵ Carta ânua de 1604 redigida por João Rodrigues Girão em Nagasaki a 23 de Novembro de 1604 *Tre lettere annue del Giappone de gli anni 1603, 1604, 1605 e parte del 1606...*, fl.72.

⁶ Carta ânua de 1618 redigida por Camilo Constanzo no Miyako a 28 de Dezembro de 1618 in *Lettere Annve del Giappone China, Goa, et Ethiopia. Scritte Al M. R. P. Generales Della Compagnia di Giesù. Da Padri dell'istessa Compagnia ne gli anni 1615. 1616. 1617. 1618. 1619. Volgarizati dal P. Lorenzo delle Pozze della medesima Compagnia*, Nápoles, Lazaro Scoriggio, 1621, fl.280. A colectânea compreende várias notícias. Em diante, e após a referência da notícia em concreto, será citada de forma abreviada *Lettere Annve del Giappone China, Goa, et Ethiopia...*, seguida da indicação de fólho.

⁷ Gironimo Maiorca, «Relatione dell' Anno 1621», *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone. Al molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesy*, Roma, Herdeiros de Bartolomeo Zannetti, 1624, fl. 154.

constante nos impressos sendo usada como uma contextualização inicial que permitia a todo o leitor, versado ou não nas questões nipónicas, localizar-se no tempo histórico.

Já o reforço do controlo social levado a cabo pelo regime Tokugawa, conseqüente do seu emergente autoritarismo, que conduziu à perseguição do Cristianismo, levou os missionários a descrever detalhadamente os seus efeitos na vida dos cristãos em particular, e na sociedade em geral. O discurso missionário acerca das práticas anticristãs no século XVII compreende a visão do «outro», do estrangeiro em terras nipónicas. Porém não se tem procedido à sua análise, seja para o conhecimento da forma como os europeus apreenderam a civilização nipónica, seja enquanto manancial de informação complementar aos decretos, aos regulamentos e à acção de propaganda plasmada nos discursos representativos dos Tokugawa, que têm sido examinados nos estudos dedicados à supressão do Cristianismo no Japão. Na verdade, a grande mais-valia dos textos seiscentistas consiste no facto de enunciarem uma realidade que ultrapassa a formalidade institucional do *bakufu*.

Pelas razões acima enunciadas, neste capítulo, partindo do texto impresso e seguindo uma abordagem cronológica, analisa-se a evolução das práticas anticristãs no seio da sociedade nipónica, a partir de um discurso redigido por agentes não nipónicos, que foram simultaneamente figurantes e actores no processo da política de supressão do Cristianismo pelos Tokugawa, e que foi objecto. Em bom rigor, os textos que foram dados à estampa acabam por traduzir a visão jesuíta desta realidade. Com efeito, uma vez que as ordens mendicantes não se regiam por uma política de impressão contínua, não produziram informação que permita traçar a evolução, o significado e o impacto evolutivo destas práticas.

Resultante da informação coligida por missionários que, apesar de reduzidos a uma existência oculta, foram conseguindo manter a sua presença no território, o texto impresso sobre as práticas anticristãs traduz a realidade local de forma continuada. Esta documentação testemunha o empenho dos jesuítas em divulgar a resposta das autoridades aos actos que no âmbito da política nipónica constituíam uma transgressão, mas que do ponto de vista dos religiosos eram evidência da perseverança cristã. Nas perspectivas que dominam a investigação sobre a política anticristã dos Tokugawa, umas mais direccionadas para as estratégias desenvolvidas pelo *bakufu* com vista a solucionar o problema do Cristianismo, outras centradas em martírios específicos,

sobretudo nas grandes execuções públicas ou na biografia das vítimas⁸, as práticas anticristãs são referidas num quadro de procedimentos e políticas uniformes. Porém, o texto missionário impresso revela o contrário e diversas particularidades que evidenciam a sua valência enquanto fonte histórica: a perseguição não foi constante, não foi generalizada e não foi indiferenciada. Por isso, no que às práticas anticristãs se refere, o facto de se tratar de informação impressa, logo objecto de uma selecção com vista a responder a interesses (como se verá noutro capítulo), não constitui um óbice à reflexão que aqui se propõe.

1.1. Antes do Decreto de Perseguição Generalizada (1614).

Em 1598 publicou-se na Europa a primeira notícia de um martírio realizado no arquipélago nipónico⁹. Trata-se da obra de Francisco Telo, *Relacion qve Don Francisco Tello gouernadore Y capitan general de las Philipinas embio de seis frayles españoles de la Orden de san Frãscisco, que crucificaron los del Iapon, este año proximo passado de 1597. Con otras veinte personas Iapones, que murieron juntamente cõ ellos animados por los antos frayles y conuertido a sua predicacion*, que foi publicada em Sevilha.

Nesse mesmo ano morria Toyotomi Hideyoshi, que ordenara aquela que foi a primeira execução pública de um grupo de cristãos em Fevereiro de 1597. Decorreu uma década desde que o guerreiro dera o seu primeiro sinal de intolerância face ao Cristianismo. A 24 de Julho de 1587, Hideyoshi emitira um decreto que proibia os missionários de residir no arquipélago e desterrava-os, a pretexto da necessidade de banir uma religião que, por ser prosélita e exclusivista, promovera a perseguição efectiva das tradições religiosas nipónicas¹⁰. De facto, os missionários, desde o primeiro

⁸ Sobre a extensa bibliografia sobre a matéria veja-se a «Introdução».

⁹ Logo nesse ano o texto foi igualmente publicado em Granada, Roma, Bolonha. No ano seguinte surgiu traduzido e editada em Paris, Munich e Lyon.

¹⁰ No período dos *senoku daimyō* foram emitidos decretos similares, nomeadamente pela instituição imperial. Porém, a fragmentação política à época não permitiu a sua aplicação à escala nacional. Uma versão resumida do édito de 1587 encontra-se publicado na edição *Segunda parte das cartas de Iapão que escreuerão os padres, & irmãos da companhia de IESVS*, Manuel de Lyra, Évora, 1598, fl.208v; para uma versão completa vide J. S. A. Elisonas “The Evangelic Furnace: Japan’s First Encounter with the West” in *Sources of Japanese Tradition*, vol.II abr., *Part One 1600 To 1868*, Wm. Theodore de Bary, Carol Gluck, Artur E. Tiedemann (dirg.), Nova York, Columbia University Press, 2006, pp.168. A explicação dos acontecimentos que antecederam a sua emissão, e consequências da sua promulgação foram dissecadas por George Elison, *Deus Destroyed. The Image of Christianity in Early Modern Japan*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991, p.111-116, pp.131-133. Trata-se do mesmo autor, que, a partir de 1990, recuperou o seu nome lituano, e que passou a assinar como Jurgis Elisonas e J. S. A. Elisonas. Manteve-se a diferenciação na referência bibliográfica das suas obras ao longo do seu trabalho.

momento da sua fixação no arquipélago (1549), fizeram eco dos conflitos e distúrbios causados pela conversão dos dáimios ao Cristianismo nos territórios por eles controlados. Foram sendo relatadas as conversões forçadas, a destruição de templos locais, a expulsão de bonzos¹¹ ou ainda a recusa por parte dos conversos nipónicos em participar em cerimónias religiosas budistas mesmo quando tal era exigido pelas autoridades políticas.

Por exemplo na carta anua de 1596 descreve-se que, perante a imposição da principal consorte de Hideyoshi para que todas as pessoas principais, seculares e bonzos aderissem a uma seita que venerava o buda Amida para que assim fosse exorcizado o demónio uma jovem casadoura, um guerreiro pertencente à casa de Bizen, descrito como «vno de i più valorosi soldati della sua Corte, il quale sempre tiene dieci, o dodici caualli nella sua cauallerizza de i migliori, che siano in quelle parti», rejeitou publicamente a imposição secular, afirmando preferir a morte a obedecer¹². Esta situação era uma afronta à tradição religiosa nipónica firmada no sincretismo religioso entre Budismo e Xintoísmo.

A evolução dos acontecimentos acabaria por demonstrar que o decreto de 1587 surgiu sobretudo do receio de Hideyoshi de que uma força religiosa com capacidade para mobilizar forças militares se constituísse como ameaça às suas políticas unificadoras do arquipélago. Vários são os indícios que apontam neste sentido¹³. A ordem de expulsão foi emitida imediatamente após uma entrevista entre Hideyoshi e o vice-provincial Gaspar Coelho, responsável pela missão jesuíta no Japão. Neste encontro, o missionário disponibilizou-se para angariar contingentes militares que auxiliariam o unificador do Japão na guerra que se propunha travar contra a Coreia. O missionário associava-se, deste modo, a projectos militares.

Também Mary Elisabeth Berry trata a questão em *Hideyoshi*, Cambridge Mass.-Londres, Harvard University Press, 1982, pp.225-228.

¹¹ Pedro Morejon, ao fazer um resumo laudatório da vida de Takayam Ukon Justo, aponta como uma das suas qualidades o zelo religioso, após a sua conversão no ano de 1564, visível, por exemplo, na forma como conseguira obter a conversão do seu domínio. E afirma: «fue tal la industria, y zelo de Dário, y de don Iusto, que a vnos rogando, a otros haziendolos bien, com otros disputando, y finalmente forçando a los mas duros, a que si quiera oyessen los sermones; ... en breues años no quedo Gentil en la tierra, ni templo, que no se derribasse, o trocasse en yglesia; ni Bonço, eu, o no se conuirtiesse, o saliesse de la tierra.». Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.130.

¹² *Lettera Annua del Giappone dell' Anno M.D.XCVI. Scritta dal P. Luigi Frois, R. P. Claudio Acqvaviva Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta in italiano dal P. Francesco Mercati Romano della stessa Compagnia di Giesù*, Roma, Luigi Zannetti, 1599, pp.158-166.

¹³ Seguimos as ideias expostas em George Elison, *op. cit.*, pp.109-115 e do mesmo autor “Christianity and the Daimyo” in *CHJ*, vol. IV, *Early Modern Japan*, John Whitney Hall (cord.), Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp.347-353.

Ora, o excesso de protagonismo, político e militar, assumido por parte de instituições religiosas nipónicas tinha antecedentes recentes e marcantes. Oda Nobunaga, o primeiro unificador do Japão junto de quem Hideyoshi ascendera militarmente, procurara consolidar a sua autoridade, coarctando a actividade dos templos budistas que, à semelhança dos dáimios, se constituíam em verdadeiros poderes políticos e militares paralelos. É o caso do centro monástico da escola Tendai (o templo Enryakuji no Monte Hiei), das *ikkō ikki* (sobretudo Ishiyama Honganji, o templo fortaleza em Osaka, sede da Verdadeira seita da Terra Pura) cujos membros, para além de controlarem um vastíssimo domínio territorial, formavam comunidades que professavam um Budismo militante que defendia o confronto com os guerreiros, cuja autoridade consideravam ilegítima. Neste quadro inscreve-se ainda da seita *Hokke*, uma ramificação do Budismo Nichiren, cujos ensinamentos profetizavam uma sociedade sem espaço para o exercício do poder por parte de uma autoridade secular, pois tal era entendido enquanto usurpação ao reino divino de Buda¹⁴.

É precisamente a precaução quanto a uma potencial aliança entre missionários e as forças militares e políticas autóctones, que explica que, para além do édito de 1587, tenham sido impostos limites quanto à liberdade de conversão ao Cristianismo. Assim, fazendo depender a conversão do estatuto social, Hideyoshi determinou que todo aquele que usufruísse de um «rendimento superior a 200 *chō*, 2 ou 3 mil *kan*, pode aderir à seita dos Bateren após ter obtido permissão oficial, aceitando a vontade [do senhor da *tenka*¹⁵], enquanto «pessoas que usufruíssem estipêndios abaixo do mencionado: o chefe da casa decide a seita que mais lhe agradar...»¹⁶. Por detrás destas medidas está também a política fortemente centralizadora de Hideyoshi. Acções subsequentes, entre as quais se destaca o confisco de armamento existente nas aldeias (1588)¹⁷, bem como a definição de categorias sociais que fixavam uma nova ordem social, pois proibindo a alteração de estatuto e residência coartavam a mobilidade (1590)¹⁸, são igualmente reveladoras da estratégia de controlo social preconizada por aquele guerreiro. Na verdade, importa sublinhar que o controlo do uso da força e a imposição de «limites à

¹⁴ Herman Ooms, *Tokugawa Ideology*, Princeton, Princeton University Press, 1985, pp.30-38.

¹⁵ Tenka significa literalmente “debaixo do céu”, isto é, o império.

¹⁶ George Elison, *op. cit.*, p.118.

¹⁷ O édito encontra-se transcrito em Mary Elizabeth Berry, *op. cit.*, pp.102-103. Veja-se ainda Peter Nosco, “Keeping the faith: the *bakuhau* policy towards religions in seventeenth-century Japan” in *Religion in Japan. Arrows to Heaven and Earth*, org. P. F. Kornicki e I. J. MacMullen, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, pp.136-138.

¹⁸ Vide Mary Elizabeth Berry, *op. cit.*, p.106-111.

independência de grupos sociais que até então tinham usufruído de considerável autonomia»¹⁹, entre os quais se encontravam os cristãos, constituíram passos fundamentais à pacificação e unificação do arquipélago.

Porém, as investidas de Hideyoshi contra o Cristianismo devem ser entendidas como acções de natureza preventiva. Tanto assim é que, nos anos que se seguiram à promulgação do édito, o guerreiro, ciente da importância dos missionários para a manutenção do comércio, não hostilizou os jesuítas, os únicos religiosos ocidentais estabelecidos nesse momento no Japão. O texto missionário impresso testemunha não só a consciência das autoridades nipónicas da importância dos missionários para o sucesso da actividade comercial no arquipélago, mas também o uso estratégico dessa ligação por parte dos cristãos japoneses. Por exemplo, Konishi Yukinaga Agostinho (c.1555-1600), dáimio eminente ao serviço de Hideyoshi, justificava-lhe o facto de ter requerido a presença de um jesuíta na Coreia, por «entender que sua Alteza [*ie* Hideyoshi] desejaria saber ... as causas por onde a nau não viera, as quaes elle [missionário] lhe descobrira, & também lhe dissera, *que* sem falta viria este anno. O *que* ouuindo Taicosama [*taikō*, Toyotomi Hideyoshi], se alegrou, & lhe louuou o *que* fezera»²⁰. Por outro lado, a explicação de Yukinaga atesta ainda o cuidado dos japoneses conversos (mesmo de guerreiros da confiança de Hideyoshi como era o caso de Yukinaga) em desfazer equívocos relacionados com a presença de religiosos, a qual, a ser mal interpretada pelo guerreiro, poderia constituir um entrave à manutenção da comunidade cristã. Ou seja, este episódio ilustra a situação delicada, feita de equilíbrios nem sempre fáceis de obter, em que viviam os missionários.

A repressão levada a cabo por Hideyoshi não o impediu ainda, mesmo depois do édito de expulsão (1587), de permitir a entrada de indivíduos pertencentes às Ordens Mendicantes. No ano de 1592, com vista à retribuição de uma embaixada enviada por Toyotomi ao governador de Manila, o dominicano Juan Cobo entrava no Japão; e um ano mais tarde, sob o mesmo pretexto, o franciscano Pedro Baptista, acompanhado de mais três frades (Frei Bartolomé Ruiz e os irmãos Frei Francisco de San Miguel, Parrilla e Frei Gonçalo García), era recebido pelo próprio Hideyoshi e obtinha autorização para residir no Miyako. Uma vez mais, os possíveis benefícios comerciais que advinham da presença missionária no território, sobrepunham-se à atitude anticristã de Hideyoshi. Os

¹⁹ Ikegami Eiko, *The Taming of Samurai. Honorific Individualism and the Making of Modern Japan*, Londres, Harvard, University Press, 1995, p.154.

²⁰ *Compendio de algvas cartas qve este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesv...*, fl.99.

Agostinhos entraram no Japão cerca de uma década mais tarde, em 1602, quando os frades Diego de Guevara e Eustaquio Ortiz foram autorizados a instalar-se em Bungo.

Além disso, a documentação dos jesuítas publicita ainda de como a elite militar, que mantinha uma jurisdição alargada sobre os seus domínios, continuava a dar apoio aos religiosos, patrocinando a construção de igrejas²¹, ou autorizando a exposição pública de objectos religiosos²². Nas cartas impressas é mesmo anunciada a conversão e o baptismo de importantes elementos dessa elite, «& ainda que pêra nos he isto materia de muita consolação, não deixamos de ter algum receo que venha às orelhas de Taicosama»²³. No entanto, a mesma documentação atesta a hostilização ou a perseguição a cristãos por parte de uma elite militar hostil ao Cristianismo, ainda que, sublinhe-se, tais acontecimentos não se relacionassem directamente com a atitude de Hideyoshi face à religião cristã. Os jesuítas registam que as suas dificuldades de circulação dependiam da vontade da autoridade que controlava a região em que se encontravam²⁴, e dão conta do temor das comunidades cristãs quando algum dos seus elementos afrontava publicamente as religiões autóctones num domínio em que o respectivo senhor não lhes era favorável²⁵.

Desde o decreto de expulsão de 1587 até 5 de Fevereiro de 1597, o Cristianismo manteve assim no território um estatuto variável. Porém, nesta data Hideyoshi decretou a crucificação de seis franciscanos, três jesuítas e dezassete japoneses conversos. O enredo e os contextos que explicam a mudança de atitude por parte deste guerreiro foram exaustivamente estudados por Elison, para quem esta execução resulta da colisão entre certas atitudes de jesuítas e franciscanos, e um nacionalismo exacerbado²⁶. Berry acrescenta que a atitude de Hideyoshi deve ser olhada como um sinal dissuasor por parte de uma autoridade que impusera a paz militar – Hideyoshi fora primeira

²¹ *Lettera Annua del Giappone dell' Anno M.D.XCVI....*, fl.29-30.

²² Veja-se *ibidem...*, fl.34.

²³ Por exemplo, um neto de Oda Nobunaga; os filhos do governador do Miyako, Maeda Motokatsu; ou o daimio de Tango, província próxima à cidade do Miyako. *Compendio de algvas cartas qve este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesv....*, fl.116-118.

²⁴ Veja-se o seguinte caso que consta na carta ânua de 1596, «La Christianità di Goto si visita vna volta l'anno, e com questo s' aiuta molto, se bem si passano molte fatiche, e molti pericoli in visitarla, per esser tutte Isole diuise in varie parti... I Christiani di Facatà non si possono visitare quest' anno per certe impedimenti, che s' interpossero, massime per causa del Signore di quelle terre, che si chiama Coibaua, il quale è suisecreto de i gentili.». *Lettera Annua del Giappone dell' Anno M.D.XCVI....*, fl.121.

²⁵ Cite-se o caso de um indivíduo que era demente e começou a destruir ídolos em Hakata. O domínio encontrava-se nas mãos de um senhor não converso pelo que os cristãos da região, com medo das consequências, optaram por prendê-lo, avisando as autoridades que nada tinham a ver com aqueles comportamentos desviantes. *Ibidem...*, p.122-123.

²⁶ George Elison, *op. cit.*, pp.135-141.

autoridade política capaz de controlar e governar pacificamente a totalidade do arquipélago nipónico desde o deflagrar da guerra civil de Ōnin (1467) – mas que, no entanto, ainda não dispunha dos mecanismos necessários para evitar a desordem²⁷.

O acontecimento de 1597 só foi mencionado em dois diários nipónicos da época: na *Tokitsugu kyō ki*, crónica redigida por um cortesão, e no *Gien jugō nikki*, da autoria de um monge²⁸. Ao contrário, a notícia de execução dos religiosos foi amplamente difundida na Europa²⁹, quer através de textos redigidos por testemunhas dos acontecimentos – o jesuíta Luís Fróis (1599)³⁰ e o franciscano Marcelo Ribadeneira (1601)³¹ – quer em obras onde aquelas informações, e outras entretanto enviadas do Japão, foram compiladas – um texto, já citado, redigido pelo governador de Manila, Francisco Telo (1598)³² e um outro redigido pelo franciscano Juan Santa Maria (1599)³³. A informação contida nestas edições em nada acrescenta a explicação dos acontecimentos avançada por Elison quanto aos factos que conduziram à primeira execução de cristãos³⁴. A novidade destes primeiros textos sobre os martírios no Japão reside antes no facto de apontarem para a rivalidade entre jesuítas e mendicantes, dando

²⁷ Mary Elisabeth Berry, *op. cit.*, pp.226-228.

²⁸ *Idem*, p.225 e p. 281 (nota 52).

²⁹ João Paulo Oliveira e Costa, «O Japão e os japoneses nas obras impressas na Europa Quinhentista» in *O Japão e o Cristianismo no século XVI. Ensaios de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp.189-290.

³⁰ Luís Fróis, *Relatione Della Gloriosa Morte Di XXVI Posti In Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù, & dicesette Christiani Giapponesi. Mandata dal P. Luigi Frois alli. 15 di Marzo, al R. P. Claudio Acqvaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal P. Gasparo Spitilli di Campi della medesima Compagnia*, Roma, Luigi Zannetti, 1599. O texto foi objecto de inúmeras reedições: Milão, Bolonha e Mogúncia logo no ano de 1599, em Rouen em 1600, em Paris em 1604, de novo em Roma em 1609, e na Antuérpia em 1628.

³¹ Marcelo Ribadeneira, *Historia De Las Islas Del Archipiélago, Y Reynos De La Gran China, Tartaria, Cvchinchina, Malaca, Sian, Camboxa Y Iappon, Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden del Seraphico Padre San Francisco, de la Prouincia de San Gregorio de las Philippinas. Compvesta Por Fray Marcello De Ribadeneyra, compañero de los seys frayles hijos de la misma Prouincia Martyres gloriosissimos de Iappon, y testigo de uista de su admirable Martyrio. Dirigida A Nvestro Reverendissimo Padre Fray Francisco de Sosa, Generalissimo de toda la orden de N.P.S. Francisco. A la buelta desta hoja esta la suma de toda la Historia*, Barcelona, Gabriel Graells y Giraldo Dotil, 1601. De novo publicada em Barcelona em 1613.

³² Francisco Telo, *Relacion qve Don Francisco Tello gouernadore Y capitan general de las Philipinas embio de seis frayles españoles de la Orden de san Frãcisco, que crucifcaon los del Iapon, este año proximo passado de 1597. Con otras veinte personas Iapones, que murieron juntamente cõ ellos animados por los antos frayles y conuertido a sua predicacion*, Sevilha, s.i., 1598.

³³ Juan de Santa Maria, *Relatione del Martirio, Che Sei Padri Scalzi Di San Francesco, et venti Giapponesi Christiani partirono nel Giappone l'anno 1597. Scriita dal R. P. Fra Gio. Di Santa Maria Prouinciale della Prouincia di S. Gioseppe de gli Scalzi, tradotta dalla lingua spagnuola nella Italiana, per ordine del R. P. Fra Gioseppe di Santa Maria Custode di detta Prouincia per il Capitolo Generale. Dedicata alla Sta di N.S. Clemente VIII*, Roma, Nicola Muzi, 1599, com reedições em Roma (1599) em Nápoles (1600), e de novo em Madrid (1601 e 1628).

³⁴ George Elison, *op. cit.*, pp.134 e ss.

início ao que João Paulo Oliveira e Costa designou como «uma “guerra” de informação», tema que será explorado mais adiante.

Interessa no entanto referir que, se é verdade que a execução de 1597 inaugurou no texto impresso europeu a exploração do tema das práticas anticristãs no Japão, ela não representou, de facto, o início de nenhuma política nipónica específica contra os cristãos. Como atrás foi dito, a condenação destes indivíduos vai ao encontro da tradição de reprimir o excesso de protagonismo por parte de religiosos³⁵. Aliás, com a morte de Hideyoshi um ano mais tarde, em 1598, iniciou-se um breve período de interregno na perseguição aos cristãos. Oliveira e Costa aponta mesmo o optimismo com que os missionários encararam a morte de Hideyoshi, convictos que estavam de que se tinha entrado, de novo, num contexto politicamente favorável à actividade missionária³⁶. Contudo, as bases para o sucesso da execução de uma política anticristã, tinham ficado estabelecidas com Hideyoshi³⁷.

A morte de Toyotomi Hideyoshi conduziu à tomada de poder por Tokugawa Ieyasu, quando este venceu os defensores dos interesses do filho herdeiro, Toyotomi Hideyori (1593-1615), em 1600 na batalha de Sekigahara. Em 1603 Ieyasu assumiu o cargo de xogum, a função e o estatuto mais elevados no âmbito da hierarquia dos guerreiros. Deste modo, o daimio procurou legitimar a sua subida ao poder pela força das armas. Alguns anos mais tarde, em 1605, assegurou a sucessão dinástica, Ieyasu transmitiu a dignidade de xogum ao seu filho, Hidetada (r. 1605-1623). O facto de não ter enfrentado qualquer oposição a esta decisão atesta que a sua autoridade era já incontestável. Porém, na prática continuava a governar e por esta razão os missionários continuam a referir-se a Ieyasu como xogum. «Minamoto Yeyasu que es agora Xogun, o Cubosama [*Kubō*], Rey y señor de todo Iapon»³⁸. Saliente-se que ligação dúbia da linhagem de Tokugawa Ieyasu ao fundador do xogunato, Minamoto Yoritomo, que os missionários nos seus relatos deixam transparecer, tem sido assinalada pela

³⁵ Mary Elisabeth Berry, *op. cit.*, p.226.

³⁶ João Paulo Oliveira e Costa, «Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyō during the Crisis of 1600» in *BPJS*, 7, 2003, pp.45-63.

³⁷ George Elison, *op. cit.*, pp.139-140.

³⁸ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.2.

historiografia como mais um dos aspectos da sua estratégia de legitimação da conquista do poder³⁹.

O triunfo de Ieyasu representou o início de consolidação de uma política centralizadora e autoritária, continuada pelos seus sucessores. A pretexto de garantirem a «tranquilidade pacífica da terra»⁴⁰, os Tokugawa controlaram todas as esferas da sociedade nipónica. O imperador e a corte imperial foram sujeitos a instruções que regulamentavam o seu quotidiano e lhes retirava prerrogativas anteriormente usufruídas (através do *kuge shohatto* em 1613, e do *kinchū narabi ni kuge shohatto* em 1615); os dáimios também foram submetidos a um código de regras de conduta (o *buke shohatto*, estabelecido em 1615 mas revisto diversas vezes em datas posteriores) e, mais ainda, coagidos ao sistema de residência alternada Edo-domínio (*sankin kōtai*, 1635). A restante população foi hierarquizada em função do serviço prestado pela respectiva família, ficando assim integrada em categorias que condicionavam as suas actividades e prerrogativas e constituíam um forte entrave à mobilidade social.

As instituições religiosas não escaparam a esta estratégia centralizadora. Segundo Peter Nosco, a religiosidade foi, aliás, a primeira dimensão da sociedade nipónica a ser codificada⁴¹. Ieyasu, primeiro xogum Tokugawa, começou por reclamar como prerrogativa do *bakufu* a estruturação das instituições budistas. Nesse sentido, hierarquizou os vários templos pertencentes à mesma seita (definindo para cada seita o templo-mãe e os templos subsidiários) e uniformizou as normas de formação e regulação eclesiásticas. A implementação destas políticas por Ieyasu permite afirmar que é no seu período que tem origem a unificação das seitas à escala nacional, apesar da sua extensão à totalidade do arquipélago ter sido gradual⁴². “Por volta do ano de 1615 o recente *bakufu* já tinha emitido quarenta e quatro directivas relativas a alguns templos em particular ou às seitas no geral, no âmbito de uma estratégia que passava pela sua colocação ao serviço do estado”⁴³. Redigidas por um monge Zen, Konchiin Sūden (1569-1633), com a participação das instituições budistas, estas medidas não se fundam, porém, na perseguição religiosa, mas antes na interferência do poder político na

³⁹ John Whitney Hall, “The *Bakuhau* System” in *CHJ* vol. IV, *Early Modern Japan...*, p.131 e p.145; John Owen Haley, *Authority without Power. Law and the Japanese Paradox*, Oxford, Oxford University Press, 1991, p.52.

⁴⁰ Ikegami Eiko, *op. cit.*, p.154.

⁴¹ Peter Nosco, “Early Modernity and the State’s Policies toward Christianity” in *BPJS*, 7, 2003, p.11.

⁴² *Nanzan Guide to Japanese Religions*, org. Paul Swanson e Clark Chilson, Honolulu, University of Hawaii Press, 2006, p.188-189.

⁴³ Peter Nosco, *op. cit.*, p.11.

administração dos templos onde, até então, a autoridade civil não desempenhava qualquer função⁴⁴. Trata-se, sobretudo, de um processo de subordinação da religião ao poder civil centralizado.

A política dos Tokugawa em matéria religiosa não se restringiu à regulamentação das instituições. Os primeiros xoguns do regime (Ieyasu, Hidetada e Iemitsu), à semelhança dos seus antecessores (Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi) empenharam-se em disciplinar os grupos religiosos que na sua opinião gozavam de excesso de protagonismo ou denotavam ambições políticas. No que se refere aos cristãos, esse disciplinamento acabou por redundar na sua perseguição generalizada. Em 1614 Ieyasu promulgou um novo édito anticristão alegando o facto de os fiéis dedicarem uma lealdade exclusiva à respectiva religião. Refira-se, de novo, que o monoteísmo cristão colidia com a prática xintoísta de divinização dos antepassados e, nesse sentido, com um instrumento de autoridade política e com a tradição nipónica de sincretismo religioso.

No entanto, apesar da progressiva atitude anticristã assumida pelo *bakufu*, as perseguições que decorreram em vida de Ieyasu, isto é, até 1616 não resultaram, na sua grande maioria, da sua política centralizadora. De facto, os acontecimentos de Higo (em 1603 e em 1609) e de Satsuma (em 1609)⁴⁵, objecto de grande divulgação tipográfica, foram da iniciativa de dáimios opositores ao Cristianismo e ao abrigo do primeiro édito de expulsão (1587), que fora reiterado por Ieyasu em 1602⁴⁶.

Katō Kiyomasa (1562-1611), que desde 1588 controlava a parte norte da província de Higo, fora agraciado com o resto do território após a batalha Sekigahara (1600). O sul da província, até então nas mãos de Konishi Yukinaga Agostinho, tinha-se

⁴⁴ *Ibidem*, p.11; Peter Nosco, “Keeping the faith: the *bakuhan* policy towards religions in seventeenth-century Japan”..., pp.140-141.

⁴⁵ Luís Cerqueira, *Relacion del Martyrio que seis christianos nobles padecieron en el Iapon en el Reyno de Fingo [Higo], por causa de nuestra sancta Fee Catholica. Sacada de unas cartas que dō Luis Sequeyra obispo del Iapon escriuio desde Nangasaqui, su fecha a 25 de Enero del año de 604. Las quales se recibieron en España este de 1606*, Valladolid, 1606. O texto foi objecto de várias reedições entre os anos de 1607 e 1608: Roma, Fermo, Bolonha, Parma, Milão, Palermo, Lyon, Paris, Arras, Munique, Antuérpia, e Cracóvia. A relação de Cerqueira foi ainda anexada ao texto de Valentim de Carvalho, *Relazioni della Gloriosa Morte Di Nove Christiani Giaponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica ne i Regni di Fingo, Sassuma, e Firando; Mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesv in Giapone, nel Marzo del 1609 e 1610. Al Molto R. P. Clavdio Acquaiua Generale della medesima Religione*, Roma, Bartolomeo Zannetti, 1611, a qual, por sua vez, também foi objecto de várias edições entre 1611 e 1612: Bolonha, Milão, Paris, Munique, Augsburgo, Douai, Mogúncia, Cracóvia.

⁴⁶ Fernão Guerreiro, *Relaçam Annal [sic] das covsas qve fezeram os Padres da Companhia de Iesvs nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, cabo verde, Guine, nos annos de sesicentos & dous & seiscentos & três, & do processo da conuersão, & Christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de là vieram.*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605, fl.1v-2.

tornado um baluarte da missão cristã, refúgio de missionários e de conversos, pelo que não é de estranhar que Kiyomasa, professo do Budismo Nichiren, tenha assumido uma postura anticristã⁴⁷.

A forma como se desenrolaram os acontecimentos ocorridos em Higo nos anos de 1602 e 1608-1609 por instância de Katō Kiyomasa reforça o carácter regional destas práticas. Num primeiro momento, no ano de 1602, o dáimio considerou suficiente a obrigatoriedade de todos os cristãos pertencentes à elite guerreira assinarem uma declaração na qual se comprometiam a renunciar à Fé⁴⁸. Num segundo momento, após a constatação de que muitos mantinham a sua Fé, declarou a obrigatoriedade de todos se apresentarem diante de um bonzo encarregue de colocar sobre as respectivas cabeças um livro «compuesto por Xaca (que llaman Foquequio)»⁴⁹. Não se trata de um método criado especificamente para combater o Cristianismo, mas de uma tradição japonesa, cujo significado é esclarecido pelo então bispo do Japão D. Luís Cerqueira: «colocar-se este livro sobre a cabeça, é uma cerimónia e um sinal de servi-la [a dita seita] e professá-la»⁵⁰. Todavia, como esta medida também não surtiu o efeito desejado, Katō Kiyomasa acabou por decretar o exílio para uns e a execução para outros, se bem que tenha ilibado alguns cristãos de qualquer castigo fosse «por parecerle que no saldria con su intento, o por no perder tan buen soldado»⁵¹. O jesuíta Fernão Guerreiro alvitra outra justificação: Kiyomasa não enveredou pela execução massiva porque «arreceo *que* se nam tomaria bem semelhante crueldade na Corte de Meaco [Miyako] para onde estaua de caminho, & onde muitos destes Cristãos principais eram conhecidos»⁵². No momento em que aquele jesuíta redigiu a *Relaçam*, o Miyako continuava a ser de facto a metrópole do Japão. Entre 1608 e 1609 o mesmo guerreiro volta a perseguir os cristãos, mais concretamente três oficiais de uma confraria os quais, agindo contra as suas

⁴⁷ Sobre o caso particular de Higo *vide* Madalena Ribeiro, *Samurais Cristãos. Os Jesuítas e a Nobreza Cristã do Sul do Japão no século XVI*, Lisboa, CHAM, 2009, pp.159-165.

⁴⁸ Fernão Guerreiro, *op. cit.*, fl.21-25.

⁴⁹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.21-21v. Luís Cerqueira expõe mais informações: «farò qui venire vn Bonzo Fochesciù, e ... chiamerai tutti i soldati nobili (Samburai si chiamano da Giaponesi) e farai, che in segno di far si Fochesciù, si mettino sopra le teste il Focchecchio». Significa isto que o bonzo pretencia à seita Hokke, isto é a Nichiren, centrada na veneração do sutra Lotus. Luís Cerqueira, *Relatione della gloriosa morte fatta di sei Christiani Giapponesi per la fede di Christo alli vinticinque di Gennaro 1604 in Relationi della Gloriosa morte di nove Christiani Giapponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica nei Regni di Fingo, Sassuma, e Firando, mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesuìn Giapone, nel marzo del 1609 e 1610 ad instanca di Simone Parlasca*, Bartolomeo Cochi, Bolonha, 1611, fl.168.

⁵⁰ *Idem*, fl.15-16.

⁵¹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.222-223.

⁵² Fernão Guerreiro, *op. cit.*, fl.27.

ordens, substituíram-se aos padres da Companhia de Jesus, entretanto expulsos do domínio,

«battezzando le creature al tempo di necessità, acciò non morissero sin Battesimo, visitando gl'infermi, aiutãdo à ben morire, sepellendo i morti, consolando gli afflitti, solleuando i caduti, rincorando i deboli, conuertendo gli infedeli, e facendo atre attioni simili di Christiana pietà ... & andauano fra l'anno à trouare i Padri d'Arima, e de gli altri luoghi più vicini, per darli conto di tuto, riceuendo all'incontro da essi la direttione necessaria»⁵³.

De novo, as autoridades procuraram persuadir aqueles homens a renegar; depois, perante a sua recusa, foram presos, viram os seus bens confiscados, e estiveram em cativoiro durante mais de um ano; por fim acabaram por ser executados publicamente⁵⁴.

No mesmo período ocorreu a execução em Hirasa (Satsuma) de um guerreiro que recusou renegar por ordem do respectivo senhor⁵⁵. Neste caso, o processo aparenta ter sido mais sumário e a vítima, por pertencer à elite militar, foi executada em sua própria casa⁵⁶. Na verdade, o Cristianismo nunca fora aceite ou tolerado no domínio de Satsuma dos Shimazu⁵⁷.

O texto impresso sobre os acontecimentos em Higo e Satsuma descreve as práticas anticristãs como um movimento de perseguição retumbante. No entanto, estes acontecimentos foram pontuais e resultaram da livre iniciativa dos dáimios. O destaque e o detalhe que estes episódios mereceram nestes escritos europeus resultam em grande parte do facto de serem uma excepção num clima em que a tranquilidade era dominante. São identificados os intervenientes, traçadas as suas relações de parentesco e de

⁵³Valentim de Carvalho, *op. cit.*, fl.9. Sobre o papel desempenhado pelas confrarias constituídas por japoneses conversos laicos na vida cristã no Japão veja-se João Paulo Oliveira e Costa, «The Brotherhoods (*Confrarias*) and Lay Support for the Early Christian Church in Japan» *JJRS*, 34/1 (2007) pp.67-80.

⁵⁴ Valentim de Carvalho, *op. cit.*, fl.12-16; fl. 28-35.

⁵⁵ De entre os vassallos proprietários dependentes dos Shimazu constam diversos guerreiros com nome de família Hongō. Juan Ruiz-de-Medina identifica como Hongō Kaga no kami o guerreiro que neste caso particular em ditou a sentença de morte do seu vassallo. Cf. Juan Ruiz-de-Medina, *El Martirologio del Japón, 1558-1873*, Roma, IHSI, 1999, p.309.

⁵⁶ Valentim de Carvalho, *op. cit.*, 1611, fl.44-46.

⁵⁷ Sobre o percurso de Konishi Ukinaga Agostinho *vide* João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira* vol. I, tese doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, [texto policopiado], 1998, p.97-98. Madalena Ribeiro, *op. cit.*, pp.155-165.

vassalagem, e sobretudo, algo que desaparece com o tempo, são reproduzidos inúmeros diálogos estabelecidos entre as autoridades ou os familiares e as vítimas. Como se imprimia em 1605 na *Relaçam* de Fernão Guerreiro: «quem ouuera de imaginar que neste Reyno de Iapão auia de auer martyres»⁵⁸.

Mesmo após o ano de 1612, o carácter excepcional destes acontecimentos continua a transparecer nos relatos dos missionários. Ora, aquela data baliza precisamente o desenrolar de novos desenvolvimentos, que deram origem a uma viragem nas políticas religiosas hostis ao Cristianismo. Sobretudo porque a perseguição então ocorrida foi levada a cabo pelo *bakufu*.

Nesse ano, Ieyasu, que ocupava então o cargo de xogum retirado continuando a assistir o seu filho e sucessor Hidetada no governo do arquipélago, procedeu a um inquérito sobre as opções religiosas dos funcionários da casa Tokugawa. Perante a constatação de que muitos deles eram cristãos, Ieyasu obrigou-os a abjurar sob pena de exílio imediato⁵⁹. Porém, vários de entre os principais «muy nobles, ricos, y priuados suyos»⁶⁰ declararam-se cristãos, preferindo perder as respectivas dignidades a seguir as directivas do xogunato. Kiri Paramore apresenta este episódio como um acontecimento decisivo para o posicionamento anticristão de Ieyasu, desvalorizando os incidentes protagonizados por dois cristãos que levaram à realização do referido inquérito: a tentativa de suborno de Okamoto Daihachi Paulo (?-1612), um funcionário do *bakufu*, pelo dáimio Arima Harunobu João (1567?-1612), com vista à emissão de um documento que forjasse propriedades ao domínio de Arima⁶¹. Na sequência do inquérito, a 12 de Abril de 1612, Ieyasu emitia um édito pelo qual proibia a devoção cristã em todos os territórios sob a administração directa do xogunato (Sunpu, Edo, Kyoto e Nagasaki). Em Agosto desse ano a proibição estendeu-se a todo o arquipélago, ao constituir-se uma das cinco proibições decretadas pelo xogunato⁶².

⁵⁸ Fernão Guerreiro, *op. cit.*, fl.23v.

⁵⁹ Jurgis Elisonas, “Christianity and the daimyo”..., p.367.

⁶⁰ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.9.

⁶¹ Kiri Paramore, *Ideology and Christianity in Japan*, Nova York, Routledge, 2009, p.53-54. Arima Harunobu baptizara-se em 1579 tomando o nome de Protásio alterado para João após a profissão do crisma em 1596. Sobre o seu percurso veja-se João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira...*, vol. 1, p. 108 e p. 328-328.

⁶² Ikuo Higashibaba, *Christianity in Early Modern Japan. Kirishitan Belief and Practice*, Leiden-Londres-Colónia, Brill, 2001, pp.138-139. Yuko Shimizu «Rethinking the History of Christianity in Japan in the Light of Legal Sources from the Early Modern Japan» comunicação apresentada em *Early Modern Japan in European Archives. Eurasian Tracks* organizada pelo Institute for Research in Humanities, Universidade Kyoto, Setembro 2012, p.13.

Ao contrário das perseguições ocorridas em Higo ou em Satsuma, este episódio por si só não deu origem a nenhuma publicação missionária específica. Mas os textos entretanto publicados dão conta de como os dáimios se sentiram compelidos a seguir o exemplo do *bakufu*, com vista a «darle gusto, [e] assegurar mas su estado»⁶³. O relato do jesuíta Luís Pinheiro (1570-1620) publicado em 1617 foi redigido a partir da Europa, compilando, por isso, informação variada, apresenta uma visão panorâmica do movimento anticristão no arquipélago, descrevendo detalhadamente, capítulo a capítulo, os episódios ocorridos em cada região onde se iniciou ou intensificou a perseguição: Bungo, Higo, Hizen, Chikuzen (todos em Kyūshū), Yamashiro, Ari, Osaka, Harima (na ilha de Honshu)⁶⁴. Outros relatos impressos coevos, da autoria dos jesuítas Pedro Morejon⁶⁵ e de Gabriel Matos⁶⁶, que no momento residiam na missão nipónica, não disponibilizam informação tão abrangente e organizada. Ainda assim, o caso de Arima é o que ocupa um lugar de maior destaque nestes três textos, por representar uma alteração da política religiosa naquele território onde a maior parte da população era cristã. Os missionários descrevem como, depois de afastado Arima Harunobu João sob acusação de corrupção, o *bakufu* nomeou Arima Naozumi Miguel sucessor da casa de Arima, casando-a com uma bisneta de Ieyasu. Salientam ainda como foi imposto ao dáimio a renúncia à fé cristã e a tutoria do governador de Nagasaki, sob dependência directa do *bakufu*, na gestão do domínio que agora lhe era entregue⁶⁷. Por isso, a perseguição dos cristãos nesse domínio é apresentada como uma fatalidade, a solução prosseguida por Arima Naozumi com vista a garantir a posse do domínio⁶⁸. Ou seja, a propósito deste caso de Arima a documentação impressa faz eco do uso estratégico da investidura da posse do domínio pelo xogum como mecanismo disciplinador, e expressa

⁶³ Luís Pinheiro, *Relacion del Svcesso que Tvvo Nvestra Santa Fe En los Reynos Del Iapon, desde el año de seyscientos y doze hasta el de seyscientos y quinze, Imperando Cubosama. Dirigida a la magestad catolica del rey Filippo Tercero nuestro Senor*, Madrid, viúva de Alonso Martin de Balboa, 1617, fl.106.

⁶⁴ *Ibidem*, fl.101-222.

⁶⁵ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*

⁶⁶ Gabriel de Matos, *Relaçam da Perseguiçam qve teve a Christandade de Iapam desde Mayo de 1612. atè Nouembro de 1614. Tirada das cartas annuaes que se enuiarão ao Padre Geral da Companhia de Iesv. Composta pollo P. Gabriel de Matos da Companhia de Iesv, Procurador da China & Iapão, natural da Videgueira*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1616. Em diante citada de forma abreviada *Relaçam da Perseguiçam qve teve a Christandade de Iapam...*, seguida da indicação de fólho.

⁶⁷ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.2v. Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.9.

⁶⁸ No édito que mandou publicar recém-chegado ao domínio, Naozumi informa «Che hauendo il Signore del la Tenza [Tenca] vietato nel Giappone, la legge di Christo, comandaua il nuouo Arimandono, che dal giorno di quella publicatione, tutti li suoi vassali //la lasciassero». João Rodrigues Girão, *Lettera Annua del Giappone del M.DC.XII. Al molto Reuerendo Padre Clavdio Acqvaviva Generale della Compagnia di GIESV*, Roma, Bartolomeo Zennetti, 1615, p. 4 e ss; p.37. Ver também Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 146-ss, e Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.201.

a força política do poder central, dada a anuência do dáimio face à directiva xogunal⁶⁹. Em 1612 as práticas anticristãs eram assim subsidiárias de movimentações políticas mais complexas, uma inter-relação que se perpetuou no tempo, como se verá. É precisamente o facto de a perseguição ao Cristianismo ainda não constituir uma política *de per se* que explica o seu carácter esporádico.

Entre 1612 e 1614, data do novo édito de expulsão dos jesuítas, os relatos impressos foram dando conta de novos episódios que decorreram sobretudo em Kyūshū, nomeadamente em Chikuzen, em Hizen e naturalmente em Arima. A imagem de uma atitude de perseguição contínua que resulta destas descrições não corresponde, porém, à realidade. Os episódios de Arima de 1612 tinham dado o pretexto aos senhores adversos ao Cristianismo de, com a chancela do *bakufu*, intensificarem as suas práticas condenatórias, implicando inclusive «gente mecanica y labradora» a qual não se encontrava «cõprehendida en la prouisiõ real»⁷⁰. Mas os testemunhos evidenciam que as práticas anticristãs continuam a ser fruto do posicionamento de determinados guerreiros. Apenas eram perseguidos, e em alguns casos executados, aqueles que não se «acomodavam ao tempo», isto é, que ofereciam resistência⁷¹. Mesmo em Edo, sede do xogunato, a nova atitude do regime face aos cristãos não teve outra consequência senão a condenação de vários indivíduos sob acusações muito concretas, em 1613⁷². Passada esta execução, Edo deixa sequer de figurar na escrita missionária. Ou seja, a política de perseguição do regime ao Cristianismo levada a cabo a partir de 1612 não foi rigorosa, não se estendeu a todo o território nem à totalidade dos conversos. Esta afirmação é confirmada pelo texto missionário impresso, mais concretamente numa advertência formulada por um dos protectores dos missionários junto do xogum:

«fuera ... aun mas vniuersal y mas graue el daño, si Itacuradono Governador del Miaco, hombre pio, y amigo de los Padres no aduertiera al Nogun [Xogun] que no es ... seguro, estando el Reyno en paz, tocar tecla, que le puede causar inquietud»⁷³.

⁶⁹ Marius B. Jansen, *The Making of Modern Japan*, Cambridge Mass-Londres, Belknap Press- Harvard University Press, 2000, p.54-55.

⁷⁰ Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.159.

⁷¹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.81.

⁷² Uns porque tinham renegado à Fé cristã mas tinham-se reconvertido, outros porque eram cristãos e não tinham renegado, e ainda outros por serem cristãos «cabeças de certas confrarias», uma clara referência às *kumi*. Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.29v-31; Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.28-29.

⁷³ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl. 10.

O entusiasmo e a convicção religiosa demonstrados pelos cristãos nos momentos de perseguição (sobremaneira publicitados nos textos impressos) estiveram na origem do endurecimento da atitude do *bakufu* face aos cristãos. No ano de 1613 alguns dos mais nobres vassallos de Arima Naozumi, que entretanto apostatara e proibira o Cristianismo no seu domínio, contestaram de modo voluntário, insistente, e através de actos públicos, a afirmação de que não havia cristãos neste território. O contexto político exigia discrição religiosa e, pontualmente, obrigava à resignação à Fé. Mas as circunstâncias foram ignoradas por este grupo de vassallos que ousou afirmar publicamente a sua vontade de sofrer até à morte em nome da religião que professavam⁷⁴. Embora estes guerreiros tenham sido executados, graças ao empenho organizativo dos mordomos das confrarias (*Kumi*)⁷⁵, os cristãos de Arima celebraram a sua morte em cerimónias públicas organizadas e participadas, sem que as autoridades as reprimissem. Como escreve o jesuíta Gabriel de Matos, os membros da Confraria da Virgem de Kuchinotsu «ordenarão... huã solenne procissão acõpanhada de toda aquella multidão de gente, pondo aos Sanctos mártires em fileira, indo cada hum delles no meyo de dous Mordomos cõ suas velas acezas nas mãos, que leuuão também outros muitos»⁷⁶. As desordens que então ocorreram são apresentadas como a causa que «totalmente acabò de irritar, y poner al Emperador en destruyr la Christiandad de todos los Reynos de Iapon»⁷⁷ e que levou ao decreto de expulsão de 1614. As razões surgem descritas em missivas redigidas na corte de Edo por privados de Ieyasu, às quais os missionários jesuítas residentes no Miyako tinham tido acesso⁷⁸. Nelas é referido explicitamente o repúdio de Ieyasu por duas atitudes dos cristãos. Primeiro, tratava-se de homens que seguiam até às últimas consequências as suas convicções religiosas – de que eram exemplo os condenados de Arima. Disto dá conta um oficial: «... los Christianos eran cõtumaces [persistiam no erro], y necios [estúpidos], assi ellos como otros muchos, que siendo ricos y principales, perdierõn por la misma causa sus rentas y

⁷⁴ Vide Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.14v e ss; Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.29 e ss; Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.55. e fl.78-79.

⁷⁵ *Kumi* isto é confrarias, cujas origens remontam à década de 1590. Tinham por objectivo principal «o aperfeiçoamento pessoal dos seus confrades», perpetuando a actividade da Igreja Católica no período das perseguições. João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira...*, vol. II, p. 679; George Ellison, *Deus Destroyed...*, n.r 18, pp.421-422.

⁷⁶ Gabriel de Matos, *op.cit.*, fl.23.

⁷⁷ Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.230.

⁷⁸ As missivas encontram-se transcritas na íntegra no Relatório que se encontra em anexo, Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.35-36.

estados. Que ya no obedecer a los señores particulares, no era tanto, mas ser agora rebeldes al Xogun, señor vniuersal de Iapon, era cosa insufrible»⁷⁹. Segundo, era gente que venerava publicamente os executados, sentenciados por não respeitar a lei⁸⁰. Esta última asserção, que também se applicava aos episódios ocorridos em Arima em 1613, referia-se explicitamente ao caso de um *cristão* mercador do Miyako crucificado por ter vendido prata não cunhada, prática ilegal. Os cristãos daquele cidade «vendo espirar ao padecente, poserão se de joelhos com as contas nas mãos pera encomendarem sua alma»⁸¹. Os jesuítas descrevem ainda pormenorizadamente a forma como os cristãos removeram os corpos dos executados para serem objecto de veneração⁸².

Onde os cristãos viam glória, o *bakufu* via desautorização e desordem. Efectivamente, na perspectiva do *bakufu* os cristãos eram responsáveis por perturbações da ordem pública e eram desleais a um poder político empenhado na consciencialização social de que os princípios de insubordinação e de separação eram «as principais formas de desordem social»⁸³. A reacção dos fiéis cristãos denotava uma deslealdade intolerável pois o *bakufu* tinha decretado, conforme se pode ler também no texto impresso, que «ley que persuade a adorar hum quebrantador das leis do Reyno, hum ladrão, & grande peccador crucificado, & juntamente reuerenciar aos que seus senhores mandão matar, & queimar he // p. 35v ley do demónio»⁸⁴.

Se o despreendimento pela vida demonstrado pelos cristãos – sobretudo em Arima – é o aspecto mais explorado nos escritos impressos de propaganda cristã, também são apontadas outras causas que estiveram na origem do decreto 1614. Assim, é referido o temor reavivado de que a presença de missionários no Japão pudesse constituir uma etapa prévia à conquista do arquipélago por potências católicas europeias (à semelhança do que acontecera na Filipinas), servindo a religião como um elemento congregador de forças⁸⁵. É referido também o contributo dos holandeses e dos ingleses para a disseminação desta ideia. De facto, desejando substituir os portugueses e os castelhanos no comércio, os mercadores rivais não só apontavam esta razão como procuravam ainda denegrir a imagem dos religiosos católicos, espalhando junto das

⁷⁹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 212.

⁸⁰ *Vide Ibidem*, fl.39-40.

⁸¹ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl. 37.

⁸² *Ibidem*, fl.24-25.

⁸³ Herman Ooms, *op. cit.*, p.297.

⁸⁴ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.35.

⁸⁵ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.3-4; Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.12-14.

autoridades que os missionários já haviam sido expulsos de outros países europeus por predicarem uma falsa religião⁸⁶.

O decreto de 1614 representou o ponto de saturação do *bakufu*. As tensões geradas entre o regime Tokugawa e os cristãos e os próprios missionários vinham a avolumar-se desde há uma década. Atendendo à conjuntura política, centrada, como se referiu, no disciplinamento social e na neutralização de qualquer ameaça ao poder do *bakufu*, a proscrição do Cristianismo foi a solução adoptada para um problema que extrapolava o domínio religioso, pois configurava uma ameaça à unidade política. Os episódios de desautorização e de desordem que o *bakufu* associava ao Cristianismo encontram-se descritos em todos os impressos, seja qual for o autor dos textos e o momento da sua publicação. Apenas difere a ênfase atribuída aos acontecimentos que estiveram na origem do decreto, o que se explica, como se verá, por razões estratégicas.

1.2. Do «Grande Exílio / *Daitsuihō*» à supressão de facto (1614 – 1640).

«... en lo que toca al comercio, se les haria todo fauor, y en lo demas no auia que hablar por agora, que ya los años atrás, dexando vna Iglesia en Nangasaqui, boluierō a meterse por todo Iapon, quer querian ver si podria echarlos vna vez del todo»⁸⁷.

Este comentário atribuído pelos missionários a Ieyasu denuncia que o poder político nipónico associa a ideia Cristianismo a uma “praga” e explica a explosão da ira do *bakufu* e o início da hostilização. Através do édito emitido a 1 de Fevereiro de 1614, foi decretada a expulsão dos missionários, a destruição das igrejas e a obrigatoriedade dos cristãos japoneses de abjurar a fé cristã.

A necessidade de informar e publicitar esta nova postura do *bakufu* impulsionou a divulgação de textos impressos muito detalhados sobre a vida no território. Note-se que tal só foi possível porque a circulação de notícias se manteve. No ano de 1614 permaneciam escondidos no arquipélago vinte e seis jesuítas, seis franciscanos, sete

⁸⁶ Cite-se a título meramente exemplificativo, pois a imagem é recorrente e apresentada por todas as ordens religiosas, Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.3-6, Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.76v-77, Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.63; Diego de San Francisco, *En vna carta que escriuiio el Padre Fray Diego de san Frãçisco de la Orden de san Frãçisco Descalços, a nuestro y muy santo padre Paulo V, desde México, el año de 1618*, s.l., s.i., s/n.

⁸⁷ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.121.

dominicanos, ao que acrescia ainda um agostinho⁸⁸. Na ânuia de 1627, que reporta um momento de viragem na perseguição (como se verá) ainda aí viviam dezoito religiosos⁸⁹. Em 1638 eram aprisionados em Sendai quatro jesuítas, Giovanni Battista Porro e outros dois jesuítas mas de nacionalidade nipónica, Pedro Kasai e Martino Ichizaemon Shikimi, e o franciscano Francisco Barajas, que circulava com o nome nipónico Magoemon⁹⁰. Em 1644 António Francisco Cardim, então procurador da Companhia em Roma assinalava a presença de cinco membros da Companhia, os únicos missionários presentes no território⁹¹.

A persistência de missionários no Japão explica a razão pela qual lhes foi possível continuar a transmitir notícias para a Europa. Tal não significa que os religiosos continuassem a gozar de liberdade de circulação, rapidamente condicionada após o édito de 1614 e agravada por medidas posteriores. Em Setembro de 1616 Tokugawa Hidetada decretou que toda a embarcação estrangeira que aportasse no Japão devia ser encaminhada para Nagasaki, uma restrição que afectou a circulação de mercadores estrangeiros e também a de missionários que adoptavam aquele disfarce⁹². Mas apesar das acrescidas dificuldades – que «en la frente, y cara traemos escrito, que somos extranjeros» –, os religiosos foram conseguindo permanecer no território e, inclusive, movimentar-se, procurando «varias inuenciones... por no ser conocidos», confinando-se a esconderijos ínfimos nos centros urbanos, vivendo a monte nas regiões mais despovoadas, e entrando nos aglomerados populacionais de noite sob disfarce⁹³.

⁸⁸ Seguiu-se a relação numérica mais recente, apresentada por Gono Takashi, citado a partir de Ikuo Higashibaba. Os números apresentados por C. R. Boxer são ligeiramente distintos: vinte e sete jesuítas, sete franciscanos e igual número de dominicanos, e um agostinho. *Vide* Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, p.141. *Cf.* C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan*, Manchester, Carcanet Press, 1993, p.327. Diego Pacheco fala em quarenta e sete indivíduos que permaneceram no território, sem especificar porém nem a nacionalidade nem a ordem religiosa a que pertenciam. O mesmo autor publica documentação redigida por missionários que permaneceram ocultos no território, onde defendem a legitimidade de se esconderem num contexto de perseguição. Diego Pacheco “Misioneros ocultos” in *Missionalia Hispanica*, XX, 58 (1963) pp.89-102.

⁸⁹ Carta ânua de 1626 redigida por João Rodrigues Girão em Macau a 31 de Março de 1627 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Roma, Francesco Corbelletti, 1632, fl.186.

⁹⁰ A informação ocorre na crónica japonesa *Kirishito Ki*. Veja-se Masaharu Anesaki, «Prosecution of Kirishitans after the Shimabara Insurrection» in *Monumenta Nipponica*, I, 2 (1938), p.1.

⁹¹ António Francisco Cardim, *Relazione Della Prouincia del Giappone*, Roma, Andrea Frei, 1645, fl.17-18. Eram esses jesuítas: Cristovão Ferreira, Giovanni Battista Porro, Pedro Marques, Konishi Mancio. *Cf.* Joseph Franz Shütte, *Introductio ad Historiam Societatis Jesu in Japonia*, Roma, IHSI, 1968, pp. 348-66.

⁹² Pedro Morejon transcreve o édito, com a data de 18.09.1616. Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.63v-64. João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, p. 816.

⁹³ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.12v. No mesmo texto, Morejon conta a forma artilosa como um missionário conseguiu passar junto de uma barreira de controlo de ornamentos da missa, simulando tratar-se de um objecto sagrado de uma seita

Por isso, muito embora continuassem a chegar à Europa informações redigidas por missionários, aquelas dificuldades explicam que logo nas notícias relativas ao ano de 1614 ocorram pela primeira vez expressões como «segun se cree»⁹⁴ ou «cuyos nombres aun no se saben con certidumbre»⁹⁵ a propósito de situações vividas em regiões mais longínquas (na região do Kantō).

Naturalmente, as consequências do édito de 1614 são expressas em termos dramáticos nos relatos impressos na Europa. Gabriel de Matos afirma que «foy a mayor [perseguição] que nunca teue... & tão vniuersal que não ficou lugar, nem Aldeã aonde não chegasse.»⁹⁶. Pedro Morejon esclarece que «ninguna fue tan vniuersal, y rigurosa»⁹⁷. O modo como a expulsão foi concretizada é considerado manhoso: «que no se tocasse à los Christianos, ni los obligassen, ò apretassen à dexar la Fè, hasta que los Padres todos se fuessen de Iapon: porque ... como à ouejas sin pastor, seria fácil el hazer dellos lo que quisiessem.»⁹⁸. Na realidade este testemunho jesuíta mais não faz do que confirmar a preocupação política de Ieyasu em evitar possíveis coligações militares num Japão onde a paz e o regime Tokugawa eram ainda recentes. O temor por parte do poder político de uma possível rebelião dos conversos, amplamente tratado na historiografia ocidental⁹⁹, foi consecutivamente reiterado pelos missionários que disso deixaram testemunho no texto impresso¹⁰⁰.

De facto, a descrição de um cenário de perseguição efectiva ocorre a partir do momento em que se conclui a expulsão dos religiosos. A narrativa passa então a ser dominada por exemplos do uso da violência exercida sobre cristãos inofensivos e

budista. *Ibidem*, fl.107-107v. Gaspar Luís refere o um conterrâneo que percorreu a província de Dewa na qualidade de mineiro, e passou por mercador no porto de Tsuruga, importante posto intermediário entre o mar do Japão e a baía de Osaka. Gaspar Luís «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.89, fl.91.

⁹⁴ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.250.

⁹⁵ *Ibidem*, fl.251.

⁹⁶ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.34v

⁹⁷ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.2.

⁹⁸ *Ibidem*, fl.149.

⁹⁹ George Elison dissecou a questão a propósito do tratado *Ha Daisu* redigido em 1620 pelo monge budista e jesuíta renegado, Fabian. O tratado consolida diversas informações que relacionam os missionários com o poder político externo. George Elison, *Deus Destroyed...*, pp.169-170.

¹⁰⁰ Veja-se por exemplo o testemunho de Pedro Morejon quando resume a vida de Ieyasu e indica «siempre prohibio, que ningun señor, o persona noble fuesse Christiano, o por temer, que com capa de religiõ no huuiesse algun leuantamiento». Ou ainda: «Tienelos [o bakufu aos cristãos] por contumaces, que no tienen ley, ni policia, ni temen perder honra, hazienda, y vida por su ley; que son muy vnidos entre si, y por conseguiente, peligrosa gente para hazer algun motin, o aleuantamento; fundado en la constancia grande que experimento en los santos Martyres, y en el amor, y charidad, que tienen los vnos con los otros.» Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.58v e fl. 63 respectivamente.

centrada na valorização dos padecimentos. A imagem do gentio complacente das notícias anteriores a 1614 desaparece, dando lugar a descrições sobre a brutalidade e o sarcasmo do japonês, que procurava a todo o custo dissuadir os cristãos através do uso da violência¹⁰¹. Os textos impressos registam a acção dos funcionários que buscavam cristãos e que forçavam a apostasia¹⁰². Dá-se conta de que na região central do Japão (no «Cami» região que englobava os centros urbanos Miyako, Fushimi, Osaka e Sakai) fora exigido aos cristãos que tomassem «huãs das Seitas de Iapão, & escolher por mestre a algum Bonzo»¹⁰³. Pode assim afirmar-se que um dos eixos da política de controlo social estabelecida pelos Tokugawa (*shūmon aratame*, lit: exame religioso), que haveria de ser desenvolvida já na década de 1630, tomou uma primeira forma logo em 1614.

No entanto, as notícias relativas ao Japão publicadas nos anos seguintes ao édito de 1614 demonstram que o *bakufu* não perseguiu sistematicamente os cristãos. Se a partir dessa data os cristãos passaram a viver sob coacção e sujeitos à violência, também é verdade que, como os textos impressos atestam, esta política não foi contínua no tempo, nem espacialmente generalizada, embora tivessem existido momentos em que a execução foi mais intensa. Os mesmos textos ilustram inclusive que o *bakufu* procurou evitar a execução de cristãos, contradição que pode ser explicada pela hipótese do xogunato temer que o Cristianismo fosse um elemento congregador numa mobilização militar dos cristãos.

Esta descontinuidade temporal e espacial pode, em parte, explicar-se com o desvio de atenção de Ieyasu para Osaka. Osaka era uma fortaleza que se encontrava sob o controlo de Toyotomi Hideyori, filho herdeiro de Toyotomi Hideyoshi. Ieyasu tinha quebrado o compromisso assumido de governar em conselho de generais após a morte de Hideyoshi e durante a menoridade do seu filho, Hideyori, desencadeando a batalha

¹⁰¹ Veja-se a título de exemplo a descrição dos tormentos infligidos aos cristãos de Arima em Novembro de 1614 que culminou com a execução de 45 indivíduos. Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 145 e ss. O mesmo autor discrimina ainda os suplícios aplicados a indivíduos desse mesmo grupo que sobreviveram mas não morreram durante a sua execução. Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo sucedido en los Reinos de Japon y China...*, fl. 35v-36v. Também ocorre o relato em discurso directo de atrocidades vividas por alguns cristãos que, tendo sobrevivido, relatam a sua experiência. *Vide Ibidem*, fl.42-44.

¹⁰² Para o ano de 1616 Pedro Morejon refere a prática de japoneses que «visitauan las casas: perguntado ... si era Christiano». Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.224.

¹⁰³ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.46.

Sekigahara (1600) e proclamando-se xogum (1603)¹⁰⁴. Apesar do domínio da casa Toyotomi ter ficado logo então diminuído, a existência de Hideyori e da sua casa encerravam a memória viva da tomada de poder de Tokugawa Ieyasu pela força das armas. Além disso, do ponto de vista militar, Osaka era uma fortaleza praticamente invencível e ao seu redor tinham vindo a concentrar-se *ronin*, guerreiros despojados de senhor e de bens na sequência da reestruturação dos domínios protagonizada por Ieyasu após a vitória na batalha de Sekigahara. Tornando-se uma ameaça para o *bakufu*, em Novembro de 1614 Ieyasu estabeleceu-lhe o cerco, dando início àquele que viria a ser o seu principal confronto político-militar após ter sido nomeado xogum. O cerco, que perdurou até Junho de 1615, não se limitou a uma luta de poder entre os Tokugawa e os Toyotomi pois envolveu todas as casas de guerreiros.

O cerco de Osaka começou por ser referido na imprensa missionária em tom de expectativa. As lutas internas sempre tinham desviado a atenção das autoridades nipónicas dos assuntos relacionados com a missão cristã e com a guerra de Osaka, caso Ieyasu fosse derrotado, punha-se termo à autoridade que até ao momento tinha sido o poder mais hostil à presença missionária no território. Por isso o jesuíta Pedro Morejon congratula-se com o cenário de guerra, porque «en Iapon, en llegando a tales terminos, no paran hasta quedar destruyda vna de las partes, ni ay pazes que duren, sino en quanto no pueden mas»¹⁰⁵. Ao encerrar o relato impresso que descrevia pormenorizadamente o início da perseguição «tan vniuersal, y rigurosa» iniciada em 1614¹⁰⁶, a afirmação de Morejon de que a conjuntura política podia vir a ser alterada transmite uma mensagem de esperança para a acção missionária. Quatro anos volvidos, num outro texto de Morejon dedicado às notícias posteriores ao ano de 1614, a esperança desvanecera-se. O cerco de Osaka terminara e, seguindo as palavras daquele jesuíta, vencera o «tyrano». Os confrontos militares de 1614-1615 são então referenciados na perspectiva de um passado recente e o período entretanto decorrido descrito como uma fase de uma certa acalmia para os católicos: «cõ la turbaciõ y necessidad de acudir todos a la guerra, cesso por entonces el furor de los Gentiles; y con las esperanças que tenian de que Findeyori

¹⁰⁴ Sobre os votos de lealdade expressos a Hideyoshi nos meses que antecederam a sua morte veja-se Mary Elisabeth Berry, *op. cit.*, pp.234-236.

¹⁰⁵ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.259. A mesma análise prossegue na documentação manuscrita. Veja-se João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, p.814-816.

¹⁰⁶ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.2.

[Toyotomi Hideyori] saldria con la victoria, y se verian librés del tyrano, respiraron algun tanto los Christianos, y los Padres»¹⁰⁷.

A ideia de que o cerco de Osaka tenha aliviado as perseguições aos cristãos não confirma porém a avaliação inversa, isto é, a de que a ordem anticristã tenha caído em desuso porque a guerra tinha entretanto captado todas as atenções das autoridades¹⁰⁸. Os textos testemunham antes que as práticas anticristãs nos territórios sob a administração directa do *bakufu* terão ficado ao critério dos seus representantes locais. Em Nagasaki, sob o controlo directo do *bakufu* desde 1605, os cristãos viveram tranquilamente até 1616, desde que não encobrissem missionários nem professassem a fé publicamente¹⁰⁹. O cômputo geral das vítimas não terá chegado à dezena, e entre estas nem todas foram executadas¹¹⁰. Em Sunpu, local de residência de Ieyasu desde que se retirara do exercício do cargo de xogum, depois de ter sido ordenada a realização de uma listagem dos cristãos, dilatou-se «muchos dias el examen, y prision, con deseo de que, o mudassen parecer, o se ausentassen... y por cumplir con el Emperador Xongun, mando prender a cinco, que parece eran mas constantes»¹¹¹, que efectivamente acabaram por ser torturados e executados¹¹². Os relatos sobre Fushimi centram-se em sucessos que culminaram na execução em Dezembro de 1614 de um indivíduo em particular, o samurai Sawai Fusin Hyōzaemon João¹¹³. Nos restantes centros urbanos sob o controlo

¹⁰⁷ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo Svcedido en los Reinos de Iapon y China...*, fl. 7. Os desenvolvimentos do cerco de Osaka encontram-se detalhados na carta ânua de 1615-1616 redigida por Giovanni Vreman, no Miyako a 13 de Dezembro de 1616 in *Lettere Annve del Giappone China, Goa, et Ethiopia...*, fl.3-23.

¹⁰⁸ A asserção é de Conrad Totman, *Early Modern Japan*, Berkeley, University of Califórnia Press, 1993, p.55

¹⁰⁹ «Parece que milagrosamente conserua Dios nuestro Señor esta Ciudad, auiendo de de ser la primera en quien el tyrano descargasse su furou, y ira, por ser toda de Christianos ... Mas guardala el Señor...», Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo Svcedido en los Reinos de Iapon y China...*, fl. 31. Sobre os martírios que ocorreram nesta cidade veja-se *ibidem*, fl. 96-98v; fl.128v. Documentação nipónica coeva confirma o mesmo registo de tranquilidade. Num relatório apresentado pela Irmandade do Rosário (*rozaio no kumi*), traduzido por Higashibaba lê-se: «se bem que a [fé] Kirishitan seja estritamente proibida noutras províncias, em Nagasaki apenas são proibidos os monges (*shukke shū*) e os seguidores não são por isso tão atendidos». Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, p.142.

¹¹⁰ Cf. António Francisco Cardim, *Catalogvs Regvlarivm, et Secvlarivm, Qvi in Iapponiae Regnis vsque à fundata ibi A S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia Abethnicis In odium Christianae Fidei Sub quatuor Tyrannis violenta morte sublatis sunt. Collectus A P. Antonio Francisco Cardim è Societate IESV Prouvinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore. Catalogvs Regvlarivm, et Secvlarivm, Qvi in Iapponiae Regnis vsque à fundata ibi A S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia Abethnicis In odium Christianae Fidei Sub quatuor Tyrannis violenta morte sublatis sunt. Collectus A P. Antonio Francisco Cardim è Societate IESV Prouvinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Roma, Herdeiros de Corbelletti, 1646, fl.13-17. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.303-362

¹¹¹ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.15.

¹¹² *Ibidem*, fl.15-24.

¹¹³ *Ibidem*, fl. 24-29. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, p.352.

directo do *bakufu* – Edo, Miyako, Sakai e Osaka – o número de execuções foi igualmente diminuto. E embora a execução não seja o único comprovativo da existência de perseguições, ela é sem dúvida um importante indicador do empenho das autoridades na erradicação do Cristianismo. Em contrapartida, no mesmo período, entre 1614 e 1616, os cristãos de Arima foram objecto de uma violenta perseguição¹¹⁴, e o número de sentenciados ultrapassou as dezenas¹¹⁵.

Esta diferença de atitude nas cidades sob a administração do *bakufu* poder-se-ia explicar pela conjugação de outros factores, como a presença de professores ser insignificante, os cristãos não terem oferecido resistência à imposição de uma nova prática religiosa, ou, no caso específico de Nagasaki, o porto estar protegido pelo seu estatuto de termo do trato comercial. Contudo, estas hipóteses carecem de fundamento quando confrontadas com os testemunhos subsequentes sobre Arima. Neste local, depois de em 1616 Hasegawa Fujihiro Sahyōe (1567-1618) ter sido afastado e a administração do território ter sido entregue a um grupo de governadores (de Hizen, Ōmura e Hirado), iniciou-se um período de tolerância relativamente aos cristãos. Porque «los quatro Capitanes, a cuyo cargo estauan (aunque Gentiles) fueron dissimulando; y assi pudieron estar de asiente, y visitarlos continuamente quatro o cinco Padres»¹¹⁶. A mesma atitude foi seguida depois por Matsukura Shigemasa (1574-1630), novo senhor de Arima empossado pelo xogum, ainda em 1616. A princípio, por ser «senhor principal da su família», julgou-se que seria bastante rigoroso na perseguição, e, no entanto, pelo contrário «se muestra blando, y fauorable, dando secreto auiso, que en materia de Religion, no les dará trabajo alguno, con tal, que en lo exterior viuan con tal recato»¹¹⁷. De tal ordem era a tranquilidade aí vivida que Arima foi escolhida como residência do visitador jesuíta Francisco Vieira nos anos de 1618 e 1619¹¹⁸. Ou seja, o facto de um território ser habitado na grande maioria por população cristã, como era o caso de Arima, mas também o de Nagasaki, não foi *de per se* o fundamento para explicar os surtos de perseguição ocorridos. Nesta altura a perseguição era apenas fruto do empenho pessoal dos representantes da autoridade. E para se compreender a tranquilidade em que se vivia é fundamental atender à condicionante explicitada nos

¹¹⁴ Veja-se a relação apresentada em Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.33-38v.

¹¹⁵ Os números apresentados – 20 indivíduos em Arima, 24 em Kochinotsu e um em Arie, resultam do confronto de informação publicada por António Francisco Cardim, *op. cit.*, pp.13-17; e a obra de Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.336 e ss.

¹¹⁶ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.33v-34.

¹¹⁷ *Ibidem*, fl.38.

¹¹⁸ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, p.819.

escritos missionários – o requisito de que no «exterior viuan con tal recato». Esta exigência confluía na tradição nipónica da necessidade de se proceder exteriormente de modo conforme às directivas, assunto que adiante se retomará¹¹⁹.

Esta evidência de que as práticas anticristãs em terras do *bakufu* dependiam sobretudo das autoridades locais prolonga-se até aos primeiros anos de governo de Iemitsu (r. 1623-1650). Só a partir de 1625 e 1626 é que se pode falar em perseguição generalizada e sistemática aos cristãos. É certo que no início «el Xogum [Ieyasu] no mandaua que matassem a los Christianos, sino que los molestassen: de manera, que de su voluntad dexassem la Fè»¹²⁰ e que «por aora, no era su intento fuesse, sino contra los nobles, y soldados, y cõtra estos se vasse de rigor, y a los mas del pueblo dexassen viuir como quisiessen»¹²¹. Porém, com o decorrer do tempo, a supressão do Cristianismo tornou-se uma questão de soberania para o *bakufu*. No ano de 1616, quando Hidetada já governava sem a assessoria de Ieyasu, o xogum reiterou a decisão de seu pai, decretando oficialmente a necessidade de se eliminar os «padres» que permaneciam ocultos no território. O édito especificava a sua aplicação ao território dos dáimios, mas naturalmente estendia-se também aos domínios do *bakufu*¹²². Aliás, a condenação dos missionários em todo o arquipélago pelo xogum é apresentada na historiografia como uma manifestação da sua autoridade hegemónica¹²³.

Mas apesar do édito de 1616, os testemunhos escritos indiciam que no ano de 1618 nas regiões de Arima, Suruga, Edo e Miyako se vivia tranquilamente. Nesta última localidade foram apenas referidas pressões sobre o governador no sentido de perseguir a comunidade cristã¹²⁴. Nas informações relativas ao ano de 1619 Morejon registava que «en ninguna outra parte de Iapon ... [se fazia sentir] trabajos, y pesquisas, sino en solo Nangasaqui»¹²⁵. Na relação referente ao ano de 1621 explicitam-se os locais onde decorria a perseguição, em contraponto a uma situação predominantemente de calma:

¹¹⁹ John Owen Haley, *op. cit.*, p.61.

¹²⁰ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.16.

¹²¹ Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.164-165.

¹²² Ōhashi Yukihiko, “New Perspectives on the Early Tokugawa Persecution” in *Japan and Christianity. Impact and Responses*, John Breen e Mark William (dirg.), Londres, Macmillan Press, 1996, pp.51. O decreto circula na Europa na carta ânua de 1618 redigida por Camilo Constanzo no Miyako a 28 de Dezembro de 1618 in *Lettere Annve del Giappone China, Goa, et Ethiopia...*, fl.280-281.

¹²³ John Whitney Hall, *op. cit.*, pp.148-149.

¹²⁴ Gaspar Luís «Relatione del Giappone dell’ Anno 1619» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.57.

¹²⁵ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.135v. Vide também Gaspar Luís «Relatione del Giappone dell’ Anno 1619» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.4 e ss.

«Ne gli altri luoghi si viue oiù quietamente. Questo poco di tranquillità há dato qualche acrescimento alla santa Fede; mà non leuati di pericolo, e di trauaglio gl' Operarij...»¹²⁶. Na carta de 1622, o jesuíta Gironimo Maiorca reitera a mesma ideia. Embora afirmasse que «continua, e cresce la guerra nello spirituale contro de' Christiani, e nostra santa Fede», fazia notar também que nem tudo se passava do mesmo modo naquele extenso território: «in lacune parti com gran rigore, in altre com meno, como si vedrà»¹²⁷. Por fim, segundo os jesuítas, em 1623, em vésperas de Tokugawa Iemitsu assumir o cargo de xogum, nas cidades sujeitas à «*tenka*», isto é, ao *bakufu*, estava tudo calmo pois «ò dissimulauano li Magistrati, ò non faceuano attuale inquisitione de' seguaci del santo Euangelio»¹²⁸.

De acordo com as fontes impressas coevas, os actos de violência contra os cristãos continuavam a ser ditados pela vontade de cada uma das autoridades locais. Em 1619, a repressão que assolou Nagasaki surgiu na sequência da substituição do *daikan*, isto é administrador-residente do *bakufu*. O novo administrador, cristão renegado Suetsugu Heizō João (-1630)¹²⁹, disputara o cargo ao seu antecessor, Murayama Tōan António (?-1619), e este acabou por acusá-lo de proteger os missionários¹³⁰. Procurando testemunhar a sua lealdade ao *bakufu*, o novo *daikan* empenhou-se em encontrar missionários: ordenou buscas surpresa a casas suspeitas, afixou publicamente o aviso de pena de morte para todo aquele (e respectiva família) que ocultasse um religioso ou outra pessoa que prestasse ajuda espiritual aos cristãos, estipulou um sistema de recompensas monetárias para os denunciadores e a punição penal para os que não participassem situações ilícitas, e estabeleceu um apertado sistema de vigilância nos

¹²⁶ Gironimo Maiorca, «Relatione dell' Anno 1621» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.155.

¹²⁷ Gironimo Maiorca, «Lettere Dell Anno 1621. e 1622» in *Lettere Annve del Giappone dell'anno MDCXXII E della Cina del 1621. & 1622*, Roma, Francesco Corbelletti, 1627, fl. 3.

¹²⁸ João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone dell' Anno 1624. Al molto Reuerendo Padre Mvtio Vitelleschi Generale della Compagnia di Giesu*, Roma, herdeiros de Bartolomeo Zannetti, 1628, fl.5. Cf. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, p.614.

¹²⁹ Suetestsugu Heizō Masanao foi o primeiro de quatro membros da família Suetsugu a ocupar o cargo de *daikan* de Nagasaki. Foi temporariamente cristão, sob o nome João. Sobre o controlo do cargo pela família Suetsugu veja-se Oka Mihoko, «Suetsugu Heizō II and the System of Respondência» in *BPJS*, 2 (2001), p.38.

¹³⁰ As atribuições em torno da transferência do cargo de *daikan* de Tōan para Heizō encontram-se amplamente tratadas na historiografia. Veja-se C. R. Boxer, *op. cit.*, pp.332-334 e sobretudo George Elison, *Deus Destroyed...*, pp. 159-163. Sobre as repercussões na comunidade cristã de Nagasaki veja-se ainda do mesmo autor J.S.A. Elisonas “Nagasaki: The Early Years of an Early Modern Japanese City” in *Portuguese Colonial Cities in the Early Modern World*, dirg. por Liam Matthew Brockey, Ashgate, 2008, p.86, Helena Margarida Barros Rodrigues, *Nagasaki Nanban das Origens à Expulsão dos Portugueses*, tese de dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006 [texto policopiado], p.102-106.

acessos à cidade¹³¹. Com o mesmo objectivo, fez ainda circular vários boatos: «vnos dezian que querian cõfessarse, y hazer penitencia, fingindo ter esmolas para entregar, dissimulando que tinham um parente cristão: otros pedian vn Padre para enfermos que stauã muriendo; y otros trahiã dinero para dezir Missas por sus difuntos»¹³². Oficial diligente na busca de missionários, a política de Suetsugu Heizō foi eficaz, tendo sido imediatamente descobertos os jesuítas padre Carlos Spinola (1564-1622) e o irmão Ambrósio Fernandes (c.1551-1620), os frades dominicanos Francisco Angel Ferrer e Juan de Santo Domingo¹³³. Os sucessos deste *daikan* são, por sua vez, mais uma confirmação de como primara a ausência de uma política persecutória generalizada.

O acontecimento mais marcante da administração de Heizō ocorreu em 1622, com a execução de cinquenta e cinco indivíduos. A motivação foi clara. Capturados pelos holandeses na embarcação onde viajavam disfarçados de mercadores, os missionários Pedro de Zuñiga, agostinho, e Luís Flores, dominicano, foram entregues às autoridades nipónicas. À sua desobediência face aos decretos de proibição, juntou-se a acção de um outro missionário clandestino, que procurou libertá-los da prisão. As fontes ilustram que esta foi a causa da ira do xogum:

«se indigno de tal suerte com los Christianos, por auer venido Religiosos a predicar la fè, y quebrantado sus carceles, que luego mando al Governador de Nangasaqui, que fuesse alla y quemasse viuos al capitan Ioachim, y a los frayles que auian venido en su nauio, y a todos los oficiales y marineros Christianos del mesmo nauio que estauan pressos: y juntamente a todos los Religiosos que estauã pressos en diuersas carceles, ansi Europeos como Iapones, y hasta mugeres y hijos de los que los años passados auian sido martirizados»¹³⁴.

¹³¹ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.129v-134. A prática também surge mencionada pelo dominicano Manzano de Haro a propósito de acontecimentos ocorridos em finais da década de 1610. *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano*, Milão, herdeiro de Giovanni Battista Colonna, 1628, fl.3.

¹³² Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.81. Em carta de Giovanni Battista Porro (1577-1623?) transcrita por Morejon depreende-se a aflicção vivida: «Y aunque hasta agora estoy libre, no pienso sera posible escapar, por ser muchas las espias, y grandes las diligencias que se hazen: y como somos obligados a acudir, por lo mesmo a los enfermos peligrosos, sera milagro que alguna vez no nos descubran». *Ibidem*, fl.132.

¹³³ *Ibidem*, fl.131-132.

¹³⁴ *Relacion Breve de los grandes y rigurosos martirios que el año passado de 1622. dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho ilustrissimos Martyres, sacada principalmente de las cartas de los Padres de La Compañia de Iesus que alli residen: y de que ha referido muchas personas de aquel Reyno, que en dos Nauios llegaron a la Ciudad de Manila a 12. De Agosto de 1623*, Madrid, Andres de Parra, 1624, s/n. O relato desta execução também foi divulgado em carta redigida por Gironimo Maiorca, em Macau a 30 de

O carácter excepcional do acontecimento fica bem claro quando se atenta na extensa divulgação de que foi objecto na Europa. O acontecimento surge relatado em quatro textos, dos quais dois são panfletos. De autores distintos (dois jesuítas, um dominicano e um abade de Nápoles), os textos foram publicados em treze cidades distintas: Madrid, Veneza, Nápoles, Roma, Lisboa, Sevilha, Milão, Bolonha, Paris, Lille, Bolonha, Viterbo e Valencia¹³⁵.

As execuções ocorridas em Nagasaki em 1619 e em 1622 responderam por isso a provocações muito concretas e, como já antes Elisonas notou, nenhum destes actos poder ser olhado como «indicador de um assalto em larga escala à população em geral [de Nagasaki]»¹³⁶. Na verdade, o historiador, através da análise de documentação nipónica, concluiu que foi possível professar o Cristianismo neste local com a convivência das autoridades até 1626, ano da nomeação de Mizuno Kawachi para *bugyō* de Nagasaki. Só nesse momento se pôs em prática «um plano que visava a destruição de toda a estrutura da comunidade cristã»¹³⁷.

Setembro de 1623, publicada em *Lettere Annue del Giappone dell'anno MDCXXII E della Cina del 1621. & 1622...*, fl.12-34, e no texto de Garcia Garces, *Relacion de la Persecucion que Hvyo en la Iglesia de Iapon y de los insignes martires que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622*, Madrid, Luis Sanchez, 1625, fl.1v-4. A versão dominicana dos acontecimentos correu pela mão de Melchior Manzano de Haro, *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di S.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila del medesimo Ordine. Stampata in Roma, & in Bologna & ristampata in Milano*, Milão, herdeiro de Giovanni Battista Colonna, 1628.

¹³⁵ As duas obras mais extensas são a do jesuíta Garcia Garces, *Relacion de la persecucion que hvyo en la iglesia de Iapon...*, com edição em Madrid e Veneza, e o texto do prelado Giulio Cesare Braccini, *Breve Narrazione del Martirio di centodiciotto e più Martiri martirizzati con atrocissimi tormenti per la fede di N.S. Gesù Christo, l'anno 1622 nel Giappone*, aparentemente apenas impresso em Nápoles. Os dois panfletos, talvez por ser menos extensos, tiveram maior divulgação: de autoria jesuíta a *Relacion Admirable de los grandes y rigvrosos martirios que el año pasado dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho martyres de valor insigne. Tomado por fe por personas fidedignas q de alla vinieron de aquel Reyno. Comprovado por las Cartas que les vinierō a los Padres de la Compañia de la ciudad de Manila este año pasado de 1623*, publicada em Lisboa, Madrid Sevilha, Milão, Nápoles, Bolonha, Paris e Lille. E a *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila. Co l'aggiuta della vita del Martire F. Angelo Orsucci*, de autoria dominicana, com edições em Madrid, Roma, Nápoles, Bolonha, Viterbo e Valencia.

¹³⁶ J.S.A. Elisonas, *op. cit.*, p.95.

¹³⁷ *Ibidem*. Veja-se a este propósito a seguinte afirmação do jesuíta João Rodrigues Girão sobre a acção de Mizuno Kawachi quando assume a administração de Nagasaki: «non hauendo lasciata strada, appartenente alla sua giurisdittione, che non fosse stata cercata com ogni diligenza, come anco le ville, doue entrauano gli sbirri, senza verun rispetto, metendo sossopra quant' era in casa», Carta ânua de 1626 redigida por João Rodrigues Girão em Macau a 31 de Março de 1627 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII....*, fl. 195.

Uma outra execução massiva teve lugar em Outubro de 1619 no Miyako, mas esta também não indicia uma política de perseguição generalizada. Segundo o texto de Morejon, impresso em 1617, o xogum Hidetada, que à data se encontrava em visita ao Miyako e Osaka, tomara conhecimento da existência de cristãos aprisionados. Na sequência de um seu pedido para que lhe arranjassem um relojheiro capaz de lhe concertar um relógio, fora-lhe comunicado que o único indivíduo capaz de o fazer era um cristão que se encontrava preso. «El Xongun dicen que se alteró mucho con oyr esto, dizendo, que como era possible que huuiesse Christianos en aquella Ciudad despues de tantas leyes, y rigor suyo, y de su padre. Y que visto esto, mandò, que luego los mandassen // quemar a todos viuos»¹³⁸. Nas palavras de um outro jesuíta, Gaspar Luís (1586-?), foi «vna barbarie più che Neroniana»¹³⁹.

Nos domínios sob a alçada dos dáimios é ainda mais visível a disparidade entre as directivas do *bakufu* e a sua aplicação. No que às práticas anticristãs se refere, os textos impressos sobre a missão no Japão atestam a existência de um efectivo jogo de forças entre a autoridade hegemónica e os dáimios. Como se afirmou, de acordo com o sistema político vigente, o *bakuhan*, os dáimios, senhores de um vasto território (*han*), administravam com significativa autonomia no seu domínio (que podia ser um território de vastas dimensões), questões decisivas como a cobrança de impostos e o exercício da justiça local. Porém, a sua autonomia não era total, e com o decorrer do tempo, como se afirmou, a perseguição aos cristãos tornou-se uma matéria fulcral na política centralizadora do *bakufu*, porquanto estratégia de disciplinamento de um grupo desordeiro, ameaçador à ordem. Os éditos contra a profissão do Cristianismo foram sendo promulgados (em 1628, e consecutivamente nos anos de 1633 a 1636)¹⁴⁰, e a sua irradicação constituiu mesmo uma das motivações para o estabelecimento de uma política de controlo rigoroso das relações com o exterior (*sakoku*, em 1639).

Os textos missionários impressos dão conta da frequente falta de empenho dos dáimios na concretização da política do *bakufu* em matéria religiosa, chegando a ignorar completamente as suas directivas. Nesse sentido, esses textos impressos testemunham a ocorrência de práticas institucionais díspares que, aliás, decorriam do próprio sistema

¹³⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.137v-138.

¹³⁹ Gaspar Luís «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.69.

¹⁴⁰ Ōhashi Yukihiko, *op. cit.*, pp.48-49.

político¹⁴¹. Sem dúvida que, tratando-se de narrativas que foram objecto de publicação, interessava valorizar as situações em que não se cumpria o estipulado pelo poder central, assim transmitindo uma nota de esperança quanto à possibilidade de sobrevivência da missão. Por outro lado, eram naturalmente estes os espaços onde os missionários podiam agir com maior liberdade, podendo testemunhar o que aí se passava com menos constrangimentos.

A não aplicação pelos dáimios das directivas anticristãs é ilustrada na descrição de vários episódios. De acordo com as notícias publicadas na Europa sobre os primeiros anos de governo de Hidetada, Date Masamune (1567-1636), dáimio de Sendai, na região de Dewa, «le parece mal ser el Xongun tan cruel contra los Christianos, no dexando a cada vno ser de la ley que quisiere; y assi dissimula con ellos, y aun fauorecio algun tanto con la esperança de que auia trato, y comercio en sus tierras con la nueva España, y Filipinas, el qual el desseaua mucho»¹⁴². A afirmação segue em textos de autoria jesuíta e como se vê a atitude deste dáimio é justificada pela primazia dos seus interesses comerciais. A explicação não é inocente e traduz, como se verá, uma resposta jesuíta à circulação de notícias na Europa de autoria dos franciscanos sobre este dáimio. Date Masamune promovera a embaixada japonesa de 1613-1616 à Europa, liderada pelo franciscano Luis Sotelo (1574-1624), uma iniciativa publicitada como expressão do sucesso da actividade evangelizadora dos franciscanos em terras nipónicas. No entanto, em 1621, Masamune acabará por executar o édito anticristão na sequência do facto de o embaixador Hasekura Rokuyemon Tsunenaga (1571-1622) ter regressado da Europa baptizado e sob a suspeita de ser portador de um convite à união militar por parte do monarca de Espanha. Ora as atitudes do *bakufu* sempre tinham sido pautadas pelo temor dos missionários constituírem uma primeira etapa de uma ofensiva militar, tal como acontecera no arquipélago vizinho das Filipinas¹⁴³. A mudança de atitude ter-se-á devido à necessidade de afirmar a sua lealdade perante o *bakufu*: «per togliere affato questo sospetto fece resolutione Masamune di leuarsi dauanti quãti // Christiani egli haueua nello stato suo: si trattenne [conteve-se] però sino al retorno dell' Ambasciatore»¹⁴⁴.

¹⁴¹ John Whitney Hall, *op. cit.*, p.130.

¹⁴² Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.106.

¹⁴³ Gironimo Maiorica, «Relatione dell' Anno 1621» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.202. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.212-213.

¹⁴⁴ Gironimo Maiorica «Relatione dell' Anno 1621» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.202-203.

Por sua vez, Uesugi Kagekatsu (1552-1623), também ele um dáimio fixado na província de Dewa, é apresentado como uma autoridade que

«nè si curo di eseguire gli Ordini della Tenza contro i Christiani, per non distruggere lo Stato con uccider' i suoi vassali. Onde, quante volte gli era parlato per ordine del Xogun, che s'informasse, e procedesse contro i seguaci di Christo; tante volte rispondeua, che tra' suoi sudditi non ve n' erano»¹⁴⁵.

O comportamento deste dois dáimios não se explica apenas pelo isolamento da região do Tōhoku, na qual se localizavam os seus respectivos domínios¹⁴⁶. Na verdade, na mesma região longínqua, no domínio de Tsugaru (situado nas imediações dos estreitos que ligam Honshū a Hokkaido), registaram-se execuções pela mão de um dos senhores daquele domínio. Aqui, em 1618, o senhor do castelo de Takaoka tomou conhecimento da existência de cristãos no seu domínio, informação que enviou para Edo. O *bakufu* decretou a pena capital para os cristãos, e o dáimio cumpriu a instrução escrupulosamente¹⁴⁷. Também em Kyūshū, ocorreram atitudes idênticas. A propósito da descrição da ânsia de um cristão em sofrer o martírio, fica-se a saber que em Hizen, o dáimio Kato Kiyomasa apenas perseguia os cristãos que eram seus vassalos¹⁴⁸. Em Chikugo, o senhor do domínio «mandô que se hiziesse superficialmente persquisa de los que eran Christianos»¹⁴⁹. Em Kagami (nas imediações de Nagoya), na província de Hizen, o missionário Morejon afirmava «depues de muchos dias ablandando la furia del tyrano: fueron todos sueltos, y hasta agora proceden libremente como buenos y probados Christianos»¹⁵⁰.

Na verdade, os exemplos de incumprimento da determinação do *bakufu* e de condescendência para com o Cristianismo multiplicam-se no espaço e no tempo. Ainda

¹⁴⁵ André Palmeiro, “Relatione della Persecvtione mossa contra la fede di Christo. Da Viecuqui Danion in Ionezaua, e nell' altre Terre deli” redigida a 2 de Julho de 1629 in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX*, Roma, Francesco Corbelletti, 1635, fl. 4.

¹⁴⁶ O argumento é avançado por Pedro Morejon que afirma: «y aunque la persecucion es tan fuerte como es esto fin de Iapon, y no auia antiguamente aqui Iglesias, in Christianos en cantidad, no sospechan que ay Padres, ni se haze pesquisa», Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.106v.

¹⁴⁷ *Idem*, fl.105-110. Vide também Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.371-372.

¹⁴⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.20.

¹⁴⁹ *Ibidem*, fl.39.

¹⁵⁰ *Ibidem*, fl.102v.

na província de Dewa, o juiz a quem fora entregue o padre jesuíta Giovanni Mateo Adami (1576-1633) por denúncia de um espia, «diede ordine che si partise all' hora, e cosi di notte ... acciòche gl' habitatori, como disse il giudice, non rimanessero priui di vita, se fosse andata tal nuoua al Tono»¹⁵¹. Relativamente às notícias do ano de 1624, um ano após a elevação de Iemitsu a xogum, o jesuíta Rodrigues Girão afirmava que

«Ne i Regni di Fococo non furono perseguitati li Christiani, perchè se bene la paura fù grande, tuttauia Faxuia Chichuyendono nō há rinouato niente in questa matéria; si perchè non è contrario alla nostra santa legge, come anco perchè giudica buttato il tempo a persuadere vn Caualiere, ò vn soldato a mutarsi di parere, dicendo, che quello, che non è constante a seruir a Dio, farà ancora incostante a seruir' a gli huomini»¹⁵².

O mesmo missionário dirá sobre Bingo: «non senti molto danno dalla persecutione»¹⁵³. Nas notícias referentes ao ano de 1625, Giovanni Batista Bonelli reitera esta imagem de tolerância face aos cristãos em diferentes domínios, dando conta que a preocupação das autoridades parece ser apenas a de manter a aparência e deste modo evitar o conflito com os «ministri dell' Imperatore»¹⁵⁴. Uma autoridade local de Ōmura, depois de ter terminado a expulsão dos cristãos, recuou na sua decisão «per non votare il castello, e perder tanti lauoratori, fece fine doue haueua cominciato, dando solamente ordine com gran seuerità, che // non alloggiassero forestieri, ne raccogliessero naue di gente, che venga da altri paesi, ò parlasero co i passeggeri di quelli.»¹⁵⁵. Em Arima o senhor Matsukura Shigemasa disfarçava relativamente aos cristãos. Na súmula traçada a propósito do desenvolvimento da religião cristã na região do Takaku, Bonelli chega a usar a expressão «nel tempo della persecutione» sem que por isso signifique que a violência sobre os cristãos tenha cessado mas para vincar que a mesma abrandara ao ponto de não ocorrerem execuções¹⁵⁶. Independentemente das intenções ou dos interesses particulares de cada um destes senhores dos domínios, as situações reportadas

¹⁵¹ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.84.

¹⁵² João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.63.

¹⁵³ *Ibidem*, fl.66.

¹⁵⁴ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli, Macau, 15 de Março 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.37.

¹⁵⁵ *Ibidem*, fl.38-39.

¹⁵⁶ *Ibidem*, fl.60.

pelos missionários revelam a autonomia dos dáimios de que é reflexo o facto de ignorarem as ordens anticristãs do *bakufu*.

Por paradoxal que tal possa parecer, as situações em que os dáimios obedeceram às directivas do *bakufu* testemunham, por sua vez, a interligação do centro com a periferia e por conseguinte o êxito do xogunato na imposição da sua autoridade. Não se trata de uma contradição, mas sim da complexidade resultante dos equilíbrios a que obrigava o sistema *bakuhan*¹⁵⁷. A passagem desde cenário de heterogeneidade para uma política generalizada de perseguição só ocorreu apenas alguns anos após a tomada de poder por Iemitsu, a partir do ano 1625/1626.

Até lá, os momentos mais persecutórios foram aqueles que ocorreram imediatamente após a emissão dos éditos de 1616 e de 1623, numa dinâmica em tudo idêntica ao que se passara nos anos de 1612 e 1614. O texto *Historia y Relacion*, publicado em 1617, em que o jesuíta Pedro Morejon se propõe tratar os sucessos ocorridos entre 1614 a 1619, limita-se, quase na totalidade, a relatar as perseguições desencadeadas após o édito de Hidetada em 1616. O seu pai Ieyasu morrera nesse ano, e se bem que lhe tivesse transmitido o cargo de xogum em 1605, governara efectivamente até à data da sua morte na qualidade de *ōgoshō* (xogum retirado). Whitney Hall considera o édito de 1616 um instrumento de afirmação política de Hidetada enquanto chefe hegemónico¹⁵⁸. As fontes impressas europeias atestam o sucesso desta estratégia, pois são numerosas as descrições que referem as manifestações de obediência dos dáimios. Morejon detalha a explosão de perseguições, referindo situações ocorridas em Oshū, Yezo, Hizen, Chikugo, Chikuzen, Higo, Bungo¹⁵⁹.

Em 1623 assistiu-se a um movimento idêntico. Iemitsu, ao assumir o cargo de xogum, procurou demonstrar a sua intolerância face ao Cristianismo. Nessa medida, não só promulgou diversas leis «tra le quali vna delle principali è cōtra la fede di Christo», como tornou explícita a sua preocupação em descobrir missionários que se encontrassem ocultos¹⁶⁰. Foi neste contexto que na região de Edo se fizeram buscas, revistaram casas, inquiriram gentios. Se, em resultado destas diligências, fosse apanhado algum cristão, de imediato era entregue ao «governador», que o encarcerava. Os filhos destes eram mantidos sob guarda e todos eram desprovidos dos seus bens. No

¹⁵⁷ John Whitney Hall, *op. cit.*, p.130.

¹⁵⁸ *Ibidem*, pp.148-149.

¹⁵⁹ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.103-126.

¹⁶⁰ João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.10.

testemunho dos jesuítas, o clima era de verdadeiro terror: «Il disturbo, e l'afflittione de' poueri Christiani non si puo raccontare ... Li gentili li perseguitauano, e li cacciauano fuori... Gli accusatori, e le spie cresceuano...L estrade continuamente piene di gente contro li Christiani. Le porte // si guardauano notte, e giorno»¹⁶¹. Os textos missionários impressos também referem três execuções públicas envolvendo dezenas de condenados¹⁶². Claramente Iemitsu procurou impor a disciplina a todo o território instrumentalizando o sistema *bakuhan*. Segundo o relato dos missionários, perguntando o xogum aos «ministros da Tenca» se era necessário avisar os restantes «príncipes», isto é daimios, da necessidade de proibirem o Cristianismo nos respectivos domínios, «egli rispose che nò perchè bastaua solo, che hauessero saputo con quanto // rigore erano trattati li Christiani in Iendo [Edo], perchè facessero l'istesso nelle città soggette»¹⁶³. De facto, nos domínios não pertencentes ao *bakufu*, os daimios seguiram zelosamente as suas determinações, o que é descrito pelos jesuítas como consequência directa do que havia ocorrido em Edo¹⁶⁴.

Os missionários dedicam especial detalhe às situações vividas em domínios onde os efeitos da perseguição até aquele momento tinham sido ténues. No norte da ilha de Honshu, na província de Mutsu, na área controlada por Date Masamune, o daimio que sempre tolerara a presença de cristãos no seu domínio (exceptuando o já referido ímpeto persecutório de 1621, quando regressou da Europa do embaixador por ele patrocinado), depois de ter presenciado as execuções em Edo ordenou que fosse feito o levantamento daqueles que professavam a Fé cristã¹⁶⁵. Noutros locais, como na província de Bizen, o daimyo «se bene non è ontrario alla legge di Christo, tuttuia per conformarsi al Xogun fece ordine, che tutti li Christiani fussero sbanditi dal suo stato»¹⁶⁶. A violência exercida sobre os cristãos, ainda que numa escala menor, também é retratada nas descrições sobre o que estava a acontecer nos domínios de Harima, de Bitchū, de Iyo, de Aki, de Hirado, Hizen, Chikuzen, Bungo, nas cidades de Osaka, Sakai e Nagasaki.

¹⁶¹ *Ibidem*, fl.10-11.

¹⁶² Na ânuia referente a 1624 João Rodrigues Girão refere duas execuções públicas, a 4 e a 23 de Dezembro de 1623; e uma outra a 12 de Junho de 1624. *Ibidem*, fl.22, fl.28-31; fl. 31-32. Sobre esta questão *vide* George Elison, *Deus Destroyed....*, p.188.

¹⁶³ João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.5-8.

¹⁶⁴ *Ibidem*, fl.5-6. Giovanni Batista Bonelli, Macau, 15 de Março de 1626, *Lettere Annve del Giappone de gl' anni 1625, 1626, 1627...*, fl.84.

¹⁶⁵ Veja-se o capítulo «Relatione della persecutione, che si solleuò nel principio dell'Anno 1624 ne' paesi do Massamune, nella quale morimo col P. Diego Caruaglio della Compangnia di Giesú più di ventiquattro Christiani», João Rodrigues Girão in *op. cit.*, fl.32-54.

¹⁶⁶ *Ibidem*, fl.64.

A leitura dos textos missionários impressos comprova assim que o comportamento persecutório dos dáimios tende a replicar-se sempre que um novo xogum tomava posse e emitia um novo decreto anticristão. O édito de Hidetada de 1616 levou a que alguns dáimios hostilizassem o Cristianismo. O édito de Iemitsu foi ainda mais determinante para o comportamento dos dáimios, que mostraram de forma clara que as suas acções correspondiam às exigências do sistema político. Mas após o primeiro momento reactivo, os textos ilustram que as práticas anticristãs foram suspensas. Ou seja, os dáimios sentiram-se livres para não executarem com rigor a perseguição. O facto da imposição da ordem de Iemitsu não se ter traduzido numa prática anticristã contínua e realizada de modo sistemático pelos dáimios corrobora a asserção de Asao Naohiro de que Iemitsu não foi imediatamente reconhecido como uma autoridade hegemónica¹⁶⁷.

As mesmas fontes denotam ainda que a aplicação pontual de medidas anticristãs pelos dáimios se relaciona com uma estratégia de sobrevivência política. No conflito de Osaka (1614-1615) os senhores de domínios que durante o cerco tinham lutado ao lado de Toyotomi Hideyori promoveram práticas contra os cristãos depois da derrota. Na prática, tratou-se da instrumentalização da política religiosa com o intuito de atestar a submissão ao xogunato. Em Buzen, Hosokawa Tadaoki (1562-1645), «por miedo del Xongun, que desgustô de auerse el mostrado amigo de Findeyori; dio en perseguir, y desfauorecer a los Christianos, que auia muchos, y muy principales en su Reyno»¹⁶⁸. A mesma explicação é atribuída às perseguições realizadas na província vizinha de Chikuzen, onde Kuroda Nagamasa (1568-1623) pelo «tan gran el temor, que tiene del Xogun, por saber que era aficionado a las partes de Findeyori» expulsou os missionários do seu domínio¹⁶⁹. As perseguições promovidas pelo dáimio Fukushima Masanori (1561-1624) no seu domínio de Aki e de Bingo são também enunciadas como uma mostra de sintonia com o *bakufu*: «... despues de la muerte de Findeyori [Toyotomi Hideyori] crecio cõ el temor de perder sus estados, el desseo de agradar al Emperador; y assi, hizo algunas crueldades cõtra los Christianos»¹⁷⁰.

¹⁶⁷ Citado a partir de John W. Hall, *op. cit.*, p.148.

¹⁶⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl. 45 e fl.119.

¹⁶⁹ *Vide Ibidem*, fl.39.

¹⁷⁰ *Ibidem*, fl.75v. George Elison afirma que a atitude simpatizante de Fukushima Masanori para com os cristãos acabou por ser efectivamente um dos motivos para o condenar a exílio e a um domínio de dimensões bastante mais reduzidas. Veja-se George Elison «Fukushima Masanori (1561-1624)» in *Kodansha Encyclopedia of Japan*, vol. II, Kodansha, p.366.

Estas atitudes ganham relevância se enquadradas num contexto temporal mais alargado. Kiri Paramore mostra como num momento imediatamente anterior, o édito anticristão de 1614 tinha sido um dos caminhos seguidos pelos Tokugawa para consolidar a sua autoridade face aos Toyotomi, já que os senhores de domínios e os samurai sénior cristãos banidos na sequência daquele édito eram maioritariamente gente leal a Toyotomi Hideyoshi¹⁷¹. Por isso, tudo indica que as práticas anticristãs infligidas pelos dáimios apoiantes de Hideyori em Osaka foram igualmente estratégicas para garantir a sua sobrevivência junto das forças vitoriosas Tokugawa.

É também na mesma lógica de sobrevivência política que deve ser entendido o excesso de zelo dos dáimios na proibição do Cristianismo com vista a garantirem a posse do domínio. Atesta-se, deste modo, a já referida dependência dos guerreiros face ao xogunato e a eficácia da prerrogativa de confirmação da posse do domínio enquanto mecanismo de coacção. Por exemplo, as perseguições em Kumamoto são justificadas por «... el Príncipe... por nombre Torafugi, como era de poca edad, y temia *que* en Xogum lo le quitara el Reyno, o parte del, tomando para ello ocasion de *que* consentia Christianos en sus tierras, desterrò a muchos....»¹⁷². Postura idêntica foi assumida em Bungo, cujo «Principe, e Signore... per non esser priuati dello stato loro, si mostrano obedientissimi al Rè del Giappone: onde quivi più che in altri luoghi si vsa molta crudeltà contro li Christiani»¹⁷³. E também em Ōmura se viveu uma situação análoga. Em 1616, por morte de Ōmura Yoshiaki Sancho (1568-1616) dava-se a transição definitiva do governo para o seu filho Ōmura Sumiyori Bartolomeu (?-1619)¹⁷⁴. Yoshiaki vivera um percurso religioso atribulado: convertera-se mas renegara o Cristianismo em 1605 por considerar que os jesuítas tinham sido cúmplices na decisão do *bakufu* de chamar à sua jurisdição toda a área urbana de Nagasaki e os aglomerados populacionais adjacentes¹⁷⁵. Quando o seu filho, em 1617, no seguimento da visita que realizou a Hidetada, onde deverá ter sido reconduzido na posse do domínio, Sumiyori Bartolomeu, que era baptizado, afirmava que «puso muchas guardas, y penas, contra quien recibiesse Padres en sus tierras, quedando por agora muy cerrada la puerta»,

¹⁷¹ Kiri Paramore, *op. cit.*, p.54.

¹⁷² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 248.

¹⁷³ Gironimo Maiorica, «Relatione dell' Anno 1621» in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.186.

¹⁷⁴ Vide Madalena Ribeiro, *op. cit.*, pp. 82 e ss.

¹⁷⁵ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, p.328, n.r. 50; Madalena Ribeiro, *op. cit.*, pp. 84-86.

«forçado de medo del Xongun»¹⁷⁶. Nesta circunstância de exigência de contenção, entraram dois religiosos no domínio vestidos em hábito religioso (o agostinho Frei Hernando de S. José e o dominicano Frei Alonso Navarrete). Segundo o relato, Yoshiaki ainda procurou simular mas «viendo que era imposible encubrirse todo esto al Xongun, y a sus Gouvernadores» e «que el concurso crecia y que el neocio era ya muy publico no se atreuiu a dissimular; y assi embiò a prenderlos»¹⁷⁷.

Até 1626 o texto missionário impresso ilustra bem como a sorte dos cristãos dependia de quem controlava a região em que habitavam, havendo autoridades mais empenhadas do que outras na descoberta de detractores. Durante muito tempo, persistiram dáimios que não seguiam as directivas centrais. A síntese apresentada por Morejon, apesar de se reportar ao início do governo de Hidetada é válida para caracterizar o contexto em que viviam os cristãos até 1626:

«Y hasta los mismo señores Gentiles, que, o son amigos, o no contrários, y auersos; si veen que los Padres y los Christianos se encubren, y viuen com recato, se alegran, y disimulan; pero si veen lo contrario, se hazen mas crueles enemigos, por no perder la gracia del Xongun, y sus estados. Y los señores vezinos, si veen que algun Padre // es descubiero en otro estado, se alteran, y hazen dobladas diligencias, para que ni Padres, ni Christianos viuan en sus tierras»¹⁷⁸.

Dada esta irregularidade de práticas anticristãs, como se explica então que as mesmas dominem os textos impressos pelas ordens religiosas, acabando por projectar a ideia de uma perseguição generalizada? Por um lado, a narrativa missionária assenta na enumeração de exemplos, constituindo, no seu conjunto, uma escrita que obedecia a um paradigma da época, de leitura apelativa e empolgante, que resulta num texto contínuo sobre práticas anticristãs. Por outro lado, os relatos tinham numerosos objectivos, desde a celebração, a divulgação, a moralização, e a necessidade estratégica de justificar na Europa as vicissitudes da missão até à valorização dos padecimentos dos respectivos

¹⁷⁶ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China*..., fl.93.

¹⁷⁷ *Idem*, fl.93-94v. Martin Nogueira Ramos, *Les Persecutions contre le Christianisme sous Inoue Masashige (1640-1658) el la Debacle de Kori (1657-1658)*, dissertação de mestrado em Langues et Civilisations de l'Asie Orientale na Universidade Paris-Diderot, 2008 [texto policopiado].

¹⁷⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China*..., fl.11.

missionários. Por último, o contexto era de perseguição. Sempre houve dái-mios hostis ao Cristianismo, e mesmo os que não eram genuinamente anticristãos viram-se obrigados a demonstrar que acatavam a vontade do *bakufu*.

Contudo, a evidência de uma perseguição esporádica e geograficamente dispersa que resulta da análise do texto missionário impresso desaparece dos relatos missionários redigidos a partir de 1625 e 1626. Tal facto não resulta da referência a algum acto em particular, ou a uma nova deliberação do *bakufu*. A evidência de inflexão no exercício das práticas cristãs decorre da construção da narrativa missionária. As palavras do jesuíta Cristóvão Ferreira ilustram essa viragem:

«Si scrisse l'anno passato la Persecutione, che all' hora si solleuò nel Tacacu ... Ma in paragone di quel che passa al presente, tutto può chimarsi vn preludio; essendo la più crudel tempesta al presente, che mai sai stata; non solo per li nuoui e terribili tormenti, ma perche abbraccia tutte le parti, e nõ è persona, che arriui alla cognitione del Tiranno, che non si da lui crudelmente // trattata, anchorchè fosse n fanciullo di pochissima età.»¹⁷⁹.

As palavras deste jesuíta não são simples retórica. A narrativa missionária impressa passa a enunciar situações que evidenciam que a acção dos dái-mios estava em conformidade às directivas centrais, exigindo aos cristãos que se comportassem de acordo com as exigências daquele tempo. No mesmo sentido, os oficiais do *bakufu* são descritos como autoridades empenhadas em que os cristãos não provocassem desordens ou escândalos quando obrigados a renegar a sua fé. A necessidade de não se afrontar o *bakufu* chega a constar, numa lógica retórica, como objecção à perseguição. Em 1628 um dos privados de Uesugi Sadakatsu, filho de Uesugi Kakegatsu, tenta aliciá-lo a não abrir hostilidades sobre os cristãos sob o argumento de «che, ventinandosi nella Corte del Xogun la causa de' Christiani, e passando all' hora sotto silentio, non volendo i Governatori della Tenza por mano ne' suoi vassalli; era vn condannar tacitamente l'

¹⁷⁹ Cristóvão Ferreira, «Relatione della persecutione solleuata nell Tacacu contra da S. Fede, nell' anno 1627», redigida a 14 de Setembro de 1627 in *Lettere Annuè Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII....*, fl. 249.

attioni di costoro, e dell' istesso Xogun»¹⁸⁰. Ou seja, mais valia dissimular do que revelar a ineficácia dos oficiais do *bakufu* e em última análise do xogum num passado recente. Esta alteração do discurso é antes expressão de um tempo novo resultante de uma atitude distinta do xogum Iemitsu face aos cristãos. E, nesse sentido, o texto missionário impresso é o reflexo do sucesso da sua política de erradicação do Cristianismo.

Também as referências a iniciativas do xogunato testemunham que a perseguição de cristãos foi elevada ao estatuto de política do xogunato, nessa qualidade, levada a cabo para garantir o seu êxito em toda a extensão do arquipélago. Em conformidade, são referidos os éditos sucessivos que proibiam a entrada de missionários¹⁸¹, a afixação de anúncios a publicitar que os cristãos iriam ser objecto de «vn ésme, e giuditio seuero»¹⁸² ou que incitavam os escravos a denunciar os seus senhores cristãos prometendo-lhe em troca a liberdade¹⁸³ ou, ainda, a divulgação de retratos de religiosos, com vista a acelerar a sua captura. A este respeito, o jesuíta António Francisco Cardim relata o caso do seu correligionário Sebastião Vieira, cujo retrato alguns japoneses traziam pregado nas costas para desta forma agradarem ao «Imperadore e Magistrati»¹⁸⁴. A utilização do mesmo método é referida na descrição da captura do dominicano Frei Domingo Erquicia, em 1633¹⁸⁵. Mas aqueles *kōsatsu* a que se reportam os missionários, isto é, as placas colocadas em locais mais movimentados, como os cruzamentos e pontes, nos domínios e nas terras do *bakufu*, não se limitavam a enunciar a intransigência do *bakufu*. Segundo Elison e Jansen, foram também utilizados para propagar a falsidade dos ensinamentos cristãos e para alertar para o perigo do martírio e, nesse sentido, contribuíram para a construção de uma ideologia de rejeição do Cristianismo e simultaneamente para consolidar a imagem do *bakufu* enquanto garante da ordem pública (*kōgi*)¹⁸⁶.

Na década de 1630 foram reforçadas as medidas de carácter disciplinador com vista a erradicar o Cristianismo: toda a população foi obrigada a registar-se num templo

¹⁸⁰ André Palmeiro, «Relatione della persecvtione mossa contra la fede di Christo da Viecuqui Danion in Ionezaua, e nell' altre Terre del suo Dominio, l' anno 1628» in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX...*, fl.9.

¹⁸¹ António Francisco Cardim, *Relatione Della Prouincia del Giappone...*, fl.9.

¹⁸² Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.12.

¹⁸³ Veja-se a título de exemplo *ibidem*, fl.20-21.

¹⁸⁴ António Francisco Cardim, *op. cit.*, fl.10.

¹⁸⁵ Citado a partir de Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, p.700.

¹⁸⁶ George Elison, *Deus Destroyed...*, p. 140, Marius B. Jansen, *The Making of Modern Japan...*, p.58.

budista (1635); aos templos foi exigido que controlassem a participação dos seus filiados nas práticas rituais¹⁸⁷, o que era assegurado pelo recém-constituído *Jisha Bugyō*¹⁸⁸; criou-se um sistema de recompensa para aqueles que denunciassem missionários, primeiro nas terras do *bakufu* (1633), depois à escala nacional (1638)¹⁸⁹. Nenhuma destas práticas surge referenciada nos documentos impressos. Porém, os textos que vinham sendo publicados desde o início da perseguição ilustram que estas deliberações de Iemitsu não eram uma novidade. Como se referiu, a exigência de inscrição num templo budista remontava a 1614¹⁹⁰, e tinha sido aperfeiçoado por Hidetada em 1616, que obrigara os monges budistas a vigiar a apostasia para evitar futuramente o arrependimento e a penitência daqueles que já tinham retrocedido na fé cristã¹⁹¹. Em notícias relativas ao ano de 1624 João Rodrigues Girão assinala que Iemitsu tinha imposto essa obrigação em Edo: «tutti gli habitatori di Iendo sono stati costretti a dar in vna carta scritti i nomi di ciascheduno, com la legge, che professa, e qual Bonzo riconosce per maestro»¹⁹². Em 1625, a propósito de Arima, afirma-se que após a deslocação a Edo, Matsukura Shigemasa terá imposto o registo das seitas professadas pelos seus vassallos¹⁹³. Também o sistema de recompensas era praticado desde há várias décadas, em Nagasaki. Segundo Morejon, esta medida fora promulgada por Hidetada em 1616 para estimular a denúncia de cristãos por parte de toda a comunidade: o prémio oferecido ao denunciante seria pago pelos vizinhos do infractor de modo a que esses evitassem a existência de cristãos no respectivo agrupamento¹⁹⁴. Deste modo, as medidas de Iemitsu da década de 1630 traduzem um aperfeiçoamento de determinações anteriores, destacando-se por serem aplicadas a todo o território.

¹⁸⁷ Peter Nosco, *op. cit.*, p.146; Kiri Paramore, *op. cit.*, p.55.

¹⁸⁸ A instituição *Jisha Bugyō*, Comissariado para a administração dos templos e santuários, criada em 1635 era responsável pelo supervisionamento de todas as instituições e actividades religiosas, com autorização para proceder a investigações sem autorização prévia do *bakufu*. *Nanzan Guide to Japanese Religions...*, p.189.

¹⁸⁹ Jurgis Elisonas, “Christianity and the Daimyo”..., p.369; Ōhashi Yukihiro, *op. cit.*, pp.49. Em Johannes Laures encontra-se a discriminação das somas estipuladas a título de recompensa para o ano de 1682. Os valores variavam consoante tratar-se um missionário padre ou um irmão, um apóstata reconvertido ao cristianismo, entre uma pessoa ou uma casa que dava abrigo a um cristão a um catecúmeno. Johannes Laures, *The Catholic Church in Japan*, Tokyo, Charles E. Tuttle, 1954, p.175.

¹⁹⁰ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.46.

¹⁹¹ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.64v.

¹⁹² João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone Dell' Anno 1624...*, fl. 11

¹⁹³ Pedro Morejon, «Relatione della gloriosa morte di nove religiosi della Compaagnia de Giesv, e di altri, nel Giappone» in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.116.

¹⁹⁴ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.64.

As notícias relativas à década de 1630 assumem, de facto, um carácter distinto. A eficácia da política de Iemitsu conduziu a uma progressiva diminuição do número de missionários no arquipélago. Os poucos que foram resistindo ficaram reduzidos a uma vivência efectivamente oculta, acabando por ser descobertos ou perecendo na clandestinidade. O tipo de relatos que passa a ser impresso é em parte fruto desta alteração conjuntural. A carta ânuia referente ao ano de 1626 foi o último texto a desempenhar essa função de relato estruturado com vista a fornecer uma narrativa informativa e coerente sobre a acção desenvolvida pelos missionários¹⁹⁵. Redigida por João Rodrigues Girão a partir de Macau, traça um quadro tão abrangente das vicissitudes quanto a vivência dos missionários que permaneciam no território lhe permitiu. Isto é, as informações circunscrevem-se a um espaço geográfico mais diminuto, embora sejam abordados os desenvolvimentos da actividade dos missionários nos diversos locais: em Kyūshū – sobretudo Nagasaki, mas também na região do Takaku e nas províncias de Higo, de Chikugo, e de Bungo – , no Miyako e na província de Mutsu (Ōshū), local de refúgio preferencial dos cristãos desde que se iniciara a perseguição. As notícias impressas relativas ao ano de 1627, apesar de no frontispício das várias edições de que foram objecto serem publicitadas como se de uma carta ânuia se tratasse, resumem-se a um relato dos acontecimentos no Takaku, como aliás surge enunciado no subtítulo¹⁹⁶. As informações tornam-se também menos pormenorizadas. A propósito da execução de setenta e três cristãos em Ōmura a 20 de Setembro de 1630, publica-se apenas uma listagem com o nome e o local de origem a que pertenciam as vítimas¹⁹⁷. Matias de Sousa, o jesuíta autor da notícia, justificava-o da seguinte forma:

«No se pudo saber de sus vidas, ni de otras particulares circunstancias de que no pudieron inquirir los que los pretendieron, por la grande diligencia con que los

¹⁹⁵ Carta ânuia de 1626 redigida por João Rodrigues Girão em Macau a 31 de Março de 1627 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII....*, fl. 186-248.

¹⁹⁶ As notícias relativas ao ano de 1627 surgem publicadas em edições que incluem ânuas correspondentes a anos anteriores – *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Roma, Francesco Coberlleti 1632 (com redições em Milão e na Antuérpia no ano de 1632, e em Paris em 1633). E no entanto, ao contrário das duas primeiras notícias, assumidas como cartas ânuas, a informação sobre 1627, redigida por Cristovão Ferreira, surge sob a designação «Relatione della persecutione solleuata nell Tacacu contra da S. Fede, nell' anno 1627”. *Ibidem*, fl.249-314.

¹⁹⁷ Matias de Sousa, *Compendio De Lo Svcedido En El Iapon Desde la Fvndacion de aquella Christiandad. Y relacion de los Martires que padecieron estos años de 1629. y 30. Sacada de las cartas que escriuieron los Padres de la Compañia que alli asisten. Dirigida al Ilvstrmo Y Rmo Señor D. Cesar Monti, Patriarca de Antioquia, Arçobispo de Milan, Nuncio y Coletor general de N.S.P. Vrbano VIII en los Reynos de España*, Madrid, Imprenta del Reyno, 1633, fl.17-18v.

estouaron los infieles ministros, y aun para auer noticias desto fue menester aprouecharnos de vna carta del Padre Antonio, que los conocia, y tratò en la prision.»¹⁹⁸.

As execuções de trinta missionários, em Nagasaki, realizadas durante o ano de 1633, não foram sequer publicitadas¹⁹⁹.

Contudo, estas transformações nas fontes impressas não são apenas reflexo da mudança na política das autoridades nipónicas. A Macau, a Manila e, conseqüentemente, à Europa continuaram a chegar longos testemunhos, como os dos jesuítas Mateus de Couros (1568-1633), Sebastião Vieira (1572-1634) ou Cristóvão Ferreira (1580-ca.1654), ou as cartas do agostinho Frei Vicente de S. António (1590-1632), ou ainda os fragmentos da escrita enviada pelo franciscano Frei Diego de San Francisco²⁰⁰. Alguns impressos de autoria jesuíta enunciam inclusive ter sido redigidos «cauato dalle Lettere annue, che sono arriuate quest'anno»²⁰¹. Isto significa que apesar de os missionários serem escassos em número e não terem mobilidade, e de ter sido imposto aos mercadores portugueses um controlo apertado da sua actividade, até ao ano de 1639, data em que foram expulsos do Japão, foram chegando à Europa notícias redigidas por missionários no território. Estes textos seguiam a tipologia utilizada há quatro décadas, a qual servia a estratégia editorial das ordens missionárias e, no entanto, não foram impressos.

Assim a questão não parece residir na ausência de notícias mas no desinteresse por essas notícias. Tanto assim é que os dois sucessos que tiveram impacto

¹⁹⁸ *Ibidem*, fl.18v.

¹⁹⁹ Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, p.248-249, p.696 e ss.

²⁰⁰ Representativas das extensas missivas enviadas do Japão são as cartas enviadas por Cristóvão Ferreira de 22 de Março de 1632, e uma outra de Sebastião Vieira a 18 de Fevereiro de 1633 in León Pagés, *Histoire de la Religion Chretienne au Japon depuis 1698 jusqu'à 1651 comprenant les faits relatifs aux deux cent cinq martyrs beatifiés le 7 juillet*, vol.II, Paris, Charles Douniol, 1870, p.369-317; pp.376. Por último, refiram-se os fragmentos de relações enviadas por Fr Diego de San Francisco publicados por Lourenzo Pérez, *Relaciones de Fr. Diego de San Francisco sobre las presuciones del Cristianismo en e Japón (1625-1628)*, Madrid, Gabriel López del Horno, 1914 [sep. de Archivo Ibero-Americano, II-V].

²⁰¹ Francisco Rodrigues, *Catalogo de' Religiosi della Compagnia di Giesv, che furono tormentatii. E fatti morire nel Giappone per la fede di Christo l'Anno 1632. e 1633. Cauato dalle Lettere annue, che sono arriuate quest'anno 1635. In Lisbona con la naue Capitana dell' India Orientali*, Roma, Francesco Corbelletti, 1636. Veja-se ainda a ocorrência da mesma indicação no texto impresso de autoria jesuíta, não identificada, publicado no ano seguinte: *Relacion de los svcessos qva Ha tenido la Iglesia de Iapon, desde Setiembre 1632. Hasta 20. De Febrero 1634. Ponese el martyrio de 39. Martyres Religiosos de las quatro sagradas Religiones que ay en Japon. I de mas de 160. Iaponeses, que por nuestra Santa Fé dieron gloriosamente sus vidas. Sacada de las cartas que los Padres de la compañía de iesvs de Filipinas embiaron a los Padres desta Prouincia de Nueva España este año 1635. Dase assi mismo cuenta del buen estado en que quedaua aquella Iglesia, y el Progreso de la china, y tonquin el Año de 1634*, Barcelona, Pedro Lacaualleria, 1637.

determinante no desenvolvimento da cristandade nipónica foram imediatamente impressos após a sua ocorrência. Trata-se da notícia referente à rebelião ocorrida na península de Shimabara (1637-38), e o texto relativo ao episódio que passou a ser denominado de «embaixada mártir». Estes acontecimentos, noticiados pouco tempo após a sua ocorrência, foram objecto de publicações exclusivas²⁰². Este facto explica-se pela dimensão das práticas anticristãs que encerram, mas sobretudo pelas suas consequências definitivas no relacionamento entre a Europa Católica e o Japão. A rebelião de Shimabara (1637-1638), que se estima ter congregado acima de 37.000 mil homens e que se prolongou durante quatro meses, acabaria por desencadear a decisão de expulsar os mercadores portugueses do Japão em 1639. A rebelião foi antes de mais a reacção de uma população camponesa, que à semelhança do que se passava no resto do Japão, era assolada pela fome (consequência de sucessivos maus anos agrícolas e da exigência pelos respectivos senhores da escassa produção ser direccionada para as cidades castelo e para Edo), mas que, neste caso em particular, era sobrecarregada por uma excessiva cobrança de impostos pelas autoridades locais (Matsukura Shigemasa e Terazawa Hirotaka). Porém, a população da região era maioritariamente cristã, pois Arima sempre fora o baluarte da Cristandade nipónica, e tal como confirmam os jesuítas, entre os revoltosos foram avistados símbolos cristãos, nomeadamente estandartes, a população entoara cânticos católicos... Por isso foi lida pelo *bakufu* como uma revolta cristã²⁰³. Além disso, não equacionando o *bakufu* a possibilidade de a

²⁰² Sobre a revolta de Shimabara veja-se Duarte Correia, *Relação do Levantamento de Ximabara, e do seu notavel cerco, e de varias mortes dos nossos Portuguezes pela Fè. Acrecentase outra da Iornada que Francisco de Sousa de Castro fez ao Achem, em que tambem se apontão varias mortes de Portuguezes naturais desta cidade, & de outras do Reyno, em defensão da nossa santa Fè Com alguãs vitorias alcançadas depois da felice aclamação delRey nosso Senhor contra nossos inimigos no estado da India. Escrito por ..., familiar do S. Officio, natural de Alenquer, estando preso por confissão da Fe, pela qual deu a vida em fogo lento*, Manuel Silva, Lisboa, 1643. Citem-se ainda as referências à rebelião em António Francisco Cardim, *op.cit.*, fl. 18-20. Também António Francisco Cardim é responsável por um texto dedicado em exclusivo à «embaixada mártir»: António Francisco Cardim, *Relação da Gloriosa Morte de Qvatro Embaixadores Portuguezes, da Cidade de Macao, com sincoenta, & sete Christãos de suã companhia, degolados todos pella fee de Christo em Nangassaqui, cidade de Iappão, a tres de Agosto de 1640. Com todas as circvnstancias de sua Embaixade, tirada de informações verdadeiras, & testemunhas de vista. Pello Padre Antonio Francisco Cardim de Iesv Procurádor géral da Prouincia de Iappão*, Lisboa, 1643. Esta relação foi objecto de várias reedições, registando-se na década de 1640 um total de 9 edições: Lisboa, Rouen e Lille em 1643; Antuérpia em 1646; duas edições em Roma, uma em vernáculo outra em latim no ano de 1646, e de novo em Lisboa em 1650. Uma das edições registadas no inventário não tem indicação do impressor e do local.

²⁰³ Sobre a questão, amplamente tratada da historiografia, mencionam-se os trabalhos dedicados apenas à análise do acontecimento: Masaharu Anesaki, “Prosecution of Kirishitans after the Shimabara Insurrection” in *Monumenta Nipponica*, I, 2 (1938), pp.1-8; Joseph Sebes, “Christian Influences on the Shimabara Rebellion” in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XLVIII (1979) pp.136-148; ŌHASHI Yukihiro, “New Perspectives on the Early Tokugawa Persecution...”, pp. 46-82; Ōhashi Yukihiro, «The Revolt of Shimabara-Amakusa», *BPJS*, 20 (2010), pp.71-80.

rebelião ter resultado de um movimento espontâneo da população, assumiu como certo o auxílio dos mercadores portugueses, desde sempre aliados dos missionários e da causa cristã. O argumento encontra-se explicitado no édito que proibia estes mercadores daí em diante aportarem no Japão – detendo responsabilidades no sucedido eram expulsos do território²⁰⁴. Na sequência desta determinação os mercadores sediados em Macau, por intermédio do Senado, enviaram uma embaixada ao *bakufu* com o objectivo de pedir-lhe que retomasse a actividade comercial com os portugueses. Ficou conhecida por «embaixada mártir» pois dos quatro embaixadores e cinquenta e sete cristãos que compunham a comitiva, apenas treze homens foram poupados à morte, os quais foram reencaminhados para Macau com o objectivo de testemunhar o sucedido. A propósito do desfile dos condenados até ao local de execução, o jesuíta António Francisco Cardim afirmava:

«A gente que estaua pelas ruas para os ver, era innumeravel, & toda a de Nangasachi mostrava grandíssimo sentimento por sua morte, mas ninguém ousou a falar com elles: tinham lhes pelas ruas barcas de agoa em muitas paragens com porçolanas, pera se quiessem beber, mostrando cõ aquelle piedoso officio, que os seruião no que podião»²⁰⁵.

Naquela que constituiu a última notícia impressa sobre práticas anticristãs, fazia-se eco do sucesso da política de erradicação do Cristianismo levada a cabo pelo *bakufu*.

Simultaneamente ao crescente desinteresse pela publicação das notícias assistiu-se à valorização de um outro tipo de narrativa sobre a missão do Japão. O texto missionário impresso transitou de uma narrativa centrada nas práticas anticristãs para uma retórica laudatória e de teor místico sobre os padecimentos sofridos no martírio a que os cristãos eram sujeitos. A biografia dos missionários executados ganhou preponderância. O martírio do jesuíta Francesco Marcelo Mastrilli (1603-1637) foi sem dúvida o mais publicitado, sendo a sua história biografada por seis jesuítas com várias edições e em diversos locais da Europa. Mastrilli foi biografado pelos jesuítas Inácio

²⁰⁴ O édito encontra-se transcrito na íntegra na impressa. António Francisco Cardim, *Elogios E Ramalhete de Flores borifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu, a quem os tyrannos dos Imperio de Japão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica. Com o Catalogo de todos os Religiosos, e seculares, que por odio da mesma Fè forão mortos naquelle Imperio até o anno de 1640*, Lisboa, Manuel Silva, 1650, fl.18.

²⁰⁵ *Ibidem*, fl.354.

Stafford, Leonardo Cinami, Juan Eusebio Nieremberg e Nicolau da Costa, em publicações dadas à estampa entre 1637 e 1640. Também neste intervalo de tempo, foi publicada uma outra obra redigida por um eclesiástico de quem apenas se sabe residir à data em Saragoça. Numa escala mais modesta, foram igualmente publicitadas as execuções do jesuíta Carlos Spinola (1564-1622)²⁰⁶, ou a dos dominicanos Antonio Gonzalez, Guillermo Cortet, Miguel Aozaraza e Vicente de la Cruz²⁰⁷. Este género panegírico foi continuando, ganhou dimensão, e tornou-se dominante. Em simultâneo, e na linha da biografia, consolidou-se o género martirológico: primeiro em edições que incluíam indivíduos mortos pela fé em vários locais para além do Japão²⁰⁸, depois em textos que diziam respeito exclusivamente às execuções em terras nipónicas²⁰⁹ e em catálogos de mártires²¹⁰. Alguns destas obras eram acompanhadas de gravuras que ilustravam os tipos de sofrimentos infligidos, numa estratégia de propaganda que reforçava o elogio dos biografados dada a dramatização do suplício²¹¹. Ainda no âmbito da apologia eclesiástica surgiram textos de cariz histórico sobre a evolução e a presença missionária no arquipélago. Todas as ordens missionárias preocuparam-se com este tipo

²⁰⁶ Fabio Ambrosio Spinola, *Vita Del P. Carlo Spinola Della Compagnia di Giesvù Morto Per La Santa Fede Nel Giappone Del P. Fabio Ambrosio Spinola dell'istessa Compagnia*, Roma, Francesco Corbelletti, 1628. O texto foi reimpresso em 1630, de novo em Roma, e na Antuérpia, e no ano de 1646 em Bolonha.

²⁰⁷ Domingo González, *Relacion del Ilvstrissimo Martyrio de los padres Fray Antonio Gonzalez, Fr Guillermo Cortet, Fr. Miguel Aozaraza, y Fr. Vicente de la Cruz, Religiosos de la Orden de N. P. S. Domingo, y dos Compañeros suyos seglares el año passado 1637. Compuesta por el Padre Fr. Domingo González Comissario del Santo Oficio de la Orden de N.P.Domingo*, Madrid, Diego Díaz de la Carrera, 1639.

²⁰⁸ Juan Eusebio Nieremberg, *Ideas de Virtvd en Algvnos Claros Varonoes de la Compañia de Iesvs. Para los Religiosos della. Recopilados por el Padre Iuan Eusebio Nieremberg, de la misma Compañia*, Madrid, Maria de Quiñones, 1643.

²⁰⁹ António Francisco Cardim, *Catalogvs Regvlarivm, et Secvlarivm, Qvi in Iapponiae Regnis e à fundata ibi A S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia Abethnicis In odium Christianae Fidei Sub quatuor Tyrannis violenta morte sublatis sunt. Collectus A P. Antonio Francisco Cardim è Societate IESV Prouvinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Roma, Herdeiros de Corbelletti, 1646. Sem que assumo o título de martirológico, o catálogo cumpre essa função pela enumeração e identificação de mártires veja-se Felipe de la Madre de Dios, *Relacion Verdadera de vna carta, que el P. Fr. Felipe de la Madre de Dios Prouincial absoluto de la prouincia de Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, embiò al P. Fr. Bernardino de S. Idelfonso Prior deste Conuento de Nuestra Señora de Loreto de Granada, de los Martyres de la misma Orden, que ha padecido martyrio en el Iapon, por la fê Christo*, Granada, Vicente Alvarez, 1633.

²¹⁰ Em 1635 foi publicado um catálogo dos indivíduos martirizados entre 1632 e 1633. Cerca de dez anos mais tarde surgiu a primeira versão que apresentava uma relação de todos os missionários executados desde o início da missão. Cf. Francisco Rodrigues, *op. cit.*, e António Francisco Cardim, *Catalogvs Regvlarivm, et Secvlarivm, Qvi in Iapponiae Regnis e à fundata ibi A S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia Abethnicis In odium Christianae Fidei Sub quatuor Tyrannis violenta morte sublatis sunt. Collectus A P. Antonio Francisco Cardim è Societate IESV Prouvinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Roma, Herdeiros de Corbelletti, 1646.

²¹¹ António Francisco Cardim, *Fascicvlvs e Iapponicis Floribvs, svo adhvc Madentibvs sanguine, Compositvs A P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesv Prouvinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore. Qvi Legitis Flores Hos Legite, sic Qvoniam Positi Svaves Miscentvr Odores*, Roma, Herdeiros de Corbelletti, 1646.

de abordagem que, na segunda metade do século XVII, se tornou no género literário mais publicado²¹². Em síntese, num momento em que ainda continuavam a chegar à Europa notícias, ainda que pontualmente, o tipo de texto publicado modificou-se. As práticas anticristãs e os suplícios aplicados passam a constar no texto como um ornamento dos episódios em que as vítimas biografadas, sob inspiração divina, e portanto dando origem a vários fenómenos sobrenaturais, tudo padeciam. Tratava-se de ir ao encontro das tendências devocionais da Contra-Reforma e da sensibilidade Barroca²¹³. Levanta-se assim a questão de saber o que levou à alteração do discurso impresso na Europa, no qual o Japão continuou a ser objecto de interesse, embora os acontecimentos aí ocorridos tenham deixado de ser o aspecto central das narrativas.

Em 1643 foram executados os últimos missionários, todos membros da Companhia de Jesus. O grupo procurava desembarcar quatro anos depois de decretado o *sakoku*. O fim da presença de mendicantes data da década anterior²¹⁴. Os dominicanos Jacinto Ansalone e Tomás de San Jacinto tinham sido executados no ano de 1634; os agostinhos Miguel San José e Jihyōe Ochiai em 1637; enquanto o último franciscano de que se tem conhecimento, Francisco Barajas, fora sentenciado no ano de 1640. Entretanto, uma comitiva de quatro dominicanos disfarçados tinha procurado desembarcar no arquipélago, mas foram imediatamente capturados e executados (1637)²¹⁵. A impressão da notícia relativa à iniciativa daquele grupo de jesuítas estabelece a viragem definitiva no tipo de texto publicado pelas ordens missionárias sobre o Japão²¹⁶. Apesar de no texto missionário impresso que reporta a notícia todos os

²¹² Cite-se a título exemplificativo: Joseph Sicardo, *Christiandad del Japon, y dilatada persecución que padecio. Memorias sacras de los martyres de las ilustres religiones de Santo domingo, San Francisco, Compañia de Jesus; y crecido numero de Seglares: y con espezialidade del Orden de N. P. S. Augustin*, Madrid, Francisco Sanz, 1698. Diego Aduarte, *Tomo Primero de la Historia de la provincia del Santísimo Rosari de Filipinas, Iapon, y China, de la Sagrada Orden de Predicadores... Añadida por Fr. Domingo González.... Ysaca a luz.... Fr. Pedro Martyr de Buenacasa*, Saragosa, Domingo Gascón, 1693. Daniel Bartoli, *Dell' Historia della Compagnia di Giesv. Il Giappone Seconda parte dell'Asia*, Roma, Ignatio de Lazzeri, 1660. É representativo da importância da missão do Japão o facto de nesta história da Companhia de Jesus (a primeira a ser coligida em Itália), o caso nipónico ser objecto de um volume exclusivo, retratando a actividade dos jesuítas no arquipélago entre 1570 e 1640.

²¹³ Georg Elison, *Deus Destroyed...*, p.197.

²¹⁴ Seguimos as informações em Juan Ruiz-de-Medina, *El Martirologio del Japón...*, pp. 728 e ss.

²¹⁵ Eram eles António González, Guillermo Courtet, Miguel de Aozaraza e Vicente Shiotsuka. Reg 218, Domingo Gonçalves, *Relacion del Ilvstrissimo Martyrio de los padres Fray Antonio Gonzalez, Fr Guillermo Cortet, Fr. Miguel Aozaraza, y Fr. Vicente de la Cruz, Religiosos de la Orden de N. P. S. Domingo, y dos Compañeros suyos seglares el año passado 1637. Compuesta por el Padre Fr. Domingo González Comissario del Santo Oficio de la Orden de N.P.Domingo*, Madrid, Diego Dias de la Carrera, 1639, fl.6 e ss

²¹⁶ Pedro Marques, *Breve relatione della gloriosa morte che il P. Antonio Rubino della C. di G., visitatore della prov. Del Giappone, e Cina, sofferse nella città di Nangsachi dello stesso reno del Giappone, com XV altri Padri della m. Comp.Cioè il P. Antonio Capece, il P. Alberto Micischi, il P.*

participantes serem biografados, António Capece, um dos jesuítas que compunha o grupo, surge como a personagem principal do panegírico. O destaque atribuído ao missionário é logo referido no prólogo, como que avisando o leitor de que se tratava sobretudo de um elogio à sua pessoa. Além disso, muito embora o texto tenha sido redigido a partir de informações transmitidas por «Christiani Cinesi di gran credito, e degnissimi di fede, quali risederuano in Macao»²¹⁷, apresenta-se como um livro das virtudes dos biografados, supliciados e por fim executados.

Estes últimos jesuítas que aportaram em terras nipónicas cumpriam os planos do então visitador jesuíta Giovanni Antonio Rubino (1578-1643)²¹⁸. O visitador enviara dois grupos diferenciados de missionários para o Japão. O primeiro grupo, a que se refere o panegírico supracitado, foi capturado e sofreu inúmeros padecimentos durante cerca de um ano, sem nunca renegar a sua fé. O segundo grupo, que partira posteriormente, também foi imediatamente aprisionado, com a diferença de que todos renunciaram ao Cristianismo durante os tormentos infligidos. Destes não há notícia na imprensa missionária, devendo-se o relato do acontecimento à crónica japonesa Kirishito ki²¹⁹. Afastados os missionários do campo de acção, limitadas as relações nipónicas com o exterior aos holandeses, o acontecimento não tem qualquer eco na Europa.

Na segunda metade do século XVII, para lá das referências pontuais às diligências realizadas por missionários que insistiam em obter autorização de passagem para o arquipélago²²⁰, as notícias acerca do Japão transmitidas pelas ordens missionárias

diego Morales e il Padre Francesco Marquez, com tre secolari. Di marzo nel 1643, Roma, Herdeiros Corbelletti, 1652.

²¹⁷ *Ibidem*, fl. 41.

²¹⁸ António Rubino substituíra Manuel Dias da função de visitador. Em cartas, transcritas no texto impresso, afirma que sendo sua tarefa visitar, a missão do Japão não podia ser excluída. Pedro Marques, o autor da relação, aponta-o como o grande mentor da ideia. *Ibidem.*, fl. 53.

²¹⁹ *Kirishito-ki und Sayo-yoroku. Japanische dokumente zur missionsgeschichte des 17. Jahrhunderts*, tradução de Gustav Voss e Hubert Cieslik, Tokyo, Sophia University, 1940.

²²⁰ A título exemplificativo menciona-se a obra do agostinho Sebastião Manrique, *Itinerario de las Misiones que hizo el Padre F. Sebastian Manrique Religioso Eremita de S. Agustin Missionario Apostolico treze años en varias Misiones del India Oriental. Y al presente Procurador, y Diffinidor General de su Prouincia de Portugal en esta Corte de Roma. Con vna Summaria Relacion del Grande, y Opulento Imperio del Imperador Za-ziahan Corrombo Gran Mogol, y de otros Reys Infieles, en cujos Reynos assiten los religiosos de S. Agustin. Al Eminentiss. Señor, el Señor Cardenal Pallotto Protector de la Religion Agustiana*, Roma, Francisco Caballo, 1649. A obra, constituída por 89 capítulos num total de 470 fólios, disserta sobre as missões no império Mogor, no Bengala, da viagem do autor por Malaca ou pelas Filipinas. É aliás a propósito deste arquipélago que ocorre a referência ao Japão. Veja-se *op. cit.*, fl.277-282.

seguiram abordagens de cariz histórico, que relembavam um passado recente numa perspectiva apologética²²¹.

²²¹ Veja-se por exemplo a obra de Daniel Bartoli, *Dell'Historia della Compagnia di Giesu: Il Giappone: seconda parte dell'Asia*, Roma, Ignatio de'Lazzeri, 1660.

Cap. 2 «Tempo de calamidade»: A realidade punitiva dos cristãos a partir dos textos impressos missionários.

A expressão «tempo de calamidade»¹ usada pelo jesuíta Bonelli para descrever as vicissitudes da missão nipónica no ano de 1625 corresponde à realidade vivida por missionários e cristãos no período em análise. Apesar de até 1625/1626 a perseguição não ter sido sistemática, já antes tinham sido postos em prática mecanismos coercivos e punitivos que visaram a submissão dos cristãos. A pressão social, a violência física e a execução constituíram etapas ora diferenciadas ora sequenciais de um processo que, como se viu, se foi desenvolvendo em função da conveniência das autoridades locais, e que por fim ganhou a dimensão de uma política efectivamente extensível a todos os domínios.

Os convertidos ao Cristianismo foram o primeiro grupo religioso no Japão a ser condenado pela sua crença. Muito embora os seguidores das *ikkō ikki* (nomeadamente Ishiyama Hongaji) tenham sido perseguidos por Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi – objecto de massacres, e expostos a execuções como a crucificação ou queimados vivos – esses actos decorreram do facto de aquelas organizações religiosas se afirmarem como forças militares que se opunham à expansão militar das autoridades hegemónicas.

No entanto, a análise do conjunto de medidas aplicadas aos cristãos e o seu enquadramento no contexto da realidade punitiva nipónica encontra-se por fazer. A historiografia que se dedica ao sistema legal nipónico não aprofunda especificamente o caso dos cristãos². Os estudos sobre a presença cristã no Japão durante o primeiro período da perseguição – que vai desde o primeiro acto de hostilização aos nipónicos convertidos (1587) até ao estabelecimento da política de exclusão nacional (*sakoku*) que os conduziu à clandestinidade (1640) – também não analisam a resposta judicial nipónica face aos cristãos. Nas primeiras décadas de século XX predominaram os estudos de carácter monográfico sobre as grandes execuções ou o ímpeto persecutório em algumas comunidades em particular³. Mais recentemente, os estudos em torno dos

¹ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annve del Giappone de gl' anni Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII*, Francesco Coberletti, Roma, 1632, fl.80.

² Veja-se Carl Steenstrup, *A History of Law in Japan Until 1868*, Leiden, Brill, 1991; Petra Schmidt, *Capital Punishment in Japan*, Leiden-Boston-Colónia, Brill, 2001; Daniel V. Botsman, *Punishment and Power in the Making of Modern Japan*, Princeton, Princeton University Press, 2005.

³ O franciscano Diego Pacheco, Lorenzo Perez e Anesaki Masaharu foram os principais responsáveis por uma extensa produção acerca deste assunto. Vejam-se as referências na Bibliografia em anexo.

kakure kirishitan – cristãos que passaram a viver a sua fé de forma oculta com vista a garantirem a sobrevivência -, dedicam-se a um fenómeno mais tardio, distinto e da posterior às perseguições que aqui se analisam⁴. Surgiram ainda alguns estudos sobre o período das primeiras perseguições, embora não contemplem a análise da resposta penal nipónica quanto aos cristãos. Num trabalho centrado no final da presença portuguesa no Japão⁵, Valdemar Coutinho enuncia diferentes formas de suplício. Ruiz de Medina inventariou as execuções documentadas⁶. No relatório que elabora, compila toda a informação disponível sobre as partes envolvidas no processo de execução – por um lado, a data, o local e a autoridade responsável pela ordem de execução, por outro lado, a identificação da vítima explicitando o nome, idade, profissão, filiação e/ou relação de parentesco. Este seu trabalho é baseado em fonte missionárias, grande parte das quais é, aliás, analisada nesta dissertação. Por fim, George Elison, nas suas reflexões sobre a reacção nipónica ao Cristianismo, abordou um aspecto em particular da punição dos convertidos – o facto de as autoridades judiciais passarem a valorizar a apostasia em detrimento da tortura e da execução⁷.

No presente capítulo procura-se enquadrar a perseguição aos cristãos na política judicial nipónica. Os actos persecutórios foram descritos pelos missionários de modo exaustivo. O detalhe era não só reflexo da retórica barroca própria da época, mas também uma forma de conferir veracidade ao relato. Por essa razão procede-se à identificação das instâncias envolvidas e/ou responsabilizadas pelo processo judicial, examinam-se as medidas de coação impostas aos cristãos e avalia-se a evolução dessa resposta penal, questionando-se a sua novidade ou, pelo contrário, a sua continuidade no âmbito da tradição penal nipónica. Elaborado este quadro, centrado como se afirmou no

⁴ Em 1994 a revista *Japanese Religions* dedicou um volume temático ao tema «Kirishitan – Early Christianity in Japan», 19 (1994). Mais recentemente a questão tem sido objecto de ampla discussão por Peter Nosco. Do autor veja-se «Secrecy and the Transmission of Tradition. Issues in the Study of the «Underground» Christians» in *JJRS*, 20/1, 1993, pp.3-29; «The Experiences of Christian During the Underground Years and Thereafter» in *JJRS* 34/1, 2007, pp.85-97. De Stephen Turnbull veja-se “The Veneration of the Martyrs of Ikitsuki (1609-1645) the Japanese ‘Hidden Christians’” in *Martyrs and Martyrologies*, Diana Wood (dirg.), Oxford, Blackwell Publishers, 1993, pp.295 e ss; e do mesmo autor *The Kakure Kirishitan of Japan*, s.l., Japan Library, 1998. É de considerar ainda a obra de Ann M. Harrington, *Japan's Hidden Christians*, Chicago, Loyola University Press, 1993.

⁵ Valdemar Coutinho, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

⁶ Juan Ruiz-de-Medina, *El Martirologio del Japón, 1558-1873*, Roma, IHSI, 1999.

⁷ George Elison, *Deus Destroyed. The Image of Christianity in Early Modern Japan*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991, p.188-190.

primeiro momento da perseguição, até 1639, torna-se possível o estudo comparativo das medidas anticristãs durante todo o regime Tokugawa, até 1867⁸.

As descrições missionárias sobre as práticas anticristãs, impressas e difundidas na Europa em numerosas línguas e em grandes centros urbanos, não podem ter deixado de contribuir para a imagem que a Europa construiu sobre o Japão. Se os missionários tinham começado por divulgar na Europa quinhentista a imagem do japonês como um povo bélico mas civilizado, posteriormente, em Seiscentos, os relatos impressos transmitiam uma outra imagem – um nipónico brutal e desumano, propenso a execuções públicas e espectaculares. Ora, um dos argumentos apresentados pelas potências ocidentais no século XIX como justificativo para a necessidade de «ocidentalizar» o Japão e pressioná-lo a abrir ao exterior foi precisamente a acusação de barbarismo. O mesmo argumento serviu de pretexto moral para a assinatura de tratados desiguais entre as potências ocidentais e a nova ordem política entretanto estabelecida, o governo de Meiji⁹. Na parte final do presente capítulo questiona-se o possível impacto e contributo das descrições dos missionários para a construção da imagem estereotipada dos nipónicos que predominou então, e que condicionou a forma como se procurou em Oitocentos reatar as relações entre o Japão e o Ocidente.

2.1. Que cristãos foram perseguidos?

Esta análise do texto impresso pressupõe a clarificação do significado do termo «cristãos». Ōhashi Yukihiro tem vindo a chamar a atenção, de forma pertinente, para a necessidade de se especificar os distintos grupos sociais que comumente surgem referenciados na historiografia sob aquela denominação¹⁰. Referindo-se ao primeiro édito promulgado pelo regime Tokugawa (1612), que proscrescia os seguidores da seita dos *bateren* (termo nipónico que decorre da deturpação do vocábulo português «padre»), Ōhashi demonstra que o *bakufu* identificou como «sectários dos *bateren*» os

⁸ Recentemente foi descoberta documentação na biblioteca do Vaticano relativa às perseguições decorridas em Bungo. Trata-se de papéis de carácter administrativo respeitantes a todo o período Tokugawa. O seu estudo enquadra-se no desenvolvimento de trabalhos sobre a execução das directivas do xogunato ao nível local durante todo o período Tokugawa subsequente à primeira perseguição de cristãos. Esta informação foi cordialmente dispensada por Silvio Vito, envolvido no projecto de escrutínio daquela documentação, a quem agradecemos.

⁹ Daniel V. Botsman, *op. cit.*, pp.1-5.

¹⁰ Ōhashi Yukihiro, “New Perspectives on the Early Tokugawa Persecution”, in *Japan and Christianity. Impact and Responses*, John Breen e Mark William (dirg.), Londres, Macmillan Press, 1996, pp.46-47.

guerreiros pertencentes ao topo da hierarquia militar¹¹. Em diversos momentos, o texto impresso missionário corrobora esta afirmação. Em 1612 registava-se que as autoridades de Arima, “perseguitauano con tanto rigore il soldati nobili”¹². Estas perseguições foram as mais relevantes desse ano porque, como se referiu, Arima era um território maioritariamente habitado por cristãos, e por esse meio, Arima Naozumi, recém-empossado no seu domínio, procurava testemunhar a sua sintonia com as políticas do *bakufu*. Deste modo, o decreto de 1612 segue a linha anteriormente definida por Hideyoshi, o qual, no édito de 1587, expulsou os missionários do arquipélago e impôs restrições à adesão pelos guerreiros à seita dos *bateren* em função do rendimento dominial¹³.

Mas, mesmo nas perseguições subsequentes, a maior parte das referências nos textos impressos falam em “vassalos do tonó”, sendo que «tono» reporta-se, regra geral, a um nível hierárquico superior¹⁴, «senhor de alguma terra, ou *que* tem criados, ou renda»¹⁵. É compreensível que esta elite militar tenha sido o objecto preferencial da perseguição. Graças a um sistema de vassalagem consolidado, esta elite controlava o uso da força e tinha a seu cargo a exploração de boa parte dos recursos económicos. Era assim necessário «colocar um travão aos esforços desta classe de guerreiros convertidos para controlar sectores da população através da ideologia cristã»¹⁶.

Ōhashi afirma também que até à rebelião de Shimabara (1637-1638) a gente comum não constituiu alvo do *bakufu*, sob o pressuposto de que só a partir de 1638 os mandatos públicos passaram a fazer uso do vocábulo *kirishitan* revelando assim a intenção do regime em alargar o leque social dos perseguidos, isto é incluir todos os cristãos, mesmo os pertencentes às classes mais baixas¹⁷. O escrutínio do texto impresso não confirma porém esta asserção. A documentação missionária demonstra que, se em

¹¹ *Ibidem*, p.51.

¹² João Rodrigues Girão, *Lettera Annua del Giappone de M. DC. XII. Al Molto Reueren. Padre Claudio Acquaiva, Generale dela Compagnia di Giesv. Scritta dal P. Giouanni Roderico Giram, della medesima Compagnia di Giesv*, Roma, Bartolomeu Zannetti, 1615, p.63.

¹³ George Elison, *op.cit.*, pp. 117-119. Ōhashi Yukihiro, *op.cit.*, pp.51-53.

¹⁴ Por exemplo, Luís Pinheiro, *Relacion del Svcesso que Tvvo Nvestra Santa Fe En los Reynos Del Iapon, desde el año de seyscientos y doze hasta el de seyscientos y quinze, Imperando Cubosama. Dirigida a la magestad catolica del rey Filippo Tercero nuestro Senor*, Madrid, viúva de Alonso Martin de Balboa, 1617, fl.181.

¹⁵ *Vocabulario da Lingoa de Japão com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Jesu. Com Licença do ordinário, e Superiores em Nangasaqui no Collegio de Japão da Companhia de Jesus*, 1593, Mss, BA, 46-VIII-35, fl.510v.

¹⁶ Ōhashi Yukihiro, *op.cit.*, p. 53.

¹⁷ *Ibidem*, p. 46-60.

1612 é explicitado pelos missionários que sobre «la gente del Pueblo y ordinaria, ... aun no habluan los edictos»¹⁸, a partir de 1614 a perseguição estendia-se «a toda a Christiandade de Iapão»¹⁹, independentemente do grupo social. Os textos impressos que tratam a proibição de professar o Cristianismo por Hidetada em 1616 descrevem-na como abrangendo também toda a população: «por ningun caso, ni labradores, ni outra persona alguna, por baxa, y vil que sea dè esta ley, o la reciba»²⁰. Isto não significa que, na sequência destes éditos, os cristãos tenham sido perseguidos sistematicamente e em todo o território. Isto quer dizer, sim, que, desde o início, elementos de todos os grupos sociais foram perseguidos. O relato pormenorizado de algumas situações em particular confirma-o. É o caso de Fernão Guerreiro que, em notícias relativas aos anos de 1601/1602 e referindo-se a certas áreas na província de Bungo que se encontravam sob a administração do daimio Kato Kiyomasa, escreve o seguinte:

«hum bom numero de Christãos todos lavradores que serião como quatro mil ... quiseram fazer tornar atras, mas posto que era gente ignorante, & de pouco ser por algum tempo resistirão todos com constancia, ajudandoos para isso hum padre que alli estaua perto nas terras doutro senhor»²¹.

Em 1609, de novo no âmbito da perseguição desencadeada por Kato Kiyomasa, gente comum foi implicada na política do daimio. A alusão surge de forma indirecta, quando um grupo de oficiais da irmandade local foi intimidado pelos oficiais do daimio

¹⁸ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion qve huuo estos años contra la Iglesia de Iapon, y los ministros della. Sacada de carta anua, y de otras informaciones authenticas q truxo el Padre Pedro Morejon*, Saragoça, Juan de Larumbe, 1617, fl.21. Em diante esta obra será citado da forma abreviada *Relacion de la persecucion...*, seguida da numeração de fólio.

¹⁹ Gabriel de Matos, *Relaçam da Perseguiçam qve teve a Christiandade de Iapam desde Mayo de 1612. atè Nouembro de 1614. Tirada das cartas annuaes que se enuiarão ao Padre Geral da Companhia de Iesv. Composta pollo P. Gabriel de Matos da Companhia de Iesv, Procurador da China & Iapão, natural da Videgueira*, Lisboa, Pedro Craesbeck, fl.38v.

²⁰ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China, en la qual se continua la persecucion que ha auido en aqlla Iglesia, desde el año de 615. Hasta el de 19. Por el Padre Pedro Morejon de la Compañia de Iesus, Procurador de la Prouincia de Iapon, natural de Medina del Campo*, Lisboa, João Rodrigues, 1621, fl.63v. Em diante está obra será citada da forma abreviada Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, seguida da numeração de fólio.

²¹ Fernão Guerreiro, *Relaçam Annal [sic] das covsas qve fezeram os Padres da Companhia de Iesvs nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, cabo verde, Guine, nos annos de sesicentos & dous & seiscentos & três, & do processo da conuersão, & Christiandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de là vieram. Pelo padre Fernam Guerreiro da Companhia, natural de Almodouar de Portugal. Vay dividido em quatro liuros. O primeiro de Iapã. O II da China & Maluco. O III do Brasil, Angola, & Guiné.*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605, fl.29.

para comparecer numa cerimónia budista. Os missionários citam os elementos da confraria, referindo que o grupo optou por não o fazer, porque, sendo «della plebe, e senza arme facilmente possiamo esser violentati»²². Lembre-se que por édito, em 1588, Hideyoshi confiscara as armas à gente comum que por isso ficou condicionada e sem meios para se revoltar. Os exemplos multiplicam-se nas descrições sobre as consequências do édito de 1614. O senhor de Hiroshima, Fukushima Masanori (1521-1624) mandou proceder a inquéritos «por ser orden del Xogun», explicitando porém que «no tocassen sino en la gente comum, y aun esso por cumplimiento»²³. Outros relatos ilustram intimidações das comunidades locais pela força. Por exemplo, Pedro Morejon faz referência a uma rusga a uma comunidade nas imediações da fortaleza de Fukuoka (castelo Tsugaru) onde os soldados «entraron por las casas tomandoles los Rosários, Imagines, y las demas señales de Christianos: maltraton a vnos, desterraron a otros»²⁴. Já as listagens de indivíduos executados apresentadas nos textos impressos referem explicitamente plebeus, mercadores, e «cabeças del Pueblo»²⁵. Com o decorrer do tempo, multiplicam-se os exemplos de perseguição indiscriminada no impresso. Em 1624, na região do *Cami* (que englobava os centros urbanos Miyako, Fushimi, Osaka e Sakai), «poueri lauoratori» cristãos eram pressionados a renegar sob a ameaça de cobrança imediata de dívidas, sendo-lhes prometido o perdão das mesmas caso apostatassem:

«li Gentili vinti, tentatarono quest'altro mezzo di mandare a i Christiani tutti quelli, che haueuano d'hauer da loro; acciochè facessero istanza di esser pagati in quel giorno, e non potendo, rinegassero la Fede, e cosi fosse rimesso loro quanto doueuano»²⁶.

Segundo os missionários, em Nagasaki, no ano de 1625, uma medida idêntica terá abrangido a generalidade dos cristãos. O respectivo bugyō, Hasegawa Gonroku,

²² Luís Cerqueira, *Relatione della gloriosa morte fatta di sei Christiani Giapponesi per la fede di Christo alli vinticinque di Gennaro 1604 in Relationi della Gloriosa morte di nove Christiani Giapponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica nei Regni di Fingo, Sassuma, e Firando, mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesù in Giappone, nel marzo del 1609 e 1610 ad istanca di Simone Parlasca, Bartolomeo Cochi, Bolonha, 1611, p.19.*

²³ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.67.

²⁴ *Ibidem*, fl.83-84.

²⁵ Veja-se exemplos para todas as situações mencionadas em *Ibidem*, fl. 7, fl.193, fl. 210 e fl.221.

²⁶ João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone dell' Anno 1624. Al molto Reuerendo Padre Mvtio Vitelleschi Generale della Compagnia di Giesu*, Roma, herdeiros de Bartolomeo Zannetti, 1628, fl.61.

determinara que nenhum cristão poderia circular para lá de uma légua de Nagasaki, por mar ou por terra, sem antes renunciar à Fé. O jesuíta Bonelli testemunha que muitos foram assim privados de se dedicar ao comércio, o seu *modus vivendi*, ficando na miséria²⁷. Em notícias relativas ao início da década de 1630, regista-se a perseguição efectiva de lavradores de quem se obtinha a apostasia através da tortura:

«havendosi da trattare con poueri lavoratori, entravano i ministri di Satanasso per le case senza veru rispetto bastonando quelli che non volevano rinegare, e lasciandoli poi attaccatia ad vn trave in casa, ò in qual ch' arbore alla Campagna, per un pezzo: e non arrendendosi, li conducevan i alla casa del Governatores: dove prima con lusinghe, e poi con minaccie, l' esortauano ad apostatare: e non ottenendo quello che voleuano, li tormentavano nel modo che hora dirò»²⁸.

A informação compilada por Ruiz de Medina no *Martirologio del Japon* confirma também que a perseguição aos cristãos não dependia da sua condição social²⁹.

Partindo-se da evidência de que a gente comum foi envolvida na perseguição, embora não tenha sido o seu alvo preferencial, utiliza-se o termo «cristão» para um grupo de indivíduos que era perseguido pela sua crença religiosa, descriminando, sempre que possível, as diferenças decorrentes do estatuto social.

2.2. O Exercício da Justiça.

A centralização política empreendida pelos Tokugawa não se traduziu imediatamente na criação de uma estrutura judicial uniforme. De acordo com o sistema *bakuhan*, e em continuidade com a prática estabelecida no período *senogoku daimyō*, o exercício da justiça, e o conseqüente uso da violência, manteve-se a cargo dos dáimios, os quais detinham o direito legítimo de julgar e condenar os seus vassallos, inclusive

²⁷ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.11.

²⁸ Cristovão Ferreira, «Relatione della Persecvtioni, che ne gl'anni 1629 e 1630 si solleuò nel Giappone contro la nostra S. Fede», redigida a 20 de Agosto de 1631, in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX*, Roma, Francesco Corbelletti, 1635, fl.92.

²⁹ Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.273-759.

com a pena de morte, sem qualquer intervenção do *bakufu*³⁰. No entanto, o exercício da justiça nunca foi um direito exclusivo da elite militar³¹. A sociedade Tokugawa agregava várias unidades com uma orgânica própria dentro da organização político-administrativa do *bakuhan*. Em todas elas – fossem as casas dos guerreiros (*ie*), fossem as seitas budistas (*shū*), as unidades urbanas (*chō*) ou as comunidades rurais (*mura*) – havia dirigentes que garantiam a ordem dentro do grupo, a que se sobrepunham outras instâncias hierarquicamente superiores: os oficiais provenientes da estrutura administrativa do *bakufu*, a que correspondiam vários níveis de autoridade e de responsabilização, que nem sempre abrangiam o direito de punir.

No caso de haver envolvimento de dáimios, a justiça cabia aos inspectores principais do *bakufu* (*ōmetsuke*); os vassallos menores do *bakufu* ficavam sob a responsabilidade dos inspectores ordinários (*metsuke*); os não-guerreiros, isto é, a generalidade dos cidadãos, encontrava-se sob a autoridade dos governadores das cidades (*machi bugyō*); os governadores dos templos e santuários (*jisha bugyō*) tinham jurisdição sobre os monges e as monjas; os camponeses eram vigiados por governadores locais (*daikan*) os quais, em terras do *bakufu*, respondiam directamente aos governadores do domínio (*kanjō bugyō*)³². A jurisdição do senhor efectivo do domínio (templo ou dáimio) era transversal a todos os grupos sociais aí residentes. O sistema baseava-se assim numa hierarquia complexa que se reflectia numa pluralidade de jurisdições.

É assim natural que aos missionários escapasse o entendimento da organização judicial nipónica. *Grosso modo* utilizavam o termo «governador» para identificar uma autoridade que fazia uso da violência mas sem «autoridade para ... mandar matar»³³. Com o vocábulo «tono» referem-se, regra geral, a um nível hierárquico superior, que muitas vezes equivalia ao dáimio³⁴. Embora pouco rigorosos na identificação das várias

³⁰ Seguimos Carl Steenstrup, *op. cit.*, p.105, pp.150 e ss e John Owen Haley, *Authority without Power. Law and the Japanese Paradox*, Oxford, Oxford University Press, 1991, pp.44 e ss.

³¹ Daniel V. Botsman, *op. cit.*, p.60 e ss.

³² *Ibidem*, pp.69-70.

³³ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.64v.

³⁴ Por exemplo, Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.181. É da autoria de Luís Pinheiro uma das escassas descrições onde se procura esclarecer a a relação hierárquica entre as várias instâncias ao nível comunitário. O jesuíta refere que em cada grupo de 10/12 casas havia um indivíduo que respondia por eles – o «Yoya», sem dúvida a fonetização final do termo *kumi no oya*, isto é «grupo de vizinhos - , autoridade que por sua vez reportava, em caso de necessidade, a uma outra instância que Pinheiro denomina de «Otana» e que correctamente define como o responsável pela população que habitava na totalidade da respectiva rua onde se encontrava esse agrupamento. Porém, a partir deste nível de jurisdição o quadro que estabelece é indefinido. Continuando a sua descrição, Pinheiro indica que por sua vez este «otana» era obrigado em

instâncias jurisdicionais, as menções que lhes fazem confirmam o elevado grau de autonomia das instâncias judiciais, aspecto que parece indicar que o problema cristão não suscitou de imediato nenhuma alteração na estrutura judicial.

Parte substancial das pressões exercidas sobre os japoneses convertidos descritos pelos missionários desenrola-se no âmbito da estrutura familiar, dos agrupamentos de organização urbana (sistema dos quarteirões e das *goningumi*, isto é grupos de cinco famílias), e da comunidade local (*mura*). Fazia parte da organização civil da época, as unidades que compunham a colectividade vigiarem e assistirem-se mutuamente. O texto missionário ilustra, assim, que também no âmbito da perseguição aos cristãos, foi determinante o activismo da colectividade que, por esse meio, procurava escapar à prática, tornada corrente a partir do período dos *sengoku daimyō*, de responsabilização judicial de toda a colectividade³⁵. É este o sentido da explicação apresentada por Morejon quanto às consequências do martírio de dois cristãos em Nagasaki no ano de 1617, o qual resultou no aprisionamento de oito dos seus vizinhos, no registo em censos das respectivas mulheres, filhos e criados, e no confisco de todos os bens:

«Es costumbre de Iapon vsado en muchas Ciudades, de repartir las calles, y moradores dellas por decurias ... cõ obligaciõ de mirar cada vno como viuem los demas, y se guardan las leyes; porque si vno es malhechor, y los demas no lo remediã, o auisan, todos vienem a pagarlos»³⁶.

Se as atitudes em conformidade com as directivas, centrais ou do domínio, dispensavam a instância judicial hierarquicamente superior de actuar, isto é, de punir, é natural que se multipliquem exemplos na documentação missionária de comunidades empenhadas na regulação e intimidação dos seus habitantes à medida que se agravou a

caso de desordem a chamar um «ministro da justiça», ou até a dirigir-se a uma outra instância de justiça paralela, um «Oydor», o qual, no caso de falhar na resolução do conflito, podia ainda requerer a uma instância «suprema». Veja-se Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl. 21-22. Como se afirmou o texto deste jesuíta foi redigido na Europa, e fazendo uso de informação diversa. Dada a proximidade dos termos e das definições apresentadas, fica em aberto a hipótese de Pinheiro ter utilizado o relato do mercador Bernardino Avila Girón, mercador do qual J.S.A. Elisonas faz precisamente uso para explicar a organização civil de Nagasaki. Cf. J.S.A. Elisonas “Nagasaki: The Early Years of an Early Modern Japanese City” in *Portuguese Colonial Cities in the Early Modern World*, Liam Matthew Brockey (dirg.), Ashgate, 2008, pp.87-88.

³⁵ Sobre a extensão da punição a outros membros do grupo *vide* John Owen Haley, *op. cit.*, p.61; Carl Steenstrup, *op. cit.*, p.106 e Daniel V. Botsman, *op. cit.*, pp.71 e ss.

³⁶ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.98.

política anticristã do regime Tokugawa. Os exemplos citados reportam-se maioritariamente à região do *Cami*, ou seja aos grandes centros urbanos – Miyako, Sakai, Fushimi e Osaka –, o que se explica pelo facto de o número de cristãos aí existentes ter sido sempre mais reduzido e de as comunidades cristãs que aí viviam estarem mais isoladas e, por isso, mais vulneráveis. Precisamente por essa razão, o agravamento da perseguição levou a que muitos optassem por se refugiar em Nagasaki, o lugar por excelência de reunião de cristãos, onde a denúncia pelos membros da colectividade era menos provável.

Tal não significa que não tenham ocorrido situações de pressão por parte das comunidades em Kyūshū. O que se torna patente é que aqui as comunidades não enveredaram com tanta facilidade pela punição física, valorizando sobretudo a obrigação de se assinar uma declaração onde se afirmava que não era cristão. Em Chikuzen em 1614, «Juntos ali os Christãos no riguroso exame, que deles fizerão, tornarão atras alguns assinãdose no liuro, que li tinhão pera isso; outros *que* se não quizerão assinar, seus parentes & amigos Gentios por força fizeram por eles assinados falços...»³⁷.

Os missionários registam por parte de parentes, vizinhos e gente da mesma rua, comportamentos que oscilavam entre a mera tentativa de persuasão com vista a renúncia ao Cristianismo (a atitude mais citada)³⁸ e o uso efectivo da violência, com procedimentos e desfechos variados, apontando assim para a multiplicidade dos processos. Em Higo a propósito da fuga de uma criança cristã, apercebendo-se «los vezinos que no parecia Luys, ... entraron en sospecha de que su padre le auria embiado fuera, por no entregarle a la justicia: con este se amotino toda la calle cõtra el»³⁹. No Miyako duas ruas enfardelaram os que persistiam em não apostatar – «punhão nos huns sobre os outros, como fardos de arroz, ou sacos de trigo, no meyo da rua sobre a neue, que então chuui» – na tentativa de os obrigar a renegar⁴⁰. Esta prática de enfardelamento surge frequentemente citada, com variantes que podiam abranger a exposição pública ou prolongar-se no tempo. Em alguns casos os cristãos acabaram por

³⁷ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.56v

³⁸ Veja-se a título exemplificativo a seguinte passagem «tanto, & mayor era o cuidado, & diligencia não somente dos parentes, & uezinhos, & amigos Gentios, mas também de outros de que estes se ajudauão pera os desuadir, & peruerter, pedindo-lhes que só no exterior retrocedessem, & não quisessem ser tão cruéis // contra seus filhos, & parentes, pôdo todos a perigo de se perder.» *Ibidem.*, fl.41-41v.

³⁹ Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.119.

⁴⁰ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.43.

ser libertos e desterrados⁴¹, noutros a punição final acabou por ser remetida para os oficiais do *bakufu*. É o caso da situação reportada em Fushimi onde, após o governador da cidade entregar um cristão «aos da sua rua» para o demoverem do seu propósito, estes o atormentaram publicamente «sinco dias, & sinco noites, ao sol & a chuua», acabando por ser encarcerado⁴².

A importância das instâncias comunitárias no controlo dos cristãos manteve-se durante todo o período de perseguição ao Cristianismo. Porém, a análise dos textos missionários revela uma evolução nas funções que lhes foram atribuídas. Com o decurso do tempo as organizações comunitárias deixaram de funcionar como uma instância judicial com capacidade para regular e punir comportamentos não conformes com as directivas superiores. De facto, as descrições sobre o exercício da violência sobre os cristãos nesses níveis mais elementares da organização social desaparecem dos relatos impressos. Em contrapartida, os missionários dão conta de que as comunidades passaram a estar incumbidas de entregar à justiça todo aquele que fosse cristão, se dedicasse à prédica do Cristianismo, ocultasse religiosos ou cristãos em sua casa ou fosse conivente com aqueles que abrigavam cristãos, sob pena dele e respectiva vizinhança serem condenados à morte⁴³. Não obstante, a eficácia dessa responsabilização colectiva foi variável, uma subjectividade também presente no exercício da justiça. Os missionários referem que em 1619, no Miyako, terão sido aprisionados 36 indivíduos – «artefici principal» – todos pertencentes a determinada rua⁴⁴. Em 1626 «quattro huomi scelerati desiderosi di far danno à vn Christiano, e distruggere com quello tutti i vicini fatto vn libro d'accuse lo portorno al Governatore»⁴⁵, o que demonstra a eficácia da responsabilização colectiva. Já em 1627

⁴¹ Veja-se, a título exemplificativo, a seguinte passagem: «Aos outros seis tirarão fora dos sacos, & deixarão liures, por não poderem com elles, nem auer ordem para os matar, & assi se virão desterrados para esta Cidade [Nagasaki] onde ao presente estão», *Ibidem*, fl.51v.

⁴² *Ibidem*, fl.48-48v.

⁴³ Exemplos das situações referidas encontram-se em Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.99; João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone Dell' Anno 1624...*, fl.7, fl.28 e fls.78-81.

⁴⁴ Gaspar Luís, «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» redigida em Macau a 1 de Outubro de 1620 in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.58-59.

⁴⁵ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.18.

uma «villa» nas imediações de Shimabara seria alvo de punição caso não entregasse às autoridades um cristão fugitivo⁴⁶.

Se as comunidades perderam a sua capacidade de regular e punir, elas viram reforçada a função de vigiar. O texto missionário testemunha que as estruturas comunitárias passaram a policiar os cristãos por determinação do *bakufu* e das autoridades locais, uma determinação que as implicou na política de perseguição. Elisonas vai ao encontro desta ideia quando afirma que um dos principais objectivos do estabelecimento da organização das *goningumi* em Nagasaki foi a erradicação do Cristianismo⁴⁷.

No âmbito desta função da comunidade, os missionários citam o encargo de vigiar mulheres cristãs libertas do cárcere. Em Dewa umas cristãs foram retiradas da prisão e entregues à vigilância dos vizinhos⁴⁸, e situação idêntica ocorreu na província de Semboku⁴⁹. Outro exemplo referido na documentação é a decisão de Takenaka Uneme, o qual exerceu funções de bugyo a partir de 1629, de aprisionar em casa os cristãos identificados pelo seu antecessor (Mizuno Kawachi), sendo da responsabilidade de parentes, amigos e vizinhos denunciar qualquer tentativa de evasão⁵⁰.

Mas o tipo de vigilância comunitária que predomina na documentação impressa é aquele que se relaciona com a delação. As recompensas individuais por denúncia acabaram por modificar o papel desempenhado pelas comunidades. A tranquilidade comunitária que fora, como se afirmou, o princípio orientador do exercício da justiça pelas comunidades locais desde o início da hostilização aos cristãos deixou de ser o principal motivo de denúncia pela comunidade. O sistema de recompensas foi estabelecido no ano de 1616, aquando da emissão de um novo decreto anticristão por Hidetada – «En la Corte de Yendo se puso vna cantidad de plata en premio para quien

⁴⁶ Cristovão Ferreira, «Relatione della persecutione solleuata nell Tacacu contra da S. Fede, nell' anno 1627» in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Roma, Francesco Corbelletti, 1632, fl.314.

⁴⁷ J.S.A. Elisonas “Nagasaki: The Early Years of an Early Modern Japanese City”..., p.90.

⁴⁸ Veja-se a seguinte referência: «Steterro in vn' altra prigione per vn mese le mogli... quando all' improviso furono chiamate dalle guardie, per esser condotte in varie case ad esser custodite, como se suole in questi paesi, dal vicinato.». Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.88.

⁴⁹ *Ibidem*, fl.109.

⁵⁰ Cristovão Ferreira, «Relatione della Persecvtioni, che ne gl'anni 1629 e 1630 si solleuò nel Giappone contro la nostra S. Fede», redigida a 20 de Agosto de 1631 in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX...*, fl. 90-91.

descubriese algun Christiano»⁵¹. Esta estratégia surtia eficácia porque, como explica Morejon, a dita

«cãtidad auian de pagar los vezinos de la calle dõde el tal Christiano fuesse descubierto (traça, è inuenciõ del demonio;) porque igualmente vnos por codicia del dinero los buscauan, y los vezinos, por no perderese, los echauan de su calle, y casas, y ellos mismos por no hazer mal a sus amigos, eran forçados a desterrarse, sin poder hallar quien ni por vna noche les prestasse casa»⁵².

No relato dos acontecimentos de 1618 existem vários testemunhos de que este sistema de recompensa fora praticado com sucesso em Nagasaki. «Con tutto ciò la Maggiore ruina fù vna ragunata [reunião], e ciurma di gente infame, quale per asquistarso il premio scritto di già l' anno passato, fece estreme diligenze, & astutie, per ritrouare in ogni buco, e cantone i religiosi, e ministri di Christo»⁵³. Também a captura do padre jesuíta Jeronimo de Angelis resultou de uma denúncia por um bonzo (que depois de se ter convertido ao Cristianismo tornara a renegar) em troca de «mil ducados, y vn solar muy principal en la Corte»⁵⁴. Em Dezembro desse ano, após a grande execução pública em que morreu aquele jesuíta, foi anunciada em Edo a atribuição de um prémio aos que tinham denunciado os cristãos executados, e publicitava-se a promessa de uma retribuição idêntica a quem viesse a denunciar⁵⁵. Dois anos mais tarde, os missionários registavam a existência em Nagasaki de escravos denunciadores que pretendiam assim ser recompensados com a liberdade⁵⁶, e referem senhores que

⁵¹ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.64.

⁵² *Ibidem*, fl.64.

⁵³ Gaspar Luís, «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» redigida em Macau a 1 de Outubro de 1620 in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone....*, fl.3-4.

⁵⁴ Francisco Crespo afirma que «trato de acusar a los Christianios: cuyos secretos mas interiores auia penetrado como ladron de casa, assi del numero de los que auia en la Corte, como de los Padres que en ella estauã» recebendo em troca «mil ducados, y vn solar muy principal en la Corte». Vide Francisco Crespo, *Relacion de los Martyres que este Año passado de 1624. han padecido Martyrio por nuestra S. Fè, en la Corte del Emperador de Japon. Por el Padre Francisco Crespo, Procurador general de la Compañia de Iesus de las Indias Sacada de las cartas que han embiado el P. Prouincial, y otros religiosos dela misma Compañia, que están en ission en aquellos Reynos*, Madrid, Andres de Parra, 1625, fl.1-1v.

⁵⁵ João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.21.

⁵⁶ Veja-se o seguinte testemunho: «... Vn schiauo sospettãdo, che fosse stato battezzato vn nepote del suo padrono da vn nostro dogico, il quale sotto preteste di medicar la madre del fanciullo ammalata, haueua eseguito secretamente il tutto, voleua per acquistar // la liberta accusar il Padrone [o patrão/senhor]. Carta

dispensavam os servicais para poderem manter-se cristãos⁵⁷. Muitos missionários foram denunciados por espiões: os jesuítas Giovanni Mattei⁵⁸, Francisco Pacheco⁵⁹ e Baltazar Torres⁶⁰; o agostinho Frei Bartolomeu Gutierrez⁶¹ ou ainda o franciscano Frei Pedro da Assumpcion⁶².

Por isso, muito embora as fontes japonesas refiram que este sistema foi implementado nos territórios controlados pelo *bakufu* em 1633, tornando-se extensível a todos os territórios em 1638⁶³, os textos impressos missionários atestam que esta prática fora anteriormente usada em diversas localidades, algumas das quais se encontravam sob a autoridade do *bakufu* – era o caso de Nagasaki. A sua eficácia foi maximizada pela espectacularidade da execução pública. Cite-se, a título meramente exemplificativo, que após uma execução pública em Edo em Junho de 1624 alguns indivíduos «Mosse [movidos] tanto li Gentili questo // spettacolo, che piene i paura, andorno a scoprire al Gouverntore molti Christiani da loro conosciuti»⁶⁴. De qualquer forma, a institucionalização da denúncia pelo *bakufu* nos seus territórios traduziu-se num maior número de denúncias. Logo em 1633 foram presos, em Nagasaki, dez padres jesuítas e um irmão, e um outro padre em Edo, reduzindo para seis o número de jesuítas que permaneceram ocultos⁶⁵.

O facto de o texto impresso testemunhar que as comunidades perderam prerrogativas – regular e punir – e foram implicadas na política de perseguição ao terem

ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.20-21.

⁵⁷ João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.78-81.

⁵⁸ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.84.

⁵⁹ Pedro Morejon, «Relatione della Gloriosa Morte di Nove Religiosi della Compagnia de Giesv, e di altri, nel Giappone» redigida em Macau a 31 de Março de 1627 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.116-120.

⁶⁰ *Ibidem*, fl.114-115.

⁶¹ Cristovão Ferreira, «Relatione della Persecvtioni, che ne gl'anni 1629 e 1630 si solleuò nel Giappone contro la nostra S. Fede», redigida a 20 de Agosto de 1631, in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX...*, fl.139-149.

⁶² Melchor Manzano de Haro, *Historia del insigne, y excelente martyrio qve diez y siete religiosos de la Prouincia del santo Rosario de Filipinas, de la Orden de Santo Domingo, padecieron en el populoso Imperio de Iapon, por la predicacion del Santo Euangelio de Iesu Christo nuestro Dios. Por el R. P. Fr. Mechor Mançano de Haro, Comissario del santo Oficio en dichas Islas, Prouincial que fue de la misma Prouincia, y Vicario general de la de santa Catalina Martyr de Quito. Colegida de relaciones fidedignas embiadas del dicho Imperio de Iapon, y de testigos oculares que assitieron al dicho martyrio l'ano MDCXIV*, Madrid, Andrés de Parras, 1629, fl.4.

⁶³ Ōhashi Yukihiro, *op. cit.*, pp.49.

⁶⁴ João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.31-32.

⁶⁵ Jurgis Elisonas, “Christianity and the Daimyo” in *CHJ*, vol. IV, *Early Modern Japan*, John Whitney Hall (coord.), Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p.369.

de garantir o policiamento imposto pelo *bakufu*, evidencia o endurecimento da atitude do regime Tokugawa face cristãos. Esta situação é ainda ilustrada por uma narrativa acerca do exercício da justiça que refere um novo quadro judicial, mais burocratizado, no qual o cristão, atravessando diversas etapas, era exortado a renegar. Faz-se menção a «ministri» / «ministri principali», «vfficiali» / «officiale di giustitia molto principale»⁶⁶, «Giudice» / «Presidente»⁶⁷ e a «ministri dell' Imperatore», este uma instância judicial superior existente nos domínios sob a administração de dáimios⁶⁸. É impossível distinguir correctamente as diferentes atribuições de cada um destes elementos, embora as diferentes palavras ilustrem a complexidade da estrutura judicial e o rigor da perseguição. Neste contexto, sobressai a figura do *bugyo*, que ganha grande protagonismo, e percebe-se que Nagasaki foi elevado a centro do processo persecutório, o qual se burocratizou. O interrogatório dos acusados, por vezes público, passa a ser consecutivamente mencionado, reflectindo assim o poder judicial efectivo daquele oficial. Não obstante, os interrogatórios acabariam por ser abandonados por directiva do *bakufu*, o qual acabou por considerar que o método não só não proporcionava resultados práticos, mas, mais grave, com frequência criava dúvidas aos interlocutores não cristãos, responsáveis pela tarefa, sobre a veracidade do Cristianismo, o que era considerado «completamente contrário à moral»⁶⁹.

As informações dos missionários sobre as instâncias judiciais envolvidas nas perseguições são sucintas, apenas referidas em narrativas centradas noutros temas. Ainda assim, da análise do texto impresso infere-se uma alteração dessas estruturas, e o importante papel desempenhado pelas comunidades em todo processo, no qual só tardiamente intervém o *bakufu*.

2.2. O Repositório das Práticas Anticristãs.

⁶⁶ João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl. 40-42.

⁶⁷ André Palmeiro, “Relatione della Persecvzione mossa contra la fede di Christo. Da Viecuqui Danion in Ionezaua, e nell’ altre Terre deli” redigida a 2 de Julho de 1629 in *Relatione delle Persecvzioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl’ anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX...*, fl.80.

⁶⁸ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl’ Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.38.

⁶⁹ *Kirishito ki ki / Notas sobre os Cristãos* citado a partir de Ōhashi Yukihiro in “Orthodoxie, hétérodoxie et *Kirishitan*: maintien del’ordre et prohibition du Christianismo dans le Japon moderne” in *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11 (2009), p.148.

Quanto ao exercício das penas, a informação existente na documentação impressa é prolixa e minuciosa. A sua análise permite a identificação de tendências nas práticas persecutórias, confirma a falta de zelo no cumprimento das ordens do *bakufu* e comprova a grande liberdade de acção das diferentes hierarquias responsáveis pela ordem pública e pela punição até 1625/1626, momento em que, como se referiu, a perseguição se torna sistemática.

O texto missionário impresso na Europa seiscentista é, de facto, um verdadeiro repositório para o conhecimento de práticas anticristãs. A partir do momento em que o *bakufu* deu início à sua política anticristã, em 1612, as penas aplicadas aos cristãos tornaram-se um dos temas principais dos relatos missionários. A partir da promulgação do édito de 1614, o assunto passou a dominar a narrativa. No caso particular dos jesuítas, os missionários mantiveram o método de escrita que, de acordo com o princípio da sua regra, utilizavam para descrever o trabalho evangelizador. Porém, adaptaram-no à nova realidade, concentrando-se na descrição detalhada dos castigos infligidos. Regra geral, após uma breve notícia sobre a quem pertencia o domínio (que passava pela indicação se era ou não favorável ao Cristianismo), descreviam as medidas estabelecidas pelas autoridades com vista ao cumprimento do estabelecido pelo *bakufu*, as privações impostas aos que não obedeciam, e por último as penas aplicadas aos que resistiam⁷⁰. As execuções massivas foram também descritas detalhadamente. Por exemplo, as execuções de 55 indivíduos em Nagasaki (1622), e de 73 cristãos em Ōmura (1630) obedecem ao mesmo padrão narrativo⁷¹. Em ambos os casos, são apresentados dados biográficos de todos indivíduos, explicando-se o respectivo contributo na progressão da Cristandade, reproduzindo-se ainda os supostos diálogos entre executados e executantes⁷². Como se afirmou, o detalhe mantém-se não só porque era característica da retórica barroca, mas também porque conferia veracidade ao relato.

⁷⁰ Gabriel de Matos e Pedro Morejon são dois dos autores que organizam a narrativa dedicando *grosso modo* cada capítulo a uma região em particular. Gabriel de Matos, *op. cit.*, e Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 43 e ss.

⁷¹ Relativamente à execução em Nagasaki no ano de 1622 *vide* Gironimo Maiorica, «Lettere Dell Anno 1621. e 1622» in *Lettere Annve del Giappone dell'anno MDCXXII E della Cina del 1621. & 1622...*, fl. 19-34. A descrição de execuções de Ōmura, apesar de se referirem ao culminar da perseguição, são bastante detalhadas. Veja-se Cristovão Ferreira, «Relatione della Persecvtioni, che ne gl'anni 1629 e 1630 si solleuò nel Giappone contro la nostra S. Fede», redigida a 20 de Agosto de 1631, in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX...*, fl. 132-139.

⁷² Pedro Morejon, por exemplo, aplica estes dois tipos de abordagem num mesmo texto. Cf. Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion ...*, fl. 167-179, fl. 189-231.

2.2.1. *Arbítrio e Dissimulação*

A minúcia dos relatos missionários transmite uma imagem de arbitrariedade relativamente ao cumprimento das ordens do *bafuku*. Num mesmo domínio, os cristãos eram tratados de formas diversas pelas autoridades. Se em alguns casos era aplicada a pena de morte⁷³, noutros retirava-se as exigências de abjuração⁷⁴; por vezes simplesmente dissimulava-se, nalguns casos por se tratarem de importantes vassallos, mas nem sempre⁷⁵. Os missionários entendiam que a discricionariedade das autoridades se devia ao estatuto social dos cristãos, alguns dos quais eram membros da elite militar que interessava preservar. Porém, certos relatos referem explicitamente o recuo na execução das práticas anticristãs aplicadas a outros grupos sociais. O jesuíta Pedro Morejon refere que do:

«mismo ardil vsaron Safioye [Hasegawa Fujihiro Sahyōe], y los Capitanes cō los demas cabeças del Pueblo: ... despues de auer ... sido amarrados, los sacauan fuera, dizendo y publicando que ya auian negado la Fè, sin dexarlos dar razon de si, ni descubrir la falsedad y engane»⁷⁶.

A mesma arbitrariedade é referida na descrição das perseguições que o mesmo Sahyōe levou a cabo em Kochinotsu. Este oficial acabara por desistir de obrigar os cristãos daquela localidade a apostatar,

«porque como estauñ tan resueltos en sufrir qualesquier tormentos, antes que retroceder, o los auian de mandar martyrizar a todos: y esto era destruir el pueblo, o auian de quedar ellos [as autoridades] deshonorados, no saliendo con lo que pretendian»⁷⁷.

Esta ideia é consecutivamente reiterada nos impressos. Veja-se ainda o seguinte comentário do jesuíta Luís Pinheiro quando Arima Naozumi recua quanto a sua decisão

⁷³ Vejam-se, por exemplo, os capítulos que Luís Pinheiro dedica às execuções ocorridas em Arima, Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl. 178-188

⁷⁴ *Ibidem*, fl.89 e ss.

⁷⁵ *Ibidem*, fl.96.

⁷⁶ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 193.

⁷⁷ *Ibidem*, fl.153-154.

de executar certos cristãos no seu domínio de Arima, logo após ser empossado no referido território:

«...eran tantos los *que* se venian a manifestar por Christianos, *que* auisado el Tono *que* no auia quien no se declarasse por tal, y que hasta los *que* la auian negado, boluian en si, ... la tierra quedaria despoblada, y el Tono sin tener quien le siruiesse»⁷⁸.

Num momento bem tardio da perseguição, em notícias relativas a 1625, era afirmado que um cristão, conduzido às autoridades sob a acusação de prosseguir o trabalho evangelizador dos missionários, foi liberto «com ordine, che fosse custodito dal vicinato, conforme al solito sin' ad altro auiso, ma non passò molto, che egli fù liberato»⁷⁹.

A condescendência aplicada, quer a importantes elementos da comunidade quer a gente comum, remete para uma outra explicação complementar à apresentada pelos missionários: a de que a punição não foi sempre a primeira escolha das autoridades. Na verdade, algumas dessas autoridades não eram adversas ao Cristianismo – quando o eram, eram também mais propensas à punição e à execução.

Em certas circunstâncias, o desinteresse em punir resultava da necessidade de preservar a população dos domínios ligada à administração (vassalos) ou aos rendimentos agrícolas (gente comum) essencial à própria sobrevivência dos seus chefes militares⁸⁰. Esse desinteresse indicia ainda que parte significativa das autoridades não considerava os japoneses convertidos um problema. A prática punitiva que vigorava nos domínios decorria da vontade do respectivo senhor, e na medida em que remontava ao período dos *sengoku daimyō*, sinal daqueles tempos, era brutal e implacável; crimes «menores» eram punidos com a pena capital⁸¹. Se a punição severa não constou como a primeira acção contra os cristãos numa sociedade em que primava o castigo físico, é porque estes não foram tidos como prevaricadores pelas autoridades. Essa condescendência na punição dos cristãos não quadra assim com a afirmação de alguma

⁷⁸ Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.80.

⁷⁹ Carta anual de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.18.

⁸⁰ A mesma ideia é apresentada em Ōhashi Yukihiro, “New Perspectives on the Early Tokugawa Persecution”..., 1996, p.61, n.r. 24 e 25.

⁸¹ Carl Steenstrup, *op. cit.*, p 151

historiografia sobre o espírito de tolerância dos nipônicos no exercício da justiça, decorrente das suas tradições religiosas, fortemente influenciadas pelo Budismo⁸².

É também pela razão de os cristãos terem sido encarados como uma ameaça pelas autoridades que se explica que, à exceção das grandes execuções públicas (pontuais, e que serviam de aviso intimidatório aos que persistiam na fé), até bem tarde (1623), os cristãos, quando punidos, tenham sido executados em função do estatuto social e da posição hierárquica assumida no seio do respectivo grupo, em conformidade com a tradição penal nipônica. Ao tempo de Tokugawa Iemitsu esta deferência desapareceu, confirmando assim o endurecimento da política de perseguição.

Além do mais, a resistência inicial à execução de cristãos tem ainda de ser enquadrada na tendência de se procurar evitar o conflito, que se fazia sentir a outros níveis judiciais⁸³. Botsman demonstra que neste sistema social dos Tokugawa, baseado no estatuto e no privilégio, os dáimios dos domínios menores mostravam alguma relutância em aplicar penas, como a execução por suspensão/crucificação e a de se queimar alguém vivo, temendo que tal viesse a ser considerado um abuso de poder. Por essa razão, aplicavam penas menores ou procuravam o aval do *bakufu*, solicitando confirmação da sentença⁸⁴. Este tipo de comportamento foi também aquele que prevaleceu quanto à punição dos cristãos até 1625/1626.

A documentação impressa testemunha ainda que desde o primeiro momento era frequente propor-se aos cristãos que apenas dissimulassem a sua fé. São inúmeras as situações em que a proposta de «pollo menos no exterior deixassem de ser Christãos»⁸⁵ é apresentada como uma alternativa à condenação. Esta atitude coaduna-se com a tradição cultural nipônica, que valorizava a concordância do acto exterior com a regra, convivendo bem com o facto de a crença interior se lhe opor, não sendo assim escrutinada pelas autoridades. De facto, os missionários testemunham que a irrelevância da convicção interior era mesmo apresentada pelas autoridades como um argumento para persuadir o japonês convertido a dar um sinal exterior de renúncia. No texto impresso proliferam, contudo, exemplos de recusa dos cristãos, como é o caso da resposta dada por um «soldato nobile» em vias de ser condenado: «Quanto poi al modo

⁸² Veja-se Hajime Nakamura em *Ways of Thinking of Eastern Peoples. India, China, Tibert, Japan, Philip P. Wiener* (dirg.), Honolulu, University of Hawaii Press, 1964, pp.383-385. Veja-se também as considerações de John Owen Haley, *op. cit.*, p.41.

⁸³ Daniel V. Botsman, *Punishment and Power in the Making of Modern Japan...*, p.81.

⁸⁴ *Ibidem*, p.81-83.

⁸⁵ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.18.

da voi proposto, di potere io restar Christiano, e con la vita ... La Legge, che io professo non ammette [admite] sì fatte viltà, e dissimulationi.»⁸⁶.

Mesmo no auge da perseguição, a mesma proposta de apostasia pública é apresentada a alguns indivíduos, embora, ao contrário do que acontecia antes, com consequências mais dramáticas em caso de recusa. Assim, em Dewa, o dáimio Satake Yoshinobu, depois de ter assistido a execuções em Edo, ordenou ao seu vassalo «governador» que exterminasse os cristãos do seu domínio. Encontravam-se então aprisionados 42 indivíduos os quais antes da ordem da execução foram «più volte tentati, e pregati à mostrar almeno nell'esterno di abbadonar la fede»⁸⁷.

Naturalmente, esta atitude vai ser explorada pelos missionários com fins apologéticos, ilustrando como os cristãos optavam por continuar a sofrer pela sua fé. Mas o número de casos descritos no texto impresso não permite que estas situações sejam reduzidas a mera retórica de propaganda missionária. Este tipo de comportamento, que será objecto de reflexão num outro capítulo, ilustra antes que a reacção das autoridades face aos cristãos foi sempre a de procurar obter primeiro um acto exterior de abjuração: «...bastava temporeggiare nell'esteriore ... che nel resto po potevano viure christianamente a lor modo come prima, atteso che dal canto de' ministri di Canziuge [Kato Kiyomasa] non trouerebbero intoppo [obstáculo, impedimento]»⁸⁸. Esta foi aliás uma tendência que segundo John Haley se desenvolveu e enraizou durante o regime Tokugawa. «O que importava era aparência exterior, e não o pensamento privado»⁸⁹.

Mas, ao contrário do que vai acontecer a partir de 1625/1626, inicialmente a recusa dos cristãos nem sempre levou a penas extremas. Por essa razão, estes comportamentos ilustram não apenas o tratamento dos cristãos através de práticas correntes, como também indicam que, até essa data, as autoridades locais gozavam de liberdade de acção nos respectivos domínios.

⁸⁶ Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl.45-46.

⁸⁷ Carta anual de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.87.

⁸⁸ Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl.9.

⁸⁹ John Owen Haley, *op. cit.*, p.62.

2.2.2. As Sanções

A interiorização do Neo-Confucionismo promovida pelo regime Tokugawa elevou a obediência a princípio universal, reforçando o sentido de dever do governado face ao governante e de gravidade dos comportamentos desviantes⁹⁰. A obediência tornou-se um princípio fundamental para a população em geral, não apenas restrito à relação de vassalagem⁹¹. No *Buke Shohatto* (1615), regulamento normativo dirigido às casas militares, a lei era definida como «a base da ordem social. A razão pode ser violada em nome da lei, mas a lei não pode ser violada em nome da razão. Aqueles que quebram a lei merecem ser punidos severamente»⁹². O seu desrespeito «é uma ofensa que não pode ser tratada com leniência»⁹³. À regra legal específica para a elite militar foram-se progressivamente somando vários discursos aplicáveis à população em geral que legitimavam o uso da punição e o recurso à violência sempre que alguém não cumprisse o seu dever, não obedecesse ou se mostrasse insubordinada. Numa perspectiva mais abrangente foi desenvolvida uma ética civil que surge de forma evidente, por exemplo, no pensamento de Fujiwara Seika⁹⁴.

Neste contexto, a intransigência dos cristãos provocou, naturalmente, o uso da violência, pois as atitudes não deferentes e desobedientes para com as autoridades eram punidas com severidade extrema. Esta foi a principal razão para a escalada da violência face aos cristãos. A sua desobediência *versus* a crescente posição anticristã do *bakufu* e a necessidade dos dáimios se ajustarem às directivas do xogunato obrigou a uma alteração da estratégia inicial. Segundo a documentação missionária, ultrapassada a tentativa de persuasão, as autoridades deixaram de se compadecer e passaram a punir.

Não é possível estabelecer uma tabela gradativa e evolutiva das penas aplicadas aos cristãos. Até muito tarde as autoridades recorreram sempre ao mesmo tipo de penas, apesar de, como se afirmou, não vigorar ainda uma sistematização penal. No período em análise os códigos das casas dos guerreiros, regulamentos internos específicos a cada

⁹⁰ H. Gene Blocker, Christopher L. Starling, *Japanese Philosophy*, Nova York, State University of New York Press, 2001, p.78

⁹¹ O bispo D. Luís Cerqueira afirma que a desobediência no âmbito da relação de vassalagem era vista pelos japoneses como uma atitude indecorosa e imprópria. Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl. 32.

⁹² *Sources of Japanese Tradition*, vol.2, 1600 to 2000, Part I: 1600 to 1868, compilado por Wm. Theodore de Bary, Carol Gluck e Arthur E. Tiedemann, Nova York, Columbia University Press, 2005, p.327.

⁹³ John Owen Haley, *op. cit.*, p.55.

⁹⁴ Para a primeira situação veja-se Daniel V. Botsman, *op. cit.*, pp.28 e ss, e para a segunda Herman Ooms, *Tokugawa Ideology*, Princeton, Princeton University Press, 1985 pp.118-121.

domínio, mantiveram-se em vigor, a par dos regulamentos e dos éditos emitidos pelo *bakufu*. Na prática, isto significa que podia dar-se o caso de punições abolidas nos territórios do *bakufu* manterem-se em vigor nos domínios sobre a jurisdição dos dáimios. Foram estes os corpos de enquadramento penal existentes até 1742, data do *Osadamegaki Hyakkajō*, código que sistematizou uma colectânea de códigos anteriores e que compreendia o regulamento penal, imposto pelo xogum Tokugawa Yoshimune (1684-1751)⁹⁵.

Se a diferença não se fazia sentir no que respeita ao tipo de penas aplicadas, já a forma como eram executadas conheceu uma evolução.

Entre as primeiras penas infligidas aos cristãos encontram-se o confisco de bens e o desterro, este último considerado a redução «al mas pobre y miserable estado que pueda»⁹⁶. Estas práticas não são novas, nem no contexto da justiça nipónica, nem na sua aplicação num quadro religioso. Após o decreto de 1587, Toyotomi Hideyoshi envia os missionários cristãos para degredo e o influente dáimio cristão Takayama Ukon Justo (c. 1552-1615) vê os seus bens confiscados e a sua condição reduzida à de vassalo de Maeda Toshii, senhor de um dos maiores domínios do Japão, que incluía as províncias de Kaga, Noto, e Etchū⁹⁷. Por desrespeito às tradições religiosas nipónicas, em 1600, sob a égide de Tokugawa Ieyasu, o exílio foi imposto a Nichiō, abade da facção Fujufuse da seita Hokke (Budismo Nichiren), sentença reiterada ao seu sucessor Nichiju (1574-1630) em 1630. O início da perseguição aos partidários da Fujufuse resultou da recusa em comparecerem nos serviços fúnebres requisitados pelo xogunato a todos as seitas budistas em memória da mulher de Hidetada, alegando que se encontravam proibidos de se relacionar com indivíduos que não fossem da sua seita. A defesa do carácter exclusivista da Fujufuse levou à sua proscrição oficial da em 1630. Tal como os cristãos, os seus seguidores acabaram por viver a sua crença de forma oculta⁹⁸.

Em 1614, o degredo foi novamente aplicado aos missionários por serem «religiosos estrangeiros»⁹⁹, os seus bens confiscados e as igrejas destruídas. Já os

⁹⁵ Petra Schmidt, *op. cit.*, p.16.

⁹⁶ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.11.

⁹⁷ Sobre o protagonismo de Takayama Ukon na evangelização do Japão veja-se Johannes Laures, *The Catholic Church in Japan*, Tokyo, Charles E. Tuttle, 1954, pp.110-112, pp.117-118.

⁹⁸ Cf. Peter Nosco, “Keeping the faith: the *bakuhan* policy towards religions in seventeenth-century Japan” in *Religion in Japan. Arrows to Heaven and Earth*, P. F. Kornicki e I. J. MacMullen (dirg.), Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p.144.

⁹⁹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.40-41 e fl.122.

japoneses que consentissem na presença dos missionários nos respectivos domínios e que permanecessem cristãos eram chamados à justiça e castigados¹⁰⁰. É certo que Hideyoshi em 1597 abriu o precedente ao castigar severamente os cristãos – tinham sido crucificados 26 indivíduos, entre os quais se encontravam missionários. Ieyasu poderia ter prosseguido o mesmo caminho. Mas, o facto de não o fazer não traduz um comportamento benevolente, como procuram transmitir os missionários ao atribuir o seguinte raciocínio a Ieyasu: «El predicar su ley... no es culpa, pues no tienen outro oficio, y este solo es el fin cō que vinierō»¹⁰¹. Ieyasu castigou os missionários seguindo o sistema nipónico de se punir de acordo com o estatuto social (religiosos e estrangeiros).

Embora não se enquadrando no exercício da punição física, a perda de dignidades, bens materiais e o degredo não constituíam penas menores. Na sociedade nipónica era fundamental a integração do indivíduo na vida comunitária, fosse ela a casa guerreira (*ie*), a aldeia (*mura*) ou a estrutura urbana (*machi*)¹⁰². Para além da perda dos recursos económicos e da humilhação, acrescia ainda a condenação de indivíduos próximos dos sentenciados, o que decorria da norma de responsabilização do grupo, fosse o agrupamento comunitário ou a casa familiar (normalmente aos *shinrui*, os parentes mais próximos). No regime Tokugawa consideravam-se três categorias de parentes no âmbito da unidade familiar: *shinrui*, os parentes mais próximos (avós, pais, filhos e netos, filhos adoptados, madrastas, concubinas e filhos destas), *enrui*, os parentes mais distantes (tios-avós, tios, sobrinhos, de ambas as partes do casal), e *enja*, uma categoria cujo significado literal é o de «pessoas relacionadas» e que tudo indica reportar-se aos pais da família adoptiva dos filhos e das filhas¹⁰³.

Regra geral, no caso do guerreiro, «desterrado el amo, todos pierden las tierras, y rentas que del tienen»¹⁰⁴. Já a gente comum era segregada, «esclusi non solo dalla casa, ma dalla ville, e dalle Città.»¹⁰⁵. Num texto redigido em 1609 em que D. Luis

¹⁰⁰ *Ibidem*, fl.40-41 e fl.122. Do mesmo autor veja-se ainda outra afirmação: «Todo su furor descargo sobre los pobres Christianos, porque dexado las leyes de sus antepassados no hazian caso de honra, hazienda y vida, por seguir a vnos estrangeiros, sin obedecer al señor de la Tenca en esta parte», Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...* fl.80.

¹⁰¹ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.80.

¹⁰² John Owen Haley, *op. cit.*, p.61.

¹⁰³ Joseph M. Kitagawa, *Religion in Japanese History*, Nova York, Columbia University Press, 1966, pp.152-153.

¹⁰⁴ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.137.

¹⁰⁵ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.73.

Cerqueira, o bispo residente no Japão, reportava o que ainda era novidade, explicava as duras consequências da pena:

«Vietò sotto grauissime pene, che niuno appigionasse loro case per habitare, niuno lor vendesse vittouaglie, ò altro, per sustentare la vita, niuno comprasse robbe da loro vendute, niuno in somma trattasse con esso loro, come huomo con huomini, mas ciascuno como fiere seluagge fuggise, credendosi per questa via ò distruggerli à fato, à fagli arrendere, & venire al suo empio volere»¹⁰⁶.

Segundo o texto impresso até ao decreto de 1614, o confisco de bens e o desterro, para uma província ou uma ilha longínquas, foram as principais sanções aplicadas aos cristãos, quer pelo *bakufu* quer pelas autoridades dominiais. Estas penas estavam habitualmente associadas e eram sobretudo aplicadas à elite militar, embora tal não constituísse um padrão judicial. O jesuíta Luís Pinheiro, por exemplo, disserta com bastante detalhe sobre o desterro de Júlia, uma coreana captiva durante a invasão da Coreia, que ascendera a dama de corte, e tornara-se uma das preferidas, de Ieyasu. Convertera-se ao Cristianismo e em 1612 fora pressionada a renegar. Não o fazendo, foi desterrada da corte de Suruga para uma ilha longínqua¹⁰⁷.

Segundo o texto impresso, por vezes o confisco de bens e o desterro eram as únicas penas aplicada¹⁰⁸, noutros casos integravam-se num estratagema que visava dissuadir a crença cristã através da humilhação¹⁰⁹, e muitas vezes, representavam apenas uma etapa de uma escalada de violência que terminava na execução dos sentenciados. Os episódios protagonizados por Arima Naozumi às ordens do xogum Ieyasu ilustram esta última afirmação. O dáimio começou por ordenar o confisco de bens e a humilhação pública, e só depois executou alguns vassallos «que se mostraron mas feruosos»¹¹⁰.

¹⁰⁶ Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl. 7.

¹⁰⁷ Ver Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.35-37. Outros exemplos encontram-se em João Rodrigues Girão, *Lettera Annua del Giappone de M. DC. XII...*, pp.101-102.

¹⁰⁸ Vide por exemplo o Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 56 e ss.

¹⁰⁹ Em 1609 o governador em Yatsushiro decretou a confiscação dos bens de três oficiais da confraria local que acabara de aprisionar, reduzindo à condição de criados as respectivas mulheres, filhos e gente de serviço, a qual ficou sem fonte de sustento. Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl.15.

¹¹⁰ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.15.

Após o decreto de 1614 estas duas penas mantiveram-se preponderantes e a sua aplicação indicia, por um lado, o estatuto social dos punidos – os guerreiros – e, por outro, o arbítrio das autoridades locais. Assim, quanto ao primeiro caso, a documentação exemplifica que os guerreiros eram normalmente sentenciados com a pena de degredo (uma alternativa ao *seppuku*, morte honrada que estava vedada aos guerreiros cristãos) enquanto a gente comum era simplesmente executada¹¹¹. Mas a documentação descreve ainda outras situações em que membros da elite militar eram apenas aprisionados em casa, onde por vezes eram privados de alimentos¹¹², ou, despojados da sua condição, obrigados a nunca abandonar o seu próprio domínio¹¹³. Este tipo de penas representava um castigo ainda maior do que o desterro na medida em que envolvia a humilhação pública permanente.

Apesar de o degredo e o confisco de bens serem mais aplicados à elite cristã, na década de 1620 as referências à sua aplicação a gente comum torna-se mais recorrente. Este período corresponde ao momento em que Iemitsu assumiu o xogunato (1623), o qual endureceu a sua posição relativamente aos cristãos¹¹⁴. Foi também com este xogum que a sentença de desterro ganhou contornos de processo judicial. Em 1624 estabeleceu-se que todos os bens do indivíduo seriam confiscados, partindo este para o exílio apenas com uma espécie de túnica. Simultaneamente, determinou-se que os que socorressem o desterrado seriam condenados à morte e a respectiva família desprovida dos bens e de sustento¹¹⁵. Esta disposição está ilustrada no relato que os missionários fazem do episódio em que Mizuno Kawachi, em 1626, após ter assumido o cargo de bugyō de

¹¹¹ Esta diferenciação foi aplicada por Date Masumane em 1621. Gironimo Maiorca «Relatione dell' Anno 1621» in *Relazione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl. 203.

¹¹² A propósito de perseguições realizadas na província de Buzen no ano de 1618, o respectivo senhor começara por confiscar os bens e «dandoles la casa por // carcel, por ver si auria alguna mudança en ellos.». Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl. 119v-120.

¹¹³ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.14. O intuito era que «a vista de sus parientes, y amigos muriessen de hambre, y miserias.» *Ibidem*, fl.14.

¹¹⁴ Leia-se a título exemplificativo a seguinte citação: «Vn diuoto contadino, nel tempo della persecutione abandonata la casa, se ne partì insieme com la moglie e figliuoli, e sè ne andò in esillo in altri paesi, non portando altra prouidione seco, che tanto miglio quanto bastaua per vn mese». Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.60.

¹¹⁵ Francisco Crespo, *Relacion de los Martyres que este Año passado de 1624...*, fl.4. A mesma relação foi impressa em Sevilha por Juan Cabrera no ano de 1625 mas com um título distinto: *Carta Nuevamente embiada a los Padres de la Compañia de Iesus, en que se da quenta de los grandes martirios q en el Iapon, an padecido muchos padres de muchas Religiones. Y las grandes novelas y revolucion que ay en aquellas Provincias. Por ser mucha la materia que aqui no cabe, se queda imprimiendo segunda parte*, Sevilha, Juan de Cabrera, 1625.

Nagasaki, mandou queimar nas aforas da cidade todos os bens confiscados aos cristãos, ordenando que se o que não ardia, como era o caso dos cálices¹¹⁶. O recurso à pena de desterro figurou na documentação impressa missionária até muito tardiamente. Na carta ânua de 1625, uma das últimas a ser redigida, surge a descrição da sua aplicação aplicada a um membro da elite militar na região do Takaku¹¹⁷.

Confrontando as penas aplicadas aos cristãos referidas no texto impresso com os castigos que se infligiam no Japão à época – apesar de o direito ao exercício da justiça de que gozavam os dáimios conduzir a uma grande diversidade de métodos – pode afirmar-se que o tipo de punição que vitimou os cristãos não se traduziu, até determinado momento, em nenhuma inovação em particular no âmbito da tradição nipónica. A execução constiuía a punição por excelência desde o século XII e manteve-se como tal até à restauração Meiji. A maior parte dos métodos discriminados no texto impresso – decapitação (*funkei*)¹¹⁸, empalamento¹¹⁹, queimar e esaldar os indivíduos vivos (*taimatsuaburi e kamaire*)¹²⁰ ou a suspensão (*haritsuke*) – eram praticados desde há muito¹²¹. As penas corporais, tais como o corte de membros (*nokohiki*)¹²², também já estavam enraizadas no sistema judicial nipónico. Tal significa que os cristãos foram punidos com a gravidade geralmente dispensada aos transgressores. A única especificidade do castigo dos cristãos foi o facto de as penas terem sido infligidas a elementos da elite militar, primeiro, pontualmente¹²³, depois, a partir de Iemitsu, de

¹¹⁶ João Rodrigues Girão, «Lettera anua del 1626 del Giappone» redigida em Macau a 31 de Março de 1627, in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.201.

¹¹⁷ A informação é redigida da seguinte forma pelo jesuíta Bonelli: «S'infuriò ... il Tono, e gridando disse, il ferro & il foco non bastaia à far pagar le pene, che merita insolenza sì grande... vattene non solo lontano da me, ma da tutto il mio stato... si rallegrò com tutto il cuore, che gli fosse toccato di douer andar in esilio per Christo». Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.43-44.

¹¹⁸ Valentim de Carvalho, *Relazioni della Gloriosa morte di nove Christiani Giaponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica nei Regni di Fingo, Sassuma, e Firando, mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesuìn Giappone, nel marzo del 1609 e 1610 ad instanca di Simone Parlasca, Bartolomeo Cochi, Bolonha, 1611*, fl.32-34.

¹¹⁹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 219.

¹²⁰ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.70-71.

¹²¹ Vide Petra Schmidt, *op. cit.*, pp.13-15. J.S.A. Elisonas cita situações concretas em que quer Oda Nobunaga quer Toyotomi Hideyoshi infligiram este tipo de penas. Vide George Elison, *Deus Destroyed...*, pp.123-124.

¹²² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.182; Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.18.

¹²³ Veja-se, a título de exemplo, a descrição pormenorizada da execução dos guerreiros Giovanni e Simone, em Kumamoto no ano de 1603. Foram decapitados nas respectivas residências, mas as suas cabeças foram posteriormente exibidas em público. Vide «Relatione della gloriosa morte fatta di sei Christiani Giapponesi per la fede di Christo alli vinticinque di Gennaro 1604. Mandata da Monsignor D.

modo sistemático¹²⁴. Ora, por regra, um samurai não era decapitado, a sua cabeça não era exposta, não era queimado pela água ou pelo fogo, nem suspenso¹²⁵.

Naturalmente, os escritos missionários são prolixos em descrições detalhadas das execuções. De entre todos, destaque-se o método de suspensão (*haritsuke*)¹²⁶ utilizado no Japão desde, pelo menos, o século XII¹²⁷. Com o regime Tokugawa, determinou-se que a suspensão fosse aplicada a catorze tipos de crimes, entre os quais a conspiração, precisamente o crime de que o *bakufu* acusava os cristãos¹²⁸. O método fora logo seguido na primeira execução pública de cristãos, decretada pela autoridade hegemónica, Toyotomi Hideyoshi (1597). O acontecimento, com forte impacto na imprensa europeia, foi imediatamente descrito como «crucificação», termo aliás que continua a figurar na historiografia actual.

Ora, a cruz de que se fazia uso no Japão, descrita imediata e reiteradamente na documentação, designadamente nos textos do jesuíta Luis Fróis e do franciscano de Juan de Santa Maria, é diferente da cruz de Cristo porque dispõe de mais um «palo en que assentasse el peso del cuerpo, poniendose en el a cauallo, de modo que la cruz viene a ser de quatro maderos»¹²⁹. Para além do mais, o método nipónico incluía não só a suspensão mas também o alanceamento. Ora, Cristo também fora lanceado, mas no Japão era este que causava a morte:

Lodouico Cerquera Vescouo di Giappone Al Reuer. Padre Cláudio Acquaiua, Generale della Compagnia di Giesv” in *Relationi della Gloriosa morte di nove...*, fl.24 e ss. Considere-se ainda a condenação à morte na fogueira de três guerreiros e respectivos familiares em Arima, no ano de 1613, quando este território já se encontrava sob a administração directa de um oficial do *bakufu* que assessorava o novo daimio empossado, Arima Naozumi Miguel. Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.19-20.

¹²⁴ Os exemplos são inúmeros e constituem parte substancial da narrativa impressa. Veja-se, entre outros, o comentário a propósito da execução pública de 32 cristãos no domínio de Dewa, em 1624, «erano tutti i condannati di sangue illustre onde senza veruna sorte di legami erano // condotti al supplicio...», Carta ânuua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.95-96.

¹²⁵ Carl Steenstrup, *op. cit.*, p.123.

¹²⁶ Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi foram adeptos da suspensão como pena infligida aos seus inimigos. George Elison, *Deus Destroyed...*, pp.123-124.

¹²⁷ Daniel V. Botsman, *op. cit.*, p.17.

¹²⁸ A lista de crimes puníveis com *haritsuke* encontra-se em Daniel V. Botsman, «Politics and Power in the Tokugawa Period»..., p.5.

¹²⁹ Juan de Santa Maria, *Relacion del Martirio que seys Padres Descalços Franciscos, e veynte Iapones Christianos padecieron en Iapon. Hecha por Fr. Iuan de Santa Maria, Prouincial de la prouincia de S. Ioseph de los Descalços. Dirigida al Rey nuestro S. don Felipe III*, Madrid, Varez de Castro, 1599, fl.133v. Luís Fróis, *Relatione Della Gloriosa Morte Di XXVI Posti In Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù, & dicesette Christiani Giapponesi. Mandata dal P. Luigi Frois alli. 15 di Marzo, al R. P. Clavdio Acqvaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal P. Gasparo Spitilli di Campli della medesima Compagnia*, Roma, Luigi Zannetti, 1599, fl.99. O desenho da cruz encontra-se também na edição deste último autor imprensa em Mogúncia por Joanis Albini, 1599.

«Tienden a casa vno de los cõdemnados sobre su cruz, y com cinco horquillas o argollas de hierro puestas a la garganta braços e piernas, los amarran y abraçan com ella atandoles tambien a vezes, com sogas // fl.134v por la cintura y los braços encima delos codos por los músculos, de suerte que los dexan bien fixos, y a muchos les quiebrã las canillas de las piernas, y braços para que mueran con mas breuedad y tormento. Amarrados desta suerte leuantan las cruces en alto, y bien ficas entierraes dan luego a cada vno de los crucificados dos heridas con vnas lanças *que* vsan para este propósito a mode de cuchillas, partesanas, com *que* a vezes dos verdugos [executores] a vn mismo tiempo, a vezes vno solo en dos les traspasan el cuerpo formando vna cruz: porque tirando la lança por el lado derecho vene a Salir por el hombro ysquero, o debaxo del, y por el contrario entrando por el costado yzquiero, sale por el lado derecho: de suerte que el coraçon no se escapa: y si con esto no acaban de morir les dan mas lançadas hasta que mueren»¹³⁰.

A normalidade e a constância do emprego da suspensão, bem como a exploração do seu efeito dissuasor, dada a brutalidade do método e a exposição pública do acto, levaram a que fosse por diversas vezes aplicado a cristãos¹³¹. Porém, o paralelo com o suplício de Cristo, resultando de uma leitura *crístocêntrica* do fenómeno nipónico, também explorada pelos missionários para efeitos de propaganda e devoção, acabou por suscitar nos cristãos nipónicos o ensejo de morrer do mesmo modo. Este entusiasmo levou as autoridades nipónicas a abandonarem o método de suspensão mesmo antes do período da perseguição generalizada. Tanto assim é que, segundo os missionários, em 1610, no domínio de Kato Kiyomasa, dois oficiais da irmandade local, apesar de terem requerido «finir la [vida] in croce ad imitatione del nostro Salvatore»¹³², foram decapitados. Após 1614 ocorrem outras referências a pedidos de execução por suspensão que foram recusados¹³³.

As referências a este método acabam por desaparecer por completo do texto impresso e, em vez da cruz, as autoridades optam por atar os cristãos a colunas, sujeitando-os a outros suplícios: os cristãos eram queimados vivos (*kazai*) ou mortos

¹³⁰ Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.134-134v. Também em Luís Fróis, *op. cit.*, fl.99.

¹³¹ Foi exactamente esta a pena aplicada por Kato Kiyomasa a diversos cristãos em Higo, em 1603 e 1609. Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl.4 e fl 69.

¹³² Valentim de Carvalho, *op. cit.*, fl.28.

¹³³ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.66.

por afogamento em rios ou no mar¹³⁴. Estes métodos também não representam uma inovação, se bem que antes, em regra, não fossem aplicados «se nõn ad huomini sceleratissimi»¹³⁵, isto é, delinquentes extraordinários. A novidade resultava apenas no abandono de uma prática ancestral dada a sua similitude com a crucificação de Cristo, o que acabava por suscitar mais entusiasmo do que temor por parte dos convertidos.

2.2.3. O Aparato da Execução

A execução de cristãos compreendia ainda um conjunto de actos que visava a publicidade da condenação¹³⁶. O desfile dos condenados pelas ruas (*hikimawari sarashi*), muitas vezes já mutilados, e a exposição dos corpos (*shitai sarashi*) durante vários dias após a execução eram partes de um processo que não se resumia à aplicação da pena capital. A documentação impressa regista o verdadeiro espectáculo que constituía o desfile dos «condennati sù i carri... circondati dalla guardia»¹³⁷, de narizes e orelhas amputados «por ser assi costumbre de aquella tierra en señal de sentenciados a muerte, como era entre los Romanos el darles mas de quarenta açotes»¹³⁸, a visualização de «corpi sù le Croci, presso le quali in vna tauola, como s'accennò di sopra, era scritta la sentenza ... e la causa della morte delle condannate»¹³⁹ ou da exposição das cabeças «en vn tabla alta, para escarmiento de los demas»¹⁴⁰. Todo este aparato mais não era do que uma mensagem visual de alerta das autoridades para o perigo em que incorriam os que ousavam transgredir, o que, nas palavras de Botsman, «formavam um sofisticado sistema com a vista a manter a estabilidade e a ordem social»¹⁴¹.

Essa intenção é evidente desde a primeira execução. Logo em 1597, o intuito de «Taicosama [Hideyoshi] à mandarli [os condenados por terra]... fù il disegno di dare più spauento alla gente de' regni, per i quali passauano... acciò niuno ardisse per l'

¹³⁴ João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone dell' Anno 1624...*, fl.46-47; carta ânua redigida por Giovanni Batista Bonelli, Macau, 15 de Março de 1626, in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.95-101.

¹³⁵ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.135.

¹³⁶ Petra Schmidt, *op. cit.*, p.13.

¹³⁷ Luís Fróis, *Relatione della Gloriosa Morte di XXVI Posti In Croce...*, fl.62.

¹³⁸ Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.88.

¹³⁹ D. Luís Cerqueira, *op. cit.*, fl. 67.

¹⁴⁰ *Relacion Breve de los Grandes y Rigurosos Martirios que el año pasado de 1622 dieron en el Japon...*, Madrid, Andres de Parra, 1624, s/n. Ver também Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.164.

¹⁴¹ Daniel V. Botsman, «Politics and Power in the Tokugawa Period»..., p.2.

auuenire pligliare il santo battesino, ò ricettare i Padre»¹⁴², preocupação que se mantém durante todo o período das perseguições¹⁴³. Os missionários reconhecem a eficácia persuasiva da encenação levada a cabo pelas autoridades que assim evitavam um elevado número de execuções, chegando a afirmar que, se se optasse pela simples degolação, provavelmente todos ofereciam o seu pescoço¹⁴⁴. Esta afirmação também ilustra que os cristãos nipónicos consideravam estes tormentos verdadeiros martírios¹⁴⁵, o que a imprensa missionária, por sua vez, dramatizou e explorou.

Todo o aparato das execuções sofreu um revés a partir de 1620, momento em que a execução dos transgressores tendeu a ocorrer longe do olhar público, ao qual eram apenas apresentados os cadáveres mutilados¹⁴⁶. O objectivo era evitar a concentração de massas e eventuais revoltas. Porém, esta tendência não se verificou no caso das execuções dos cristãos. Nos principais centros urbanos, sob a égide do governo directo do *bakufu*, continuaram a realizar-se grandes execuções públicas. Em Edo decorriam no campo de justiça, que apesar de localizado nas aforas da cidade, encontrava-se nas imediações da Tokaido (a via de comunicação mais movimentada do arquipélago à época, que assegurava a ligação Edo/Kyoto)¹⁴⁷. Ali, em 1623, foram «assados» 50 cristãos, encaminhados para o local num cortejo liderado pelo padre jesuíta Girolamo de Angelis. O acontecimento foi presenciado por uma multidão que incluía importantes dáimios que se encontravam em Edo por terem ido assistir à cerimónia de posse de Iemitsu, o novo xogum¹⁴⁸. Nesse ano em Edo, foram ainda executadas publicamente mais 37 pessoas, das quais 24 eram cristãos e os restantes gente que os havia abrigado ou que fora conivente com estes¹⁴⁹. Também em Kyoto, no ano de 1619, eram queimados vivos 52 indivíduos, dispostos na «publica piazza» em «noue carrette».

¹⁴² Luís Fróis, *op. cit.*, fl.82.

¹⁴³ João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone Dell' Anno 1624...*, fl.46.

¹⁴⁴ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.191.

¹⁴⁵ Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.107.

¹⁴⁶ Daniel V. Botsman, *op. cit.*, pp.18-20.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.23.

¹⁴⁸ Veja-se «Come i sopradetti cinquanta Christiani furno voui arrostiti [assados] per ordine del Xogun», por João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.15-22.

¹⁴⁹ Cf. «Come ventiquattro Christiani morirno per la confessione della Fede nella città de Iendo», *Ibidem*, fl. 28-31.

Tendo a cerimónia sido presidida por «il Trōbetta che promulgaua la sentenza», desfilaram os prisioneiros até ao local do suplício¹⁵⁰.

As execuções públicas ocorriam também nos domínios sob a autoridade dos dáimios sempre que estes pretendiam exhibir publicamente um sinal de consonância com a política do *bakufu*. No ano de 1624, em Kubota, domínio que pertencia a Satake Yoshinobu, foram queimados vivos 32 presos, os quais desfilaram até ao local da execução acompanhados de um vasto público¹⁵¹. Em Nagasaki, as execuções públicas também se mantiveram, embora com algumas restrições de modo a evitar a exaltação da multidão. Em 1622, a propósito da execução dos missionários o agostinho Pedro de Zúñiga e o dominicano Luis Flores, e dos seus companheiros, todos presos numa embarcação onde viajavam disfarçados de comerciantes¹⁵², publicitava-se que a «este espectáculo fue a los 19 de Agosto, hallándose presente innumerables Christianos, dando voces, y rezando oraciones para animar a los santos pazientes»¹⁵³. Em 1625 Hasegawa Gonroku proibiu os supliciados de pregarem ou mostrarem alegria na caminhada para o local do suplício¹⁵⁴, assim evitando que os cristãos tirassem partido do seu destino. Em 1626, numa outra execução que incluiu um número significativo de missionários¹⁵⁵, afirmava-se que «auuicinaua l' hora del sacrificio, e concorreu infinita gente da tutte parti vicine (eccetto, che dalla Città [de Nagasaki], della quale si era fatto bando che nessuno partisse)» sendo que, contudo, os condenados foram «condotti per le principal strade di Nangasachi»¹⁵⁶. E, num último exemplo, cite-se Cristovão Ferreira que, a

¹⁵⁰ Gaspar Luís, «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» redigida em Macau a 1 de Outubro de 1620 in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl. 71.

¹⁵¹ Diz o jesuíta Bonelli: «Era concorso à tal spettacolo non solo la Città di Kubota, ma anco le terre vicine, onde erano pieni d'ogni parte non solamente l' estrade, ma anco li monti, & piani attorno». Carta ânuua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.95-96.

¹⁵² Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.217-218, e p.440.

¹⁵³ *Relacion Breve de los grandes y rigurosos martirios que el año pasado de 1622...*, Madrid, Andres de Parra, 1624, s/n.

¹⁵⁴ Veja-se título exemplificativo: «... impongono loro [aos dois condenados], che per la strada nõ parlino di cose appartenenti alla fede, e che non mutino vestid in segno di allegrezza, come sogliono i Chistiani». Carta ânuua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.30.

¹⁵⁵ Foram executados os jesuítas Francisco Pacheco (então o provincial), Baltazar Torres, Giovanni Batista Zola, Gaspar Sadamatsu, Pedro Rinsei, João Kisaku, Paulo Shinsuke, Vicente Kaun, e Miguel Tōzō. Vide Pedro Morejon, «Relatione della Gloriosa Morte di Nove Religiosi della Compagnia de Giesv, e di altri, nel Giappone» redigida em Macau a 31 de Março de 1627 in *Lettere Annue del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.135-137. Cf. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.551-556.

¹⁵⁶ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.136-137. A mesma informação consta num panfleto publicado em Barcelona em 1631 «y aunque los Iuezes mandaron que ningun Christiano fuesse osado salir al lugar del

propósito de tormentos realizados na região do Takaku em 1627, informa que os corpos das vítimas foram expostos depois de executados em cruzes, com as cabeças colocadas noutra lugar, como se fazia aos criminosos, «acciòche tutti vedessero quanto rigore si procedea contro i Seguaci di Christo»¹⁵⁷. Os exemplos perpetuam-se no tempo, ilustrando o carácter público da execução de cristãos. Porém, se as descrições dos missionários visavam informar e publicitar as condições em que decorria o tormento na missão nipónica, também ilustram que as autoridades accionaram mecanismos para evitar a exaltação dos ânimos das multidões, precaução que se manteve até à execução do grupo Rubino, em 1643, a última reportada na imprensa missionária¹⁵⁸.

Como explicar então a persistência das execuções públicas quando estas davam origem à concentração de multidões que proclamavam o seu fervor religioso perante os condenados? Em primeiro lugar, o regime, ao manter o seu processo humilhante, brutal e público na punição dos cristãos, transmitia a gravidade de ser-se cristão já que apenas os «crimes particularmente perigosos ou moralmente repulsivos eram punidos com execuções públicas»¹⁵⁹. Em segundo lugar, o regime mostrava não equacionar a possibilidade do poder congregador do Cristianismo junto da generalidade da população cristã. Dois tipos de referências continuamente reiteradas no texto missionário permitem-no inferir. Por um lado os relatos missionários explicitam que o *bakufu*, até à década de 30, só considerava uma verdadeira ameaça os próprios religiosos e os elementos conversos da elite militar. Por outro lado, as fontes deixam transparecer o sucesso da política do *bakufu* em associar o Cristianismo à subversão, sentimento que vai sendo partilhado pela população e que justificava a violência usada pelo *bakufu*¹⁶⁰.

martyrio so pena que moriria arcabuzeado, con lo qual tambien cerraron las puertas de la Ciudad. Con todo salieron muchos, y se acogieron a vn alto de donde se via bien el lugar deste sacrificio. Y tambien de las aldeas comarcanas concurrio gran copia de gente. *Martyrio que com su Prouincial y otros siete Religiosos de la Compañia de Iesus, padecio el P. Baltasar de Torres en el Iapon, sacado fielmente de carta autenticas que de alli han veuido [sic]*, Barcelona, Sebastian e Jaime Matevat, 1631, s/n.

¹⁵⁷ Cristovão Ferreira «Relatione della persecutione solleuata nell Tacacu contra da S. Fede, nell' anno 1627» redigida a 14 de Setembro de 1627 in *Lettere Annue del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.305.

¹⁵⁸ A propósito da execução da totalidade do primeiro grupo rubino, num dos últimos impressos a relatar a execução de missionários, é afirmado que foram os «Confessori di Christo, e posti à cauallo male in arnese, con le mani legate dietro, e con le morse ò piastre di ferro alla bocca, acciò non potessero predicar la santa legge di Christo», Pedro Marques, *Breve relatione della gloriosa morte che il P. Antonio Rubino della C. di G., visitatores della prov. Del Giappone, e Cina, sofferse nella città di Nangsachi dello stesso reno del Giappone, com XV altri Padri della m. Comp. Cioè il P. Antonio Capece, il P. Alberto Micischi, il P. diego Morales e il Padre Francesco Marquez, com tre secolari. Di marzo nel 1643*, Roma, Herdeiros Corbelletti, 1652, fl.37.

¹⁵⁹ Daniel V. Botsman, «Politics and Power in the Tokugawa Period» in *East Asian History*, 3 (1992), p.7.

¹⁶⁰ Daniel V. Botsman, *Punishment and Power...*, p.41.

Em 1619 no Miyako um indivíduo foi objecto da «fúria di popolo», acusado de ser cristão, por não participar numa festividade budista¹⁶¹. No ano de 1620, durante o suplício do jesuíta Diogo Carvalho, foi pela primeira vez publicitada a indignação da população relativamente aos missionários e aos cristãos: «Le ingiurie, con le quali li tormentauano le genti, erano grandissime, attribuendosi la colpa tutta al Padre»¹⁶².

A par das execuções públicas, a submissão à tortura foi mais um dos meios utilizados para tolher a vontade demonstrada pelos cristãos em defender a sua fé. As referências à tortura figuram na imprensa desde o édito de 1614 como expressão do agravamento da atitude das autoridades face aos cristãos e são muito frequentes. O texto missionário, como não podia deixar de ser, faz a apologia dos que lhe sobreviviam sem sequer renunciar ao Cristianismo¹⁶³, projectando assim uma imagem gloriosa da missão nipónica. Considere-se, a título de exemplo, por exemplo, no ímpeto persecutório de 1614, em Osaka, um cristão foi torturado, «de modo que não morresse», com vista a apostasia. Depois «deste tormento ... tão forte ... o amo se deu por vencido, & o deixou viuer livremente Christão.». Outra situação referida e que engrandece a missão é o tormento a que foi sujeito um cristão que permanecera na ilha de Shiki (domínio de Higo) com vista a garantir assistência aos cristãos da terra, após o desterro dos missionários no ano de 1614¹⁶⁴.

No entanto, a partir dos anos de 1626 e 1627 este meio de punição ganha outra dimensão, passando as notícias sobre tortura a serem associadas a episódios de grande violência e, maioritariamente, em público¹⁶⁵. «Tormentado», «maggior barbarie», «dolori grandissimi» passam a ser algumas das expressões associadas aos tormentos descritos que preenchem a documentação impressa¹⁶⁶, ao mesmo tempo que, como se referiu, começaram a ser publicados catálogos onde se enunciam os suplícios sofridos por aqueles que persistiram na fé até à morte¹⁶⁷. Ou seja, a determinação de Iemitsu em

¹⁶¹ Gaspar Luís, «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» redigida em Macau a 1 de Outubro de 1620 in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone...*, fl.84.

¹⁶² João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.49.

¹⁶³ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.47.

¹⁶⁴ *Ibidem*, fl.61v-63v.

¹⁶⁵ Veja-se, por exemplo, a extensa descrição dos tormentos infligidos a Vincenzo, no ano de 1626, em Nagasaki. Pedro Morejon, «Relatione della gloriosa morte di nove religiosi della Compagnia de Giesv, e di altri, nel Giappone» in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.131-132.

¹⁶⁶ Cristovão Ferreira, «Relatione della persecutione solleuata nell Tacacu contra da S. Fede, nell' anno 1627» redigida a 14 de Setembro de 1627 in *ibidem*, fl. 277-279.

¹⁶⁷ É o caso do catálogo redigido por Francisco Rodrigues, particularmente interessante porquanto faz circular a notícia da morte na fossa de Cristovão Ferreira e de Ishida. *Catalogo de religiosi della*

exterminar o Cristianismo levou a que a tortura fosse um dos principais métodos utilizados para a sua erradicação. Segundo o texto impresso, os principais impulsionadores desta técnica foram os dois *bugyō* de Nagasaki Mizuno Kawachi (1626-1629) e Takenaka Uneme (1629-1633), que ocuparam sucessivamente o cargo¹⁶⁸. Considerados pelos missionários personagens diabólicos, eles foram, na perspectiva do *bakufu*, agentes eficazes¹⁶⁹. A documentação descreve que certos dáimios, ao exteriorizar o acato pelas ordens de Iemitsu, optaram também pela tortura como método de punição¹⁷⁰.

De acordo com o espírito da época, quer na Europa quer no Japão, a tortura constituía um mecanismo penal, que deliberadamente materializava o castigo do transgressor no corpo¹⁷¹. Todavia, o relato dos missionários evidencia que, ao contrário do que acontecia com os restantes condenados no Japão, a dor e as marcas corporais infligidas aos cristãos não se reduziam a actos de punição física, não constituíam uma etapa prévia de uma pena que haveria de ser capital, e não tinham uma correspondência numa tabela gradativa de penas em função do indivíduo e da gravidade do crime. O propósito da tortura de cristãos era dissuadir pela violência, isto é, utilizá-la até que a levasse os cristãos à apostasia. A «cada tormento destes les hazian instancia que negassen la Fè»¹⁷², mas, seguindo as palavras do jesuíta Cristovão Ferreira, «tormentandoli e non vccidendoli: mezo veramente diabolico, per la ruina che seguì

Compagnia di Giesv. Che furono tormentati, e fatti morire nel Giappone per la fede di Christo l'Anno 1632 e 1633. Cauate dalle Lettere annue, cho sono arriuate quest'anno 1635 in Lisbona con la naue Capitana dell' India Orientale, Roma, Francisco Corbelletti, [1636], fl. 5 e fl. 11.

¹⁶⁸ Geoge Elison, *Deus Destroyed...*, p.188, e J.S.A. Elisonas “Nagasaki: The Early Years of an Early Modern Japanese City”..., p.95.

¹⁶⁹ Takenaka Uneme acabou destituído do seu cargo de *bugyō* sob a acusação de não ser diligente na tarefa de perseguição aos cristãos. C. R. Boxer defende que de todas as acusações de que fora objecto – de que pressionara indevidamente os mercadores chineses, de que atribuía licenças de comércio em benefício próprio, ou ainda de que se dedicava ao comércio com Manila, prática ilegal – a única que não tinha fundamento era a do seu pouco empenho na política anticristã. Takenaka foi o responsável pela apostasia de Cristovão Ferreira. C. R. Boxer, *O Grande Navio de Amacau*, Manuel Leal Vilarinho (trad.) Lisboa – Macau, Fundação Oriente – Museu e Centro de Estudos Marítimos, 1989, pp.113-114.

¹⁷⁰ Vejam-se, nomeadamente, os tormentos descritos a propósito da perseguição empreendida por Matsukura Shigemasa cuja violência leva Cristovão Ferreira a contornar o assunto afirmando que por serem «crudelissimo, e vehementissimo, ...per modestia non mominiamo». Cristovão Ferreira, «Relatione della persequitione solleuata nell Tacacu contra s. Fece nell' anno 1627» redigida a 14 de Setembro de 1627, in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.250 e ss.e fl.316.

¹⁷¹ Seguiu-se as informações de Michel Foucault, *Discipline & Punish, The Birth of the Prison*, Nova York, Vintage Books, 1977, pp.11-14, pp.p.33.

¹⁷² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.188.

de'Christiani, con incredibile strage della S. Fede”¹⁷³. Obtida a confissão, terminava o suplício¹⁷⁴.

Embora a comunidade nipónica estivesse familiarizada com o suplício, habitualmente ele ocorria fora do olhar público. No entanto, a partir de 1626, o bugyō Mizuno Kawachi, inaugurou a tortura pública¹⁷⁵. O horror torna-se duplamente estratégico, visando não apenas demover o envolvido mas também dissuadir os outros a persistir no Cristianismo.

A diferença no procedimento e a escalada da violência elevou para um outro patamar a vivência do Cristianismo no Japão. A fuga e a apostasia foram consequências imediatas. Na *Kirishito ki*, uma compilação de textos redigidos entre 1652 e 1662, é aliás, tornado público que «entre os senhores, há aqueles que procedem bem as perseguições e aqueles que conduzem mal. [Os cristãos] escondem-se nas regiões onde as perseguições religiosas são mal conduzidas»¹⁷⁶. Também os missionários se referem a grupos que se refugiaram na montanha para escapar ao tormento das autoridades¹⁷⁷, em episódios que envolveram tanto elementos da elite militar como do povo. A apostasia de massas na região de Nagasaki também é mencionada, porque,

«como poblada de gente rustica sintio mas la fuerça de la persecucion en sus moradores, muchos de los cuales resistieron valerosamente, aunque muy pocos perseueraron ne la

¹⁷³ Cristovão Ferreira, «Relatione della Persecvtioni, che ne gl'anni 1629 e 1630 si solleuò nel Giappone contro la nostra S. Fede», redigida a 20 de Agosto de 1631, in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl'anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX...*, fl.86.

¹⁷⁴ A possibilidade de cessação do suplício depois de obtido o resultado pretendido é um aspecto essencial que distingue a tortura do tormento, este entendido como a aplicação de dor com o propósito único de fazer a vítima sofrer. Veja-se Timothy Brook, Jérôme Bourgon e Gregory Blue, *Death by a Thousand Cuts*, Camb Ma-Londres, Harvard University Press, 2008, p.6.

¹⁷⁵ Uma dessas descrições encontra-se no relato de Matias de Sousa, *Compendio De Lo Svcedido En El Iapon Desde la Fvndacion de aqvella Christiandad. Y Relacion de los Martires que padecieron estos años de 1629. y 30. Sacada de las cartas que escriuieron los Padres de la Compañia que alli asisten. Dirigida al Ilvstrmo Y Rmo Señor D. Cesar Monti, Patriarca de Antioquia, Arçobispo de Milan, Nuncio y Coletor general de N.S.P. Vrbano VIII en los Reynos de España*, Madrid, Imprenta del Reyno, 1633, fl.19v-23.

¹⁷⁶ *Kirisuto ki*, cap. VII, ponto 18, transcrito por Martin Nogueira Ramos, *Les Persecutions contre le Christianisme sous Inoue Masashige (1640-1658) et la Debacle de Kori (1657-1658)*, dissertação de mestrado apresentada Langues et Civilisations de l'Asie Orientale na Universidade Paris-Diderot, 2008, p. 101. Sobre aquela compilação veja-se ainda *ibidem*, pp.7-8.

¹⁷⁷ Indicações de fuga surgem na imprensa a partir de 1624, um ano após Iemitsu ter assumido o *bakufu*. Vide João Rodrigues Girão, *op. cit.*, fl.33-39.

confession de la Fè, algunos delos quales fueron lleuados a Nãngasaqui para ser alli mas de propósito atormentados, hasta que se rindiessen»¹⁷⁸.

Não obstante, o detalhe é escasso e, é claro, omite-se a apostasia de missionários, o que, a ser referido levaria ao reconhecimento do falhanço da evangelização.

Por sua vez, as autoridades nipónicas compreenderam que a abjuração de missionários por intermédio da tortura era a negação da própria doutrina cristã. Elisonnas define esta estratégia como a «solução final»¹⁷⁹. O jesuíta Cristovão Ferreira foi o primeiro a ceder, mas a ele juntaram-se outros, todos jesuítas¹⁸⁰. Ferreira ainda chegou a constar como morto mártir no primeiro catálogo impresso relativo a execuções nos anos de 1632 e 1633¹⁸¹, mas as referências à sua morte desapareceram nos textos subsequentes¹⁸². Nenhum dos outros casos de apostasia surge referenciado na imprensa missionária, embora se mencione sempre que era assegurada às vítimas sob tortura a liberdade de movimentos necessária para assinalar a intenção de renegar¹⁸³.

¹⁷⁸ Matias de Sousa, *op. cit.*, fl.8.

¹⁷⁹ George Elison, *Deus Destroyed...*, p.187.

¹⁸⁰ Seguimos a lista apresentada por C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan*, Manchester, Carcanet Press, 1993, p.457. Cf. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.844-846.

¹⁸¹ No *Catalogo* redigido pelo jesuíta Francisco Rodrigues surge a seguinte informação a propósito de Ferreira: «Fù preso alli 3 di Agosto di quest'anno, & alli 18 di Ottobre sopportó gran pena per spatio di cinque hore nessa fossa: dalla quale poi le cauarono per dar gli nuoui tormenti; accioche scoprisse, e manifestasse li altri Padri suoi sudditi ... Mà esso perseuerando costantemente nel testimonio della sua fede con inuincibil patienza vinse li tiran//ni & acquistò il Regno de Celi». Francisco Rodrigues, *Catalogo de' Religiosi della Compagnia di Giesv, che furono tormentatii. E fatti morire nel Giappone per la fede di Christo l'Anno 1632. e 1633. Cauato dalle Lettere annue, che sono arriuate quest'anno 1635. In Lisbona con la naue Capitana dell' India Orientali*, Roma, Francesco Corbelletti, 1636, fl. 11-12.

¹⁸² António Francisco Cardim, *Catalogvs Regvlarivm, et Secvlarivm, Qvi in Iapponiae Regnis vsque à fundata ibi A S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia Abethnicis In odium Christianae Fidei Sub quatuor Tyrannis violenta morte sublatis sunt. Collectus A P. Antonio Francisco Cardim è Societate IESV Prouinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Roma, Herdeiros de Corbelletti, 1646, fl.74-75. O autor mantém a omissão a Ferreira em «Index» in *Elogios E Ramalhetes de Flores borifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu, a quem os tyrannos dos Imperio de Japão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica. Com o Catalogo de todos os Religiosos, e seculares, que por odio da mesma Fè forão mortos naquelle Imperio até o anno de 1640*, Lisboa, Manuel da Silva, 1650. Segundo Elisonas o conhecimento da apostasia de Ferreira nunca deverá ter sido anterior a 1635, não tendo sido aliás divulgado de imediato. Ferreira foi expulso da Companhia em Novembro 1636. George Elison, *op.cit.*, n.r. 42, p.446.

¹⁸³ Veja-se, por exemplo, Pedro Marques, *Breve relatione della gloriosa morte che il P. Antonio Rubino...*, fl.34-35. O conhecimento da apostasia de outros missionários resulta de informações compiladas em crónicas japonesas. Em 1655 ainda circulava a nova, que permaneceu contudo manuscrita, «do martírio do padre Christóvam Ferreira da Companhia de Jesus». RAH, Jesuítas, *Legajo* 22, fascículo 10, fl.513v, citado a partir de Josef Franz Schütte, *El «Archivo del Japon»*. *Vicisitudes del Archivo Jesuítico del Extremo Oriente y Descripción del Fondo Existente en la Real Academia de la Historia de Madrid*, Madrid, 1964, p.395-396.

A tortura foi assim um instrumento eficaz na perseguição aos cristãos. Como consequência última, o Cristianismo foi remetido para uma vivência oculta. Nesse sentido, as campanhas de perseguição das autoridades nipónicas foram bem-sucedidas. No ano de 1650 imprimia-se na Europa uma notícia segundo a qual nenhum jesuíta escapara à morte¹⁸⁴. Nesse mesmo tempo iniciava-se no Japão a compilação da *Kirishito ki*, uma colectânea de textos reunidos no âmbito do exercício do cargo de inquisidor do xogunato (responsável por vigiar as regiões onde a actividade cristã seria mais provável), entre 1652 e 1662, e que tratam da necessidade de estrita vigilância sobre o comércio realizado por estrangeiros e da interdição da religião *kirishitan*¹⁸⁵. A *Kirishito ki* testemunha também a alteração dos japoneses cristãos: «no início os *religionistas* quando questionados se eram Cristãos nada escondiam, e respondiam que eram Cristãos. Porém, presentemente, escondem a sua religião o mais que podem»¹⁸⁶. Esta circunstância levou ao desenvolvimento por parte dos cristãos de uma capacidade de dissimulação e de actuar em segredo, o que, segundo Nosco, acabou por fazer com que a emergência da esfera privada no Japão Tokugawa estivesse interrelacionada com a perseguição ao Cristianismo¹⁸⁷.

2.2.4 O Novo Ciclo de Perseguição

A partir da década de 1640, a clandestinidade acabou por conduzir a um novo ciclo de punição, deixando de se centrar no tormento público e na tortura.

Primeiro, retomou-se a postura inicial, isto é, a execução sumária do acusado. Em 1657 dava-se o chamado «desmantelamento de Kōri», localidade no domínio de

¹⁸⁴ Alexandre de Rhodes, *Relation de ce qui s' est passé en l'année 1649. Dans les Royaumes où les Peres de la Compagnie de Iesvs de la Prouince du Japon, publient le Saint Euangile*, Paris, Florentin Lambert, 1650, fl. 3.

¹⁸⁵ Trata-se de uma colectânea de textos de difícil identificação. George Elison atribuiu a responsabilidade da sua compilação a Inoue Masashige (1585-1661) em vésperas de transição do cargo de inquisidor do xogunato (*shumōn aratame yaku*) para Hōjō Ujinaga (1608-1670). Martin Nogueira Ramos corrobora a tese de Anesaki Masaharu, que atribui a iniciativa a Ujinaga; afirmação que é igualmente seguida por Gonoï Takashi. George Elison, *Deus Destroyed...*, p.204; Martin Nogueira Ramos, *op. cit.*, p.7-8; Gonoï Takashi, «*Kirishitan: les chemins qui mènent au martyre. Pour une histoire des martyrs chrétiens du Japon*» in *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11 (2009), p.57. Veja-se-se também Anesaki Masaharu «A Collection of Documents belonging to the Inquisition Office against the Kirishitans» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, 8: 8 (1932), pp.331-334.

¹⁸⁶ *Kirishito ki* citado a partir de George Elison, *op. cit.*, p.204.

¹⁸⁷ Peter Nosco, “Early Modernity and the State’s Policies toward Christianity” in *BPJS*, 7 (2003), p.9; Ikegami Eiko, *The Taming of Samurai. Honorific Individualism and the Making of Modern Japan*, Londres, Harvard, University Press, 1995, p.153; Peter Nosco «The Experiences of Christian During the Underground Years and Thereafter» in *JJRS* 34:1, p.86.

Ōmura onde foram descobertos mais de 600 cristãos¹⁸⁸, dos quais 400 recusaram a apostasia. As autoridades do xogunato não consideraram o recurso à tortura como forma de obter uma declaração de abjuração¹⁸⁹. Seguindo as instruções do *bakufu*, do universo dos interrogados, cerca de 10% dos indivíduos considerados úteis para inquirições futuras seria mantido na prisão; outros 10%, aqueles que tinham colaborado de forma mais activa com as autoridades, seriam enviados para as respectivas localidades; e os 80% remanescentes seriam decapitados¹⁹⁰.

Depois, a partir de dada altura, os cristãos deixam em regra de ser executados. Em 1660, mediante a descoberta e o aprisionamento de mais 30 cristãos ocultos em Usuki (Bungo), nenhum foi executado¹⁹¹. A partir de 1697 desaparecem completamente os registos de execução de cristãos. Várias razões explicam esta inflexão na política de extermínio do Cristianismo no Japão. Para Yukihiro esta atitude do *bakufu* foi o mecanismo encontrado para «evitar as apostasias superficiais»¹⁹². Na opinião de Nosco, esta nova atitude reflecte o desinteresse das autoridades pela execução de cidadãos cumpridores e trabalhadores¹⁹³. Tal como acontecera inicialmente, procurava evitar-se o êxodo de população essencial à economia do país.

Johannes Laures refere esta preocupação logo no tempo de Toyotomi Hideyoshi a propósito de perseguições desencadeadas pelo senhor de Hirado, Matsura Shigenobu, que procurou evitar o êxodo de centenas de vassallos que seguiram os Koteda quando estes rejeitaram a apostasia e largaram o seu senhor¹⁹⁴. De facto, a mesma ideia é corroborada pelas fontes impressas como é o caso da descrição de Pedro Morejon a propósito da atitude de Sahioye num dos surtos persecutórios que promoveu em Kochinotsu:

«porque como estauã tan resueltos [os cristãos de Kotchinotsu] en sufrir qualquier tormentos, antes que retroceder, o los auian de mandar martyrizar a todos: y esto era destruir el pueblo, o auian de quedar ellos deshonorados, no saliendo con lo que

¹⁸⁸ Sobre o acontecimento veja-se Martin Nogueira Ramos, *op. cit.*, p.38 e ss.

¹⁸⁹ Ōhashi Yukihiro in “Orthodoxie, hétérodoxie et *Kirishitan...*”, p.143.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p.145-147.

¹⁹¹ Jurgis Elisonas, “Christianity and the Daimyo”..., p.369-372; Peter Nosco, “Early Modernity and the State’s Policies...”, p.15.

¹⁹² Ōhashi Yukihiro, *op. cit.*, p.149.

¹⁹³ Peter Nosco, “Keeping the faith: the *bakuhau* policy towards religions in seventeenth-century Japan”..., p.150-151.

¹⁹⁴ Johannes Laures, *The Catholic Church in Japan...*, p.132-133.

pretendian: de lo qual los demas // Christianos auian de tomar nueuo animo, para estar constantes en la Fè, con el exemplo deste de Cuchinotzu ¹⁹⁵».

A mudança de inquisidor do xogunato, cargo que transitou de Inoue Masashige (1585-1662) para Hōjō Ujinaga (1609-1670), também deve ter contribuído para esta mudança¹⁹⁶.

Em vez da execução, o regime Tokugawa apostou em procedimentos que impunham um apertado controlo à generalidade da população e enveredou pela política de aprisionamento dos cristãos, que ganhou o estatuto de pena. A ideia de um longo cativeiro nunca antes fora ponderada pelas autoridades, que até aí viam na punição corporal e na pena capital a solução para a erradicação do Cristianismo¹⁹⁷.

Desde o início do decreto de perseguição, ocorrem no texto impresso menções esporádicas a espaços que funcionavam como cárcere. Por exemplo, na sequência do édito de 1614 Pedro Morejon reporta situações de indivíduos que são aprisionados em Bungo, em Kumamoto, em Arima ou no Miyako. Descreve então o cárcere de Arima como «vn campo raso, sin pared ninguna, sino vna rejas de palo grueso» que mais se assemelhava a uma jaula, e a propósito do Miyako descreve um local que efectivamente se aproximava do padrão de uma prisão pois dispunha de argolas e de ferros para prender os prisioneiros. Porém, com o decorrer do tempo as referências tornam-se mais frequentes, sendo descritos estabelecimentos com áreas diferenciadas para «malfeitores» e para presos por «delitos», nos quais os cristãos eram encarcerados. Enquanto uns eram publicamente executados outros permaneciam no presídio até à morte¹⁹⁸.

Se os métodos eram distintos, a política anticristã manteve-se vigorosa e a simples acusação de professar o Cristianismo era motivo de prisão. Em simultâneo, o regime Tokugawa apostou na elaboração de vários discursos ideológicos anticristãos, baseados nos fundamentos da ordem e da conformidade, que tinham como objectivo

¹⁹⁵ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.154.

¹⁹⁶ Ōhashi Yukihito, *op. cit.*, p.146-149.

¹⁹⁷ A valorização da prisão foi, no entanto, uma tendência comum a toda a prática judicial nipónica. Daniel V. Botsman, *op. cit.*, p.127.

¹⁹⁸ Cf. Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.60-61; fl.73; fl.181; fls. 248-249; João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone Dell' Anno 1624...*, fl. 12-15.

último, tal como a execução, a estabilidade política e social¹⁹⁹. Os nipónicos baptizados, esses, foram encontrando sofisticados mecanismos de dissimulação que lhes permitiu manter a sua crença e práticas religiosas de forma oculta.

2.3. As repercussões da «barbaridade».

Na realidade, durante o regime Tokugawa, a punição nipónica aproximou-se consideravelmente dos padrões punitivos da Europa. Com os Tokugawa assitiu-se a uma sistematização penal. A punição física deixou de ser aleatória e passou a respeitar uma tabela gradativa de crueldade consoante a gravidade do crime cometido, terminando em execução final²⁰⁰. Até ao final do século XVIII, na Europa e no Japão, manteve-se este princípio da proporcionalidade, em que os crimes graves envolviam sempre a tortura, ao passo que a execução sumária raramente era entendida como castigo suficiente²⁰¹. Porém, desde finais do século XVIII, a Europa começou a abandonar a ideia de eficácia das «execuções públicas, da mutilação e da tortura, anteriormente aceites como ferramentas essenciais à manutenção adequada da ordem social e moral»²⁰² e passou a desenvolver a concepção do sistema prisional enquanto espaço de reabilitação. Como demonstra Foucault, esta evolução foi apresentada pelos iluministas como um marco de progresso para uma civilização mais avançada²⁰³. Por isso, quando no século XIX as potências ocidentais começaram a olhar para os mercados e para as matérias-primas da Ásia, o Japão foi tido por um país de bárbaros²⁰⁴. Neste território mantinha-se, pelo menos formalmente, um sistema penal assente na violência física, e uma nova concepção de prisão enquanto espaço de reabilitação do indivíduo apenas começava a dar os primeiros passos. A sociedade nipónica foi acusada de alimentar a brutalidade, sendo considerada selvagem; o Japão era reduzido a um país oriental num «lugar bem atrás das nações do Ocidente no ... progresso humano»²⁰⁵.

¹⁹⁹ Sobre esta questão *vide* Herman Ooms, *op.cit.*, p.109. Entre os trabalhos centrados nesta questão destacam-se George Ellison, *Deus Destroyed...*, e Kiri Paramore, *Ideology and Christianity in Japan*, Nova York, Routledge, 2009.

²⁰⁰ Daniel V. Botsman, «Politics and Power in the Tokugawa Period»..., p.2.

²⁰¹ Foucault em *Discipline and Punish* fala da relação entre a punição e o entendimento que cada época e sociedade tinham e têm, do valor do corpo e da vida. Sobre esta questão veja-se Michel Foucault, *op. cit.*, p.7-8; Daniel V. Botsman, *op. cit.*, p.131, e Timothy Brook, Jérôme Bourgon e Gregory Blue, *Death by a Thousand Cuts*, Camb Ma-Londres, Harvard University Press, 2008, p.10.

²⁰² Daniel V. Botsman, *op. cit.*, p.130.

²⁰³ Michel Foucault, *op. cit.*, pp.11 e ss.; e Daniel V. Botsman, *op. cit.*, pp.129 e ss.

²⁰⁴ Daniel V. Botsman, *op. cit.*, pp.129-130.

²⁰⁵ *Ibidem*, p.129.

Botsman demonstra como esta imagem sustentou a posição dos Estados Unidos da América na imposição de tratados desiguais, quando forçaram os japoneses a abrirem-se ao exterior²⁰⁶. Segundo a lógica imperialista ocidental, o suposto atraso e barbaridade dos nipónicos impunha a necessidade de o Japão ser civilizado.

De onde provinha a informação que conduziu a essa imagem do Japão? Terão os textos impressos pelos missionários constituído a fonte documental por excelência para a representação do povo nipónico enquanto um povo bárbaro tal como foi veiculado na década de Oitocentos? De facto, o reportório bibliográfico que constitui a base documental da presente dissertação aponta para a impressão de 433 títulos, no período entre 1601 e 1652, redigidos por religiosos que, por dizerem respeito ao período em que se iniciaram as perseguições, abordam ou estão centrados na punição dos cristãos. Considerando que os textos publicados estavam repletos de descrições de suplícios arrepiantes que eram infligidos aos cristãos sob a aparente indiferença do carrasco japonês, levanta-se a questão de saber qual o seu impacto ao longo dos tempos.

Depois da expulsão dos portugueses em 1639 e do fim da presença missionária no território, as notícias sobre o Japão passaram a estar limitadas a informações de holandeses. Alguns funcionários da Companhia das Índias Orientais (*Verenigde Oost Indische Compagnie* – VOC) viveram e retrataram essa experiência nipónica. Todavia, como em 1641 foram forçados a deslocar-se da feitoria de Hirado para Deshima, uma ilha artificial no porto de Nagasaki, os seus relatos foram muito mais parciais do que os dos religiosos. Ao contrário destes, os homens ao serviço da VOC encontravam-se confinados a Deshima e apenas percorriam o arquipélago na visita anual que eram obrigados a prestar a Edo (quadrienal a partir de 1790). Dessas visitas resultaram alguns relatos que tiveram uma divulgação significativa. Destacam-se os textos escritos, em momentos diferenciados, por François Caron (ca. 1600-1674) e Engelbert Kaempfer (1651-1716), ambos objecto de várias publicações²⁰⁷.

²⁰⁶ Botsman defende que a associação aos japoneses do epíteto de povo bárbaro e incivilizado foi aproveitada para a exigência do estatuto de extraterritorialidade. *Ibidem*, p.131.

²⁰⁷ Sobre outras obras publicadas por holandeses que viajaram ao Japão veja-se Reinier H. Hesselink «Japan through Dutch Eyes» in *Briding the Divide. 400 Years. The Netherlands – Japan*, Leonard Blussé, Willem Rummelink e Ivo Smits (dirg.), Hotei Publishing, 2000, p.52. Uma versão detalhada do material encontra-se em Donald Lach e Edwin J. Van Kley, *Asia in the Making of Europe*, vol. III, *A Century in Advance*, Livro 4, *East Asia*, Chicago, University of Chicago Press, 1993, pp.1873-1887.

François Caron teve uma longa vivência no arquipélago²⁰⁸. Desembarcou em Hirado em 1619 e pouco tempo depois estaria ao serviço da VOC, acabando por progredir na carreira até ascender ao cargo de director da feitoria holandesa. Até ao ano de 1641, Caron residiu de modo quase permanente no arquipélago. Possuindo o domínio da língua, foi por diversas vezes intérprete em embaixadas holandesas de homenagem ao xogum. O seu texto sobre o Japão resultou de um pedido formulado pelo então recém-nomeado director geral da companhia em Batávia, Philips Lucasz, que, em 1636, requisitara informações sobre a feitoria de Deshima. Apesar de responder a uma exigência administrativa da VOC, o seu relato denota um profundo conhecimento da realidade nipónica. Talvez por isso se explique a ampla divulgação de que foi objecto: primeiro, integrou a história da VOC da autoria de Isaac Commelin (1645); depois foi publicado autonomamente (1648); por fim passou a ser impresso numa edição revista pelo próprio Caron após o seu regresso à Europa (1661)²⁰⁹.

Caron dedica todo um capítulo ao sistema penal nipónico, onde enuncia os crimes punidos de forma mais severa, diferencia a punição em função dos grupos sociais, destacando o privilégio dos guerreiros associado ao *seppuku* (morte por esventramento), refere a tendência geral para se punir com a morte todo e qualquer tipo de crime, mesmo o roubo mais insignificante, e cita a prática da responsabilização colectiva. Porém, é a propósito da punição dos cristãos, tratada num capítulo específico, que Caron traça a imagem de desumanidade dos nipónicos. Quando comparado com a escrita missionária, o discurso de Caron sobre estas punições é bastante mais detalhado, na descrição das atrocidades nos métodos aplicados. A classificação de «sangrento e selvagem»²¹⁰ são um mero eufemismo em face do conteúdo descrito.

Ainda assim, Caron terá considerado a sua informação pouco extensa, pois um outro texto foi anexado a todas as impressões da sua obra. Trata-se do texto *Historie der Martelaren / History of the Martyrs*, que foi redigido pelo seu conterrâneo Reyer

²⁰⁸ Sobre a vida de François Caron veja-se “Introdução” de C. R. Boxer na edição de *A True Description of the Mighty Kingdoms of Japan and Siam*, C. R. Boxer (publ), Londres, The Argonaut Press, 1953, 50pp.

²⁰⁹ A primeira edição enquanto obra independente data de 1648, *Beschrijvinghe van het machtigh coninckrijk Japan*. Foi traduzida em várias línguas (francês, inglês e latim) e em todas, no prazo de uma década foi editada mais de que uma vez, no prazo de uma década. Donald Lach e Edwin J. Van Kley, *Asia in the Making of Europe*, vol. III, *A Century in Advance*, Livro 1, *Trade, Missions, Literature*, Chicago, University of Chicago Press, 1993, p.458. Para um registo completo das várias edições do texto de Caron veja-se C. R. Boxer «Introduction» in François Caron e Joost Schouten, *op. cit.*, p.cxxix. e pp.169-180.

²¹⁰ François Caron e Joost Schouten, *op. cit.*, p.45.

Gysbertsz a propósito das execuções ocorridas entre 1622-1629²¹¹. Gysbertsz, mercador protestante, faz uma abordagem mais factual da questão, tratando sobretudo dos procedimentos que antecederiam a execução e focando-se na evolução dos números relativos à perseguição – quando e quem foi executado em cada ano.

Perante as atrocidades vividas, o autor chega a afirmar «tenho vergonha em relatar, nem a minha caneta consegue descrevê-lo, por isso omito-o»²¹². Estes textos redigidos por laicos distanciam-se claramente dos de autoria missionária, pelo interesse no detalhe realista e, nesse sentido, bastante mais prolixos e detalhados nos aspectos sanguinários.

O contributo do alemão Engelbert Kaempfer é em tudo contrastante com o de Caron. Em primeiro lugar, esteve no Japão apenas dois anos, entre 1690-1692, na qualidade de cirurgião da VOC em Deshima, tendo integrado por duas vezes a embaixada a que os holandeses estavam obrigados a Edo. Em segundo lugar, neste pequeno intervalo de tempo os sinais de vivência cristã eram inexistentes, embora à época governasse o xogum Tokugawa Tsunayoshi, que ficaria conhecido pelas suas políticas humanitárias²¹³.

Apesar da sua estadia no Japão ter sido mais limitada no tempo, a obra de Kaempfer é bastante mais abrangente do que a de Caron. O texto foi redigido após a sua estadia no arquipélago, usando de documentação diversa incluindo nipónica²¹⁴. Apresenta-se como um livro centrado na história e na cultura nipónicas, embora não faça referência ao seu sistema penal. Kaempfer ocupa-se das tradições religiosas, mas não se alarga no problema da perseguição aos cristãos nem desenvolve a questão do trato dos portugueses no Japão. Reitera, contudo, insistentemente o modo como a

²¹¹ Reyer Gysbertsz, *Historie der Martelaren die in Jappan om de Roomsche Catholijcke Religie, schrickelijcke, ende onverdraghelijcke pynen geleden hebben, ofte ghedoodt syn, beschreven door Reyer Gysbertsz / History of Martyrs who have been killed, or endured fearful and insufferable torments, for the sake of the Roman Catholic Religion in Jappan* (1ª ed, Amesterdão, 1637). A partir de 1637 o texto foi incluído em várias edições holandesas do texto de François Caron. Para a versão completa inglesa do texto veja-se François Caron e Joost Schouten, *op. cit.*, pp.73-89.

²¹² *Ibidem*, p. 83.

²¹³ Na vastíssima legislação emitida por Tsunayoshi destaca-se a proibição do infanticídio, o estabelecimento de centros de acolhimento para os prescritos, doentes, e sem abrigo, e até para cães, sob a justificação do elevado número de animais abandonados em Edo durante a estadia à qual os dáimios se encontravam obrigados no âmbito do *sankin kotai* (residência alteranada em Edo). Conrad Totman, *op. cit.*, p.133-134.

²¹⁴ O tradutor francês da obra de Kaempfer, Jean-Gaspar Scheuchzer, enuncia as obras nipónicas trazidas para a Europa por Kaempfer, e especifica aquelas que constituíram fonte para o seu trabalho. *Histoire Naturelle, Civile et Ecclesiastique de l' Empire du Japon*, Jean-Gaspar Scheuchzer (trad.), Haia, Pierre Gosse & Jean Neaulme, 1729, pp.lix-lxv.

associação entre mercadores e missionários contribuiu para decisão final de expulsão dos portugueses. Este seu texto só viria a ser publicado no século XVIII, mas o sucesso foi imediato. Publicado em versão inglesa em 1727, foi objecto de um total de dez edições, entre traduções e reimpressões²¹⁵.

Muito mais tarde, quando o Comodoro Mathew Perry partiu em 1853 dos EUA, com vista a forçar os nipónicos a reatarem as relações com as potências ocidentais, levava consigo um exemplar da obra de Kaempfer. Mas transportava também uma outra obra recém-publicada à época (1852). Tratava-se de *The Japan and the Japanese* redigida por Talbot Watts, um antigo funcionário da Companhia das Índias Orientais britânica²¹⁶. O facto de ter sido transportada por Perry significa que era tida como uma fonte fidedigna. Aliás, o livro era assumido como uma novidade, na medida em que tinha a pretensão de facultar ao público «toda a informação digna de confiança ou válida passível de ser obtida sobre o assunto», isto é, o Japão e o seu povo, recolhida de obras com que poucos estariam familiarizados e de difícil acesso²¹⁷. De facto, a obra de Watts transcreve fontes diversas, muito embora não reproduza nem escritos dos missionários nem dos mercadores sediados nas feitorias de Hirado e Nagasaki, uns e outros publicados na Europa ao longo do século XVII.

A obra de Watts inicia-se com uma síntese realizada pelo autor onde, apesar do discurso bastante desorganizado e nem sempre isento de erros, discorre sobre a organização administrativa, social e religiosa e sobre vários hábitos culturais nipónicos. Apesar de não citar Caron, Watts teve acesso à sua obra, fazendo uso exactamente dos exemplos descritos por aquele oficial. Tal como Caron, o autor assinala que no arquipélago nipónico «não existe ofensa, ainda que menor, que não seja punida com a morte», e regista que aí os «castigos não são proporcionáveis aos crimes cometidos; mas são tão cruéis que não é fácil expressar a barbárie exibida»²¹⁸. O grau de barbárie é ainda reforçado pelo detalhe com que é descrita a tradição da punição colectiva, designadamente dos familiares do punido, o uso da tortura na punição, a violência das penas aplicadas, e a associação de costumes exóticos para apuramento da inocência do

²¹⁵ Beatrice Bodard-Bailey «Translator's Introduction» in *Kaempfer's Japan. Tokugawa Culture Observed*, Beatrice M. Bodart-Bailey (dirg.), Hawai, Honolulu University, 1999, p.7.

²¹⁶ Talbot Watts, *The Japan and the Japanese*, Nova York, J. P. Neagle, 1852.

²¹⁷ *Ibidem*, p.iii.

²¹⁸ Watts menciona como os crimes mais graves e punidos com a morte o roubo (independentemente do valor) a cunhagem de moeda falsa, o fogo posto, a violação e o mau governo. Talbot Watts, *op. cit.*, p.10. Cf. François Caron e Joost Schorten, *op. cit.*, pp.36-41.

acusado. Watts omite, contudo, os detalhes mais brutais e sanguinários que constavam dos relatos de Caron e de Gysbertsz, e não refere especificamente a perseguição dos cristãos.

Deste modo, não restam dúvidas de que para a imagem de um Japão num estágio civilizacional inferior contribuiu a leitura de textos redigidos em tempos de perseguição aos cristãos. A realidade persecutória proporcionou uma base factual e a ampla divulgação de uma extensa prática discursiva sobre o tema facilitou o julgamento preconceituoso dos nipónicos. O isolamento a que o Japão se impôs a partir de 1640 contribuiu para a cimentação daquela imagem. A temática da perseguição não suscitou, contudo, interesse no momento em que se preparava uma nova aproximação ao Extremo-Oriente no século XIX. Quanto ao texto impresso missionário, esse apenas contribuiu de forma indirecta para a representação brutal do Japão.

De facto, da avaliação do texto de Watts apenas se infere o cruzamento pontual de informações veiculadas pela imprensa missionária. Disso é exemplo a referência a uma prática exótica de «juramento gentílico». O costume, reproduzido em Watts, tem como fonte textos missionários:

«o juramento de fogo ao modo gentílico, como em Iapão se vsa, o qual se faz desta maneira. O que há de jurar, escreue em hum papel assinado por ele, dizendo que tal não fez, & inuocando sobre si a ira dos Camijs, & Fotoques, se tal fez. Nisto poenlhe o papel na palma da mão, & metemlhe sobre elle hum pedaço de ferro todo abrasado em fogo fazendolhe apertar na mão: & persuadense os Iapões, & dizem o achão por experiencia, que quando a pessoa *tem* culpa, fica logo o papel, & a mão abrasada, & não a tendo fica assi a mão, como o papel sem se queimar»²¹⁹.

Esta informação foi posteriormente reproduzida num outro texto, de Arnoldus Montanus (1625?-1683). Montanus nunca viajara ao Japão, mas na sua obra, que demorou 20 anos a ser redigida, compilou informação missionária com relatos dos

²¹⁹ *Compendio de algvas cartas qve este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesv, que residem na India & corte do grão Mogor, & nos Reynos da China, & Iapão, & no Brasil em que se contem varias cousas. Collegiadas por o padre Amador Rebello de mesma companhia, Alexandre Siqueira, Lisboa, 1598, fl.86.*

empregados ao serviço da VOC²²⁰. À semelhança do texto de Caron e Kaempfer, a obra de Montanus foi traduzida em diversas línguas, nomeadamente em inglês logo em 1670, ano imediatamente posterior ao da primeira edição em holandês²²¹.

Assim, a compilação de notícias por Watts sobre o Japão espelha dois aspectos sobre a história do conhecimento do Japão. Em primeiro lugar vai ao encontro da ideia desenvolvida por Burke da importância da «distribuição espacial do conhecimento»²²². Kaempfer e Montanus fundamentaram os seus textos nos relatos impressos por missionários, consultados ou adquiridos em espaços de conhecimento da época, fossem eles a oficina do impressor, a biblioteca, a universidade ou o mosteiro. No caso de Kaempfer sabe-se que a sua biblioteca particular era composta por uma extensa lista de textos sobre o Japão impressos por missionários: citando apenas alguns, desde cartas anuais dos jesuítas, aos relatos franciscanos de Juan de Santa Maria e de Marcelo Ribadeneira sobre o primeiro martírio de cristãos impressos em Madrid em 1599 e em Barcelona em 1601 respectivamente; à história da Companhia de Jesus de Luis de Gusmán impressa em Alcalá em 1601; à obra congénere redigida pelo dominicano Jacinto Orfanel com edição em Madrid em 1633; ou relação dos mártires de Frei Diego de San Francisco, publicada em Manila em 1625²²³. Watts teve acesso a outros espaços de conhecimento que lhe proporcionaram a leitura de textos laicos, sem dúvida, o de Caron, o de Kaempfer e o de Montanus.

Em segundo lugar, as escolhas de Watts remetem para a importância da língua enquanto factor primordial no acesso e selecção do conhecimento. De facto, as obras Caron, Kaempfer ou de Montanus distinguem-se por terem conhecido edições sucessivas em inglês para lá de Seiscentos. Já dos textos missionários impressos, conhecem-se apenas três traduções, todas restritas ao século XVII, realizadas no colégio

²²⁰ No presente estudo fez-se uso da versão francesa publicada em Amesterdão em 1680. Arnoldus Montanus, *Ambassades Mémoires de la Compagnie de Indes Orientales des Provinces Unies vers les Empereurs du Japon*, Amesterdão, Jacob Meurs, 1680, pp.178-204.

²²¹ A primeira edição em holandês foi publicada em Amesterdão em 1669. *Gedenkwaardige gesantschappen der Oost-Indische maatschappij in't Vereenigde Nederland, aen de Kaisaren van Japan...*, Amesterdão, 1669. A primeira edição inglesa é do ano seguinte: *Atlas Japannensis: Being Remarkable Addresses by Way of Embassy from East India Company of the United Provinces to the Emperor of Japan*, Londres, Tho. Johnson, 1670.

²²² Peter Burke, *A Social History of Knowledge. From Gutenberg to Diderot*, Cambridge, Polity Press, 2000, p.55.

²²³ Para uma lista completa das obras que constavam na biblioteca de Kaempfer veja-se a nota do tradutor da edição francesa (Haia, 1729) de Jean-Gaspar Scheuchzer. Engelbert Kaempfer, *Histoire Naturelle, Civile et Ecclesiastique*, *op. cit.*, pp. p.lv e ss.

da Companhia de Jesus em St. Omer, no litoral francês, com vista a serem escoadas para Inglaterra via canal da Mancha²²⁴.

Assim, a imagem de Oitocentos veiculada na Europa sobre o Japão ficou-se a dever à leitura dos textos laicos, onde predominam, aliás, como se afirmou, as descrições mais sanguinárias. Ora esta constatação abre caminho para o entendimento dos textos missionários impressos sobre o Japão. Se as ordens missionárias publicaram 433 títulos sobre o Japão, este manancial de informação parece destinar-se a um mercado específico. Isto explica o predomínio da impressão nas línguas dos estados envolvidos na missionação do Japão. Tratam-se sobretudo de textos em italiano e castelhano. Apenas 18 títulos foram publicados em português, número explicável, em parte, por Portugal integrar a Monarquia Ibérica e também porque, mesmo antes disso, o bilinguismo era uma prática habitual. Além do mais, a divulgação da realidade vivida pelos cristãos nipónicos, cujas execuções eram apresentadas como martírios, servia uma determinada política, nomeadamente a das respectivas ordens missionárias na Europa, nem sempre directamente relacionáveis com a sua presença no arquipélago, o que levava os missionários a valorizar a retórica em detrimento dos detalhes das execuções.

²²⁴ São estas três obras: uma tradução da obra de Pedro Morejon, *A Briefe Relation Of The Persecvtion Lately Made Against the Catholike Christians, in the Kingdome of Iaponia, Deuided into two Bookes. Taken out of the Annuall Letters of the Fathers of the Society of Iesvs, and other Authentick informations . Written in Spanish, and printed first at Mexico in the West Indies, the yeare [sic] of Christ M. DC. XVI. And Newly translated into English by W. W. Gent, (St. Omer, 1619); The Theater of Iaponias Constancy: in which an Hundred & Eighteen Glorious Martyrs suffered Death for Christ, in the years of our Lord 1622. Also a Briefe Relation of the many, and wonderfull Miracles, it hath plesased God lately to worke, by the Merits and Intercesssion of S. Ignatius, Founder of the Society of Iesvs, at Murnebrega a Town in Spayne, in the Months of Aprill and May of the yeare 1623. Both faithfully translated out of the Spanish Originalls lately printed at Madrid (St. Omer, 1624); e por último a edição da carta ânua relativa ao ano de 1624 redigida por João Rodrigues Girão, *The Palme of Christian Fortitvde. Or the glorius combats of christians in Iaponia. Taken out of letters of the Society of Iesvs from thense. Anno 1624. Hier. Ep.150. Triumphus Dei est passio Martyrum, & cruoris effusio, & inter tormenta laetitia. God triumphes when Martyrs suffer, and shead their blood, and reioyce in their torments* (St. Omer, 1630).*

Cap. 3 «Invencível constância e fervoroso desejo de padecer por Cristo»: Os significados do martírio nos textos impressos missionários

A morte por suplício aplicada aos cristãos, longe de se resumir a uma punição extrema, compreendeu significados múltiplos, consoante a perspectiva do olhar. Para as autoridades nipónicas o suplício constituía, por um lado, um mecanismo de punição daqueles que desafiavam as regras e, por outro lado, um instrumento de intimidação e dissuasão para os que assistiam ao espectáculo público da execução. Do ponto de vista dos cristãos, o suplício foi associado ao mistério da morte pela fé, à imagem de redenção de Cristo crucificado. O discurso missionário explicita estes vários entendimentos, mas porquanto redigido por missionários todos eles europeus, acentua o significado que associava o suplício ao martírio.

«estaua Tomè bien descuydado ... quando llegaron vnos soldados a amarrarle, y lleuarle a juyzio: a los quales preguntò el, que porque causa le prendian: porque si era por ser Christiano, se dexaria atar de muy buena voluntad, mas si era por outra causa, se defenderia como soldado que era y muy valiente... y luego el buen Tomè, como vn cordero manso, arrojando la espada, y daga que traìa, se dexò luego amarrar»¹.

O texto citado refere-se a um dos inúmeros episódios de perseguição e de punição descritos na narrativa missionária em que o nipónico convertido surge como um indivíduo religiosamente aculturado. Os nipónicos são retratados com tendo assimilado por completo a doutrina cristã. Como bons cristãos que defendiam tenazmente a sua fé, e que num contexto de hostilidade sacrificavam as suas próprias vidas, eram em tudo comparáveis aos cristãos da Igreja primitiva. Esta representação da comunidade nipónica, tão insistente e prolongadamente divulgada, afasta-se assim da nota dominante da escrita missionária, e de muita da narrativa da época da Expansão a propósito da descrição do «*outro*», que valorizava a alteridade e não raras vezes o exotismo. A adesão dos cristãos nipónicos à redenção através da morte pela fé que,

¹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion que huuo estos años contra la Iglesia de Iapon, y los ministros della. Sacada de carta anua, y de otras informaciones authenticas q truxo el Padre Pedro Morejon*, Saragoça, Juan de Larumbe, 1617, fl.165.

embora exacerbada na escrita missionária, é certamente inequívoca, merece por isso aprofundamento.

O debate acerca da evangelização dos *kirishitan*, uma transliteração do termo português cristão, que servia para designar os seguidores do Cristianismo, tem-se ocupado sobretudo do estudo dos métodos e das estratégias de evangelização². Neste contexto, têm-se desenvolvido trabalhos sobre a acomodação dos missionários à realidade local. A historiografia tem salientado sobretudo as repercussões da chegada ao Japão do visitador da Companhia de Jesus Alexandre Valignano, na década de 1580, e a sua estratégia de procurar minorar o choque cultural³.

A investigação sobre o processo de evangelização na perspectiva do convertido teve início com Lopez-Gay, que assinalou o contributo do próprio substrato religioso nipónico para a assimilação do Cristianismo⁴. Esta perspectiva foi seguida por Minako Debergh, que se interessou pelas raízes nipónicas dos rituais penitenciais realizados pelos japoneses convertidos⁵. Mais recentemente Ikuo Higashibaba demonstrou que o Cristianismo no Japão absorveu aspectos das tradições religiosas locais, o que veio a facilitar a sua propagação⁶.

Porém, nenhum dos autores questionou a clara predisposição dos nipónicos para o martírio. No presente capítulo propõe-se a análise desta outra dimensão do suplício a partir da narrativa missionária. Por outro lado, na medida em que todos os textos impressos foram redigidos por homens educados na Europa, o discurso sobre o suplício deve ser também interpretado à luz das correntes de espiritualidade e das vivências

² A bibliografia sobre esta matéria é muito vasta. Citam-se apenas os principais trabalhos. A obra de C. R. Boxer, numa perspectiva mais abrangente; e a de Léon Bourdon dedicada à presença jesuíta no arquipélago mas restrita aos primeiros anos de missão (até 1570), e o trabalho de João Paulo Oliveira e Costa enquanto reflexão sobre o episcopado de D. Luís Cerqueira. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan*, Manchester, Carcanet Press, 1993; Léon Bourdon, *La Compagnie de Jésus et le Japon. 1547-1570*, Paris-Lisboa, FCG-CNCDP, 1993; João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, vols. I e II, tese doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, [texto policopiado], 1998.

³ Josef Franz Schütte, *Valignano's Mission Principles for Japan*, 2 vols., St. Louis, 1980-1985. J. F. Moran, *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in Sixteenth –Century Japan*, Londres- Nova York, Routledge, 1993; João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, pp.539-ss.

⁴ Jesus López Gay, *La Liturgia en la Mision del Japon del Siglo XVI*, Roma, 1970.

⁵ Minako Debergh, «Deus Nouvelles études sur l' Histoire du Christianisme au Japon» in *Journal Asiatique*, 1-2 (1984), pp.167-216; Minako Debergh «Premiers Jalons de l'Evangelisation d' Inde, du Japon et de la Chine» in *Histoire du Christianisme des origines à nos jours*, Jean-Marie Mayeur, Charles Pietri, André Vauchez e Marc Venar (dir.), tomo VIII *Les Temps des Confessions* (1530-1620/30), Marc Venard (dir.), p.827-828.

⁶ Ikuo Higashibaba, *Christianity in Early Modern Japan. Kirishitan Belief and Practice*, Leiden-Londres-Colónia, Brill, 2001.

religiosas que dominavam no continente europeu. Detenhamo-nos brevemente sobre este aspecto.

Depois da fractura definitiva da Cristandade com a Reforma luterana, a partir de 1517, a Europa vivia em plena renovação e efervescência religiosa. Enquanto no campo protestante se enraizava uma multiplicidade de confissões de raiz luterana e calvinista, a Igreja de Roma, re-impulsionada pelo Concílio de Trento (1545-1563), mostrou quais seriam os caminhos centrais da catolicidade para os séculos seguintes de maneira a reerguer e consolidar uma Igreja agora amputada, mas apostando, também, em instrumentos de repressão, como os *Indexes* dos livros proibidos e a Inquisição. De qualquer das formas, o caminho não seria o de um apaziguamento entre católicos e protestantes, pelo contrário: o rosto político-religioso da Europa seria marcado pela intolerância e pelo zelo das respectivas ortodoxias – sendo que no campo protestante tal caminho foi sobretudo representado pelo calvinismo.

A perseguição de cristãos levada a cabo até ao édito de tolerância do imperador Constantino (Milão em 313) – o qual garantiu àqueles que viviam no império romano, pelo menos no plano formal, a tolerância religiosa –, volta a assim a manifestar-se nas guerras religiosas entre católicos e protestantes⁷. Neste contexto da Reforma e da Contra-Reforma católica, a afirmação pública da identidade religiosa por parte de um indivíduo passou a implicar não raras vezes a execução, ora de católicos ora de protestantes. Essas mortes eram reivindicadas como martírio e amplamente divulgadas como uma manifestação de reconhecimento inequívoco da verdade confessional. O tema do martírio no Japão, apesar de se afastar do tema do confronto entre católicos e protestantes, vinha assim ao encontro desta luta pela afirmação do Cristianismo. Além disso, também encontrava similitudes com um outro movimento contemporâneo relacionado com o martírio e que se tornara para a Europa católica da Contra-Reforma simultânea e igualmente inspirador. Em 1578 tinham sido descobertas em Roma as catacumbas dos primeiros cristãos, despertando o interesse pela Igreja primitiva⁸. Com os mártires do Japão, a Cúria Romana podia reclamar, para além do seu passado arqueológico, uma manifestação muito próxima das suas origens: uma nova Igreja primitiva no arquipélago nipónico. O discurso missionário sobre o martírio no Japão

⁷ Sobre os surtos de perseguição que medeiam este largo espaço temporal veja-se R. Hedde, «Martyre» in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, dirg A. Vacant, E. Mangenot, É. Amann, tomo X, Paris, Librairie Leteney, 1928, col.239-240.

⁸ Brad G. Gregory, *Salvation at Stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Cambridge Mass.-Londres, Harvard University Press, 1999, p.251.

tem de ser por isso lido à luz destas importantíssimas manifestações decorrentes do movimento de renovação da Igreja Católica.

Questionar os paradigmas subjacentes à construção desta narrativa missionária, na vertente de predisposição cultural nipónica para o suplício e no contexto das sensibilidades religiosas europeias, constituiu uma etapa essencial para a compreensão dos objectivos que levaram à publicação de um número tão significativo de textos impressos sobre a realidade martirológica no Japão.

3.1. *Sair para o palanque: Honra ou «Gloriosa morte»?*

Uma das características do discurso missionário logo a partir da primeira execução de cristãos em 1597 é a apresentação dos conversos nipónicos como uma população cristã que reagia e enfrentava as proibições das autoridades sem receio de ameaça ou sanções, uma população que preferia sofrer as represálias da autoridade local a ceder as propostas de dissimulação simbólica, que se mostrava, na generalidade, predisposta para «morrer mártir»⁹. Os cristãos nipónicos são enaltecidos pelo fervor e constância religiosas, a tal ponto que, segundo a escrita missionária, não podia deixar de «consolar, y en alguns cosas confundir a los que viuimos en Europa»¹⁰.

Como se referiu anteriormente, antes do decreto de 1614 a execução não foi a principal pena aplicada aos indivíduos que se afirmavam na fé, predominando as penas de exílio e de confisco de bens. Até esse momento, os missionários descrevem com bastante detalhe as reacções dos conversos face ao seu destino. Uns mantinham-se firmes quando aliciados com honras extremas com vista a renegar¹¹; outros, longe de

⁹ Veja-se a título indicativo, Luís Fróis, *Relatione Della Gloriosa Morte Di XXVI Posti In Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù, & dicesette Christiani Giapponesi. Mandata dal P. Luigi Fróis alli. 15 di Marzo, al R. P. Clavdio Acqvaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal P. Gasparo Spitilli di Campli della medesima Compagnia*, Roma, Luigi Zannetti, 1599, fl.41.

¹⁰ Luís Pinheiro, *Relacion del Svcesso que Tvvo Nvestra Santa Fe En los Reynos Del Iapon, desde el año de seyscientos y doze hasta el de seyscientos y quinze, Imperando Cubosama. Dirigida a la magestad catolica del rey Filippo Tercero nuestro Senor*, Madrid, viúva de Alonso Martin de Balboa, 1617, fl. 4.

¹¹ A documentação é abundante em exemplos, sobretudo nas notícias anteriores a 1614. Cite-se, a título meramente exemplificativo, a atitude de Kato Kiyomasa em 1609 que a todo o custo procurava poupar a execução de um seu vassalo por motivo da fé: «... s'ingegnò di piegarlo con promesse, cortesie, e segni di amorevolezza: lo introdusse nelle stanze più secrete lo conuitò col Cìà [chá] (bevanda di queste parti) tentandolo di nuouo gagliardamente [vigorosamente], ch'apostatasse». Valentim Carvalho, *Relationi della Gloriosa Morte Di Nove Christiani Giapponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica ne i Regni di*

esconder o seu credo, pelo contrário, publicitavam-no diante das autoridades¹². A imagem dominante é a de uma comunidade exemplar que não recuava, preferindo aceitar as penas infligidas pelas autoridades nipónicas. Após a promulgação do édito de 1614, os textos impressos a partir do testemunho dos missionários europeus mantêm o registo de que os cristãos, face à exigência de renúncia de Fé, insistiam de modo voluntário e público continuar a proclamar-se cristãos. Neste sentido, os textos missionários enumeram diversas situações: indivíduos que se expunham ao vexame público sem qualquer resistência, e até de *motu proprio*, e que resistiam a todo o tipo de pressão para renegar a sua religião. É impossível pensarmos que, referindo-se à capacidade para o martírio e para a afirmação incondicional da Fé pelas comunidades nipónicas cristãs, esses textos missionários não fossem também portadores, de forma subliminar, de uma mensagem que, num tempo de heroísmo e de santos, como era a Igreja contra-reformista e do Barroco, podia aplicar-se ou, até, servir de modelo a uma Europa fracturada sob o ponto de vista religioso.

Com o agravamento da perseguição e o início da política de execuções, a representação dos nipónicos enquanto povo predisposto ao tormento e com capacidade para a redenção prevalece. Os missionários continuam a relatar que certos cristãos se dirigiam voluntariamente às autoridades prontos a sofrer o que lhes estava destinado e havia indivíduos que chegavam a abandonar a sua zona de residência para partir para localidades onde a perseguição se fazia sentir, assim testemunhando a sua entrega à fé de forma radical¹³. Nas descrições dos suplícios e das execuções mantêm-se a imagem de coragem e de determinação. Multiplicam-se os exemplos de gente que sofria todo o tipo de privação de forma resignada, e sem qualquer lamento e que até se insurgia quando se lhes procurava atenuar o sofrimento¹⁴. Gente que chegava a mortificar-se

Fingo, Sassuma, e Firando; Mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesv in Giapone, nel Marzo del 1609 e 1610. Al Molto R. P. Clavdio Acquaiiua Generale della medesima Religione, Roma, Bartolomeo Zannetti, 1611, fl.13.

¹² É referida, por exemplo, a convocatória realizada pelas confraria de Arima em 1612 para «dar auido a todos os lugares, & villas, que auia mártires em Arima [note-se ainda ninguém tinha sido executado], que todos acudissem ao lugar do martírio, onde sendo necessário em altas vozes se auião de nomear por Christãos, & que estauão aparelhados a morrer polla fee, pois a isto se tinham obrigado, quando entrarão na confraria cõ seus assinados que todos derão, & muitos delles feito com o proprio sangue...». Gabriel de Matos, *Relaçam da Perseguiçam qve teve a Christandade de Iapam desde Mayo de 1612. até Nouembro de 1614. Tirada das cartas annuaes que se enuiarão ao Padre Geral da Companhia de Iesv. Composta pollo P. Gabriel de Matos da Companhia de Iesv, Procurador da China & Iapão, natural da Videgueira*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1616, fl.14v.

¹³ É o caso, por exemplo, de quatro cristãos que saem de Nagasaki para Kochinotsu, onde, no momento, a população estava a ser pressionada a renegar. *Vide Pedro Morejon, Relacion de la persecucion...*, fl. 222.

¹⁴ Veja-se a título exemplificativo a descrição de Pedro Morejon. *Ibidem*, fl.72.

com o mesmo tipo de suplício infligido a outros como forma de afirmar a força das suas convicções religiosas¹⁵ e que caminhava sem hesitação e com dignidade para a morte¹⁶. A atitude é definida pelos jesuítas como uma «diligencia santa, de salir los Christianos al palenque»¹⁷. Mesmo se, com a sistematização da perseguição na década de 1620, surjam relatos de cristãos que se refugiam, os testemunhos missionários não deixam de conter um manancial de exemplos de virtude, persistência e entrega, apesar da intensificação do acosso, e da escalada da violência¹⁸.

Tem prevalecido um consenso na historiografia acerca da simpatia dos japoneses relativamente ao Cristianismo¹⁹. Efectivamente, os episódios descritos pelos missionários referem um universo alargado de grupos sociais envolvidos. Como se afirmou, inicialmente a elite militar constituiu o alvo principal da perseguição, ocupando, por isso, parte substancial das descrições dos missionários – trata-se dos indivíduos designados na documentação como gente nobre e honrada. Porém, e também como já foi mencionado, sendo a conversão ao Cristianismo um fenómeno transversal a toda sociedade, a gente humilde, apesar de não ser senão tardiamente o objecto de perseguição, acabou também ela por não escapar à execução. Não constituindo os *kirishitan* um grupo socialmente uniforme, e por isso, com níveis de doutrinação necessariamente desiguais, como se explica esta facilidade de adesão dos vários grupos sociais nipónicos ao martírio?

3.1.1. A «Niponização» do Cristianismo

A aceitação e a assimilação do Cristianismo, mais precisamente a ideia de salvação e martírio, foram facilitadas por alguma proximidade entre os preceitos

¹⁵ Por exemplo, no contexto das disciplinas realizadas em Nagasaki aquando da promulgação do édito de expulsão (1614) houve caso de cristãos que, segundo os relatos, de modo voluntário permaneceram ao relente duas noites contínuas, pena também aplicada pelas autoridades aos cristãos do Miyako. Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.75.

¹⁶ A título exemplificativo leia-se a descrição realizada por Gaspar Luís a propósito do martírio de vários cristãos em Novembro de 1619 em Nagasaki. Gaspar Luís, «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» redigida em Macau a 1 de Outubro de 1620 in *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone. Al molto Reu. In Christo P. Mytio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Roma, Herdeiros de Bartolomeo Zannetti, 1624, fl.25-31.

¹⁷ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.187.

¹⁸ Veja-se por exemplo os testemunhos de perseverança atribuídos a cada um dos executados em Arima em Novembro de 1614 durante os tormentos que lhes são infligidos. *Ibidem*, fl.167-179.

¹⁹ A bibliografia é extensa nesta matéria e a ideia é consensual tanto em autores ocidentais, como Jesus Lopez-Gay, Juan Ruiz-de-Medina e João Paulo Oliveira e Costa, como em autores nipónicos, de que se destacam Ōhashi Yukihiro e Ikuo Higashibaba.

crístãos e os da religiosidade nipónica. Introduzido pelo Budismo, o conceito de *karma* levou à interiorização por parte do indivíduo de que este tinha ao seu dispor meios que condicionavam a sua vida futura, deixando assim de se encontrar à mercê das forças misteriosas dos *kami* veneradas no Xintoísmo. O princípio do *karma* pressupunha a ideia de vida após a morte, que poderia levar à salvação por via do renascimento num paraíso²⁰. Graças à acção doutrinária do monge Rennyō (1415-1499) abade em Honganji, à data do início da evangelização missionária no Japão, o paraíso mais popular era a Terra Pura, do buda Amida. Este ramo budista da seita Verdadeira Seita Terra Pura defendia que, pela prática do *nenbutsu*, isto é, através da invocação sincera do nome de Amida, o indivíduo garantia a salvação eterna pois a iluminação não dependia do seu esforço individual mas dos poderes salvíficos de Amida.

Também no Cristianismo a salvação era obtida através do poder salvífico de um «outro», Deus, misericordioso, compassivo e benevolente²¹. A proposta cristã de salvação na fé em Deus teve por isso uma base doutrinária paralela, já enraizada, que facilitou a sua assimilação. Ambos, Deus e Amida, surgem como entidades salvíficas, embora com diferenças substanciais ao nível no que se refere à proposta de salvação. Enquanto no Cristianismo, o caminho passava pela obediência a uma série de preceitos religiosos e litúrgicos, com ênfase nos ritos penitenciais, a Verdadeira seita Terra Pura postulava a fé exclusiva nos poderes salvíficos de Amida e, embora propondo a realização de rituais, remetia-os para um plano secundário.

Já em matéria de práticas religiosas, a tradição xintoísta, ao valorizar a purificação, facilitou a aceitação do Cristianismo²². De facto, desde tempos imemoriais os rituais xintoístas de *misogi* e *oharae* visavam a purgação de todo o tipo de impurezas, como a doença e os erros, que consideravam perturbadoras da harmonia entre o Céu e a Terra, e causadoras dos desastres naturais²³. Muito embora constituíssem dois rituais distintos, – sendo que a *oharae* se realiza em momentos específicos no decurso do ano e a *misogi* constitui uma prática usual, inclusive diária para alguns -, ambas incluíam gestos ritualísticos que, envolvendo sempre a água, se acreditava serem purificadores do

²⁰ Seguimos as ideias de Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, pp. 76 e ss.

²¹ *Ibidem*, p.95 e ss.

²² Seguimos as informações de Jesús López Gay, *op. cit.*, pp.116-117; Minako Debergh, «Deus Nouvelles études sur l' Historie du Christianisme au Japon»..., pp.169-172; Minako Debergh «Premiers Jalons de l'Evangelisation d' Inde, du Japon et de la Chine"..., p.827-828.

²³ Veja-se Minako Debergh, «Deus Nouvelles études sur l' Historie du Christianisme au Japon»..., pp.169-172.

corpo e do espírito. As ideias de purgação e de purificação destes ritos xintoístas aproximavam-se assim, de forma bastante evidente, da ideia cristã da remissão dos pecados por via da penitência. Aliás, a importância destes mesmos preceitos na tradição nipónica tinham sido igualmente determinantes aquando do processo de assimilação do Budismo, acabando por conduzir à valorização de rituais penitenciais entre as seitas budistas. Por exemplo, o *shugendō*, ritual budista de peregrinação nas montanhas sob a vigilância de monges ascetas e laicos (*yamabushi*), compreendia exercícios de mortificação e rigorosas provações com o fim da purgação.

Se a introdução das religiões importadas – primeiro o Budismo (século VI) e depois o Cristianismo (século XVI) – foi facilitada por tradições ancestrais, ela também é reveladora de uma certa predisposição para a assimilação da novidade e a consequente uniformização religiosa. O processo é apelidado de «niponização», e foi amplamente explorado por Hajime Nakamura para explicar a «osmose» entre Budismo e Xintoísmo²⁴. O Budismo terá começado a ser aceite pela ênfase atribuída a rituais que, pelo recurso a uma ampla parafernália, visavam beneficiar o Estado e a comunidade. Ora a lógica de se procurar obter um benefício terreno através da realização de rituais, era em tudo idêntica à que presidia, desde tempos imemoriais, os rituais xintoístas de veneração dos *Kami*. E, apesar da evolução do Budismo ter compreendido a aceitação de seitas mais contemplativas, a dimensão ritualística sempre favoreceu a sua popularidade. No seu estudo sobre práticas e crenças cristãs, Ikuo Higashibaba segue a mesma linha interpretativa, afirmando que a difusão do Cristianismo no Japão se ficou a dever à incorporação de características da cultura religiosa popular, num processo que designa de «niponização do Cristianismo»²⁵. O autor sublinha que, desde o início, a vivência do Cristianismo era motivada, para muitos, pela procura de benefícios terrenos, numa lógica muito próxima das práticas xintoístas e da ritualística budista, e que certos símbolos e rituais cristãos foram compreendidos «quer como um substituto, quer como um complemento a elementos similares já existentes no sistema religioso»²⁶.

É, de facto, no contexto de «niponização do Cristianismo» que têm de ser perspectivadas as reacções dos japoneses convertidos à perseguição e à execução. Apesar de identificadas pelos religiosos como expressões inequívocas da fé dos convertidos, uma

²⁴ Veja-se Hajime Nakamura em *Ways of Thinking of Eastern Peoples. India, China, Tibert, Japan, Philip P. Wiener* (dir.), Honolulu, University of Hawaii Press, 1964, p.362 e ss.

²⁵ Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, p. xv-xvi.

²⁶ *Ibidem*, p.xxii, pp.160-161

«excelente incorporação da fé cristã e coragem»²⁷, sendo assim descritas como manifestações de uma nova Igreja primitiva, as atitudes dos conversos perante a perseguição e a morte enquadram-se também nas práticas culturais nipónicas. De facto, tais atitudes são sobretudo reveladoras da «niponização» do Cristianismo pois resultam da sobreposição de preceitos da cultura honorífica dos guerreiros à vivência religiosa cristã. Esta evidência é tanto mais legível quando se tem presente que o objecto da preocupação primeira do regime Tokugawa no âmbito da perseguição foi a elite militar, que se destacara na sociedade nipónica graças à sua cultura honorífica.

3.1.2. *O Legado da Cultura Honorífica: Vassalagem e Liberdade*

A cultura da honra tornou-se o símbolo distintivo dos guerreiros nipónicos enquanto elite social, que os distinguia da aristocracia imperial. De facto, apesar de terem existido samurais com capacidade financeira e sofisticação para usufruírem um estilo de vida aristocrático, na sociedade nipónica sempre prevaleceu um forte sentido de estatuto social e cultural, que diferenciava a aristocracia dos guerreiros²⁸.

Desenvolvendo-se ao longo de séculos, a cultura da honra resultou da tentativa por parte dos guerreiros de conciliação do seu individualismo com as suas responsabilidades sociais²⁹. O período de perseguição aos cristãos encerra precisamente um momento de conflito entre a expectativa individual e as imposições sociais no âmbito da cultura guerreira. Transitava-se de um contexto de pulverização do poder por vários guerreiros hegemónicos para um regime em que a elite militar, embora mantivesse o protagonismo político, se encontrava sob a égide de um poder central, o *bakufu*. Esta alteração implicou modificações na estrutura das relações de vassalagem e, consequentemente, nas exigências honoríficas. As relações de vassalagem do ciclo político-militar que agora se encerrava tinham assentado em laços pessoais estreitos e num forte sentido de lealdade e solidariedade para com o respectivo senhor, aspectos vitais à manutenção das alianças militares. Porém, apesar do comportamento honorífico do guerreiro o obrigar a manter a reputação da *ie* (casa militar) a que pertencia,

²⁷ Masaharu Anesaki, «Writing on Martyrdom in Kirishitan Literature» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, 7: 8 (1931), pp.293.

²⁸ Ikegami Eiko, *The Taming of Samurai. Honorific Individualism and the Making of Modern Japan*, Londres, Havard, University Press, 1995, p.49

²⁹ *Ibidem*, p.5.

pressupunha igualmente o direito à ambição e à preservação da reputação individual³⁰. Por esta razão, a cultura da honra não se traduzia num código rigoroso e linear de princípios morais, legitimava a indignação ou a reacção à ofensa pessoal, podendo o guerreiro fazer uso da violência para resolver os seus problemas e conflitos.

Ora, as numerosas referências dos missionários à recusa dos guerreiros convertidos em abjurar indicam a transposição da complexidade das relações de vassalagem para a vivência da fé. De facto, até os religiosos consideravam excessivas certas demonstrações públicas de fé dos cristãos nipónicos. Tendo os baptizados sido doutrinados para exprimir a sua fé através de actos e palavras, estes reagiam em conformidade perante a gravidade da exigência de negarem a sua crença religiosa³¹. Esta determinação surge logo ilustrada no opúsculo redigido pelo vice-provincial jesuíta Pedro Gomez na sequência da primeira execução de cristãos em 1597. No entanto, o jesuíta Pedro Morejon relata, num exemplo retrospectivo, a propósito da biografia de um martirizado em Ariye, que esse indivíduo não acatara a ordem de resguardo que lhe fora transmitida por um missionário no tempo em que Hideyoshi decretara o édito de 1587 «pareciendole, que ... era genero de flaqueza en la Fè»³². Morejon revela assim como este indivíduo, como guerreiro, fora educado que perante a adversidade o vassalo não se retraía, pelo contrário avançava e expunha-se em defesa do senhor. O missionário esclarece ainda que o guerreiro apenas aceitara comportar-se mais recatadamente depois de ter sido esclarecido que «era licito encogerse en semejantes tiempos (pues se hazia para conseruar alli la santa Fè)»³³.

Um outro relato ocupa-se de outro guerreiro cristão que decidira entregar-se às autoridades apesar da indicação contrária de um jesuíta. Este procurara explicar-lhe que mantendo uma vivência resguardada poderia continuar a prestar um serviço à Cristandade apoiando os cristãos na ausência dos padres, ao que o convertido lhe terá respondido: «que ofreciendo le Dios tan buena ocasion [para morrer em nome da fé] le parecia mal, perderla»³⁴. Cite-se, por último, a descrição que o jesuíta Giovanni Battista Baezza faz de um cristão encarcerado pela fé, o qual, apesar dos conselhos em contrário, assumira no cárcere a mesma postura de um soldado no campo de batalha.

³⁰ *Ibidem*, pp.82-85, pp. 197 e ss.

³¹ Gonoï Takashi, «Kirishitan: les chemins qui mènent au martyre. Pour une histoire des martyrs chrétiens du Japon» in *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11 (2009), p.59.

³² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.185.

³³ *Ibidem*, fl.185.

³⁴ *Ibidem*, fl. 207.

Segundo o missionário, este cristão entendia que, da mesma forma que o bom guerreiro morria no campo de batalha ele, cristão preso pela fé que professava, devia morrer na prisão; da mesma maneira que o soldado quando ferido, não abandonava o campo de batalha para se tratar, também ele na prisão recusava remédios para aliviar ou curar as suas feridas; e, tal como o bom soldado que se concentrava apenas na guerra quando se encontrava no campo de batalha, ele propunha-se manter o espírito centrado na ideia de «vna morte gloriosa per Christo»³⁵. Em vão o seu confessor e padre jesuíta Baezza procurou dissuadi-lo sob o argumento «che mentre Dio gli daua vita, procurasse di ricuperare, e cõseruare la sanità per mezi, e rimedi ordinarij»³⁶. A atitude deste guerreiro revela, de facto, a transposição da cultura militar honorífica, que se baseava nos princípios da lealdade e da bravura, para o plano religioso.

No mesmo sentido, os guerreiros são sempre apresentados como gente que se revoltava face à sugestão das autoridades para dissimularem a profissão do Cristianismo. Como foi referido, de acordo com a tradição nipónica as crenças e o comportamento privados eram irrelevantes desde que, na aparência, estivessem conformes aos decretos dominiais e/ou do *bakufu* e em consonância com o respectivo estatuto social³⁷. Mas como a doutrina cristã não distinguia as esferas pública e privada, os guerreiros cristãos, absorvendo esta indistinção, viriam a responder ao conflito numa lógica honorífica. A lealdade a Deus exigia, tal como na relação vassalagem, todos os sacrifícios e, se necessário, o sacrifício até à morte. O jesuíta Pedro Morejon transcreve as palavras de um cristão membro da elite militar, proferidas em 1619 ao ser-lhe exigido que renunciasse a sua fé:

«Y porque no digan, que alego cosas ausentes ... yo mismo amo, estimo, y estoy tan contento com mi estado, muger, y hijos, como El Emperador com su casa e Imperio. Y desde luego os los entrego, y el cuello, y cuerpo, para que hagais de todo lo que bien os pareciere»³⁸.

³⁵ Valentim Carvalho, *op. cit.*, fl.23-24.

³⁶ *Ibidem*, fl.23.

³⁷ John Owen Haley, *Authority without Power. Law and the Japanese Paradox*, Oxford, Oxford University Press, p.61-62.

³⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China, en la qual se continua la persecucion que ha auido en aqlla Iglesia, desde el año de 615. Hasta el de 19. Por el Padre Pedro Morejon de la Compañia de Iesus, Procurador de la Prouincia de Iapon, natural de Medina del Campo*, Lisboa, João Rodrigues, 1621, fl.75.

E, por isso, este homem preferiu aceitar o castigo de ser desterrado a negar a fé.

O excerto ilustra também que o guerreiro decidiu livremente o seu destino, atitude que se enquadrava no individualismo característico dos preceitos honoríficos das relações de vassalagem, e que existia uma tensão entre os interesses individuais e os do senhor e da respectiva casa. Desde que começou a ser exigido um sinal exterior de abjuração até ao momento em que praticavam as execuções, a escrita missionária multiplica as referências a guerreiros que afirmavam peremptoriamente a lealdade para com o seu senhor e a sua casa excepto em matéria religiosa. Ou seja, a problemática da fé foi integrada no âmbito da cultura honorífica dos guerreiros, designadamente reclamando para este assunto a autonomia que lhe era reconhecida enquanto elite militar.

«Señor la obligacion que ay del criado al amo, y del vassallo al señor, tiene por termino la presente vida, que en la otra, no tienen jurisdiccion alguna: y sino llame a vno de los Capitanes, que murieron en seruicio de su casa, y vea si le responde. De suerte, que en lo que toca a lo presente, yo le seruirè de muy buena gana; mas en cosa de mi saluacion, perdoneme que no puede ser»³⁹.

Os missionários também relataram situações colocando o acento na perspectiva do senhor. A invocação da necessidade do guerreiro respeitar as suas obrigações de vassalo surge no texto impresso como um argumento que terá sido utilizado para obrigar os guerreiros a apostatar. Enquanto os guerreiros tentavam colocar as questões da fé no âmbito da autonomia que lhes era reservada na cultura da honra, os senhores, por sua vez, reclamavam a abjuração invocando a mesma cultura, o que, quando eficaz, era considerado pelos religiosos como obra do demónio.

Em 1612 vive-se um momento crítico para a cristandade nipónica, quando Arima Naozumi Miguel, depois de suceder a seu pai, Arima Harunobu João na administração do domínio de Arima, principal baluarte da Cristianismo no Japão, renegou. Iniciando-se um período de perseguições, os oficiais do domínio que pressionavam importantes vassalos a renegar esgrimiam os seguintes argumentos:

³⁹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 19.

«Soys vn ladrón, soys vn cobarde, y no valeys para nada: y digo que soys ladrón, porque comistes hasta agora la renta del Tono, no teniendo ánimo de obedecerle en todo lo que os mandasse, como agora se ve: cobarde, pues no os atreueys a yr al infierno por amor de vuestro Rey: no soys de prouecho para cosa alguna, pues no sabeys aprouecharos del amor de vuestro señor [Arima Naozumi], que tanto os quiere, y estima»⁴⁰.

Porém, com o regime Tokugawa (1603-1868) o Japão entrou numa era de pacificação militar. A inexistência dos conflitos armados levou à modificação das obrigações e exigências sociais dos guerreiros, restringindo-se progressivamente a sua margem de liberdade. O conceito de honra passou a ser perspectivado no contexto da colectividade, traduzindo-se na obrigação do indivíduo corresponder às expectativas sociais do grupo a que pertencia, e de agir de acordo com o seu estatuto. A cultura da honra foi transformada num “produto ideológico”, resumindo-se ao cumprimento escrupuloso de regras de conduta, que justificavam a supremacia social do guerreiro⁴¹.

No período histórico a que se reportam os textos em análise, que compreende os governos de Ieyasu a Iemitsu, o *bakufu* emitiu os principais decretos que, como afirma Ikegami Eiko, iriam «domesticar» os guerreiros. Foi neste tempo que a dimensão individual da honra passou de aceitável a comportamento desviante. A liberdade religiosa reivindicada pelos guerreiros, que decorria da autonomia que caracterizara o seu estatuto, colidia agora com as novas exigências impostas pelo xogunato. O conflito entre os desejos dos guerreiros e a imposição das autoridades redundou nas perseguições e execuções públicas dos convertidos.

3.1.3. O Legado da Morte Honrada

Como se disse, também a aceitação do suplício e a entrega da vida pelos guerreiros conversos deve ser enquadrada no âmbito da cultura honorífica da elite militar. Esta ideia é bem ilustrada por uma afirmação que os missionários imputam a um samurai cristão quando suspenso numa árvore para que apostatasse:

⁴⁰ Luís Pinheiro, *op. cit.*, fl.64.

⁴¹ Seguimos as ideias explanadas por Ikegami Eiko, *op. cit.*, p.8, pp.17-21.

«digan me, quien há recebido tãtas rentas y horas como vs. ms. de Chicujendono [Kuroda Nagamasa], si se viessen agora en cõtigencia de perder la vida, o darsele por enemigos y desleales: no escogerian antes padecer qualquier trabajo y muerte, que yr contra la fidelidad deuida a su Senõr? Pues como podremos nosotros, siento criaturas de Dios, y auiendonos hecho tantas y tan continuas mercês, negarle agora, por mas trabajos y tormentos que nos den?»⁴².

É no contexto do édito de expulsão de 1614, aquando das perseguições promovidas por Kuroda Nagamasa, um cristão renegado que era ao tempo senhor do domínio de Chikuzen⁴³, que decorre este episódio. Nele, Deus é assumido como uma nova autoridade na hierarquia na vassalagem, merecedora da lealdade do vassalo. Os preceitos honoríficos de «auto-sacrifício generoso, perseverança estoica e responsabilidade consistente»⁴⁴ foram aplicados à vivência cristã. Em síntese, o martírio traduz a obrigação honorífica de se seguir o senhor até à morte, senhor esse que, neste caso, era Deus. O martírio ganha a dimensão de uma resignação honorífica.

Se a morte era uma das condições inerentes ao estatuto de mártir – sem a morte o cristão não garantia o «renombre y seguridad del martyrio»⁴⁵ -, para a elite militar nipónica ela era também uma honra e um dos seus símbolos distintivos. Perder a vida não parece ter constituído um problema para os nipónicos convertidos. Segundo o testemunho dos missionários, o que atormentava os guerreiros cristãos era o facto de o sofrimento não culminar na execução, ficando as vítimas para «toda la vida inutiles, con suma miséria, pobreza, y desamparo»⁴⁶.

A transposição da honra guerreira para o martírio leva o jesuíta Pedro Morejon, logo aquando da primeira execução de cristãos em 1597, a falar da necessidade de esclarecer os condenados da destrinça entre a morte honrada e a morte pela Fé, «porque los Iapones algunas vezes mueren por cumplimiento del mundo.»⁴⁷. Duas décadas mais tarde, o mesmo jesuíta continuava a dissertar sobre a tenacidade com que «pobrecitos»

⁴² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.82.

⁴³ Juan Ruiz-de-Medina, *El Martirologio del Japón, 1558-1873*, Roma, IHSI, 1999, p.327.

⁴⁴ Ikegami Eiko, *op. cit.*, p.370.

⁴⁵ Pedro Morejon, *op. cit.*, fl.236.

⁴⁶ *Ibidem*, fl.236-237.

⁴⁷ Juan de Santa Maria, *Relatione del Martirio, Che Sei Padri Scalzi Di San Francesco, et venti Giapponesi Christiani partirono nel Giappone l'anno 1597. Scriita dal R. P. Fra Gio. Di Santa Maria Prouinciale della Prouincia di S. Gioseppe de gli Scalzi, tradotta dalla lingua spagnuola nella Italiana, per ordine del R. P. Fra Gioseppe di Santa Maria Custode di detta Prouincia per il Capitolo Generale. Dedicata alla Sta di N.S. Clemente VIII*, Roma, Nicola Muzi, 1599, fl.191.

lavradores de Kochinotsu tinham padecido inúmeros tormentos, apresentado como um testemunho elucidativo para que «nadie pensasse, que esto [a entrega dos nipónicos ao martírio] nacia del natural brio, y animo, que tienen los Ipaones en despereciar la vida por no perder la honra»⁴⁸. Com esta explicação, Morejon mostrava a necessidade de esclarecer a comum confusão entre morte pela fé e a lógica marcial da elite guerreira. O facto de se referir a lavradores demonstra que o martírio no Japão não tinha a ver com a cultura honorífica da elite militar. Procurava assim distanciar o martírio da cultura da honra

De facto, os requisitos do martírio eram equiparáveis à morte honrada da tradição militar nipónica.

«Deste mesmo brio, e primor lhes nace não mostrarem fraqueza, e covardia quando são por justiça são [sic] justificados com a morte ainda as molheres com qual genero de morte que seja, antes mostram grande animo e tem muitos cumprimentos com os presentes, mostrando animo repouzado por estarem resolute em morrerem (...) Daqui nace tambem que os nobres tem por primor, e valentia não confessar o delicto algum por mais crueis tratos que lhe dem, tendo que he fraqueza e deshonor (...)»⁴⁹.

Esta descrição de João Rodrigues Tçuzuu reporta-se ao *seppuku*, suicídio ritual por esventramento, morte honorífica que era apanágio da elite militar. Não obstante, estaria igualmente correcta se aplicada à descrição de um martírio cristão. De acordo com a doutrina cristã, morrer por Cristo exigia também aceitação voluntária do destino, alegria perante o mesmo, e o controlo das emoções.

A importância do *seppuku* no âmbito da cultura guerreira foi bem documentada pelos jesuítas ao longo do século XVI. À época o Japão estava mergulhado na guerra civil e o *seppuku* surgia com frequência como a solução final e honrada para guerreiros em vias de serem militarmente derrotados⁵⁰. A institucionalização e a dimensão

⁴⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.36v.

⁴⁹ João Rodrigues Tçuzuu, *História da Igreja do Japão*, João Abranches Pinho (ed.), vol.1, Macau, Notícias de Macau, 1954, pp.170-172.

⁵⁰ Afirma a este propósito Luís Fróis no seu tratado sobre as contradições e diferenças de costumes entre a gente da Europa e os nipónicos: “Antre nós se temor pecado gravíssimo matar-se um a si mesmo; os Japões na guerra, quando não podem mais, cortar a barriga é grão valentia” in *Europa/Japão. Um Diálogo Civilizacional no século XVI*, José Manuel García e Raffaella D’Intino (ed.), Lisboa, CNCDP, 1993, capítulo VII, s/n.

honorífica do ritual levou até os missionários, na década de 1560, a questionar para Goa, sede do arcebispado, se era «licito aos *christãos* cortarem a bariga quando se uem desesperados de escaparem de seus inimigos ou seus *senhores* lhes mandão *que* as cortem *pera* euitar a infamia que a si aos *proprios* como aos seus *filhos* e a mais geração resulta de o não fazerem e as mais perdas da *fazenda*»⁵¹. Não é por isso de estranhar que na documentação missionária impressa seiscentista continuem a figurar situações em que a guerreiros do topo da hierarquia militar – «caullero»⁵² ou «ilustres varones»⁵³ -, era proposto o *seppuku* após se terem recusado a abjurar.

Embora contrária à doutrina cristã, a prática do *seppuku* estava profundamente enraizada, e por isso os missionários a residir no arquipélago procuraram estabelecer um regime de exceção para o caso nipónico. Contudo, o teólogo Francisco Rodrigues, sobre quem recaíra a responsabilidade de elucidar sobre as dúvidas enviadas pelos missionários do Japão na década de 1560, considerou ilegítimo qualquer tipo de suicídio ritual e, em conformidade, as situações descritas e divulgadas na imprensa vão traduzir a tentativa dos próprios guerreiros de adequar os seus comportamentos aos ensinamentos cristãos, mantendo neste processo o *seppuku* o seu carácter secular.

Em 1616, no domínio de Aki, o senhor de Fukushima Masanori (1521-1624), perante a confissão pública de um seu vassalo sobre professar o Cristianismo,

«... mandò que el mismo se cortasse la barriga, castigo, y genero de muerte, que se suele dar a gente noble. La vida (dixo el [o vassalo]) dare de muy buena voluntad por la fé de Christo, padeciendo todo género de tormentos, que me dieren; pero cortar la barriga no puede ser, no por falta de animo, y esfuerço, sino por ser nos prohibido, como todos saben, en nuestra ley. Replicò Tayudóno, ya lo entendo, los Christianos estimam mucho la Cruz, crucifiquenle»⁵⁴.

⁵¹ Sobre os relatos de *seppuku* na documentação jesuíta do século XVI veja-se Ana Fernandes Pinto, *Uma Imagem da do Japão. A Aristocracia Guerreira Nipónica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*, Instituto Português do Oriente e Fundação Oriente, Macau, 2004, pp. 167-171. A formulação da pergunta pelos missionários residentes no arquipélago sobre a legitimidade do acto de *seppuku* e a respectiva resposta encontra-se transcrita no caso 40 de «Resposta de alguns Cazos que os padres de Iapão Mandaram perguntar» redigido por Francisco Rodrigues. O texto encontra-se publicado na íntegra em Ana Fernandes Pinto e Silvana Remédio Pires, «The “Resposta que alguns padres de Japão mandaram perguntar”: A Clash of Strategies?» in *BPJS*, 10/11, 2005, pp.9-60.

⁵² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.222.

⁵³ *Ibidem*, fl.232.

⁵⁴ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.76v. Para outras situações veja-se Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.77.

Esta substituição da pena de *seppuku* pela de crucificação é caso único na documentação missionária. Como se afirmou, o método de condenação por suspensão acabou por ser abandonado precisamente pelas similitudes que apresentava com o Cristianismo. Regra geral, os missionários mostram que as autoridades, perante a recusa dos condenados cometerem suicídio ritual, aplicavam a pena por decapitação, também esta uma prática penal honorífica, reservada aos membros da elite militar⁵⁵.

A honorabilidade associada à morte por decapitação de um guerreiro e a classificação de mártir pelos jesuítas daqueles que eram assim executados reforça a ideia de que a primeira, sendo também uma prática cultural nipónica, foi assumida pelos japoneses conversos como estando em conformidade com a religião cristã, o que ilustra a niponização do Cristianismo por parte dos japoneses cristãos.

A ideia de que a decapitação traduz a niponização do Cristianismo é reforçada por outros dois aspectos referidos pelos missionários. Em primeiro lugar, o acto era antecedido por toda uma ritualística adequada à morte honrada – o condenado tomava um banho purificador, realizava oferendas, proferia os últimos conselhos aos seus vassallos ou familiares⁵⁶. Em segundo lugar, como acontecia no *seppuku*, em que após o suicídio a decapitação do cadáver era realizada por um amigo, a pena de decapitação era muitas vezes perpetrada por alguém da intimidade do condenado, sob o argumento de que sendo-se «tã nobre, y buen soldado» não era legítimo morrer «a manos de gente baxa»⁵⁷. Trata-se assim de mais uma transposição de preceitos honoríficos da elite militar para a religiosidade cristã. Não se pretende propor, contudo, que todos os relatos de execuções por decapitação traduzem uma morte honorífica.

⁵⁵ Para mais exemplos veja-se, a título indicativo, a seguinte passagem do texto redigido por Valentim Carvalho a propósito da execução de um guerreiro no ano de 1608: «Commise [o Tono] ad otto soldati, che secondo lo stile consueto di Giappone, com simili persone, l'vccidessero [matassem] dentro casa sua. Vi andarono la mattina ... imaginandosi Leone quello ch'era, festeggiò la lor venuta, & assicurogli, che non seguirebbe l' orme de' Cavalieri Gentili, à i quali permettendosi in tal' occasione il menar le mani, soleuan farlo, per non lasciar nome di pusillanimi e di cobardi: ma ad imitatione del suo Salvatore, si lasciarebbe com' vn' Agnello ammarzzare. Si sforzarono di persuaderlo à tagliarsi il ventre, che i Giapponesi stimano per atto heroico, e degno d' immortal fama: rispose, per mancamento d'animo, e di valore non rimango già ... ma tal cosa à me, che adesso son Soldato Christiano, in niun modo si conuiene..... fù in vn colpo decapitado», Valentim Carvalho, *Relationi della Gloriosa Morte Di Nove Christiani Giapponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica ne i Regni di Fingo, Sassuma, e Firando; Mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesu in Giappone, nel Marzo del 1609 e 1610. Al Molto R. P. Claudio Acquaiua Generale della medesima Religione*, Roma, Bartolomeo Zannetti, 1611, fl.46-47.

⁵⁶ *Ibidem*, fl. 42-46.

⁵⁷ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.226.

Estas situações em que a tradição nipónica converge com as práticas cristãs reportam-se ao período em que à elite militar eram oferecidos castigos e punições de acordo com o seu estatuto social, isto é, antes do governo de Iemitsu (1623), a partir do qual a perseguição se torna sistemática. Na verdade, à medida que a perseguição se adensava, muitas vítimas foram sumariamente decapitadas por algozes. Se a pena estava em conformidade com o estatuto social das vítimas, a forma como era executada traduzia a vontade de que o processo fosse rápido e desse modo evitar-se possíveis concentrações de convertidos a elevar o ânimo do condenado.

Os vários episódios relatados pelos missionários tinham por objectivo transmitir à Europa o elevado nível de doutrinação e o total comprometimento religioso dos cristãos conversos. Os nipónicos não só morriam pela fé como, nessa caminhada para a morte, testemunhavam na perfeição a nova espiritualidade cristocêntrica emergente da Reforma. A cruz era apresentada como o caminho para a salvação e para o paraíso, e a figura de Cristo *patiens* era «então o centro de uma piedade afectiva, o modelo por excelência a imitar, o eixo de uma devoção que valorizava extraordinariamente os mártires como primeiros imitadores de Cristo»⁵⁸. A ideia de que ser-se cristão era «testemunhar a verdade, padecer os sofrimentos da paixão e alcançar a glória» faziam sem dúvida, parte da doutrinação dos cristãos no Japão⁵⁹.

A obra emblemática *De Imitatione Christi* ou *Contemptus mundi* de Tomás de Kempis (1379-1471)⁶⁰, obra-prima da espiritualidade do final da Idade Média e profundamente cristocêntrica, tinha então, um pouco como sucedia na Europa, tão ampla circulação no Japão que, segundo Gonoï, se substituíra à Bíblia⁶¹. Tinha sido introduzida no Japão em 1554 pelo jesuíta Melchior Nunes Barreto (c.1520-1571), que trouxera entre os seus haveres quatro exemplares. Em 1582 fora traduzida para japonês e foi das primeiras obras a ser impressa quando a imprensa de caracteres móveis chegou

⁵⁸ Carlota Miranda Urbano, «'Mori lucrum'. O ideal de missão e martírio e as missões jesuítas do Extremo Oriente nos séculos XVI e XVII» in *Biblos* (2004), p.133.

⁵⁹ Gonoï Takashi, *op. cit.*, p.47-48.

⁶⁰ *De Imitatione Christi* foi a obra mais importante na divulgação das ideias da chamada *devotio moderna*, uma nova espiritualidade idealizada por um movimento ortodoxo que emergiu nos finais do século XIV, afirmando-se no século XV, sobretudo na região flamenga, e daí irradiando. Defendia que o Cristianismo devia ser entendido como uma comunhão espiritual com Deus através de Cristo, e que imitar Cristo era a forma de se viver uma vida cristã. Maria de Lurdes Correia Fernandes, «Da Reforma da Igreja à Reforma dos Cristãos: Reformas, Pastoral e Espiritualidade» in *História Religiosa de Portugal*, Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Humanismos e Reformas*, vol.2, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p.23. *Europe in the Sixteenth Century*, H. G. Koenigsberger, George L. Mosse, G. Q. Bowler (dir.) Longman, Londres – Nova York, 1989, pp.148-149.

⁶¹ Seguimos as informações de Gonoï Takashi, *op. cit.*, pp. 47-48.

ao Japão: em 1596 em Amakusa, em 1602 reeditada em Nagasaki, em 1610 em Kyoto (neste caso em caracteres japoneses), e em 1613 de novo em Nagasaki numa tiragem de 1300 exemplares.

Em simultâneo, circulava ainda entre os cristãos nipónicos uma outra literatura de reflexão espiritual que fazia a apologia do martírio, veiculando o princípio de que morrendo-se pela Fé se alcançava a glória e a dignidade de mártir⁶²: num primeiro momento em textos que aludiam ao martírio, como o celebrado *Flos Sanctorum*, traduzido para japonês em 1564 por um médico de Sakai e o jesuíta Gaspar Vilela, ou *Algumas Vidas de Santos*, traduzido em 1568 por Luis Fróis e por o *dojuku* Damião; depois em textos onde o martírio figurava como tema autónomo. Anesaki listou treze textos em japonês, entre manuscritos e impressos, desenvolviam em particular a matéria do martírio⁶³. Alguns, impressos e redigidos em caracteres romanos, serviram de leitura de instrução para os missionários pregarem – é o caso de *Fides no doxi / Guia para a Fé* (Amakusa, 1592), traduzido pelo jesuíta Pedro Ramón, e que apresenta uma edição parcial da versão já então corrigida e revista *Introdução ao Symbolo da Fé* do dominicano Frei Luis de Granada⁶⁴. Neste grupo enquadra-se também um texto redigido pelo vice-provincial Pedro Gomez (Amakusa, 1598), do qual apesar não ter subsistido nenhum exemplar até à actualidade, sabe-se que tratava o martírio sob vários prismas: «glória e eficácia do martírio; requisitos para se ser considerado mártir; o carácter indispensável da preparação espiritual em tempo de perseguição»⁶⁵. Circularam ainda outros textos de autoria desconhecida, manuscritos e escritos em caracteres japoneses, que serviram de literatura espiritual para os baptizados, como instrução e guia de

⁶² A propósito de execuções ocorridas em Higo em 1603 é indicado como a leitura de livros de mártires constituíam um alento ao desejo de se morrer mártir: «In tanto Agnese prese vn diuoto libro de santi martiri scritto in lingua Giaponese, e lo diede à leggere à Michele, à cui dopò hauere letto alcuni capitoli, disse Agnese. O quante maggiore gratie conosco adesso, che debbo rendere à Dio d'vn beneficio sì grande, ò che consolatione sento in me stessa. Dunque morendo noi à questa guisa, saremo martiri? O Dio mio, perche si tarda tanto à farme morire? Che farà mai? Ogni hora mi pare vn seculo, & vorrei, che questo tempo, che mi resta, ancorche breue, corresse veloce, perche io giungessi quanto prima alla morte [chegasse quanto antes à morte]». (sublinhado nosso). *Relatione della gloriosa morte fatta di sei Christiani Giapponesi per la fede di Christo alli vinticinque di Gennaro 1604...*, p.51

⁶³ Masaharu Anesaki, «Writings on Martyrdom in Kirishitan Literature» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, 7:8 (1931), pp.291-292. Cf. com listagens de livros impressos compilada por Higashibaba. Vide Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, p.52-53.

⁶⁴ A primeira edição do texto de Granada também já circulava no Japão integrada como um capítulo de Extractos de actos santos (publicada em Kazusa em 1591) intitulado «razões para se ganhar o martírio / raison de subir le martyre». Gono Takashi, *op. cit.*, p.50.

⁶⁵ *Ibidem*, p.51. Vide também Masaharu Anesaki, *op. cit.*, p.291.

acção⁶⁶. Os missionários referenciam este tipo de literatura na sua escrita. Em 1609, num âmbito da execução de um vassalo de Kato Kiyomasa, Valentim Carvalho refere:

«Agnese prese vn diuoto libro de santi martiri scritto in língua Giaponesa, e lo diede à leggere à Michele [o condenado], à cui dopò hauere letto alcuni capitoli, dice a Agnese. O quante maggiore gratie conosco adesso, che debbo rendere à Dio d'vn beneficio sì grande, ò che consolatione sento in me stessa. Dunque morendo noi à questa guisa, saremo martiri? O Dio mio, perche si tarda tanto à farne morire? Che fará mai? Ogni hora mi pare vn secolo, & vorrei, che questo tempo, che mi resta, ancorche breue, corresse veloce, perche io giungessi quanto prima alla morte»⁶⁷.

Num outro exemplo, cite-se a referência, que surge a propósito da biografia do mártir agostinho Frei Hernando de S. José, que na acção apostólica que realizara a caminho do martírio, orara litánias e lera textos em japonês sobre a vida de mártires⁶⁸. Apenas dois textos sobreviveram até à actualidade – o texto *Maruchirio no Kokoroe / Instruções para o Martírio*⁶⁹ (c. 1615) e o *Maruchirio no Susume / Exortação ao Martírio*⁷⁰ (c. 1622), onde se desenvolve o tema das benfeitorias do martírio, as condições inerentes ao estatuto de mártir, e procede-se por diversas vezes o paralelo entre o guerreiro e o cristão.

Apesar desta doutrinação, os princípios da cultura honorífica serviram sem dúvida de “húmus” à ideia de viver à imagem de Cristo. O substrato cultural e mental da elite militar facilitou a incorporação da ideia de entrega voluntária da vida em nome de Deus, o qual, numa lógica vassálica, foi tida como o senhor, a entidade suprema. Esta niponização do martírio explica assim o impacto do fenómeno no Japão.

⁶⁶ Segue-se a asserção de Ikuo Higashibaba segundo o qual a língua e o tipo de caracteres do título indiciam o destinatário alvo. Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, p.52.

⁶⁷ Valentim Carvalho, *op. cit.*, fl.51.

⁶⁸ Fernando Becerra, *Relacion de el Martyrio del S.F. Hernando de S. Ioseph, en Iapon, y del S. F. Nicolas Melo en Moscouia, de la Orden nuestro P. S. Augustin. Ordenada por el P. F. Hernãdo Bezerra Prior del Conuento de Bulacan, por mandado de nuestro P. F. Alonso Barona Provincial da dita Prouincia. Dirigida al Illvstrissimo señor D. Iuan de Cuenca Obispo de Cadiz, del Consejo de su Magestad, &c.*, Cádiz, Juan de Borja, [1620], fl.32v a 33v.

⁶⁹ Este texto é composto por seis artigos. O quarto artigo contém 14 indicações que precisam as condições ao martírio. A sua transcrição encontra-se em Gonoï Takashi, *op. cit.*, pp.60-61. Ikuo Higashibaba também apresenta um resumo do texto. Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, pp. 152-153.

⁷⁰ Para a descrição do conteúdo do texto veja-se Gonoï Takashi, *op. cit.*, pp.51-58; e Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, pp.148-150.

A incorporação da cultura honorífica guerreira na devoção cristã que, naturalmente, era favorável ao Cristianismo, levou os missionários no território a tirarem partido da situação. Num dos referidos textos de exortação ao martírio dos japoneses redigido após o édito de 1614 – *Maruchirio no Susume / Exortação ao Martírio* – os laços de vassalagem que uniam a hierarquia militar nipónica são equipados à relação entre os cristãos e Deus. Deste modo, é frequente a identificação entre o mártir e o guerreiro. Este entregava a vida no campo de batalha com vista a conquista de terras, o cristão entregava-se para obter a glória do paraíso; um samurai que demonstrava cobardia no campo de batalha era desprezado pelo seu senhor, um cristão que renegava perdia tudo o que recebera com o baptismo e era votado à serventia do demónio; o guerreiro que se mostrava leal no campo de batalha era recompensado pelo seu general, o cristão que sacrificava a vida por Deus recebia em troca o estatuto de mártir e a glória eterna⁷¹. De facto, como salienta Gonoï, a relação entre Cristo e os fiéis é colocada em termos de benfeitorias e serviço, em total consonância com as relações vassálicas nipónicas⁷². Porém, a coincidência de ideais aqui referida não era recorrente nos relatos publicados na Europa, acabando mesmo por desaparecer por completo com o agravamento da perseguição. Era fundamental não explorar um vector de convergência entre martírio e cultura honorífica, que poderia servir de argumento de desvalorização à realidade martirológica ou mesmo levar a interpretações erróneas, assunto que se retomará.

Salientou-se o impacto da cultura honorífica dos guerreiros na aceitação do martírio. Os relatos missionários testemunham, contudo, que também indivíduos pertencentes a outros grupos sociais procuravam honrar-se como cristãos seguindo Cristo até à morte. De facto, a gente comum acabou por ser arrastada para a execução, um processo facilitado pela similitude de preceitos culturais nipónicos com as exigências do martírio, a que se fez referência. No entanto, como a perseguição generalizada aos cristãos coincidiu com as dificuldades crescentes dos missionários em permanecer no território, este tipo de relatos é bastante menos prolixo.

Em determinados episódios ocorridos em Kyūshū, é possível estabelecer paralelo entre determinado tipo de execução de cristãos ao *fudaraku tokai*, uma forma de suicídio ritual religioso que implicava o afogamento voluntário. O *fudaraku tokai* era

⁷¹ Gonoï Takashi, *op. cit.*, pp.51-58.

⁷² *Ibidem*, p.58.

praticado por monges budistas e consistia no embarque numa pequena barcaça com o objectivo de navegar até ao paraíso *Fudaruki*, a ilha habitada por Kannon, *bosatsu* (sk: bodisatva) da compaixão do panteão budista. O monge lançava-se ao mar, por vezes, atando pedras ao seu corpo, num ritual presenciado por terceiros que permaneciam na orla costeira. Segundo Moerman, esta prática era desde há muito objecto de extensa divulgação, através de crónicas, diários, narrativas, cartas e pinturas, nomeadamente mandalas⁷³.

Acontece que alguns cristãos foram executados num processo semelhante – ensacados, embarcados e, por fim, atirados à água no mar profundo. Não se tratou de uma pena recorrente, mas continuou a figurar na documentação missionária impressa como uma forma de martírio executado até, pelo menos, ao ano de 1624⁷⁴. Tal como o monge budista que se assim se suicidava acreditava entrar no paraíso de Kannon, o cristão assim executado acreditava entrar no Paraíso cristão. A perspectiva de alcance do paraíso levava naturalmente a reacções de entusiasmo não só por parte daqueles cristãos que foram executados por este processo como também por parte daqueles que assistiam na praia à execução. Se a aplicação destas penas não pode traduzir uma tentativa das autoridades nipónicas equipararem um ritual budista a uma execução penal, é de presumir que a similitude de práticas tenha facilitado a caminhada para a morte.

As tradições religiosas e culturais não só facilitaram a assimilação do Cristianismo, como conduziram a uma aculturação da fé cristã. Este facto deu origem a um discurso missionário assente numa espécie “alteridade invertida”. O nipónico é descrito não como um «outro exótico» mas como um cristão apóstolo da Igreja romana. Não se pretende com isto desvalorizar a interiorização das noções cristãs de fé, de pecado, de redenção, de vontade divina, de salvação eterna. Sem esta dimensão, não seria cabalmente compreensível a extensão da perseguição, a resistência dos conversos, e depois o fenómeno dos cristãos ocultos. A questão em torno da efectiva apreensão da doutrina cristã por estes indivíduos afasta-se, porém, do objecto do presente estudo.

⁷³ Max Moerman, *Localizing Paradise. Kumano Pilgrimage and the Religious Landscape of Premodern Japan*, Harvard University Press, 2006, p.94. Agradecemos a Lucia Dolce a referência a esta obra.

⁷⁴ Veja-se a seguinte informação de João Rodrigues Girão: «furono gettati nel profondo del maré, doue finirono la vita com na sorte di morte non vsata sin hora nel Giappone, se non nello stato di Firando.», João Rodrigues Girão, *Lettera annva del Giappone dell' Anno 1624...*, fl.108.

Se bem que as fontes aqui utilizadas pudessem ter sido analisadas nessa perspectiva – muito embora o objectivo dos relatos tenha sido sobretudo a divulgação da epopeia do Cristianismo e não o sucesso da missionação – o que nos interessou aqui foi sublinhar como o substrato religioso e cultural nipónico, de que os missionários fazem eco, é determinante para compreender a adesão dos nipónicos ao sofrimento e ao martírio.

3.2. O Discurso do Mártir: Representação e Devoção

3.2.1 A Verdade Doutrinal

A narrativa missionária a propósito das perseguições no Japão qualifica desde o primeiro momento a realidade aí vivida como martírio. O termo foi imediatamente aplicado para definir a primeira execução de 1597 e manteve-se dominante no discurso relativo ao Japão que foi sendo publicado por religiosos europeus.

Num único momento de toda a documentação impressa em análise, a realidade martirológica foi certificada por autoridades religiosas coevas, que asseveravam a veracidade dos factos e a legitimidade daquela classificação. Tal aconteceu nos relatos franciscanos relativos à primeira execução, em 1597, de cristãos convertidos. Quer Juan de Santa Maria quer Marcelo Ribadeneira, ambos pertencentes àquela ordem mendicante e responsáveis pela redacção de notícias acerca daquele acontecimento, inseriram nas respectivas obras quer a análise dos depoimentos realizada por Francisco Peña, auditor do tribunal eclesiástico da Sacra Romana Rota, o qual tinha por função servir os casos de litigação de toda a Igreja, quer o certificado emitido pelo então bispo do Japão, o jesuíta D. Pedro Martins (1542-1598)⁷⁵. O funcionário do tribunal confirmava na sua declaração «que la muerte de los seys frayles descalços, y otros sus allegados, en Iapon a cinco de Hebrero de 1597 fue verdadero Martyrio» dadas as

⁷⁵ Juan de Santa Maria, *Relacion del Martirio que seys Padres Descalços Franciscos, e veynte Iapones Christianos padecieron en Iapon. Hecha por Fr. Iuan de Santa Maria, Prouincial de la prouincia de S. Ioseph de los Descalços. Dirigida al Rey nuestro S. don Felipe III*, Madrid, Varez de Castro, 1599, fl.185v-197v; fl.201v e ss. Esta obra teve várias reedições: em Roma (1599) em Nápoles (1600), e de novo em Madrid (1601 e 1628). Marcelo de Ribadeneira, *Historia De Las Islas Del Archipiélago, Y Reynos De la Gran China, Tartaria, Cvchinchina, Malaca, Sian, Camboxa Y Iappon, Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden del Seraphico Padre San Francisco, de la Prouincia de San Gregorio de las Philipinas. Compvesta Por Fray Marcello De Ribadeneyra, compañero de los seys frayles hijos de la misma Prouincia Martyres gloriosissimos de Iappon, y testigo de uista de su admirable Martyrio. Dirigida A Nvestro Reverendissimo Padre Fray Francisco de Sosa, Generalissimo de toda la ordem de N.P.S. Francisco. A la buelta desta hoja esta la suma de toda la Historia*, Barcelona, Gabriel Graells y Giraldo Dotil, 1601, fl. 590 e ss e fl.713 e ss.

«calidades *que* en aquella muerte concurren, que en suma se reduzen a tres puntos, a la causa de la muerte, a la fortaleza, y constância con que padecieron, y finalmente a los efectos, o señales, y prodígios que despues de aquella muerte acontecieron»⁷⁶.

O bispo certificava a dignidade do acontecimento reiterando os mesmos motivos. Primeiro, aqueles homens tinham morrido pela Fé – «Iten mas, certifico, que la causa porque Taycozama mando crucificar a los dichos seys Religiosos, fue: porque predicarõ *nuestra* santa ley en sus Reynos, porque assi lo dezia vna tabla que estaua leuãtada en vna asta delante de las cruces, la qual yo fuy a ver, y delante de muchos Portugueses la mandè leer en lengua de Iapon, y declarar en la *nuestra*»⁷⁷. Segundo, tinham sofrido de modo voluntário e com alegria todos os sofrimentos, «como valerosos caualleros de Christo»⁷⁸, a ponto de, terceiro argumento, após a execução os seus rostos terem permanecido «angélicos, que mas pareciam hombres que dormian, o eleuados en contemplaciõ»⁷⁹. Apontadas as circunstâncias, o bispo concluía que «todo claramente testefica la santidad y bienauenturança de su muerte»⁸⁰, assim se justificando que o acontecimento fosse classificado como martírio.

A intenção dos franciscanos era, seguindo as palavras de Ribadeneira, «dar cuenta a su Santidade, y a la Magestad Catholica del Rey nuestro señor de casos muy graues de *que* era necessário dar se verdadeira informaciõ»⁸¹, e assim abrir caminho para reivindicar a importância daquela ordem mendicante na evangelização no arquipélago nipónico sob o argumento de que «... parece que quiso nuestro Señor dar a entender que la conquista de aquellas almas auia de ser de frayles menores, pues (aunque otros predicadores aquiã ydo antes) ellos la ganaron con sangre»⁸².

Como se referiu, o cenário era de tensão entre ordens missionárias. Os mendicantes tinham avançado para a evangelização no Japão contra a vontade dos jesuítas e sob o pretexto da união dinástica entre Portugal e Castela e da bula *Dum ad uberes*. Promulgada pelo Papa Sisto V em 1586, a Bula autorizava os mendicantes a fundar missões na China e noutros países asiáticos. Os jesuítas, por sua vez,

⁷⁶ «Adiciõ de Francisco Peña Auditor de Rota» citado a partir de Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.202. O texto de Francisco Peña teve uma edição própria, em Roma, por Nicolas Mucio em 1599.

⁷⁷ *Ibidem*, fl.196.

⁷⁸ *Ibidem*, fl.197v.

⁷⁹ *Ibidem*, fl.196-197v.

⁸⁰ *Ibidem*, fl.196-197v.

⁸¹ Marcelo Ribadeneira, *op. cit.*, «Prólogo», s/n.

⁸² Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.179.

reclamavam a exclusividade da sua actividade missionária no Japão com base noutros argumentos e documentos: os direitos estabelecidos pelo padroado Português do Oriente⁸³, o breve papal emitido em 1585 por Gregório XIII que lhes conferia exclusividade de missionação naquele território, e o decreto régio de Filipe II que, na qualidade de patrono das missões, confirmava aquela disposição papal⁸⁴. Além disso, a primeira execução de cristãos (1597) ocorrera na sequência da introdução dos mendicantes no arquipélago⁸⁵.

Como se verá, neste contexto de controvérsia a imprensa foi um dos instrumentos a que as ordens missionárias recorreram para a defesa dos seus direitos. Nos relatos dedicados à execução de 1597, jesuítas e franciscanos não se limitaram a enunciar sucessos. Os textos procuravam ainda justificar aquela que foi a primeira condenação política do Cristianismo, defendendo as respectivas estratégias de missionação e, concomitantemente, atacando a dos seus rivais⁸⁶. Não obstante, em nenhum momento a legitimidade de se atribuir o significado de martírio à execução de 1597 foi posta em causa.

O jesuíta Luís Fróis, descrevendo pormenorizadamente os acontecimentos, enquadra-os na política interna nipónica. Esta particularidade explica-se, em parte, pela informação privilegiada a que os jesuítas continuavam a ter acesso. Por exemplo, nesse momento o padre Organtino residia no Miyako, em casa de Konishi Yukinaga Agostinho, um dos generais da confiança de Hideyoshi, cujo palácio residência (Fushimi) se encontrava nas imediações. Num registo com as características de um

⁸³ O direito de Padroado foi consagrado logo em 1455 na bula *Romanus Pontifex* pela qual o Papa Nicolau V (1447-1455) definia o conjunto de direitos, privilégios e deveres que faziam do monarca português o patrono das missões católicas e das instituições eclesiásticas do ultramar. Sobre as sucessivas confirmações deste privilégio e as relações entre Portugal e a Santa Sé veja-se António da Silva Rego, *O Padroado Português do Oriente*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940.

⁸⁴ João Paulo Oliveira e Costa "A rivalidade luso-espanhola no Extremo Oriente e a querela missionológica no Japão" in *O Século Cristão no Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)*, Roberto Carneiro e A. Teodoro de Matos (dir.), Lisboa, CEPCEP-CHAM, 1994, p.498.

⁸⁵ Sobre esta matéria seguiram-se as informações de João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira...*, vol I, pp.195-245.

⁸⁶ Luís Fróis, *Relatione Della Gloriosa Morte Di XXVI Posti In Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù, & dicesette Christiani Giapponesi. Mandata dal P. Luigi Fróis alli. 15 di Marzo, al R. P. Clavdio Acqvaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal P. Gasparo Spitilli di Campli della medesima Compagnia*, Roma, Luigi Zannetti, 1599. Juan de Santa Maria, *Relatione del Martirio, Che Sei Padri Scalzi Di San Francesco, et venti Giapponesi Christiani partirono nel Giappone l'anno 1597. Scrita dal R. P. Fra Gio. Di Santa Maria Prouinciale della Prouincia di S. Giosepe de gli Scalzi, tradotta dalla lingua spagnuola nella Italiana, per ordine del R. P. Fra Giosepe di Santa Maria Custode di detta Prouincia per il Capitolo Generale. Dedicata alla Sta di N.S. Clemente VIII*, Roma, Nicola Muzi, 1599.

diário, Fróis descreve minuciosamente a sucessão de episódios: os boatos que corriam na corte de Hideyoshi acerca dos missionários, o crescente sentimento de irritação do guerreiro e, inclusive, as justificações que as diferentes autoridades locais – os governadores do Miyako, o governador de Nagasaki e outros oficiais menores – apresentavam junto de Hideyoshi quanto ao episódio do galeão de S. Filipe, o incidente que encolerizara o guerreiro⁸⁷. A embarcação castelhana tinha naufragado junto a Tosa e o respectivo capitão, com vista a intimidar as autoridades japonesas, afirmara que o estabelecimento dos frades no arquipélago era apenas a etapa prévia à conquista militar.

O estilo expositivo da narrativa de Fróis é abandonado para justificar a grande interrogação relativa a esta primeira execução – qual a razão que levava Hideyoshi a poupar os jesuítas?⁸⁸ De facto, do conjunto dos executados apenas um, Paulo Miki, era efectivamente religioso. Os outros dois jesuítas crucificados tinham sido admitidos na Companhia já na prisão. Além do mais, os franciscanos que se encontravam nesse momento no arquipélago e escaparam à crucificação foram obrigados a partir enquanto os membros da Companhia de Jesus permaneceram quase todos no território⁸⁹. Fróis começa por esgrimir razões sobrenaturais e, já no domínio do terreno, termina o seu relato com a enumeração dos argumentos apresentados por Hideyoshi aquando da sentença de execução: os franciscanos era gente que antecedia autoridades militares.

A narrativa do franciscano Juan de Santa Maria é menos coerente. O facto de este missionário não ter experiência no território e de escrever a partir das notícias a que teve acesso (nomeadamente o relato de Fróis⁹⁰) explica as imprecisões quanto aos topónimos e as descrições por vezes confusas dos acontecimentos. Santa Maria remonta a argumentação ao período de relacionamento entre Hideyoshi e as autoridades castelhanas de Manila (1592), cujos contactos tinham levantado a suspeita em Manila que Hideyoshi se preparava para uma ofensiva militar, e faz do episódio da nau de S. Filipe o eixo central da narrativa, onde os acontecimentos se sucedem numa relação de causa/efeito que tinha por base o comportamento despótico de Hideyoshi.

⁸⁷ Seguimos a edição impressa em Milão no ano de 1599. Vide Luís Fróis, *Relatione della Gloriosa Morte di XXVI Posti In Croce...*, Milão, Pacifico Pontio, 1599, fl.37-40.

⁸⁸ «Mi potrebbe qui domandare alcuno la cagione, perche il Re non volesse comprendere anche i nostri nella sentenza, predicando essi il Vangelo; & com tanto Collegij & Residenza mantenendo, & aiutando nello spirito, da trecento mila anime». *Ibidem...*, fl.50.

⁸⁹ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, p. 237-238.

⁹⁰ Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl 57v.

Os dois relatos indiciam um clima de acusações mútuas. Através das descrições das atitudes dos missionários que foram protagonistas da acção, Fróis e Santa Maria sublinham perspectivas evangelizadoras distintas. O franciscano Juan de Santa Maria afirma que os jesuítas circulavam à época com demasiada precaução e desenvolve todo o seu relato em torno de Pedro Baptista, um dos franciscanos executados⁹¹; o jesuíta Luís Fróis, por sua vez, defende que a atitude recatada dos seus correligionários, personificada na acção do padre Organtino, eixo da sua narrativa, era apropriada para o clima de incertezas que se vivia⁹². De facto, a diferença de posturas entre jesuítas e Franciscanos parece explicar, em parte, a atitude diferenciada de Hideyoshi no momento da ordem de execução.

Neste contexto de hostilidade, a descrição de atitudes menos conformes dos executados convertidos ou pertencentes à ordem missionária rival poderia ter sido um argumento desenvolvido na narrativa publicada. Tanto mais que, de acordo com documentação manuscrita, nem todos os envolvidos se comportaram de acordo com os princípios definidores de martírio⁹³. Na biografia de Frei Felipe, um dos franciscanos crucificado em 1597, Conover mostra que em nenhum momento o seu comportamento foi o de um mártir, e que, por essa razão, logo em 1597, foi-lhe atribuído escasso mérito. Só bem tarde, em finais do século XVII, emergiu seu culto na cidade do México, sua terra natal⁹⁴. E, no entanto, quer Santa Maria quer Fróis descrevem mortes heroicas, em que os crucificados se comportaram como mártires. A referência exclusiva a comportamentos exemplares, independentemente da autoria do texto e da ordem religiosa responsável pelo baptismo dos executados, foi, aliás, uma constante nos textos impressos. Isto leva assim a concluir que a rivalidade entre ordens religiosas a missionar no Japão não se reflectiu no reconhecimento mútuo de mártires⁹⁵.

⁹¹ Juan de Santa Maria afirma: «los padres de la Compania de Iesus, y al tiempo que ellos cõ zelo discreto (por conuenir assi por entonces) // fl. 27 andauan escondidos y disimulados». *Ibidem*, fl.26v-27.

⁹² Fróis justifica da seguinte maneira: «con tale moderatione dunque, & cautela, & con nome di stare nascosti, ci siamo [os jesuítas] mantenutisino a questa hora, & s' è accresciuto talmente il numero de fedeli in tutto questo tempo di diece anni ... Hor questo era lo stato della Christianità quando vennero da Manila, città delle Filippine, quattro Padri di Santo Francesco chiamato Scalzi...», Luís Fróis, *op. cit.*, p.4

⁹³ Matias de Landecho, *Testimonios autenticos acerca de los protomártires* citado a partir de Cornelius Conover «Saintly Biography and the Cult of San Felipe de Jesús in Mexico City» in *The Americas* 67: 4, (2011), pp. 442 e ss. Agradecemos a Liam Brockey a disponibilização deste artigo.

⁹⁴ Cornelius Conover, *op. cit.*, pp. 442 e ss.

⁹⁵ Brad Gregory chega à mesma conclusão na análise que faz dos textos católicos sobre os mártires na Europa Moderna. Independentemente da ordem religiosa a que pertenciam, os católicos designam sempre os restantes católicos de mártires. Brad G. Gregory, *op. cit.*, pp.253-254

Se as notícias relativas ao martírio de 1597 foram as únicas a incorporar documentos que procuravam atestar a veracidade martirológica do acontecimento, nas publicações subsequentes persiste a necessidade de comprovar aquela asserção ainda que por intermédio da prática discursiva. Os missionários especificam sempre que os japoneses cristãos executados tinham sofrido e padecido em nome da fé voluntariamente. A variedade de expressões utilizadas nos relatos missionários é muito extensa: foram «degolados por el nombre Santo de Iesu Christo»⁹⁶, entregaram a vida «por la Fè de Christo»⁹⁷, deram «sus vidas por la confession dela Fé»⁹⁸, ou na expressão eloquente do dominicano Manzano, deixaram «sus vidas tostados en hogueras por Christo y su Euãgelio», «dando fiel y verdadero testimonio con la sangre y con la vida, de la Fè»⁹⁹.

Ora, permanecer firme na verdade independentemente da violência exercida e morrer por Cristo, escolher a morte em lugar de trair a fé ou praticar algum acto contra a virtude de Deus, constituem os requisitos fundamentais do martírio segundo a definição teológica cristã¹⁰⁰. Por isso, os missionários inseriram nas listagens de mártires publicadas todos aqueles que morreram no cárcere, desde que este tivesse sido imposto por motivos religiosos¹⁰¹. Só excepcionalmente se utilizou uma noção mais abrangente

⁹⁶ Garcia Garces, *Relacion de la Persecucion que Hvyo en la Iglesia de Iapon y de los insignes martires que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622*, Madrid, Luis Sanchez, 1625, fl.3.

⁹⁷ Felipe de la Madre de Dios, *Relacion Verdadera de vna carta, que el P. Fr. Felipe de la Madre de Dios Prouincial absoluto de la prouincia de Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, embiò al P. Fr. Bernardino de S. Idelfonso Prior deste Conuento de Nuestra Señora de Loreto de Granada, de los Martyres de la misma Orden, que ha padecido martyrio en el Iapon, por la fè Christo*, Granada, Vicente Alvarez, 1633, s/n.

⁹⁸ Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.135.

⁹⁹ Melchor Manzano de Haro, *Historia del insigne, y excelente martyrio que diez y siete religiosos de la Prouincia del santo Rosario de Filipinas, de la Orden de Santo Domingo, padecieron en el populoso Imperio de Iapon, por la predicacion del Santo Euangelio de Iesu Christo nuestro Dios. Por el R. P. Fr. Mechor Mançano de Haro, Comissario del santo Oficio en dichas Islas, Prouincial que fue de la misma Prouincia, y Vicario general de la de santa Catalina Martyr de Quito. Colegida de relaciones fidedignas embiadas del dicho Imperio de Iapon, y de testigos oculares que assitieron al dicho martyrio l'ano MDCXIV*, Madrid, Andres de Parra, 1629, fl.3.

¹⁰⁰ R. Hedde, "Martyre" in *Dictionaire de Théologie Catholique...*, col.220 a 223; Samuel Z. Klausner, "Martyrdom" in *The Encyclopedia of Religion*, dirg Mircea Eliade, vol. IX. Nova York, MacMillan Publishing Company, 1987, pp.231-237.

¹⁰¹ Em 1606, o conceito era aplicado para definir a morte de um converso nipónico « Ioachino ... che per essere alli 26 d'Agosto del 1606 nel cárcere, doue ... staua per la cõfessione della Fede, morto di disagio, e di stento, deue entrate anch'egli nel numero de' santi Martiri ... e quãtunque Ioachino fusse consumato da' stensi, da mortale infermità, non perdette per questo il merito, e la palma del martirio ». Valentim Carvalho, *op. cit.*, p.4. Em notícias relativas a 1619 era relatado que o jesuíta Ambrósio Fernandes tinha padecido na cárcere, por fome, excessivos frios e incomodidades. O autor da mesma notícia definia como martírio a morte de Fernandes com base nos argumentos de que ele sempre ambicionara morrer pela fé e de as suas roupagens terem sido tomadas de imediato como relíquias. Gaspar Luís, «Relatione del Giappone dell' Anno 1619» redigida em Macau a 1 de Outubro de 1620 in *Relatione di Alcune cose*

de martírio. Foi o caso do jesuíta Pedro Morejon que, em notícias relativas ao ano de 1614, aplicou a ideia de «martírio contínuo» para se referir àqueles que, apesar de todos os tormentos sofridos e da predisposição para a morte em nome da fé, tinham escapado à execução final, continuando a sofrer pela fé, fosse pela dor física que lhes fora infligida fosse pela mutilação do corpo de que tinham sido vítimas¹⁰². A morte, nestes casos, constava apenas no «cõplemende de su corona»¹⁰³.

A doutrina da Igreja ensinava ainda que a morte, condição essencial para se alcançar o estatuto de mártir, era apenas o desfecho de um longo processo. O martírio exigia outros requisitos prévios ao acto de execução: sofrimento na caminhada até à morte, alegria e aceitação dos sofrimentos infligidos e confissão prévia¹⁰⁴. Estas premissas constaram da declaração do bispo do Japão na qual certificava que a execução de 1597 fora um martírio e eram veiculadas na literatura doutrinária sobre o martírio que então circulou no Japão¹⁰⁵. A narrativa missionária também se referia a esses requisitos, tanto nas situações que envolviam missionários como nas que se referiam a japoneses cristãos. Nos textos impressos é descrito o sofrimento humilde e paciente das vítimas, que acatavam o seu destino «constantemente» e «casi imóveis»¹⁰⁶, mesmo quando lhes era dada a liberdade para quem «quisiesse salirse pudiesse»¹⁰⁷, assim se frisando a entrega e heroicidade dos mártires face à morte. Muitos eram

Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone ..., fl.40-41. Na década de 1640, a cárcere surge na tipificação de martírios representada em António Francisco Cardim, *Elogios E Ramallete de Flores borifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu, a quem os tyrannos dos Imperio de Japão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica. Com o Catalogo de todos os Religiosos, e seculares, que por odio da mesma Fè forão mortos naquelle Imperio até o anno de 1640*, Lisboa, Manuel da Silva, 1650, p.62.

¹⁰² Pedro Morejon aplica o conceito de modo insistente, no capítulo XI da sua Relação, a todos os que sofreram inúmeros tormentos, mas que a eles sobreviveram, em Arima em 1614. Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl. 232-237; fl. 102v e fl. 202. Gabriel de Matos segue o mesmo raciocínio num relato relativo ao ano de 1613 quando afirma: «ouue também muitos em diversas Cidades, que posto que não chegarão a derramar sangue, não lhes faltou vontade, perseruerando nella com muita fortaleza, & edificação, ainda que forão muitos persegui//dos & auexados, & deixando muitos exemplos». Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.31-31v.

¹⁰³ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion....*, fl. 234.

¹⁰⁴ Estes pré-requisitos surgem aliás explícitos em *Maruchirio no Kokoroe / Instruções para o Martírio*. Veja-se Gonoï Takashi, *op. cit.*, p. 60-61.

¹⁰⁵ Vejam-se as duas únicas obras conservadas até à actualidade: *Maruchirio no Kokoroe / Instruções para o Martírio* (c.1615), e *Maruchirio no Susume / Exortação ao Martírio* (c. 1622). Transcritas parcialmente em Gonoï Takashi, *op. cit.*, pp.51-58 e pp.60-61; e em Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, pp.148-150, e pp. 152-153.

¹⁰⁶ Garcia Garces, *op. cit.*, fl.4.

¹⁰⁷ *Relacion Breve de los grandes y rigurosos martirios que el año pasado de 1622. dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho ilustrissimos Martyres, sacada principalmente de las cartas de los Padres de La Compañia de Iesus que alli residen: y de que ha referido muchas personas de aquel Reyno, que en dos Nauios llegaron a la Ciudad de Manila a 12. De Agosto de 1623*, Madrid, Andres de Parra, 1624, s/n.

aqueles que se confessam no local do suplício, que recomendavam a Deus os familiares e os circundantes «cantãdo alabaças al Señor», mesmo quando lhes era tapada a boca com «vnos frenos de cordel muy apretados y *que* no por esso dexauã de alabar al Señor»¹⁰⁸, que rezavam com olhos postos no céu¹⁰⁹.

De entre os requisitos inerentes ao martírio apenas a referência à meditação nas virtudes de Deus, designadamente na sua ilimitada benevolência e na sua Paixão, recebe um tratamento irregular nos textos impressos¹¹⁰. Regra geral, as notícias publicadas pouco tempo depois dos acontecimentos mencionam apenas a oração realizada pelas vítimas momentos antes da execução, o que pode de certa forma incluir aquele requisito em particular. No entanto, constata-se que os textos reimpressos décadas mais tarde referem já a contemplação em Deus, o que significa uma mutação relevante e significativa.

Este ajustamento do discurso, que denuncia estratégias de propaganda, é evidente, por exemplo, nos relatos dos franciscanos sobre a primeira execução ocorrida em 1597. Assim, os textos imediatamente publicados após o acontecimento – os textos redigidos pelos religiosos Juan de Santa Maria e Marcelo de Ribadeneira – mencionam apenas o vigor da oração dos condenados. Duas décadas volvidas, contudo, quando na Cúria Romana se iniciava o processo de beatificação dos grupo dos martirizados, os textos reimpressos já explicitavam que as vítimas «patirono infiniti trauagli, scherni, & afflizioni; ma sempre, hauendo nel cuore la // passione, e morte del Crocifisso Giesù»¹¹¹.

Em síntese, apesar de os textos impressos serem abundantes em descrições sobre o «mártir» e o «martírio», a narrativa ajustava-se ao cânone, reforçando ainda mais e tornando mais credível a realidade martirológica nipónica e, por conseguinte, fazendo a apologia da missão no Japão.

¹⁰⁸ Felipe de la Madre de Dios, *op. cit.*, s/n.

¹⁰⁹ As descrições são extensas e prolixas não permitindo a sua transcrição.

¹¹⁰ O requisito é desenvolvido *Maruchirio no Susume / Exortação ao Martírio* (c. 1622). Veja-se Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, p.149-150.

¹¹¹ *Breve compendio del martirio, e morte delli ventitre Martiri dell'Ord. Min. di San Franc. Dell'Osseruanza della Prouincia delli Scalzi di San Gregorio delle Filippine, e del Giappone. Con i Nomi, Titoli, e Patrie loro. Crocifissi nel Regno del Giappone per difesa della Santa Fede. De' quali la Santità di N. S. Papa Vrbanò Ottauo hà concesso sotto di 14. Settembre 1627 che si celebri la Messa, & Offizio; E la Festiuità il di 5 Febbraio, giorno del loro Martirio*, Florença, Francisco Honofri, 1627, s/n.

3.2.2. Os que se «deixaram ficar»

Não obstante a atenção dada aos mártires nos textos impressos, também se descrevem comportamentos cristãos considerados não exemplares, designadamente os casos de apostasia. Sendo uma atitude desfavorável ao Cristianismo, a sua menção atestava, por um lado, a veracidade do testemunho dos missionários, e por outro, servia de contraponto à exaltação ao martírio procurando a sua valorização. Este último aspecto vai-se reforçando à medida que a perseguição se intensifica. Durante as primeiras perseguições (1604 e 1609), o bispo D. Luis Cerqueira atribuiu o fenómeno da apostasia a «edifici fondati di fresco»¹¹², adiantando, porém, que o dilema não era pequeno: «Finalmente come da vn canto gli atterriua lo spauento della morte, con la ruina, e distruggimento delle case, mogliere, e figliuoli»¹¹³. Em situações imediatamente posteriores à emissão do édito que proibia a profissão do Cristianismo (1614), a abjuração é ainda apresentada como um gesto sem validade: «Iuntos ali os Christãos no riguroso exame, que delles fizerão, tornarão atrás alguns assinaãdose no liuro, que ali tinham përa isso; outros *que* se não quizerão assinar, seus parente & amigos Gentios por força fizerão por elles assinados falços; a outros também fizerão assinar por força, metendo-lhe a pena na mão, & constrangendeos a fazer seu assinado»¹¹⁴. Pouco depois, os casos de apostasia assumem contornos progressivamente mais edificantes. Regra geral as abjurações são seguidas de actos de arrependimento – “E os que cairão, arrependidos, & envergonhados de sua fraqueza, forão logo buscar hum padre que estaua em outro lugar de Christãos»¹¹⁵ já que voltar a si exigia a presença de um padre e obrigava à confissão; enquanto outros «fueron despues insignes Martyres: y otros padecieron grandes trabajos, y pobreza por la Fè»¹¹⁶.

¹¹² Luís Cerqueira, *op.cit.*, fl.9.

¹¹³ *Ibidem*, fl.9.

¹¹⁴ Esta descrição surge a propósito de perseguições ocorridas em Chikuzen em 1614, quando todos os cristãos são convocados pela autoridade local para renegarem a Fé. Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.56v.

¹¹⁵ Fernão Guerreiro, *Relaçam Annal [sic] das covsas qve fezeram os Padres da Companhia de Iesvs nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, cabo verde, Guine, nos annos de sesicentos & dous & seiscentos & três, & do processo da conuersão, & Christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de là vieram. Pelo padre Fernam Guerreiro da Companhia, natural de Almodouar de Portugal. Vay dividido em quatro liuros. O primeiro de Iapã. O II da China & Maluco. O III do Brasil, Angola, & Guiné*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605, fl.29.

¹¹⁶ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.12.

Em 1626 são ainda citadas algumas situações envolvendo renegados que, em arrependimento, faziam penitência pública (na presença de outros cristãos)¹¹⁷, partiam voluntariamente para o exílio e optavam por viver pobremente, suportavam todo o tipo de privação, ou chegavam mesmo a declarar-se cristãos diante das autoridades¹¹⁸. Estes exemplos não constituem, contudo, a regra. Neste momento a apostasia surge referida num quadro em que se desenrolam atitudes opostas numa mesma situação: os que renegavam e os que persistiam na fé apesar de toda a violência. Por exemplo, em 1627 o jesuíta Cristóvão Ferreira mencionava a pressão de que mulheres cristãs em Arima e Arie tinham sido objecto, contrapondo o facto de que «alcune tornorno à dietro, mas molte altre non mostrorno fiacchezza». Dois anos mais tarde, descrevendo um momento de grande violência, o mesmo jesuíta menciona a apostasia de Aleixo e contrapõe-na à perseverança do seu irmão, Simão Suetake, o qual padecera todos os tormentos até à morte¹¹⁹. Ou seja, quando mencionados, os casos não edificantes ou terminavam em comportamentos exemplares de virtude ou eram compensados por outros que surgiam assim engrandecidos.

Dentro desta lógica não cabia, contudo, a divulgação da prática do *fumi-e*, ritual em que os cristãos eram obrigados a pisar uma imagem, que podia ser de Cristo, do crucifixo ou da Virgem Maria¹²⁰. Materializando a apostasia, a prática foi provavelmente iniciada em Nagasaki em 1628. Menos conveniente ainda era a menção à apostasia por missionários. Na década de 1640, uma única excepção ocorre no conjunto dos textos impressos. O protagonista do episódio era um japonês que se tinha deslocado à Europa na embaixada promovida pelo franciscano Francisco Sotelo, e que fora ordenado em Roma pelo próprio Papa Paulo V (1605-1621). O episódio contém importantes aspectos que estiveram na base da rivalidade entre jesuítas e mendicantes, mas ainda assim a notícia é colocada em termos edificantes. A apostasia surge como uma etapa de um percurso, que terminou, tal como relata Alexandre de Rhodes, no

¹¹⁷ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvito Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Roma, Francesco Corbelletti, 1632, fl.51-52.

¹¹⁸ *Ibidem*, fl.58-59.

¹¹⁹ Cristóvão Ferreira, «Relatione della persecutione solleuata nell Tacacu contra da S. Fede, nell' anno 1627» in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.310; Cristóvão Ferreira, «Relatione della Persecvtioni, che ne gl'anni 1629 e 1630 si solleuò nel Giappone contro la nostra S. Fede», redigida a 20 de Agosto de 1631, in *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX*, Roma, Francesco Corbelletti, 1635, fl.78-86. Cf. Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, p.634.

¹²⁰ Sobre o exercício da prática de *fumi-e* enquanto instrumento de controlo religioso veja-se Martin Nogueira Ramos, *op. cit.*, pp.24 e ss.

triunfo da Fé. Sem identificar o indivíduo, Rhodes refere o exemplo de alguém que depois de haver esquecido o seu dever de padre e cristão, e ter vivido décadas como renegado, «il fut si changé par les mouuemens de la grace... il étoit viuement touché du saint Esprit»¹²¹.

Mesmo a persistência na abjuração é diminuída na narrativa através do recurso à ideia de que «alguns» ou surgem mencionadas sob os eufemismos de «esfriarão», «se deixarão ficar», «nō era stato costāte nella Fede»¹²². Mas, na verdade, em 1600 foram contabilizados trezentos mil conversos, incluindo importantes dáimios¹²³. Ora, entre 1597, data da primeira execução, e 1643, ano do último registo de uma execução de missionários, contabilizaram-se 1653 mortes – nem todas por execução já que alguns morreram na sequência dos tormentos ou na prisão¹²⁴. Esta discrepância vai ao encontro dos estudos que têm vindo a apontar que, escapar à dicotomia martírio / abjuração, a vivência da fé foi remetida para uma solução intermédia: negava-a a fé através de actos exteriores, mantendo-a enquanto crença interior e praticando-a na clandestinidade¹²⁵. A atitude entroncava aliás na tradição nipónica de desinteresse pela crença privada de cada um. Não surpreende assim que numa narrativa de carácter apologético as referências a estes indivíduos sejam diminutas. Aos missionários interessava antes sublinhar que a perseguição aos cristãos induzia vivências edificantes. Deste modo, construíram um discurso fundamentado numa nova imagem de sucesso da missão nipónica: ao êxito da conversão sucedia o triunfo dos que perseveravam na fé.

¹²¹ Alexandre de Rhodes, *Relation de ce vi s' est passé en l'année 1649. Dans les Royaumes où les Peres de la Compagnie de Iesvs de la Prouince du Japon, publient le Saint Euangile*, Paris, Florentin Lambert, 1650, fl.16.

¹²² Exemplo Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.42v. Para o ano de 1616, na sequência da pressão exercida por Tokugawa Hidetada veja-se Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.64v. Para exemplos numa época mais avançada da perseguição veja-se Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.107-108.

¹²³ Números apresentados por João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, p.95.

¹²⁴ O número apresentado resulta do inventário martirologio realizado por Juan Ruiz-de-Medina, *op. cit.*, pp.287-755.

¹²⁵ Ikuo Higashibaba, *op. cit.*, pp.154-159. Veja-se também os estudos de Stephen Turnbull citados na bibliografia.

3.2.3 Em Harmonia com a Espiritualidade da Época

Este discurso sobre a realidade martirológica no Japão surgia na Europa num contexto em que a valorização do martírio era dominante¹²⁶.

«la historia de los Martyres cõfio en el Señor sera de edificacion, y gusto, por corresponder a la variedad de los gustos.»¹²⁷

Desde o primeiro quartel do século XVI, as guerras religiosas entre protestantes, anabaptistas, e católicos vinham vitimando milhares de indivíduos. Estima-se que perderam a vida cerca de 5.000 indivíduos, os quais, tal como os conversos nipónicos, se entregavam à morte assim demonstrando a força das convicções religiosas¹²⁸. Além disso, tal como demonstra Brad Gregory num estudo sobre o martírio de cristãos na Europa Moderna, todas as confissões envolvidas no conflito religioso europeu não só consideravam mártires os cristãos executados em nome da sua fé como exploravam os acontecimentos por via da publicação massiva de sermões e panfletos de exaltação dos seus vitimados, que resultavam em martirológicos¹²⁹.

Apesar de os excessos de exteriorização da fé para que se encaminhara o Cristianismo ter sido um dos motivos para a cisão com a Igreja de Roma, até os protestantes cederam a este movimento. De facto, em todas as regiões que aderiram ao protestantismo, a narrativa em torno do martírio foi amplamente divulgada. No campo reformado, destaca-se a figura de John Foxe (1516-1587)¹³⁰, que publicou a obra central sobre o martírio protestante, através de um catálogo sistematizado das grandes figuras

¹²⁶ Carlota Miranda Urbano, «'Mori lucrum'. O ideal de missão e martírio e as missões jesuítas do Extremo Oriente nos séculos XVI e XVII» in *Biblos*, 2004, pp.138.

¹²⁷ Marcelo Ribadeneira, «Prologo», *Historia De Las Islas Del Archipelago, Y Reynos DeLa Gran China, Tartaria, Cvchinchina, Malaca, Sian, Camboxa Y Iappon, Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden del Seraphico Padre San Francisco, de la Prouincia de San Gregorio de las Philippinas. Compvesta Por Fray Marcello De Ribadeneyra, compañero de los seys frayles hijos de la misma Prouincia Martyres gloriosissimos de Iappon, y testigo de uista de su admirable Martyrio. Dirigida A Nvestro Reverendissimo Padre Fray Francisco de Sosa, Generalissimo de toda la ordem de N.P.S. Francisco. A la buelta desta hoja esta la suma de toda la Historia*, Barcelona, Gabriel Graells y Giraldo Dotil, 1601, s/n.

¹²⁸ Brad G. Gregory, *op. cit.*, pp.5-7.

¹²⁹ Seguiram-se as informações desenvolvidas em A. G. Dickens, John Tonkin, *The Reformation in Historical Thought*, Oxford, Basil Blacwell, 1985, pp.39-57. Veja-se também Brad G. Gregory, *op. cit.*, pp.3-5.

¹³⁰ A primeira edição do seu martirológico foi impressa em latim, *Rerum in ecclesia gestarum*, Basileia, Oporinus e Nicholas Brylinger, 1559. A primeira edição inglesa *Acts and Monuments*, Londres, John Day, 1563.

que sofreram o martírio em nome da reforma cristã, ainda antes de Lutero e depois, contra uma Igreja que já não correspondia aos preceitos evangélicos; o impressor Jean Crespin (1520-1572) centrou a sua *Histoire des Martyres* no caso francês¹³¹, tal como Théodore d' Aubigné (1551-1630), que redigiu um poema sobre os huguenotes em França¹³²; Ludwig Rabus (1524-1592) dedicou-se aos acontecimentos em terras germânicas¹³³; enquanto Adriaen Cornelis van Haemstede (1525?-1562) se centrou nos desenvolvimentos religiosos ocorridos nos Países Baixos na década de 1550¹³⁴. Os textos de Crespin e de Foxe, foram os mais divulgados, ficando a obra deste último conhecida por «Livro dos Mártires», com edições em diferentes cidades europeias e traduções em latim ou línguas vernáculas¹³⁵.

A narrativa acerca dos mártires católicos na Europa foi mais tardia. Tomando por referência a os textos missionário impresso, o volume de publicações sobre as primeiras execuções de católicos a mando de Henrique VIII, Thomas More e o bispo John Fisher, ambas em 1535, por recusarem o juramento do «Acto Supremacia» foi pouca significativa, só mais tarde dando origem a uma extensa produção editorial¹³⁶. Brad Gregory explica-o pelo facto das circunstâncias em que ocorreram as mortes de More e Fisher não terem precedentes, dominando assim a ideia de que aquele acto de Henrique VIII era uma simples aberração. Porém, entre 1580 e 1619, num movimento paralelo à reacção protestante, a perseguição e o martírio de católicos ingleses motivou a impressão na Europa de mais de 203 edições de acima de 50 trabalhos distintos dedicados, no todo ou em parte, ao tema do martírio e que seriam impressos em línguas vernáculas (castelhano, francês, italiano, alemão e holandês)¹³⁷. Nos Países Baixos o relato dos mártires de Gorcum, cidade tomada por calvinistas em 1572, também alimentou uma intensa actividade editorial católica¹³⁸.

¹³¹ *Histoire des Martyres persecutez et mis a mort pour la verite de l'evangile, depuis le temps des apostres iusques a present*, Genebra, Jean Crespin, 1616.

¹³² Théodore Agrippa d' Aubigné, *Les Tragiques*, 1616.

¹³³ Ludwig Rabus, *Histoiren der Martyrer*, Estrasburgo, 1554 .

¹³⁴ *De Gheschiedenisse ende den doodt der vromen Martelaren, the om het ghetuyghenisse des Evangeliums haer bloedt ghestort hebben, van de tyden Christi af, tot ten fare M.D.LIX toe, byeen vergadert op het kortste / História e Morte dos Mártires Pios*, [Antuérpia?], 1559. Sobre a questão do local da primeira edição veja-se A. G. Dickens, John Tonkin, *op. cit.*, p.360, n.r. 51.

¹³⁵ A. G. Dickens, John Tonkin, *op. cit.*, pp.38 e ss.

¹³⁶ Brad G. Gregory, *op. cit.*, pp.259-261.

¹³⁷ *Ibidem*, p.289-290.

¹³⁸ *Ibidem*, p.290-291.

Utilizando os textos como «armas de propaganda» religiosa, como apontam Dickens e de Tonkin¹³⁹, ou como uma estratégia política, que Lestringant designa por «política do martírio»¹⁴⁰, todas as confissões envolvidas na cisão religiosa europeia recorreram à narrativa martirológica para fazer a apologia da respectiva confissão religiosa.

A narrativa missionária sobre a evangelização, as conversões, a perseguição e o martírio no Japão vinham assim ao encontro de uma tendência religiosa europeia. Aliás, a descrição dos acontecimentos ocorridos naquele lugar tão longínquo reforçava mesmo a verdade e a universalidade do catolicismo, o que era claramente assumido. A conclusão surge explicitada nos textos impressos. Em 1639, um dos textos laudatórios ao jesuíta Francisco Mastrilli, martirizado no Japão em 1637, inicia-se com a seguinte asserção:

«Jvsto es se escriuan, y publiquen los sucessos de la Iglesia del Xapon, para ministrar matéria de alegria a las almas pias, y obligarlas a rendir devidas gracias al Señor, que en partes tan remotas, y en gente tan tierna en la Fè, sabe triunfar gloriosamente en la Impiedad Gentilica»¹⁴¹.

Não por acaso, uma das escassas obras sobre os mártires no Japão publicada em inglês, no colégio jesuíta em St. Omer (em França, do outro lado do canal da Mancha), cita no título a seguinte passagem de S. Jerónimo: «Deus triunfa quando os mártires sofrem e derramam o seu sange e regojiza com os seus tormentos»¹⁴². A intenção doutrinária deste texto evidencia-se no facto de se tratar da publicação de uma carta ânua que, em vez de ser apresentada como tal – como o era em todas as traduções de

¹³⁹ A. G. Dickens, John Tonkin, *op. cit.*, pp.39 e ss.

¹⁴⁰ Frank Lestringant, *Lumière des Martyrs: Essai sur le Martyr au Siècle des Réformes*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 200, pp.113 e ss.

¹⁴¹ Martin de La Naja y Pallas, *Estado de la Persegvida Iglesia del Xapon, Prodigioso Milagro del Apostol de las Indias S. Frãçisco Xauier de la Compañia de Iesvs, è ilustre Muerte del Venerable Padre Marcelo Mastrilo de la misma Compañia. A Don Migvel Batista de Lanvza, Regidor, y Administrador del Hospital Real, y General de N. S. de Gracia de la Ciudad de Zaragoza, Familiar del Santo Oficio, y Governador por su Magestad de la casa de la Moneda de la misma Ciudad*, Saragoça, Hospital Real y General de N.S. de Gracia, 1639, fl.5.

¹⁴² *The Palme of Christian Fortitvde. Or the glorius combats of christians in Iaponia. Taken out of letters of the Society of Iesvs from thense. Anno 1624. Hier. Ep.150. Triumphus Dei est passio Martyrum, & cruoris effusio, & inter tormenta laetitia. God triumphes when Martyrs suffer, and shead their blood, and reioyce in their torments*, St. Omer, Widow of Charles Boscard, 1630.

que até então fora objecto na Europa -, surge sob a designação sugestiva de *The Palme of Christian Fortitvde. Or the glorius combats of christians in Iaponia*¹⁴³.

Se por todas as razões enunciadas o discurso missionário sobre o martírio no Japão tem de ser lido como texto de propaganda da missão nipónica em particular e veículo de imposição da verdade católica no geral, o seu enquadramento na espiritualidade europeia remete-o para uma outra função.

Para a Europa Católica o período era de urgência. A partir de 1520, com a condenação papal das doutrinas de Martinho Lutero, os luteranos tinham iniciado a sua reforma. Um pouco tardiamente, o Concílio de Trento (1545-1563) consagrou a cisão entre católicos e protestantes e obrigou a Cúria Romana à renovação religiosa. Este movimento de renovação pastoral, clarificação doutrinária e promoção educacional estende-se pelo início do século XVII. Por um lado, visava enfrentar o Protestantismo, e por outro, procurava firmar a universalidade do catolicismo¹⁴⁴. Preocupados em expurgar os aspectos da vivência cristã considerados responsáveis pelo surgimento da cisão protestante, os poderes envolvidos na renovação católica valorizaram as formas de piedade centradas na imitação da vida de Cristo, e sobretudo na meditação na sua Paixão, em detrimento de outras correntes mais vocacionadas para a espiritualidade, que valorizavam a meditação e a oração, com raízes na *devotio moderna* flamenga. Era o caso do agustinismo, do erasmismo e do pietismo, correntes religiosas consideradas pela ortodoxia católica cúmplices do luteranismo e do iluminismo¹⁴⁵.

A defesa de uma espiritualidade mais centrada em Cristo tinha origens mais recuadas, designadamente no movimento *devotio moderna* surgido em finais do século XIV e de que é emblemática a obra *De Imitatione Christi* de Tomás de Kempis, como vimos. Nos finais do século XV e no século XVI, a exemplaridade da Paixão de Cristo

¹⁴³ Confronte-se com os títulos da mesma edição, noutras línguas: João Rodrigues Girão, *Lettera Annva del Giappone Dell' Anno 1624. Al moto Reuerendo Padre Mvtio Vitelleschi Generale della Compagnia di Giesv* (Milão, Giovanni. Battista Cerri, 1628); *Litterae Annuae Iaponiae Anni M.DC.XXIV Datae Ad Admodvm R. P. Mvtivm Vitelleschi Societatis Iesv Praepositvm Generalem Ex Italico in Latinvm Translatae, Nvnc Primvm in Lvcem Editae*, (Dillingue, Kaspar Sutor, 1628); *Histoire de ce qui s'est passé av royaume dv Japon l'Année 1624. Traduite d' Italien en François para vn Pere de la compagnie de Iesvs* (Paris, Sebastien Chappellet, 1628); *Jaerlijcken Brief van Japonien Van her Iaer 1624.... Tot Mechelen* (Antuérpia, Hendrick Zaye, 1628).

¹⁴⁴ António Camões Gouveia, «Contra-Reforma» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 16.

¹⁴⁵ José Sebastião da Silva Dias, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI e XVII)*, Coimbra, Instituto Estudos Filosóficos, 1960, p.p.447-448. Nesta sua obra, Silva Dias expõe as correntes religiosas que se desenvolveram ao longo século XV e cujas tendências espirituais acabaram por ser erradicadas após Trento, por serem consideradas muito próximas das doutrinas luteranas e, nesse sentido, poderem conduzir ao protestantismo.

continuou a ser alimentada por diversos autores doutrinários. Inácio de Loyola (1491-1556) defendia a auto-negação até ao martírio; Teresa de Ávila (1515-1582) ensinava que o verdadeiro religioso ou pessoa devota não podia negar o desejo de morrer por Deus e tinha de aceitar o sofrimento até ao martírio; Francisco de Sales (1567-1622) exaltava os cristãos a tudo sofrer, do simples incómodo até ao martírio¹⁴⁶. Na mesma linha, na espiritualidade portuguesa, o dominicano Frei Luís de Granada (1504-1588) – que muito embora de origem castelhana viveu e publicou grande parte das suas obras em Portugal – fazia o «apostolado da arte de viver como cristão e da concepção da vida cristã como implicação e exercício da perfeição recomendada no Evangelho»¹⁴⁷. Entre a sua extensa produção, saliente-se o segundo volume da *Introdução ao Symbolo da Fé* onde fazia a apologia do martírio, uma das «Excellencias de nossa Santissima Fé, e Religião Christã»¹⁴⁸; foi também o tradutor para português da obra de Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*. Refira-se ainda, a título meramente indicativo, D. Hilarião Brandão (?-1585), cónego regente de Santo Agostinho, também ele responsável pelo desenvolvimento do tema da meditação na humanidade e na Paixão de Cristo»¹⁴⁹.

Indo ao encontro das correntes espirituais prevalecentes da Europa católica, a narrativa missionária sobre os cristãos nipónicos que agiam à semelhança de Cristo, por vezes replicando até a sua Paixão¹⁵⁰, foi continuamente explorada.

Igualmente inspirador desta espiritualidade foi, como já apontámos, a coincidente descoberta de catacumbas dos primeiros cristãos, as primeiras em Roma em 1578. O entusiasmo e o interesse histórico pelos primeiros tempos do Cristianismo gerou um movimento de reabilitação da Igreja primitiva, de estudo e divulgação da

¹⁴⁶ Brad G. Gregory, *op. cit.*, p.279.

¹⁴⁷ José Sebastião da Silva Dias, *op. cit.*, p.307.

¹⁴⁸ Frei Luís de Granada, *Introdução ao Symbolo da Fé*, Porto, Oficina Régia Tipográfica, 1780.

¹⁴⁹ Sobre os autores e as obras mais marcantes na espiritualidade em Portugal na Época Moderna veja-se Maria de Lurdes Correia Fernandes «Espiritualidade» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.188-192.

¹⁵⁰ Por exemplo, Pedro Morejon salienta nas suas narrativas que muitos cristãos logo a partir do momento em que são desterrados viviam uma vida exemplar: jejuavam, penitenciavam-se, meditavam sobre livros de santos e de Cristo. Veja-se Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.107. O exemplo mais surpreendente é descrito num texto impresso de autoria agostinha acerca do martírio de Frei Hernando de San José, degolado em 1617 juntamente com Alonso Navarrete. Neste texto, a caminhada do missionário para o martírio é descrita exactamente nos mesmos termos dos passos de Cristo na Paixão. Vide Fernando Becerra, *Relacion de el Martyrio del S.F. Hernando de S. Ioseph, en Japon, y del S. F. Nicolas Melo en Moscouia, de la Orden nuestro P. S. Augustin. Ordenada por el P. F. Hernãdo Bezerra Prior del Conuento de Bulacan...*, fl.35-51.

Bíblia, e do estudo dos Padres da Igreja (Patrística)¹⁵¹. De novo o caso nipónico tinha a particularidade de servir de exemplo, dando corpo a uma nova Igreja Primitiva. À semelhança dos primórdios do Cristianismo, também no Japão a doutrina cristã colidira com esteios estruturantes da sociedade, desde o respeito exigido pela ritualística religiosa pré-existente, à obrigatoriedade de participação em festividades e até ao cumprimento de obrigações sociais. Não é de estranhar por isso o paralelo imediato das duas realidades logo desde a primeira execução em 1597 e a repetitiva “colagem” do rótulo de Igreja Primitiva nos textos publicados por todas as ordens religiosas:

«Onde si può sperare, che si come nella Chiesa Primitiva il sangue de' Martiri era cagione, che più crescesse la santa Fede; così hora nel Giappone, quanto più la tempesta della persecutione // [fl.14] increduleisce; tanto più habbia da ampliarsi la legge di Christo; sentendosi anco [sic] presente, mentre questo si scriue, che mancano prima I tormenti a' Christiani, che I Christiani a' tormenti»¹⁵².

3.2.3. «A verdade feita»

A reforçar essa convergência, os missionários seguiram os modelos literários e devocionais consagrados na primeira literatura martirológica cristã e na hagiografia, recuperando o registo épico e alguma da estrutura narrativa das descrições redigidas pelos «Padres da Igreja» como Tertuliano de Cartago (c.160 – c.220) e Cipriano de Cartago (c.200-210 – 258)¹⁵³. Também sobre o Japão predominam os diálogos em discurso directo, em que o mártir, à semelhança de um herói não só afirmava a sua convicção independentemente do sofrimento, como confrontava as autoridades professando verbalmente a fé durante o suplício: «Dizen los que se hallaron presentes, que predico como vn Apostolo fervorosa e intrepidamente. Quisieron los Gentiles yrle a

¹⁵¹ Sobre a importância do estudo da história da Igreja na Europa do século XVII veja-se Anthony Grafton «Church History in the Renaissance and Reformation» in *Sacred History: Uses of the Christian Past in the Renaissance World*, Katherine van Liere, Simon Ditchfield e Howard Louthan (dir.) Oxford, Oxford University Press, 2012, pp.5

¹⁵² *Breve Relatione della gloriosa morte di Paolo Michi, Giovanni Goto, E Giacomo Ghisai Martiri Giapponesi della Compagnia di Giesù, seguita in Nangasachi alli 5. Di Febraro 1597 Cauata da na lettera del P. Pietro Gomez Viceprouiniale al P. Generale della medesima Compagnia, l'anno 1597*, Roma, Herdeiros de Zannetti, 1628, fl.13-14.

¹⁵³ Carlota Miranda «Tipologias literárias do martírio na hagiografia. As origens» in *Theologica* 41.2 (2006), p.335 e ss. Veja-se ainda da mesma autora, Carlota Miranda Urbano, «'Mori lucrum'. O ideal de missão e martírio ...», pp.337-339; e Daniel Pablo Maroto, *Historia de la Espiritualidad Cristiana*, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 1990., pp.29-31.

la mano mando//le que callasse, y el respõdio: Que mas obligado estaua a obedecer a Dios que a los hombres»¹⁵⁴.

Uma outra perspectiva de heroicidade do mártir que assume o seu destino trágico pode ser lida a propósito da atitude do missionário Geronimo Angelis que, ao ser aprisionado, procedeu à troca de vestuário com vista a apresentar-se perante às autoridades com o hábito de religioso¹⁵⁵. Da mesma forma, são constantes as referências à oração numa réplica do modelo da Antiguidade: «En llegando a aquel lugar, fueron todos atados a las columnas, haziendo primero devotissimos coloquios a Dios, pidiendole constancia para morir en su santa Fé»¹⁵⁶. O tema do cárcere, apresentado na primeira martiriologia como um local de passagem que proporcionava a «ascese e preparação» ou criava as condições para a ocorrência de prodígios¹⁵⁷, também surgiu nos textos impressos sobre a missão nipónica. Apesar de o aprisionamento de cristãos ser uma prática que só tardiamente ocorreu no Japão, as referências que vão sendo feitas ao cárcere ao longo dos tempos referem-se-lhe como um espaço exíguo, imundo e tenebroso. Numa carta que o franciscano Frei Diego de San Francisco, mantido em cativo durante vários anos, escreveu ao papa Paulo V, afirmava «jamás oí, ni leí en historia de Martyres semejante carcel, ni puedo explicar lo que allí vi padecer»¹⁵⁸. Na mesma carta, recuperando a primeira retórica martiriológica, o missionário afirmava ainda: «y aunque sentia como hombre los dolores corporales, que todo mi cuerpo era vna llaga, mi anima estaua conforme con la voluntad diuina, y nunca pense, ni penso que por esto que padeci, tengo obligado a Dios para que me de premio, antes temo que no he correspondido a los beneficios que me ha hecho»¹⁵⁹.

A mesma ideia de benesse e de alegria são imputadas a japoneses conversos. Em Hizen um cristão, depois de pressionado por toda a comunidade para renegar, acabara

¹⁵⁴ *Relacion Breve de los grandes y rigurosos martirios que el año passado de 1622. dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho ilustrissimos Martyres...*, s/n.

¹⁵⁵ Afirma Francisco Crespo: «se quito el vestido y traje de Iapon cõ que muchos años auia andado disfrazado, y haziendose rapar la barua y corona, se vistio su sotana y manteo, para presentarse ante el Tyrano en el habito dee su Religião». Francisco Crespo, *Relacion de los Martyres que este Año passado de 1624. han padecido Martyrio por nuestra S. Fè, en la Corte del Emperador de Iapon. Por el Padre Francisco Crespo, Procurador general de la Compañia de Iesus de las Indias Sacada de las cartas que han embiado el P. Prouincial, y otros religiosos dela misma Compañia, que están en ission en aquellos Reynos*, Madrid, Andres de Parra, 1625, fl.1v.

¹⁵⁶ Cristovão Freire, *Compendio de lo que escrivem los Religiosos de la Compañia en cartas de 627. De lo que pasa en los Reynos de Iapon*, Sevilha, Manuel de Sande, 1627, s/n.

¹⁵⁷ Carlota Miranda Urbano, «Tipologias literárias do martírio na hagiografia. As origens»..., p.345.

¹⁵⁸ Diego de San Francisco, *op. cit.*, s/n. Para outros exemplos veja-se Garcia Garces, *op. cit.*, fl. 1v e fl. 6.

¹⁵⁹ Diego de San Francisco, *op. cit.*, s/n.

na prisão de onde terá escrito: «... fuy preso por mandado del Governador, y esto y en esta carcel: si me condenarem a muerte, lo tindre por grande dicha, y misericordia del Señor.»¹⁶⁰. Num registo bastante posterior, a propósito do aprisionamento de 42 cristãos em Dewa em 1625, o jesuíta Giovanni Batista Bonelli, apesar de percorrer sobre os horrores da prisão, afirmava que esta mais parecia um oratório não só porque os presos tinham conseguido levar consigo imagens mas sobretudo pelas mostras de devoção, fosse a oração contínua intercalada pela leitura de livros espirituais, fosse pela auto flagelação disciplinas¹⁶¹.

Assim, pelo tema e pela prática discursiva dos textos impressos, a narrativa sobre os mártires do Japão ia ao encontro do modelo martirológico e nesse sentido ia ao encontro de uma sensibilidade religiosa com grande relevância no mundo católico. Porém, é pela descrição das virtudes associadas ao martírio que os missionários elevaram a narrativa sobre o caso nipónico para um outro patamar. Com efeito, os missionários criaram as condições para os mártires poderem vir a ser objecto de veneração e os textos sobre essa realidade lidos como literatura devocional, transmutação de grande relevância.

Em primeiro lugar os mártires são equiparados a apóstolos: graças ao martírio infligido aos japoneses cristãos, os não convertidos, por imitação, despertavam para o Cristianismo. A ideia é enunciada logo aquando da primeira execução de cristãos em 1597. Perante a resistência passiva dos condenados, monges budistas teriam afirmado:

«Verdaderamente el Rey [Toyotomi Hideyoshi] es vn necio, y no sabe lo *que* haze, pues queriendo que estos no publiquen su ley, el mismo la publica mãdandolos traer por tantas ciudades tan publicamente y con tanto aparato. Yo la quiero oyr y ver lo *que* es», afirmação seguida do comentário do franciscano Juan de Santa Maria «Bien se vee ello y es traza de Dios, *que* quando el Tyrano piensa con la muerte de los Martyres sepultar su ley, entonces mas se publica»¹⁶².

¹⁶⁰ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.66.

¹⁶¹ Carta anual de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.87-88.

¹⁶² Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.124v-125. O texto de Santa Maria é especialmente abundante neste tipo de retórica. Vejam-se outras perguntas que reporta terem sido colocadas por monges budistas: «Que gente es esta que tales demonstraciones de alegria hazen: que hombres se hallaran en el mundo que desta manera se regocigem en sus próprias deshonras y vitupérios». *Ibidem*, fl.101v. Ou ainda, «vno de los juezes, pregunto al santo Comissário, que era la causa que tanto Christianos desseauan morir. Vienen (dixo el) a gozar del varato que Dios haze del Cielo, y bienaenturança eterna que tiene prometida a los

De facto, os escritos missionários procuram ilustrar que o exemplo dos mártires conduzia a novas conversões porque «non poteua esser se non vera quella Fede, per la quale com tanta allegrezza si sopportauano tormenti atroci»¹⁶³.

Noutras situações já atrás referidas, certos japoneses convertidos, rendidos ao Cristianismo com pouca convicção, ou mesmo certos renegados acabariam por encontrar a verdadeira religião na sequência de «l'esempio di varij, che sono morti per la Fede»¹⁶⁴, Numa outra perspectiva, a do missionário que se encontra em vias de ser executado, os efeitos do testemunho do mártir é profetizado. O agostinho Frei Hernando de San Jose, antes de ser degolado, em Junho de 1617, afirmava perante os algozes:

«entendam que esta sangre que derramais, es testimonio de la verdade de nuestra santa Fé, y arta viua, que a llamar otros muchos predicadores de Europa, que os prediquen, y enseñen la verdade»¹⁶⁵.

Em todos estes exemplos subjaz a ideia de semente no sentido de que pelo sangue derramado sedimentava-se a prosperidade da Igreja pelas novas conversões¹⁶⁶. A analogia remonta ao tempo da Igreja Primitiva e nesse sentido pelo seu uso reforça-se aquela identidade da Igreja nipónica. Mas os textos impressos missionários vão mais longe na associação dos efeitos de apostolado do mártir. Em consonância com a profecia, os textos impressos referem-se aos missionários que tinham caminhado para o

que padecieren por la verdad de su santa ley. Quadrole esto al Gentil, y dize: Pues yo quiero tambien oyr essa platica, y hazerme Christiano». *Ibidem*, fl.94v-95. Mas outros autores como o jesuíta Pedro Morejon fazem uso do mesmo recurso «Atè hum Bonzo Gentio disse delles [cristãos executados] em huã pregação, não há duuida na saluação de Ioachim, & Thome, vòs outros (falando com seus freguezes) não podereis fazer outro tanto, oxalá procurareis // de veras a saluação, como elles procurarão». Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.57v-58. A mesma prédica surge reproduzida em Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.83.

¹⁶³ Carta ânua de 1625 redigida por Giovanni Batista Bonelli em Macau a 15 de Março de 1626 in *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl.77.

¹⁶⁴ *Ibidem*, fl.83-84.

¹⁶⁵ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl.95.

¹⁶⁶ Por vezes a imagem de semente é claramente explicitada no texto: Juan de Santa afirma «si Dios por su bondad no les abre los ojos y desengaña, por la intercession de sus Martyres, que con sangre plantaron la Fè en aquel Reyno, a la manera que los sâtos Apostoles en el mundo». *Relacion del Martirio que seys Padres Descalços Franciscos, e veynte Iapones Christianos padecieron en Iapon. Hecha por Fr. Iuan de Santa Maria, Prouincial de la prouincia de S. Ioseph de los Descalços. Dirigida al Rey nuestro S. don Felipe III*, [Madrid], Varez de Castro, 1599, fl.35v-36.

Japão contagiados pelos relatos de martírios aí ocorridos¹⁶⁷. Assim o afirma Frei Domingo Gonzalez a propósito do frade dominicano francês Guilherme Cortet, vitimado no ano de 1637 juntamente com outros dois religiosos¹⁶⁸:

«siendo aun seglar de poca edad oyò en su tierra [Vichy, em França] la fama de los santos Martyres; que esta Prouincia a tenido en Iapon, y hizo tanta impressiõ ... que se determino dexar quanto en el siglo tenia, y podia esperar, y tomar el habito de la Orden, que tales santos daua a la Iglesia, com deseo, y propósito de procurar ser vno de ello»¹⁶⁹.

Para além de apóstolos, os mártires são apresentados como eleitos por Deus. Partiam para o martírio voluntariamente sob inspiração divina, isto é, porque Deus os tinha escolhido¹⁷⁰. Nesse sentido, é publicada uma carta que o missionário jesuíta Giovanni Battista Zola terá redigido no cárcere, na qual vincara o temor inicial de ser descoberto até que fora invadido por «grande la tranquillità che io troai in quell' atto»¹⁷¹. Por vezes, esta alusão à intervenção divina é reforçada com recurso a testemunhos de nipónicos que asseveravam a intervenção do divino:

«El poder yo sufrir todo esto, no fue por mis proprias fuerças, sino por los merecimientos de Christo nuestro Señor, y por la intercession de la Virgen nuestra Señora. De modo que por las fuerças que me dio la santíssima Trinidad, Padre, Hijo y

¹⁶⁷ Também na epistolografia se multiplicam os testemunhos edificantes. O jesuíta Giovanni Battista Porro logo após a execução ocorrida no domínio de Kato Kiyomasa, em 1604, escrevia uma carta de Macau onde afirmava: «(...) Toda à minha consolação he cuidar que vou ao Jappão em tempo que àquella benaventurada terra da de si tais jonitos, como / são os que se descobrem em os seis martires, e em santas, e santos, que se dexarão tomar à fazenda, os filhos, as casas, Etc/ pera não se deixaram tomar à fée.». Citado a partir de Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto, «O Martírio de Cristãos no Japão. Uma Estratégia dos Tokugawa» in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, VIII (2009), n.15, p.158.

¹⁶⁸ Domingo Gonzalez, *Relacion del Ilvstrissimo Martyrio de los padres Fray Antonio Gonzalez, Fr. Guilherme Cortet, Fr. Miguel Aozaraza, y Fr. Vicente de la Cruz, Religiosos de la Orden de N. P. S. Domingo, y dos Compañeros suyos seglares el año passado 1637. Compuesta por el Padre Fr. Domingo Gonzalez Comissario del Santo Oficio de la Orden de N.P.Domingo*, Madrid, Diego Dias de la Carrera, 1639, fl.27.

¹⁶⁹ *Ibidem*, fl.31.

¹⁷⁰ Diz, por exemplo, o franciscano Juan de Santa Maria: «... porque como el ser Martyr es obra de Dios y merced que haze a quien su M. es seruido, y que sobrepuja a la fortaleza y méritos de hõbres, que para hechos tã grandes escogelos mas desechados y // flacos». Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.60v.

¹⁷¹ Pedro Morejon, «Relatione della gloriosa morte di nove religiosi della Compagnia di Giesv e di altri nel Giappone» redigida em Macau a 31 de Março de 1627 *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII...*, fl. 122.

Espiritu Santos, tre personas, y vn solo Dios, no le negue. El poderio del Xogun de Japon, quedo vencido de la fuerça de la santa Fè: y yo alcance victoria. Esto hize escriuir, para *que* se sepa la verdad.»¹⁷².

A intercessão de Deus no processo é também reclamada nas múltiplas referências à constância e serenidade dos supliciados, que colocavam os olhos no céu e assim se mantinham impassíveis, sem qualquer alteração no rosto¹⁷³.

Apesar de alguns autores serem mais prolixos no detalhe dos suplícios infligidos, regra geral o horror do tormento reduz-se apenas ao necessário para denunciar a violência infligida. A opção por uma certa contenção torna-se evidente quando se procede ao confronto com outros textos coevos. O relato do holandês Reyer Gysbertsz, que presenciara as execuções realizadas entre 1622-1629, é bastante mais realista e, por isso, mais brutal¹⁷⁴, enquanto a escrita missionária se centra na circunstância de o comportamento das vítimas ser decorrente da intervenção divina:

«porque algunos estauan resueltos, de morir mil vezes, antes que negar la Fè, y parecian vnos leones en el animo, y corage que mostrauan: mas en acordandose de sus hijuelos, y oyendo que los auian de despedaçar delante dellos, luego descaecian, y desmayauan; tanto, que vno contaua de si, que estando en la carcel amarrado de pies, manos, y garganta, com tal crueldad, que se le entrauan las cuerdas por las carnes, por buen espacio no sintio algun dolor; pero acordandose de vn hijuelo que tiernamente amaua, tuuo tanta compassion del, que comencò a sentir tanto dolor de las ataduras, que le parecian totalmente insufribles: y assi diciendo, que no podia mas, que haria lo que mandauan los Gentiles, fue suelto. Exemplo cierto digno de memoria, para ver vn hombre quan poco vale, y puede sin Dios»¹⁷⁵.

¹⁷² Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.202.

¹⁷³ São inúmeros os exemplos. Leia-se por exemplo a descrição da execução pública de 50 cristãos a 4 de Dezembro de 1623 em Edo realizada por João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone dell' Anno 1624...*, fl.15-22.

¹⁷⁴ Reyer Gysbertsz, *Historie der Martelaren die in Jappan om de Roomsche Catholijcke Religie, schrickelijcke, ende onverdraghelijcke pynen geleden hebben, ofte ghedoodt syn, beschreven door Reyer Gysbertsz / History of Martyrs who have been killed, or endured fearful and insufferable torments, for the sake of the Roman Catholic Religion in Jappan* (1ª ed, Amesterdão, 1637). A partir de 1637 o texto foi incluído em várias edições holandesas do texto de Caron. A versão inglesa encontra-se em *A True Description of the Mighty Kingdoms of Japan and Siam*, C. R. Boxer (publ.), Londres, The Argonaut Press, 1953, pp.73-89.

¹⁷⁵ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.166.

A valorização da intervenção divina tem no entanto uma dupla dimensão: se por um lado, procura evidenciar a verdade cristã, por outro, constituiu um instrumento doutrinal com vista a travar mortes voluntaristas, assunto que se retomará.

O reforço da intenção de elevar os mártires à veneração é ainda atestado pela descrição, insistente, do modo como as execuções davam de imediato origem à veneração dos corpos e, por conseguinte, à recolha de relíquias. Por vezes, ainda que mais raramente, são relatados milagres ocorridos logo após a execução. Todas estas virtudes associadas ao martírio remontam à mais antiga tradição cristã martirológica, e haviam conquistado um novo impulso, em terra católica, após o concílio tridentino, no âmbito do espírito contra-reformista e conquistador da Igreja Romana, bem como dos assomos da espiritualidade barroca.

De acordo com a doutrina católica, o mártir, favorecido pela graça divina, tornava-se um intercessor de Deus, e nesse sentido, com poderes. De facto, os nipónicos surgem descritos como ávidos de toda a materialidade envolvida na execução de cristãos, fosse um pedaço da roupagem, um pouco de terra banhada em sangue, ou melhor, a totalidade do corpo¹⁷⁶. Deste modo, também se compreende que, como a escrita missionária regista, as autoridades se empenhassem afincadamente em evitar a veneração dos corpos¹⁷⁷, destruindo quaisquer vestígios relacionados com as execuções¹⁷⁸. Se o objectivo do *bakufu* era dissuadir pela violência, o culto aos mortos era contraproducente.

¹⁷⁶ Aquando da primeira execução, em 1597, Luís Fróis afirma que os corpos ficaram praticamente despidos após a execução. O bispo D. Pedro Martins no certificado que emite sobre o martírio também constata o grande interesse dos cristãos japoneses pela recolha de relíquias. Luís Fróis, *op. cit.*, fl.98. As referências mantiveram-se nos textos impressos. Cite-se a título indicativo o relato de uma comunidade que vigia os cristãos prisioneiros para não perder a oportunidade de recolher as relíquias: «Quisiera el Governador Gonrocu, sin ruydo, ni saberse, concluir luego cõ ellos [corpos dos mártires] ... pero los Christianos estauã alerta, desseosos de hallarse a su martyrio, y tomar los santos cuerpos, que en auiendo qualquer sospecha, andauã toda la noche cercando la carcel en tran grãde numero, que a las vezes passauan de 800», Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reynos de Japon y China...*, fl. 97. Para referências no tempo mais avançado da perseguição veja-se Matias de Sousa, *Compendio De Lo Svcedido En El Iapon Desde la Fvndacion de aquella Christiandad. Y relacion de los Martires que padecieron estos años de 1629. y 30. Sacada de las cartas que escriuieron los Padres de la Compañia que alli assisten. Dirigida al Ilvstrmo Y Rmo Señor D. Cesar Monti, Patriarca de Antioquia, Arçobispo de Milan, Nuncio y Coletor general de N.S.P. Vrbano VIII en los Reynos de España*, Madrid, Imprenta del Reyno, 1633, fl. 5v-6.

¹⁷⁷ Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.51-51v.

¹⁷⁸ Leia-se por exemplo a prática descrita pelo jesuíta Gabriel de Matos: «... ajuntarão logo seu corpo aos dous, & todos tres queimarão, ate se tornarem em cinza, a qual juntamente cõ a terra do lugar onde forão queimados (porque atè esta cauarão) meterão em cinso sacos, è os forão lãçar em hum fundo pego de hum Rio pera que os Cristãos os não tomassem, & venerassem...», Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl. 54.

Mas estas referências para além da apologia da qualidade do mártir enquanto intercessor, revelam também a introdução de novas práticas no Japão. Por um lado a qualidade de intercessão associada ao mártir deve ter sido facilmente interiorizada pelos nipónicos: em certa medida apresentava semelhanças com a tradição religiosa xintoísta, onde os *Kami* também eram considerados espíritos intercessores, e por isso homenageados e venerados¹⁷⁹. Por outro lado, a mesma tradição xintoísta centrava-se em rituais de purificação que visavam apagar todo o tipo de poluição. Todos os aspectos da natureza que envolvessem sangue eram entendidos como poluentes, e dentro destes a morte era entendida como o mais contagiante; noções que ainda prevalecem e dominam a sociedade nipónica na actualidade¹⁸⁰. Por isso, aqueles que trabalhavam em tarefas que envolviam sangue eram socialmente marginalizados; e donde o sentimento de desprezo do *bakufu* pelos cristãos transmitido pelo jesuíta Pedro Morejon:

«la Ley de Christo es tal, que los Christianos no obedecen ni estiman a sus amos, y señores: y que adora a los justiciados y muertos por malhechores y desobedientes: y los vestidos, huessos, ò carne de estos toman (como dicen ellos) por relíquias, y traen al cuello»¹⁸¹.

É possível que para o japonês baptizado, obrigado a viver clandestinamente a sua fé e na ausência de um padre que lhe redimisse os pecados, as relíquias tenham assumido uma valência de maior importância. De acordo com a doutrina, a relíquia funcionava como um intercessor, que garantia ajuda e protecção, entendimento reafirmado em Trento. O Concílio, aliás, exortava à sua veneração e devoção, porque o seu culto era o testemunho da fé na ressurreição dos mortos¹⁸².

¹⁷⁹ Turnbull também associa a tradição xintoísta à veneração de mártires no seu estudo sobre os martirizados em Ikitsuki, uma ilha nas imediações de Hirado (Kyūshū) Stephen Turnbull, «The Martyrs of Ikitsuki» (1609-1645) by the Japanese 'Hidden Christians» in *Martyrs and Martyrologies*, Diana Wood (dir.), Oxford, Blackwell Publishers, 1993, pp.295-310.

¹⁸⁰ Sobre a postura nipónica face à morte, e o significado de poluição na sociedade quinhentista veja-se J.S. A. Elisonas, «The Jesuits, the devil and pollution in Japan. The context of a syllabus of errors» in *BPJS* 1 (2001), pp.3-25.

¹⁸¹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion ...*, fl.38.

¹⁸² António Camões Gouveia «Relíquias» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, 4 vol., Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p.120. José Luís Bouza Álvarez, *Religiosidad Contrareformista y Cultura Simbolica del Barroco*, Madrid, Consejo Superior de Investigadores Científicos, 1990, p.33.

À luz da narrativa missionária, os mártires do Japão emanavam sinais de virtude religiosa – pela sua postura, pelas manifestações celestiais, pela veneração que suscitavam entre outros nipónicos. Por essa razão era legítima a sua devoção, e por essa razão a Cristandade nipónica era uma representação viva da Igreja Católica bem como da sua veracidade e universalidade. Seguindo a escrita da época, só assim se explicava a existência de tantos mártires. Deste modo, o discurso religioso não só espelhava certas orientações espirituais da Europa Católica da época como o alimentava, razão por que os textos impressos sobre o Japão têm de ter sido lidos como estímulo espiritual e devocional.

Indo ao encontro da tendência religiosa europeia, a natureza militante e o retrato vitorioso da Igreja nipónica não eram, obviamente, caso único no universo cristão da época. Os relatos laudatórios de martírios e suplícios ocorridos no continente europeu abundavam na literatura europeia seiscentista, e eram similares aos do Japão. Os mártires católicos e protestantes eram descritos como gente que ansiava pelo suplício, pela glória inerente ao estatuto de mártir, e o seu exemplo servia de paradigma às respectivas confissões. Tal como acontecia nos relatos sobre o Japão, eram apontados os benefícios do martírio para a evangelização, pois as execuções pela fé conduziam à conversão dos infiéis¹⁸³.

Além disso, o contacto com os vestígios arqueológicos dos primeiros cristãos promovera, em simultâneo, uma intensa actividade de reconhecimento dos primeiros mártires e a ampla divulgação da sua história: labor arqueológico, redacção e recuperação de textos apologéticos, muitos deles, como se referiu impressos, produção de imagens e de teatros, circulação e veneração de relíquias. Por isso, não obstante a evidente e oportuna intenção de se fazer a apologia de uma vivência exemplar da fé Católica numa região tão longínqua como o Japão, o registo de 433 edições sobre o arquipélago nipónico na Europa num período de 50 anos coloca, para além do tema da propaganda e da devoção, outros problemas.

Partindo da asserção de Carlota Urbano de que o martírio funcionou como fonte de identificação de um grupo e até como elemento congregador na construção de uma identidade – por exemplo cada martírio de protestantes ou de católicos era entendido

¹⁸³ Brad G. Gregory, *op. cit.*, pp.279-285; p.315.

como expressão inequívoca da respectiva verdade confessional – ¹⁸⁴, importa saber que identidade se procurou afirmar com a impressão dos textos sobre mártires do Japão.

¹⁸⁴ Carlota Miranda Urbano, «Martírio e identidade no advento da Europa moderna. Narrativa, memória colectiva e consciência europeia» in *Génesis e Consolidação da Ideia de Europa – Idade Média e Renascimento*, N. N. Soares e L. Moreda (dir.), vol. IV, Imprensa da Universidade, Coimbra, 2009, p. 420.

Cap. 4 O texto impresso missionário sobre a missão do Japão: modalidades e estratégias

Durante o século de permanência missionária no arquipélago nipónico, a Europa teve acesso a um vasto conjunto de textos dedicados ao Japão, da autoria de cartógrafos, naturalistas e botânicos e, sobretudo, missionários. Oliveira e Costa identificou, para o período que vai de 1551 a 1600, 576 obras impressas, independentemente do seu teor, cujo título fazia menção ao arquipélago nipónico¹⁸⁵. O reportório que constituiu a base de trabalho da presente dissertação, referindo-se à primeira metade do século XVII, é composto por 433 títulos. Ora, a aparente redução do número de obras impressas neste período não se traduz numa diminuição do interesse pela realidade nipónica.

Por um lado, o número de obras impressas na primeira metade do século XVII engloba apenas as obras redigidas por membros da hierarquia eclesiástica ou das ordens missionárias publicadas na Europa. Por outro lado, o texto impresso representa apenas parte da rede de circulação de notícias. Como sublinharam Roger Chartier e Fernando Bouza, mesmo após a invenção da imprensa de caracteres móveis por Johannes Gutenberg em meados do século XV, a cultura do manuscrito permaneceu e manteve-se por vezes até a via de eleição na circulação da palavra escrita¹⁸⁶. Referindo-se especificamente a Portugal, Ana Isabel Buescu conclui que à medida que se avança no século XVII, apesar dos progressos da cultura impressa, o manuscrito permaneceu. Primeiro porque a introdução da imprensa em caracteres móveis em Portugal foi tardia; depois porque teve fraca difusão, situando-se sobretudo na órbita dos poderes, devido quer aos custos tipográficos e às dificuldades de acesso aos materiais, quer ainda ao controlo da censura e da Inquisição¹⁸⁷. Por fim, o texto manuscrito continuou a gozar de prestígio junto de determinados círculos intelectuais e aristocráticos que continuaram a ver naquele formato um símbolo de distinção¹⁸⁸.

¹⁸⁵ João Paulo Oliveira e Costa, «O Japão e os Japoneses nas Obras Impressas na Europa Quinhentista» in *O Japão e o Cristianismo no século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 189-290.

¹⁸⁶ *As Utilizações do Objecto Impresso*, Roger Chartier (coord.), Lisboa, Difel, 1998. Fernando Bouza, *Corre Manuscrito. Una Historia Cultural del Siglo de Oro*, Marcial Pons, Madrid, 2001.

¹⁸⁷ Para o caso português veja-se *História da Inquisição Portuguesa 1536-1821*, Giuseppe Marcocci e José Pedro Paiva, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013.

¹⁸⁸ Ana Isabel Buescu, «A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII» in *Ler História* 45 (2003), pp.24-27.

Nos capítulos precedentes explorou-se o carácter informativo dos textos impressos, sublinhou-se o respectivo conteúdo apologético e a sua harmonia com os interesses devocionais da época. Uma análise do seu contexto de produção permitirá um maior aprofundamento do estudo do impacto da martirologia nipónica na Europa Moderna, designadamente no que respeita ao conhecimento das estratégias de impressão por detrás das edições. É portanto objectivo deste capítulo perceber de que modo as ordens missionárias, indo para além das questões meramente devocionais, procuravam cunhar cada uma das obras com a sua própria marca identitária, afirmando assim a sua primazia na política de evangelização. Procura-se identificar as estratégias de poder subjacentes à promoção dos cultos devocionais.

Para este efeito, avaliam-se os textos impressos tendo em conta vários parâmetros fundamentais para a análise que se propõe: os locais de publicação, os autores, as ordens missionárias que promoveram a impressão, as personalidades a quem os textos foram dedicados e o número de traduções e as diferentes línguas em que foram editados. A este último respeito, os textos que conheceram apenas uma única edição, numa só língua, portanto, também serão levados em consideração na medida em que também eles têm um significado próprio, representando uma desadequação ou, pelo menos, uma desarticulação com a estratégia promocional que acima referimos.

4.1. Centros de Produção

A análise dos locais de publicação e da filiação religiosa dos autores constitui a primeira etapa da identificação da estratégia promocional das ordens missionárias nos textos dedicados à missionação nipónica.

Parte substancial dos títulos publicados foi impressa em Roma (71 títulos). Tal preponderância encontra a sua explicação no facto de a presente análise se concentrar apenas em textos de natureza religiosa. Roma fora o centro nevrálgico do Cristianismo e, após a ruptura luterana, continuava a sê-lo para o Catolicismo, aí se situando a Cúria Romana, a sede das várias Ordens religiosas, e a partir de 1622, a da Congregação para a Propagação da Fé (*De Propaganda Fide*). Roma era também um importante centro universitário devido sobretudo aos vários colégios aí criados pelos jesuítas: o Colégio Romano e os outros colégios destinados a alunos estrangeiros – o Colégio Germânico (1552), o Colégio Grego (1577), o Colégio Inglês (1578), o Colégio Maronite (1584) e

o Colégio Irlandês (1628)¹⁸⁹. A sua missão primordial era, no quadro de uma Igreja conquistadora impulsionada por Trento, formar “soldados da Igreja” para conquistar e reconquistar – neste caso, no quadro europeu – as almas e fazê-las entrar para uma Igreja que lhes asseguraria a salvação. E o “rosto” conquistador mais activo e militante era, sem dúvida, a Companhia de Jesus.

Em termos de importância dos locais de edição, segue-se a capital dos impérios ibéricos, Madrid, onde foram publicados 41 títulos, número que se eleva para 48 se se somarem as obras impressas em Valladolid, a cidade para onde Filipe III deslocou a corte entre 1601 e 1606. Madrid, local e residência da corte, era o centro político e administrativo de uma Monarquia compósita, que controlava um vastíssimo império. Madrid era também o centro de uma monarquia católica que associara a si um destino providencialista, no quadro de uma defesa intransigente do Catolicismo como verdadeira Fé, após a ruptura da velha Cristandade europeia. A predestinação religiosa reclamada pela casa de Áustria era uma fonte de legitimação político-religiosa que promovia a unidade do império¹⁹⁰. Filipe II de Espanha em particular, via-se “o autêntico e verdadeiro defensor da fé, o salvador da Cristandade Aflita – *a Christianitas Afflicta* – a cujo socorro deveria sempre acorrer”¹⁹¹.

Para além disso, sobre o monarca castelhano recaía a jurisdição do *Patronato Real*, dispendo, nessa qualidade, de privilégios e direitos que o elevavam a poder paralelo a Roma no domínio da evangelização. O monarca de Portugal detinha prerrogativas similares – pelo direito do Padroado Português do Oriente – e a União Ibérica (1580-1640) acabaria por reforçar os poderes do monarca. Apesar de Filipe II ter garantido a independência das jurisdições do Padroado e do *Patronato Real* nas Cortes de Tomar (1581), o monarca não deixava de ser a cabeça de uma monarquia católica¹⁹² que abarcava dois impérios cujos territórios estavam em processo de evangelização. Por isso para Madrid acabavam por ser reconduzidas as pretensões das ordens envolvidas nesse processo, jesuítas e mendicantes. A ligação entre a corte madrileña e a dinâmica tipográfica traduziu-se aliás no facto de, das sete impressões levadas a cabo em

¹⁸⁹ Peter Burke, *A Social History of Knowledge. From Gutenberg to Diderot*, Cambridge, Polity Press, 2000, pp.63-67.

¹⁹⁰ Ricardo Garcia Cárcel, “Introducción. La significación de la dinastía de los Austrias” in *Historia de España*, Manuel Tuñón de Lara, Julio Valdeón Baroque e António Domínguez Ortiz (dir.), Barcelona, Editorial Labor, 1991, p.17-18. Veja-se também Fernando Bouza, *D. Filipe I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p.31.

¹⁹¹ Fernando Bouza, *op. cit.*, p. 31.

¹⁹² *Ibidem*, p.17.

Valladolid entre 1598 e 1652, cinco terem sido impressas no período em que aí residiu a corte (1601 e 1606).

Paris surge também como um importante local de edição de obras referente à missão no Japão, tendo dada à estampa 28 títulos. Sede do conhecimento católico europeu de Seiscentos, centro de estudos universitários e local de concentração de intelectuais, as ideias eram colecionadas e discutidas em instituições como a Biblioteca Real, o Jardim Real, a Academia das Ciências, o Observatório e a Academia das Inscrições¹⁹³. A importância de Paris residia igualmente no facto de esta cidade ser também, simbólica e geograficamente, um dos centros das guerras religiosas europeias que, no caso francês, assumiu a feição de uma verdadeira guerra civil, entre 1559 e 1598¹⁹⁴. Não só França tinha sido o palco de acontecimentos dos mais violentos, como aqui a monarquia, com Luís XIII, pela mão do cardeal Richelieu, associou a defesa do catolicismo uma estratégia política.

As notícias sobre a actividade missionária no Japão foram também impressas em Milão, Lisboa e Sevilha. Em qualquer uma destas cidades, todas sob a égide da Monarquia Católica, foram publicados para acima de 20 títulos. Milão era o centro estratégico de controlo dos territórios dos Habsburgo na península itálica¹⁹⁵. As outras duas cidades são cidades portuárias e, como é sabido, os centros de conhecimento – e a actividade tipográfica – estiveram sempre associadas à afluência das rotas terrestres ou marítimas¹⁹⁶. Lisboa e Sevilha eram mesmo o termo das rotas comerciais dos dois impérios e, por essa razão, pontos de passagem obrigatórios para aqueles que se dedicavam à evangelização fora do continente europeu. O facto de a união ibérica em 1580 ter mantido a independência eclesiástica nos dois impérios fez com que existissem duas vias paralelas de circulação de informação religiosa: Lisboa recebia as notícias enviadas das missões sob a jurisdição do Padroado Português do Oriente, Sevilha desempenhava a mesma função no que se refere ao *Patronato Real*.

No entanto, apesar de centros receptores de notícias, Lisboa e Sevilha não constituíram os principais locais de impressão de textos religiosos sobre o Japão. De facto, a sua importância não se compara a Madrid (em valores absolutos, registou-se metade do número de impressões) e a Roma (apenas cerca de um terço). A proximidade

¹⁹³ Peter Burke, *op. cit.*, p.63-67.

¹⁹⁴ Georges Livet, *Les Guerres de Religion (1559-1598)*, Paris, PUF, 1966.

¹⁹⁵ José Luís Beltrán, “La llegada de los Austrias al trono” in *História de España...*, p.103.

¹⁹⁶ Ana Isabel Buescu, *op. cit.*, p.21.

aos portos comerciais tem muito menor impacto na quantidade de títulos impressos do que a proximidade aos centros decisórios. A estratégia de publicitação das ordens religiosas por via de textos impressos privilegia assim claramente a ligação às esferas política e religiosa.

A importância de Sevilha e Lisboa não parece ter sofrido alterações com a união ibérica, mesmo se, por intermédio dos espanhóis, se abria uma nova rota comercial através de Manila. Em matéria de circulação de notícias a rota Nagasaki – Macau – Manila – Acapulco – Sevilha era uma alternativa muito conveniente ao trajecto Nagasaki – Macau – Goa – Lisboa. Esta última, estando sujeita ao ritmo das monções, demorava entre dois anos a dois anos e meio completar-se; a primeira concluía-se num período que oscilava entre os 13 e os 18 meses. Todavia, essa mudança não se verificou. Porém, tal como salienta Oliveira e Costa, ao mesmo tempo que os missionários ao serviço do Padroado Português tentavam impedir as ligações das Filipinas com a China e o Japão e procuravam que os territórios sob a jurisdição do Padroado permanecessem vedados aos missionários castelhanos, eles não deixaram de utilizar a rota da Nova Espanha¹⁹⁷. Na verdade, embora tenha havido alterações nos canais de circulação de notícias, houve sempre uma clara distinção entre Lisboa e Sevilha enquanto «*termo*» dos respectivos impérios e centros de missionação.

A manutenção dos dois centros de produção é visível não só no número de publicações, que é o mesmo, mas também no facto de em Lisboa terem sido impressos textos sobretudo de autoria jesuíta, enquanto em Sevilha predominaram publicações redigidas por mendicantes¹⁹⁸. De facto, só dois textos de jesuítas sobre o Japão seriam impressos em Sevilha. Um desses textos é uma *relación* que resume o relato sobre as perseguições do ano de 1627 e foi escrito pelo jesuíta Pedro Morejon, então reitor do colégio de Macau. Redigido nesta cidade, o texto circulou por Manila, tendo sido publicado em Sevilha em 1629, provavelmente logo após a sua recepção¹⁹⁹. Tal circunstância traduz a urgência da Companhia de Jesus em proceder imediatamente à sua impressão, mesmo se numa cidade estranha aos assuntos relativos à missionação no

¹⁹⁷ João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, vol. I, tese doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, [texto policopiado], 1998, p.472.

¹⁹⁸ No grupo de edições em que é possível identificar a autoria, em Lisboa registam-se 18 edições jesuítas *versus* dois textos redigidos por dominicanos. Em Sevilha, face a seis publicações jesuítas registou-se igual número de obras impressas por dominicanos e sete textos de autoria franciscana.

¹⁹⁹ *Compendio do que escriuen los Religiosos de la Compañia en cartas de 627. De los que passa en los Reynos de Japon*, Sevilha, Manuel Sande, 1629.

Padroado Português do Oriente. Nesse mesmo ano, o texto seria impresso em Madrid e, em 1632, numa versão completa das cartas anuais referente aos acontecimentos, em Roma. Estas reimpressões ilustram bem a centralidade destas duas cidades que acima se referiu. Não deixa de ser curioso que o mesmo texto tenha sido impresso no México em 1631²⁰⁰. Apesar das motivações políticas ou religiosas desta última publicação estarem fora do âmbito do presente estudo, este facto, por si só, ilustra bem o quão complexa era a rede de circulação de notícias.

Uma outra *relación* foi impressa em Sevilha, em 1621, cuja autoria se atribui ao jesuíta Diego Bobadilha, na altura a leccionar no colégio de Manila. Esta publicação destaca-se porque é a único no corpo dos textos analisados que conjuga informações sobre martírios com descrições de desastres naturais, «espãtosos terremotos, aberturas de tierra, I protentos *que* se an visto, juntandose los montes unos con otros, assolando ciudades»²⁰¹.

A ideia de que os jesuítas impuseram a si próprios o respeito pela divisão superiormente definida é reforçada pelo facto de certos textos de jesuítas publicados em Manila terem sido publicados no México e noutros locais da Europa num curto espaço de tempo. O intervalo temporal entre estas publicações indica que tais notícias só podem ter alcançado a Europa via Sevilha, muito embora não tenham sido impressas nessa cidade. É o caso do texto de Pedro Morejon, redigido nas Filipinas, sobre o decreto de perseguição generalizada ordenada pelo *bakufu* em 1614. Morejon viajava por essa via a caminho da Europa para dar conta dos acontecimentos²⁰². O seu texto foi logo publicado no México em 1616, e com edição europeia no ano de 1617 em Saragoça e em Lisboa²⁰³. Na mesma situação está o texto do jesuíta Garcia Garces sobre

²⁰⁰ Pedro Morejon, *Relacion de los Martyres del Iapon del Año de 1627. Por el Padre Pedro Moreion Rector del Collegio de la Compañia de Iesvs de Macan. Hazela imprimir el Padre Juan Lopez Procurador general de la misma Compañia de la Prouincia de Philipinas. Y Dedicada al General D. Ivan de Arcarasso, Gouernador de las fuerças de Isla hermosa frontera de la gran China, y de los Reynos del Iapon por su Magestad, etc*, México, Juan Ruiz, 1631.

²⁰¹ *Estado I svcesso de las cosas de Iapon, China I Filippinas. Dase cuenta de la cruel persecucion que padece la Cristiandad de aquellas partes, I del numero de martyres que en ellas â avido de diferentes Religiones. Assimismo se dizen los grandes I espãtosos terremotos, aberturas de tierra, I protentos q se an visto, juntandose los montes unos con otros, assolando ciudades, I haziendo grandes estragos*, Sevilha, Francisco de Lyra, 1621.

²⁰² Sobre o protagonismo de Pedro Morejon veja-se Eduardo Javier Alonso Romo, «Pedro Morejón: Vida, obra e itinerário transoceánico de um jesuíta castellano»: *Religión, Política y Educación (siglos XVI-XVIII)*, vol 3, José Martínez Millán, Henar Pizarro Llorente, Esther Jiménez Pablo (coord.), Universidad Pontificia Comillas, 2012, págs. 1558.

²⁰³ Pedro Morejon, *Relacion de la persevcion qve vvo en la Yglesia de Iapon: Y de los insignes Martyres, que gloriosamente dieron su vida en defensa de ñra santa Fè, el Año de 1614. Y 615. Sacada de la*

os grandes martírios que ocorreram em 1622, redigido nas Filipinas, publicado no México em 1624, e em Madrid e Valencia no ano imediatamente a seguir²⁰⁴. Um último exemplo de obediência dos jesuítas às vias tradicionais de missionação é uma notícia escrita «por vn religioso de la Compania, que assiste en las Filipinas, a outro de Mexico, y de alli embiado en el auiso a los de la ciudad de Seuilla», que, contudo, viria a ser impresso em Lisboa²⁰⁵. A informação consta no título do texto que, contudo, foi impresso em Lisboa. O episódio atesta uma vez mais a complexa rede de circulação de notícias.

Também Antuérpia era um local de impressão destacado, registando-se aí um total de 22 impressões, número equiparável aos de Lisboa e Sevilha. Cidade portuária e conexão de rotas comerciais, era sobretudo um local com uma importantíssima tradição tipográfica. Desde o século XVI, aquela cidade tinha o monopólio tipográfico dos Países Baixos, que manteve durante o domínio castelhano²⁰⁶.

Todos os restantes locais de publicação registaram um número de obras abaixo das duas dezenas: Mogúncia, com dezasseis títulos, Barcelona com catorze edições, Lyon com doze, Douai e Bolonha com onze, e Colónia com uma dezena. Alguns deles, como Mogúncia, Douai e Colónia, eram importantes cidades do Sacro Império incrustadas na região protestante. Mogúncia era um importante arcebispado e Colónia era não só um centro de vida religiosa mas também a zona universitária da região da Renânia. No Douai, Filipe II de Espanha fundara uma universidade a fim de combater a Reforma. Já Lyon era, ainda no início de Seiscentos, um local de concentração de oficinas tipográficas. Bolonha, por sua vez, era a segunda cidade dos Estados Papais e também destacado centro universitário. Mas estas realidades, por si só, não explicam o interesse pela temática nipónica pois as mesmas características encontram-se noutros locais onde os títulos publicados foram escassos (menos de dez títulos). Nestas

avthentica qve truvo el P. Pedro Moreion Procurador General de la Prouincia de la Compañia de Iesvs de aquel Reyno, México, Juan Ruiz, 1616. A edição de Saragoça foi impressa por Juan de Larumbe, e a de Lisboa por Pedro Crasbeeck em 1617.

²⁰⁴ Garcia Garces, *Relacion de la Persecvcion qve hvvo en la Iglesia de Iapon, Y de los insignes Martyres qve gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra santa Fé, el año de 1622. Por el P. Garcia Garces, de la compañía de Jesus, antiguo Ministro del Santo Evangelio en aquella Christandad*, México, Diego Garrido, 1624.

²⁰⁵ *Estado I svcesso de las cosas de Iapon, China I Filippinas. Y de la cruel persecucion que padece aquella Cristiandad y del numero de martyres que en ellas há auido. Escrito por vn religioso de la Compania, que assiste en las Filipinas, a outro de Mexico, y de alli embiado en el auiso a los de la ciudad de Seuilla*, Lisboa, João Rodrigues, 1621.

²⁰⁶ Roger Chartier, *op. cit.*, p.268.

condições estão Bordéus, Rouen (em ambas registaram-se três impressões), e Augsburgo (com oito edições), sendo estes locais importantes centros de comércio.

De facto, a impressão de textos missionários sobre o Japão não dependia apenas de os locais integrarem rotas comerciais, serem núcleos de conhecimento ou centros políticos e religiosos. Neste período, 32 cidades distintas publicaram apenas uma obra em cujo título foi referenciado o Japão. Destes textos, apenas quatro foram redigidos por mendicantes e em momentos de exaltação das suas ordens religiosas. Os restantes textos são de autoria jesuíta e forma publicados em localidades onde existia um colégio da Companhia. Os colégios de Bruges, Cassel e Augsburgo foram os responsáveis por três publicações. Nos outros casos, os tipógrafos que deram à estampa essa única notícia sobre o Japão encontravam-se ao serviço de colégios jesuítas²⁰⁷. Ou seja, nestas 28 localidades a impressão de textos sobre o Japão resultou de iniciativas de instituições de ensino de jesuítas. Estas publicações são assim resultado da orientação da Companhia para a educação, que acabaria por levar os jesuítas a controlar acima de 500 colégios em toda a Europa Católica²⁰⁸.

Os textos impressos por iniciativa dos colégios jesuítas podiam assumir diversos formatos: cartas ânuas²⁰⁹, relações de martírios²¹⁰, biografias de Francisco Xavier²¹¹. Esses textos, que visavam a educação de futuros religiosos, começaram por ser, de acordo com disposições inicianas, a *De Imitatione Christi*, os *Evangelhos* e as vidas de

²⁰⁷ Este trabalho foi realizado tendo por base o levantamento de Carlos Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, 9 vols., Bruxelas, Imp. Polleunis et Centerich, 1890-1909.

²⁰⁸ Sobre o impacto do projecto educacional na organização da Companhia de Jesus veja-se John O' Malley «Introduction» in *The Jesuits. II. Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*, John O'Malley, Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris e T. Frank Kennedy (dir.), University of Toronto Press, 2006, p. xxxi.

²⁰⁹ Veja-se a título exemplificativo *Lettera Annua del Giappone dell' Anno M.D.XCVI. Scritta dal P. Luigi Frois, al R. P. Claudio Acquaiua Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta in Italiano dal P. Francesco Mercati Romano della stessa Compagnia*, Francesco Bolzetta, Pádua, 1599. Ou ainda *Lettres annales dv Jappon, des annes M.DC.XIII. Et M. DC. XIV. Où plusieurs choses d' edification sont racontees fidelement, et les Martyres arriuez durant la persecution desdictes annees, écrites [...] par le P. Sebastien Viera*, Reims, Nicolas Constant, 1619.

²¹⁰ Luís Cerqueira, *Relatione della gloriosa morte patita da sei Christiani giaponesi per la fede di Christo alli 24 di Gennaro 1604*, Fermo, Giovanni Bonibello, 1607; veja-se ainda *Dominicus in Japonia pro Christi fide crucifixus, tragoedia producenda in scenam a syntaxianis collegii Calestani Socieitatis Jesu. Die VIII Martii M.D.C.XXII*, Cassel, s.d.; ou *Relacion de Alguna de las cosas tocantes a la vida y glorioso martyrio que con su Provincial y otros siete Religiosos de la Compañia de Jesus, padecio el S.P. Baltasar de Torres; sacada de las cartas autenticas, que han venido del Japon, de lo sucedido el año de seicientos y veinte y seis en la cruel persecucion que en aquel Imperio padece la Christiandad*, Salamanca, s.i., 1630.

²¹¹ Jean Martini,, *Het Leven van den H. P. Franciscus Xaverius Apostel van Indien, ende Japonien, Priester der Societeyt Iesu. Nu in't cortover-geset wt het Latyn, door eenen der selver Societeyt*, Mechelen, Hendrick Jaye, 1622. Ou ainda em Viena *Cultus Sancti Francisci Xaverii Soc. Jesu. Japoniae, & Indiarum apostolic*, Viena, Gregorii Kürzböck, s/d.

santos. No século XVII, a estas leituras somaram-se outros textos que valorizavam o comportamento cristão exemplar e a perfeição espiritual, em síntese, «a mística da perfeição e de heroísmo radical que uniam as vias activa e contemplativa da santidade»²¹². Os textos relativos ao Japão iam assim ao encontro desta lógica educacional e o facto de serem impressos textos em locais associados aos colégios aponta para a sua utilização no programa educativo da Companhia de Jesus. Serviam também as leituras devocionais que se faziam por exemplo nos refeitórios. Em 1624 Geronimo Maiorica iniciava a sua relação de 1621 afirmando que escrevia para responder «ao continuo desiderio de' Padri di Europa d' intendere lo stato delle cose nostre»²¹³.

Mas o empenho dos colégios na divulgação de notícias do Japão, mesmo nos casos em que se tratou de uma única edição, é importante para dimensionar o alcance do tema dos mártires do Japão nos circuitos culturais europeus do século XVII. De facto, os jesuítas não se restringiram à educação de religiosos. A historiografia tem demonstrado que os colégios jesuítas se abriram ao mundo, estendendo a sua acção a cidadãos, que deviam ser habilitados a intervir social e politicamente²¹⁴. Há ainda que considerar que as oficinas de impressão dos textos jesuítas eram também centros de circulação de conhecimento, onde intelectuais, estudantes, comerciantes, artistas, tradutores e até escritores censurados se reuniam²¹⁵. Apesar de as tipografias não constituírem o objecto de análise deste estudo, os locais onde se registou um maior número de impressos privilegiavam as relações com certas oficinas. Em Roma a maioria dos textos foram impressos pelos herdeiros de Zannetti, de Coberlletti e por Giacomo Mascardi; em Paris os textos foram predominantemente dados à estampa pelos estabelecimentos de Sebastien Cramoisy e de Claude Chappellet, e em Madrid as oficinas de Alonso Martin ou de Andrés de Parra publicaram tantos trabalhos quanto da Imprensa do Reino.

²¹² Carlota Miranda Urbano, *Santos e Heróis. A Épica Hagiográfica Novilatina e o Poema «Paciedos» (1640) de Bartolomeu Pereira*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 2004 [texto policopiado], p.205.

²¹³ Geronimo Maiorca «Relatione dell' Anno 1621», *Relatione di Alcune cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619 1620 & 1621 dal Giappone. Al molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesu*, Roma, Herdeiros de Bartolomeo Zannetti, 1624, fl.153.

²¹⁴ John O' Malley «Introduction» in *The Jesuits. II. Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*, John O' Malley, Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris e T. Frank Kennedy (dir.), University of Otoronto Press, 2006, p. xxxi.

²¹⁵ Elizabeth L Eisenstein, *The Printing Press as an Agent of Change*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1979), p.380.

Considerando o conjunto de impressões levadas a cabo na Península Ibérica, nos Países Baixos Espanhóis e no Ducado de Milão, a Monarquia Católica surge com particular destaque no que se refere aos locais de impressão. Claro está que, e como atrás se referiu, a temática ia ao encontro do gosto devocional da época e ao contexto de renovação do catolicismo, quer no sentido da sua consolidação e expansão, quer no da militância anti-Reformista. Por estas razões, os territórios sob o controlo dos Estados Pontifícios, sobretudo Roma, a França, e os enclaves católicos na Europa protestante, nomeadamente na Baviera, têm naturalmente bastante importância. Contudo, alguns locais de edição estão fora destas zonas geográficas, como é o caso de Cracóvia, no Reino da Polónia, onde a diversidade étnica era acompanhada pela diversidade religiosa (católicos, luteranos, calvinistas, cristãos ortodoxos, judeus e mais algumas seitas cristãs), embora para finais do século XVI a reconquista católica, precisamente com os Jesuítas, tenha ajudado a reimpor a supremacia do catolicismo. Aqui, parte substancial da elite governante tinha sido educada nos colégios jesuítas em Roma e por isso bastante *italianizada*²¹⁶. Por esta razão em Cracóvia registaram-se cinco edições.

Em síntese, longe de se defender a existência de um movimento linear na publicação de textos, o que aqui se argumenta é que existia uma associação entre as políticas de impressão e os centros de poder – Madrid e Roma – e que a jurisdição eclesiástica de cada um dos impérios era respeitada. Outros factores contribuíram para a distribuição territorial do impresso sobre o Japão; é o caso da associação às actividades portuárias e educativas. Para além da complexidade do processo de circulação de notícias que aqui se procurou ilustrar, cabe destacar ainda que o seu volume terá sido bem mais substancial do que aquele testemunhado pelo impresso de missionários, designadamente se tivermos em conta, para além de toda a documentação manuscrita redigida por religiosos, relatos orais ou escritos dos mercadores, o papel dos funcionários da corte na circulação do conhecimento e inclusive outros textos como histórias gerais e dos sucessos na Ásia, ou vidas de santos, de que é exemplo o caso de Francisco Xavier. Contudo, o objecto de estudo desta dissertação é apenas a documentação missionária impressa.

²¹⁶ R. Po-Chia Hsia, *The World of Catholic Renewal 1540-1770*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999 [1998], p.61.

4.2. Uma Propaganda Intensa

O reportório missionário sobre o Japão é constituído por de 433 títulos. Destes, 345 foram redigidos por jesuítas, 51 por franciscanos, 32 por dominicanos e apenas 5 por agostinhos. Os valores aqui apresentados são proporcionais ao envolvimento de cada uma das ordens missionárias no processo de evangelização no Japão, com a excepção dos textos redigidos por jesuítas.

Os franciscanos tinham, como é sabido, precedido os jesuítas na missionaço no Oriente ao serviço do Padroado Português, sendo os primeiros a estabelecer missões na Índia. Foram porém os jesuítas os promotores do transporte da imprensa de caracteres móveis para esta região. Nas Filipinas, o estabelecimento dos mendicantes data da década de 1570 – jesuítas em 1571, franciscanos em 1577, dominicanos em 1587 e agostinhos em 1606. Em 1606 os dominicanos levaram para as Filipinas uma imprensa de caracteres móveis que posteriormente transitaria para mãos dos franciscanos²¹⁷.

Porém, o volume de impressos jesuítas foi muito maior, o que se explica pelo seu «*modo de proceder*»²¹⁸. Os missionários estavam obrigados a informar com regularidade as diferentes hierarquias²¹⁹. Igualmente distintivo foi a forma como os jesuítas associaram a imprensa aos seus projectos missionário e educativo; a imprensa foi usada para fazer a apologia do labor desenvolvido, e propagar a fé e ensinar. Donald Lach, ao proceder à análise da produção literária seiscentista, ibérica, italiana, germânica e dos Países Baixos, centrando-se nas imagens aí veiculadas sobre a Ásia, demonstrou a extensão do envolvimento dos jesuítas com a imprensa²²⁰. Esse entrosamento fica também ilustrado pelo número de obras de jesuítas existente no reportório bibliográfico aqui explorado.

Muitas destas publicações jesuítas eram as designadas cartas ânuas, que consistiam em textos compilados em Roma a partir das notícias que chegavam da missão. Quase com um estatuto de publicação oficial, as questões internas da

²¹⁷ Para o caso da Índia veja-se José António Isamel Gracias, *A Imprensa em Goa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1880. Para o caso das Filipinas veja-se Nicole Revel *Épopées Orales, Littérature Orale et Écritures dans l'Archipel à l'Époque du Contact et de nos Jours*, Elizalde, Fradera & Alonso, 2001, p.260.

²¹⁸ John O' Malley, *op. cit.*, p. xxiii.

²¹⁹ Sobre a estratégia editorial da Companhia de Jesus relativamente ao Japão no período anterior veja-se Ana Fernandes Pinto, *Uma Imagem da do Japão. A Aristocracia Guerreira Nipónica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*, Macau, Instituto Português do Oriente e Fundação Oriente, 2004.

²²⁰ Donald Lach e Edwin J. Van Kley, *Asia in the Making of Europe*, vol. III, *A Century in Advance*, Livro 1, *Trade, Missions, Literature*, Chicago, University of Chicago Press, 1993 e *Ibidem*, Livro 4, *East Asia*, Chicago, University of Chicago Press, 1993.

Companhia eram omissas e a narrativa centrava-se nos sucessos da evangelização. Desde os finais do século XVI até ao ano de 1627, os jesuítas publicaram cartas ânuas, e embora esta designação tenha desaparecido dos frontispícios, algumas relações de novidades que se publicaram posteriormente desempenhavam a mesma função²²¹. As cartas ânuas foram muitas vezes editadas em diferente localidades e traduzidas para várias línguas vernáculas. A ligação entre a obrigatoriedade de fazer circular as notícias, a sua impressão e tradução explicam o predomínio de impressões jesuítas, ao mesmo tempo que assinalam o comprometimento da Companhia de Jesus com a estratégia de divulgação de textos que eram simultaneamente de propaganda e edificantes.

Para impedir a publicação desregrada de textos em função de interesses episódicos que algumas missões suscitavam, foi imposta, em 1581, a publicação de cartas ânuas. Todavia, este desiderato não terá sido alcançado pois em 1601 Alexandre Valignano, referindo-se especificamente à missão nipónica, ainda se insurgia contra a publicação indiscriminada de epístolas, que considerava criar uma imagem desorganizada e incorrecta do trabalho missionário e da situação vivida no território²²². As cartas ânuas tinham também o objectivo de conferir regularidade às notícias sobre a missionação nipónica. Neste caso, a julgar pelo ritmo a que foram publicadas, o objectivo foi cumprido.

Com o início dos martírios, às cartas ânuas somou-se um outro tipo de *relações e relatos*, estes centrados em acontecimentos específicos. Não sendo o resultado de um desgoverno editorial, este movimento paralelo revela antes o interesse em divulgar notícias de certos episódios que se deseja publicitar. Estes textos foram escritos por autoridades jesuítas que, quer pela sua experiência missionária no território, quer pelo desempenho de cargos importantes na hierarquia, garantiam o rigor da informação seleccionada.

²²¹ Cf. *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Roma, Francesco Corbelletti, 1632 com *Relatione delle Persecvioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX*, Roma, Francesco Corbelletti, 1635.

²²² Quanto aos textos que circulavam na Europa sobre o Japão redigidos por indivíduos não pertencentes à Congregação, Alexandre Valignano era intransigente, rejeitando de forma categórica a sua fidedignidade. Note-se, contudo, que esta afirmação de Valignano reflectia acima de tudo a preocupação em desacreditar os textos da autoria dos franciscanos os quais nesse momento já circulavam na Europa. Cf. J.F. Moran, *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in Sixteenth –Century Japan*, Londres- Nova York, Routledge, 1993, pp.29-30.

Nesta situação está, por exemplo, a descrição do martírio ocorrido no domínio de Kato Kiyomasa, em 1604, num momento em que as hostilidades no território nipónico ainda não eram generalizadas. A notícia do acontecimento foi redigida pelo então bispo do Japão, D. Luís Cerqueira, e teve um destino idêntico ao de muitas cartas ânuas. Em primeiro lugar, o texto foi publicado em castelhano na Península Ibérica, mais propriamente, numa oficina em Valladolid, onde se encontrava a corte. O próprio texto do frontispício atesta a rapidez com que foi feito o trabalho, isto é, a impressão e a data de recepção da notícia na Europa datam do mesmo ano:

«Relacion del Martyrio que seis christianos nobles padecieron en el Iapon en el Reyno de Fingo [Higo], por causa de nuestra sancta Fee Catholica. Sacada de unas cartas que dō Luis Sequeyra obispo del Iapon escriuio desde Nangasaqui, su fecha a 25 de Enero del año de 604. Las quales se recibieron en España este de 1606»²²³.

Um ano mais tarde, o mesmo texto de Cerqueira foi traduzido para francês (Paris e Lyon), polaco (Cracóvia), castelhano e latim (Roma) e italiano (Bolonha). Em 1609, o texto foi ainda traduzido para neerlandês (Antuérpia). No total, o texto teve 14 edições.

Pouco tempo depois, entre 1611 e 1612, a notícia da execução de mais nove cristãos em 1609, no domínio do mesmo guerreiro (Kato Kiyomasa) volta a ser objecto de uma divulgação significativa. Desta feita, o texto teve nove edições, três em italiano (Roma, Bolonha e Milão), com tradução para o francês (Paris), o alemão (Augsburgo) e o polaco (Cracóvia), e o latim (Mogúncia). Em Douai o texto saiu em versão latina e alemã.

Este sistema de divulgação de notícias, que, tal como no caso das cartas ânuas, assentava numa complexa rede de distribuição e recorria às línguas vernaculares, era accionado sempre que as circunstâncias o justificavam. Estes *relatos* e *relações* devem ser compreendidos em diversas dimensões: primeiro, trata-se, mais uma vez, do tradicional sistema jesuíta de circulação de notícias; segundo, a imprensa é utilizada para divulgar feitos edificantes, muito específicos, que estimulem a devoção; por fim, a

²²³ *Relacion del Martyrio que seis christianos nobles padecieron en el Iapon en el Reyno de Fingo [Higo], por causa de nuestra sancta Fee Catholica. Sacada de unas cartas que dō Luis Sequeyra obispo del Iapon escriuio desde Nangasaqui, su fecha a 25 de Enero del año de 604. Las quales se recibieron en España este de 1606*, Valladolid, Andres de Merchan, 1606.

imprensa é utilizada estrategicamente enquanto instrumento de promoção das actividades da Companhia de Jesus no Japão. Assim se conclui que o interesse no martírio não se limitou apenas a ilustrar uma tendência devocional; ele foi também explorado para fazer a apologia da Companhia.

4.3. *A Arte Tipográfica entre Rivais*

Se a imprensa missionária não tinha apenas propósitos edificantes, constituindo, como se afirmou, um veículo de propaganda, esta última característica não foi exclusiva da Companhia de Jesus. Na realidade, através deste veículo de informação as ordens missionárias estabelecidas no arquipélago rivalizavam entre si.

Sendo certo que, como se afirmou, nas Cortes de Tomar se estabeleceu a diferenciação das jurisdições eclesiásticas e dos espaços mercantis dos dois impérios ibéricos, na prática, como também já se referiu, nem sempre foi assim. As proibições de circulação entre Manila e Macau ordenadas por Filipe II não surtiram efeito pois a união ibérica foi encarada como um óptimo pretexto para ignorar a «zona de fronteira» entre os dois impérios, que desde o Tratado de Saragoça (1529) a propósito do diferendo sobre as ilhas de Maluco travava as pretensões dos castelhanos na Ásia²²⁴. Na verdade, os mercadores encetaram contactos com a China a partir de Manila, com o objectivo de estabelecer um porto comercial que servisse de alternativa a Macau e não hesitaram em navegar até Nagasaki. Foi, aliás, a efectiva regularidade de comunicações entre Manila e Nagasaki que facilitou a rápida resposta daquelas autoridades à embaixada enviada por Toyotomi Hideyoshi em 1592, e a pretexto da qual, e a reboque dos mercadores, os mendicantes sediados nas Filipinas se estabeleceram no arquipélago nipónico nesse mesmo ano. Com vista a justificar a sua iniciativa, os franciscanos apresentavam a bula emitida pelo Papa Sisto V, datada de 1586, que, ao elevar S. Gregório das Filipinas a província, referia genericamente o direito de os missionários mendicantes missionarem na China e noutros países da Ásia a partir deste território, o que, suscitou interpretações ambivalentes de que os religiosos tiraram partido.

Em 1598, com a subida ao trono de Filipe III, o desrespeito pela separação das áreas de intervenção, tanto por parte de mercadores como por parte de missionários –

²²⁴ Paulo Sousa Pinto, *No Extremo da Redonda Esfera: Relações Luso-Castelhanas na Ásia, 1566-1640. Um ensaio sobre os Impérios Ibéricos*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2010 [texto policopiado], pp.33-39.

agravou-se²²⁵. O monarca, por um lado, reiterava a destrição entre os impérios ultramarinos e proibiu o relacionamento comercial entre Estado da Índia e a Nova Espanha mas, por outro lado, instigava o governador das Filipinas a manter contactos com as autoridades nipónicas e lembrava o vice-rei da Índia para a necessidade de Macau prestar auxílio militar a Manila. Até os mercadores portugueses não se coibiram de explorar, a partir de Nagasaki, a plataforma das Filipinas que dava acesso ao importante comércio com a América. As Filipinas eram aliás frequentadas pelos próprios nipónicos, inclusive por mercadores ao serviço de Tokugawa Ieyasu. As autoridades de Manila, que nunca puseram cobro aos contactos formalmente proibidos, beneficiavam de toda esta liberdade de circulação. Ao contrário do seu pai, Filipe III desenvolveu também uma política de missão deliberadamente ambígua. Se os mendicantes já tinham visto na união ibérica e na bula de Sisto V uma brecha para penetrarem no Japão, com Filipe III e a sua ausência de uma posição inflexível, acabaram assim por ter pleno acesso à Ásia.

Entretanto, os jesuítas ao serviço do Padroado Português do Oriente procuravam travar as pretensões de mendicantes no arquipélago nipónico, reclamando a exclusividade missionária que lhes tinha sido outorgado em 1585 por Gregório XIII. É no contexto desta disputa que em 1600 surge o breve do papa Clemente VIII, revogando a autorização genérica de Sisto V que permitia aos mendicantes de Manila aproximarem-se à Ásia. Porém, estabelecia também que todas as ordens missionárias poderiam entrar no Japão desde que estivesse ao serviço do Padroado Português do Oriente. Este breve haveria de ser confirmado por Paulo V em 1606.

Contudo, apesar das determinações papais, até aos anos 30 do século XVII os mendicantes sob a jurisdição do *Patronato Real* foram desembarcando e evangelizando no Japão a partir de Manila, mesmo se, por vezes, eram ameaçados de excomunhão. Simultaneamente, procuravam junto da Cúria Romana e do monarca a revogação papal que reservava a Ásia ao Padroado Português do Oriente. Por sua vez, os jesuítas foram diligentes em denunciar as acções dos mendicantes de Manila, procurando fazer valer os seus direitos junto do monarca e da Cúria. A apologia da actividade jesuítica por via da imprensa era um outro instrumento de combate contra os mendicantes.

²²⁵Sobre as iniciativas de mercadores e missionários ao serviço do *Patronato Real* a partir das Filipinas seguiu-se João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, vol.1, pp. 197-232. *Ibidem*, vol. 2, pp.597-599

Um caso paradigmático do uso da imprensa enquanto instrumento de propaganda da Companhia de Jesus reporta-se aos acontecimentos de 1614, data em que o *bakufu* decretou a proibição do Cristianismo no arquipélago nipónico. A propósito deste acontecimento, para além da carta ânua redigida por Gabriel de Matos que seria impressa em 1617, foram redigidas antes mais três longas relações sobre o mesmo assunto, estrategicamente publicadas entre Roma e Madrid. Na Cúria Romana publicava-se um texto redigido por Pedro Morejon (1615), em Lisboa publicava-se uma relação também escrita por Gabriel de Matos (1616), em Madrid os acontecimentos seriam descritos por Luís Pinheiro (1617). Todos estes textos tiveram edições noutros locais – Paris, Lyon ou Douai – mas nem por isso configurando uma rede de distribuição geográfica tão densa quanto, por exemplo, os já referidos relatos das execuções de 1604 e 1609²²⁶. Neste caso da proibição do Cristianismo, a imprensa configura claramente numa estratégia de acção junto dos centros políticos e religiosos.

Essa estratégia torna-se ainda mais clara quando se procede à leitura das obras acima referidas. Partindo da mesma realidade, os três textos são bastante distintos. Matos e Morejon conheciam bem o Japão: o primeiro redigiu os seus textos neste território; o segundo escreveu a sua *Relacion de la Persecucion* na Europa na qualidade de procurador daquela missão. Os dois textos têm uma estrutura linear em que os acontecimentos se sucedem numa relação interminável de causa e efeito. Começam ambos pela afirmação de que a perseguição no Japão foi uma constante desde que Francisco Xavier aportou no território em 1545 nos 66 anos que se seguiram²²⁷. É a primeira vez que a presença da Companhia de Jesus no território é descrita nestes termos, pois apesar de até então terem sido relatadas várias perseguições, nunca tinham sido motivo para associar a evangelização jesuíta no Japão à imagem de uma hostilização permanente. Os dois religiosos terminam os seus relatos com a referência à decisão de Ieyasu de pôr cobro ao Cristianismo no Japão logo após o xogum (já retirado) ter tido conhecimento da realização de procissões de cristãos em Nagasaki

²²⁶ O texto de Gabriel Matos foi publicado em Lisboa em 1616 e em Roma em 1617; o de Pedro Morejon em Roma, Saragoça e St. Omer em 1617, e o de Luís Pinheiro em Madrid em 1617 com tradução francesa em Paris em 1618.

²²⁷ Gabriel de Matos, *Relaçam da Perseguiçam qve teve a Christandade de Iapam desde Mayo de 1612. até Nouembro de 1614. Tirada das cartas annuaes que se enuiarão ao Padre Geral da Companhia de Iesv. Composta pollo P. Gabriel de Matos da Companhia de Iesv, Procurador da China & Iapão, natural da Videgueira*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1616, fl. 1-2; Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion qve huuo estos años contra la Iglesia de Iapon, y los ministros della. Sacada de carta anua, y de otras informaciones authenticas q truxo el Padre Pedro Morejon*, Saragoça, Juan de Larumbe, 1617, fl.1-2.

expiatórias do édito de 1614 que mandava expulsar os missionários do território²²⁸. De iniciativa franciscana mas apoiados por jesuítas, estes acontecimentos foram considerados tumultos e sinais de revolta contra a ordem do *bakufu*²²⁹.

O terceiro texto referido foi escrito em Madrid por Luís Pinheiro, enquanto exercia o cargo de procurador da Companhia de Jesus da Província da Coroa de Portugal. Pinheiro nunca visitara o Japão e, por essa razão, baseou-se na informação veiculada pelos outros missionários, envolvendo-a numa sofisticada construção retórica. Sem descurar os factos que tinham enfurecido o *bakufu* e levado à proibição do Cristianismo e à expulsão dos missionários, Pinheiro imputa toda a responsabilidade dos factos às gentes da Nova Espanha, que acusa de alimentarem a ideia da presença missionária preceder a conquista do Japão pelos «Espanhóis»: assim tinha sido encarado pelas autoridades nipónicas o episódio do galeão de S. Filipe que estivera na origem da primeira execução de cristãos em 1597²³⁰. O seu relato é bastante mais eloquente, estruturado à semelhança de um guião de uma peça de teatro, e nesse sentido, um verdadeiro exercício de oratória barroca. A obra é o palco onde desfilam as personagens descritas com rigor e entre capítulos são apresentadas didascálias:

«Hizole [a Júlia] el Governador ... sacarla de Surunga, camino de // Axiro, adonde se auia de embarcar para su destierro: vamos si le podemos acompañar, y ver cõ que feruor, y deuociõ camina»²³¹; ou «Tenemos a Arimandono en destierro, veamos en que se ocupa»²³², ou ainda «Muerto tiene don Miguel ya a su padre, y en possessiõ està de su estado, veamos como lo començo a gouernar, y a lograr»²³³.

As didascálias são mais longas na transição das secções do livro, descrevendo o respectivo cenário, introduzindo as personagens e descrevendo os espaços onde se desenrola a acção:

²²⁸ George Elison, George, *Deus Destroyed. The Image of Christianity in Early Modern Japan*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991, pp.159 e ss.

²²⁹ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.117-118; Gabriel de Matos, *op. cit.*, fl.72v-76.

²³⁰ Luís Pinheiro, *Relacion del Svcesso que Tyvo Nvestra Santa Fe En los Reynos Del Iapon, desde el año de seyscientos y doze hasta el de seyscientos y quinze, Imperando Cubosama. Dirigida a la magestad catolica del rey Filippo Tercero nuestro Senor*, Madrid, viúva de Alonso Martin de Balboa, 1617, fl.13-14.

²³¹ *Ibidem*, fl.37-38.

²³² *Ibidem*, fl.45.

²³³ *Ibidem*, fl.53.

«Y porque la persecucion va con prisa entranto en otros Reynos, sigamos la mientras Arima reposa vn poco, y representa paz; aunque no podemos juzgar, que nos quedan las espaldas muy seguras, pues Fime [bisneta de Tokugawa Ieyasu com quem Arima Naozumi casara em segundas núpcias com vista a agradar Sahioye], y Safioye nos quedan detrás»²³⁴.

Luís Pinheiro é jesuíta mas habita na corte de Madrid, aí desempenhando um cargo com importância política. Por essa razão, o seu relato é estruturado em torno da rivalidade entre portugueses e castelhanos, sendo a sua obra dedicada a Filipe III.

O reportório bibliográfico que agora se analisa proporciona uma abordagem comparativa do movimento tipográfico das diferentes ordens missionárias durante a totalidade do período da sua convivência no arquipélago nipónico. A sua análise permitiu verificar que estas notícias jesuítas acerca da expulsão dos missionários do arquipélago em 1614, e que eram feitas circular pelas autoridades máximas da Companhia, não tinham o seu equivalente nas actividades das ordens mendicantes.

Este silêncio é tanto mais surpreendente quanto era efectiva a rivalidade entre jesuítas e mendicantes não só em termos de direitos de evangelização, mas também no que se refere a estratégias de missionaço. Efectivamente, os mendicantes não divulgaram o édito de 1614. Esta indiferença face a um facto que os afectava e de que eram por muitos responsabilizados contrasta com a dinâmica editorial gerada pelos franciscanos após a execução de 1597, depois da qual foram temporariamente expulsos do Japão. Nesta ocasião os franciscanos promoveram a edição de mais de 50 títulos em toda a Europa. Todavia, embora este número seja considerável, não é comparável aos acima de 300 títulos impressos pelos jesuítas.

Enquanto os jesuítas discorriam sobre os acontecimentos em torno do édito de 1614, os franciscanos publicavam textos de teor laudatório. Celebravam os sucessos da embaixada à Europa do frade Luis Sotelo, enviada em nome de Date Masumane, importante dáimio em Oshū, local onde o missionário concentrara o seu apostolado. A comitiva partira do Japão em 1613, chegara a Espanha em finais de 1614, e daí seguiu para Roma. O objectivo dos franciscanos era estabelecer um contraponto à embaixada

²³⁴ *Ibidem*, fl.192.

de quatro legados nipónicos à Europa promovida pelos jesuítas entre 1584 e 1592²³⁵. Tal como os jesuítas haviam feito, os franciscanos celebravam o acontecimento na imprensa, promovendo, entre 1615 e 1616, a publicação de nove edições em diversos locais: Roma, Milão, Florença, Sevilha, Paris, Lyon, Liège ou Toulouse. Os relatos integravam as recepções de Filipe III de Espanha ao embaixador Hasekura Rokuemon, o desfile do cortejo aquando da sua entrada em Roma ou a audiência pública concedida pelo Papa Paulo V. Em Roma e Paris fizeram-se circular duas *relación* distintas sobre a entrada solene na cidade romana e a audiência papal. Em Sevilha também circularam duas *relación*, uma centrada na recepção do Papa, outra na audiência com Filipe III em Madrid. A celebração do acontecimento não se ficou por estas relações; logo em 1615, a pretexto da embaixada, foi editada uma história detalhada da presença franciscana no Japão, redigida por Amati Scipione, que desempenhara funções de tradutor junto da embaixada²³⁶. Esta actividade ilustra que a rivalidade alimentada por cada uma das ordens missionárias não se traduziu assim numa dinâmica tipográfica simultânea e sincronizada em que cada ordem atacava a rival e auto-elogiava o seu trabalho apostólico.

Porém, se o édito de Ieyasu não mereceu a atenção dos mendicantes, houve outros momentos em que se registou uma efectiva actividade tipográfica paralela entre jesuítas e mendicantes, a qual constituiu a materialização mais explícita da rivalidade entre elas. Dois desses momentos estão relacionados com a primeira execução de cristãos: primeiro em 1597, imediatamente após o martírio, segundo em 1627/1628, duas décadas volvidas, após a beatificação desse primeiro grupo de martirizados.

²³⁵ O texto teve uma primeira impressão na versão original em latim. *De Missione Legatorum ad Romanam, Rebusque in Europa, ac Tota Itinere Animadversis Dialogus ex ephemeride ipsorum legatorum collectus, et in sermonem latinum versus ab Eduardo desande Sacerdote Societatis Iesu*, Macau, 1590. A tradução do latim deve-se a Américo da Costa Ramalho, *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoness à Cúri Romana*, tradução e comentário de Américo da Costa Ramalho, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses – Fundação Oriente, 1997. A questão da embaixada tem sido amplamente tratada. Como bibliografia de referência cite-se J.F. Moran, *op. cit.*, e do mesmo autor «The Real Author of the *Missione Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam... Dialogus*» in *BPJS*, 2 (2001), pp.7-21.

²³⁶ Amati Scipione, *Historia del regno di Voxv del Giapone, dell' Antichita, Nobilta, e valore del Svo Re Idate Masamvne, delli Favori, c'ha fatti alla christianità, e desiderio che tiene d'esser Cristiano, e dell' aumento di nostra santa Fede in quelle parti E dell' Ambasciata che hà inuiata alla sta di N.S. Papa Paolo V e delli suoi successi, con altre varie cose di edificatione, e gusto spirituale de I Lettori*, Roma, Bartolomeo Zannetti, 1615. Este texto foi ainda impresso no ano de 1617 em Augsburg e Ingolstadt. Sobre a correspondência trocada por Scipione no âmbito da embaixada veja-se Hitoshi Ogawa «Scipione Amati and the Japanese mission of Hasekura Tsunenaga (1613-1620): his background and role from documents in the Archive of the Colonna Family» comunicação apresentada em *Eurasian Tracks. Connections and Intellectual Exchanges. Early modern Japan in European Archives*, Institute for Research in Humanities, Kyoto University, Setembro 2012, p.3-11.

Oliveira e Costa, no seu estudo sobre os textos impressos acerca do Japão na Europa de Quinhentos, já chamou a atenção para o facto de em 1599 jesuítas e franciscanos enveredarem por uma estratégia editorial que exaltava as suas conquistas e desvalorizava ou ignorava as dos rivais, dando corpo aquilo que denominou como «guerra editorial»²³⁷. Na presente dissertação também já se sublinhou o significado da publicação desses acontecimentos através da publicação das relações do jesuíta Luis Fróis e do franciscano Juan de Santa Maria no contexto europeu a partir do ano de 1599.

No ano de 1628, a relação de Fróis de 1599 é objecto de reimpressão. Os jesuítas fizeram ainda imprimir, também sob a forma de relação, um excerto de uma carta redigida em 1597 pelo então vice-provincial Pedro Gomez e publicitaram a beatificação do referido grupo de mártires através da publicação de 20 títulos²³⁸. Os franciscanos, por seu turno, reeditaram o texto de Juan de Santa Maria, e um excerto das obras de Ribadeneira, patrocinando um total de 11 edições²³⁹. Para além das reimpressões, no ano de 1627, logo após a autorização de Urbano VIII para que a morte destes mártires fosse celebrada em oração e em eucaristia franciscanos, os franciscanos deram à estampa quatro novos títulos²⁴⁰.

Nos anos de 1624-1625, ocorreu um outro movimento interrelacionado e que seria consequência da forte ofensiva anticristã levada a cabo em Kyūshū no ano de 1622. Neste episódio, acabaram por ser executados 118 cristãos, entre os quais se encontravam cerca de 30 religiosos de todas as ordens missionárias. O acontecimento que deu azo a tamanha ofensiva terá sido originado pelo agostinho Pedro de Zuñiga e pelo dominicano Luís Flores, que tentavam aportar no Japão viajando numa embarcação

²³⁷ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, vol.1, pp.193-194.

²³⁸ *Breve Raggvaglio della gloriosa morte di Paolo Michi, Giovanni Goto, E Giacomo Ghisai Martiri Giapponesi della Compagnia di Giesù, seguita in Nangasachi alli 5. Di Febraro 1597. Cauata da vna lettera del P. Pietro Gomez Viceprouiniale al P.Generale della medesima Compagnia, l'anno 1597*, Roma, 1628. Para além desta edição, o texto foi publicado ainda no ano de 1628 em várias cidades e traduzido para diversas línguas: em italiano, duas edições em Milão, duas em Bolonha e uma em Modena; em francês, em Bordéus; em neerlandês em Mons. Em Lovaina foram publicadas duas edições, uma em francês e outra em neerlandês. Também em 1628 seguiu ainda uma versão latina em Roma.

²³⁹ *Breve Relacion de la vida, y mverte de los protomartires del Iapon, Religiosos professos de la Orden de N. P. San Francisco, y de sus 17. compañeros legos, Terceros de la misma Orden, q<ue> con ellos padecieron el mesmo martirio, colegida de la 4 parte de la Coronica de la dicha Orden, lib. 2, cap. 60. y del P. Fr. Marcelo de Ribadeneyra, testigo de vista deste glorioso martirio*, Sevilha, Pedro Gomez de Pastrana, 1628.

²⁴⁰ *Breve compendio del martirio, e morte delli ventitre Martiri dell'Ord. Min. di San Franc. Dell'Osseruanza della Prouincia delli Scalzi di San Gregorio delle Filippine, e del Giappone. Con i Nomi, Titoli, e Patrie loro. Crociffissi nel Regno del Giappone per difesa della Santa Fede. De' quali la Santità di N. S. Papa Vrbanò Ottauo hà concesso sotto di 14. Settembre 1627 che si celebri la Messa, & Offizio; E la Festiuità il di 5 Febbraio, giorno del loro Martirio*, Florença, Francisco Honofri, 1627.

castelhana disfarçados de mercadores. A embarcação acabou por ser capturada pelos holandeses e estes, desconfiados da sua condição de frades, entregaram-nos às autoridades de Hirado, que depois os encaminharam para Nagasaki. Recusando-se a abjurar, acabariam presos. Segundo os jesuítas, a tentativa de um outro dominicano de os libertar do cárcere terá despertado a ira do xogum Hidetada, dando azo à realização de tão avultado número de execuções, à expulsão dos mercadores castelhanos e à sua proibição de aportarem no Japão.

O acontecimento originou a publicação de duas *relación* distintas, uma de autoria jesuíta e a outro do dominicano Melchior Manzano de Haro. Nos títulos os jesuítas destacam «los grandes y rigurosos martirios que el año passado de 1622. dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho ilustrissimos Martyres»²⁴¹, os dominicanos valorizam o «martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico»²⁴². Ambas circularam entre 1624 e 1625 e foram impressas em castelhano e italiano e em Madrid, Sevilha, Bolonha, Milão e Valência. Os jesuítas fizeram ainda correr uma tradução francesa, editada em Paris, Lille e Mons, uma em latim, editada em Colónia, e uma última em inglês, editada em St. Omer.

Para lá destas relações registaram-se ainda mais duas edições: um relato detalhado de autoria jesuíta²⁴³, e um outro texto impresso que resultou da circulação das notícias de 1622 entre os círculos de poder. Impresso em Nápoles em 1625²⁴⁴, Giulio

²⁴¹ *Relacion Breve de los grandes y rigurosos martirios que el año passado de 1622. dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho ilustrissimos Martyres, sacada principalmente de las cartas de los Padres de La Compañia de Iesus que alli residen: y de que ha referido muchas personas de aquel Reyno, que en dos Nauios llegaron a la Ciudad de Manila a 12. De Agosto de 1623*, Madrid, Andres de Parra, 1624.

²⁴² Melchior Manzano de Haro, *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila del medesimo Ordine*, Roma, Herdeiro de Zanneti, 1625.

²⁴³ Garcia Garces, *Relacion de la persecucion que hvyo en la iglesia de Iapon. Y de los insignes martires que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622. Por el Padre Garcia Garces de la Compañia de Iesus, antiguo ministro del Santo Euangelio en aquella Christiandad*, Madrid, Luis Sanchez, 1625. Os dominicanos responderiam quatro anos mais tarde com a impressão, também em Madrid, de *Historia del insigne, y excelente martyrio que diez y siete religiosos de la Prouincia del santo Rosario de Filipinas, de la Orden de Santo Domingo, padecieron en el populoso Imperio de Iapon, por la predicacion del Santo Euangelio de Iesu Christo nuestro Dios. Por el R. P. Fr. Mechor Mançano de Haro, Comissario del santo Oficio en dichas Islas, Prouincial que fue de la misma Prouincia, y Vicario general de la de santa Catalina Martyr de Quito. Colegida de relaciones fidedignas embiadas del dicho Imperio de Iapon, y de testigos oculares que assitieron al dicho martyrio l'ano MDCXIV*, Madrid, Andrés de Parras, 1629.

²⁴⁴ [Giulio Cesare Braccini], *Breve Narrazione del Martirio di centódiciotto e più Martiri martirizzati con atrocissimi tormenti per la fede di N.S. Gesù Christo, l'anno 1622 nel Giappone*, Nápoles, DomenicoMaccarano, 1625.

Cesare Braccini tem sido apontado como o autor da relação²⁴⁵, embora não seja possível confirmar tal afirmação a partir da leitura do impresso. No entanto, tal assunção é plausível uma vez que Braccini era protonotário apostólico, dignidade máxima para elementos não pertencentes ao colégio episcopal de prelados e que se sabe ter residido em Nápoles entre 1629 e 1632.

Nas três situações referidas, quer a actividade tipográfica, quer os títulos publicados, permitem falar em *guerra editorial*. O facto de apenas nesses três momentos, num período de 50 anos de impressão contínua de notícias sobre o Japão, se tornar evidente uma sincronização editorial entre ordens missionárias levanta questões. Por que razão só em três momentos houve uma clara rivalidade editorial, isto é, uma sincronização das dinâmicas e temáticas impressas? Como explicar que em muitos outros momentos da história da perseguição aos cristãos no Japão tenha assistido a martírios colectivos onde elementos de todas as ordens missionárias foram condenados, sem que por isso suscitasse um discurso de rivalidade e emulação? A imprensa constituiu, sem dúvida, um instrumento essencial na disputa seiscentista pela missionação do Japão. Mendicantes e jesuítas usavam a imprensa para fazerem a apologia do seu trabalho e ambos empenharam-se em publicar textos junto das esferas de poder – Madrid e Roma. Mas a estratégia era distinta entre ordens missionárias – os mendicantes limitaram-se a fazer a apologia pontual do sucesso da sua actividade. A rápida, contínua e sistemática resposta dos jesuítas aos acontecimentos traduziu-se num modo distinto de se autopromoverem e de reivindicarem a sua supremacia missionária.

4.4. A Rivalidade no Discurso

Apesar das distinções, existiam características partilhadas no uso que os diversos religiosos faziam da imprensa: todas as ordens celebravam e reclamavam a legitimidade dos seus próprios mártires. Geralmente, o enaltecimento dos mártires sobrepõe-se às rivalidades. Mendicantes e jesuítas celebram sobretudo o martírio dos seus missionários.

Contudo, algumas vezes extravasam nos textos acusações relacionadas com questões como os direitos de missionação e as diferentes concepções

²⁴⁵ Robert Streit, *Bibliotheca Missionum. Asiatische Missionsliteratur 1600-1699*, Aix-la-Chapelle, Franziskus Xaverius Missionsverein, 1929, n1340.

missionológicas²⁴⁶. Quanto a este último aspecto, foi por exemplo abordada a questão do comportamento dos missionários num contexto de perseguição. De facto, a opção de os missionários viverem ocultos no território, que para alguns era cobardia por implicar falta de despreendimento relativamente ao valor da vida, surge apenas desenvolvida a propósito de uma situação concreta – a da perseguição generalizada e da expulsão do território após o édito de 1614²⁴⁷:

«Porque, aunque sean grandes los Señores, y bien afectos, si el Xogun es contrario, no le pueden resistir, y assi es necessário yr de callada // haziendo fructo»²⁴⁸.

Esta afirmação do jesuíta Morejon deixa clara a opção dos jesuítas pela clandestinidade. Gregory Brad, no seu estudo sobre as perseguições aos católicos na Europa, refere o treino específico que os jesuítas destinados ao Japão recebiam, que incluía informações concretas sobre como se disfarçarem e evitarem ser apanhados²⁴⁹. Para os jesuítas, viver livremente em contexto de perseguição podia ser considerado um gesto de arrogância, de soberba individual, pois o protagonismo do indivíduo sobrepunha-se à sua função de missionário. A defesa da clandestinidade esclarece a ideia veiculada pelos jesuítas de que durante os anos de 1618 e 1619 a perseguição abrandara em Arima graças ao «imenso trabajo, y recato de los Padres, peregrinando // sempre, y haziendo de las noches días»²⁵⁰. Esta ideia é oposta à transmitida por alguns mendicantes.

Frei Alonso Navarrete, superior dos dominicanos no Japão, após as execuções de 1616 em Ōmura, decide pôr-se a descoberto, envergar o seu hábito religioso e assistir publicamente os cristãos. Esta foi também a atitude do agostinho de Frei Hernando de San José que o acompanhou. No final, os dois religiosos não só acabaram executados

²⁴⁶ Sobre as diferentes concepções missionológicas veja-se Pedro Lage Reis Correia, «Alessandro Valignano attitude towards Jesuit and Franciscan concepts of evangelization in Japan (1587-1597)» in *BPJS* 2 (2001), pp.79-92.

²⁴⁷ Sobre esta questão veja-se Diego Pacheco “Misioneros ocultos” in *Missionalia Hispanica*, XX, 58 (1963) pp.89-110.

²⁴⁸ Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl.80-81.

²⁴⁹ Brad G. Gregory, *Salvation at Stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Cambridge Mass.-Londres, Harvard University Press, 1999, pp.285-286.

²⁵⁰ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China, en la qual se continua la persecucion que ha auído en aqlla Iglesia, desde el año de 615. Hasta el de 19. Por el Padre Pedro Morejon de la Compañia de Iesus, Procurador de la Prouincia de Iapon, natural de Medina del Campo*, Lisboa, João Rodrigues, 1621, fl.126v-127.

como o seu comportamento deu origem a mais distúrbios. O dominicano Frei Melchior Manzano de Haro descreve com detalhe os acontecimentos, indicando que Navarrete partira para Ōmura para confessar e a consolar os cristãos que, nas suas próprias palavras, se encontravam num momento delicado²⁵¹. Haro torna bem explícito que os dominicanos advogavam o trabalho às claras alegando que «la persecucion no era para desterrar los ministros ... sino para quitarles la vida»²⁵². Também o agostinho Frei Fernando Becerra, que trata a versão agostinha dos acontecimentos, se opõe a que os missionários se ocultem, enaltecendo a solidariedade e compaixão demonstradas por Frei Hernando de San José:

«algunos Christianos auian murmurado, que los padres les persuadian a ellos, que fuesse Martyres, y ellos // vyhuan las ocasiones, pues para quitarles este error, y entiendan que no tememos los peligros por su bien nos vamos a meter en ellos»²⁵³.

Há ainda outras situações em que surge explícita a oposição entre mendicantes e jesuítas: quatro textos tratam abertamente da questão dos direitos e jurisdições de missiões. Os religiosos esgrimem argumentos com o objectivo de influenciar o poder político e eclesiástico. Três destes textos seguem uma tipologia próxima dos panfletos. Constituídos por três a quatro fólhos, não se encontram datados nem é referido o impressor responsável. No entanto, estão assinados por frades mendicantes e transcrevem exposições dirigidas ao monarca Filipe IV de Espanha na transição das décadas de 1620 e 1630.

Um destes panfletos reproduz o memorial redigido por Diego Collado, dominicano que se encontrava na Europa na qualidade de procurador do Japão, sobre os inconvenientes em se dividir o arquipélago nipónico em quatro jurisdições eclesiásticas,

²⁵¹ Melchor Manzano de Haro, *Historia del insigne, y excelente martyrio que diez y siete religiosos de la Prouincia del santo Rosario de Filipinas, de la Orden de Santo Domingo...*, fl.5v. A mesma determinação encontra-se explícita no texto coligido por Fernando Becerra, *Relacion de el Martyrio del S.F. Hernando de S. Ioseph, en Iapon, y del S. F. Nicolas Melo en Moscouia, de la Orden nuestro P. S. Augustin. Ordenada por el P. F. Hernãdo Bezerra Prior del Conuento de Bulacan, por mandado de nuestro P. F. Alonso Barona Provincial da dita Prouincia. Dirigida al Illvstrissimo señor D. Iuan de Cuenca Obispo de Cadiz, del Consejo de su Magestad, &c.*, Cádiz, Juan de Borja, [1620], fl.25v-27.

²⁵² Melchor Manzano de Haro, *Historia del insigne, y excelente martyrio que diez y siete religiosos de la Prouincia del santo Rosario de Filipinas, de la Orden de Santo Domingo...*, fl.4.

²⁵³ Fernando Becerra, *Relacion de el Martyrio del S.F. Hernando de S. Ioseph, en Iapon, y del S. F. Nicolas Melo en Moscouia...*, fl.26-27.

a distribuir pelas quatro ordens religiosas²⁵⁴. O texto encontra-se também assinado pelos procuradores da Ordem de S. Francisco e de Santo Agostinho e a ideia que defende não era nova. Em 1598, quando os franciscanos foram obrigados a retirar-se do arquipélago por ordem de Toyotomi Hideyoshi após a primeira execução de cristãos, houve jesuítas, como António Francisco Citrana, que defenderam o acesso dos mendicantes à missão nipónica desde que ficassem sob a alçada do Padroado Português do Oriente e trabalhassem em territórios onde os jesuítas não estivessem já estabelecidos²⁵⁵. Um outro panfleto é uma exposição assinada apenas por Collado, que perseguindo o mesmo objectivo, isto é, garantir a «paz y quietud de las Religiones» no Japão, propunha a criação de instâncias eclesiásticas que fizessem valer os decretos e impedissem os desacatos entre religiosos. No seu entender, deveriam estar sediadas em Manila «que es la parte mas cercana de Iapon y China, y los demas Reynos adjacentos, y de donde en medio año puede auer remedio»²⁵⁶. Não sendo possível datar precisão destes dois panfletos, a sua leitura permite inferir que foram publicados no ano de 1627, e que os temas já tinham sido debatidos em conselho régio diante a presença dos representantes de todas as ordens missionárias²⁵⁷. Nessa data, Filipe III decretava que «sin restriccion, ni limitacion de nacion, Religiõ, ni caminho, que todos vayan a las dichas misiones, y que las Religiones que no estan en ellas se le combide que enbien sus Religiosos de nueuo para que sea mayor el fruto delas dichas misiones»²⁵⁸. Todavia, o problema não ficou resolvido, pois num terceiro panfleto posterior a 1627, os mendicantes suplicavam ao monarca que «sirua mandar que los de sus Consejos de Portugal y de las Indias se enteren en la verdad de todo esto, y pongan en ella la Copañia de Jesus»²⁵⁹. Na verdade, estas disputas arrastaram-se décadas no Conselho de Estado de Madrid e o problema das jurisdições era apenas um dos aspectos de uma problemática mais vasta, de dimensão comercial e política.

O último dos textos publicados em que é explícita a rivalidade entre as ordens religiosas é uma exposição de Collado a Filipe IV. Pela primeira vez é impresso um

²⁵⁴ *Señor. Las Religiones de santo Domingo, san Francisco, y san Agustin, dizen, que aunque el diuidir las Prouincias de Iapon en quatro partes, entre las quatro Religiones q alla estan, de la cõpañia de Iesus, san Francisco, santo Domingo, y san Agustin, dando a cada vna su parte, quedando los puertos comunes a todas las Religiones, les estaua bien para su comodidad particular ...*, s.l., s.i. [1627].

²⁵⁵ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, vol.2, pp.587-589.

²⁵⁶ Diego Collado, *Senõr: Fray Diego Collado de la Orden de S. Domingo, procurador de Japõn por la dicha su Orden. Dize que...*, s.i., s.l. [1627], s/n.

²⁵⁷ *Señor. Las Religiones de santo Domingo, san Francisco, y san Agustin, dizen,* s/n.

²⁵⁸ *Señor. Las Religiones de S. Domingo, S. Francisco y S. Agustin dezimos, que...*, s.i., s.l. s.d., s/n

²⁵⁹ *Ibidem.*

enumerado de artigos refutando, passo a passo, certas acusações que eram imputadas aos mendicantes pela Companhia de Jesus. O modelo segue a tipologia de textos manuscritos sobre a missão nipónica igualmente polémicos em que jesuítas e mendicantes se criticaram e se acusaram mutuamente: as apologias do trabalho da Companhia de Jesus redigidas por Alexandre Valignano²⁶⁰ e Valentim Carvalho²⁶¹, que surgiam como resposta defensiva mas também atacante, às acusações franciscanas de Frei Martin Aguirre de la Ascención²⁶² e de Frei Sebastião de São Pedro respectivamente. Mas ao contrário destes, Collado tinha dado à estampa o seu memorial no tempo próprio, tornando público o que já era bem notório. Na verdade, e no caso do documento redigido jesuíta Alexandre Valignano, Gil da Mata, figura destacada nas missões jesuítas do Oriente, teria mesmo desaconselhado a sua impressão²⁶³.

Na sequência da contenda entre ordens religiosas, de que a imprensa faz eco apenas no final, a posição dos mendicantes sai vitoriosa, tendo sido promulgado um breve pelo Papa Urbano VIII que retirava o exclusivo da missionação aos jesuítas, abrindo definitivamente o Japão e a China a todas as ordens missionárias.

«Este memorial se presentô a su Magestad el año de 1631 y se remitió a la junta del Presidente de Castilla, y Presidente de Portugal, i Indias, y outros Consejeros de aquellos dos Consejos; la qual se tuuo a 17 de Diziembre del dicho año: y en virtud de lo que por ella se consulto a sua Magestad, pidio a su Santidade el Breue que concedio a 22 de Febrero de año de 1633»²⁶⁴.

²⁶⁰ *Apología en la cual se responde a deversas calumnias que se escriuieron contra los P.P. dela Compañia de Japón, y de la China*. Uma versão manuscrita encontra-se na BA, 49-IV-58, 189fls. Pedro Lage Correia procedeu à transcrição do trabalho e ao seu estudo em *A Concepção de Missionação na Apologia de Valignano. Estudo sobre a rivalidade entre Jesuítas e Franciscanos no Japão (1587-1597)*, dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000 [texto policopiado].

²⁶¹ O título do manuscrito de Valentim Carvalho é *Apología e reposta a hum tratado feito pello P. Frei Sebastião de S. Pedro da Ordem de S. Francisco que se intitula Recopilação das causas por que o Emperador de Japão desterrou de seus reynos todos os Padres*. Foi publicado sob o título *Apologia do Japão*, introdução e tradução de José Eduardo Franco, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2007. O manuscrito encontra-se na BL, ms na Bibl Vittorio Emanuele, *Fondo Gesuitico*, 1469. Aqui encontra-se compilado o texto de Frei Sebastião seguido da resposta de Valentim Carvalho.

²⁶² *Tratado que os religiosos de S. Francisco espalharam em Goa em Baaçam no ano de 1598 contra os Padres da Companhia de Jesus que andam na conversão do Japão* citado a partir de *Apologia do Japão*, tradução e introdução de José Eduardo Franco..., p.20.

²⁶³ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, vol. 1, p.245.

²⁶⁴ Diego Collado, *Senõr. Fray Diego Collado de la Orden de Predicadores digo: Que aunq<ue> sie<m>pre he procurado guardar toda modestia Religiosa y Christiana, en los negocios que aqui y en Roma trato a cerca de la conseruacion, y aumento de la Fè, y paz de sus ministros en los Reynos del Iapon y los demas de infieles vezinos a el...*, s.i., s.l., 1633..

Para esta decisão, mais do que a rivalidade entre as ordens religiosas, o que estava em causa era a proposta do Conde de Olivares, valido de Filipe IV, de união dos dois impérios sob uma jurisdição única que era objecto de discussão no Conselho das Índias. Pretendia-se criar um eixo que unisse sob a mesma autoridade político-religiosa Malaca, Macau, Manila e Maluco, dando origem a uma política concertada e a uma optimização dos recursos. Tratava-se de criar uma frente unida para fazer face aos rivais ingleses e holandeses que concorriam naquelas paragens²⁶⁵. Em Madrid a questão foi sendo debatida, com a oposição generalizada do Conselho de Portugal apoiado pelos missionários do Padroado Português.

Se à primeira vista é compreensível que os religiosos afectos ao Padroado continuassem a defender a sua exclusividade no Japão, esta atitude já não tem por objectivo a missão nipónica – de onde missionários e comerciantes haviam já sido expulsos –, mas antes a China²⁶⁶. A verdade é que, quanto a complexo processo, não é fácil aferir o contributo dos textos impressos para a decisão final que acabaria por beneficiar os mendicantes em detrimento dos jesuítas. Afinal, estes tinham tido uma dinâmica editorial esmagadoramente superior à dos seus opositores...

A oposição entre jesuítas e mendicantes tem ainda de ser enquadrada no contexto das disputas entre impérios. Como atrás se afirmou, a rivalidade entre as ordens missionárias no Japão foi sempre concomitante à rivalidade comercial e política. Esta característica deve-se ao facto de os jesuítas terem desembarcado no Japão graças aos mercadores portugueses de quem, aliás, dependiam. A presença da Coroa no território era informal e a resolução das contendas entre a comunidade de mercadores portugueses residente em Nagasaki cabia ao capitão da nau do trato ou, na sua ausência, ao bispo do Japão. Quando os mendicantes entraram no arquipélago pela mão dos mercadores castelhanos (1593), trouxeram consigo, para além do conflito entre os respectivos direitos de padroado, a questão da nacionalidade pois, tal como os jesuítas, estavam dependentes dos comerciantes castelhanos e dos seus interesses, os quais, naturalmente, se opunham aos portugueses.

²⁶⁵ Sobre o desenvolvimento desta proposta veja-se Rafael Valladares, *Castilla y Portugal en Asia (1580-1680). Declive Imperial y Adaptación*, Louvain, Leuven University Press, 2001.p.47-63.

²⁶⁶ Sobre a rivalidade entre ordens missionárias na missão da China na década de 1630 e as iniciativas de mendicantes no território veja-se Liam Matthew, *Journey to the East. The Jesuit Mission to China, 1579-1724*, Cambridge Ma – Londres, Havard University Press, 2007, p.102 e ss.

Referindo-se ao período do estabelecimento dos franciscanos no Japão, Oliveira e Costa fala em disputa «luso-espanhola». Em concreto, o historiador refere o pedido do bispo D. Pedro Martins ao Geral em Roma para que procurasse evitar a entrada no Japão de jesuítas castelhanos, sublinhando o mal-estar entre os religiosos portugueses e espanhóis após o martírio de 1597²⁶⁷. Valladares, por seu turno, refere ainda o empenho dos jesuítas portugueses, na viragem para seiscentos, no enraizamento na memória colectiva da identificação entre os jesuítas de Portugal e o Estado da Índia e, em paralelo, dos jesuítas castelhanos relativamente ao protagonismo dos seus compatriotas na evangelização na Ásia²⁶⁸. De acordo com este autor, assim deve ser compreendida a *Historia de las misiones de la Compañia de Jesus* do jesuíta castelhano Luis de Guzmán, texto publicado em 1601. Este texto, porque redigido por um religioso de nacionalidade castelhana, relegava para um segundo plano o papel da Coroa de Portugal na evangelização do Estado da Índia, valorizando ao contrário a importância castelhana. Daí que o religioso fizesse coincidir a história da missão no Estado da Índia com a chegada ao território de Francisco Xavier, jesuíta basco²⁶⁹.

Nesta ordem de ideias, no ano de 1600 foram publicadas duas biografias de Francisco Xavier. Uma delas foi editada em Lisboa e dedicada a D. Catarina de Bragança figura tutelar na influência da política portuguesa junto da corte de Madrid²⁷⁰. Outra, uma tradução da obra de Horatio Torsellini editada em Roma (1593), e agora impressa em Valladolid, dedicada a D. Margarida de Áustria, mulher de Filipe III²⁷¹. Com excertos exactamente iguais, as dedicatórias referem o atrevimento do respectivo

²⁶⁷ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, vol. 2, pp.581- 592. Liam Matthew Brockey também refere as rivalidades nacionais entre jesuítas na missão da China. Liam Brockey, *op. cit.* pp.102-103.

²⁶⁸ Rafael Valladares, *op. cit.*, pp.30-33.

²⁶⁹ Luis de Guzmán, *Historia de las misiones que han hecho los religiosos de la Compañia de JESUS, para predicar el Santo Evangelio en los Reynos de Japon, Compuesta por el Padre Luis de Guzman de la misma Compañia. Primera parte; en la qual se contienen seis libros de los principios, y progressos, que han tenido las Misiones en diversos Reynos de las Indias, y las cosas notables, que en ellas sucedieron, y de la entrada en el Reyno de la China, e el Japon, dirigida a D. Anna Felix de Guzman*, Alcalá, viúva de Juan Gracián, 1601. Do mesmo autor no mesmo ano ainda foi publicada a segunda parte do texto: *Historia de las misiones que han hecho los Religiosos de la Compañia de Iesvs, para predicar el Sancto Evangelio en los Reynos de Japon. Compuesta por el Padre Lvis de Guzman, Religioso de la misma Compañia. Segvnda Parte en la qual se contienen siete libros, con los quales se remata la Historia de los Reynos de Japon hasta el año de mil seiscentos Dirigida a Doña Ivana de Velasco y Aragon*, Alcalá, viúva de Juan Gracián, 1601.

²⁷⁰ João de Lucena *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizerão na India os Religiosos da Companhia de Jesu*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.

²⁷¹ Horatio Torsellini, *Vida del P. Francisco Xavier de la Compañia de Iesvs primero Apostol del Iapon, y segundo de la India, y de otras Prouincias del Oriente. Escrita en Latin por el P. Horacio Turselino y traduzida en Romance por el P. Pedro de Guzman de la misma Compañia*, Valladolid, Juan Godinez de Millis, 1600.

autor em dedicar a obra a tão alta individualidade, o que fazia motivado pela necessidade de retribuir os favores que a esta havia prestado à Companhia de Jesus. Porém, Margarida da Áustria, talvez por ser a rainha da Monarquia Católica e certamente pela pública protecção que dispensava aos jesuítas, granjeava mais elogios:

«las obligaciones, en que la persona de V.M. há hecho à los de nuestra Copañia acrecentandolas cada dias mas, todo el mundo las ve, y las sabe: assi no tengo yo para que cansar V.M. com repetirlas aqui»²⁷².

A somar às dedicatórias e aos locais de impressão, os títulos também materializam de forma ainda mais flagrante as tendências nacionais. Na edição de Lisboa, redigida por João de Lucena, o título da obra é *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais Religiosos da Companhia de Jesu*. Nem o Japão é referido nem o facto de ter sido um dos primeiros a evangelizar a Índia são referidos. Na tradução do jesuíta castelhano Pedro de Guzman, editada na corte de Madrid e que tinha como título original *De vita Francisci Xaverii qui primus è Societate Iesu in India, & Iaponia evangelium*²⁷³, este é alterado de maneira a apresentar Francisco Xavier como o «primero Apostol del Japon, y segundo de la India». Ao proceder a esta adulteração não se duvida que o objectivo do tradutor era enaltecer o seu compatriota Francisco Xavier, tipo de atitude já referenciada, como se referiu, por Valladares e João Paulo Oliveira e Costa.

Em face do agravamento das disputas entre ordens religiosas, o problema da rivalidade luso-castelhana entre jesuítas poder-se-ia ter agravado. Tal não aconteceu porque, como afirma Oliveira e Costa, foram progressiva e propositadamente deixando de ser enviados jesuítas castelhanos para a missão do Japão com o objectivo de reduzir ao mínimo a conflitualidade existente.

No entanto, a recolha de obras referentes ao Japão não nos permite ir mais longe neste raciocínio. Em face do agravamento das disputas entre ordens religiosas, com o decorrer do tempo o problema da rivalidade luso-castelhana poderia ter-se agravado, o

²⁷² Dedicatória redigida por Pedro de Guzman in Horation Torsellini, *op. cit.*, fl.iii. Cf. João de Lucena, *op.cit.*, fl.viii.

²⁷³ *Horatii Tursellini e Societate Iesu, de vita Francisci Xaverii qui primus è Societate Iesu in India, & Iaponia evangelium promulgavit. Cum privilegio Summi Pontificis*, Roma, Tipografia Gabiana, 1594.

que não aconteceu, segundo Oliveira e Costa porque no início do século XVII progressivamente deixaram de ser enviados jesuítas castelhanos para a missão do Japão²⁷⁴. Apesar de os textos impressos nada adiantarem sobre a matéria, o certo é que predominaram as publicações redigidas por jesuítas portugueses apesar de alguns castelhanos redigirem textos publicados em momentos críticos. É o caso de Pedro Morejon que escreveu um texto sobre a perseguição de 1614 – texto que seria impresso em Roma, Saragoça e Lisboa – e um outro acerca das perseguições que seguiram até 1619 – impresso em Lisboa. Morejon foi determinante na gestão das notícias sobre a missão nipónica, manuscritas e impressas: vivera grande parte da sua vida entre o Japão e Macau, tinha talento para a escrita e para identificar os aspectos políticos que condicionavam a vida da missão. O seu prestígio foi de tal ordem que acabaria por ser nomeado procurador jesuíta da causa dos mártires, sendo sempre apontado como um autor fidedigno²⁷⁵. No ano de 1633, o jesuíta português Matias de Sousa, numa compilação de notícias sobre os desenvolvimentos na missão nos anos de 1629 e 1630, justificava o valor do seu texto redigido em Madrid por ter sido redigido com base em «relaciones autenticas, parte manuscritas, parte impressas; las vnas, y las otras dignas de fee: porque las manuscritas son de los Padres que estan dentro del Iapon, y las impressas demas de ser sacadas destas, sō escritas por el P. Pedro Morejon, cuya autoridade no necessita de apoyo»²⁷⁶.

Para além de Morejon, há outras referências castelhanas a assinalar. Dos relatos jesuítas publicados sobre os grandes martírios de 1622, acontecimentos que vieram a estar na origem da expulsão dos mercadores castelhanos, o mais extenso ficou a dever-se a Garcia Garces²⁷⁷. Em 1628, num momento em que se disputavam os primeiros mártires do Japão beatificados, é impresso um excerto de uma carta do jesuíta

²⁷⁴ João Paulo Oliveira e Costa, *op. cit.*, vol. 2, p.592-593.

²⁷⁵ Sobre o protagonismo de Pedro Morejon veja-se Eduardo Javier Alonso Romo, *op. cit.* pp. 1551-1572.

²⁷⁶ Matias de Sousa, *Compendio De Lo Svcedido En El Iapon Desde la Fvndacion de aquella Christiandad. Y relacion de los Martires que padecieron estos años de 1629. y 30. Sacada de las cartas que escriuieron los Padres de la Compañia que alli assisten. Dirigida al Ilvstrmo Y Rmo Señor D. Cesar Monti, Patriarca de Antioquia, Arçobispo de Milan, Nuncio y Coletor general de N.S.P. Vrbano VIII en los Reynos de España*, Madrid, Imprenta del Reyno, 1633, s/n.

²⁷⁷ Garcia Garces, *Relacion de la persevcion qve hvvo en la iglesia de Iapon. Y de los insignes martires que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622. Por el Padre Garcia Garces de la Compañia de Iesus, antiguo ministro del Santo Euangelio en aquella Christiandad*, Madrid, Luis Sanchez, 1625.

castelhano Pedro Gomez sobre o martírio de 1597²⁷⁸. O facto de a Companhia de Jesus publicar autores castelhanos leva a concluir que o problema da nacionalidade, embora se tenha reflectido pontualmente na imprensa, era de segunda ordem.

O centro da rivalidade era, de facto, a disputa de jurisdições entre as ordens religiosas, que se materializava no uso estratégico da temática do mártir. Tornando-se uma arma de propaganda, os mártires foram colocados ao serviço da rivalidade entre as ordens, pois ao celebrar e reclamar a qualidade legítima dos seus mártires, os missionários reclamavam o prestígio da sua própria congregação. Os acontecimentos no Japão alimentaram essa rivalidade com particular destaque.

4.5. *Em Demanda da Santidade*

A beatificação e a canonização tornaram-se um dos mecanismos através dos quais Roma procurava impor o seu triunfo – «o santo com o seu exemplo, o seu perfil modelar moral e doutrinal, o heroísmo da sua ascese, vai ser o estandarte de um movimento de promoção da ortodoxia que posteriormente se concretiza no programa do Concílio de Trento»²⁷⁹. De facto, em 1563, na 25ª sessão do Concílio de Trento, a Igreja Católica tratara da «Invocação dos santos, da invocação, veneração e das relíquias dos santos e das imagens sagradas». Afirmara então que os santos, que «reinavam juntamente com Cristo, ofereciam as suas preces a Deus pelos homens», sendo por isso desejável a invocação e a veneração dos santos²⁸⁰.

No seguimento da renovação do Catolicismo e para responder ao ataque protestante contra a veneração de relíquias e de santos, em 1588 o Papa Sisto V estabeleceu a Sagrada Congregação dos Ritos e das Cerimónias. Logo nesse ano, Roma declarava santo o missionário franciscano Diego de Alcalá; tinha passado mais de meio século desde a última canonização pela Cúria. Este gesto era não só um acto de afirmação face ao Protestantismo, mas também, além de uma maior disciplina, rigor e

²⁷⁸ *Breve Raggvaglio Del Glorioso Martirio Di Trè Religiosi Della Compagnia Di Giesv, Paolo Michi, Giouanni Goto, Giacomo Quisai, martirizati nel Giappone; et posti nel numero de Santi Martiri da N.S. Papa Vrbano VIII. Alli 15. Settembre 1627*, Roma-Bolonha, Reuer. Camera Apostolica, 1628.

²⁷⁹ Carlota Miranda Urbano, *Santos e Heróis. A Épica Hagiográfica Novilatina e o Poema «Paciedos» (1640) de Bartolomeu Pereira*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 2004 [texto policopiado], p.189.

²⁸⁰ *The Canons and Decrees of the Council of Trent*, traduzido por H.J. Schroeder, Illionois, Tan Books and Publishers, 1978, p.215.

controlo da Igreja perante a realidade anterior a Trento, uma tomada de posição quanto à definição do «sagrado»²⁸¹. A partir desta data, e até 1662, a Igreja canonizou 12 indivíduos²⁸². Mas em simultâneo, esta Igreja que valorizava dos seus santos procedeu à depuração dos cultos devocionais, procurando certificar-se dos que suscitavam dúvidas. O movimento dos bollandistas, assim designado dado o papel do Padre Bolland no estudo crítico das fontes hagiográficas, teve as suas origens naquela política de controlo, acabando por transformar a hagiografia numa ciência historiográfica, promovendo a hermenêutica das fontes e a recuperação da «verdade histórica»²⁸³.

Os textos impressos missionários têm de ser enquadrado nesta especificidade do Barroco de «tempo dos santos em vida (em carne ou em memória)»²⁸⁴; foram um instrumento de um processo que visava a canonização dos mártires do Japão. Todas as ordens embarcaram neste projecto de construção de um processo que se inicia com a execução e que tem por último objectivo da santidade pela Cúria Romana. Deste modo, os missionários consideraram a primeira execução de cristãos em 1597 como martírio, designação-chave mantida em toda a narrativa dos religiosos publicada em Seiscentos. Ao mesmo tempo que faziam circular casos e exemplos de martírio através da palavra escrita, as ordens religiosas iniciavam o processo de beatificação.

A qualidade de santo implicava condições essenciais. O mártir, um dos arquétipos de santo mantido pela igreja no período moderno, tinha de obedecer a certos requisitos. Tal como se afirmou no capítulo anterior, a sua virtude passava por heroísmo e capacidade de entrega ao sofrimento, que pressupunha estar imbuído de uma força sobrenatural. A narrativa missionária foi ao encontro destes ideais, associando aos executados no Japão os atributos de mártir.

Já a elevação do mártir a santo pressupunha maiores exigências ainda. A santidade, não sendo exclusiva do Cristianismo, tem neste caso a particularidade de «que os santos são não só gente extremamente virtuosa, mas também eficazes mediadores de Deus em prol dos vivos; gente mais poderosa e válida quando morta do

²⁸¹ Peter Burke, “How to Be a Counter-Reformation Saint” in *Religion and Society in Early Modern Europe 1500-1800*, Kaspar von Greyerz (dir), Londres, German Historical Institute, 1984, pp.46-53.

²⁸² *Idem*, p.49.

²⁸³ Carlota Miranda Urbano, *op. cit.*, p.190. Maria de Lurdes Rosa, «Hagiografia e Santidade» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.326-361.

²⁸⁴ R. Po-Chia Hsia, *op. cit.*, p.105.

que viva»²⁸⁵. Porém, a qualidade de santo nunca correspondeu a uma definição inequívoca e estanque no tempo, pois a sua (re)formulação resulta de «contextos sociais, religiosos, culturais e históricos precisos»²⁸⁶. No período da Contra-Reforma, a interferência dos poderes sobrenaturais confirmados por testemunhas fidedignas era um dos aspectos examinados no processo. Tinha de haver sinais exteriores visíveis dessa interferência, fossem sinais cósmicos ou fosse o facto de o acontecimento ter suscitado de imediato um movimento espontâneo de veneração. Esta ocorrência do milagre fora rejeitada pelos protestantes, o que levava a Cúria a reconsiderá-la. Optando por não abandonar este requisito de santidade, introduziu no processo uma política de rigor que passava pela análise detalhada dos alegados acontecimentos.

Como é próprio da cultura e da espiritualidade do Barroco, o tema do martírio é dominado pela descrição de experiências místicas e da ocorrência de fenómenos maravilhosos, reforçando a qualidade martirológica dos cristãos do Japão, conferindo singularidade à missão e sendo considerada uma graça divina. São assim referidos certos prodígios no espaço celeste: luzes, resplandores, estrelas, ou bolas de fogo:

«Refieren los Christianos moradores de Cuchinotzu [Kochinotsu], que para mostrar Dios nuestro Señor, quan grande le fue el sacrificio de estos sus grandes sieruos, há querido honralos, como a alguños martyres antiguos, com luzes, y resplãdores que varias vezes aparecieron sobre el lugar del martyrio, ya como estrella, ya como vn grande globo de juego, que se repartia despues en otros muchos, *que* luego boluiã los resplandores a subirse azia arriba»²⁸⁷.

Mas não era só no céu que aconteciam maravilhas; os próprios corpos dos executados davam sinais da sua ocorrência:

«Metierõ el dia siguiente el santo cuerpo en vn ataud, que para este efecto lleuarõ los Christianos: y estãdo muchos haziendo oraciõ delate del, afirma que abriò los ojos de repente, mirado al cielo; y despues de vn buen rato los cerro, sin verse en el outro señal

²⁸⁵ Peter Burke, *op. cit.*, p.45-46.

²⁸⁶ Carlota Miranda Urbano, *op. cit.*, p.42.

²⁸⁷ Assinala-se a título meramente indicativo, Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion...*, fl. 235. Ou ainda Luís Pinheiro, *op. cit.* fl.5 a 12.

de vida, lo qual interpretauã ellos, que el Santo cõ esta demonstraciõ, les daua a entender, *que acõpañaua la oraciõ que haziã por la paz de la Iglesia*»²⁸⁸.

O facto de a primeira execuçaõ de 1597 ter sido logo denominada de martírio, teve uma dupla consequência. Primeiro, as ordens religiosas iniciaram de imediato o processo de beatificaçaõ. Os franciscanos encarregaram Marcelo Ribadeneira do processo. O missionário encontrava-se no Japão à data do martírio, tendo sido expulso por Toyotomi Hideyoshi, juntamente com os restantes frades que tinham escapado à crucificaçaõ. Munido de provas, o missionário foi enviado à Europa para reportar ao monarca Filipe II de Espanha e ao Papa Clemente VIII os acontecimentos e iniciar o processo de reconhecimento da santidade dos mártires. A intervençaõ de Ribadeneira arrastou-se por vários anos, pois em 1610 o comissário geral das Índias escrevia ao presidente do Conselho das Índias recomendando a petiçaõ do procurador da província de San Gregório para que fosse dada uma esmola a Ribadeneira de modo a que este pudesse viajar até Roma com vista a «tratar da beatificaciõ de los mártires del Japon»²⁸⁹.

Por seu lado, o franciscano Juan de Santa Maria construiu a respectiva narrativa sobre o acontecimento que, como se viu, seria estrategicamente publicada em Madrid e Roma e dedicadas respectivamente a Filipe III e ao Papa Clemente VIII²⁹⁰. O texto enuncia sinais premonitórios e milagres. Remontavam esses sinais até dois anos antes de ocorrer a execuçaõ de 1597 coincidindo com o momento em que o galeão de S. Filipe se dirigia ao Japão. Tinham ocorrido, então, violentos tremores de terra derrubando importantes templos budistas, sinal de que o budismo seria destruído com a chegada dos franciscanos²⁹¹. Depois, caíra no Miyako uma chuva cinzenta que ao

²⁸⁸ Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China...*, fl. 20.

²⁸⁹ «Carta del Rmo. P. Bernardo Salvá, comisario general de India, al presidente del Consejo de India, recomendándole la peticiõ de cierta limosna hecha por el P. Pedro Matías de Andrade, procurador de la provincia de san Gregorio, para poder enviar a Roma al P. Marcelo de Ribadenria a trata la beatificaciõ de los mártires del Japõn» in *AIA* 13 (1920), pp.103-104.

²⁹⁰ Juan de Santa Maria, *Relacion del Martirio que seys Padres Descalços Franciscos, e veynte Iapones Christianos padecieron en Iapon. Hecha por Fr. Iuan de Santa Maria, Prouincial de la prouincia de S. Ioseph de los Descalços. Dirigida al Rey nuestro S. don Felipe III, Varez de Castro, Madrid, 1599. Relatione del Martirio, Che Sei Padri Scalzi Di San Francesco, et venti Giapponesi Christiani partirono nel Giappone l'anno 1597. Scrita dal R. P. Fra Gio. Di Santa Maria Prouinciale della Prouincia di S. Gioseppe de gli Scalzi, tradotta dalla lingua spagnuola nella Italiana, per ordine del R. P. Fra Gioseppe di Santa Maria Custode di detta Prouincia per il Capitolo Generale. Dedicata alla Sta di N.S. Clemente VIII, Roma, Nicola Muzi, 1599. Ao longo do trabalho foi citada a ediçaõ castelhana.*

²⁹¹ Juan de Santa Maria, *op. cit.*, fl.169v-170.

embater na terra se tornara vermelha. Tal acontecimento era a premonição de que os religiosos franciscanos, de hábito cinzento, derramariam o seu sangue²⁹². Na mesma altura, tremores de terra tão violentos provocaram uma onda de destruição que não deixou ninguém incólume a não ser as casas e residências dos padres, frades e cristãos nipónicos²⁹³. Já após a execução ocorreram então os milagres testemunho da santidade dos mártires: terão surgido cruces desenhadas no céu e colunas (símbolo de força e constância) de fogo a assinalar o local do suplício, os corvos não terão mostrado nenhum interesse pelos corpos, o sangue manteve-se sempre fresco e os corpos apresentavam-se incorruptíveis.

Francisco Peña, auditor do Tribunal da Rota que certificou o martírio de 1597, acrescentava que estes milagres eram semelhantes a outros já ocorridos e que «los Doctores Sãtos y la santa Yglesia las han contado y propouesto como milagros significatiuos de la santidad de aquellos, por cuya causa acõtecierõ»²⁹⁴. Maior importância tem a tomada de posição de Francisco Peña dado o facto de ter sido considerado um defensor do controlo absoluto dos cultos devocionais, tendo até proibido toda e qualquer manifestação devocional sem a aprovação da Cúria Romana²⁹⁵. Nos antípodas deste discurso, encontra-se o texto do jesuíta Luis Fróis, que não menciona nem sinais premonitórios nem milagres. Apesar de ter sido o jesuíta e bispo do Japão D. Pedro Martins um dos responsáveis pela certificação de que a execução de 1597 tinha sido de facto um martírio, o texto de Fróis representava a posição oficial da Companhia de Jesus. De facto, a qualidade dos martírios não recolhia unanimidade. Quando em 1598 o novo bispo do Japão D. Luís Cerqueira chegou ao Japão, reuniu em sínodo no qual, entre outros assuntos, foi debatida a questão dos alegados milagres que teriam ocorrido aquando do martírio de 1597²⁹⁶. Desta reunião resultou um documento que contém a afirmação de que os testemunhos de japoneses, e até jesuítas, eram falsos²⁹⁷. Ou seja, o bispo não se deixou levar pelo discurso do milagre, gesto que, tal

²⁹² *Ibidem*, fl. 168v.

²⁹³ *Ibidem*, fl.169-172v.

²⁹⁴ Francisco Peña citado a partir de *ibidem*, fl.212.

²⁹⁵ Julio Caro Baroja, *Las Formas Complexas de la Vida Religiosa. Religión, Sociedad y Carácter de los Siglos XVI y XVII*, vol.I, Barcelona, Galaxia Gutemberg – Cículo de Lectores, 1995, pp.115-116

²⁹⁶ J. Lopez-Gay, «La Consulta «ad modum synodi di Nagasaki» in *Ecclesiae Memoria Miscellanea in onore del R. P. Josef Metler, OMI, Prefetto dell' Archivio Segreto Vaticano*, 1991, pp.251-266.

²⁹⁷ «Asunto que se tomó por varones theologos y pios, y Sentencia que dio el Señor Obispo de Japón acerca de ciertos milagros que se van publicando, y de un Sumario de testigos que sobre este se sacó», *Jap. Sin.* 31, ff. 206-231v, que se encontra no Archivo Romano della Compagnia, citado a partir de Lopez Gay. *Ibidem*.

como frisa Lopez Gay, ia ao encontro do rigor tridentino, e que aponta também para a instrumentalização da execução pelos franciscanos para efeitos de prestígio da sua ordem.

Mas esta ausência de consenso entre ordens missionárias em relação aos milagres de 1597 acaba por desaparecer dos textos e a interpretação franciscana é depois aproveitada pela própria Companhia de Jesus. Aliás também os jesuítas entram no processo de “fabricação” da santidade. Po-Chia Hsia mostra-o, por exemplo, a propósito de Inácio de Loyola. A Companhia de Jesus fizera circular imagens de Loyola com uma auréola e textos em que lhe era atribuído visões²⁹⁸. Este tipo de narrativa era completamente contrário ao espírito da Contra-Reforma que proibia os cultos não sancionados pela Igreja. Porém, ia ao encontro das estratégias de promoção das ordens religiosas. A Companhia também viria a alterar a sua atitude relativamente aos primeiros executados no Japão. Em 1622 a propósito da celebração da canonização de Francisco Xavier, os três jesuítas executados de 1597 surgem publicitados juntamente com outras personalidades ilustres da Companhia de Jesus, o que foi justificado pelo facto de serem mártires. O propósito era enaltecer o que a Cúria estava renitente em confirmar, a sua santidade:

«L’Eglise a toujours faict tant de cas des Martyres, qu’elle n’a pas coustume de les Canonizer, ains seulement les declarer tels, apres auoir fait enquete sur la façon, & cause de leur mort»²⁹⁹.

Esta afirmação de um jesuíta vai ao encontro do estudo de Peter Burke que defende que no período da Contra-Reforma o mártir era o último dos sete arquétipos de santos existentes no período. O primeiro era o fundador da ordem religiosa, seguido, por esta ordem, do reformador, do místico, do bispo, do missionário, do caridoso, e só então do mártir. Estas duas últimas categorias foram sempre de menor significado para a Igreja da Contra-Reforma³⁰⁰.

²⁹⁸ R. Po-Chia Hsia, *op. cit.*, p.129.

²⁹⁹ “Quelques Martyrs de la Compagnie de Iesus: Paul Michi, Jacques Chisai et Jean Degoto.” Pierre d’Outreman, *Tableaux Des Personnages Signalés De La Compagnie de Iesus. Exposez En La Solemnité de la Canonization des SS. PP. Ignace, et François Xavier Par vn Pere de la mesme Compagnie*, Lion, 1627, pp.473 a 475.

³⁰⁰ R. Po-Chia Hsia, *op. cit.*, p.122-125. Cf. Peter Burke, *op. cit.*, pp.50.-51.

A documentação manuscrita é ainda mais explícita a denunciar o envolvimento imediato das diferentes ordens missionárias na construção de processos de santidade. Todas as ordens arrolaram mártires, recolheram testemunhos, e até chegaram a sancionar mártires das ordens rivais, fizeram seguir informações várias e nomearam procuradores em processos que eram reunidos sobretudo em Macau para, depois de completos, seguirem para Roma. Toda esta vasta documentação manuscrita reporta-se ao processo de canonização em si mesmo³⁰¹.

O contributo do texto impresso para a promoção de santos terá sido de ordem secundária. A impressão de notícias pelas ordens missionárias facultou, é certo, uma sequência ininterrupta de relatos de martírios. Nesta primeira metade do século XVII, tomando como ponto de referência as cidades de Roma e Madrid (respectivamente, a sede do sagrado e a sede do poder político ibérico), registaram-se 112 textos impressos especificamente dedicados à martirologia, que iam desde as cartas ânuas dos jesuítas aos relatos dedicados aos grandes martírios sejam eles de autoria jesuíta ou dominicana, como foi o de 1622 em Kyūshū ou o de Edo em 1623³⁰². Porém, esta dinâmica contribuiu sobretudo para a construção de uma identidade martirológica com a qual cada ordem se identificava e de que tirava proveito para fins de propaganda. De alguma forma, mesmo que de modo secundário, tal facto deverá ter ajudado à beatificação dos 26 mártires de 1597, por Urbano VIII em 1627. Mas mais impacto nesta decisão da Cúria terá o empenho de Filipe IV, a partir de 1621, nas guerras que reiniciara na Europa, contra as Províncias Unidas e nos territórios do Sacro Império Romano, sob pretexto de repor a fé católica.

³⁰¹ Parte substancial da documentação encontra-se no Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma, *Jap-Sin*, 29 I-II, 39 1., 39 2., 39 3. Também na Real Academia de História, Madrid, *Jesuítas*, Legajo 22, fascículos, 4, 6, 10; Legajo 21, fascículo 9. Citado a partir de Josef Franz Schütte, *El «Archivo del Japon»*. *Vicisitudes del Archivo Jesuítico del Extremo Oriente y Descripción del Fondo Existente en la Real Academia de la Historia de Madrid*, Madrid, 1964.

³⁰² Os franciscanos contribuíram com uma única edição sobre a temática, com a publicação da carta enviada por Frei Diego de San Francisco ao Papa, *En vna carta que escriuió el Padre Fray Diego de san Frãçisco de la Orden de san Frãçisco Descalços, a nuestro y muy santo padre Paulo V*, s.l., [1619]. Os dominicanos tratam os martírios ocorridos em 1622 em *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila del medesimo Ordine*, Roma, Herdeiro de Zanneti, 1625. O jesuíta João Rodrigues Girão trata dos martírios de 1624, *Raggavaglio Dlle cose più notabili Occorse nella felicissima morte di Cento sessenta cinque fortissimi Martiri. Coronati nel Giappone l' Anno 1624. Hauuto per la presente Lettera scritta da quei paesi*, Roma, Clement Ferroni, 1628, enquanto Garcia Garces é responsável por um dos relatos dos sucessos 1622, *Relacion de la persecucion que hvvo en la iglesia de Iapon. Y de los insignes martires que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622. Por el Padre Garcia Garces de la Compañia de Iesus, antiguo ministro del Santo Euangelio en aquella Christiandad*, Madrid, Luis Sanchez, 1625.

Esta dinâmica editorial também deixa claro que os decretos de Urbano VIII que, regulamentavam os processos de beatificação e de canonização, assim evitando a proliferação de cultos e de devoções pouco credíveis, apenas surtiram efeito em textos publicados em Roma. Em 1625 o papa proibia todo o tipo de culto de gente que tivesse morrido com sinais de santidade, sem antes serem oficialmente consagrados como santos pela Cúria Romana. Proibia também a impressão de livros sobre a vida, milagres e revelações sem a prévia validação da Congregação³⁰³. Em 1631 Urbano VIII, endurecendo a sua posição, proibia o início de processos que tivessem desrespeitado as normas anteriores.

Em sequência, a denominação de «martírio» desaparece dos títulos dos textos impressos em Roma. Esta categoria fica reservada para os relatos que tratam dos primeiros mártires beatificados em 1627. Na súmula dos mártires executados nos anos de 1632 e 1633, o jesuíta Francisco Rodrigues, num formato que procura aproximar-se da tipologia do martirológico, propõe-se, contudo, respeitando as orientações da Cúria, catalogar os que «che furono tormentatii. E fatti morire nel Giappone per la fede di Christo»³⁰⁴. O título da relação do dominicano Aduarte fala do «molti che hanno patito con titolo di Christiani nel Giapone»³⁰⁵. A alteração de títulos da mesma obra noutros locais, com a inclusão do termo «mártir», comprova que as determinações papais nem sempre foram respeitadas. Assim o mesmo catálogo de Francisco Rodrigues editado em Madrid propõe-se tratar dos «religiosos da Companhia de Jesus, que foram martirizados no Japão pela fé de Christo». Já a versão castelhana do texto de Aduarte é impressa sob o título «Relacion de los Martyres qve ha avido en Iapon»³⁰⁶. Na maior parte dos locais da Monarquia Católica, a contenção em Roma cede à apologia martirológica.

³⁰³ Seguimos as informações de Carlota Urbano, Carlota Miranda, *op. cit.*, p.191 e ss.

³⁰⁴ Francisco Rodrigues, *Catalogo de' Religiosi della Compagnia di Giesv, che furono tormentatii. E fatti morire nel Giappone per la fede di Christo l'Anno 1632. e 1633. Cauato dalle Lettere annue, che sono arriuate quest'anno 1635. In Lisbona con la naue Capitana dell' India Orientali*, Roma, Francesco Corbelletti, 1636.

³⁰⁵ Diego Aduarte, *Relatione de molti che hanno patito con titolo di Christiani nel Giapone Dall' Anno 1626 fino 'a quello de 1628. & in particolare di sei di loro dellas Religione di S. Domenico, doi Sacerdoti spagnoli, e quatro laici Giaponesi. Raccolta da alcune, che hanno mandato di la à queste Isole Filippine alcuni Religiosi di varij Ordini; la quale manda la Prouincia della Madona del Rosario delle Filippine al moto Reu. Padre Prouinciale, e religiosi della Prouincia di Spagna*, Roma, Stefano Paolini, 1632.

³⁰⁶ Diego Aduarte, *Relacion de los Martyres qve ha avido en Iapon, desde el año de mil seiscientos y veinte y seis, hasta el año de veite [sic] y ocho, en particular de seis dellos de la Religiõ de S. Domingo, dos Sacerdotes Españoles, y quatro Legos Iapones, sin otros muchos, y familias enteras, q hã enviado de alla a estas Islas Philipinas algunos Religiosos de diferentes Ordenes. Que envia la Provincia de nuestra Señora del Rosario de Philipinas, al muy R. P. Provincial, y Religisos de la Provincia de España. Compuesta por el Padre Frai Diego Aduarte Prior del Convento de nuestro Padre Dancto Domingo de*

As autorizações de publicação revelam também os cuidados dos missionários junto da Cúria Romana. Num texto relativo ao ano de 1632, a autorização refere que o conteúdo das cartas anuas publicadas não colidia

«in niente alli Decreti ftti della Sacra Congregatione de' Riti, intorno alla Beatificatione, e dichiarazioni di i Martiri, ne meno di fare scalino, com la semplice narratione delle cose contenute in esse, per venir alla proua, che quelli serui d' Iddio, la cui morte si racconta, siano veri Martiri, ne meno all' autentichezza de i Miracoli»³⁰⁷.

Muito embora fosse evitado o uso explícito da palavra «mártir» os intervenientes são descritos como homens que se alegravam com a oportunidade de morrerem por Cristo³⁰⁸ e era sublinhado que tinham morrido numa sexta-feira, «morir l'istesso giorno, che Christo Signor nostro era stato crocifisso»³⁰⁹. No final, prevalece o discurso sobre o mártir³¹⁰. Qual a razão desta persistência? Na verdade, a política da santidade exigia patronos, e entre estes destacava-se a Monarquia Católica. Os santos Inácio Loyola, Francisco Xavier, Teresa de Ávila e Isidoro Labrador, todos canonizados a 12 de Março de 1622, tinham sido todos amplamente promovidos e súbditos da Monarquia Católica³¹¹.

No caso do Japão o patrocínio raramente é individual. Os mártires do Japão são invocados na imprensa enquanto entidade colectiva. Poucos são os textos cujo título se

Manila. Impresa en Sevilla, con licecia del señor Provisor, y del señor Alcalde Dõ Alõso de Bolaños, por Luys Estupiñan en la calle de las Palmas, Sevilha, Luís Estupiñan, 1632.

³⁰⁷ *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv, Roma, Francesco Corbelletti, 1632, s/n.*

³⁰⁸ Giovanni Batista Bonelli, Macau, 15 de Março de 1626, *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. ...*, fl.12.

³⁰⁹ *Ibidem*, fl.15.

³¹⁰ Assinalem-se outros exemplos: Matias de Sousa, *Compendio De Lo Svcedido En El Iapon Desde la Fvndacion de aqvella Christiandad. Y relacion de los Martires que padecieron estos años de 1629. y 30. Sacada de las cartas que escriuieron los Padres de la Compañia que alli assisten. Dirigida al Ilvstrmo Y Rmo Señor D. Cesar Monti, Patriarca de Antioquia, Arçobispo de Milan, Nuncio y Coletor general de N.S.P. Vrbano VIII en los Reynos de España, Madrid, Imprenta del Reyno, 1633.* Frei Gines de Quesada, *Relacion verdadera del martirio que dieron en el Iapon A veynte Y Nveve Martyres Religiosos del Orden del Serafico Padre San Francisco, Frayles, y terceros, niños, y mugeres, nueuamente conuertidos. De las persecuciones grandes que padecen los Christianos en aquel Reyno. Auisase tambien de la Embaxada que embió el Emperador Iapon al Virey de Mexico. Refiere se tambien el transito dichoso dee la santa Madre Geronima de la Assuncion, Fundadora de Descalços de santa Clara de la ciudad de Manila, tia del señor don Pededro [sic] Pantoja, alcade de la Real Audiencia de Seuilha. Y las solenes honras que los Cabildos de aquella Ciudad le hizieron, y otras cosas particulares, Sevilha, Simon Fajardo, 1633.*

³¹¹ R. Po-Chia Hsia, *op. cit.*, p.127.

refere a um missionário em particular: os dominicanos referem Alonso Navarrete, numa única edição³¹², e os agostinhos fazem o panegírico de Hernando de Ayala ou San José, «noble» e teólogo, que fora executado juntamente com o dominicano Alonso Navarrete³¹³. Em nenhum dos casos se apontam sinais de santidade, mencionando apenas os comportamentos exemplares de acordo com os padrões martirológicos. Por sua vez, os franciscanos, ao promoverem a beatificação do primeiro grupo de mártires do Japão, não especificaram individualidades. O martírio de Frei Luis Sotelo, que fora o promotor da embaixada franciscana à Europa em 1614-1615, a qual foi amplamente divulgada, não teve direito a qualquer destaque quando, anos mais tarde, foi executado no Japão (1624)³¹⁴.

São exceções os textos dedicados aos jesuítas Carlo Spinola e a Francesco Mastrilli, o primeiro martirizado em 1622, e o segundo em 1637. Quanto ao primeiro não foi feita qualquer menção a efeitos prodigiosos e apenas foi dito que tinha sido «morto per la santa fede»³¹⁵. Os tributos ao elogiado não iam mais longe do que a afirmação das qualidades de Spinola – se morrer por Cristo era uma riqueza, então, morrer depois de ter tido uma vida exemplar, era-o ainda mais³¹⁶. Spinola era da alta aristocracia de Génova. Filho dos condes de Tassarolo, o pai fora um destacado general ao serviço de Carlos V. Todos os seus cinco irmãos ocupavam importantes posições nas cortes europeias, correndo a Europa ao serviço, ora do imperador Carlos V, ora de Fernando I, ora de Rodolfo II, ou até de Filipe II de Espanha; outro chegara a cardeal pela mão do papa Gregório XIII. A proximidade da família Spinola aos centros de poder

³¹² *La Relatione del Martyrio del P. Frà Alonso Navarrete dell' ordine de' Predicatori, e del suo compagno Frà Ernando de S. Giuseppe dell' Ordine di S. Agostino, del Frà Pietro dell' Assunta dell' Ordine di S. Francesco, e del P. Gio Battista Tavora della Compagnia di Giesù*, Nápoles, Constatino Vitale, 1621.

³¹³ Fernando Becerra, *Relacion de el Martyrio del S.F. Hernando de S. Ioseph, en Iapon, y del S. F. Nicolas Melo en Moscouia, de la Orden nuestro P. S. Augustin. Ordenada por el P. F. Hernãdo Bezerra Prior del Conuento de Bulacan, por mandado de nuestro P. F. Alonso Barona Provincial da dita Prouincia. Dirigida al Illvstrissimo señor D. Iuan de Cuenca Obispo de Cadiz, del Consejo de su Magestad, &c.*, Cádiz, Juan de Borja, [1620].

³¹⁴ Juan Ruiz-de-Medina, *El Martirologio del Japón, 1558-1873*, Roma, IHSI, 1999, p.540.

³¹⁵ Fabio Ambrosio Spinola, *Vita Del P. Carlo Spinola Della Compagnia di Giesvù Morto Per La Santa Fede Nel Giappone Del P. Fabio Ambrosio Spinola dell'istessa Compagnia*, Roma, Francesco Corbellotti, 1628. A obra foi reeditada em Roma em 1630 e nesse ano foi traduzida em Antuérpia. Foi de novo publicada na versão italiana em 1638 e 1647. Carlo Spinola desempenhou por duas vezes o cargo de Procurador da Companhia no Japão. Sobre esta questão veja-se Daniele Frison «"El Officio de Procurador al qual tengo particular repugnância." The office of Procurator through the letters of Carlo Spinola» in *BPJS* 20 (2010), pp.9-70.

³¹⁶ Fabio Ambrosio Spinola, *op. cit.*, s/n.

poderá explicar o facto de terem sido publicados cinco textos sobre o jesuíta³¹⁷. A obra foi dedicada à família e nela é assumido o seu contributo financeiro para a Companhia³¹⁸. O redactor garantia à família que ganhara um protector no céu, e terminava com a esperança que «Il Signore per l'intercessione del suo seruo [Spinola, morto por Cristo], acenda ne' loro cuori [da família] le fiamme della sua carità»³¹⁹.

Não surpreende assim que o texto dedicado a Spinola tenha sido repetidamente publicado em Roma: uma primeira edição em 1628, depois em 1630, de novo em 1638 e, por fim, em 1647. Este facto, para além indiciar a proximidade dos poderes religioso e político, parece apontar também para o exercício de pressão por parte da Companhia de Jesus junto da Cúria Romana para que esta reconhecesse a santidade do seu religioso.

Sobre Francesco Mastrilli foram publicadas seis biografias distintas, que completam um total de 17 edições, publicadas entre 1637 e 1645³²⁰. Este religioso também era filho de uma importante família aristocrata, os marqueses de Mastrilli de Nápoles, sendo que esta cidade, ao contrário de Génova que era uma república de mercadores, se encontrava sob o domínio político da Monarquia Católica. Assim, neste caso concreto, a Companhia de Jesus tinha um canal de ligação acrescida a Roma, por via da representação diplomática dos Áustria na Cúria. Talvez por isso os textos sobre Mastrilli tenham sido objecto de uma divulgação ainda mais ampla, tendo conhecido 15 edições. Mas, ao contrário do texto sobre Spinola, nenhuma delas foi impressa em Roma e quatro foram impressas em Madrid. Todas elas foram publicadas depois de Urbano VIII ter colocado o culto de santos na estreita dependência da Cúria Romana. Na biografia da autoria de Nieremberg, este alertará para o facto de a palavra santo ser aí utilizada em sentido comum, não traduzindo ela o reconhecimento da santidade de Mastrilli por parte da Cúria:

³¹⁷ Todas estas obras foram redigidas por Fabio Ambrosio Spinola. Tiveram três edições em Roma, nos anos de 1628, 1630 e 1638; uma outra edição italiana em Bolonha (1647), e por fim uma reedição latina em Antuérpia em 1630.

³¹⁸ Sobre as necessidades de financiamento da Companhia veja-se o estudo recente de Olwen Hufton, «Every Tub on Its Botton: Funding a Jesuit College in Early Modern Europe» in *The Jesuits II. Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*, John W. O'Malley, Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris, e T. Frank Kennedy (dir.), Toronto – London, University of Toronto Press, 2006, pp.5-23.

³¹⁹ Fabio Ambrosio Spinola, *op. cit.*, s/n.

³²⁰ Mastrilli foi biografado pelos jesuítas Inácio Stafford, Leonardo Cinami, Juan Eusebio Nieremberg e Nicolau da Costa, em edições que se estenderam entre 1637 e 1645. Registou-se ainda uma outra obra redigida por um eclesiástico residente em Saragoça, em 1639.

«Protestacion del Autor el Padre Iuan Eusebio Nieremberg. Qvanto en este Libro escriuo, asi del P. Marcelo Mastrilli, como de otras personas de singular virtud, lo sujeto à la correccion de la Santa Sede Apostolica: ni pretendo mas credito que el que se debe à vna cuidadosa diligencia y fe humana, que es falible; y asi la calificacion de todo la remito à quien solo puede darla, que es el Summo Pontifice. Las palavras santidad y santo, y otras semejantes, si se toparen, las entiendo en el sentido comun, sin que por ellas, y por todo lo que escriuo sea visto preuenir el juizio de la Iglesia que califica las verdaderas santidades, al qual me sujeto en todo»³²¹.

Embora se afirmasse que se escrevia em conformidade com as determinações da Cúria Romana, a verdade é que o conteúdo das obras colidia claramente com a interdição papal; toda a narrativa sobre a vida de Mastrilli gira em torno do maravilhoso e do milagre. A respeito do tratamento jesuíta a Mastrilli, Elison já frisou a importância da «arrebatadora imaginação barroca» na construção da sua imagem³²². De facto, o misticismo, a intercessão divina e o milagre dominam as diferentes biografias publicadas em homenagem de Mastrilli. Por exemplo, é referido que Mastrilli terá sido curado de uma grave ferida com recurso a uma relíquia de Franciscano Xavier, que chegara a Nagasaki rodeado de uma auréola, e que a terra tremera quando se entregara às autoridades. Esta associação entre o religioso e a santidade é claramente assumida na aprovação de uma das obras publicada:

«Manda-me V. A. Que vea la milagrosa vida y muerte del venerable Padre Marcelo Francisco Mastrilli, glorioso hijo de la Illustrissima Compañia de Iesvs, deducida de los processos que conducen a su Canoniçacion por el muy Reurendo Padre Iuan Eusebio...»³²³.

A propósito das biografias de Mastrilli, sublinhe-se ainda que uma delas é impressa em Lisboa em 1639, depois de mais de 15 anos sem que a Companhia

³²¹ Juan Eusebio Nieremberg, *Vida Del Dichoso y venerable Padre Marcelo Francisco Mastrilli, de la Compañia de Jesus, que murió en el Iapon por la Fè de Christo, sacada de los processos Autenticos de su vida y muerte. A Sv Alteza Del Serenissimo Principe nuestro Senõr Don Baltasar Carlos. La dedica, y mandó dar à la Estampa Don Geronimo Valle de la Cerda y Villanueva Cauallero de la Orden de Calatraua*, Madrid, Maria de Quiñones, 1640, s/n.

³²² George Elison, *op. cit.*, p.197-199.

³²³ Juan Eusebio Nieremberg, *op. cit.*, s/n.

publicasse o que quer que fosse sobre o Japão nesta cidade³²⁴. No ano seguinte uma outra é publicada Madrid sendo dedicada ao príncipe herdeiro, Baltasar Carlos, já jurado herdeiro da casa dos Áustrias. Os jesuítas jogavam assim em duas frentes, procurando influenciar os dois centros políticos com projecção em Roma. Anos mais tarde, a biografia editada em Nápoles é dedicada ao Cardeal Brancacci³²⁵, uma figura próxima do papa Urbano VIII, que fora elevado a cardeal em 1633 na sequência de um desentendimento entre o vice-rei de Espanha em Nápoles e Brancacci, na altura bispo de Nápoles. Para além da sua influência eclesiástica, a ligação de Brancacci à Companhia de Jesus era estreita – tinha sido educado no colégio jesuíta de Nápoles e fora a autoridade eclesiástica a autenticar a veracidade do milagre da relíquia de Francisco Xavier sobre Mastrilli³²⁶. Assim, esta dedicatória, como todas as outras, não só soleniza o texto, como pretende contribuir para o processo de “fabricação” de um santo. Porém, neste caso em concreto, a Companhia de Jesus não alcançou a sua pretensão.

Os textos impressos sobre Spinola e Mastrilli expressam os problemas, as reivindicações e as oportunidades que foram surgindo em torno da missão nipónica. Em primeiro lugar, o problema de proximidade do poder político. No seguimento do breve papal de 1633, os missionários da Companhia de Jesus das missões da Ásia encontravam-se sob a alçada da Monarquia Católica. A Companhia de Jesus perdera a exclusividade da missionação, o Japão fechara-se, mas a China representava ainda uma oportunidade. Em segundo lugar, a exigência da Companhia de Jesus se projectar, quer junto da Monarquia Católica, quer em Roma pois à medida que se avança no século XVII a Companhia vai perdendo terreno junto da Cúria Romana, até por acabar por ser dissolvida por decreto papal em 1773. Neste contexto, a missão nipónica com o seu exemplo de mártires podia alimentar, e alimentava, exemplos martirológicos edificantes capazes de alimentar uma propaganda urgente. Esta oportunidade mantinha-se quando a

³²⁴ A última obra publicada por jesuítas em Lisboa fora em 1624, *Relación Breve de los Grandes y Rigurosos Martirios que el año pasado de 1622. dieron en el Japon, á ciento diez y ocho ilustrissimos Martyres, sacada principalmente de las cartas de los Padres de La Compañia de Iesus que alli residen: y de lo que han referido muchas personas de aquel Reyno, que en dos Nauios llegaron a la Ciudad de Manila a 12. De Agosto de 1623*, Lisboa, Giraldo da Vinha, 1624.

³²⁵ Leonardo Cinami, *Vita, e morte del Padre Marcello Francesco Mastrilli della Compagnia di Giesù. Composta dal Padre Leonardo Cinami della medesima Compagnia*, Viterbo, [Bernardino] Diotallevi, 1645, s/n.

³²⁶ *Relacion de un prodigioso milagro que San Francisco Xavier Apostol de la India ha hecho en la Ciudad de Napoles este ano de 1634*, Madrid, viuda de Alonso Martin, 1634. Também publicado em Saragoça por Pedro Verges em 1635.

temática do martírio na Europa parecia já estar esgotada por ausência de acontecimentos dignos de tal categorização.

O meio de tirar partido da missão nipónica era palavra escrita e impressa. Através dela fortaleciam-se os convencidos e iluminavam-se os restantes. A sua utilização não se circunscrevia apenas aos jesuítas, pois todas as ordens missionárias se reviam no espectáculo triunfalista do martírio que desejavam divulgar. Tal circunstância explica a abundância de textos impressos sobre o mártir e em particular sobre o martírio no Japão.

CONCLUSÃO

A presente dissertação centra-se no discurso missionário sobre práticas anti-cristãs – perseguição e martírio – decorridas no Japão, e publicado na Europa durante a primeira metade do século XVII.

O período em análise compreende o governo dos três primeiros xoguns do regime Tokugawa, os responsáveis pelo estabelecimento de uma política centralizadora e de carácter autoritário, pelo disciplinamento social e pela neutralização de qualquer ameaça ao poder do *bakufu*, esteios de uma política que permitiu que o regime perdurasse até 1868. O Cristianismo, enquanto religião monoteísta não só ía contra a tradição nipónica, como suscitava comportamentos que no entendimento do xogunato configuravam uma ameaça à unidade política. A sua proscricção, e a perseguição e punição dos cristãos dissidentes às directivas centrais do foram as soluções adoptadas. A sua irradicação constituiu inclusive uma das motivações para o estabelecimento de uma política de controlo rigoroso das relações com o exterior (*sakoku*, em 1639).

Atendendo ao impacto da perseguição aos cristãos na política centralizadora do *bakufu*, a presente dissertação teve como ponto de partida duas questões fundamentais – em que termos os acontecimentos no Japão surgem descritos na Europa do século XVII e porque razão uma realidade tão longínqua foi objecto de tamanha divulgação na Europa seiscentista. Esta proposta de análise encontrava-se por se realizar.

O corpo documental analisado liga-se de forma estreita ao processo de evangelização do Japão. Redigido por europeus católicos que fizeram da missionação a sua vida, estas fontes discorrem sobre nipónicos, muitos dos quais escolheram converter-se ao Cristianismo e morrer pela fé. Apesar da sua aparente unidade, este corpo documental é multiforme e uma fonte histórica de grande interesse. Na verdade, faculta informação, por um lado, no que respeita à forma como a evangelização foi percebida e recebida no Japão, desde o acolhimento até às perseguições, martírios e expulsão dos missionários num contexto já bem diferente dos primeiros tempos. Por outro lado, esse corpo documental é também rico quer em informações relativas às diferentes modalidades e estratégias missionárias no terreno, quer ainda sobre as ordens religiosas envolvidas neste processo, reflectindo simultaneamente todo um quadro político, ideológico, religioso e devocional europeu de finais do século XVI e século XVII.

O estudo não se enquadra, contudo, nem na história da missão nem na do Cristianismo no Japão. Na verdade, o presente trabalho trata de processos históricos que ocorreram em simultâneo no Japão e na Europa Católica, numa abordagem que procura ir ao encontro da proposta de *histórias conectadas* de Sanjay Subrahmanyam¹. A perseguição dos Tokugawa aos cristãos serviu para alimentar estratégias de poder num contexto histórico e social que decorria bem longe daquele espaço geográfico – na Europa Católica.

O retrato dos missionários sobre a perseguição apresenta-se, antes de mais, como uma fonte histórica que complementa e se posicionava na relação inversa à documentação nipónica sobre as perseguições que têm sido o objecto de interesse primordial na historiografia actual. Os seus relatos foram redigidos no âmbito da perseguição e constituem um efectivo repositório descritivo das práticas anticristãs para lá da barreira formal e institucional do governo Tokugawa. De facto, muito embora os decretos de proibição e as crescentes dificuldades de circulação, os missionários foram conseguindo manter-se no território, expedindo relatos sobre a realidade local de forma continuada. O detalhe em divulgar e publicitar a capacidade de resistência dos cristãos nipónicos à perseguição, bem como informar sobre os espaços geográficos – fosse domínios sob a alçada de dáimios ou sob a administração directa do xogunato - onde ainda não se cumpria o estipulado pelo poder central, eram estratégicos para se transmitir a esperança da sobrevivência da missão. Além disso, apesar do cunho religioso, e do teor apologético, a escrita dos missionários descreveu os acontecimentos com algum rigor, pois os religiosos acreditavam que aqueles que davam o testemunho da sua fé com a própria vida deviam ser reconhecidos como mártires – e a tipografia contribuía de forma decisiva para esse fim.

Da sua narrativa torna-se claro que até Tokugawa Iemitsu a perseguição não respeitou o processo judicial ditado pelo *bakufu*, partindo antes da iniciativa das autoridades locais, ajustada de acordo com as exigências específicas de cada domínio. De acordo com os exemplos relatados nos textos impressos, constata-se também que as práticas anticristãs foram regra geral subsidiárias de outros interesses isto é, que resultaram da uma necessidade pontual dos dáimios exteriorizarem a sua obediência às directivas do *bakufu*. Nesse sentido, a descrição das práticas anticristãs pelos

¹ Sanjay Subrahmanyam, «Conneted Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia» in *Modern Asian Studies* 31, 3, pp.735-762. Do mesmo autor, *Impérios em Concorrência. Histórias Conectadas nos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

missionários são um bom testemunho do balanço de poderes do sistema *bakuhau* e da força centralizadora e autoritária do xogunato. O texto impresso comprova ainda que com Tokugawa Iemitsu esse balanço de poderes deixa de ser admissível e, por isso mesmo, a perseguição torna-se sistemática e generalizada. Num primeiro momento, o discurso tende para a enunciação de várias deliberações do xogunato. Depois, progressivamente dá lugar a uma narrativa cada vez mais generalista, pois o escasso número de missionários que se foi mantendo no território estava restringido a uma vivência efectivamente secreta.

O texto impresso denuncia também alterações tardias no sistema judicial no que se refere aos cristãos. Até ao tempo de Iemitsu, as comunidades continuaram a funcionar como uma primeira instância judicial com liberdade para regular e punir os comportamentos não conformes com as directivas superiores. Até bem tarde as autoridades locais mantiveram uma grande liberdade de acção, e a punição estava longe de constituir a sua primeira opção. Mais ainda, até ao tempo de Iemitsu os cristãos continuaram a ser punidos de acordo com o seu estatuto social e a posição hierárquica assumida no seio do grupo, segundo a tipologia usual no Japão da época. A única inovação na forma de punição dos cristãos face às tradições nipónicas foi o abandono da prática de suspensão / crucificação dada a sua similitude com o suplício de Cristo. Também as execuções públicas de que os cristãos foram objecto não eram uma novidade no contexto da punição no Japão, tal e qual como não o era todo o aparato que as antecedia. O facto de os cristãos serem punidos segundo estes processos públicos expressa apenas a intenção do regime Tokugawa em tratar os cristãos como criminosos e de assim intimidar aqueles que assistiam às cerimónias públicas. A punição dos cristãos apenas se distinguiu do sistema tradicional punitivo nipónico quando ao tempo do xogum Iemitsu a tortura foi elevada a método, não de punir, mas de levar à apostasia. A tortura pública e extremamente violenta tornou-se a regra. O xogum Iemitsu representa de facto uma viragem de estratégia – o extermínio do Cristianismo foi elevado a política do xogunato. Iemitsu foi bem-sucedido pois até meados da década de 1630, e tal como os textos impressos pelos missionários testemunham, a vivência do Cristianismo fora remetida para a clandestinidade.

A análise da documentação impressa abre ainda novas perspectivas quanto à «niponização» do cristianismo. Este conceito tem vindo a ser desenvolvido na historiografia mais recente e defende que a difusão do Cristianismo no Japão ficou a

dever muito à incorporação de tradições nipónicas. A forma como certos preceitos da cultura da honra dos guerreiros foram transportados para a vivência cristã é um dos aspectos de que se ocupa esta dissertação, designadamente quando se aborda a resistência dos cristãos à perseguição e ao suplício. A análise dos textos missionários evidencia que a lealdade e a solidariedade das relações de vassalagem entre os guerreiros foram transportadas para o relacionamento entre o guerreiro convertido e Deus. No mesmo sentido, os textos missionários mostram que a sua decisão de se manterem firmes na fé decorria de uma certa autonomia dos guerreiros no âmbito da sua cultura honorífica. Mais ainda, a aceitação da execução da pena é descrita em termos de morte honrada, equiparável ao suicídio ritual que era prerrogativa da elite guerreira.

Na presente-se dissertação demonstra-se, de facto, que as tradições religiosas e culturais nipónicas, por um lado facilitaram a assimilação do Cristianismo, e por outro foram por ele apropriadas. Esta «niponização» da vivência da fé não implica contudo o seu desvirtuamento. Na realidade os nipónicos são descritos como tendo assimilado por completo a doutrina cristã e são equiparados a mártires, pois caminhavam para o suplício como verdadeiros apóstolos, que testemunhavam a sua fé pelo sangue, num comportamento exemplar apenas compreensível por serem eleitos e inspirados por Deus.

A circulação destas notícias na Europa em nada alterou, evidentemente, a política anticristã dos Tokugawa. Porém, dando origem a um discurso que circulou e foi publicado fora do Japão remete para outros processos históricos.

Primeiro, os missionários publicaram estes textos construindo uma retórica que seguia o ideal heróico associado pela Igreja Católica ao mártir. Os escritos missionários replicam a imagem de uma nova Igreja Primitiva, adequando-se na perfeição a fins devocionais na medida em que testemunhavam a veracidade do Catolicismo num momento em que os católicos europeus se confrontavam com a cisão confessional de luteranos e calvinistas, os consequentes confrontos ideológicos, religiosos e, até, militares, que dilaceraram uma Europa dividida sob o ponto de vista confessional.

Segundo, a narrativa sobre o mártir do Japão ajustava-se igualmente aos fins propagandísticos das ordens missionárias. Através da divulgação de notícias, as ordens procuravam prestígio, patrocínio e protecção, num contexto de grande rivalidade por direitos de missionação na Ásia Oriental. Além disso, a dinâmica editorial dos textos sobre os mártires no Japão comprova a existência de uma estratégia: foram sobretudo

publicados junto da Cúria Romana, o centro do poder decisório da Cristandade e agora da Igreja Católica, e entre os circuitos políticos dos impérios ibéricos envolvidos na missionação. Sobre o monarca recaía a jurisdição das missões católicas no espaço ultramarino. A questão foi particularmente sensível no tempo de Filipe IV, que, por proposta do seu valido Conde de Olivares, ponderou a hipótese de uma centralização administrativa, religiosa, comercial e militar dos dois impérios. Para os jesuítas, que tinham beneficiado do exclusivo da missionação no Japão, era urgente a defesa dos seus direitos que, nesse momento, coincidiam com as prerrogativas da Coroa de Portugal. A retórica sobre os mártires do Japão transformou-se assim numa arma de propaganda habilmente manuseada pelos jesuítas e também pelos mendicantes que procuravam anular a exclusividade concedida à Companhia de Jesus.

Os relatos missionários facilitaram ainda a interiorização na memória colectiva da realidade martiriológica no Japão. É disso expressão a forma como o primeiro martírio perpetrado pelo regime Tokugawa, em 1597, foi rapidamente representado, e perpetuado, nas artes plásticas – na pintura e na escultura – em Macau, nas Filipinas e na Nova Espanha, sobretudo no México mas também no Perú².

O reconhecimento dos mártires pela Igreja Católica terá também decorrido, em parte, desta narrativa e, por sua vez, reforçado a sua memória no espírito dos homens. Logo em 1628, o mesmo grupo de cristãos foi beatificado por Urbano VIII, sendo mais tarde, em 1862, canonizado por Pio IX. Este Papa beatificaria outros 205 mártires em 1867. Mais de um século decorrido, João Paulo II, em 1987, reaviva a memória ao canonizar 16 mártires, na sua maioria dominicanos. Na homilia de celebração, João Paulo II não se afasta muito do discurso dos missionários do século XVII: equipara os cristãos executados no Japão aos primeiros cristãos na Igreja primitiva, exalta a atitude de certos missionários que partiram para o arquipélago no ensejo de morrer mártir e associa a ideia de perseverança dos mártires ao sucesso do Cristianismo³. A demanda da santidade foi, como ainda o é, um projecto. O contributo do texto impresso no século XVII para a promoção de santos pelas ordens missionárias terá sido de ordem secundária mas inequívoco. Ao facultar uma sequência ininterrupta de relatos, os textos missionários consolidaram a identidade martiriológica da cristandade nipónica.

² Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto, «O martírio de cristãos no Japão. Uma estratégia dos Tokugawa» in Revista Lusófona de Ciência das Religiões, VIII, 2009 / n.15, pp.147-159.

³ http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1981/index_po.htm

A concretização de um trabalho histórico obriga a escolhas e a compromissos, deixando muitos caminhos por percorrer. A análise levada a cabo nesta dissertação não pressupõe um estudo exaustivo da documentação referente aos mártires do Japão. O exame dos processos de beatificação e de santificação que decorreram na Cúria Romana permitiria explorar outras perspectivas de investigação não só clarificando situações descritas nas fontes impressas, como também iluminando aspectos relacionadas com a história da santidade e a hagiografia.

Outras questões se levantam em relação à opção de estudar apenas os textos impressos na Europa. Por um lado, os textos sobre o Japão não foram apenas impressos na Europa. Como se referiu ao longo desta dissertação, textos sobre o martírio também foram editados nas Filipinas com o objectivo de tornar mais célere a sua chegada à Europa. Todavia, ficam por explorar os trabalhos tipográficos realizados no Estado da Índia, nomeadamente em Goa, «a chave da Índia». Por essa razão, fica por saber qual o impacto do tema dos mártires do Japão no centro do Estado da Índia.

A abordagem que se adoptou levanta ainda a pertinência de se proceder a um trabalho hermenêutico das fontes, que passasse pelo confronto entre o texto impresso e o manuscrito. A partir desta análise seria possível evidenciar as diferenças nas respectivas estratégias de comunicação, em concreto, que assuntos são omissos ou mais detalhados, qual o impacto de uma política de propaganda na construção do discurso, e que problemas podem ter surgido no complexo trabalho editorial.

Ainda no que se refere à empresa tipográfica, surgiram pontualmente reproduzidas imagens sobre os mártires, que evidenciam redes de circulação e reutilização de material. Tratando-se de material raro e dispendioso, seria importante conhecer mais profundamente este processo.

Por último, ficou por estudar a circulação destes textos em bibliotecas privadas, bibliotecas conventuais e centros de ensino. Mesmo tendo em conta que, como no caso português e castelhano, as livrarias régias e aristocráticas incorporaram sobretudo o texto manuscrito e que as colecções se caracterizavam por alguma volatilidade, fruto de incorporações nem sempre datáveis, a posse de textos sobre o Japão, de que os

inventários poderão dar testemunho, permitiria avaliar a difusão da temática em circuitos culturais mais diversificados⁴.

Leitura católica de uma realidade que, para a maioria dos nipónicos se apresentava apenas como uma punição pelas entidades políticas daqueles que transgrediam, a narrativa sobre o mártir do Japão adquiriu na Europa grande interesse. O martírio, ao mesmo tempo que era utilizado nas rivalidades dos poderes religiosos e políticos, sensibilizava o colectivo e certas elites, indo ao encontro da predilecção devocional de uma Europa Católica em renovação.

⁴ Ana Isabel Buescu «A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI-XVII», *Ler Historia*, 45 (2003), p.44.

CRONOLOGIA

- 1542/1543 – Mercadores portugueses aportam em Tanegashima.
- 1549 – Companhia de Jesus estabelece-se no Japão.
- 1575 – D. Sebastião proíbe jesuítas castelhanos de missionar a leste de Malaca. Nesse ano o governador das filipinas envia uma embaixada à China.
- 1580 – União ibérica: Portugal passa a integrar a Monarquia Católica.
- 1585 – Breve *Ex pastoralis officio* emitido pelo Papa Gregório XIII que confirma o exclusivo jesuíta na missão do Japão.
- 1586 – Bula *Dum ad uberes* emitida pelo Papa Sisto V. São Gregório das Filipinas é elevado a província, com direito de promover a missionação na China e outros países da Ásia.
- 1587 – As forças de Toyotomi Hideyoshi controlam a ilha de Kyūshū. A 24 de Julho Hideyoshi expulsa os missionários do território.
- 1590 – Toyotomi Hideyoshi termina a unificação do arquipélago nipónico.
- 1592 – Toyotomi Hideyoshi envia uma embaixada a Manila exigindo a submissão castelhana. O dominicano Juan Cobo viaja ao Japão na qualidade de embaixador do governador das Filipinas.
- 1593 – A embaixada de Manila composta por quatro franciscanos desembarca no Japão.
- 1596 – Naufrágio do galeão S. Filipe nas imediações da orla da ilha de Shikoku.
- 1597 – A 5 de Fevereiro foi executado o primeiro grupo de cristãos em Nagasaki. Os franciscanos foram expulsos do Japão. O bispo D. Pedro Martins abandonou o arquipélago e dirigiu-se a Macau levando consigo quatro franciscanos que daí seguiram para Manila.
- 1598 – Toyotomi Hideyoshi morre. Filipe II de Espanha morre. Filipe III de Espanha é aclamado rei de Portugal.
- 1600 – Tokugawa Ieyasu vence a batalha de Sekigahara. A embarcação holandesa *Liefde* aporta no Japão. O abade da seita Fujufuse, Nichiō, é condenado ao exílio. O papa Clemente VIII revoga a bula de Sisto V. Emite o breve *Onerosa pastoralis* que autoriza todas as ordens missionárias ao serviço do Padroado Português do Oriente a missionar no Japão.

- 1602 – Dominicanos estabelecem-se no arquipélago nipónico.
- 1603 – Tokugawa Ieyasu é investido no cargo de xogum. Os agostinhos são autorizados a estabelecer uma missão em Bungo.
- 1605 – Tokugawa Ieyasu assume a dignidade de *ōgosho*. O seu filho Hidetada é nomeado xogum.
- 1606 – O novo papa Paulo V confirma o breve de Sisto V, que autoriza os mendicantes a predicar na Ásia desde que ao serviço do Padroado Português do Oriente.
- 1609 – Duas embarcações Holandesas chegam a Hirado, onde estabelecem uma feitoria.
- 1610 – O capitão da nau *Nossa Senhora da Graça*, André Pessoa, faz explodir a embarcação.
- 1612 – A chefia da casa de Arima é entregue ao filho de Arima Harunobu, Arima Naozumi.
- 1612 – É concedido o perdão ao abade da seita Fujufuse, o monge Nichiō.
- 1613 – Em Outubro larga do Japão a embaixada composta pelo franciscano Frei Luís Sotelo e Hasekura Rokuyemon Tsunenaga sob o patrocínio do dáimio de Sendai, Date Masamune.
- 1613 – William Adams substitui João Rodrigues Tçuzzu na corte do xogum enquanto representante dos interesses comerciais do xogum.
- 1613 – A embarcação inglesa *Clove* fundeia em Hirado, onde o capitão John Saris é autorizado a estabelecer uma feitoria.
- 1614 – Édito anti-cristão. O daimyō Arima Naozumi é transferido para um novo domínio em Nobeoka, Hyūga. O domínio de Arima fica sob administração directa do magistrado de Nagasaki, Hasegawa Sahyōe. Em Novembro as forças Tokugawa estabelecem o cerco à fortaleza de Osaka, sob o domínio de Toyotomi Hideyori.
- 1615 – Fim do cerco de Osaka. Os Tokugawa vencem os Toyotomi. Ieyasu altera o nome da Era para Genna.
- 1616 – Morte de Tokugawa Ieyasu.
- 1619 – Francisco Xavier é beatificado. A missão da China é elevada a Vice-Província.
- 1621 – Filipe IV de Espanha é aclamado rei de Portugal.
- 1623 – Hidetada retira-se. O xogunato é assumido por Iemitsu. Ingleses abandonam a feitoria de Hirado, é proibido o comércio e qualquer ligação com Manila.

- 1624 – Os holandeses estabelecem a feitoria na Formosa.
- 1626 – Takenaka Uneme é nomeado *bugyō* Nagasaki.
- 1628 – Filipe IV concede o exclusivo da missão do Japão aos jesuítas, por um período de 15 anos. O Conselho das Índias rejeita a decisão.
- 1630 – A facção extremista Fujufuse pertencente à seita Nichiren é oficialmente proscrita.
- 1632 – Morre Tokugawa Hidetada. Inoue Chikugo no Kami Masashige é nomeado inspector geral (*sōmetsuke*).
- 1633 – Takenaka Uneme é destituído do cargo de *bugyō* de Nagasaki.
- 1634 – Inicia-se a construção da ilha artificial de Deshima, fronteira a Nagasaki.
- 1635 – É instituído o *Jisha Bugyō*, comissariado para a administração dos Templos e Santuários, e estabelece-se a prática *terauke seido*, registo em templos. Os mercadores nipónicos são oficialmente proibidos de comerciarem para além do arquipélago.
- 1636 – Os mercadores portugueses são remetidos para Deshima.
- 1637/1638 – Revolta de Shimabara.
- 1639 – Os mercadores portugueses são expulsos do arquipélago. A feitoria holandesa de Hirado é desmantelada.
- 1640 – A embaixada enviada pelo senado de Macau é executada à chegada a Nagasaki. Ficou conhecida por «embaixada mártir».
- 1640 – Os holandeses são confinados à ilha de Deshima. D. João IV é aclamado rei de Portugal.
- 1641 – Região de Amakusa torna-se território do *bakufu*.
- 1644 – D. João IV, rei de Portugal, envia uma embaixada ao Japão.
- 1647 – O embaixador de D. João IV, Gonçalo Siqueira de Sousa, aporta a Nagasaki. Recebe ordens para zarpar.
- 1657 – Estabelecimento oficial de um órgão de inquisição, *Shūmon Aratameyaku*.
- 1657 – «Desmantelamento de Kōri».
- 1659/8/12 – Inoue Masashige resigna ao cargo de Inspector Geral (*sōmetsuke*).

BIBLIOGRAFIA

1. ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Portugal

Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Évora.

Espanha

Archivo General de Indias, Sevilha.

Biblioteca Nacional de España, Madrid.

Biblioteca de la Real Academia de la Historia, Madrid.

Archivo Franciscano Ibero-Oriental, Madrid.

Itália

Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma.

Biblioteca Apostolica Vaticana, Roma.

Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele, Roma.

França

Bibliothèque Nationale de France, Paris.

Reino Unido

The British Library, Londres

Cambridge University Library, Cambridge

2. FONTES MANUSCRITAS

Archivo General de Indias (Sevilha)

Filipinas, *Legajos* 25, 27, 35, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 163, 193, 329, 330

Pasajeros, *livro* 9 e 10.

Real Academia de Historia (Madrid)

Jesuítas, *Legajo* 21 e 22.

Biblioteca da Ajuda (Lisboa)

46-VIII-35

49-IV-58

49-IV-61

3. FONTES IMPRESSAS

CARON François, SCHOUTEN Joost, *A True Description of the Mighty Kingdoms of Japan & Siam*, com introdução, notas e appendices de C. R. Boxer, London, Argonaut Press, 1953.

CARVALHO, Valentim, *Apologia do Japão*, com introdução e tradução de José Eduardo Franco, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2007.

GRANADA, Frei Luís de, *Introdução ao Symbolo da Fé*, Porto, Oficina Régia Tipográfica, 1780.

KAEMPFER, Engelbert, *Histoire Naturelle, Civile, et Ecclesiastique de L' Empire du Japon*, traduzida por Jean-Gaspar Scheuchzer, 2 tomos, Haia, P. Gosse & J. Neaulme, 1732.

MONTANUS, Arnoldus, *Ambassades Mémoires de la Compagnie de Ines Orientales des Provinces Unies vers les Empereurs du Japon.*, Amesterdão, Jacob Meurs, 1680.

RODRIGUES João, *História da Igreja do Japão*, João Abranches Pinho (ed.), vol.1, Macua, Notícias de Macau, 1954.

WATTS, Talbot, *The Japan and the Japanese*, Nova York, J. P. Neagle, 1852.

FRÓIS, Luís, *Europa/Japão. Um Diálogo Civilizacional no século XVI*, José Manuel García e Raffaella D' Intino (ed.), Lisboa, CNCDP, 1993.

4. CATÁLOGOS

ALCOCER Y MARTÍNEZ, D. Mariano, *Catálogo razonado de Obras Impresas en Valladolid 1481-1800*, Valladolid, Casa Social Católica, 1926.

- ALLISON, A. F., *English Translations From the Spanish and the Portuguese to the Year 1700. An Annotated Catalogue of the Extant Printed Versions*, Kent, Ww.Dqyson Sons, 1974.
- Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal 1501-1700*, dirg José Adriano de Freitas, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras do Porto, 1988.
- BRUNI, Roberto L., EVAN, D. Wyn, *Italian 17th Century Books in Cambridge Libraries*.
- CARAYON, Auguste, *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus ou Catalogue des Ouvrages Relatifs a l'Histoire des Jésuites depuis leus orignie jusqu'a nos jours*, Paris, s.d.
- Catalogue of Seventeenth Century Italian Books in the British Library*, 3 vol., Londres, The British Library, 1986.
- CLEMENTE DE SAN TOMÁN, Yolanda, *Tipobibliografía Madrileña. La Imprenta en Madrid en el siglo XVI (1566-1600)*, 3vols., Kassel, Edition Reichenberger, 1998.
- CORDIER, Henri, *Bibliotheca Japonica. Dictionnaire Bibliographique des Ouvrages Relatifs à l'Empire Japonais rangés par Ordre Chronologique jusqu'à 1870*, Paris, Imprimerie Nationale, 1912.
- DOMÍNGUES GUSMÁN, Aurora, *La Imprenta en Sevilla en el Siglo XVII. Catálogo y análisis de su producción 1601-1650*, Sevilla, Secretariado de Publicaciones de La Universidad de Servilha, 1992.
- FOULCHÉ-DELBOSC, R. BARRAU-DIHIGO, L. *Manuel de l'Hispanisant*, tomo I, Nova York, The Hispanic Society of America, 1970 (1^a ed 1959).
- FRANCHI, Saverio, *Drammaturgia Romana. Repertorio Bibliografico Cronologico dei Testi Drammatici Pubblicati a Roma e nel Lazio. Secolo XVII*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1988.
- GARCIA SORIANO, Don Justo, GARCIA MORALES, Don Justo, *La Imprenta en Orihuela. Ensayo de un catálogo de Tipógrafos y de Obras Impresas en Esta Ciudad, desde la Introducción de la Imprenta en la misma el Año 1602 Hasta el de 1825*, Toledo, s.e., 1950.

- GOLDSMITH, V. F., *A Short Catalogue of Spanish and Portuguese Books (1601-1700) in the Library of The British Museum*, Londres, Dawsons of Pall Mall, 1974.
- JIMÉNEZ CATALÁN, Manuel. *Ensayo de una Tipografía Zaragozana Del Siglo XVII*, Saragoça, Tipografía “La Académica”,1925.
- LAURENTI, Joseph L, *Hispanic Rare Books of the Golden Age (1470-1699) in the Newberry Library of Chicago and in Selected North American Libraries*, New York, 1989.
- Le Edizioni Italiane del XVI Secolo. Censimento Nazionale*, Roma, Istituto Centrale per il Catalogo Unico delle Biblioteche Italiane e per le Informazioni Bibliografiche, 1989-1996.
- LÓPES, Antanasio,, *La Imprenta en Galicia Siglos XV-XVIII*, Madrid, Patronado de la Biblioteca Nacional,1953.
- LÓPES-HUERTAS PÉREZ, Maria José, *Bibliografía de Impresos Granadinos de los Siglos XVII Y XVIII*, tomo II, Granada, Universidad de Granada – Diputación Provincial de Granada, 1997.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, tomo I; tomo II e III 1966; tomo IV, 1967.
- MARTÍN ABAD, Julián, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1502-1600)*, vol.III, Madrid, Arco Libros, 1991.
- MARTÍN ABAD, Julián, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1601-1700)*, vol. 1, Madrid, Arco Libros, 1999.
- MARTINEZ-BARBEITO, Carlos, *Impresos Gallegos de los siglos XVI, XVII y XVIII*, Santiago de Compostela, Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos, 1955.
- MARTÍNEZ-VIGIL, Ramón, “Ensayo de una Biblioteca de Dominicos Españoles” in *La Orden de Predicadores*, Madrid, 1884, pp.229-430
- MICHEL, Suzanne P., MICHEL, Paul-Henri, *Repertoire des Ouvrages Imprimés en la Langue Italienne au XVII Siècle Conservés dans les Bibliothèques de France*, Paris Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1967-1984.

- MORENO GARBAYO, Justa, *La Imprenta en Madrid (1626-1650). Materiales para su estudio e inventario*, ed, introd e índices por Fermín de los Reyes Gómez, 2 vols., Madrid, Arco/Libros, 1999.
- PÉREZ PASTOR, Don Cristóbal, *Bibliografía Madrileña ó inscripción de las obras impresas en Madrid (siglo XVI)*, Madrid.
- PERINI, David Aurelio (O.E.S.A.), *Bibliographia Augustiniana Cum Notis Biographicis Scriptores Itali*, Florença, Tipografia Fiorenza, 1929-1937.
- QUETIF, F. Jacobus, ECHARD, F. Jacobus, *Scriptores Ordinis Prædicatorum Resensiti Notisque Historicis et Criticis Illustrati*, tomo II, Luteciæ Parisiorum, Ballard-Simart, 1721.
- Répertoire Bibliographique des Livres Imprimés en France aux XVIIe siècle*, 26 vols, Baden-Baden, Éditions Valentin Koerner, 1978-2000.
- SANTIAGO VELA, P. Gregorio de, *Ensayo de una Biblioteca Ibero-Americana de la Orden de San Agustin*, Escorial, 8 vols, Madrid-Escorial, 1913-1931.
- Short Title Catalogue*, s.l, Leo S. Olschki Editore, 1998.
- Short-Title Catalogue of Books Printed in Italy and of Italian Books Printed in Other Countries from 1465 to 1600*, London, Trustees of the British Museum, 1958.
- Short-Title Catalogue of Books Printed in Italy and of Italian Books Printed in Other Countries from 1465 to 1600. Supplement*, London, Trustees of the British Museum, 1986.
- SIMON DIAS, José, *Bibliografía de la Literatura Hispanica (BLH)*, 16 vols., Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto «Miguel de Cervantes» de Filología Hispanica, 1958-1994.
- SIMON DIAS, José, *Dominicos de los Siglos XVI y XVII: Escritos Localizados*, Madrid, Universidad Pontificia de Salamanca – Fundacion Universitaria Española, 1977.
- SOMMERVOGEL, Carlos, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, 9 vols., Bruxelles, Imp. Polleunis et Centerich, 1890-1909.
- SPINI, Ugo, *Le Edizioni Bresciane del Seicento. Catalogo Cronologico delle Opere Stampate a Brescia e a Salò*, Milão, Editrice Bibliografica, 1988.

STREIT, ROBERT OMI, *Bibliotheca Missionum. Asiatische Missionliteratur 1600-1699*, Aix-la-Chapelle, Franziskus Xaverius Missionsverein, 1929, pp.362-585.

TORIBIO MEDINA, José, *La Imprenta en Manila Desde sus Orígenes Hasta 1810*, Santiago de Chile, Edição do Autor, 1896.

VAN DER LINGER, Ferdinand, *Bibliotheca Belgica. Bibliographie Générale des Pays Bas*, 6 vols, re-ed Marie-Thérèse Lenger, Bruxelles, Culture et Civilisation, 1964.

VELASCO DE LA PEÑA, Esperanza, *Impresores y Libreros en Zaragoza. 1600-1650*, Zaragoza, Institución «Fernando el Católico», 1998.

4.1 SÍTIOS

LAURES Virtual Rares Books Library, <http://laures.cc.sophia.ac.jp/laures>

5. COLECTÂNEAS DOCUMENTAIS

101 Letters of Hideyoshi. The Private Correspondence of Toyotomi Hideyoshi, dir. e trad. por Adriana Boscaro, Tokyo, Sophia University Press, 1975.

Archivo Documental Español, Madrid, Real Academia de História, 1950-1978.

Archivo Dominicano, Salamanca, Instituto Historico Dominicano de San Estebani, 1980-1999.

Epistolario de los MM. Dominicos de Japon, ed. Fr Honorio Munõz, Publicacion Privada, 1967.

GRAÇA, Luís, *Documentos Referentes a Portugal Existentes no Archivo General de Indias em Sevilha: Índice Genérico*, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

Japanese Traditions of Christianity. Being some Old Translations from the Japanese, with British Consular Reports of the Persecutions of 1868-1872, dir. M. Paske-Smith, anotado por Shuten Inouye, Kobe-Londres, J. L. Thompson e Kegan Paul, Trench, Trubner, s.d.

LU, David John, *Sources of Japanese History*, vol.1, s.l., McGraw – Hill Book Company, 1974.

RELACIONES *de los MM. Dominicos de Japon*, ed. Fr Honorio Munõz, Publicacion Privada, 1967.

RUIZ-DE-MEDINA, Juan, *Documentos del Japon (1547-1562)*, 2 vols., Roma, IHSJ, 1990-1995.

SHÜTTE, J. F., *Introductio ad Historiam Societatis Jesu in Japonia 1549-1650*, Roma, IHSJ, 1968.

Sources of Japanese Tradition, vol.1, *From Earliest Times To 1600*, compilado por Wm. Theodore de Bary, Donald Keene, George Tanabe e Paul Varley, Nova York, Columbia University Press, 2001 (1958).

Sources of Japanese Tradition, vol.2, *1600 to 2000, Part I: 1600 to 1868*, compilado por Wm. Theodore de Bary, Carol Gluck e Arthur E. Tiedemann, Nova York, Columbia University Press, 2005.

6. ESTUDOS RELATIVOS À REALIDADE POLÍTICA, CULTURAL E RELIGIOSA DO JAPÃO

BERRY, Mary Elizabeth, *Hideyoshi*, Cambridge Mass. – Londres, Harvard University Press, 1982.

BLOCKER H. Gene, STARLING Christopher L., *Japanese Philosophy*, Nova York, State University of New York Press, 2001.

BOLITHO, Harold, *Treasures Among Mean. The Fudai Daimyo in Tokugawa Japan*, Londres, Yale University Press, 1974.

BODART-BAILEY, Beatrice M., «Translator's Introduction» in *Kaempfer's Japan. Tokugawa Culture Observed*, Beatrice M. Bodart-Bailey (dir), Hawai, Honolulu University, 1999, pp.1-21.

BOURDON Léon, *La Compagnie de Jésus et le Japon. 1547-1570*, Paris-Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993.

BOTSMAN, Daniel V., «Politics and Power in the Tokugawa Period» in *East Asian History*, 3 (1992), pp.1-31.

- BOTSMAN, Daniel V., *Punishment and Power in the Making of Modern Japan*, Princeton, Princeton University Press, 2005.
- BOXER, C.R., *The Christian Century in Japan*, Manchester, Carcanet Press, 1993.
- BOXER, C.R., *Fidalgos no Extremo-Oriente*, Macau, Fundação Oriente – Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.
- BOXER, C. R., “The Clandestine Catholic Church in Feudal Japan, 1614-1640” in *History Today*, vol. XVI, Jan. (1966), pp.53-61.
- BOXER, C.R., CUMMINS, J.S., “The Dominican Mission in Japan (1602-1622) and Lope de Vega” in *Archivum Fratrum Praedicatorum*, XXXIII, 1963, pp.5-88.
- CASTRO, Manuel de, «Fr. Marcelo de Ribadeneira, vida y escritos» in *AIA*, 38 (1978), pp.181-246.
- BROOK, Timothy, BOURGON, Jérôme e BLUE. Gregory, *Death by a Thousand Cuts*, Camb Ma-Londres, Harvard University Press, 2008.
- BROCKEY, Liam Matthew, *Journey to the East. The Jesuit Mission to China, 1579-1724*, Cambridge Ma – Londres, Harvard University Press, 2007.
- CARY, Otis, *A History of Christianity in Japan Roman Catholic and Greek Orthodox Missions*, Londres, Fleming H. Revell Company, 1909.
- CHAUNU, Pierre, *Les Philippines et le Pacifique des Ibériques (XVI, XVII, XVIII Siècles). Introduction Méthodologique et Indices d'Activité*, 2 vols., Paris, École Pratique des Hautes Études, 1960-1966.
- CIESLIK, Von P. Hubert, “Sel. Sebastian Kimura (1565-1622) Der erste japanische Priester” in *Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft – Nouvelle Revue de Science Missionnaire*, XV (1959), pp.81-98.
- COLE, Wendell, *Kyoto in the Momoyama Period*, Oklahoma, University Oklahoma Press, 1967.
- CONOVER Cornelius, “Saintly Biography and the Cult of San Felipe de Jesús in Mexico City (1597-1627) in *The Americas*, 67: 4, (2011), pp.441-466.
- CONSTANTINI, C. (org.), *Le Missioni Cattoliche e la Cultura dell' Oriente*, Roma, 1943.
- COOPER, Michael, *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China*, Lisboa, Quetzal, 1994.

- CORREIA, Pedro Lage Reis, «Alessandro Valignano attitude towards Jesuit and Franciscan concepts of evangelization in Japan (1587-1597)» in *BPJS* 2 (2001), pp.79-106.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, RAMOS Martin Nogueira, «Le Jésuite Juan Batista Baeza et la Communauté Chrétienne de Nagasaki pendant la Pérésecution des Shoguns Tokugawa» *Histoire, monde et cultures religieuses*, 2009/3 n°11, p. 109-130.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, «The Brotherhoods (*Confrarias*) and Lay Support for the Early Christian Church in Japan» *Japanese Journal of Religious Studies*, 34/1 (2007) pp.67-80.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Japão e o Cristianismo no século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, vols. I e II, dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998 [texto policopiado].
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Lisboa, ICM-IHAL, 1995.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, "A rivalidade luso-espanhola no Extremo Oriente e a querela missionológica no Japão" in *O Século Cristão do Japão*, CEPCEP – CHAM, Lisboa, 1994, pp.477-524.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, "Lourenço, um japonês evangelizador no Japão" in *Mare Liberum*, Lisboa, 5 (1993), pp.129-138.
- CUMMINS, J. S., BOXER, C. R., "The Dominican Mission in Japan (1602-1622) and Lope de Vega" in *Jesuit and Friar in the Spanish Expansion to the East*, Londres, Variorum Reprints, 1968, pp.5-88.
- COUTINHO, Valdemar, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão*, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.
- CURVELO, Alexandra, *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua Circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha*, dissertação

de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007 [texto policopiado].

CURVELO, Alexandra, e PINTO, Ana Fernandes, «O Martírio de Cristãos no Japão. Uma Estratégia dos Tokugawa» in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, VIII: 15 (2009), pp.147-159.

DEBERGH, Minako, “Premiers jalons de l’evangelisation d’Inde, du Japon et de la Chine” in *Histoire du Christianisme Des Origines à nos Jours*, Jean-Marie Mayeur, Charles Pietri, André Vauchez e Marc Venard (dir.), vol. VIII, *Les Temps des Confessions (1530-1620/30)*, Marc Venard (dir.), s.l., Desclée, 1992, pp.820-836.

DEBERGH, Minako, “Deux Nouvelles Études sur l’Histoire du Christianisme au Japon” in *Journal Asiatique*, CCLXXII, 1-2 (1984), pp.167-216.

DEBERGH, Minako, “Les oeuvres imprimées des missions européennes au Japon, à Goa, Macao, Manille: 1588-1630” in *Revue Française d’Histoire du Livre*, 53, 42 nova série (1984), pp.187-205.

ELISON, George, *Deus Destroyed. The Image of Christianity in Early Modern Japan*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991.

Vide também ELISONAS, J. S. A.

ELISONAS, J.S.A., «The Jesuits, the devil and pollution in Japan. The context of a syllabus of errors» in *BPJS* 1 (2001), pp.3-25.

ELISONAS, J.S.A., “Nagasaki: The Early Years of an Early Modern Japanese City” in *Portuguese Colonial Cities in the Early Modern World*, Liam Matthew Brockey (org.), Ashgate, 2008, pp.63-104.

ELISONAS, J.S.A., “The Evangelic Furnace: Japan’s First Encounter with the West” in *Sources of Japanese Tradition*, vol.II *Part One 1600 To 1868*, Wm. Theodore de Bary, Carol Gluck e Artur E. Tiedemann (dir.), Nova York, Columbia University Press, 2006, pp.127-157.

ELISONAS, J.S.A., “An Itinerary to the Terrestrial Paradise. Early European Reports on Japan and a Contemporary Exegesis” in *Itinerario*, XX, 3 (1996), pp.25-68.

- ELISONAS, J.S.A., “Christianity and the daimyo” in *CHJ*, vol. IV, *Early Modern Japan*, coord. John Whitney Hall, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp.301-372.
- ELISONAS, Jurgis, “Em torno do século cristão” in Workshop *O Cristianismo no Extremo Oriente*, Conferências da Arrábida, 1999.
- Vide Elison, George.
- FERRANO, Juan, *Historia de los PP. Dominicos en las Islas Filipinas y en sus Misiones*, tomo I, Madrid, 1870.
- FUJITA, Neil S., *Japan’s Encounter with Christianity*, Nova York, Paulist Press, 1991.
- GIL, Juan, *Hidalgos y Samurais. España y Japon en los Siglos XVI e XVII*, Madrid, 1991.
- GIRAD, Pascale, *Os Religiosos Ocidentais na China na Época Moderna*, Macau, Fundação Macau – Instituto Politécnico de Macau, 1999.
- GONOI Takashi, «*Kirishitan: les chemins qui mènent au martyre. Pour une histoire des martyrs chrétiens du Japon*» in *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11 (2009), pp.39-65.
- GONZALEZ VALLES, J., “Dimensión interreligiosa de la misión dominicana de Japón” in *Dominicos Españoles en el Extremo Oriente. IV Centenario*, Madrid, Institutos Pontificios de Filosofía y Teología, 1988, pp.193-214.
- GROSSBERG, Kenneth Alan, *Japan’s Renaissance. The Politics of the Muromachi Bakufu*, Cambridge, Harvard University Press, 1981.
- GUTIERREZ, David, *The Augustinians from the Protestant Reformation to the Peace of Westphalia 1518-1648*, Pennsylvania, Augustinian Historical Institute – Villanova University, 1979.
- HAJIME Nakamura, *Ways of Thinking of Eastern Peoples. India, China, Tibert, Japan*, Philip P. Wiener (org.), Honolulu, University of Hawaii Press, 1964.
- HALEY, John Owen, *Authority without Power. Law and the Japanese Paradox*, Oxford, Oxford University Press, 1991.
- HARRINGTON, Ann M., *Japan’s Hidden Christians*, Chicago, Loyola University Press, 1993.

- HARTAMANN, Arnulf, “The Augustinians in the Land of the Rising Sun” in *Agustinos en América e Filipinas. Actas del Congreso Internacional (Valladolid 16-21 Abril 1990)*, Isacio Rodríguez Rodríguez (dir.), vol.II, Valladolid-Madrid, s.n. 1990, pp.801-826.
- HARTAMANN, Arnulf, “The Augustinians in Seventeenth Century Japan” in *Augustiniana*, XIV (1964), pp.315-377, 640-669; XV, (1965), pp.237-258, 462-492.
- HIROSCI Nakamura, “Passage en France de Hasekura, Ambassadeur Japonais à la cour de Rome au commencement du XVII siècle” in *Monumenta Nipponica*, III, 2 (1940), pp.85-97.
- HITOSHI Ogawa «Scipione Amati and the Japanese mission of Hasekura Tsunenaga (1613-1620): his background and role from documents in the Archive of the Colonna Family» comunicação apresentada em *Eurasian Tracks. Connections and Intellectual Exchanges. Early modern Japan in European Archives*, Institute for Research in Humanities, Kyoto University, Setembro 2012, pp.3-11.
- Ideals of Samurai. Writing of Japanese Warriors*, trad. William Scott Wilson, 4^a ed., California, Ohara Publications, 1985.
- IKEGAMI Eiko, *The Taming of Samurai. Honorific Individualism and the Making of Modern Japan*, Londres, Havard, University Press, 1995.
- IKUO Higashibaba, *Christianity in Early Modern Japan. Kirishitan Belief and Practice*, Leiden-Londres-Colónia, Brill, 2001.
- Japan Before Tokugawa. Political Consolidation and Economic Growth, 1500 to 1650*, dir. John Whitney Hall, Nagahara Keiji e Kozo Yamamura, Princeton-New Jersey, Princepton University Press, 1981.
- JANSEN, Marius B., *The Making of Modern Japan*, Cambridge Mass-Londres, Belknap Press – Havard University Press, 2000.
- JENNES, Josph, *A History of the Catholic Church. From its Beginnings to the Early Meiji Era*, Tokyo, Orient Institute for Religions Research, 1973.
- KAMSTRA, J. H., “Kakure Kirishitan: The Hidden or Secret Christians of Nagasaki” in *Nederlands Theologisch Tijdschrift*, 47, 2 (1993).

- KETELAAR, James Edward, *Of Heretics and Martyrs in Meiji Japan. Buddhism and its Persecution*, Princeton, Princeton University Press, 1990.
- KIECKHEFER, Richard, "Imitators of Christ: Sainthood in the Christian Tradition" in *Sainthood. Its Manifestation in World Religions*, dir. Richard Kieckhefer e Georg D. Bond, Berkeley, University of California Press, 1998.
- KITAGAWA, Joseph M., *Religion in Japanese History*, New York, Columbia University Press, 1966.
- KOSUGI Keiko, "Les impressions anciennes à caractères mobiles au Japon (1593-1643)" in *Revue Française d'Histoire du Livre*, 53, 42 nova série (1984), pp.207-217.
- KOUAME, Nathalie, "Quatre règles à suivre pour bien comprendre le « siècle chrétien » du Japon" in *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11 (2009), pp.9-38.
- LAURES, Johannes, *The Catholic Church in Japan*, Tokyo, Charles E. Tuttle, 1954.
- LOPES, Félix, "Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590" in *Studia*, 9 (1962), pp.29-142.
- LOPEZ-GAY, J., «La Consulta «ad modum synodi di Nagasaki» in *Ecclesiae Memoria Miscellanea in onore del R. P. Josef Metler, OMI, Prefetto dell' Archivio Segreto Vaticano*, 1991, pp.251-266.
- MAGNINO, Leo, *Pontificia Nipponica. Le Relazione tra la Santa Sede e il Giappone Atraverso I Documenti Pontifici*, 2 vols., Roma, Officiul Libri Catholici, 1948.
- MARIA DE CASTRO, Agustin, *Misioneros Agustinos en el Extremo Oriente 1565-1780*, M. Merino (org.), Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1954.
- MASAHARU Anesaki, "Prosecution of Kirishitans after the Shimabara Insurrection" in *Monumenta Nipponica*, I, 2 (1938), pp.1-8.
- MASAHARU Anesaki, "Psychological Observations on the Persecution of the Catholics in Japan in the Seventeenth Century" in *Harvard Journal of Asiatic Studies*, I (1936), pp.13-27.
- MASAHARU Anesaki «A Collection of Documents belonging to the Inquisition Office against the Kirishitans» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, vol. 8, n° 8, (1932), pp.331-334.

- MASAHARU Anesaki, ‘Writings on Martyrdom in Kirishitan Literature’ in *The Transactions of the Asiatic Society of Japan*, 2^a série, viii (1931), pp.20-65.
- MASAHARU Anesaki, «Writings on Martyrdom in Kirishitan Literature» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, vol. 7, n° 8, (1931), pp.291-293.
- MASAHARU Anesaki, «Exile and Mission, Some Instances of Their Connection Under a Régime of Persecution» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, 2:7, (1926), pp.299-300.
- MASAHARU Anesaki, «The Extermination of the Japanese Catholics in the Last Half of the Seventeenth Century, and Their Survivals» in *The Proceedings of the Imperial Academy*, 2: 3, (1926), pp.95-96.
- MASSARELA, Derek, *A World Elsewhere Europe's Encounter with Japan in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Londres, Yale University Press, 1990.
- MCMULLIN, Neil, *Buddhism and the State in Sixteenth Century Japan*, Princeton, Princeton University Press, 1984.
- Medieval Japan. Essays in Institutional History*, ed. John W. Hall e Jeffrey Mass, New Haven-Londres, Yale University Press, 1974.
- MERIWETHER, C., “A Sketch of the Life of Date Masamune and an Account of His Embassy to Rome” in *Transaction of Asiatic society of Japan*, xxi (1893), pp.1-105.
- MOLINA, Antonio, *Historia de Filipinas*, tomo I, Madrid, Ediciones Cultural Hispanica del Instituto de Cooperación Ibero Americana, 1984.
- MORAN, J.F., *The Japanese and the Jesuits*, Londres-Nova York, Routledge, 1996 [1993].
- MUÑOZ, Fr. Honorio, *Los Dominicos Españoles en Japon (s. XVII)*, Madrid, 1965.
- NAKANE, Chie, “Tokugawa Society” in *Tokugawa Japan. The Social and Economic Antecedents of Modern Japan*, dir. Chie Nakane e Shinzaburô Ôishi, Conrad Totman (trad.), Tokyo, University of Tokyo Press, 1990, pp.213-230.
- NOSCO, Peter «The Experiences of Christian During the Underground Years and Thereafter» in *JJRS* 34/1, (2007), pp.85-97.
- NOSCO, Peter “Early Modernity and the State’s Policies toward Christianity” in *BPJS*, 7, (2003), pp.7-21.

- NOSCO, Peter “Keeping the faith: the bakuhan policy towards religions in seventeenth-century Japan” in *Religion in Japan. Arrows to Heaven and Earth*, org. P. F. Kornicki e I. J. MacMullen, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, pp.135-155.
- NOSCO, Peter «Secrecy and the Transmission of Tradition. Issues in the Study of the «Underground» Christians» in *JJRS*, 20/1, (1993), pp.3-29.
- OCHOA DEL CARMEN, P. Gregorio, *Dos Heroes o Admirable Vida de los PP. Francisco de Jesus y Vicente de San Antonio Agustinos Recoletos*, Zaragoza, 1934.
- ŌHASHI Yukihiro, “Orthodoxie, hétérodoxie et *Kirishitan*: maintien de l’ordre et prohibition du Christianismo dans le Japon moderne”, *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11 (2009), pp.131-160.
- ŌHASHI Yukihiro, “New Perspectives on the Early Tokugawa Persecution” in *Japan and Christianity. Impact and Responses*, ed. John Breen e Mark Williams, Londres, MacMillan, 1996, pp.46-62.
- OKA Mihoko, «Suetsugu Heizō II and the System of Respondência» in *BPJS*, vol. 2, Junho (2001), pp.37-56.
- OLIVEIRA, Francisco Roque de, *A Construção do Conhecimento Europeu sobre a China c. 1500- c.1630. Impressos e Manuscritos que revelaram o Mundo Chinês à Europa Culta*, dissertação de doutoramento apresentada no Departamento de Geografia da Universidade Autónoma de Barcelona, 2013 [texto policopiado].
- OOMS, Herman, “Logique des idées et logique de la pratique dans le Japon des Tokugawa” in *Repenser L’Ordre, Repenser L’Héritage. Paysage Intellectuel du Japon (XVII – XIX Siècles)*, Frédéric Girard, Annick Horiuchi e Mieko Macé (dir.), École Pratiques des Hautes Études, Librairie Droz, Genève, 2002, pp. 125-161.
- OOMS, Herman, *Tokugawa Ideology*, Princeton, Princeton University Press, 1985.
- PACHECO, Diego, "Fate of a christian daimyo. Takayama Ukon" in *Great Historical Figures of Japan*, ed. Nurakami Hyoe e Thomas J. Harper, Japan Culture Institute, 1978, pp.174-183.
- PACHECO, Diego, «La Cristiandad de la Península de Nishi Sonogi» in *Missionalia Hispanica*, XXV, 73 (1969) pp.73-94.

- PACHECO, Diego, “Los Mártires de Koboshi no Ura” *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XXXVI (1967) pp.141-155.
- PACHECO, Diego, “Misioneros ocultos” in *Missionalia Hispanica*, XX, 58 (1963) pp.89-110.
- PACHECO, Diego, “El Padre Francisco Calderón y los 26 mártires de Nagasaki” in *Missionalia Hispanica*, XVIII, 52 (1961), pp.351-367.
- PAPINOT, M.E., “Notes sur la Carte di P. Cardim” in *Revue d’Histoire des Missions*, IX (1932), pp.39-45.
- PARAMORE Kiri, *Ideology and Christianity in Japan*, Nova York, Routledge, 2009.
- PÉREZ, Lourenzo “Apostolado y martirio del B. Luis Sotelo en el Japón” in *Archivo Ibero-Americano*, XXII (1924), pp.327-383; XXIII (1925), pp.59-83; XXIV (1925), pp.5-65.
- PÉREZ, Lourenzo, *Cartas y Relaciones del Japon*, I, *Cartas de San Pedro Bautista*, Madrid, Imprenta de G. López del Horno, 1916.
- PÉREZ, Lourenzo, “Cartas y Relaciones del Japon” in *Archivo Ibero Americano*, IV (1915), pp. 395-418; VI (1916), pp.199-309; IX (1918), pp.55-142, pp. 168-263.
- PÉREZ, Lourenzo, “Relación de la Persecución del Cristianismo en el Japón. Por Fr. Diego de San Francisco” in *Relaciones de Fr. Diego de San Francisco sobre las Persecuciones del Cristianismo en el Japón (1625-1662)*, Madrid, 1914.
- PÉREZ, Lourenzo, “Los Franciscanos en el Extremo Oriente. Noticias bio-bliograficas in *Archivum Franciscanum Historicum*, 1 (1908), pp. 241-247, pp. 536-43; 2 (1909), pp.47-62, pp. 232-39, pp.548-60; 3 (1910), pp.39-46; 4 (1911), pp.50-61, pp.482-503.
- PINA, Isabel Murta, *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2008.
- PINTO, Ana Fernandes, PIRES, Silvana Remédios, «The “Resposta que alguns padres de Japão mandaram perguntar”: A Clash of Strategies?» in *BPJS*, 10/11, (2005), pp.9-60.

- PINTO, Ana Fernandes, *Uma Imagem da do Japão. A Aristocracia Guerreira Nipónica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*, Instituto Português do Oriente e Fundação Oriente, Macau, 2004.
- PINTO, Paulo Jorge Sousa, *No Extremo da Redonda Esfera: Relações Luso-Castelhanas na Ásia, 1566-1640. Um ensaio sobre os Impérios Ibéricos*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2010 [texto policopiado].
- PIRES, Benjamim, *A Embaixada Mártir*, Macau, 1988.
- RAMOS, Martin Nogueira, *Les Persecutions contre le Christianisme sous Inoue Masashige (1640-1658) et la Défaite de Kori (1657-1658)*, dissertação de mestrado apresentada em Langues et Civilisations de l'Asie Orientale na Universidade Paris-Diderot, 2008 [texto policopiado]. (veja-se também COSTA, João Paulo Oliveira).
- REGO, António da Silva, *O Padroado Português do Oriente*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940.
- REINIER H. Hesselink «Japan through Dutch Eyes» in *Briding the Divide. 400 Years. The Netherlands – Japan*, Leonard Blussé, Willem Remmelink e Ivo Smits (dir.), Hotei Publishing, 2000, p.52.
- Revue de Synthèse. Les Jésuites dans le Monde Moderne. Nouvelles Approches*, t.120, 4e s., n° 2-3, (1999).
- RIBEIRO, Madalena, *Samurais Cristãos. Os Jesuítas e a Nobreza Cristã do Sul do Japão no séc. XVI*, Lisboa, CHAM-FCSH-UNL-UA, 2009.
- ROBLES DÉGANO, Felipe, *Vida de San Pedro Bautista*, Francisco López Hernández (dir.), Salamanca, Kádmos, 1997.
- RODRIGUES, Helena Margarida Barros, *Nagasáqui Nanban das Origens à Expulsão dos Portugueses*, dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006 [texto policopiado].
- RODRIGUEZ RODRIGUEZ, Isacio, ALVAREZ FERNANDEZ, Jesus, *Diccionario Biografico Agustiniano*, 2 vol., Valladolid, Estudio Agustiniano, 1992.
- Rosen, Steven L., “Japan as Other: Orientalism and Culture Conflict” in *Journal of Intercultural Communication*, n° 4, Novembro (2000). www.immi.se/intercultural/.

- ROSS, Andrew C., *A Vision Betrayed. The Jesuits in Japan and China 1542-1742*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1994.
- RUIZ-DE-MEDINA, Juan, *El Martirologio del Japón, 1558-1873*, Roma, IHSI, 1999.
- RUIZ-DE-MEDINA, Juan, “Los Orígenes de las Misiones Agustonianas en China a Partir de Macao” in *Agustinos en América e Filipinas. Actas del Congreso Internacional (Valladolid 16-21 Abril 1990)*, Isacio Rodríguez Rodríguez (dir), vol.II, Valladolid-Madrid, s.n. 1990, pp.827-859.
- SADLER, A.L., *The Maker of Modern Japan. The Life of Shogun Tokugawa Ieyasu*, Rutland-Vermont-Tokyo, 1978.
- SCHILLING, Doroteo, “Le Missioni Francescani Spagnuoli nel Giappone. Secondo Periodo 1598-1613” in *Pensiero Missionario*, X (1938), pp.193-223 e 289-299.
- SCHILLING, Doroteo, “Le Missioni Francescani Spagnuoli nel Giappone. Primo Periodo 1593-1597” in *Pensiero Missionario*, IX (1937), pp.290-309.
- SCHMIDT, Petra, *Capital Punishment in Japan*, Leiden-Boston-Colónia, Brill, 2001.
- SEBES, Joseph S., “Christian Influences on the Shimabara Rebellion” in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XLVIII (1979), pp.136-148.
- Studies in the Institutional History of Early Modern Japan*, org. John W. Hall e Marius B. Jansen, Princepton, Princepton University Press, 1968.
- STEENSTRUP, Carl, *A History of Law in Japan Until 1868*, Leiden, Brill, 1991.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay, *O Império Asiático Português, 1500-1700. Uma História Política e Económica*, Lisboa, Difel, 1995.
- The Bakufu in Japanese History*, Jeffrey P. Mass e William B. Hauser (dir.), Stanford, Stanford University Press, 1985.
- The Cambridge History of Japan*, vol. IV, org. John Whitney Hall, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.
- Tokugawa Japan. The Social and Economic Antecedents of Modern Japan*, dir. Chie Nakane e Shinzaburô Ôishi, trad. Conrad Totman, Tokyo, University of Tokyo Press, 1990.
- TOTMAN, Conrad, *Early Modern Japan*, Londres-Los Angeles, University of California Press, 1993.

- TOTMAN, Conrad, *Tokugawa Ieyasu: Shogun*, Heian, 1983.
- TOTMAN, Conrad, *Politics in the Tokugawa Bakufu 1600-1843*, Cambridge Mass, Harvard University Press, 1967.
- TURNBULL, Stephen, *The Kakure Kirishitan of Japan*, s.l., Japan Library, 1998.
- TURNBULL, Stephen, “The Veneration of the Martyrs of Ikitsuki (1609-1645) the Japanese ‘Hidden Christians’” in *Martyrs and Martyrologies*, ed. Diana Wood, Oxford, Blackwell Publishers, 1993, pp.295-310.
- VALLADARES, Rafael, *Castilla y Portugal en Asia (1580-1680). Declive Imperial y Adaptación*, Louvain, Leuven University Press, 2001.
- VENARD, Marc, “Les formes personnelles de la vie religieuse” in *Histoire du Christianisme Des Origines à nos Jours*, Jean-Marie Mayeur, Charles Pietri, André Vauchez e Marc Venard (dir.) vol. VIII, *Les Temps des Confessions (1530-1620/30)*, dir. Marc Venard, s.l., Desclée, 1992, pp.1018-1028.
- VENTURI, Pietro Tacchi, “Tre Lettere Inedite di Quatro Beati Martiri del Giappone” in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, IX (1940), pp.40-47.
- VIGLIELMO, V. H., “The Preface and the First Ten Chapters of Amati’s *Historia del regno di Voxv...*” in *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 20 (1957), pp. 619-643.
- VIGLIELMO, V. H., “Scipione Amati’s Account of the Date Masamune Embassy: A Bibliographical Note” in *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 19 (1956), pp. 155-159.
- WILLEKE, Bernward H., “A Memorandum of Pedro Baptista Porres Tamayo, on the State of the Missions in Japan (1625)” in *Archivum Franciscanum Historicum*, 86 (Jan-Jun 1993) pp.81-97.
- YUKO Shimizu, «Rethinking the History of Christianity in Japan in the Light of Legal Sources from the Early Modern Japan» comunicação apresentada em *Early Modern Japan in European Archives. Eurasian Tracks* organizada pelo Institute for Research in Humanities, Universidade Kyoto, Setembro 2012.
- YUUKI, Diego, *Os Quatro Legados dos Dáimios de Quiuxu Após Regressarem ao Japão*, Instituto Cultural de Macau – Embaixada de Portugal em Tóquio – Câmara Municipal de Omura, 1980.

7. ESTUDOS RELATIVOS À REALIDADE POLÍTICA, CULTURAL E DAS MENTALIDADES EUROPEIAS

AAVV, *De L'Alphabétisation aux Circuits du Livre en Espagne. XVI-XIX Siècles*, Paris, Centre National de Recherche Scientifique, 1987.

ADAMS, Thomas R, BARKER, Nicolas, "A New Model for the Study of the Book" in *A Potencie of Life. Books in Society*, ed. Nicolas Barker, Londres, British Library-Oak Knoll Press, 2001 [1993].

AMBROSIO SÁNCHEZ, Manuel "La Biblioteca del Predicador (en el siglo XVI): Renovación y Continuidad" in *L'Écrit dans l'Espagne du Siècle d'Or. Pratiques et Représentations*, ed. Pedro M. Cátedra, María Luisa López-Vidriero e Augustin Redondo, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca – Publications de la Sorbonne, 1998, pp.289-304.

BARRETO, Luís Filipe, *Macau: Poder e Saber. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006.

BELLETTINI, Pierangelo, "La Stamperia camerale di Bologna. I – Alessandro e Vittorio Benacci" in *La Bibliofilia*, XC-XCI (1988), pp.21-54.

BERCE, Yves-Marie, SALLMANN, Jean-Michel, DELILLE, Gerad, WAQUET, Jean-Claude, *L'Italie au XVII Siècle*, Paris, Sedes, 1989.

BERGER, Philippe, "Quelques Observations sur la Production Imprimée à Valladolid au Siècle D'Or" in *Livre et Libraires en Espagne et au Portugal (xvie – xxe siècles). Actes du Colloque International de Bordeaux*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.27-38.

BERGER, Philippe, *Libro y Lectura en la Valencia del Renacimiento*, 2 vols., Valencia, 1987.

BLACK, Christopher F., *Early Modern Italy. A Social History*, London, Routledge, 2001.

BOSCH, David J., *Dynamique de la Mission Chrétieene, Histoire et Avenir des Modèles Missionnaires*, Paris-Lomé-Genebra, 1995.

BOUZA, Fernando, *D. Filipe I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

BOUZA, Fernando, *Corre Manuscrito. Una Historia Cultural del Siglo de Oro*, Marcial Pons, Madrid, 2001.

- BOUZA, Fernando, *Portugal no Tempo dos Filipes*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000.
- BOUZA, Fernando, *Imagen y Propaganda. Capítulos de Historia Cultural del Reinado de Felipe II*, Madrid, Akal, 1998.
- BOUZA, Fernando, *Del Escribano a la Biblioteca*, s.l., Editorial Síntesis, s.d..
- BOUZA ÁLVAREZ, José Luís, *Religiosidad Contrareformista y Cultura Simbolica del Barroco*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.
- BOXER, Charles R., *O Grande Navio de Amacau*, Manuel Leal Vilarinho (trad.) Lisboa – Macau, Fundação Oriente – Museu e Centro de Estudos Marítimos, 1989.
- BOXER, C.R., *O Império Marítimo Português – 1415-1825*, Lisboa, Edições 70, 1992.
- BUESCU, Ana Isabel, «A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI-XVII», *Ler Historia*, 45 (2003), pp.19-48.
- BUESCU, Ana Isabel, «Aspectos do Bilinguismo Português-Castelhano na Época Moderna», *LXIV/1*, nº 216, (2004) pp. 13-38.
- BUESCU, Ana Isabel, *Memória e Poder: Ensaio de História Cultural. Século XVI-XVIII*, Cosmos, 2005 (2000).
- BUESCU, Ana Isabel, «O Norte a Sul na Europa Iluminista: um aspecto da geografia cultural no século XVII», *Revista de História Económica e Social* 19 (1987), pp.77-93.
- BULGARELLI, Sandro, “Gazzette e Circolazione delle Informazioni in Italia nel XVII Secolo” in *Accademie e Biblioteche d’Italia*, LI, 34ns, 4-5 (1983), pp.308-317.
- BURKE, Peter, *A Social History of Knowledge. From Gutenberg to Diderot*, Cambridge, Polity Press, 2000.
- BURKE, Peter, *Varieties of Cultural History*, Cambridge, Polity Press, 1997.
- BURKE, Peter, “How to Be a Counter-Reformation Saint” in *Religion and Society in Early Modern Europe 1500-1800*, Kaspar von Greyerz (dir), Londres, German Historical Institute, 1984, pp.45-55.
- CARO BAROJA, Julio, *Las Formas Complejas de la Vida Religiosa, Religión, Sociedad y Carácter de los Siglos XVI y XVII*, vol. I, Barcelona, Galaxia Gutenberg – Círculo de Lectores, 1995.

- CAVALLO, Guglielmo, Chartier, Roger, *Histoire de la Lecture dans le Monde Occidental*, Paris, Seuil, 1997.
- CHARTIER, Roger, *As Utilizações do Objecto Impresso*, Lisboa, Difel, 1998.
- CHARTIER, Roger, *A Ordem dos Livros*, Lisboa, Vega, 1997.
- CHARTIER, Roger, "As práticas da escrita", in *História da Vida Privada*, Philippe Ariès e Georges Duby (dir.) vol. III, *Do Renascimento ao Século das Luzes*, Porto, Edições Afrontamento, 1990, pp.113-161.
- CHARTIER, Roger, *A História Cultural entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 1988.
- Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Fernando Cristovão (dir), Lisboa, Edições Cosmos, 1999.
- CRÉMOUX, Françoise, "El Estatuto de los Relatos de Milagros: El Ejemplo de las Colecciones de Guadalupe en el Siglo XVI" in *L'Écrit dans l'Espagne du Siècle d'Or. Pratiques et Représentations*, ed. Pedro M. Cátedra, María Luisa López-Vidriero e Augustin Redondo, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca – Publications de la Sorbonne, 1998, pp.85-94.
- CUESTA GUTIERREZ, Luisa, *La Imprenta en Salamanca. Avance al Estudio de la Tipografía Salmantina (1480-1944)*, Diputación Provincial de Salamanca, Salamanca, 1960.
- CURTO, Diogo Ramada, "Littératures de large circulation au Portugal (XVIe.-XVIIIe. siècles)" sep. *Colportage et Lecture Populaire*, Paris, 1996, pp.299-328.
- DANDELET, Thomas, "Spanish Conquest and Colonization at the Center of the Old World: The Spanish Nation in Rome, 1555-1625" in *The Journal of Modern History*, 69, 3 (1997), pp.479-511.
- DELOOZ, Pierre, "Pour une étude Sociologique de la Sainteté Canonisée dans l'église Catholique" in *Archives de Sociologie des Religions*, 13 (1962), pp.17-43.
- DEXEUS, Mercedes, "El Catálogo Colectivo de Impresos Existentes en las Bibliotecas Españolas: Situación y Perpectivas" in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe – XXe siècles). Actes du Colloque International de Bordeaux 25-27 Avril 1986*, Paris, Centro National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.7-14.

- DICKENS, A., G., TONKIN, John, *The Reformation in Historical Thought*, Oxford, Basil Blackwell, 1985.
- DIAS, José Silva, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI e XVII)*, Coimbra, Instituto Estudos Filosóficos, 1960.
- DITCHFIELD, Simon, “Martyrs on the Move: Relics as Vindicators of Local Diversity in the Tridentine Church” in *Martyrs and Martyrologies*, ed. Diana Wood, Oxford, Blackwell Publishers, 1993, pp.283-294.
- DOMÍNGUEZ GUSMÁN, Aurora, *La Imprenta en Sevilla en el Siglo XVII. Catálogo y Análisis de su producción 1601-1650*, Sevilla, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1992.
- DOMPNIER, Bernard, “Le Missionnaire et son Public” in *Journées Bossuet. La Prédication au XVII^{ème} Siècle. Actes du Colloque Dijon 2,3, e 4 Décembre 1977*, ed. Thérèse Goyet e Jean Pierre Collinet, 1980, pp.105-122.
- DOOLEY, Brendan, “News and Doubt in Early Modern Culture” in *The Politics of Information in Early Modern Europe*, ed. Brendan Dooley e Sabrina A. Baron, London, Routledge, 2001, pp.275-290.
- DOOLEY, Brendan, *The Social History of Sketicism. Experience and Doubt in Early Modern Culture*, Baltimore-London, Johns Hopkins University Press, 1999.
- EISENTEIN, Elizabeth L., *The Printing Press as an Agent of Change*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1979).
- ELLIOTT, J. H., “Self-Perception and Decline in Early Seventeenth-Century Spain” in *Past & Present*, 74 (1977), pp.41-61.
- ÉTIENVRE, Jean-Pierre, “Entre Relación y Carta: Los Avisos” in *Les Relaciones de Sucessos (Canards) en Espagne (1500-1750). Actes du Premier Colloque International*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá – Publications de la Sorbonne, 1996, pp.111-121.
- ETTINGHAUSEN, Henry, “Politics and the Press in Spain” in *The Politics of Information in Early Modern Europe*, Brendan Dooley e Sabrina A. Baron (dir), Londres, Routledge, 2001, pp.199-215.

- ETTINGHAUSEN, Henry, "Prensa comparada: relaciones hispano-francesas en el siglo XVII" in *Estado Actual de los Estudios sobre el Siglo de Oro*, ed. Manuel García Martín, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993, pp.339-345.
- ETTINGHAUSEN, Henry, "Sexo y violencia: noticias sensacionalistas en la prensa española del s.XVII" in *Edad de Oro*, XII (1993), pp.95-107.
- ETTINGHAUSEN, Henry, "The Illustrated Spanish News. Text and Image in the Seventeenth-Century Press" in *Art and Literature in Spain: 1600-1800. Studies in Honour of Nigel Glendinning*, dir. Charles Davis e Paul Julian Smith, Londres, Támesis, 1993.
- ETTINGHAUSEN, Henry, "The News in Spain: Relaciones de sucesos in the Reigns of Philip III and IV" in *European History Quarterly*, 14, 1 (1984), pp.1-20.
- EUROPE in the Sixteenth Century, H. G. Koenigsberger, George L. Mosse, G. Q. Bowler (dir.) Longman, Londres – Nova York, 1989.
- FERNANDES, Lurdes Correia, «Da Reforma da Igreja à Reforma dos Cristãos: Reformas, Pastoral e Espiritualidade» in *História Religiosa de Portugal*, Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Humanismos e Reformas*, vol.2, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.15-47.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, «Espiritualidade» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.188-192.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, «Literatura Religiosa» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 3, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.125-130.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, «Laicado» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.47-51.
- FOUCAULT, Michel, *Discipline & Punish. The Birth of the Prison*, Nova York, Vintage Books, 1977.
- FREER, Percy, *Bibliography and Modern Book Production*, Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1954.

- GARCÍA DE LA FUENTE, Víctor, “Relaciones de Sucesos en forma de carta: Estructura, Temática y Lenguaje” in *Les Relaciones de Sucessos (Canards) en Espagne (1500-1750). Actes du Premier Colloque International*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá – Publications de la Sorbonne, 1996, pp.177-184.
- GASKELL, Philip, *A New Introduction to Bibliography*, Oxford, Oxford University Press, 1972.
- GERARD, Siary, “Les voyageurs européens au Japon de 1853 à 1905” in *Regards et Discours Européens sur le Japon et l’Inde au XIX Siècle*, Bernadette Lemoine (dir.), Limoges, Pulim, 2000.
- GILMONT, Jean-François, “Books of Martyrs” in *Oxford Encyclopedia of the Reformation*, dir. Hans J. Hillerbrand, vol. I, New York – Oxford, Oxford University Press, 1996, pp.195-200.
- GOUVEIA, Camões, «Contra-Reforma» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.15-19.
- GOUVEIA, Camões, «Relíquias» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol.4, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.120-125.
- GREGORY, Brad G., *Salvation at Stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1999.
- HEDDE, R., “Martyre” in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, dir. A. Vacant, E. Mangenot e É. Amann (dir.), tomo X, Paris, Librairie Leteney, 1928, col.220 a 254.
- História da Inquisição Portuguesa 1536-1821*, Giuseppe Marcocci e José Pedro Paiva (dir), Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013.
- História de Portugal*, Rui Ramos coord., Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.
- História de Portugal*, José Mattoso (dir.), 3º vol., *Do Alvorecer da Modernidade*, Joaquim Romero de Magalhães (coord.), Lisboa, Estampa, 1994.
- Historia de España*, Manuel Tuñón de Lara, Julio Valdeón Baruque e António Domínguez Ortiz (dir.), Barcelona, Editorial Labor, 1991.

- HIROYUKI Mito «Vocabulário Português & Latino de Raphael Bluteau e o Japão nos séculos XVII e XVIII depois da expulsão dos Portugueses e dos Castelhanos» in *Revista de Letras*, Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, série 2, nº 6 (2007), pp.115-128.
- HORNEDO, Rafael Maria, “Teatro e Iglesia en los Siglos XVII y XVIII” in *Historia de la Iglesia en España*, Ricardo Garcia Villoslada (dir.), vol. IV, *La Iglesia en España de los Siglos XVII y XVIII*, Antonio Mestre Sanchis (dir.), Madrid, Editorial Católica, 1979, pp.309-358.
- HSIA, R. Po-Chia, *The World of Catholic Renewal 1540-1770*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999 [1998].
- IMPLICIT Understandings. Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, dir. Stuart B. Schwartz, Cambridge University Press, 1994 [1995].
- INFANTES, Víctor, “Qué es una relación? (Divagaciones varias sobre una sola divagación)” in *Les Relaciones de Sucessos (Canards) en Espagne (1500-1750). Actes du Premier Colloque International*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá – Publications de la Sorbonne, 1996, pp.203-216.
- INFELISE, Mario, “Gli avvisi di Roma. Informazione e politica nel secolo XVII” in *La Corte di Roma Tra Cinque e Seicento “Teatro” della Politica Europea*, Gianvittorio Signoretto e Maria Antonietta Uisceglia (dir.), Roma, Bulzoni Editori, 1998, pp.189-206.
- Istoria de la Edición y de la Lectura en España 1475-1914*, Victor Infantes, François Lopez e Jean-François Botrel (dir.), Madrid, Fundacion Germán Sánchez Ruipérez, 2003.
- LACH, Donald, VAN KLEY, Edwin J., *Asia in the Making of Europe*, vol. III, *A Century of Advance*, Livro 4, *East Asia*, Chicago, University of Chicago Press, 1993.
- LACH, Donald, VAN KLEY, Edwin J., *Asia in the Making of Europe*, vol. III, *A Century in Advance*, Livro 1, *Trade, Missions, Literature*, Chicago-Londres, The University Chicago Press, 1965.
- LIVET, Georges, *Les guerres de religion (1559-1598)*, Paris, PUF, 1966.

- LEWIS, C.S., *The Discarded Image. An Introduction to Medieval and Renaissance Literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, María José, *Bibliografía de Impresos Granadinos de los Siglos XVII y XVIII*, tomo I, Granada, Universidad de Granada – Disputación Provincial de Granada, 1997.
- LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, María José, “La Consolidación de la Imprenta. El siglo XVII” in *La Imprenta en Granada*, Granada, Universidad de Granada – Junta de Andalucía, 1997, pp.73-103.
- LOUREIRO, Rui Manuel, “O encontro de Portugal com a Ásia no século XVI” in *O Confronto do Olhar*, Lisboa, Caminho, 1991, pp.155- 211.
- LYNCH, J., “Philip II and the Papacy” in *Transactions of the Royal Historical Society*, 1^a, II (1961), pp.22-43.
- MAIO, Romeo de, “L’ideale eroico nei processi di canonizzazione della Controriforma” in *Riforme e Miti nella Chiesa del Cinquecento*, Napoles, Guida Editori, 1973, pp.257-278.
- MARAVALL, José Antonio, *Poder, Honor y Élités en el Siglo XVII*, Madrid, Siglo XXII de España, 1979.
- MARTIN, Henri-Jean, *Pour une Histoire du Livre (XV-XVIII siècles). Cinq Conférences*, Napoles, Bibliopolis, 1987.
- MARTIN, Henri-Jean, “Livres et Société” in *Histoire de l’ Edition Francaise*, tomo I, *Le Livre Conquérant Du Moyen Age au Milieu du XVII siècle*, s.l., Promodis, 1982, pp.543-561.
- MCKENZIE, D.F., *La Bibliographie et la Sociologie des Textes*, Paris, Editions du Cercle de la Librairie, 1991.
- MICHEL, A., "Suicide" in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann (dir), Paris, tomo XIV, 2^a parte, Librairie Letouzey et anê, 1941.
- MINARD, Philippe, *Typographes des Lumières*, Seyssel, Champ Vallon, 1989.
- MOLL, Jaime, “Libros para todos” in *Edad de Oro*, XII (1993), pp.191-201.

- MOLL, Jaime, "Para el Estudio de la Edición Española del Siglo de Oro" in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe – Xxe siècles). Actes du Colloque International de Bordeaux 25-27 Avril 1986*, Paris, Centro National de la Recherche Scientifique, 1989, p.15-25.
- MOUSLEY, Andrew, "Self, State, and Seventeenth Century News" in *The Seventeenth Century*, VI, 1 (1991), pp.149-168.
- MULLET, Michael A., *The Catholic Reformation*, Routledge, Londres-Nova York, 1999.
- NALLE, Sara T., "Literacy and culture in early modern Castile" in *Past and Present*, 125 (1987), pp.66-95.
- O Orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX)*, António Manuel Hespanha (coord.), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.
- OLIVAL, Fernanda, *D. Filipe II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.
- OLIVEIRA, António de, *D. Filipe III*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- PABLO MAROTO, Daniel, *Historia de la Espiritualidad Cristiana*, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 1990.
- PALOMO, Federico, *A Contra Reforma em Portugal 1540-1700*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006.
- PADWICK, E. W., *Bibliographical Method. An Introductory Survey*, Cambridge-Londres, James Clarke, 1969.
- PENA SUEIRO, Nieves, "Una propuesta de base de datos relaciones para catalogar relaciones" in *Les Relaciones de Sucessos (Canards) en Espagne (1500-1750). Actes du Premier Colloque International*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá – Publications de la Sorbonne, 1996, pp.274-286.
- PEREZ, Rosa Maria, «Introdução» in *Os Portugueses e o Oriente. História, Itinerários, Representações*, Dom Quixote, 2006, pp.11-36.
- PORQUERAS MAYO, A., *El Prologo como Genero Literario. Su Estudio en el Siglo de Oro Español*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1957.
- POUTET, Y, "La sainteté d'après le droit canon et les normes en usage pour les causes de beatifications du Concile de Trente a nos jours" in *Histoire et Sainteté. Actes de la*

- Cinquième Rencontre d'Histoire Religieuse tenue à Angers*, Angers, Presses de l'Université d'Angers, 1982, pp.53-64.
- PRIETO BERNABÉ, José, *La Cultura del Impreso en el Madrid de Felipe II*, Madrid, Artes Gráficas Municipales – Concejalía de Régimen Interior, 1999.
- REDONDO, Augustin, “Les «Relaciones de Sucesos» dans l’Espagne du Siècle D’Or: Un Moyen Priviligé de Transmission Culturelle” in *Cahiers de l’UFR d’Études Ibériques et Latino-Américaines*, n° 7, *Les Mediations Culturelles (Domaine Ibérique et Latino-Américain)*, Paris, Sorbonne Nouvelle, 1989, pp.55-68.
- REDONDO, Augustin, “Relación y Crónica, Relación y «Novela». El texto en Plena Transformación” in *L’Écrit dans l’Espagne du Siècle d’Or. Pratiques et Représentations*, ed. Pedro M. Cátedra, María Luisa López-Vidriero e Augustin Redondo, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca – Publications de la Sorbonne, 1998, pp.179-192.
- RHODES, Dennis E., *Studies in Early Italian Printing*, London, The Pindar Press, 1982.
- RODRIGUES, Manuel Augusto, «Livro Religioso» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol. 3, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.146-148.
- ROJO VEGA, Anastasio, *Ciencia y Cultura en Valladolid. Estudio de las Bibliotecas Privadas de los Siglos XVI y XVII*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1985.
- ALONSO ROMO, Eduardo Javier, «Pedro Morejón: Vida, obra e itinerário transoceanico de um jesuíta castellano» *Los Jesuitas: Religión, Política y Educación (siglos XVI-XVIII)*, vol 3, José Martínez Millán, Henar Pizarro Llorente, Esther Jiménez Pablo (coord.), Universidad Pontificia Comillas, 2012, págs. 1551-1572
- ROSA, Maria de Lurdes, «Hagiografia e Santidade» in *Dicionário História Religiosa de Portugal*, vol 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.), CEHR-UCP, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp.326-361.
- RUIZ ELVIRA, Isabel, “Relaciones de sucesos en la Biblioteca Nacional” in *Les Relaciones de Sucessos (Canards) en Espagne (1500-1750). Actes du Premier Colloque International*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá – Publications de la Sorbonne, 1996, pp.331-337.
- SAID, Edward W., *L’Orientalisme. L’Orient créé par l’ Occident*, Paris, Seuil, 1997.

- SALLMANN, Jean-Michel, “Il Santo e le Rappresentazioni della Santità. Problemi di Metodo” in *Quaderni Storici*, 41 (1979), pp.584-602.
- SALLMANN, Jean-Michel, *Naples et ses Saints a L'Âge Baroque (1540-1750)*, Paris, Presses Universitaires de France, 1994.
- SELLA, Domenico, *Italy in the Seventeenth Century*, Nova York, Logman, 1997.
- SELLA, Domenico, “Crisis and Transformation in Venetian Trade” in *Crisis and Change in the Venetian Economy in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, ed. Brian Pullan, London, Methuen, 1968, pp. 88-105.
- SHULTE, Henry F., *The Spanish Press 1470-1966. Print, Power, and Politics*, Chicago, University of Illinois Press, 1968.
- SIMÓN DÍAS, José, *El Libro Español Antiguo. Análisis de su Estructura*, Kassel, Edition Reichenberger, 1983.
- STURDY, David J., *Fractured Europe 1600-1721*, s.l., Wiley-Blackwell, 2002.
- The Canons and Decrees of the Council of Trent*, traduzido por H.J. Schroeder, Illinois, Tan Books and Publishers, 1978.
- URBANO, Carlota Miranda, «Martírio e identidade no advento da Europa Moderna. Narrativa, memória colectiva e consciência europeia» in N.Souares e L. Moreda, *Génesis e Consolidação da Ideia de Europa – Idade Média e Renascimento*, IV, Imprensa da Universidade, Coimbra, 2009, pp.415-431.
- URBANO, Carlota Miranda, «Tipologias literárias do martírio na hagiografia. As origens» in *Theologica* 41.2 (2006), pp.331-358.
- URBANO, Carlota Miranda, «The *Paciedos* by Bartolomeu Pereira, – Na Epic Interpretation of Evangelisation and Martyrdom in 17th Century Japan” in *BPJS*, 10/11, (2005), pp. 61-95.
- URBANO, Carlota Miranda, «'Mori lucrum'. O ideal de missão e martírio e as missões jesuítas do Extremo Oriente nos séc. XVI e XVII» in *Biblos*, s. II, (2004), pp.131-152.
- URBANO, Carlota Miranda, *Santos e Heróis. A Épica Hagiográfica Novilatina e o Poema «Paciedos» (1640) de Bartolomeu Pereira*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 2004 [texto policopiado].

URBANO, Carlota Miranda, «O Epigrama de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo em louvor do P. Diogo carvalho, mártir do Japão (1624)» in *Boletim de Estudos Clássicos*, Coimbra, 33 (2000), pp.107-114.

VON PASTOR, Ludwig Freiherr, *The History of the Popes*, vol. xxix, *Gregory xv and Urban viii (1621-1644)*, London, Kegan Paul, Trench, Trubner, 1938.

WEISSER, Michael R. *Crime and Punishment in Early Modern Europe*, s.l., Harvester Press, 1979.

WOODWARD, Kenneth, *Making Saints*, Londres, Chatto & Windus, 1990.

GLOSSÁRIO

Bosatsu – (sk: *boditsava*) divindade que se encontra hierarquicamente abaixo do Buda segundo a tradição Mahayana.

Bakufu – governo militar chefiado pelo xogum.

Bugyō – oficial nomeado pelo *bakufu* que assumia em simultâneo funções administrativas e judiciais.

Chō – medida em acres. Equivalente a 0.99 acres.

Daikan – administrador-residente ao serviço do *bakufu*.

Goningumi – grupo de cinco famílias, associadas a fim de se vigiarem mutuamente. O mecanismo foi criado no início do período Tokugawa com dois objectivos: garantir que as normas do *bakufu* eram cumpridos ao nível local e facilitar a busca de criminosos, guerreiros leais à casa Toyotomi e Kirishitan.

Kami – designa as forças animistas e espíritos divinos, no sentido de superiores aos humanos venerados nos cultos do Xintoísmo.

Kan – medida de peso. Equivalente a 3,75kg.

Kanpaku – regente do imperador reinante, o grau honorífico mais elevado no seio da corte imperial.

Kubō – termo pelo qual durante o período do *bakufu* Muromachi, se identificava os xoguns Ashikaga.

Kyōdōtai – sistema de organização comunitária, que pressupunha a auto-suficiência das comunidades rurais.

Mura – aldeia, no sentido de área territorial que usufruía de grande autonomia económica, política e administrativa, e que enquadrava a estrutura política tripartida em que se organizavam os domínios Tokugawa (província/*kuni*; districto/*kōri* e aldeia/*mura*).

Shūmon aratame – lit: Exame religioso após o qual um templo emitia um certificado que garantia que determinado indivíduo aderira à respectiva seita. Em termos genéricos remete para o conjunto de medidas legislativas que estabeleciam apertados

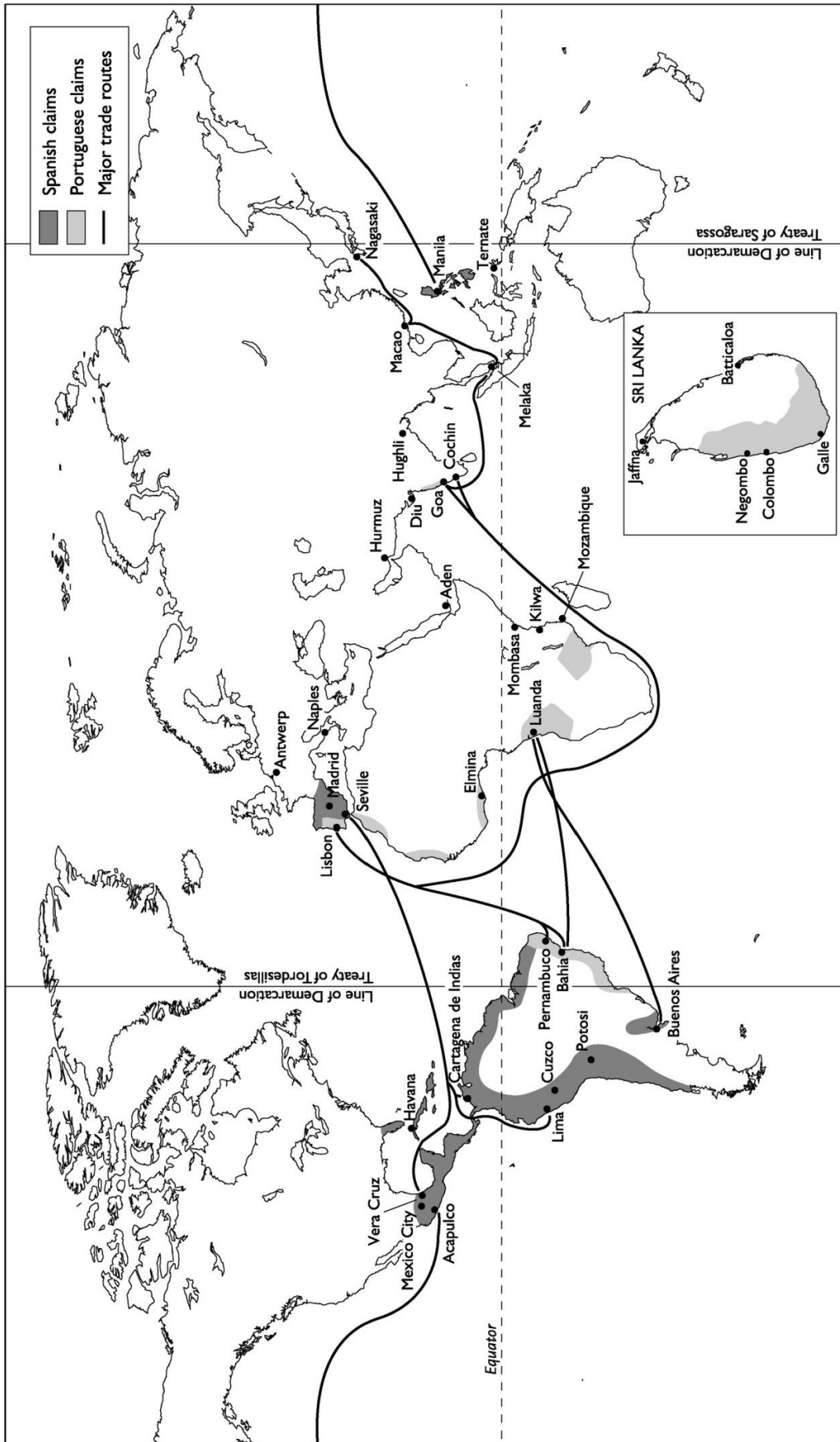
mecanismos de controlo social a toda a população, emitidas pelos Tokugawa a partir da década de 1630.

Shumōn aratame yaku – inquisidor do xogunato.

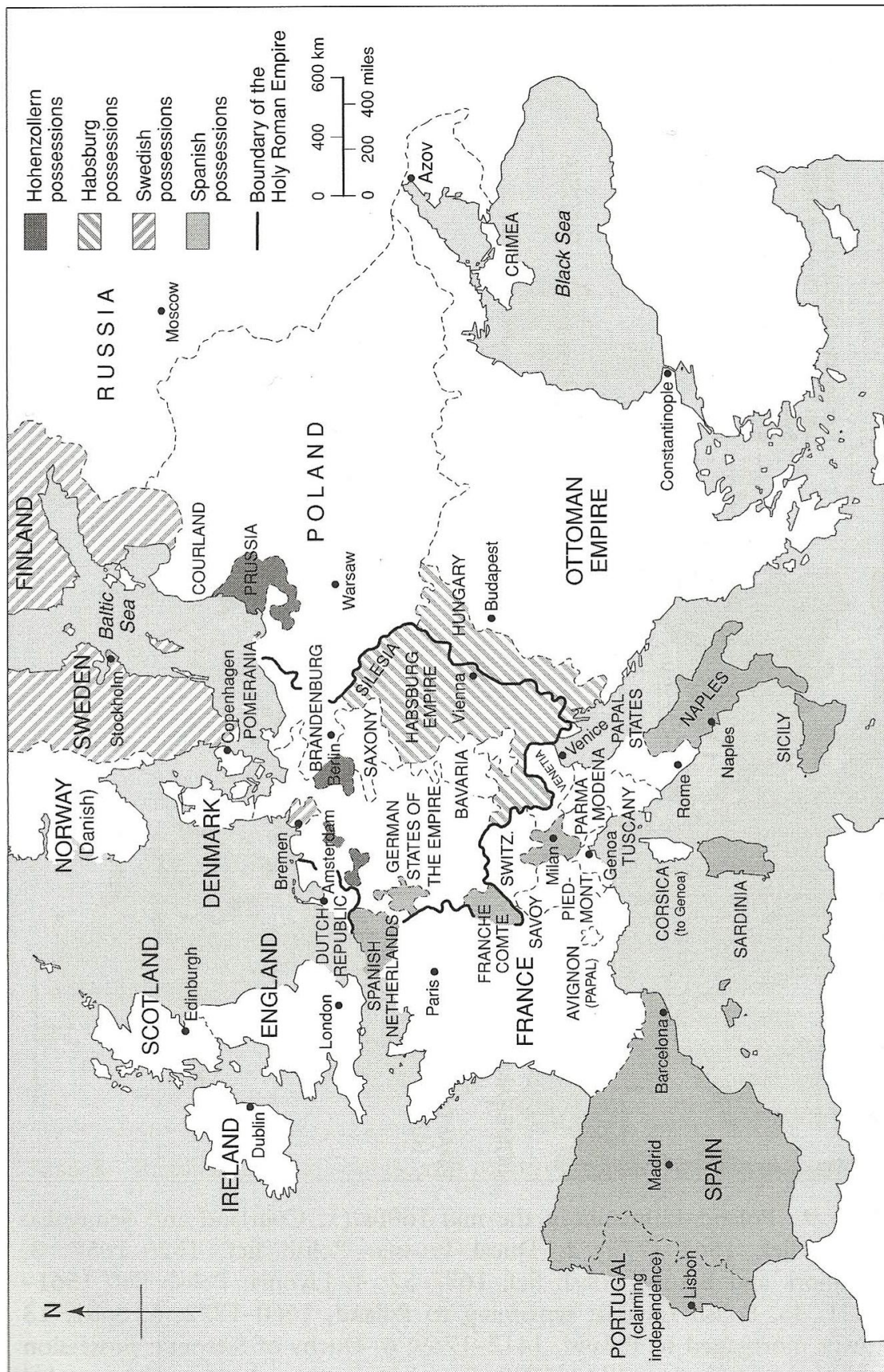
Taikō – regente retirado do imperador.

Tenka – lit: “debaixo do céu”, isto é, o império.

MAPAS



Mapa 3: Os impérios ultramarinos ibéricos, c. 1600A Europa em Seiscentos
 Fontes: Sanjay Subrahmanyam



Mapa 4: A Europa em Seiscentos
 Fonte: David Sturdy

ANEXO: Reportório Bibliográfico

REPORTÓRIO BIBLIOGRÁFICO

A realização do reportório bibliográfico dos textos impressos por ordens missionárias sobre o Japão na Europa durante a primeira metade do séc. XVII respeitou critérios que importa enunciar.

Foram compilados todas as obras impressas na Europa, redigidas por missionários ou outros religiosos, onde constasse no título a referência ao Japão, a topónimos ou antropónimos de clara identificação nipónica (por exemplo, Nagasaki ou Yezo, isto é Edo), independentemente da língua de redação em que foram publicados.

Este levantamento bibliográfico foi iniciado a partir da consulta de um leque abrangente de catálogos referentes a textos publicados no século XVII, a edições em determinadas regiões geográficas, a obras de autoria religiosa, ou especializados no caso nipónico. O trabalho foi prosseguido e consolidado pela pesquisa e consulta nas principais bibliotecas europeias e arquivos das ordens religiosas (*vide* Bibliografia - 1. Arquivos e Bibliotecas e 4. Catálogos).

O trabalho de arquivo realizado permitiu a localização de parte substancial destas obras. Os textos que não foram localizadas constam no reportório com essa indicação bem como com a referência do catálogo bibliográfico onde surgem mencionados.

O reportório bibliográfico contabiliza 433 títulos, sem que se tenha levado em consideração destrinças em função do volume de fólios e do formato da publicação. Seja uma história geral, uma carta ânua, um relato ou um panfleto, os títulos foram inventariados como uma unidade. De igual modo não se procedeu à destrinça entre primeira edição e traduções. A tradução é aliás uma questão sensível porque os textos traduzidos eram «fruto de um trabalho editorial complexo, feito de selecção e censura, destinado a fornecer uma determinada imagem e a controlar rigorosamente as reacções dos leitores. Em suma, um trabalho destinado à propaganda»¹.

¹ Adriano Prosperi, *O Homem Barroco*, Lisboa, Presença, 1995, p.148.

Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão e China aos da mesma Companhia da India, e Europa des do anno de 1549 ate o de 1580. Primeiro Tomo. Nellas se conta o principio, socesso, & bondadade da Christandade daquellas partes, & varios costumes, & falsos ritos da gentildade. Impressas por mandado do Reuerendissimo em Christo Padre dom Thetonio de Bragança, Arcebispo d'Euora, 2 tomos, Manuel de Lyra, Évora, 1598.

Compendio de algvas cartas qve este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesv, que residem na India & corte do grão Mogor, & nos Reynos da China, & Iapão, & no Brasil em que se contem varias cousas. Collegiadas por o padre Amador Rebello de mesma companhia, Alexandre Siqueira, Lisboa, 1598.

Historica Relatio, De Potentissimi Regis Mogor, a Magno Tamerlane Orivndi, Vita, Moribvs, Et Symma in Christianam Religionem propensione. Deinde de Omnivm Iaponiae Regnovum, Qvae Vni Nvnc Monarchae Qvabacvndono parent, proxima ad Regnum Christi conuersione. Collecta ex Epistolis anno M. D. XCII, XCIII. & XCV inde datis. A R. P. Joanne Baptista Pervscho Romano Societatis Iesv, Tipografia Henrici Breem, Mogúncia, 1598.

J. B. Peruschis, Zwey Kurtz Bericht. I von de Grosmächtigen Königs Mogor Person, Leben etc... II von christlicher bekehrung des Königreichs Japonia, J. Breem, Mogúncia, 1598.

Luís Fróis, Avisso Venuto Nuovamente dall' India del Giappone. Nella quale si trata dala infelice morte del crudelissimo Re Quabacondono, con altri signori suoi amici. Con la inhumana crudeltà di Taicosama Prencipe del Giappone Scrita..., Publicata per Domenico Amici, Bartolomeo Bonfadino, Roma, 1598, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 191].

Luís Fróis, Nova Relatio Historica De Statv Rei Christianae In Iaponia, Et De Qvabacvndoni, Hoc Est, Monarchae Iaponici trucidatione, binis Epistolis A R.P. aloysio Frois Societatis Iesv, Anno M.D.XCV datis, comprehensa, Nunc ex Italico Idiomate in latinum traducta, org. Jean Busée, Joannis Albini, Mogúncia, 1598.

Luís Fróis, Raggvaglio della Morte di Qvabacondono, Scritta dal P. Lvigi Frois della Compagnia di Giesù, dal Giappone nel Mese d'Ottobre del 1595. Et dalla Portoghese nella lingua Italiana tradotta dal P. Gasparo Spitili di Campli della Compagnia medesima, Luigi Zannetti, Roma, 1598.

[Luís Fróis], Copia D'Vna Lettera Annva Scritta Dal Giappone Nel M.D. XCV. Al R. P. Claudio Acquaiua Generale della Compagnia di Giesv. Et dalla Portoghese nella lingua Italiana tradotta dal P. Gasparo Spitilli di Campli, della Compagnia medesima, Luigi Zannetti, Roma, 1598.

[Luís Fróis], Zwei Jahrschreiben aus Japonia, was fruchtbars in anno 1579, im Weinberg dess Herrns daselbst aufgericht, un vom schrecklichen Ableiben Quabacondons uns seines Anhangs, J. Albinus, Mogúncia, 1598.

Pedro Bautista , *Traslado fiel y verdaderamente sacado de vna carta original del Padre Fray Pedro Baptista Comissario de los Padres Franciscos en Iapon, escrita a vno de su Religion. Al Hermano Fray Marcelo de Ribadeneyra, que N.S. guarde, Predicador etc. En Nangasaqui: y en su ausencia a qualquier de los Hermanos. Del Comissario, s.l., Madrid, 1598.*

[Gaspar Coelho] e Luís Fróis, *Copia di due lettere annue scritta dal Giappone del 1589 et 1590. L'vna dal p. viceprovinciale... l'altra dal p. Luigi Frois... El dalla sapgnuola nella italiana lingua tradotte dal p. Gasparo Spitilli, Policreto Turlini, Brescia, 1598.*

[franciscano], *Relacion svmaria y verdadera de vna embaxasa que el santo fray pedro baptista de la Orden del bienauenturado padre San Francisco, de la prouincia de San Joseph de los descalços de Espanã hizo a Taicozama emperador de Iapon: y del illustrissimo martyrio que recebio com otros cinco padres tambien descalços de la mesma orden, y tres hermanos de la Companhia de Iesus y diez y siete iapones christianos sus allegados a 5 de Hebrero dia la gloriosa sanda gaueda del año de 1597. Recopilada de informaciones autenticas que de Filipinas y Iapon le inuiaron a España, s.i., Valencia, 1599.*

[jesuíta], *Copia de unas cartas de algunos padres y hermanos de la Compañia de Jesus que escriuieron de la India, Japon y Brasil a los padres de la misma compañia en Portugal, trasladadas de portugues en castellano. Acabase a treze dias del mes de Deziembre, João Álvarez, Lisboa, 1599, [Obra não localizada. Citada por Mercedes Cobo (1966), n 347].*

[jesuíta], *Japonicae tres litterae de 26 personis crucifixis et de miraculis Jesuitarum anno 1596 in Japonia factis, s.i., Mogúncia, 1599.*

Juan de Ribera, *Dos informaciones hechas en Iapon: vna de la hazienda que Taycosama, señor ds. el dicho Reyno, mandò tomar de la Nao S. Felipe, que arribó a el contempestad, yendo de las Filipinas à Nueva Espanã, y se perdió en puerto de Vrando: y otra de la muerte de seis Religiosos Descalços de S. Frãcisco, y tres de la Compañia de Iesus, y otros diez y e siete Iaponeses, que el dicho Rey mandó crucificar en la ciudad de Nangasaqui, s.i., Madrid, 1599.*

Juan de Santa Maria, *Relacion del Martirio que seys Padres Descalços Franciscos, e veynte Iapones Christianos padecieron en Iapon. Hecha por Fr. Iuan de Santa Maria, Prouincial de la prouincia de S. Ioseph de los Descalços. Dirigida al Rey nuestro S. don Felipe III, Varez de Castro, Madrid, 1599.*

Juan de Santa Maria, *Relatione del Martirio, Che Sei Padri Scalzi Di San Francesco, et venti Giapponesi Christiani partirono nel Giappone l'anno 1597. Scriita dal R. P. Fra Gio. Di Santa Maria Prouinciale della Prouincia di S. Gioseppe de gli Scalzi, tradotta dalla lingua spagnuola nella Italiana, per ordine del R. P. Fra Gioseppe di Santa Maria Custode di detta Prouincia per il Capitolo Generale. Dedicata alla Sta di N.S. Clemente VIII, Nicola Muzi, Roma, 1599.*

Luís Fróis , *De Rebus Japonici Historica Relatio, E Aqve Triplex: I. De gloriosa morte 26 Crucifixorum. II. De Legatione Regis Chinensium ad Regem Iaponiae, & de Prodigijs legationem antegressis. III. De rebus per Iaponiam anno 1596, a PP. Soc*

Iesv durante persecutione gestis. A R. P. Lvdo vico Frois Societatis Iesv, Ad R. P. Cladivm Aquauuiam, eiusdem Societatis Praepositum Generalem missa: Et Ex Italico Idiomate Moguntiae Latinam linguam translata, org. Jean Busée, Joannes Albinis, Mogúncia, 1599.

Luís Fróis, *Historica relatio de legatione regis Sinensium ad regem Japonum*, Luigi Zannetti, Roma, 1599, [Obra não localizada. Citada por Carayon, n 704; Barbosa de Machado III, p.102].

Luís Fróis, *Lettera Annva del Giappone dell' Anno M.D.XCVI. Scritta dal P. Luigi Frois, R. P. Clavdio Acqvaviva Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta in italiano dal P. Francesco Mercati Romano della stessa Compagnia di Giesù*, Pacifico Pontio, Milão, 1599.

Luís Fróis, *Lettera Annva del Giappone dell' Anno M.D.XCVI. Scritta dal P. Luigi Frois, al R. P. Clavdio Acqvaviva Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta in italiano dal P. Francesco Mercati Romano della stessa Compagnia di Giesù*, Luigi Zannetti, Roma, 1599.

Luís Fróis, *Lettera Annva del Giappone dell' Anno M.D.XCVI. Scritta dal P. Luigi Frois, al R. P. Claudio Acquaiiua Generale della Compagnia di Giesù. Tradotta in Italiano dal P. Francesco Mercati Romano della stessa Compagnia*, Francesco Bolzetta, Pádua, 1599.

Luís Fróis, *Relatio Historica de rebus Japonicis*, s.i., Antuérpia, 1599.

Luís Fróis, *Relatione della Gloriosa Morte Di ventisei posti in Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de' quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù & dicisette Christiani Giapponesi, Mandata dal P. Luigi Frois alli. 15 di Marzo al R. P. Claudio Acquaiiua Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal P. Gasparo Spitilli di Campli della medesima Compagnia*, Herdeiros de Giovanni Rossi, Bolonha, 1599.

Luís Fróis, *Relatione della Gloriosa Morte di XXVI Posti In Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de quali sei furno Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù, & dicisette Christiani Giapponesi. Mandata dal Padre Luigi Frois alli 15 di Marzo al R. P. Clavdio Acqvaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal Gasparo Spitilli di Campli della medesima Compagnia*, Pacifico Pontio, Milão, 1599.

Luís Fróis, *Relatione Della Gloriosa Morte Di XXVI Posti In Croce Per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di Febraio 1597 de quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù, & dicesette Christiani Giapponesi. Mandata dal P. Luigi Frois alli. 15 di Marzo, al R. P. Clavdio Acqvaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal P. Gasparo Spitilli di Campli della medesima Compagnia*, Luigi Zannetti, Roma, 1599.

Luís Fróis, *Trattato D' Alc vni Prodigii Occorsi L'Anno MDXCVI Nel Giappone. Mandato dal P. Luigi Frois, della Compagnia di Giesù. Tradotto in Italiano dal P. Francesco Mercarti Romano della stessa Compagnia*, Pacifico Pontio, Milão, 1599.

Luís Fróis, *Trattato d'alcuni prodigii occorsi l'anno M.DC.XCVI. nel Giappone. Mandato dal P. Luigi Frois, della Compagnia di Giesu; Tradotto in italiano dal P. Francesco Mercati romano della stessa Compagnia, Luigi Zannetti, Roma, 1599.*

[Luís Fróis], *Drey Japponische Schreiben. Das erst. Was massen 26. geistlichen vnd weltliche Personen, vmd Christiwillen, am Creutz getöedt. Das ander. Inhalt etlicher Wunder vnd schrecklichen fuergelaussenen Zeichen. Das dritt. Jahrschreiben, was die Societet Iesu im 96. Jahr in dess Herren Weinberg ... E. P. Claudium Aquavivam, der Societe Jesu Generale, durch Ludouicum Frois auss Iappon gethon. Auss Italienischer, in die hochteutsche Spraach vbersetzt, Johan Albin, Mogúncia, 1599.*

Marcelo de Ribadeneira, *Historia de los Reynos de la Gran China, Tartaria, Cvchinchina, Malaca, Siam, Camboxa Y Iappon. Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden des Seraphico padre san francisco, de la prouincia de san Gregorio de las Philippinas, Nicolas Muzio, Roma, 1599.*

Pedro Martins, *Carta em que narra o martyrio dos religiosos franciscanos, e jesuitas crucificados no Japão, a 5 de fevereiro de 1597, escrita ao provincial das Filipinas, s.i., Roma, 1599, [Obra não localizada. Citada por Carayon, n 703].*

Cristovão Borri / Brono, *Relazione a Sua Santità delle cose dell' India Orientale, del Giappone, della China, dell'Etiopia, dell'Isola d San Lorenzo, del Regno di Monomotapa, e della Terra incognita Australe, s.i., s.l., 16??. [Obra não localizada. Citada por Sommervogel, I, col 1822].*

Luís Fróis, *Histoire de la Glorieuse Mort de vingtsix chrestiens, qui ont esté crucifiez par le commandement du Roy du Iapon. Don't y en auoit six Religieux de S. François, trois Iesuistes, e dixsept chrestiens natifs du Royaume de Iappon, Theodore Reinsart, Rouen, 1600.*

Francisco Pasio, *Copia d'una breve relazione della Christianità del Giappone e della morte di Taicosama, Signor di detto regno, scritta da.... Nel anno 1598, s.i., Veneza, 1600.*

Juan de Santa Maria, *Relatione del martirio che sei Padri scalzi di san Francesco, et venti Giapponesi Cristiani patirono nel Giappone, l' anno 1597. Scritta dal R. P. F. Gio. di S. Maria, Prouinciale della Prouincia di S. Giosepe de' Scalzi; e dicata al Cattolico Re Filippo III N. S. in Ispagna. E dapoi tradotta dalla lingua Spagnuola nella Italiana, Per ordine del R. P. F. Giosepe di S. Maria, Custode di detta Prouincia per il Capitolo Generale, Dedicata alla Santità di N. S. Clemente VIII E di nvovo fatta ristampare in Napoli dal R. P. F. Antonio Minor Commissario Prouinciale per il Capitolo generale della detta Prouincia di San Giosepe de' Scalzi di Spagna; con l'aggiunta d'vna Additione, diuisa in tre Capitoli, sopra il martirio di detti Martiri, di Monsig. Pegna Auditor di Rota. E dedicata all' Eccellenza del Conte di Lemos Vicerè di Napoli, etc, Antonio Pace, Nápoles, 1600.*

Horacio Torsellini, *De Vita Francisci Xaverii, Qui Primus è Societate Iesv in Indiam et Iaponiam Euangelium inuexit, libri six. Horatii Tyrsellini e Societate Iesv. Ab eodem aucti et recogniti, Ioannem Kinckium sub Monocerote, Colónia, 1600.*

Horacio Torsellini, *Vida del P. Francisco Xavier de la Compañía de Iesvs primero Apostol del Iapon, y segundo de la India, y de otras Prouincias del Oriente. Escrita en Latin por el P. Horacio Turselino y traduzida en Romance por el P. Pedro de Guzman de la misma Compañía*, Juan Godinez de Millis, Valladolid, 1600.

Damián Balaguer, *Carta sobre el estado de Christiandad en Filipinas, Japon e Imperio de la china. Fecha en Manila a 13 de Junio 1599*, Chrisostomo Garriz, Valencia, 1601, [Obra não localizada. Citada por Mercedes Cobo (1966), n 375].

Francisco Pasio, *Copia d' una breve relatione della Christianità di Giappone del mese di Marzo del M. D. XCVIII insino ad Ottob del medesimo anno, et della morte di Taicosama Signore di detto Regno*, Pietro Maria Marchetti, Brescia, 1601.

Francisco Pasio, *Copia D' Vna Breve Relatione Della Christianità di Giappone, Del Mese di Marzo del M. D. XCVIII insino ad Ottob. del medesimo Anno, et della morte di Taicosama Signore di detto Regno. Scritta del P. Francesco Pasio, al M. R. P. Claudio Acquaiiua Generale della Compagnia di Giesv. Et dalla Portoghese tradotta nella lingua Italiana da P. Gasparto Spitilli, di Campli della Compagnia medesima*, Luigi Zannetti, Roma, 1601.

Francisco Pasio, *Copia D' Vna Breve Relatione Della Christianità di Giappone, Del Mese di Marzo del M. D. XCVIII insino ad Ottob. del medesimo Anno, et della morte di Taicosama Signore di detto Regno. Scritta del P. Francesco Pasio, al M. R. P. Claudio Acquaiiua Generale della Compagnia di Giesv. Et dalla Portoghese tradotta nella lingua Italiana da P. Gasparto Spitilli, di Campli della Compagnia medesima*, Gio. Battista Ciotti Sanese, Veneza, 1601.

Geronimo de Jesus, o de Castro, *Historia de la christandad del Japon, con espresion de todas las señales misteriosas y milagros que antecederon, acompañaron y subsiguieron al glorioso Martirio de S. Pedro Bautista y sua Compañeros, por el padre...*, s.l., s.i., 1601, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 205].

[jesuíta], *Iaponica, Sinensia, Mogorana. Hoc est, De rebus apud eas Gentes à Patribus Societatis Iesv, Ann. 1598 & 99 gestis. A P Ioanne Orano, eiusdem Societatis, in Latinam linguam versa. Auferetur à vobis Regnum Dei & dabitur genti facienti fructus eius. Math 21. In omnem terram exiuit sonus eorum: & in fines orbis terrae verba eorum. Psalm 18. In tempore illo saluabitur populus tuus Dan. 12*, Arnold de Coersvveremia, Liège, 1601.

[jesuíta], *Les annales dv Japon, de la chine et Mogor, c'est à dire les choses faictes en ces nations par les Peres de la Société de Iesvs, l'an 1598 et 1599 / tit apresentado por Sommervogel: Aucunes nouvelles du Iapon pleines de religion et piété de l'na 1598. Envoyées du P. Pierre Gomer (sic) Vice-provincial au R. P. Claude Aquaiiua General de la Société de Iesvs. Traduites de l'Italien nouvellemente en François para vn Pere de la Société de Iesvs*, Arnold de Coersvveremia, Liège, 1601.

[jesuíta], *Newe historische relation und sehr gute fröliche vnd lustige Bottschaft was sich in vilen gewaltigen Königreichen der Orientalischen Indien wie auch unn dem mächtigen Königreich China vnd bey dem grossen König Mogor zuuorderst aber in*

Jappon vor vñ nach dem Tod desz alte Königs Quabacondoni od. Taicosame im 1598. Vnd 99, Johannes Mayer, Dillingue, 1601.

[jesuíta], *Recentissima de Amplissimo Regno Chinae. Item De Statv Rei Christianae apvd Magnvm Regem Mogor. Et de morte Taicosamae Japoniorum Monarchae*, Joannis Albini, Mogúncia, 1601.

Juan de Santa Maria, *Relacion Del Martirio Qve seys Padres Descalços Franciscos, tres hermanos de la Compañia de Iesus, y dicisiete Iapones Christianos padecieron en Iapon. Hecha por F. Iuan de Sancta Maria, Prouincial de S. Ioseph de los Descalços. Dirigia al Rey nuestro S. don Felipe III*, herdeiros de Juan Iñiguez Lequerica, Madrid, 1601.

Luis de Gusmán, *Historia de las misiones qe han hecho los religiosos de la Compañia de JESUS, para predicar el Santo Evangelio en los Reynos de Japon, Compuesta por el Padre Luis de Guzman de la misma Compañia. Primera parte; en la qual se contienen seis libros de los principios, y progressos, que han tenido las Misiones en diversos Reynos de las Indias, y las cosas notables, que en ellas sucedieron, y de la entrada en el Reyno de la China, e el Japon, dirigida a D. Anna Felix de Guzman...*, viúva de Juan Gracián, Alcalá, 1601.

Luis de Gusmán, *Historia de las misiones qe han hecho los Religiosos de la Compañia de Iesvs, para predicar el Sancto Evangelio en los Reynos de Japon. Compvesta por el Padre Lvis de Guzman, Religioso de la misma Compañia. Segvnda Parte en la qual se contienen siete libros, con los quales se remata la Historia de los Reynos de Japon hasta el año de mil seiscentos. Dirigida a Doña Ivana...*, viúva de Juan Gracián, Alcalá, 1601.

Marcelo de Ribadeneira, *Historia De Las Islas Del Archipielago, Y Reynos DeLa Gran China, Tartaria, Cvchinchina, Malaca, Sian, Camboxa Y Iappon, Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden del Seraphico Padre San Francisco, de la Prouincia de San Gregorio de las Philippinas. Compvesta Por Fray Marcello De Ribadeneyra, compañero de los seys frayles hijos de la misma Prouincia Martyres gloriosissimos de Iappon, y testigo de uista de su admirable Martyrio. Dirigida A Nvestro Reverendissimo Padre Fray Francisco de Sosa, Generalissimo de toda la ordẽ de N.P.S. Francisco. A la buelta desta hoja esta la suma de toda la Historia*, Gabriel Graells y Giraldo Dotil, Barcelona, 1601.

Marcelo Ribadeneira, *Actas del martirio de San Pedro Bautista y sus compañeros protomartires del Japon*, s.i., Barcelona, 1601, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 240].

Luís Fróis, Nicolo Pimenta, *Relations des Peres Loys Froes et Nicolas Pimenta de la Compagnie de Iesvs. Av R. P. Clavde Aqvaviva General de la mesme Compagnie. Concernant l'accroissement de la foy Chrestienne au Iappon & autres contrées des Indes Orientales és années 1596 & 1599. Traduittes du Latin imprimé à Rome*, Jean Pillehotte, Lyon, 1602.

Alexandre Valignano e [Valentim Carvalho], *Lettera del P. Alessandro Valignano. Visitatore della Compagnia di Giesv nel Giappone, è nella Cina, de' 10 d'Otoobre del*

1599. *Al Reuerendo P. Clavdio Aqvaviva Generale della medesima Compagnia*, herdere de Pacifico Pontio & Gio Battista Piccaglia, Milão, 1603.

Alexandre Valignano e Valentim Carvalho, *Lettera del P. Alessandro Valignano, Visitatore della Compagnia di Gièsu nel Giappone, e nella Cina, del 1599. Con un supplemento del P. Valentino Caruaglio della medesima Compagnia dell' Anno 1601. Nel quale si dà ragguaglio di casi strani ocorsi, mutationi di Regni, Rouine, & morti di gran Personaggi, & di altre cose curiosissime. Al Reuer. Padre Acquauiuua General della Detta Compagnia*, Gio Battista Ciotti, all insegna della Aurora, Veneza, 1603.

Alexandre Valignano e Valentim Carvalho, *Zwey Japponische Sendtchreiben Eins des E. P. Alexandri Valignani der Societat Jesu in Iappon unnd Cina Visitors, den 10 Octobris 1599. Das ander P. Valentini Carvaglio Priesters, den 25 Februarij 1601. Na den Ehrw. P. Claudium Aquaviva, ermelter Societet generalem. Dariñ, was wunderbarlichs, nach Taicosamae des gantzen Jappons Oberherrens ableiden, so wol mit den newen Christenheit, unnd der Societet Jesu; als mit unversehenn enderungen in zeitlichen Regimenten sich zugetragen, beschrieben wirdt*, Baltazar Lippen, Mogúncia, 1603.

[Alexandre Valignano e Valentim Carvalho], *De Rebvs in Iaponiae Regno, Post Mortem Taicosamae, Iaponici Monarchae, gestis Epistolae Dvae. Ad R.P. Clavdivm Aqvaviva Societatis Praepositum Generalem X Octobr. Ann M.D.XCIX Et XXV Febrva Ann M.DCI Datae. Primum Romae Italico idiomate editae, nunc autem latino redditae*, Baltasar Lippen, Mogúncia, 1603.

Alexandre Valignano jesuíta, *Lettera del P. Alessandro Valignano, Visitatore Della Compagnia di Giesv nel Giappone è nella Cina de' 10 d' Ottobre del 1599*, Luís Zannetti, Roma, 1603.

Alexandre Valignano, *Litterae R. P. Alexandri Valignano Visitoris Societatis Jesu in Japponia e China, scriptae 10 Octobris 1599. Ad R. P. Claudium Aquaviva ejusden Societatus Praepositum Generalem a Joanne Hayo Dalgattiensi Scto, ejusdem Societatis ex Italico in Latinum conversae*, Joachimum Trognaesium, Antuérpia, 1603.

Fernão Guerreiro, *Relaçam annval das cousas que fizeram os padres da Companhia de Iesvs na India, & Japão nos Annos de 600 & 601 & do progresso da conuersão, & christandade daquellas partes: tirada das cartas gêraes que de lâ vierão pelo padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesvs. Vai diuidida em dous liuros, humdas cousas da Inda, & outro da Japam*, Manuel de Lyra, Évora, 1603.

Francisco Pasio, *Lettera Annu Di Giappone Scritta nel 1601 e mandata dal P. Francesco Pasio V. Provinciale al M. R. P. Claudio Acquaviva*, Luís Zannetti, Roma, 1603.

Horacio Torsellini, *Historia de la entrada de la Christiandad en el Iapon, y China, y en outras partes de las Indias Orientales: y de los hechos y admirable vida del Apostolico varon de Dios el Padre Francisco Xauier de la Compañia de Iesus, y vno de sus primeros Fundadores. Escrita en latin por el Padre Horasio Tuselino, y traduzida en Romance Castellano por el Pedro Guzman, Religiosos de la misma Compañia*, Juan Godinez de Milles, Valladolid, 1603.

Valentim Carvalho, *Sopplimento dell'Annua del 1600. Nel qual si da raguaglio di quel ch'è socceduto alla Christianità di Giappone, dal mese d'Otore di detto anno, insino Febraio del 1601 Scritto al R. P. Clavdio Acquaiuia Generale della Compagnia di GIESV, Dal P. Valentino Carvaglio della medesima Compagnia*, Luíś Zannetti, Roma, 1603.

Alexandre Valignano e Valentim Carvalho], *Discovrs Des Choses Remarqvables Advenves Avu Royavme du Iapon depuis la mort du Roy Taicosama. En devx Lettres Envoyees au R. P. Claude Acquaiuia General de la Compagnie de Iesvs Dv X d'Octobre de l'an M.D.XCIX et XXV Feburier de l'an M.DCI, du 10 Octobre de l'an 1599 e 25 Febvrier de l'an 1601*, Robert Maudhuy, Arras, 1604.

Fernão Guerreiro, *Relacion Anval De Las Cosas Qve Han Hecho Los padres de la Compañia de Iesus en la India Oriental y Iapon, en los años de 600 y 601 y del progresso de la conuersion y Christiandad de aquellas partes. Sacada de las Cartas Generales Qve han venido de alla, por el padre Fernan Guerrero de la Compañia de Iesvs, natural de Almodouar de Portugal. Tradvzida de Portvgves en Castellano por el Padre Antonio Colaço, Procurador general de la Prouincia de Portugal, India, Iapon, y Brasil, de la misma Compañia. Dirigida a Don Ivan de Boria Conde de Ficallo, del Consejo supremo de Portugal, y del Estado de su Magestad*, Luíś Sanches, Valladolid, 1604.

Francisco Pasio, *Lettera Annua Di Giappone scritta nel 1601 e mandata dal P. Francesco Pasio V. Provinciale...*, Gio Battista Ciotti Sanese, Veneza, 1604.

Francisco Pasio, *Lettera Annua Di Giappone scritta nel 1601 e mandata dal P. Francesco Pasio V. Provinciale...*, herdeiro de Pacifico Ponti e Giov Battista Picaglia, Milão, 1604.

Francisco Pasio, *Litterae Annuae Iaponicae A Reverendo P. Francisco Pasio V. Provinciali, Ad Admodvm R. P. N Clavdivm Aqvavivam Societatis Iesv Praepositum generalem Anno Domini M.DCI. date. Romae Primvm Anno M.DCIII Apvd Lvdoicvm Zanettum Italico Idiomate, Nunc autem*, org. Jean Busée, Baltasar Lippo, Mogúncia, 1604.

Luíś Fróis, *Recit veritable de ça glorieuse mort de vingt et six chrestiens mis en croix. Par commandement du roy du Jappom, le 5 de Feurier 1597. Desquels les six estoyent religieux de l'ordre S. François, les trois de la compagnie de Jesus, les 17 autres chrestiens Japponois Envoyé par le P. Louys Frois, le 15 de Mars, au R. P. Claude Aquaviva General de la dite Compagnie, & mis en François par le père. Jean de Bordes de la mesme Compagnie*, Claude Chappelet, Paris, 1604.

Novveavx Advis dv Royavme de la Chine, dv Iapon et de l' Estat du Roy de Mogor, successeur du grand Tamburlã & d'autres Royaumes des Indes à luy subiectes. Tirez De Plysievrs Lettres, memoires & Aduis enuoyes à Rome: et nouvellement traduits d'Italien en François, trad. por François Solier, Claude Chappelet, Paris, 1604.

Nveva relación de la India Oriental, y reynos del gran Mogor, Japon y China, y de los ritos y costumbres de los natutales dellos, y de los progressos de la Christiandad en

aquellas partes, y varios sucesos de guerras que en ellas ha auido, estos años de 1600 1601 y 1602 Sacada de las cartas que los Padres de la Compañia de Jesus que andan en aquellas regiones, han embiado para su General, y para otros superiores, Luis Sanchez, Valladolid, 1604, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 52].

[Valentim Carvalho], *Iapponiensis Imperii Admirabilis Commvtatio Exposita Litteris Ad Reuerendum admodum P. Claudium Aquauuiua Praepositum Generalem Soc. Iesvs, quas ex Italis latinas fecit Io Hayvs Dalgattiensis Scotus de eadem Societate, Viduae e Herredum Io: [Ioannan?] Belleri, Antuérpia, 1604.*

De Rebus Iaponicis, Indicis, et Pervanis Epistolae Recentiores. A Ioanne Hayo Dalgattiensi soto Societatis Iesv in librum vnum coaceruatae, Martini Nuti, Antuérpia, 1605.

Fernão Guerreiro, *Relaçam annal [sic] das covsas qve fezeram os padres da Companhia de Iesvs nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo verde, Guine nos annos de seiscentos & dous, & seiscentos & tres, & do progresso da conuersam, & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de là vieram. Pelo padre Fernam Guerreiro da Companhia, natural de Almodouar de Portugal. Vai diuidido em quatro liuros. O Primeiro de Iapã O II da China & Maluco. O III da India. O IIII do Brasil, Angola & Guiné, Jorge Rodrigues, Lisboa, 1605.*

[Francisco de] Pasio, *Lettre Annuelle Dv Iapon Envoyee au P. Pasius Prouincial. Au T.R.P. Claude Aquauuiua Generale de la Compagnie de Iesvs, Claude Chappelet, Paris, 1605.*

Gabriel de Matos, *Lettera annua di Giappone del 1603 scritta dal P. Gabriel de Matos al R. P. Claudio Acquaviva Generale della Compagnia di Giesù com una della Cina e delle Molucche, ed. por Decio Lorenzo Masonio, Luís Zanneti, Roma, 1605.*

Horacio Torsellini, *Vita del B. Francisco Saverio Il primo della Compagnia di Giesv, che introdusse la santa fede nell' India e nel Giappone. Scritta in lingua latina e in sei libri diuisa dal R. P. Orazio Torsellini della detta Compagnia. Tradotta nella Toscana da Lodouico Serguglielmi Cittadin Fiorentino, Cosimo Giunti, Florença, 1605.*

Clemente VIII, *Breve S.D.N. Clementis VIII. Circa accessum regularium in Japonicas e aiacentes Chinae e Indiae Orientalis insulas, Reu. Camarae Apostolicae, Roma, 1606. [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1038].*

D. Luís Cerqueira, *Relacion del Martyrio que seis christianos nobles padecieron en el Iapon en el Reyno de Fingo, por causa de nuestra sancta Fee Catholica. Sacada de unas cartas que dõ Luis Sequeyra obispo del Iapon escriuió desde Nangasaqui, su fecha a 25 de Enero del año de 604. Las quales se recibieron en España este de 1606, Andres de Merchan, Valladolid, 1606.*

Gabriel de Matos, *Lettera Annua di Giappone del 1603 scritta dal P. Gabriel Matos al R. P. Claudio Acquaviva Generale della Compagnia di Giesù Con una della Cina e delle Molucche, ed. por Decio Lorenzo Masonio, herdeiros de Pacifico Pontio, Milão, 1606.*

Gabriel de Matos, *Lettre annuelle du Japon de l'an 1603. Escrite par le P. Gabriel de Matos av R. P. Clavde Acquaviva General de Compagnie de Iesvs. Avec une Epître de la Chine, & des Moluques. Translaté d'Italien en nostre langue vulgaire Suyuant l'exemplaire imprimé à Rome l'an 1605*, Baltazar Bellere, Douai, 1606.

Horacio Torsellini, *Vita del B. Francisco Saverio Il primo della compagnia di Giesù, che introdusse la santa fede nell' India e nel Giappone, scritta in lingua latina & in sei libri divisa dal R.P. Oratio Torsellini.... Tradotta nella toscana da Lodovico Serguglielmi, cittadin fiorentino*, Girolamo Bordone, Pietromartire Locarni Cõpagni, Milão, 1606.

[D. Luís Cerqueira], *Relatione della gloriosa morte fatta da sei Christiani giapponesi per la fede di Christo alli 24 di Gennaro 1604*, Erasmo Viotti, Bolonha-Parma, [1606/1607].

D. Luís Cerqueira, Francisco [de Pasio], *Histoire veritable de la glorieuse mort que six nobles chrestiens japonais ont constamment enduré pour la Foi de Jesus-Christ. Envoyee par Monsieur Louys Cerquera, Evesque du Japon, avec une autre semblable du P. François, là vice-provincial de la Compagnie de Jesvs au R. P. Claude Acquaviva General de la mesme Compagnie. Maintenant traduite d' Italien en François*, Jean Pillehotte, Lyon, 1607.

D. Luís Cerqueira, Francisco [de Pasio], *Histoire veritable de la glorieuse mort que six nobles chrestiens japonais ont constamment enduré pour la Foi de Jesus-Christ. Envoyee par Monsieur Louys Cerquera, Evesque du Japon, avec une autre semblable du P. François, là vice-provincial de la Compagnie de Jesvs*, Claude Chappelet, Paris, 1607.

D. Luís Cerqueira, *Historische relation von sechs adelichen christen mann und weibspersonen so in Japon im königreich Fingo, von dez heiligen Catholischen claubens wegen den 8. Unnd 9. Decembris, Anno 1603. Theils enthaupt und theils gecreutziget worden. Gezogen aus etlichen Spanischen Schreiben dess Don Luis de Sequeira Bischoffen zu Nangasaqui in Japon: welche P. Joan Masquera der -soceitat Jesu zu Toledo anno 1606 in offenen Truck gegeben*, Lamber Raszfeldt, Munique, 1607.

D. Luís Cerqueira, *Relatione della gloriosa morte fatta da sei Christiani giponesi per la fede di Christo alli 24 di Gennaro 1604. Mandata da Monsignor D. Ludouico Cerquera Vescouo di Giapone Al. Reue. Padr Claudio Acquaiiua Cenerale della Compagnia di Giesv*, Gio Battista Bellagamba, Bolonha, 1607.

D. Luís Cerqueira, *Relatione della Gloriosa morte Patita da sei Christiani Giaponesi per la fede di Christo alli 24 di Gennaro 1604. Mandta Monsignor D. Lodovico Cerquera di GIESV, Al R. P. Claudio Acquaiiua Generale della Compagnia di GIESV, Giovani Antonio de Franceschi*, Roma-Palermo, 1607.

[D. Luís Cerqueira], *De morte gloriosa sex martyrum qui, anno 1604, in Japonia pro fide passi sunt*, Bartolomeu Zannetti, Roma, 1607.

[D. Luís Cerqueira], *Relatione della gloriosa morte Patita da sei Christiani Giaponesi per la fede di Christo alli 24 di Gennaro 1604*, Bartolomeu Zannetti, Roma, 1607.

[D. Luís Cerqueira], *Relatione della gloriosa morte patita da sei Christiani giaponesi per la fede di Christo alli 24 di Gennaro 1604*, Giovanni Bonibello, Fermo, 1607.

[D. Luís Cerqueira], *Relatione della gloriosa morte Patita da sei Christiani Giponesi per la fede di Christo alli 25 di Gennaro 1604. Mandata da Monsignor D. Lodovico Cerquera Vescouo di Giapone, Al Reuer. Padre*, Stampori Archiepiscopali, Milão, 1607.

Fernão Guerreiro, *Relação Annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia Oriental, e em algumas outras da conquista d'este Reino, nos annos de 604 e 605, e do processo da conversão e christandade d'aquellas partes; tiradas das Cartas dos mesmos Padres que de là vieram... Dividida em quatro livros: o primeiro do Japão; o segundo da China, o terceiro da India; Quarto da Ethiopia e Guiné*, Pedro Craesbeek, Lisboa, 1607.

[Gabriel de Matos], *Litterae Societatis Iesv, anno MDCII. Et MDCIII e Sinis, Molvcis, Iapone datae, progressvm Rei Christianae in ijs oris, aliq. Memoratu iucunda complexae*, Baltasar Lippi, Mogúncia, 1607.

Horacio Torsellini, *Vita del B. Francisci Xaverii, Qui primus è Societate Iesv in Indiam & Iaponiam Euangelium inuexit, libri sex*, Pedro Rigaud, Lyon, 1607.

[jesuíta], *Argomento della tragédia intitolata Agostino Tzunicmindono Re Giapponese composta da uno della Compagnia di Giesú, nel Collegio del Gustato*, Giuseppe Pavoni, Genova, 1607.

[D. Luís Cerqueira], *Nowinny z Japon*, Loba, Cracóvia, 1608.

D. Luís Cerqueira, Francisco [de Passio], *Histoire veritable de la glorieuse mort que six nobles chrestiens japonais ont constamment enduré pour la Foi de Jesus-Christ. Envoyee par Monsieur Louys Cerquera, Evesque du Japon, avec une autre semblable du P. François, là vice-provincial de la Compagnie de Iesvs*, Guillaume de la Riviere, Arras, 1608. [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 255; Repertoire Bibliographique, XV, n 60].

Horacio Torsellini, *La Vie Du Bien-Hevrevx Pere François Xauier, Premier de la Compagnie de Iesvs, Qvi a Porté L'Evangile aux Indes, & au Iappon. Diuissé en six liures par Horace Tvrselin de la Compagnie de Iesvs, & traduit en François par vn Pere de la mesme Compagnie*, Baltazar Bellere, Douai, 1608.

[jesuíta], *Raccolta di Relationi de' Regni del Giappone, nelle quali si intende non solo il frutto, & progresso de' nuoui Christiani dell' India, ma si raccontano ancora molti particolari auuisi degni di memoria, Intorno All Cose successe in quei paesi, Di Casi strani, mutationi di Stati, rouine, morti di gran Personaggi, e d'altre materie notabilissime*, Bernardo Giunti, Gio Battista Ciotti e Compagni, Venezia, 1608.

Tre lettere annue del Giappone de gli anni 1603, 1604, 1605 e parte del 1606, mandate dal P. Francesco Pasio, V. provinciale di quelle parti, al M. R. P. Claudio Acquaviva, Generale della Compagnia di Giesu, Bartolomeu Zannetti, Roma, 1608.

Contrafeitur vnd Namen der Geistlichen vnd Ordens Personen so ausz der Societet Iesv bisshero von den Hayden Mahumetanern Ketzern vnnnd andern Verflögern von wegen des Catholischen Glaubens wie auch vmb dr liebe Gotter vnd des Nechsten hails willen vmbgebracht vnd gemartet worden, Johan Bussemecher, Colónia, 1609.

D. Luís Cerqueira, *Nieuwe ende waerachtige Histoire van ses glorieuse Martelaers die in Japonien voor't Catholyck geloove ghedoot zyn in't jaer 1604, Jeronimo Versussem, Antuérpia, 1609.*

Fernão Guerreiro, *Relaçam Annal das covsas qve fezeram os padres da Companhia de Iesvs nas partes da India Oriental, & em alguas outras da conquista deste reyno, no anno de 606 & 607, & do processo da conuersão, & Christandade daquellas partes. Tirada das cartas dos mesmos padres que de là vieram: Pelo padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesv natural de Almodauar de Portugal. Vai diuidida em quatro liuros: O primeiro da Prouincia de Iapão, & China. O segundo da Prouincia do sul. O Terceiro da Prouincia do Norte. O quarto de Guiné, & Brasil, Pedro Craesbeek, Lisboa, 1609.*

[jesuíta], *Historische Relatino was sich inn etlichen Jaren hero im Königreich Iapon, so wol im geist-als auch weltlichen Wesen namhafftes begeben und zugetragen. Auss underchidilichen der S.J. Ital. U. Franz. Jahrschreiben, Nicolaum Henricum, Munique, 1609.*

[jesuíta], *Lettres Annales Dv Iapon. Envoyées par le R.P. François Pasio, Vice-Prouincial de ces quartiers là. Au R.P. Clavde Aqvaviva, General de la compagnie de Iesvs. Nouuellement traduites d'Italien en François par les Peres de la mesme Compagnie, Pierre Rigaud, Lyon, 1609.*

Luís Fróis, *Relatione della gloriosa morte di XXVI posti in croce per comandamento del Re di Giappone, alli 5 di febraio 1597 de quali sei furono Religiosi di San Francesco, tre della Compagnia di Giesù et diecisette Christiani Giapponesi, Mandata dal p. Luigi Frois alli. 15 di Marzo al R. P. Claudio Acquaviva Generale di detta Compagnia. Et fatta in Italiano dal Gasparo Spitilli di Campli, s.i, Roma, 1609.*

Nicolas Trigault, *Coppe des briefs ghescreven vanden E. P. Nicolaes Trigavlt Priester der Societeyt Iesv, Aenden E. P. Franciscum Fleron, Provinciale der seluer Societeyt inde Nederlanden. Wt Goa in Oost-Indien op Kermis-auont. 1607. Waer in verhaelt wordt de vermeerderinghe des Christen gheloofs in Indien, Chinen, Iaponien, etc. Mitsgaders, Het belech van Mozambic, Malaca, Amboin, ende meer andere plaetsen, door de Hollantsche Vlote, Daniel Vervliet, Antuérpia, 1609.*

Tre lettere annue del Giappone de gli anni 1603. 1604. 1605 e parte del 1606, Pietro Martire Locarni, Milão, 1609.

Tre Lettere Annve del Giappone De gli Anni 1603. 1604. 1605 e parte del 1606. Mandate dal P. Francesco Pasio V. Prouinciale di quelle parti al M. R. Claudio Acquaviva Generale della compagnia di Giesù. ... ad istanza di Simone Parlascha, Gio Battista Bellagambe, Bolonha, 1609.

Trois lettres annuelles dv Iapon des annees 1603. 1604. 1605. 1606. Escriptes par le R. P. François Vice-Prouincial de la Compagnie de Iesus, en ces quartiers la au R. P. Claude Aquauiuua General de ladicte [sic] Compagnie de Iesus. Iouxte l'exemplaire imprimé à Rome l'an 1608 chez Barthlemy Zannetti, Jean Bougart, Douai, 1609.

Horacio Torsellini, *De Vita B. Francisci Xaverii, Qui primus è Societate Iesv in Indiam & Iaponiam Euangelium inuexit, Libri Sex. Horatii Tvrsellini, e Societate Iesv. Ad eodem aucti recogniti, in hac vltima editione, Ioamme, Kinckium, Colónia, 1610.*

Horatio Torsellini, *De Vita B. Francisci Xaverii, Qui primus è Societate Iesv in Indiam & Iaponiam Euangelium inuexit, Libri Sex. Horatii Tvrsellini, e Societate Iesv. Ad eodem aucti recogniti, in hac vltima editione, Ioamme Kinckium, Colónia, 1610.*

João Rodrigues [Girão], *Lettera di Giappone dell' Anno M. DC. VI del P. Giovanni Rodriguez della Compagnia di Giesù. Al molto R. P. Claudio Acquaviva Generale della medesima Religione., Bartolomeu Zannetti, Roma, 1610.*

João Rodrigues [Girão], *Lettera di Giappone dell' Anno M. DC. VI Del P. Giovanni Rodriguez della Compagnia di Giesv al molto R.V. Cvavdio Acqvaviva Generale della medesima Religione, Pacifio Pontio e Gio Battista Piccaglia Stampatori Archiep, Milão, 1610.*

Relatio Historica Rerum in iaponiae Regno Gestarum Anno Domini 1603. 1604. 1605. Et parte 1606. Ternis annuis litteris comprehensa... Edita primum Romae Anno 1608 apud Bartholomaeum Zannettun Italicè, nuc verò Latinè reddita, org. Francisco Pasio, Baltasar Lippi, Mogúncia, 1610.

[João Rodrigues [Girão], Mateo Ricci], *Litterae Japonicae anni M. DC. VI. Chinenses anni M. DC. VI. e M. DC. VII, Officina Plantiniana, Antuérpia, 1611.*

Fernão Guerreiro, *Relaçam Annal [sic] das covsas qve fizeram os Padres da Companhia de Iesvs, nas partes da India Oriental, & em alguãs outras da conquista deste Reino nos annos de 607 & 608, & do processo da conuersão & Christandade daquellas partes, com mais huã addiçam à relaçam de Ethiopia. Tirado Tvdo das Cartas dos Mesmos Padres que de là vierão, & ordenado pello Padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesv, natural de Almodouar de Portugal. Vay diuidida em sinco liuros. O primeiro da prouincia de Goa, em que se contem as missões de Manomotapa, Mogor e Ethipoia. O segundo da prouincia de Cochim, em que se contem as cousas do Malabar, Pegù, Maluco. O terceiro das prouincias de Iapam, & China. O quarto em que se referem as cousas de Guinë, & Serra Leoa. O quinto, em que se contem huã addição a relação de Ethiopia, Pedro Craesbeek, Lisboa, 1611.*

[Fernão Guerreiro], *Drey neue Relationes Erste ausz Japon was sich darinn so wol in Geistals Weltlichen Sachen im Jahr Christi 1606. denckwurdigs zugetragen. Andere von Missionibus oder Reisen so etliche Priester der Societat Jesu im Jar 1607 in das Konigreich Mexico angestellt. Dritte von ableinden desz machtigen Konigs Mogor vnd wie nach selbigem in seinem Reich das Religion vnd Politisch wesen beschassen. Ausz vnderschiedlichen der Societet Iesu Lateinischen Italianischen vnd Portugesuschen Schreiben verteutschet, Crisostomum Daberszhofer, Augsburgo, 1611.*

Horacio Torsellini, *La Vie Dv Bien-Hevrevx Pere François Xauier, Qui le premier de la Compagnie de Iesvs, a presché le S. Euangile aux Indiens & deuant tout autre, aux Iaponois. Mise en François, & maintenant corrigée sur la Latine du P. Horace Tvrselin, Par le Pere Michel Coyssard, de la mesme Compagnie*, Jean Pillehotte, Lyon, 1611.

João Rodrigues [Girão] e Mateo Ricci, *Lettres annales des royaumes dv Iapon, et de la Chine, des Annes 1606 & 1607. Escrites par les Peres Jean Rodriguez et Mathieu Ricci, au R. P. Claude Aquaviva. Traduites de l'Italien (imprimè à Rome l'an 1610) par vn Pere de la mesme Compagnie*, Claude Chappellet, Paris, 1611.

[João Rodrigues [Girão], Mateo Ricci], *Nowiny, albo dzieje dwuletnie z Japonii y z Chiny, krajow paganskich nowego swiata, to jest*, [Dr. S. Scharffenberga?], Cracóvia, 1611.

Mateo Ricci e João Rodrigues [Girão], *Lettres Annales Des royaumes du Japon et de la Chine, des anées 1606 & 1607 escrits par les Pères Jean Rodriguez & Mathieu Ricci au R.P. Clavde Aqvaviva. Traduit de l'italien*, Claude Morillon, Lyon, 1611.

[Valentim Carvalho], *New Historischer Bericht Wellincher massen etliche christen in Japon in den Königreichen Fingo, Sassuma vnd Firando, wegen desz Catholischen Claubens gemartert worden. Geschriben durch R.P Prouincialen der Societet Iesv in Japon im mertzen desz 1609. Vnd 1610*, Crisostomum Dabertzhofer, Augsburgo, 1611.

[Valentim Carvalho], *Relationi della Gloriosa morte di nove Christiani Giaponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica nei Regni di Fingo, Sassuma, e Firando, mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesù in Giappone, nel marzo del 1609 e 1610...ad istanca di Simone Parlasca*, Bartolomeu Cochi, Roma – Bolonha, 1611.

[Valentim Carvalho], *Relationi della Gloriosa morte di nove Christiani Giaponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica nei Regni di Fingo, Sassuma, e Firando. Mandate dal P. Prouinciale della compagnia di Giesv in Giappone, nel Marzo del 1609 e 1610*, Herdeiro de Pacifico Pontio e Gio Battista Piccaglia, Milão, 1611.

[Valentim Carvalho], *Relationi della Gloriosa Morte Di Nove Christiani Giaponesi, Martirizzati per la Fede Cattolica ne i Regni di Fingo, Sassuma, e Firando; Mandata dal P. Prouinciale della Compagnia di Giesv in Giappone, nel Marzo del 1609 e 1610. Al Molto R. P. Clavdio Acquaiua Generale della medesima Religione*, Bartolomeo Zannetti, Roma, 1611.

Horacio Torsellini, *La Vie Dv Bien-Hevrevx Pere François Xauier, Qui le premier de la Compagnie de Iesvs, a presché le S. Euangile aux Indiens & deuant tout autre, aux Iaponois. Mise en François, & maintenant corrigée sur la Latine du P. Horace Tvrselin Par le Pere Michel Coyssard, de la mesme Compagnie*, Jean Pillehotte, Lyon, 1612.

Horacio Torsellini, *Vita del B. Francesco Saverio Il primo della compagnia di Giesv, che introdusse la Santa Fede nell'India e nel Giappone scritta in lingua latina & in sei libri divisa dal R. P. oratio Torsellini,... tradotta nella toscana da Lodovico Serguglielmi... di nuouo ristampata e ricorretta in questa seconda edizione*, Cosimo Giunti, Florença, 1612.

[Valentim Carvalho, João Rodrigues], *Litterae Iaponicae A r.p. Provinciualae Societatis Iesv in Iaponiae, ad R. P. Clavdium Aqvaviva praepositvm generale eiusdem Societatis nuperrimè tranmissae. Anno 1609 et 1610 mense Martio. In quibus nouem Iaponum in regnis Fingo, Sassuma, et Firando pro fide Catholica interemptorum, res praeclarè gestae, & mors preciosa continentur. Vertir ex Italico Romae impresso in Latinun sermonem P. Petrvs Halloix Sac. Soc. Iesv, Baltazaris Belleri, Douai, 1612.*

[Valentim Carvalho], *Histoire de la glorieuse mort de nevf Chrestiens Iaponais, martirises povr la foy Catholique, ès Royaumes de Fingo, Sassuma, & irando. Enuoyez par le R. P. Prouincial de la compagnie de Iesvs, estant au Japon, le mois de Mars, des ans 1609 & 1610, Joseph Cottareav, Paris, 1612.*

[Valentim Carvalho], *La Glorieuse mort de nef chrestiens iapponois, martyrizez pour la foy catholique aux royavmes de Fingo, Sassvma et Firando. Enuoyée du Japon l'an 1609 & 1610 au mois du Mars pars le R.P. Provincial de la Societé de Iesvs au R.P. Clavde Aqvaviva General de la mesme Compagnie, Pierre Auroy, Douai, 1612.*

[Valentim Carvalho], *Opisanie Chwalebneho meszenstwa dziewieci chrzecian Iaponskich podjetego dla wiary chrzescianskiey w królestwach tamecznych, w Fingu, Sussamie I Firandzie, przeslane od Wieleb, [Mikol. Loba?], Cracovia, 1612.*

[Valentim Carvalho], *Relationes de Gloriosa Morte Novem Christianorum Japonensivm Qvi Pro Fide Catholica, In Regno Fingensi, Sassumano, e Firandensi occubueruns a Praeposito Prouinciali Societatis Jesu in Japone, mense Martio anni MDCX, Joannis Albini, Mogúncia, 1612.*

João de Lucena, *Vita del B. P. Francesco Xavier Della Compagnia di Giesv. Composta dal P. Giovanni di Lucena in lingua Portugheze, et Trasportata Nell' Italiana dal P. Lodovico Mansoni della medima Compagnia, Bartolomeo Zannetti, Roma, 1613.*

Marcelo de Ribadeneira, *Historia de los Reynos de la Gran China, Tartaria, Cychinchina, Malaca, Siam, Camboxa Y Iappon. Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden del Seraphico padre San francisco, de la prouincia de san Gregorio de las Philippinas, Gabriel Graells, Barcelona, 1613.*

[franciscano], *Relacion breve, y svmaria del Edito que mandó publicar en todo su Reyno del Bojú, vno de los mas poderosos del Iapon, el Rey Idate Masamune, publicando la Fe de Christo, y del Embaxador que embia a España, en compañía del reuerendo Padre Fray Luys Sotelo, Recoleta Francisco, que viene con embaxada del Emperador del Iapõ, hijo de Seuilla, y lo que en viage le sucedio, Alonso Rodriguez Gamarra, Sevilha, 1614.*

Horacio Torsellini, *Historia de la entrada de la Christiandad en el Japon, y China, y en otras partes de las Indias Orientales: y de los Hechos y admirable Vida del Apostolico Varon de Dios el Padre Francisco Xauier de la compañía de Iesus, y uno de sus primeros fundadores. Traduzida por Pedro Guzmán, s.i., Madrid, 1614.*

Idate Massamune, *Copia de vna carta qve embió Ydata Macamune Rey del Bojú en el Iapon, á la ciudad de Seuillha, en que dá cuenta de su conuercion, y pide su amistad, y otras cosas, Alonso Rodriguez Gamarra, Sevilha, 1614.*

Luís Sotelo, *Relacion Verdadera Qve Embio el Padre Fray Luys Sotelo de la Orden de San Francisco, a su ermano don Diego Cauallero de Cabrera beintiquatro de Seuilla, en que se da quenta del Bautismo que se hizo a el Embajador Japon*, Diego Perez, Sevilha, 1614.

[franciscano], *Acta Avdientiae Pvblicae a S. D. N. Pavlo V. Pont. Opt. Max. Regis Voxv Iaponi Legatis. Roma die 3 Nouembris in Platio Apostolico apud S. Petrum exhibitae*, Iacobum Mascardum (Giacomo Mascardi), Roma, 1615.

[franciscano], *Acte de l'audience publique prestee par N:T:P [sic] le Pape V [sic] aux ambassadeurs du roy de Voxu au Japon en Rome le 3 Nouembre au palais apostolique pres de S. Pierre l'an 1615 (trad par N. Oranus). Avec le recit de leur joyeuse entrée et recepcion en la cite de Roma (trad. Par Mart. De la Motte)*, L. Streel, Liège, 1615.

[franciscano], *L'arrivee e entrée pvblique de l'ambassadevr du roy dv Iappon dans la ville de Rome, le 2 Nouembre 1615. Envoyé par son roy povr rendre obeyssance au Pape. Avec levr sorte d'habillements & manierier de viure, ayant demeuré deus cans en son voyage*, Joseph Guerreau, Paris, 1615.

[franciscano], *Relatione della solenne entrata fatta in Roma da D. Filipp Francesco Faxicura, con il R. P. Fra Luigi Sotelo Descalzo dell' Ordine Min. Osser. Ambasciadori per Idata Massamune Rei di Voxu nel Giapone Alla Santità di N. S. Papa Paolo V*, Giacomo Mascardi, Roma, 1615.

[franciscano], *Relatione della solenne entrata fatta in Roma da D. Filipp Francesco Faxicura, con il R. P. Fra Luigi Sotelo, descalzo dell' Ordine Min. Osser. Ambasciadori per Idata Massamune Rei di Voxu nel Giapone*, Giacomo Mascardi, Roma – Florença, 1615.

Horacio Torsellini, *Vom tugentreichen Leben vnd grossen Wunderthaten B. Francisci Xaverii, so den Chistlichen Glauben in India sehr erweiter vnd in Japon anfänglichlich eingeführt*, Nic. Henricus, Munique, 1615.

João Rodrigues Girão, *Lettera annua del Giappone del 1609. E 1610. Scritta al M.R.P. Clavdio Acqvaviva Generale della Compagnia de Giesv dal P. Giouan Rodriguez Girano*, Pacifico Pontio e Gio. Battista Piccaglia, impressores do arcebispado, Milão, 1615.

João Rodrigues Girão, *Lettera Annva del Giappone de M. DC. XII. Al Molto Reueren. Padre Clavdio Acqvaiva, Generale della Compagnia di Giesv. Scritta dal P. Giouanni Roderico Giram, della medesima Compagnia di Giesv*, Bartolomeu Zannetti, Roma, 1615.

João Rodrigues Girão, *Lettera Annva del Giappone Del 1609. e 1610 Scritta Al M. R. P. Clavduo Acqvaviva Generale della Compagnia di Giesv. Dal P. Giouan Rodriguez Girano*, Bartolomeo Zannetti, Roma, 1615.

João Rodrigues Girão, *Lettera Annva del Giappone del M. DC. XI. Al Molto Reueren. Padre Clavdio Acqvaviva, Generale della Compagni di Giesv. Scritta dal P. Giouanni*

Roderico Giram, *della medesima Compagnia di Giesv*, Bartolomeo Zannetti, Roma, 1615.

João Rodrigues Girão, *Lettres annuelles dv Iappon pour les anes M. DC. IX et M. DC. X. envoyees av R P Clavde Aquaviva general de la Compagnie de Iesvs, en langve italienne par Le R.P. Iean Rodriguez Girano Et traduites en François par P. R. S. D. P.*, Pierre Rache, Lille, 1615.

[João Rodrigues Girão], *Litterae Iaponicae Annorum M. DC. IX. et X. ad R. admodum piae mem. P. Claudium Aquavivam generalem praepositum Societatis Iesu a R. P. prouinciali eiusdem in Iapone Societ. Missae*, Petrum e Joannem Belleros, Antuérpia, 1615.

Nouvelles des Pays, tant de la Chine que du Jappon. Extraictes des lettres des Peres de la Compagnie de Jesus, qui habitent en ces contrees Là; avec le merveilleux Martyre de quelques uns de ces nouveaux Chrestiens, Jean Poyer, Vienne, 1615.

Pedro Morejon, *Relacion de la Persecucion que huvo estos años contra la Iglesia de Japon y los ministros della (desde el año de 1612 hasta el de 1615). Sacada de la carta anua, e de otras informacione que truxo el P. Pedro Morejon, de la Compañia de Jesus, Procurador de la Provincia de Japon*, s.i, Roma, 1615.

Rei Christianae Apvd Iaponios Commentarivs. Ex litteris annuis Societatis Iesv annorum 1609. 1610. 1611. 1612. Collectus. Avctore P. Nicolao Trigavtio Eivsdem Societatis, Christophorum Mangium, Augsburgo, 1615.

[Valentim Carvalho], *Frische historische relation von Mann und Weibspersonen so in Japon... den 17. Nov. 1608, den 11. Jan. und 14 Nov. 1609 gemartet worden. In teutsch gebracht Anno 1615*, s.i., Ingolstad, 1615.

[franciscano], *Conversion merveillevse a la foy catholoqve, apostolique, et romaine, de Idate Masamvne, Grand & Puissant Roy de Voxu, à l'Empire du Iappon. Auecc la lettre du dict Sieur Roy à N.S. P. le Pape Paule V, pour sa dicte conuersion. Ensemble l'entrée solemnelle à Rome de ses Ambassadeurs, le 29 d'Octobre 1615*, Leon Savine, Lyon, 1616.

[franciscano], *Récit le l'entrée solemnelle et remarquable, faicte à Rome, à Philippe François Faxicura, et au R.P. Louys Sotello, de l'ordre des Frères Mineus, ambassadeurs pour Idata Massamune, roy de Voxu au Jappon. Sur la conversion au Christianisme et recherche de l'alliance des princes chrétiens. Vers la Saincteté de N. S. P Paul V l'an XI de son Pontificat. Le 25 iour d'Octobre 1615. Traduit de l'Italien Imprimé à rome par Iacques Mascardim enuoyé au sieurs d'Alleri, Gentilhommoie Poicteuin, Domestique de la maison du Roy*, A. Sangrain, Paris, 1616.

[franciscano], *Relacion Qve Propvso El Embaiador Iapon, a el Rey nuestro señor, y la respuesta de su Magestad*, Diego Perez, Sevilha, 1616.

Gabriel de Matos, *Relaçam da Perseguiçam qve teve a Christandade de Iapam desde Mayo de 1612. atè Nouembro de 1614. Tirada das cartas annuaes que se enuiarão ao Padre Geral da Companhia de Iesv. Composta pollo P. Gabriel de Matos da*

Companhia de Iesv, Procurador da China & Iapão, natural da Videgueira, Pedro Craesbeck, Lisboa, 1616.

João Rodrigues Girão, *Lettera Annva del Giappone de M. DC. XI. Al Molto Reueren. Padre Claydio Acqvaviva, Generale della Compagnia di Giesv. Scritta dal P. Giouanni Roderico Giram, della medesima Compagnia di Giesv, herdeiro de Pacifico Pontio & Gio Battista Piccaglia Stampatori Archiepiscopali, Milão, 1616.*

Luís Sotelo, *Relacion verdadera del recibimiento que la Santidad del Papa Paulo Quinto, y los mas Cardenales hizieron en Roma al Embaxador de los Iapones que desta Ciudad de Seuilla partiò el año passado. Escrita por el Padre Fray Luys Sotelo, dende Roma a vn Religioso graue desta Ciudad, Francisco de Lyra, Sevilha, 1616.*

Gabriel de Matos, *Lettera Annva del Giappone del M. DC XIV Al molto Reuer. Padre Generale Della Compagnia di Giesv. Scritta dal Padre Gabriel de Mattos della medesima Compagnia di Giesv, Bartolomeu Zanneti, Roma, 1617.*

Horatio Torsellini, *Apostolisches Leben und Thaten dess heiligen Francisci Xaverii der Societet Jesu, Indianer Apostels. In siben Büchern von Horatio Turselino Gemeldter Societet Jesu Priestern erstlich in Latein beschriben, ind in die Teutsche Sprach durch Martinum Hueber Chor-Herrn und Custoden bey S. Mauritzen Stiff in Augspurg übersetzt. Anjetzo aber mit Zusätsen und neuen bewährten Miraklen durch einen anderen Priester selbiger Societet Jesu reichlich vermehret. Mit Bewilligung der Oberen, Sebastian Rauch, Munique, 1617.*

Jorge Gouveia, *Relação da ditosa morte de quarenta e cinco cristãos que em Iapão morrerão polla confissão da Fée Catholica em Novembro de 614: tirado de um processo autentico, Pedro Crasbeck, Lisboa, 1617.*

Luís Pinheiro, *Relacion del Svcesso que Tvvo Nvestra Santa Fe En los Reynos Del Iapon, desde el año de seyscientos y doze hasta el de seyscientos y quinze, Imperando Cubosama. Dirigida a la magestad catolica del rey Filippo Tercero nuestro Senor, viúva de Alonso Martin de Balboa, Madrid, 1617.*

Pedro Morejon, *Relacion de la persecucion que huuo estos años contra la Iglesia de Iapon, y los ministros della. Sacada de carta anua, y de otras informaciones authenticas q truxo el Padre Pedro Morejon, Juan de Larumbe, Saragoça, 1617.*

Sebastião Vieira, *Lettera Annva del Giappone dell'anno M. DC. XIII Nella quale si raccontano molte cose d'edificazione, e martij occorsi nella persecutione di questo Anno. Scritta dal P. Sebastiano Vieira, Bartolomeu Zannetti, Roma, 1617.*

[Sebastião Vieira], *Annuae Litterae ex Japonia 16 Martii 1613, Bartolomeu Zanneti, Roma, 1617.*

Alfonso Balsalobre [Valsalobre?], *De la vida y Milagros de Fray Juan (Pedro) Baptista y sus compañeros Martyres del Japón, Sebastian Jaime, Barcelona, 1618.*

Conversion du Roy Ydata Macamvne, et de l'Edict qv'il a fait publier par tout son Royaume de Boju au Jappom, commandant à tous ses vassaux de receuoir la Foy

Chrestienne; et de l'ambassade que pour cest effect il a enuoyé vers nostre S. Pere le pape et le Roy d' Espagne. Le tout fidellement extrait & traduit des copies imprimees en Espanol, avec licence à Seuille, & à Sarragosse ceste presente année, s.i, Saragoça, 1618.

[franciscano], *Conversion du Roy Ydata Macamvne, et de l'Edict qv'il a fait publier par tout son Royaume de Boju au Jappon, commandant à tous ses vassaux de receuoir la Foy Chrestienne; et de l'ambassade que pour cest effect il a enuoyé vers nostre S. Pere le pape et le Roy d' Espagne. Le tout fidellement extrait & traduit des copies imprimees en Espanol, avec licence à Seuille, & à Sarragosse ceste presente année, Jean Boude, Toulouse, 1618.*

[jesuíta], *Histoire de l'Etat de la Chrestienté av Iapon, et dv glorieux martyre de plvsievr chrestiens en la grande persecution de l'an 1612. 1613. 1614. Le tout tiré des lettres envoyées à Rome par les Peres de la Compagnei de Iesvs av Iapon, & tourné d'Itlian en François par vn Pere de la mesme Compagnie, Baltazar Bellere, Douai, 1618.*

Luís Pinheiro, *La Novvelle Histoire dv Iapon Divisee en Cinq Livres, Ov Il Est traicte Amplement De L' Estat De Sa Chrestienté, du progrès de la foy Catholique, des grandes persecutions qui y sont arriuees aux Chrestiens, & des diuers Martyres qu' vn grand nombre, tant religieux que seculiers on souffert sous l' Empire de Cobusama, iusques à l'année mil six cens quinze. Composee en Espagnol par de R. P. Lovys Pigneyra de la Compagnie de Iesvs Et traducte en Francois par I. B, Jean Fouët, Paris, 1618.*

Relacion de el Martyrio que seis Padres Descalzos Franciscos, tres Hermanos de la compañía y diez y siete Japoneses Christianos padecieron en el Japon, s.i, Madrid, 1618, [Obra não localizada. Citada por Mercedes Cobo (1966), n 715].

Sebastião Vieira /[Gabriel de Matos], *Lettres annalles dv Iappon des annes M. DC. XIII et M. DC. XIV. Où plusieurs choses d'edification sont racontees fidelement, el les Martyres arriuez durant la persecution des dictes Annees, Escrite au Reuerent Pere General de la Compagnie de Iesvs, par le P. Sebastien Viera de la mesme Compagnie. Mises d'Italien en François, au Collège de Lyon, par le Pere Michel Coyssard, Claude Morillon, libraire et imprimeur de impressor de Madame la Duchesse de Montpensier, Lyon, 1618.*

Sebastião Vieira, *Lettre annvelle dv Iappon de l'an mil six cens treize. Contenant plusieurs exemples de rare vertu, et diuers actes des Martyrs, qui y ont souffert pour la confession de la foy Chrestienne durant la mesma année. Escripte par le Pere Sebastien Vieira de la compagnie de Iesvs. Av Reuerend Pere General de la mesme compagnie. Traduite d' Italien en François par le Pere Francois Solier de la mesme compagnie, Sebastien Chapelet, Paris, 1618.*

Sebastião Vieira, *Lettre annvelle dv Iappon de l'an mil six cens treize. Contenant plusieurs exemples de rare vertu, et diuers actes des Martyrs, qui y ont souffert pour la confession de la foy Chrestienne durant la mesma année Escripte par le P. Sebastien Vieira de la Compagnie de Jésus. Au Reverend Pere Général de la mesme Compagnie. Traduite d'Italien en françois par le Pere François Solier de la mesme Compagnie, Simon Millanges, Bordéus, 1618.*

[Sebastião Vieira], *Lettre annuelle du Japon de l'an mil six cens treize. Contenant plusieurs exemples de rare vertu, et diuers actes des Martyrs, qui y ont souffert pour la confession de la foy Chrestienne durant la mesma année*, Melchior Bernard, Pont-à-Mousson, 1618.

Diego de San Francisco, *En vna carta que escriuió el Padre Fray Diego de san Frãscisco de la Orden de san Frãscisco Descalços, a nuestro y muy santo padre Paulo V ...[a indicação que surge no catálogo não é mais do que um resumo: Relacion de la persecución de los cristianos del Japon, sacada de una carta escrita por el P. fray Diego de San Francisco al Papa Paulo V, en 1618]*, s.i., s.l., [1619?].

Hernando de Moraga, *De las cosas, y costumbres de los Chinos, Japones, Turcos y otras naciones del Asia*, s.i., Madrid, 1619.

Pedro Morejon, *A Briefe Relation Of The Persecvtion Lately Made Against the Catholike Christians, in the Kingdome of Iaponia, Deuided into two Bookes. Taken out of the Annuall Letters of the Fathers of the Society of Iesvs, and other Authentically informations . Written in Spanish, and printed first at Mexico in the West Indies, the yeare [sic] of Christ M. DC. XVI. And Newly translated into English by W. W. Gent*, trad. por William Wright, Engl. College Press [colegio], St. Omer, 1619.

Relacion de las grandes y nuevas persecuciones que al presente se han levantado en el Japon contra los Christianos y Religiosos que andan predicando en aquel reyno... Dase cuenta del cruel martirio que dieron a quatro religiosos, Juan Serrano de Vargas y Vzena, Sevilha, 1619, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit e por Guzman (1992)].

[Sebastião Vieira e Gabriel de Matos], *Lettres Annales du Japon, Des Annes M.DC.XIII. Et M. DC. XIV. Où plusieurs choses de tres grande edification sont fidelement racontees, avec les Martyres admirables, arriuez durant la persecution du Roy Cubo Idolatre, ez desdictes Annees, Escrites au R.P. General da la Compagnie du Nom de Iesvs. Mises d'Italien en François, & de nouueau reueües par le P. Michel Coyassard, de la mesme Compagnie. Avec quelques autres Aduis des Indes, & de la Chine de l'An 1616. Le tout enrichi d'une table des choses principales*, Jean Lautret, Lyon, 1619.

Sebastião Vieira, *Lettres annales du Japon, des annes M.DC.XIII. Et M. DC. XIV. Où plusieurs choses d' edification sont racontees fidelement, et les Martyres arriuez durant la persecution desdictes annees, escrites au Reuerend Pere General de la Cõpagnie de Iesvs par le P. Sebastien Viera de la mesme Compagnie. Mises d'Italien en François, au College de Lyon, par le Pere Michel Coyssard*, Nicolas Constant, Reims, 1619.

Melchior Manzano de Haro, *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila del medesimo Ordine*, s.i., Bolonha, [162?].

Horacio Torsellini, *Vida De S. Francisco Xavier De la Compania de Iesvs primero Apostol del Japon, y segundo de la India, y de otras Prouincias del Oriente. Escrita en Latin por el P. Horatio Turselino, y traduzida en Romance por el P. Pedro de Guzman*

de la misma Compañia. Van añadidas en esta impression muchas cosas, cuya tabla se pone despues del prologo. Al señor de Xauier Vizconde de Zolina etc., Carlos de Labàyen, Pamplona, 1620.

Horatio Torsellini, *Vida del P. Francisco Xavier de la Compañia de Iesvs primero Apostol del Iapon, y segundo de la India, y de otras Prouincias del Oriente. Escrita en Latin por el P. Horacio Turselino y traduzida en Romance por el P. Pedro de Guzman de la misma Compañia. Van añadidas en esta impression muchas cosas, cuya tabla se pone despues del prologo, Carlos de Labayen, Pamplona, 1620.*

[jesuíta], *Sumario de algunas cosas memorables del Beato Padre Francisco Xavier compañero en la fundación de la Compañia de Jesús del B. P. S. Ignacio de Loyola, y Apostol del Japon. [Colophon], Estevan Liberos, Barcelona, 1620.*

Nicolas Trigault, *Epistola R. P. Nicolai Trigavtii e Societate Iesv De' Felici Sva In Indiam navigatione: item que de Statu rei Christianae apud Sinas & Iaponios, Ioannem Kinchivm, Colónia, 1620.*

Nicolas Trigault, *Lettre di R. P. Nicolas Trigaut de la Compagnie de Jesus. De l'heureux succez de sa nauigation aux Indes, & de l' etat de la Chrestienté tant en la Chine qu'au Japon, Pierre de Rache, Lille, 1620.*

Pascual Torellas, *Miracula et icones SS. Martyrum Japonensium, s.i., Roma, 1620.*

Relacion de el Martyrio del S.F. Hernando de S. Ioseph, en Iapon, y del S. F. Nicolas Melo en Moscouia, de la Orden nuestro P. S. Augustin. Ordenada por el P. F. Hernãdo Bezerra Prior del Conuento de Bulacan, por mandado de nuestro P. F. Alonso Barona Provincial da dita Prouincia. Dirigida al Illvstrissimo señor D. Iuan de Cuenca Obispo de Cadiz, del Consejo de su Magestad, &c., Juan de Borja, Cádiz, 1620.

Diogo Marques Salgueiro, *Relaçam das festas qve a Religiam da Companhia de Iesv fez em a Cidade de Lisboa, na Beatificaçam do Beato P. Francisco de Xavier, Segundo Padroeiro da mesma Companhia, & Primeiro Apostolo dos Reynos de Iapão, em Dezembro de 1620. Recolhidas polo Padre Diogo Marques Salgueiro do habito de Santiago, Prior que foy na villa de Mertola, oje confessor, & Capellão no Real Mosterio de Santos o nouo, João Rodrigues, Lisboa, 1621.*

Estado I svcesso de las cosas de Iapon, China I Filippinas. Dase cuenta de la cruel persecucion que padece la Cristiandad de aquellas partes, I del numero de martyres que en ellas â avido de diferentes Religiones. Assimismo se dizen los grandes I espãtosos terremotos, aberturas de tierra, I potentos q se an visto, juntandose los montes unos con otros, assolando ciudades, I haziendo grandes estragos, Francisco de Lyra, Sevilha, 1621.

Estado I svcesso de las cosas de Iapon, China I Filippinas. Y de la cruel persecucion que padece aquella Cristiandad y del numero de martyres que en ellas ha avido. Escrito por vn religioso de la Compania, que assiste en las Filipinas, a otro de Mexico, y de all embiado en el auiso a los de la ciudad de Seuilla, João Rodrigues, Lisboa, 1621.

Horacio Torsellini, *De Vita B. Francisci Xaverii Qui Primus E Societate Iesv in Indiam & Iaponiam Euangelium inuexit, Libri Sex, Horatii Tvrsellini, E Societate Iesv. Ab Eodem Avcti Et Recogniti, in hac vltima editione*, Joannis Riverii, Cambrai, 1621.

Horacio Torsellini, *De Vita B. S. Francisci Xaverii Qui primus è Soceitate Iesv in Indiam & Iaponiam Euangelium inuexit, libri sex, Horatii Tvrsellini, e Societate Iesv. Ab eodem aucti & recogniti in hac vltima editione*, Ioannem Kinckium, Colónia, 1621.

Horacio Torsellini, *De vita Francisci Xaverii Qui primus è Societate Iesv in India, et Iaponia Euangelium promulgavit*, Tipografia Gabiana, Roma, 1621.

Horacio Torsellini, *De Vita Francisci Xaverii, Qui primus è Societate Iesv in Indiam & Iaponiam Euangelium inuexit, Libri Sex Horatii Tvrsellini, E Societate Iesv. Ad eodem aucti & recogniti*, Joannis Bogardi, Douai, 1621.

[jesuíta], *Kurtze Relation was inn den Konigreichen Iapon vnd China in der Jahren 1618. 1619. Vnd 1620 mit auszbreitung desz chritlichen glaubens sich begeben...* [Relação sumária do que aconteceu no Japão e na China nos anos de 618, 619 e 620. Relatório do início da cristandade nas Filipinas], Sara Mangin Wittib, Augsburg, 1621.

[jesuíta], *Lettere Annve del Giappone China, Goa, et Ethiopia. Scritte Al M. R. P. Generales Della Compagnia di Giesù. Da Padri dell'istessa Compagnia ne gli anni 1615. 1616. 1617. 1618. 1619. Volgarizati dal P. Lorenzo delle Pozze della medesima Compagnia*, Lazaro Scoriggio, Nápoles, 1621.

La Relatione del Martyrio del P. Frà Alonso Navarrete dell' ordine de' Predicatori, e del suo compagno Frà Ernando de S. Giuseppe dell' Ordine di S. Agostino, del Frà Pietro dell' Assunta dell' Ordine di S. Francesco, e del P. Gio Battista Tavora della Compagnia di Giesù, Constatino Vitale, Nápoles, 1621.

Lettere Annvve del Giappone, China, Goa, et Ethiopia Scritte Al M. R. P. Generale della Compagnia di Giesù. Da Padri dell'istessa Compagnia ne gl'anno 1615. 1616. 1617. 1618. 1619. Volgarizate dal P. Lorenzo delle Pozze della medesima Compagnia, trad. por Lorenzo della Pozze, Herdeiros de Pacifico Pontio e Gio Battista Piccaglia, impressor do episcopado, Milão, 1621.

Pedro Morejon, *Historia y Relacion de lo svcedido en los Reinos de Japon y China, en la qual se continua la persecucion que ha auido en aqlla Iglesia, desde el año de 615. Hasta el de 19. Por el Padre Pedro Morejon de la Compañia de Iesus, Procurador de la Prouincia de Iapon, natural de Medina del Campo*, João Rodrigues, Lisboa, 1621.

Giacomo Ro [sic], *Copia Eines Schreibens von P. Jacobo Ro... Ausz den Orientalischen Indien zu Goa, den 27. Februar 1621. Datiert, an einen Herren nach Mailandt abgangen darinn Allerlei bericht von Japon, China vnd India un Kurtzem begriffen. Ausz der Italianischen in die Deutsche sprach vbergesetzt*, Sara Mangin, Augsburg, 1622.

Horacio Torsellini, *Het Leven van den H. Franciscus Xaverius, die den eersten uyt de Societeyt Jesu het catholyet geloove in Indien ende Japonien verkondight heeft*, Hendrick Aertssens, Antuérpia, 1622.

Jean Martini, *Het Leven van den H. P. Franciscus Xaverius Apostel van Indien, ende Japonien, Priester der Societeyt Jesu. Nu in't cortover-geset wt het Latyn, door eenen der selver Societeyt*, Hendrick Jaye, Mechelen, 1622.

[jesuíta], *Sommaire de la vie de saint François Xavier de la compagnie de Iesvs apostre des Indes & du Iapon, iusques aux derniers fins de l'Orient*, Pierre de Rache, Lille, 1622.

[jesuíta], *Relatione Sommaria Delle Nvove che son venute dal Giappone, China, Cochinchina, India & Etiopia, l'anno 1622. Cauate d'alcune lettere di persone degne di fede*, Regia Camerale, Milão, 1623.

[jesuíta], *Relatione Sommaria Delle Nvove che son venute dal Giappone, China, Cochinchina, India & Etioia, l'anno 1622. Cauate d'alcune lettere di persone degne di fede*, Herdeiro de Cochi, Bolonha, 1623.

[jesuíta], *Relation-screiben ausz Japon vom M. DC. XXII. Jahr an den hoch ehwürdigen Herrem P. Mutium Vitelleschi ...[relação das cartas escritas do Japão no ano de 22]*, Sndream Aperger, Augsburg, 1623.

Nicolas Trigault, *De Christianis Apvd Iaponios Trivmphis Sive de Gravissima Ibidem Contra Christi Fidem Persecvtione Exorta Ano M DC XII Vsq. Ad Annvm M DC XX libri quinq: in annos totidem summa cum fide ex annuis Societatis Iesu Litteris continua historiae serie distributti ad Serenissimos Principes Guilielmum Parentem, Ferdinandum et Maximilianum S. R. I. septem viros electores, Albertum F. F. F. Com. Pal. Rheni utriusq. Bavariae Duces, Raderi auctario et iconibus Sadelerianis*, Munique, 1623.

[jesuíta], *Breve Relatione De gli atroci, & rigorosi martirij, Che l'Anno 1622 dettero nel Giappone A cento, & dieciotto Illustrissimi Martiri, Tratta principalmente dalle lettere delli Padri della Compagnia di giesù, I quali iui erano residenti, & da ciò, che e stato riserto da molte persone di quel Regno, le quali in due nnai arriuorno alla Città di Manila à 12. D' Agosto 1623*, Gio Battista Matesta, impressor "regio Camerale", Milão, 1624.

[jesuíta], *Breve Relatione De gli atroci, & rigorosi martirij, Che l'Anno 1622 dettero nel Giappone A cento, & dieciotto Illustrissimi Martiri, Tratta principalmente dalle lettere delli Padri della Compagnia di giesù, I quali iui erano residenti, & da ciò, che e stato riserto da molte persone di quel Regno, le quali in due nnai arriuorno alla Città di Manila à 12. D' Agosto 1623*, Vittorio Benacci, Milão – Bolonha, 1624.

[jesuíta], *Palma tryumfalna w nowoszczepionym Kosciola japonskiego rajju, S. J zywot I smierc B B. trzech Braciej S. J. Pawla, Jana y Jakuba Japonczykow, ktorzy za wiare Chrystusowa korone palmy meczenzka na krzyzu otrzymali y od Urbana VIII, w poczet Swietych Meczenników wpisanisa R P 1624*, Dr. Ch Schedla, Cracovia, 1624.

[jesuíta], *Relacion Admirable de los grandes y rigyrosos martirios que el año passado dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho martyres de valor insigne. Tomado por fe por personas fidedignas q de alla vinieron de aquel Reyno. Comprovado por las Cartas que les vinierō a los Padres de la Compañia de la ciudad de Manila este año passado de 1623*, Juan Cabrera, Sevilha, 1624.

[jesuíta], *Relacion Breve de los grandes y rigurosos martirios que el año passado de 1622. dieron en el Iapon, a ciento y diez y ocho ilustrissimos Martyres, sacada principalmente de las cartas de los Padres de La Compañia de Iesus que alli residen: y de que ha referido muchas personas de aquel Reyno, que en dos Nauios llegaron a la Ciudad de Manila a 12. De Agosto de 1623*, Andres de Parra, Madrid, 1624.

[jesuíta], *Relación Breve de los Grandes y Rigurosos Martirios que el año passado de 1622. dieron en el Iapon, á ciento diez y ocho ilustrissimos Martyres, sacada principalmente de las cartas de los Padres de La Compañia de Iesus que alli residem: y de lo que han referido muchas personas de aquel Reyno, que en dos Nauios llegaron a la Ciudad de Manila a 12. De Agosto de 1623*, Giraldo da Vinha, Lisboa, 1624.

[jesuíta], *Relation des cruels martyres que 118 Chrestiens ou environ endurerent au Iapon l'an 1622, tiré principalement des Lettres des PP. De la Compagnie de Jésus, que resident là, et de ce que plusieurs personnes que vinrent du Japon en cette ville de Manille en deux vaisseaux on rapporté. Le tout traduit de l'Espanol imprimé à Madrid avec permission*, Sebastien Cramoisy, Paris, 1624.

[jesuíta], *Relation des crvels martyres que cent & dix-huict Chrestiens endurerent au Iapon l'an 1622. Tirée principalement des lettres des Peres de la Compagnie de Iesus, qui resident là, & de ce que plusieurs personnes qui vindrent du Iapon en la ville de Manile en deux vaisseaux, ont rapporté. Le tout traduit de l'Espagnol imprimé à Madrid avec permission l'an 1624*, Pierre de Rache, Lille, 1624.

[jesuíta], *Relatione di alcune cose cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619. 1620. & 1621. Dal Giappone, s.i., Roma – Nápoles, 1624.*

[jesuíta], *Relatione di alcune cose cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619. 1620. & 1621. Dal Giappone. Al molto reu. In christo P. Mutio Vitelleschi preposito generale della Compagnia di Giesu, herdeiros de Bartolomeu Zannetti, Roma, 1624.*

[jesuíta], *The Theater of Iaponias Constancy: in which an Hundred & Eighteene Glorius Martyrs suffered Death for Christ, in the yeare of our Lord 1622 Also a Briefe Relation of the many, and wonderfull Miracles, it hath plesased God lately to worke, by the Merits and Intercesssion of S. Ignatius, Founder of the Society of Iesus, at Murnebrega a Towne in Sapyne, in the Moneths of Aprill and May of the yeare 1623. Both faithfully translated out of the Spanish Originalls lately printed at Madrid, trad. por William Lee, s.i., St. Omer, 1624.*

[jesuíta], *Theatre de la constance japonaise ou Martyre de cent et dix-huict valeureux champion de Jesus-Christ cruellemente occis pour la foy chrestienne au Japon, l'an 1622*, François Wandrè, Mons, 1624.

[jesuíta], *Theatrum Japonensis constantiae, qua supra centum octodecim illustrissimi martyres atrocissimis svppliciis excruciatu anno 1622 pro fide Jesu Christi per ignem et gladium et aquam coronam gloriae reportaverunt*, Ioannem Kinkium, Colónia, 1624.

Melchior Manzano de Haro, *Relación verdadera del excelente martyrio que onze religiosos de la sagrada Orden de Predicadores padecieron por Christo nuestro Señor en el imperio del Japõ los años de 1618. y 1622. y de religiosos de la Orden del Padre Serafico San Francisco descalços, y de otros assi religiosos, y clerigos, como seglares, niños, y mugeres valerosas. Por un religioso del Colegio de S. Tomas de Madrid. Sacada de la que el padre Fr. Melchor Mançano Prior de Manila haze por cartas de los mismos martyres por testigos oculares, y por relaciones fidedignas: com aprovación del Señor Arçobispo, y su licencia*, Miguel Sorolla, Valencia, 1624.

[jesuíta], *Theatrum Japonensis Constantiae, qua supra centum octodecim illustrissimi martyres atrocissimis suppliciis excruciatu anno 1622 pro fide Jesu Christi per ignem et gladium et aquam coronam gloriae reportaverunt*, Joannem Perpermannum, Bruxelas, 1624.

Nicolas Trigault, *Histoire des martyres Dv Japon Depuis l'an MDCXII. Iusques a MDCXX Composse en Latin par le R. P. Nicolas Trigault de la compagnie de Jesus. Et traduite en françois par le P. Pierre Morin de la mesma Compagnie*, Sebastien Cramoisy, Paris, 1624.

Simão da Luz, *Breve Relação do insigne martyrio de treze Martyres Religiosos da Ordem de S. Domingos, da Provincia de N. Senhora do Rosario das Filippinas, que padecerão no Imperio do Iapão pela pregação do Santo Evangelho desde o anno de 1617 até o de 1624*, Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1624.

Francisco Crespo, *Carta Nvevamente embiada a los Padres de la Compañia de Iesus, en que se da quenta de los grandes martirios q en el Iapon, an padecido muchos padres de muchas Religiones. Y las grandes novelas y revolucion que ay en aquellas Provincias. Por ser mucha la materia que aqui no cabe, se queda imprimiendo segunda parte*, Juan de Cabrera, Sevilha, 1625.

Francisco Crespo, *Relacion de los Martyres que este Año passado de 1624. han padecido Martyrio por nuestra S. Fè, en la Corte del Emperador de Iapon. Por el Padre Francisco Crespo, Procurador general de la Compañia de Iesus de las Indias Sacada de las cartas que han embiado el P. Prouincial, y otros religiosos dela misma Compañia, que están en mission en aquellos Reynos*, Andres de Parras, Madrid, 1625.

Garcia Garces, *Relacion de la persecvcion qe hvvo en la iglesia de Iapon. Y de los insignes martires que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622. Por el Padre Garcia Garces de la Compañia de Iesus, antiguo ministro del Santo Euangelio en aquella Christiandad*, Luis Sanchez, Madrid, 1625.

Garcia Garces, *Relacion de la persecvcion qe hvvo en la iglesia de Iapon y de los insignes martyres Que gloriosamente dieron sus vidas en defensa de nuestra Santa Fè, el año de 1622*, Juan Crisostomo Garriz, Valencia, 1625.

Geronimo de Angelis, *Relazione del Regno di Yezo*, Bianco, Roma – Messina, 1625.

Giulio Cesare Braccini, *Breve Narrazione del Martirio di centódiotto e più Martiri martirizzati con atrocissimi tormenti per la fede di N.S. Gesû Christo, l'anno 1622 nel Giappone*, Domenico Maccarano, Nápoles, 1625.

[jesuíta], *Histoire de ce qui s'est passé av Iapon. Tirée de lettres écrites és annés 1619. 1620. & 1621. Adresses au R. P. Mutio Vitelleschi general de la Compagnie de Iesus. Traduicte de l'italien en François par le P.P. Morin*, Sebastien Cramoisy, Paris, 1625.

[jesuíta], *Narré des crvuels martyres que plusievr chrestiens de tovs aages et de tovs sexes ont souffert au Japon l'an 1619 et 1622. Tiré principalement des lettres de Pères de la Compagnie de Jesvs qui resident en ces quartiers là*, Pierre de La Court, Bordéus, 1625.

[jesuíta], *Relatione Di Alcune Cose Cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619. 1620. & 1621. Dal Giappone. Al molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, herdeiro de Pacifico Pontio & Gio. Battista Piccaglia, Stampatori Archiepiscopali, Milão, 1625.

[jesuíta], *Relatione di alcune cose cauate dalle lettere scritte ne gli anni 1619. 1620. & 1621. Dal Giappone. Al molto reu. In christo P. Mutio Vitelleschi preposito generale della Compagnia di Giesu*, Ubertino Meruli, Turim, 1625.

[jesuíta], *Rervm Memorabilivm in Regno Iaponiae Gestarvm Litterae an M. DC. XIX. XX. XXI. XXII Societatis Iesv. Ad Reu. Admodum in Christo Patrem P. Mvtivm Vitelleschi Praepositum Generalem eiusdem Societatis*, Oficina de Jerónimo Verdussi, Antuérpia, 1625.

Marianus de Orscelor, *Gloriosvs Franciscvs Redivivvs Sive Chronica Obervantiae Strictioris, Reparatae, Redvctae, ac Reformatae; eiusdem' que per Christianos Orbis, non solùm, sed & Americam, Perù, Chinas, Iapones, Chichemecas, Zatachecas; Indos Orientatis, & Occidui solis, Turcas & Barbaras gentes, diffusae, & Euangelio fructificantis. Distincta VI libris, & 28 figuris aeneis ornata*, Wilhelmi Ederi, Ingolstad, 1625.

Melchior Manzano de Haro, *Relación del martyrio del R.P. Fray Juan de Santo Domingo de Sanabria, hijo professo del convento de San Estevan de Salamanca, muerto en la carcel en Iapon*, s.i., Roma, 1625, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 10350 e Quetiff, II, p.461].

Melchior Manzano de Haro, *Relacion verdadera, y breue del escelente martyrio que onze religiosos de la sagrada Orden de Predicadores padecieron por Christo nuestro Senor, en el imperio del Iapon los ano de 1618. y 1622. Por vn religioso del Colegio de Santo Tomas, sacada de la que el padre fray Melchor Mancano, prior de Manila haze por cartas delos mismos martyres por testigos oculares, y por relaciones fidedignas, con aprouacion del senho arcobispo, y su licencia*, s.i., s.l., [1625?].

Melchior Manzano de Haro, *Relatione vera del prestante, & eccellente martirio di dieci religiosi dell' Ordine de Predicatori, sostenuto nel popolato impero del Giappone per l'amore di Christo Nostro Signore l'anno 1622. & d'vn' altro religioso dello stesso Ordine del detto regno l'anno 1618. Per il padre fra Melchior de Manzano priore dil*

conuento di S. Domenico di Manila, raccolta cosi da relationi degne di fede mandate dal detto regno del Giappone, coe da testimonij di veduta, che furono assistenti al detto martirio. Tradotta dalla lingua spagnuola nell'italiana dall'illustriss. Sig Pietro Foscarino Nobile Veneto. Aggiunti la vita, & martirio di monsignor reuerendiss. F. Gio. Andrea Carga Vescouo di Sira, & religiosos del conuento de' Santi Gio: & Paolo di Venetia, Giorgio Valentini, Veneza, 1625.

Melchior Manzano de Haro, *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, [seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila. Co l'aggiuta della vita del Martire F. Angelo Orsucci]*, ed. por Silvestro Nobili, Herdeiro de Zanneti, Roma, 1625.

Melchior Manzano de Haro, *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s.domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila. Co l'aggiuta della vita del Martire F. Angelo Orsucci. Roma eredere del Zannetti. E di nuouo in Viterbo per il Discep, Discep, Roma – Viterbo, 1625.*

Relacion de las grandes y nuvas persecuciones, que al presente se han levantado en el Japon, s.i., Sevilha, 1625 ca, [Obra não localizada. Citada por Guzman (1992), n 39].

François Solier, *Histoire ecclésiastique des isles et royaumes du Japon*, S. Cramoisy, Paris, 1626.

Horacio Torsellini, *La vie dv bien-hevrevx Pere François Xauier, qui le premier de la Compagnie de Iesvs, a presché le S. Euangile aux Indiens: & deuant tout autre, aux Japonois*, Jean Pillehotte, Lyon, 1626.

Breve compendio del martirio, e morte delli ventitre Martiri dell'Ord. Min. di San Franc. Dell'Osseruanza della Prouincia delli Scalzi di San Gregorio delle Filippine, e del Giappone. Con I Nomi, Titoli, e Patrie loro. Crociffissi nel Regno del Giappone per difesa della Santa Fede. De' quali la Santità di N. S. Papa Urbano Ottauo hà concesso sotto di 14. Settembre 1627 che si celebri la Messa, & Offizio; E la Festiuità il di 5 Febbraio, giorno del loro Martirio, Francesco Honofri, Florença, 1627.

Cristovão Freire, *Compendio de lo que escrivem los Religiosos de la Compañia en cartas de 627. De lo que pasa en los Reynos de Iapon*, Manuel de Sande, Sevilha, 1627. [franciscano], *Breve Compendio del Martirio, é morte delli Ventitre Martiri dell'Ordine Minori di San Francesco dell' oseruanza della Prouincia di San Gregorio delle Filippine, e del Giappone. Con I Nomi, Titoli e Patrie loro. Crocifissi nel Regno del Giappone per difesa della Santa Fede. De' quali da Santità di N. S. Papa Urbano VIII hà concesso sooto li 14. Setembre 1627. Chesi celebri la Messa, & Offigio. E la festiuità il di 5 Febbraio giorno del loro Martirio*, herdeiro de Gio. Battista Colonna, Milão, 1627.

[franciscano], *Breve Compendio del Martirio, é morte delli Ventitre Martiri dell'Ordine Minori di San Francesco dell' oseruanza della Prouincia di San Gregorio delle Filippine, e del Giappone. Con I Nomi, Titoli e Patrie loro. Crocifissi nel Regno del Giappone per difesa della Santa Fede. De' quali da Santità di N. S. Papa Urbano VIII hà concesso sooto li 14. Setembre 1627. Chesi celebri la Messa, & Offigio. E la festiuità*

il di 5 Febbraio giorno del loro Martirio, herdeiro de Melchiro Malatesta, Modena, 1627.

[franciscano], *Relación sumaria de vida, prisión, y glorioso martirio de los veinte y tres martyres, que de la magnifica religión de nuestro Padre san Franciscò sembraron las indias del Japón con su sangre: los quales canonizo este presente año de 1627 la cabeça de la iglesia de Christo nuestro Redemptor. Urbano Papa Octavo, de eterna y feliz memoria. Año 1627. Con licencia en Madrid, por la viuda de Alonso Martin, viúva de Alonso Martin*, Madrid, 1627.

François de Raemond, *Francisci Remondi Divionensis è Societate Iesv Panegyricae Orationes XXX in laudem sanctorum Ignatii Loyolae Soc Iesv Fundatoris, & Francisci Xaverii eiusdem Societatis, Indiae & Iaponeae Apostoli*, Martini Nuti, Antuérpia, 1627.

François de Raemond, *Francisci Remondi Divionensis è Societate Iesv Panegyricae Orationes XXX In laudem SS. Ignatii Loyolae, Societatis Iesv Fundatoris, & Francisci Xaverii, eiusdem Societatis, Indiae & Iaponeae Apostoli. Cum Panegyrica Oratione in laudem S. Caroli, Cardinalis. His accesserunt Elogia quaedan doctissima, ab eodem Auctore conscripta*, Jacome Cardon e Petro Cauellat, Lyon, 1627.

François Solier, *Histoire Ecclesiastiqve Des Isles Et Royavmes Dv Iapon. Recueillie par le P. François Solier, Religieux de la Compagnie de Iesvs*, Sebastien Cramoisy, Paris, 1627.

Fulgencio Maldonado, *Sermon en la Octava qve en esta corte se consagró a la gloria de los veinte y tres martires del Iapon, Descalços de la Orden de S. Francisco, que canonizó la dantidad de Vrbano VIII. Predicose a... Felipe III..., en el Real Convento de S. Gil ...*, Luis Sanchez, impressor régio, Madrid, 1627.

Horacio Torsellini, *De vita S. Francisci Xaverii Qvi primvs à Soceitate Iesv in Indiam & Iaponiam Evangelium invexit. Libri Sex. Horatii Tursellini, e Societate Jesu. Accesserunt ex relatione facta in consistorio secreto coram S. D. N. Gregorio papa XV. Quaedam Miracula, quae in Vita non habentur*, Tip Hertsrigana, por Cornelium Leysserium, Munique, 1627.

[jesuíta], *De Novis Christianae Religionis Progressibvs, et Certaminibvs in Iaponia, Anno M.DC.XXII. In Regno Sinarvm, M.DC.XXI et. M.DC. XXII. Litterae; Ad Reuerendum in Christo Patrem Mvtivm Vitellescvm Praepositvm Generale Societatis Iesv*, Michaelis Dalii, Vestefália, 1627.

[jesuíta], *Histoire De Ce Qvi S'Est Passé Es Royavmes Dv Iapon, Et De La Chine. Tirée des Lettres écrites és années 1621. & 1622. Addressée au R.P. Mvtio Vitelleschi, General de la Compagnie de Iesvs. Traduite de l'Italien en François, par vn Pere de la mesme Compagnie*, Sebastien Cramoisy, Paris, 1627.

[jesuíta], *Lettere Annve del Giappone dell'anno MDCXXII E della Cina del 1621. & 1622*, Francesco Corbelletti, Roma, 1627.

[jesuíta], *Lettere Annve del Giappone dell'anno MDCXXII E della Cina del 1621. & 1622. Al molto reu. In Christo P. Mutio Vitelleschi preposito generale della Compagnia di Giesu*, Gio Battista Cerri, Milão, 1627.

Melchior Manzano de Haro, *Relacion breve del martirio que dieron a veynte y tres martires del Orden de Santo Domingo, en la Prov. De Japón en las Filpinas*, Juan de Cabrera, Sevilha, 1627, [Obra não localizada. Citada por Guzman (1992), n 976].

Narracion de las solemnidades con que celébro Madrid la beatificación de S. Pedro Baptista y otros mártires del Japon, s.i., Madrid, 1627.

Señor. Las Religiones de santo Domingo, san Francisco, y san Agustin, dizen, que aunque el diuidir las Prouincias de Iapon en quatro partes, entre las quatro Religiones q alla estan, de la cõpañia de Iesus, san Francisco, santo Domingo, y san Agustin, dando a cada vna su parte, quedando los puertos comunes a todas las Religiones, les estaua bien para su comodidad particular, etc [sic], s.i., s.l., 1627.

Urbano VIII [papa], *Indultum S. D. Urbani VIII celebranti missam et recitandi officium, de tribus martyribus Paulo Michi, Joanne de Goto, et didaco Quizai e Societate Jesu*, Camera Apostólica, Roma, 1627, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 218].

Alonso de Andrade, *Sermon qve predico el P. Alonso de Andrada de la Compañia de Iesus, en el Conuento de san Diego de los descalços de san Francisco, de la Ciudad de Murcia: En las fiestas qve hizo la Seraphica Religion à sus veynte y tres Martyres, Prothomartyres de la Iglesia del Iapon, Sabado à 5 de Febrero deste año 1628. dia de su glorioso transito; y a los 30. de su ilustre martyrio*, Juan Vicente Franco, Orihuela, 1628.

Alonso de Balsobre [ou Valsobre ?], *Cien Puntos Exemplares de la vida, Milagros y martyrio de los gloriosos y Bienaventurados padres Fr. Pedro Baptista y sus compañeros Martyres del Iapon*, Sebastian y Jaime Materad, Barcelona, 1628.

Antonio Colazo, *Retrato del Martyrio de los tres Santos, Pablo Miqvi, Jvan de Goto y Diego Guisay, Religiosos de la Compañia de Iesvs sacado de las relaciones de Iapon, en la fiesta que se consagra a sua memoria en la Ciudad de Valladolid desde el segundo dia de Dziembre de 1628*, viúva de Francisco Fernandez de Cordova, Valladolid, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1426, Simon Diaz, VIII, n 4793].

Beatissime Pater Post Praemissam sanctorum pedum (ad quos etiam hinc prostratus ieaceo) humilem, ac deuotam osculationem etc Frater Ludouicus Sotelo.... De hoccarcere Iaponio Omurensi die vigesima mensis Ianuarik, anno Domini millesimo sexcentesimo vigesimo quarto, s.i, Madrid, 1628.

Breve Racconto della vita, e martirio di tre Religiosi della Compagnia di Giesú [Paolo, Giovanni e Giacomo], Crucifissi nel Giappone l'anno 1597. Con l'aggiunta di varij segni miracolosi, occorsi dopo il loro felice martirio, cavati dalla quarta parte delle Chroniche de S. Francesco [Xavier], Clemente Ferroni, Bolonha, 1628.

Colégio jesuíta de Bruges, *Iaponia bekeert; ende nieuvelijcx vereert door drie salighe Martelaers van de Societeit Iesv: vertoont door de Jonckheydt van de Scholen der serlver Societeit binnen Brugghe, den VIII Februarii ten twee uren en half, M. CD. XXVIII*, Nic. Breyghel, Bruges, 1628, [Obra não localizada. Citada por Sommervogel, II, p.233].

Compendiolvm Historiae Trivm Martyrvm E Societate Jesu, in Iaponia Cruxificorum, cum alijs vingiti-tribus, quorum sex eraant Religiosi Professi, ex Sacro S. Francisci Ordine, de Obseruantia nuncupato, Joannem Kinckium, Colónia, 1628.

D. Pedro Iñiguez Colodro de Guarena, *Loores, y Fiestas a los veynte y tres Sanctos Martires del Japon, que el insigne Convento del Seraphico Padre San Francisco desta ciudad de Victoria celebrò en su nueva canonizacion en 13 de Febrero, de este presenta año de 1628*, Juan de Mongaston, Aro, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1397 e Simon Dias, XII, n 1153].

Fabio Ambrosio Spinola , *Vita Del P. Carlo Spinola Della Compagnia di Giesvù Morto Per La Santa Fede Nel Giappone Del P. Fabio Ambrosio Spinola dell'istessa Compagnia*, Francesco Corbelletti, Roma, 1628.

[franciscano], *Gloriso Triunfo y Martyrio de los Santos Martyres Fray Pedro Bautista Comissario, Fray Felipe de Iesus, Fray Francisco Blanco, Fray Martin de la Ascension, Fray Gonçalo Garcia, Fray Francisco de la Parrilla, y de sus Santos Compañeros*, Estevan Liberos, Barcelona, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1429].

[franciscano], *La Beatification des premiers martyrs dv Iappon, de l'Ordre des FF. Minevrs Reformez Deschaux, ou Recollects, de la Prouince S. Gregoire des Isles Philippnies: Savoir Les RR PP Pierre Baptiste, François le Blanc, Martin de l'Ascension, François de S. Michel, & les FF Philippes de Iesus, & Gonsale, Garçia; avec 17 Iapponnois Oblats, & domestiques desdits Religieux. Par N. S.P.le Pape Urbain VIII. Avec le discours de leus passage au Iappon, des fruits qu'ils y ont faits, & du glorieux martyre qu'ils ont souffert pous la Foy*, Antoine de la Perriere, Paris, 1628.

Giacomo Agresta, *Orazione Panegirica in lod de' Santi Martiri del Giappone*, Pietro de Paoli, Ravenna, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1392].

Giovanni Paolo Grandi di Verona, *Il Traggico Ed ammirabili spettacolo Delli Ventitre Gloriosi Martiri Dell'Ordine Minore di S. Francesco dell' Osseruanza, Crocifissi nel Giappone per la Fede di Giesù Christo, hora dichiarati Beati dal Sommo Pontefice Vrbano VIII. Con sacoltà do celebrarne le Messe, & Diuini vfficij. Historia breue, erudita, curiosa, & vaga, nella quale si narra, come I Padri di S. Francesco Minori Osseruanti furono I primi ch'introdussero la Santa Fede nell' Indie Orientali, & la stabilirono nell'Occidentali. Si refferiscono vsanze barbare del Giappone, & si descriue l'ammirabil costanza de Santi Martiri, particolarmente di trè Franciulli vno di dodeci, & due di tredici anni, & el Padre d'vno di loro, il quale non solo è Crocifisso per Giesù Christo, ma di più auanti li occhi suoi, è Crocifisso l'amato Figlio*, Giacomo Sarzina, Veneza, 1628.

Henri Mirwat, *Abrégé des vies, martyres et miracles des cingt-six premiers martyres au royaume du Japon, diz desqueles estoient de l'ordere des ff. Mineurs, de l'Observande réformez, dix-sept du tierce ordre de D. François, trois de la Société de Jésus*, Ouwerx le Jeune, Liège, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1403].

Historia de la Beatificacion de los Martires Japoneses. Celebrada muy solemnemente en Segovia, s.i., Segóvia, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1414].

[jesuíta], *Raggavaglio Delle cose più notabili Occorse nella felicissima morte di Cento sessenta cinque fortissimi Martiri. Coronati nel Giappone l' Anno 1624. Hauuto per la presente Lettera scritta da quei paesi*, Clement, Ferroni, Roma – Bolonha, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1419].

[jesuíta], *Sumario del Martyrio de los santos Paulo, Iuan, y Diego, Hermanos de la Compañia de Iesus, y Protomartyres del Iapon*, Estevão Liberos, Barcelona, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1427].

[jesuíta], *Svmaria Relación de los Protomartyres de la Iglesia del Iapon de la Serafica Religion de S. Francisco, y de la sagada Religion de la Compañia de Iesus. Sacada de las Historias del Iapon, escritas por los Padres de la Compañia de Iesus, Luys Froes, Gaspar de Espitilli, Luys de Guzman, Luis Piñero, Antonio de Vasconcelos, Bartolome Ricio: y del Breve de nuestro muy santo Padre Vrbano VIII*, Francisco de Lyra, Sevilha, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1428; Cordier, col. 219; Guzman (1992), n 1027, p.205].

João Rodrigues Girão, *Histoire de ce qui s'est passé av royaume dv Japon l'Année 1624. Trasuite d' Italien en François para vn Pere de la compagnie de Iesus*, Sebastie Chappelet, Paris, 1628.

João Rodrigues Girão, *Historia Iaponensis Anni M. DC. XXIV. Continens Felicem Chsistianae Fidei Progressvm, Et Varia Iaponensivm Christianorum pro Fide certamina. Ex Literais R. P. Ioannis Froes Giram, Societ Iesv Datis Adm. R. Patrem in Christo P. Mvtivm Vitellescvm Societ. Iesv Praeposit. Generalem. Ex italico idiomate in Latinum translata*, Hermannii Mylii Birckmanni, Mogúncia, 1628.

João Rodrigues Girão, *Jaerlijcken Brief van Japonien Van her Iaer 1624.... Tot Mechelen*, Hendrick Zaye, Antuérpia, 1628.

João Rodrigues Girão, *Lettera annva del Giappone dell' Anno 1624*, Ferroni, Roma – Bolonha, 1628

João Rodrigues Girão, *Relation-Screiben ausz Japon vom M. DC. XXIV...*, Caspari Sutoris, Dillingue, 1628.

[João Rodrigues Girão], *Lettera Annva del Giappone Dell' Anno 1624. Al moto Reuerendo Padre Mvtio Vitelleschi Generale della Compagnia di Giesv*, Gio. Battista Cerri, Milão, 1628.

[João Rodrigues Girão], *Lettera annua del Giappone dell' Anno 1624. Al molto Reuerendo Padre Mvtio Vitelleschi Generale della Compagnia di Giesu*, herdeiros de B. Zannetti, Roma, 1628.

[João Rodrigues Girão], *Lettera annua del Giappone dell' Anno 1624*, Egidio Longo, Nápoles, 1628.

[João Rodrigues Girão], *Litterae Annuae Iaponiae Anni M.DC.XXIV Datae Ad Admodvm R. P. Mvtivm Vitelleschi Societatis Iesv Praepositvm Generalem Ex Italico in Latinvm Translatae, Nvnc Primvm in Lvcem Editae*, Caspari Sutoris, Dillingue, 1628.

Joseohus Busonus, *Martyrum trium Beatorum e Societate Jesu, Pauli Michi, Joannis Goto, Jacobi Ghisai, Japonum crucifixorum*, Simonen Ciottum, Florença, 1628, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 215].

Juan Antonio Jarque, *Iaponiae Argovictoria. Emblema in Pvblica Gratiarvm Actione Pro Relatis In Albvum Beatorum SS. Martyribvs Pavlo, Ioanne, & Iacobo è Societate Iesv, a Ioanne Antonio Xarque ex eadem Societate Presbitero Literarum Humaniorum Proffessore in Caesaraugustani Collegi I Templo dedicatum, Die S. Francisco Xaverio Indiarum, & Iaponiae Apostolo, inclito Anno Domini 1627*, Diego de La Torre, Saragoça, 1628.

Juan Cevicos, *Discvrso del Doctor Don Ivan Cevicos, Comissario del S. Officio. Sobre vna Carta para sv Santidad, que en lengua Latina se imprimiò, y divulgò en Madrid, por principio deste año de 1628. Fecha en Omura, ciudad del Iapon a 20. de Enero de 624. De la Qval Han Hecho Avtor al P. Fr. Lvis Sotelo, Religioso de la Orden de S. Francisco, estando preso y muy proximo al glorioso martirio, que pocos dias despues padecio por la enseñanza y predicacion de la Fè de nuestro Señor Iesu Christo. Al Licenciado Antonio Moreno, Cosmografo, Cathedratico, y Piloto mayor de la Casa de la Contratacion de Seuilla, por su Magestad. El Doctor D. Iuan Cevicos su dicipulo*, s.i., Madrid, 1628.

Juan de Santa Maria, *Martyrio De Los Santos Protomartyres Del Iapon San Pedro Bautista, y cinco compañeros suyos, Religiosos Descalços Franciscanos, y diez y siete Iaponeses sus domesticos, y coadjutores en la predicacion del Santo Evangelio; y tres Religiosos de la Compañia de Iesus. Por Fr. Iuan de Santa Maria, Prouinial de la Prouincia de San Ioseph de los Descalços. Al rey nuestro señor don Filipe Tercero*, viúva de Alonso Martin, Madrid, 1628.

Leonardo Velli, *Is cielo Alterato Panegirico Sacro per la festa di martiri Giapponesi*, Bidelli, Milão, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1408].

Luís Fróis, *Cort verhael van de historie der drie Martelaren uyt de Soc, Jesu, emt drie twintigh anderen a 1597, tot Nangasachy, in Japonia ghecruyst, ghetrock, ensdeels uit F. Solierius in sijn kerckel his van Iaponien, eendsdells uit Lud. Froes Relaes van't jaer 1597. Overgheset uyt het ltyn door Turano Vekiti*, Jan Cnobbaert, Antuérpia, 1628.

Marcelo Ribadeneira, *Breve Relacion de la vida, y mverte de los protomartires del Iapon, Religiosos professos de la Orden de N. P. San Francisco, y de sus 17. compañeros legos, Terceros de la misma Orden, q<ue> con ellos padecieron el mesmo*

martirio, colegida de la 4 parte de la Coronica de la dicha Orden, lib. 2, cap. 60. y del P. Fr. Marcelo de Ribadeneyra, testigo de vista deste glorioso martirio, Pedro Gomez de Pastrana, Sevilha, 1628.

Melchior Manzano de Haro, *Relazione del martirio di undici Religiosi dell' Ordine di s. domenico, seguito nel Giappone del 1618 e 1622 Hauuta per lettere dal P.P. Melchior Manzano Prior di Manila del medesimo Ordine. Stampata in Roma, & in Bologna & ristampata in Milano, herdeiro de Gio Battista Colonna, Milão, 1628.*

Paolo Cornali, *Il sacro Trionfon di Vintitre Martiri Gloriosi, dell' Ordine de Minori, Dell' Osseruanza del Serafico P.S. Francesco; Crocefissi nel Giappone. Et Beatificati dalla Santità di N. S. Vrbano VIII Con molte altre cose curiose di quelle lontanissime Prouincie, Sabbi, Brescia, 1628.*

Pedro de Torres, *Sermon predicado en el Convento de San Francisco de la ciudad de Ronda en la solemnissima fiesta que hizieron a sus veynte y tres Sanctos Martyres del Iapon, Domingo despues de Circuncision dia octavo de S. Esteuan Por el P. Presentado – Fr. Pedro de Torres, del Orden de la Sanctissima Trinidad, Redempcion de Captivos, Visitador desta Provincia Visitador desta Provincia del Andaluzia, y Ministro en el Conuento de la dicha Ciudad de Ronda, Pedro Gomez de la Pastrana, Sevilha, 1628.*

Pedro Gomez, *Breve Raggvaglio Del Glorioso Martirio Di Trè Religiosi Della Compagnia Di Giesv, Paolo Michi, Giouanni Goto, Giacomo Quisai, martirizati nel Giappone; et posti nel numero de Santi Martiri da N.S. Papa Vrbano VIII. Alli 15. Settembre 1627, Reuer. Camerae Apostolicae, Roma – Bolonha, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1420].*

Pedro Gomez, *Breve Raggvaglio Del Glorioso Martirio Di Trè Religiosi Della Compagnia Di Giesv, Paolo Michi, Giouanni Goto, Giacomo Quisai, martirizati nel Giappone; et posti nel numero de Santi Martiri da N.S. Papa Vrbano VIII. Alli 15. Settembre 1627, Gio. Baptista Paganello, Milão, 1628.*

Pedro Gomez, *Breve Relatione della gloriosa morte di Paolo Michi, Giovanni Goto, E Giacomo Ghisai Martiri Giapponesi della Compagnia di Giesù, seguita in Nangasachi alli 5. Di Febraro 1597. Cauata da vna lettera del P. Pietro Gomez Viceprouinciale al P. Generale della medesima Compagnia, l'anno 1597, herdeiros de B. Zannetti, Roma, 1628.*

Pedro Gomez, *Breve relatione della gloriosa morte di Paolo Michi, Giouanni Goto, Giacomo Ghisai, Giapponesi della Compagnia Di Giesv, seguita in Nangasachi alli 5 di Febraro 1597. Cauata de una lettera del P. Pietro Gomez Vice- prouinciale al P. Generale della medima Compagnia, l'aano 1597, Gio. Battista Bidelli, Milão, 1628.*

Pedro Gomez, *Breve relatione della gloriosa Morte e Martirio di tre Religiosi della Compagnia di Giesù: Paolo, Giovanni e Giacomo. Martirizati e crocifissi nel Giappone alli 5. Febbrajo 1597 E dichiarati beati dalla Santità di Papa Urbano VIII. Con breve sotto li 15. Sett. 1627, Guil. Cassiani, Modena, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1425 e Cordier, col. 215].*

Pedro Gomez, *Brifve Relation de la mort glorieuse de Paul Michi, Jan Goto, et Jacques Ghisai, Japonais de la Compagnie de Jesus, arrivée à Nagasaki le 5. Febr. 1597. Tirée d' une lettre du P. Pierre Gomez, vice-provincial au P. General de la mesma Compagnie, l'an 1597*, Henry Haestens, Louvain, 1628.

Pedro Gomez, *Brifve Relation de la mort glorieuse de Paul Michi, Jan Goto, et Jacques Ghisai, Japonais de la Compagnie de Jesus, arrivée à Nagasaki le 5. Febr. 1597. Tirée d' une lettre du P. Pierro Gomez, vice-provincial au P. General de la mesma Compagnie, l'an 1597*, Claude Henon, Mons, 1628.

Pedro Gomez, *Cort Verhael van de Heerlycke Doodt van de Salighen Paulus Micki, Joannes Goto ende Jacobus Ghisai Japonoisen der Societeyt Jesu. Hen aengedaen tot Nangasachi den 5den February 1597. Getrocken uyt eenen brief van P. Petrus Gomez Vice-Provinciael der selver Societeyt in't jaer 1597*, Henry Haestens, Louvain, 1628.

Pedro Gomez, *Historia Mortis Trium Martyrum e Societate Jesu, que anno 1597 in Japonia cum aliis Cruci affixi Sunt*, herdeiros de B. Zannetti, Roma, 1628, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1413; Cordier, col. 214; Sommervogel, III, 1556.].

[Pedro Gomez], *Martyre du Bien-heureux Pol Miqui, Jean de Goto et Jacques Quisai Japonnais et Religieux de la Compagnie de Jesus qui furent des premiers crucifiez au Japon pour la sainte foy le 5 février 1597. Avec le Bref de nostre saint Pere le Pape Urbain VIII touchant leur beatification et leur office*, Pierre de la Court, Bordéus, 1628.

Polycarpe du Fay, *La Beatification des premiers Martyrs du Jappon, de l'ordre des F. Mineurs Reformez Deschuaz, ou Recollectz, de la Province S. Grégoire des Isles Philippines: sçavoir, les RR. PP. Pierre Baptiste, François le Blanc [...] Par N. S. Pere le Pape Urbain VIII. Avec le discours de leur passage au Jappon, etc*, Sebastien Chappelle, Paris, 1628.

Salvador de Ascanio, *Sermon en la celebre fiesta, que en la Casa Professa de la Compañia de Jeus de Sevilla, se hizo la Beatification de tres Martyres suyos, Paulo, Juan y Diego*, Juan de Cabrera, Sevilha, 1628.

Samuel Buirette, *La vie et mort de vingt-trois martyrs de l'ordre de Saint Francois, et de trois Iesvites, tous crucifiez & transpercez de lances au Iappon. Composé par le V. P. F. Samuel Buirette, de l'ordre des Freres Mineurs Recolé, de la Prouince de Saint André*, Louis de Mesnil, Rouen, 1628.

Samuel Buirette, *La Vie Et Mort De Vingt-Trois Martyrs De L'Ordre de S. Francois, Et De Trois Iesvites, tous crucifiez & transpercez de lance au Iapon. Ensemble Les Prodiges & miracles arriués devant & apres leurs martyre, reconnu par N.S.P. Urbain VIII en Iuillet de l'an 1628. Ov Sont Conioints les admirables fruits produits par le susdit Ordre aux Indes Orientales & Occidentales. Par vn Riligieux de l'Ordre des FF. Mineurs Recollects, de la Prouince de S. André. Seconde Edition*, Pierre Avroy, Douai, 1628.

Colégio jesuíta de Augsburgo, *Titus Japon Tragicomedia. Von wundersamerbeständigkeit eines edlen Japonischen Ritters, so in der Verfolgung, die*

sich Anno 1612, durch selbiges Königreich erhebt, zu einem Beyspil aller Christen, herrlich erglantzet. Gehalten im Gymnasio der Societet Jesv zu Augspurg den 9. vnd 11 Octobris, anno 1629, Andream Aperger, Augsburgo, 1629.

[dominicano], *Relacion Nueva de los Martyres del Iapon: Impressa ya en Madrid este año 1629*, Estevan Liberos, Barcelona, 1629, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1443].

Francisco Crespo, *Compendio de lo que escriuen los Religiosos de la Compañia en cartas de 627. de los que passa en los Reynos de Iapon*, Andrés de Parra, Madrid, 1629.
Francisco Crespo, *Compendio do que escriuen los Religiosos de la Compañia en cartas de 627. De los que passa en los Reynos de Japon*, Manuel de Sande, Sevilha, 1629.

Melchior Manzano de Haro, *Historia del insigne, y excelente martyrio que diez y siete religiosos de la Prouincia del santo Rosario de Filipinas, de la Orden de Santo Domingo, padecieron en el populoso Imperio de Iapon, por la predicacion del Santo Euangelio de Iesu Christo nuestro Dios. Por el R. P. Fr. Melchor Mançano de Haro, Comissario del santo Oficio en dichas Islas, Prouincial que fue de la misma Prouincia, y Vicario general de la de santa Catalina Martyr de Quito. Colegida de relaciones fidedignas embiadas del dicho Imperio de Iapon, y de testigos oculares que assistieron al dicho martyrio l'ano MDCXIV*, Andrés de Parras, Madrid, 1629.

Diego Collado, *Señor. Las Religiones de S. Domingo, S. Francisco y S. Agustin dezimos, que como consta de la resolucion de la nueua enmienda de la carta de marear y cosmographia hecha, publicadas y mandada guardar por mādado del Rey nuestro Señor padre de V. M. el año de 1599, a 3. De Mayo, de que con este hazemos presentacion, no solo el Imperio del Iapon, etc [sic], s.i., Sevilha, 1630.*

Diego Collado, *Senõr: Fray Diego Collado de la Orden de S. Domingo, procurador de Japon por la dicha su Orden. Dize que en virtud de vn Breue expedido...*, s.i., Madrid, 1630.

Diego de San Francesco, *Breve Relatione Della Persecutione el Morte Che Han Patito per la confessione della Santa Fede Cattolica nel Giappone, quindici Religiosi della Prouincia di San Gregorio, delli Scalzi Riformatio dell' Ordine del mostro Serafico P. S. Francesco neel' Isole Filippine. Que anche si tratta di molti altre morti per la medesima catastrophe d'altri Religiosi, e Secolari di differenti stati, quali tutti partinno nel Giappone dall' anno 1613, fino al 1624. Descritta dal P. Fra Diego de San Francesco, etc, e tradotta dalla liingua spagnola nella italiana, da un religioso del medesimo ordine della reforma di Napoli*, Ottavio Beltrano, Nápoles, 1630, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1447; Corider, col. 310].

Fabio Ambrosio Spinola, *Vita del P. Carlo Spinola, della compagnia di Giesù, morto per la Santa Fede nel Giappone*, Francesco Corbelletti, Roma, 1630.

Fabio Ambrosio Spinola, *Vita P. Caroli Spinolae Societatis Iesv, Pro Christiana Religione In Iaponia Mortvi: Italice Scripta A P. Fabio Ambrosio Spinola, Latine Reddita A P. Hermanno Hvgone, Vtroq. Soc. Iesv Sacerdote*, Officina Plantiniana Baltasar Moreti, Antuérpia, 1630.

[jesuíta], *Relacion De L'Admirable Constance Des Chrestiens Iaponnois A Endvrer Le Martyre, Et Des Miracles Qve Diev A faict pour les honorer, tirée des lettres des RR. PP. de la Compagnie de Iesvs, qui trauaillent en ces quartiers, de l'année 1627. Traduit d'Espagnol en François iouxte la copie imprimée à Madrid, Pierre de Rache, Lille, 1630.*

João Rodrigues Girão, *The Palme of Christian Fortitvde. Or the glorius combats of christians in Iaponia. Taken out of letters of the Society of Iesvs from thense. Anno 1624. Hier. Ep.150. Triumphus Dei est passio Martyrum, & cruoris effusio, & inter tormenta laetitia. God triumphes when Martyrs suffer, and shead their blood, and reioyce in their torments, Widow of Charles Boscard, St. Omer, 1630.*

Matias de Sousa, *Breue compendio en que se da cuenta por mayor del estado que tuuo la Iglesia vniuersal del Iapon desde sus principios hasta el año de treinta y de los Martires que en ella huuo, s.i., s.l., 1630 ca.*

Relacion de Alguna de las cosas tocantes a la vida y glorioso martyrio que con su Provincial [Francisco Pacheco] y otros siete Religiosos de la Compañia de Jesus, padecio el S.P. Baltasar de Torres; sacada de las cartas autenticas, que han venido del Japon, de lo sucedido el año de seicientos y veinte y seis en la cruel persecucion que en aquel Imperio padece la Christiandad, s.i., Salamanca, 1630.

Cristovão Ferreira, *Relatione della persecutione solleuata nel Tacau contra la Fede nel ano 1627 e della morte di molti Christiani che in quella hanno dato gloriosamente la vita per la confessione del Santo nome de Christo, Francesco Corbelleti, Roma, 1631. De Santi Francisci Xaverii Societatis Jesu in India, atque Japonia Apostolatu libri octo, s.i., s.l., 1631.*

[dominicano], *Breve Relacion de la grande crueldad de Gentiles y Moros, contra los predicadores Euangelicos del Orden de Santo Domingo, y cofrades del Santissimo Rosario, en las Filipinas, Iapon, y en las Indias Orientales, dende el año 1617 hasta 1627, Estevan Liberos, Barcelona, 1631.*

[jesuíta] *Relacion de algunas de las cosas tocantes a la vida, y glorioso martyrio, que con su provincial y otros siete religiosos de C. de Jesus, padeciò el S. P. Baltasar de Torres; sacada de las cartas autenticas, que han venido del Japon; de lo sucedido el año de 1626, en la cruel persecucion, que en aquel imperio padece la christianidad, s.i., Madrid, 1631.*

Martyrio que con su Prouincial [Francisco Pacheco] y otros sietes Religiosos de la Compañia de Iesus, padecio el P. Baltasar de Torres en el Iapon, sacado fielmente de cartas autenticas que de alli ha venido, Sebastian e Jaime Matevat, Barcelona, 1631.

Diego Aduarte, *Relacion de los Martyres que ha auido en Iapon, desde el año de mil seiscientos y veinte y seis, hasta el año de veite [sic] y ocho, en particular de seis dellos de la Religiõ de S. Domingo, dos Sacerdotes Españoles, y quatro Legos Iapones, sin otros muchos, y familias enteras, q hã enviado de alla a estas Islas Philipinas algunos Religiosos de diferentes Ordenes. Que envia la Provincia de nuestra Señora del Rosario de Philipinas, al muy R. P. Provincial, y Religiosos de la Provincia de España. Compuesta por el Padre Frai Diego Aduarte Prior del Convento de nuestro Padre*

Sancto Domingo de Manila. Impressa en Sevilla, con licencia del señor Provisor, y del señor Alcalde Dō Alōso de Bolaños, por Luys Estupiñan en la calle de las Palmas, Luís Estupiñan, Sevilha, 1632.

Diego Aduarte, *Relacion Verdadera, y fiele del excelente martyrio que veynte y un Religiosos de la Sagrade Orden de Predicadores, y en particular de dos dellos Catalanes hijos de habito del insigne Convento da Santa Catalina Martyr de Barcelona padecieron por Christo en el Imperio el Japon los años de 1627 y 1628*, Lorenço Déu, Barcelona, 1632.

Diego Aduarte, *Relatione de molti che hanno patito con titolo di Christiani nel Giapone Dall' Anno 1626 fino 'a quello de 1628. & in particolare di sei di loro della Religione di S. Domenico, doi Sacerdoti spagnoli, e quattro laici Giaponesi. Raccolta de alcune, che hanno mandato di la à queste Isole Filippine alcuni Religiosi di varij Ordini; la quale manda la Prouincia della Madona del Rosario delle Filippine al moto Reu. Padre Prouinciale, e religiosi della Prouincia di Spagna. composta dal P. F. Diego Aduarte priore del convento del nostro P. S Domenico di Manila*, Stefano Paolini, Roma, 1632.

Diego Aduarte, *Segvnda Relacion de los mil Ciento y Treinta y seis martyres qve ha avido en Iapon, desde el año de mil seiscientos y veinte y seis, hasta el año de veite [sic] y ocho. Que envia la Provincia de N. S. del Rosario de Philipinas, al muy R. P. Provincial, y Religiosos de la Provincia de España. Compuesta por el Padre Frai Diego Aduarte Prior del Convento de nuestro Padre Sancto Domingo de Manila. Impressa en Sevilla, con licencia del señor Provisor, y del señor Alcalde Dō Alōso de Bolaños, por Luys Estupiñan en la calle delas Palmas, Luís Estupiñan, Sevilha, 1632.*

Francisco de Macedo, *Historia de los nvevos martyres del Japón*, s.i., Madrid, 1632, [Obra não localizada. Citada por Simon Dias, XIV, n 6; Cordier, col. 320; Barbosa de Machado, II, p.88].

Horacio Torsellini, *The Admirable life of St. Francis Xavier. Written in Latin... and translated into English bt T. F. [Thomas Fitzherbert] Divided into VI bookes*, English College Press, St. Omer, 1632.

[jesuíta], *Jaerlijcksche Brieven van Iaponien Der jaren 1625. 1626. 1627*, Jan Cnobbaert, Antuérpia, 1632.

[jesuíta], *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII. Al Molto Reu. In Christo P. Mvtio Vitelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*, Francesco Corbelletti, Roma, 1632.

[jesuíta], *Lettere Annue Del Giappone De Gl' Anni MDCXXV. MDCXXVI. MDCXXVII*, Filipo Ghisolfi, Roma -Milão, 1632.

Diego Collado, *Mémorial présenté a Philippe IV, Roi d'Espagne, par le P. Diego Collado, de l'Ordre de S. Dominique, [e l'un des Missionnaires de cet Ordre au Japon; contre les prétentions & les procédés injustes, scandaleux & criminels des Missionnaires se disants de la Societé de Jesus, qui voulaient s'arroger à eux seuls l'admission de l'Eglise de ce vaste Empire]*, s.i., Madrid, 1633.

Diego Collado, *Senõr. Fray Diego Collado de la Orden de Predicadores digo: Que aunq<ue> sie<m>pre he procurado guardar toda modestia Religiosa y Christiana, en los negocios que aqui y en Roma trato a cerca de la conseruacion, y aumento de la Fè, y paz de sus ministros en los Reynos del Iapon, y los demas de infieles vezinos a el, proponiendo solo los medios necessarios, y cõuenientes para esto, sin descubrir falta de Comunidad, ni particular ninguno, sino es quando su Sãtidad, y V. Magestad en su consejo de Indias me han obligado a hablar claro*, s.i., s.l., 1633.

Diego Collado, *Senõr. Fray Diego... digo: Que aunque siempre he procurado guardar toda modestia religiosa y Christiana, en los negocios que aqui y en Roma trata a cerca de la conseruacion, y aumento de la fè, y paz de sus ministros en los reynos de Iapon, y los demas de infieles vezinos a el, proponiendo solo los medios necessarios, y conuenientes para esto, por descubrir falta de Comunidad, ni particular ninguno, sino es quando su Santidad, y V. Magestad en su consejo de Indias me han obligado a hablar claro*, s.i., s.l., 1633.

Felipe de la Madre de Dios, *Relacion Verdadera; de vna carta, qve el P. Fr. Felipe de la Madre de Dios Prouincial absoluto de la Prouincia de Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, embiò al P. Fr. Bernardino de S. Idelfonso Prior deste Conuento de Nuestra Señora de Loreto de Granada, de los Martyres de la misma Orden, que ha padecido martyrio en el Iapon, por la fè Christo*, Vicente Alvarez, Granada, 1633.

Gines de Quesada, *Relacion verdadera del martirio qve dieron en el Iapon A veynte Y Nueue Martyres Religiosos del Orden del Serafico Padre San Francisco, Frayles, y terceros, niños, y mugeres, nueuamente conuertidos. De las persecuciones grandes que padecen los Christianos en aquel Reyno. Auisase tambien de la Embaxada que embió el Emperador Iapon al Virey de Mexico. Refierese tambien el transito dichoso de la santa Madre Geronima de la Assuncion, Fundadora de Descalços de santa Clara de la ciudad de Manila, tia del señor don Pededro [sic] Pantoja, alcade de la Real Audiencia de Seuilha. Y las solenes honras que los Cabildos de aquella Ciudad le hizieron, y otras cosas particulares*, Simon Fajardo, Sevilha, 1633, [Obra não localizada. Citada por Robert Streit, n 1485; Cordier, col. 328; Guzman (1992), n 1206, p.226].

Histoire de ce qui s'est passé av Royaume dv Japon, es annees 1625. 1626. & 1627. Tirée des Lettres adressés au R. Pere Mytio Vitelleschi, General de la Compagnie de Iesvs. Traduite d'Italien en François par vn Pere de la mesme Compagnie, Sebastien Cramoisy, Paris, 1633.

Jacinto Orfanel / Diego Collado, *Historia Ecclesiastica de los Svcessos de la Christiandad de Iapon, desde el año de 1602. que entro en el Orden de Predicadores, hasta el de 1620. Compuesta por.... Y anãdida hasta el fin del año de 1622 por ... Fray Diego Collado*, viúva de Alonso Martin, Madrid, 1633.

Juan Garcia / Juan de la Cruz Garcias, *Aviso qve se ha embiado de la civdad de Manila, del estado qve tiene la Religion Catolica en las Philipinas, Iapon, y la gran China; remitido por el Padre Fr. Iuan Garcia, Religioso Professo del Orden de Sancto Domingo, al Real Convento de San Pablo de Sevilla. Dase Qventa como el Rey Nvestro Señor, ha tomado en la gran China vna Isla llamada la Hermosa, com vna gran fortaleza que ay en ella*, Juan Gomez de Blas, Sevilha, 1633.

Matias de Sousa, *Compendio De Lo Svcedido En El Iapon Desde la Fvndacion de aqvella Christiandad. Y relacion de los Martires que padecieron estos años de 1629. y 30. Sacada de las cartas que escriuieron los Padres de la Compañia que alli assisten. Dirigida al Ilvstrmo Y Rmo Señor D. Cesar Monti, Patriarca de Antioquia, Arçobispo de Milan, Nuncio y Coletor general de N.S.P. Vrbano VIII en los Reynos de España*, Imprenta del Reyno, Madrid, 1633.

Pedro Frias, *Relacion del martirio de treinta y un Martires, Religiosos, Y tercero, hijos de nuestro Padre San Francisco ... que han Padecido glorioso martirio... en el Japon...*, Imprenta Real, Madrid, 1633, [Obra não localizada. Citada por Simon Dias, X, n 3260; Garbayo, I, n 1084].

[agostinho], *Relation veritable, de la Prodigieuse, Constance, & presque incroyable Martyre, souffert par les Augustins Deschassez au Iapon & aux Philippines Selon la Lettre enuoyée du Provincial de par delà en l'année 1633 & 1634 au Vicaire General des Augustins Deschassez de France, estant à present residant aux fauxbourg de Montmartre à Paris. Ensemble le nombre de cent trente cinq Martyrsez m avec leurs noms. El la conuersion de huict cent quarente Iaponnois, à la foy Catholique*, Matthieu Colombel, Paris, 1634.

Diego Collado, *Memorial Contra las acusaciones de los jesuitas sobre las misiones del Japon*, s.i., s.l., 1634.

Luís Sotelo e Juniperi de Ancona, *Fr. Ludovici Soteli Minoitae Regii ad Apostolicam sedem Legati & Regni Oxensis Apostoli ac designati Martyris Ad Urbanum VIII Pont Max De Ecclesiae Iaponicae statu relatio, Imperatoris Augusti, Principum, Electorum, omnium que statuum Imperii cuiusque Ordinis lectione digna. Accessit Fr. Jvniperi de Ancona Minorita Consultatio de causis & modis Religiosa disciplinain Societati Iesu stauranda, Ex italico latine conuersa*, s.i., s.l. [Itália] cf tit, 1634.

Catalogo de los Religiosos de la Compañia de Iesus, que fuerō atormentados, y muertos en Iapon, Andrés de Parra, Madrid, 1635, [Obra não localizada. Citada por Garbayo, I, n 1364].

Cristovão Ferreira, *Narratio Persecvtionis Adversvs Christianos Excitatae In Variis Iaponiae Regnis Ann. M.DC.XXVIII. M.DC.XXIX. M.DC.XXX. Ad Admodum R.dum in Christo Patrem P. Mvtivm Vitellescvm Parepositum Generalem Societ. Iesv. Italicè Romae excusa: ac Latinè reddita quodam eiusdem Societatis Sacerdote, Joannem Meursium*, Antuérpia, 1635.

Cristovão Ferreira, *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX*, Francesco Corbelletti, Roma, 1635.

Cristovão Ferreira, *Relatione delle Persecvtioni Mosse Contro la Fede di Christo in varii Regni del Giappone ne gl' anni MDCXXVIII. MDCXXIX e MDCXXX*, Phipippo Ghisolfi, Roma – Milão, 1635.

[Cristovão Ferreira], *Relation De La Persecvtion dv Iapon. Pour les années mil six cens vingt huict, vingt-neuf, trente. Enuoyée au R. P. Mvtio Vitelleschi, General de la*

Compagnie de Iesus. Traduite de l'Italien imprimé à Rome, par vn Pere de la mesme Compagnie, Sebastien Cramoisy, Paris, 1635.

[Cristovão Ferreira], *Relation Des Persecvtions Sovsleuees Contre La Foy de Iesus-Christ En Divers Royavmes dv Japon Es Annees 1628, 1629 & 1630. Au Tres-reud. Pere en N.S. le P. Mutius Vitelleschi General de la Compagnie de Iesus, Traduite fidelement d'Italien en François, Barthelemey Bardov, Douai, 1635.*

Diego de San Juan Evangelista, *Iesus Maria. Carta del Padre Fr. Diego de San Iuan Euangelista, Prior del Conuento de la ciudad de Manila de los Agustinos Descalços, en las Islas Filipinas, al Padre Prior de Zaragoza, de la misma Orden, Francisco Martinez, Madrid, 1635.*

Francisco Rodrigues, *Catalogo de los Religiosos de la Compañia de Iesus, que fuerõ atormentados, y muertos en Iapon por la Fé de Christo, año de 1632 y 1633. Sacado de las cartas annuas que llegaron este año de 1635 a Lisboa, con la Nave Capitana de la India Oriental, Andrés de Parra, Madrid, 1635.*

Francisco Rodrigues, *Catalogo dos religiosos da Companhia de Jesus, que foram martirisados no Japão pela fé de Christo, em os anos de 1632 e 1633, Andrés de Parra, Madrid, 1635.*

[jesuíta], *Relation de l'etat de l'eglise vniverselle dv Iapon, Et des Martyres qui y ont souffert depuis son commencement iusques en l'année 1630. Ensemble un miracles arriué dans le College de R.P.D.L.C.D.I. De Naples en l'année 1634. Par saint George François Xauier, extraits des registres de l'Archeuesché, George Iosse, Paris, 1635.*

Lavrentio Forero / Lorenz, *Mantissa Ant-Anatomiae Jesviticæ, Opposita Famosis Qvibvsdam Contra Societatem Jesv Sparsis Libellis, Qvorvm Titvli Svnt: I. Mysteria Partum Societatis Jesu. II. Consultatio Fr. Iuniperi de Ancona Minoritæ. III. Fr. Ludouico Soteli Relatio, de Ecclesiae Iaponicæ statu. Avctore Lavrentino Forero Soc: Jesv Theologo, Joannem Gächium, Insbruck, 1635.*

Lavrentio Forero / Lorenz, *Mantissa Ant-Anatomiae Jesviticæ, Opposita Famosis Qvibvsdam Contra Societatem Jesv Sparsis Libellis, qvorvm Tttvli svnt: I. Mysteria Partum Societatis Jesu. II. Consultatio Fr. Iuniperi de Ancona Minoritæ. III. Fr. Ludouico Soteli Relatio, de Ecclesiae Iaponicæ statu. Avctore Lavrentino Forero Soc. Iesv Theol., Henricus Krafft, Colónia, 1635.*

Francisco Rodrigues, *Catalogo de' Religiosi della Compagnia di Giesv, che furono tormentatii. E fatti morire nel Giappone per la fede di Christo l'Anno 1632. e 1633. Cauato dalle Lettere annue, che sono arriuate quest'anno 1635. In Lisbona con la naue Capitana dell' India Orientali, Francesco Corbelletti, Roma, 1636.*

Francisco Rodrigues, *Catalogus Religiosorum Societatis Jesu Qui Anno M.DC.CXXXII et MDCXXXIII in Japonia pro Christi fide crudeliter interfecti sunt Ex litteris annuis anno MDCXXXV Praetoria Lusitanorum navi ex India Vlyssipponem allatis, Joannem Meursium, Antuérpia, 1636.*

Francisco Rodrigues, *Catalogus Religiosorum Societatis Jesu Qui Anno M.DC.XXXII. Et M.DC.XXXIII. Pro Christi Fide crudeliter interfecti sunt, ex literis annuis Anno M.DC.XXXIV. Praetoria Lusitanorum navi, ex India Orientali Vlyssiponem allatis excerptus*, Melchiorem Segen, Mogúncia, 1636.

Francisco Rodrigues, *Cort Verhael van den glorieusem strydt van XXXV. Religieusen der Societeyt Jesu die in Japonien in't jaer 1632 ende 1633. Voor de belydenisse van het geloof Christi wreedelyck ghedoodt zyn: Ghetrocken uyt de Jerlycksche brieven van Japonien, in't jaer 1635 uyt ost indien tot Lisboa aenghecomen*, Joannem van Meur, Antuérpia, 1636.

Diego Aduarte, *Relacion de los gloriosos Martirios de seis Religiosos de S. Domingo desta Provincia del santo Rosario de las Filipinas, que han padecido esto año, y el passado de 33. los quatro en Iapon, con otros muchos de otras Ordenes, y muchos mas de los naturales del mismo Reyno. Sus nombres son Fr. Domingo de Esquicia, y Fr. Lucas del Espiritu Santo, Españoles, Fr. Iacobo de S. Maria, y un hermano lego, Iapones de Nacion. Los otros dos en otras partes deste nuevo mundo. Sus nombres son Fr. Iacinto de Esquivel, y Fr. Francisco de S. Domingo, tambien Españoles. Contiene mas algunas entradas que han hecho Religiosos de la misma Prouincia, por tierras nuevas de infieles, y el fruto que dellas se ha seguido. Y nueuamente copiada en esta ciudad de Valladolid, a instancia del Capitan don Diego de Esquibel, Cauallero de la Orden de santiago, regidor de la ciudad de Vitoria, hermano de dicho Martir. Dirigese a la muy noble, y muy leal ciudad de Vitoria, cuyos hijos son. Sacada y colegida de bvenos textos, y ciertos por don...*, Juan Gonzalez Mogrovejo, Valladolid, 1637, [Obra ño localizada. Citada por Robert Streit, n 1512; Simon Diaz, IV, n 1688].

[jesuíta], *Relación de los sucesos que ha tenido la Iglesia del Japón desde stiembre de 1632 hasta 20 de febrero de 1634*, [calle de la Librería], Madrid, 1637, [Obra ño localizada. Citada por Garbayo, I, n 1730].

[jesuíta], *Relacion de los svcessos qva Ha tenido la Iglesia de Iapon, desde Setiembre 1632. Hasta 20. De Febrero 1634. Ponese el martyrio de 39. Martyres Religiosos de las quatro sagradas Religiones que ay en Japon. I de mas de 160. Iaponeses, que por nuestra Santa Fé dieron gloriosamente sus vidas. Sacada de las cartas que los Padres de la compañia de iesvs de Filipinas embiaron a los Padres desta Prouincia de Nueva España este año 1635. Dase assi mismo cuenta del buen estado en que quedaua aquella Iglesia, y el Progreso de la china, y tonquin el Año de 1634*, Pedro Lacaualleria, Mexico- Barcelona, 1637, [Obra ño localizada. Citada por Robert Streit, n 1514; La Imprenta en Mexico... , n 464, p.140].

Nicolau da Costa, *Breve Relacion del Martirio del Padre Francisco Marcelo Mastrillo de la Compañia de Iesus, martirizado en Nangasaqui, ciudad del Xapon, en 17 Octubre de 1637 embiada por el padre Nicolás de Acosta, Procurador del Xapon, al Padre Francisco Manso Procurador general de las prouincias de Portugal de la ditta Compañia en Madrid, s.i., Madrid, [1637].*

Reyse van Marcellus Mastrillus Priester der Soc. Jesu, *ende van XXXII Syne medeghesellen, als noch van XVI. andere Religieusen nae Indien, die door de hulpe van den H. Franciscus Xaverius seer gheluckich is geweest. Beschreven by den selven P.*

Marcellus, ende over-ghesonden tot de Catholycke Coninginne van Spañien, Ian van Meurs, Antuérpia, 1637.

Colégio jesuíta de Augsburgo, *Justus et Jacobus pueri Japonés Martyres, Das ist: Summarischer Inhalt, der tragoedi voon Zwyen Japonischen Knaben, so zu Arima in Japonia Anno 1613 wegen dess Christlichen Catholischen Glaubens gemartert seyndt worden. Gehalten in dem Gymnasio der Societet Jesv in Augspurg den 13 Octob 1638*, Andream Aperger, Augsburgo, 1638.

Fabio Ambrosio Spinola, *Vita del P. Carlo Spinola della Compagnia di Giesu, morto per la Santa Fede nel Giappone*, Francesco Corbelletti, Roma, 1638.

Nicolau da Costa, *Briefue Relation du Martyre du P. François Marcel Mastrilli de la Compagnie de Jesus, Martyrisé en Nangasaqui, ville du Iapon, le 17. D'Octobre 1637 enuoyee par le Pere Nicolas de Acosta, Procureur du Iapon, au P.François Manso Procureur General des... Espagnol*, Herbetum Reulandt, Luxemburgo, 1638.

Domingo Gonzalez, *Relacion del Ilvstrissimo Martyrio de los padres Fray Antonio Gonzalez, Fr. Guilherme Cortet, Fr. Miguel Aozaraza, y Fr. Vicente de la Cruz, Religiosos de la Orden de N. P. S. Domingo, y dos Compañeros suyos seglares el año passado 1637. Compuesta por el Padre Fr. Domingo Gonçalez Comissario del Santo Oficio de la Orden de N.P.Domingo*, Diego Dias de la Carrera, Madrid, 1639.

Francisco Boyl, *Sermon Del Mvy Reuerendo Padre Maestro Fray Francisco Boyl de la Religion de nuestra Señora de la Merced, que predicò en el Conuento de S. Placido desta Corte, en la fiesta que se hizo à S. Francisco Xavier Apostol de las Indias, quando vino la nueua de auer muerto por Christo en el Iapon el venerable Padre Marcelo Francisco Martrilli, de la Companhia Iesvs, à quien para este efecto sanò milagrosamente en Napoles S. Francisco Xavier, visitandole en abito de Peregrino, s.i.*, Madrid, 1639.

Inácio Stafford, *Historia De la Celestial Vocacion, Misiones apostolica, y gloriosa Muerte, del Padre, Marcello Fran.co Mastrilli, Hijo del Marques de S. Marsano, Indiatico filicissimo de la Compañia de IHSI. A Antonio Telles da Silva Por el Pe Jgnacio Stafford De la Compañia de Jesus*, António Alvares, Lisboa, 1639.

Marcelo Mastrilli, *Le voyage des Indes dv R. P. Marcelle Mastrilli... et de trente-devx de ces compagnons avec seize autres Religieux de diuers Ordres...*, veuve de Marc Wyon, Douai, 1639, [Obra não localizada. Citada em Repertoire Bibliographique, IV, n 2083].

Martin de La Naja y Pallas, *Estado de la Persegvida Iglesia del Xapon, Prodigioso Milagro del Apostol de las Indias S. Frãcisco Xauier de la Compañia de Iesvs, è ilustre Muerte del Venerable Padre Marcelo Mastrilo de la misma Compañia. A Don Migvel Batista de Lanvza, Regidor, y Administrador del Hospital Real, y General de N.S. de Gracia de la Ciudad de Zaragoza, Familiar del Santo Oficio, y Gouernador por su Magestad de la casa de la Moneda de la misma Ciudad, Hospital Real y General de N.S. de Gracia, Saragoça*, 1639.

Nicolau da Costa, *Relation Avthetique dv glorievx Martyre dv R. P. François Marcel Mastrilli de la Compagnie de Iesvs martyrisé en Nagasaki Ville du Japon le 17. d' Octobre 1637 enuoyee par le P. Nicolas de Acosta, Procureur du Japon, au P. François Manso Procureur General des Prouinces de Portugal de la mesme Compagnie à Madrid traduite de l'Espagnol, Barthelemy Bardov, Douai, 1639.*

Bartolomeu Pereira, *Paciecidos Libri Dvodecim. Decantatur Clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontilimensis, è Socēitate Iesu, Iapponiae Provincialis, eiusdem Ecclesia Gubernator, ibique viuus pro Christi fide lento igne concrematus, anno 1626. Parentem Associatnt Qvotquot ex eadem Societate in Iapponia pro Christo gloriosoo occubuerunt. S.mo Patri Urbano Octavo Iapponia. D. & C. [titulo em frances: La paciécide épopée en douze livres en l'honneur du très illustre père François Pacheco Portugais de Ponte-de-Lina provincial de la Societè de Jesus au Japon et gouverneus de cette église, lentement brûlé vif, en 1626, pour la foi de Jésus Christ et de tous ceux de la même Societè, glorieux compagnon de son martyre. Au très saint Pére Urbain VIII, hommage de l'eglise du Japon, par le P....], Manuel Carvalho, tipografoda universidade, Coimbra, 1640.*

Inácio Stafford, *Istoria della celeste vocatione, missioni apostoliche, e gloriosa morte de P. Marcello Francesco Mastrilli Indiano felicissimo della Compagnia di Giesù. Composta dal Padre Ignatio Stafford Della medisma Compagnia in lingia Castigliana, e dedicata al Sig. Antonio Teles de Silua, Hora transportata in Italiano, & dedicata all' illustrissimo sig Carlo Bancacio, Bernardino Diotalleni, Viterbo, 1640.*

Juan Eusebio Nieremberg, *Vida Del Dichoso y venerable Padre Marcelo Francisco Mastrilli, de la Compañia de Jesus, que murió en el Iapon por la Fè de Christo, sacada de los processos Autenticos de su vida y muerte. A Sv Alteza Del Serenissimo Principe nuestro Senõr Don Baltasar Carlos. La dedica, y mandó dar à la Estampa Don Geronimo Valle de la Cerda y Villanueua Cauallero de la Orden de Calatraua, Maria de Quiñones, Madrid, 1640.*

Vida del Dichoso y Venerable Padre Francisco Marcello Mastrilli de la C. de J. por Jeronimo Valle de la Cerda, s.i., Madrid, 1640, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 334; Garbayo, II, n 2256].

Nicolau Ridolfo, *Epistolae de missionibus in Japonia, Philippiniis, Sina etc 1617-1638 scritta ad patres et fratres Ordinis Paredicatorum, Manelph Manelphiu, Roma, 1641, [Obra não localizada. Citada por Cordier, col. 354].*

Nicolau Ridolfo, *In Dei Filio sibi dilectis universis Patribus et Fratibus Ordinins Paredicatorum, Convento de Sta Maria Sopra Minera, Roma, 1641.*

Saverio Orientale ó vero Istorie de' Cristiani Illustri Dell' Oriente Li quali nelle parti Orientali sono stati chiari per virtù, e pietà cristiana, dall' Anno 1542. Quando S. Francesco Sauerio Apostolo dell' Indie, e con esso I Religiosi della Compagnia di Gièsu penetrarono à quelle parti, sino all' Anno 1600. Raccolte dalle Lettere scritte in Europa da' medesimi Religiiosi, I quali si sono iui affaticati nella conuersione de' gentili, e da altri Autori... Tomo Primo Del Giappone, e de' Christiani illustri di quei Regni. Parte Prima Dello stato temporale del Giappone, Francesco Sauio, Nápoles, 1641.

Inácio Stafford, *Istoria della Celeste Vocazione, Missioni Apostoliche, e Gloriosa Morte Del P. Marcello Francesco Mastrilli Indiano felicissimo della Compagnia di Giesù. Composta dal Padre Ignatio Stafford Della medesima Compagnia in lingua Castigliana, e Dedicata al Sig. Antonio Tellez de Silua, Hora transportata in Italiano, & dedicata All' Illustrissimo Sig Carlo Brancaccio, Bernardino Diotalleui, Viterbo, 1642.*

Nicolo Ridolfo, *Racconto Dell' inaudito, e pietoso Martirio Di Settantanove, E più inuitti Martiri, Del Sacro Ordine De' Predicatori, E di molti altri, Martirizzati nel Giappone per la Fede di Nostro Signor Giesù Christo. Mandato per vna Letera Elegantissima, stampata in Roma, in Latino Idioma, Dal Reuerendissimo Generale, e Maestro di Sacra Theologia Il P. F. Nicolo Rodolfi, A tutti Padri, e Frati della sua Religione. Historia Vtilissima, Nella Qvale S'Odono Martirij non mai sin' hora patiti dà altri Martiri nella Chiesa di Dio. E sopra tutto il Martirio di due Fratelli, l'vno d'vn anno, l' altro di cinque, fatti morire auanti gl'occhi del Padre, e d'altri Fratelli Martirizzati prima I loro Padri, e Madri, etc., Tadeu Pavoni, herdeiro de Sarzina, Veneza, 1642.*

Alexandre de Rhodes, *Histoire de la vie et de la glorieuse mort de cinq peres de la Compagnie de Jesus, qui ont souffert au Japon avec trois seculiers en 1643, Pierre de Rache, Lille, 1643.*

António Francisco Cardim, *La mort glorieuse de Soixante et vn Chrestiens de Macao, Decapitez pour la confession de Foy A Nangazaqui, au Royavme dv Iapon de le 4. D' Aoust l'an M.DC. XL. Extraite de la relation faite en langue portugaise, par le R.P. Antoine François Cardim ... Auec la copie d'vne lettre de Hollande] touchant la glorieuse confession de quatre Peres de la mesme Compagnie, et de trois autres Chrestiens mis à mort au mesme Royaume du Iapon, sur la fin de l'an M.DC. XLII., Jean de Manneville, Rouen, 1643.*

António Francisco Cardim, *La mort glorieuse de Soixante et vn Chrestiens de Macao, Decapitez pour la confession de Foy A Nangazaqui, au Royavme dv Iapon de le 4. D' Aoust l'an M.DC. XL. Extraite de la relation faite en langue portugaise, par le R.P. Antoine François Cardim ... Auec la copie d'vne lettre de Hollande] touchant la glorieuse confession de quatre Peres de la mesme Compagnie, et de trois autres Chrestiens mis à mort au mesme Royaume du Iapon, sur la fin de l'an M.DC. XLII., Pierre Rache, Lille, 1643.*

António Francisco Cardim, *Relação da Gloriosa Morte de Qvatro Embaixadores Portuguezes, da Cidade de Macao, com sincoenta, & sete Christãos de sua companhia, degolados todos pella fee de Christo em Nangassaqui, cidade de Iappão, a tres de Agosto de 1640. Com todas as circvnstancias de sua Embaixada, tirada de informações verdadeiras, & testemunhas de vista. Pello Padre Antonio Francisco Cardim de Iesv Procurador geral da Prouincia de Iappão, Lourenço de Anveres, Lisboa, 1643.*

Duarte Correia, *Relação do Levantamento de Ximabara, e do seu notavel cerco, e de varias mortes dos nossos Portuguezes pela Fè. Acrecentase outra da Iornada que Francisco de Sousa de Castro fez ao Achem, em que tambem se apontão varias mortes de Portuguezes naturais desta cidade, & de outras do Reyno, em defensão da nossa santa Fè Com alguãs vitorias alcançadas depois da felice aclamação delRey nosso Senhor contra nossos inimigos no estado da India. Escrito por ..., familiar do S.*

Officio, natural de Alenquer, estando preso por confissão da Fe, pela qual deu a vida em fogo lento, Manuel da Silva, Lisboa, 1643.

Inácio Stafford, *Historia de la celestial vocacion, misiones apostolica, y gloriosa muerte, del padre, Marcello Fran.co Mastrilli, hijo del marques de S. Marsano, indiatico felicissimo de la compañia de Jesus*, António Alvares, Lisboa, 1643.

Juan Eusebio Nieremberg / Alonso de Andrade, *Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, ...su vida y la de sus discipulos.... [continuada por el P. Alonso de Andrade...]*, Maria de Quiñones, Madrid, 1643.

António Francisco Cardim, *Cort Verhael Vande Glorieuse doodt van vier portugiesche ambassadeurs vande stadt Macao met seven-en-vijftich Christenen van hun gheselschap, onthalt voor het Christen gheloof binnen Nangassaqui enn Stadt in Iaponien den 3. Augusti 1640. Met alle de circuntantien van hunne Ambassade, ghetrocken uyt waerachtighe informatien ende ghetuyghen die het met hunne ooghen hebben gesien. Door den E. P. Antonius Franciscus Cardim vande Societateyt Iesv Procurator generael vande Provincie van Iaponien. Naer het Portugiesche tot Lisboa ghedruckt 1643*, Hendrick Aertssens, Antuérpia, 1644.

António Francisco Cardim, *Nova Indica Sive Memorabilis Virtus Christianorum LXI, in Iaponia, Anno 1639 [sic] Pro Fide Christiana Interfactorum. Christiano Et Cyrioso Lectori Pro felicibus Noui Anni*, Gregorii Hjaenlini, Ingolstad, 1644.

António Francisco Cardim, *Relation De La Province dv Iapon Ecrite En Portugais par le Pere François Cardim de la Compagnie de Iesvs Procureur de cette Prouince. Dediee A La Sainteté D'Innocent X. Tradvitte Du Portugais en Italien à Rome, & de la Coppie Ialienne, en François, par le P. François Lahier de la même Compagnie*, Adrien Quinqué, Tournai, 1645.

António Francisco Cardim, *Relatione della Prouincia del Giappone Scritta dal Padre Antonio Francesco Cardim Della Compagnia di Giesu, Procuratore di quella Prouincia. Alla Santità di Nostro Signore Papa Innocentio Decimo. Ad istanza di Gio Battista Bidelli*, Filippo Ghisolfi, Roma- Milão, 1645.

António Francisco Cardim, *Relatione Della Prouincia del Giappone, Scritta dal Padre Antonio Francesco Cardim della Compagnia di Giesu, Procuratore di quella Prouincia. Alla Santità di Nostro Signore Papa Innocentio X.*, Andrea Frei, Roma, 1645.

António Francisco Cardim, *Relatione della Prouincia del Giappone, s.i.*, Florença, 1645.

Juan Eusebio Nieremberg, *Honor del Gran Patriarca San Ignacio de Loyola, fyndador de la Compañia de Iesvs, en que se propone su vida, y la de su Discipulo el apostol de las Indias S. Francisco Xavier. Con la milagrosa Historia del admirable Padre Marcelo Mastrilli, y las noticias de gran multitud de Hijos del mismo S. Ignacio, varone clarissimos en santidad, dotrina, trabajos, y obras maravillosas en seruicio de la Iglesia*, Maria de Quiñones, Madrid, 1645.

Juan Eusebio Nieremberg, *Los que han muerto de la compañía en el Japon por la fè de Christo, hasta la muerte del P. Marcelo*, s.i., s.l., 1645.

Leonardo Cinami, *Vita, e morte del Padre Marcello Francesco Mastrilli della Compagnia di Giesù. Composta dal Padre Leonardo Cinami della medesima Compagnia*, Diotalleui, Viterbo, 1645.

António Francisco Cardim, *Catalogvs Regvlarivm, et Secvlarivm, Qvi in Iapponiae Regnis vsque à fundata ibi A S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia Abethnicis In odium Christianae Fidei Sub quatuor Tyrannis violenta morte sublata sunt. Collectus A P. Antonio Francisco Cardim è Societate IESV Prouinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Herdeiros de Corbelletti, Roma, 1646.

António Francisco Cardim, *Fascicvlvs e Iapponicis Floribvs, svo adhvc Madentibvs sanguine, Compositvs A P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesv Prouinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore. Qvi Legitis Flores Hos Legite, sic Qvoniam Positi Svaves Miscentvr Odores*, Herdeiros de Corbelletti, Roma, 1646.

António Francisco Cardim, *Mors Felicissima Qvatvor Legatorvm Lvsitanorvm et Sociorvm quos Iapponiae Imperator occidit in Odium Christianae Religionis. Auctore P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesv Procuratore ad Urbem Prouinciae Iapponiae*, Herdeiros de Corbelletti, Roma, 1646.

António Francisco Cardim, *Relação da Gloriosa Morte de Qvatro Embaixadores Portugueses, da cidade de Macao, con sicoenta, & sete Christãos de sua companhia, degolado todos pella fee de Christo em Nangassaqui, cidade de Iappão, atres de Agosto de 1640. Com todas as circunstancias de sua embaixade, tirada de informações verdadeiras, & testemunhas de vista*, Andrea Frei, Roma, 1646.

Francisco Cardim, Francisco Barreto, *Relation de ce qui s'est passé depvis quelques années iusques à l'an 1644 au Japon, à la Cochinchine, au Malabar, en l'Isle de Ceilan & en plusieurs autres Isles & Royaumes de l' Orient compris sous le nom des Prouinces du Japon & du Malabar... Diuisée en deux Parties, selon ces deux provinces*, Mathurin e Jean Henault, Paris, 1646.

[jesuíta], *La vie du P. Marcel François Mastrilli de la Compagnie de Jesvs. Guery miraculeusement par saint François Xauier, et mort du depuis au Iapon, pour la defense de la Foy de 17. D'Octobre 1637*, Mathurin Henault e Jean Henault, Paris, 1646.

Fabio Ambrosio Spinola, *Vita del P. Carlo Spinola della Compagnia di Giesù, morto per la Santa Fede nel Giappone*, Herdeiro de Benacci, Bolonha, 1647.

Eusebe Nieremberg, *P. Marcellvs Mastrillvs, Neapolitanvs SI Ex Marchionum S. Marciani familia Anno M. DC. XXXIV à S. Francisco Xaverio, ingenti miraculo, e lethali morbo vitae redditus: Anno M. DC. XXXVII. In Iaponia Pro fide Catholica exquisitis tormentis interemptus a J. E. Nierembergjo ex authenticis instrumentis calamo Hispanico luci datus, nunc ... Latino idiomate orbi propositus. Addito 79 Martyrum Japonensium syllabo, etc*, Formis Academicis, Dillingue, 1648.

Jean Maracci, *Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales en ses trois provinces de Goa, de Malabar, du Japon, de la chine, & autre pais nouvellement descouverts. Par les Peres de la Compagnie de Iesus. Presentée à la Sacrée Congregation de la Propagation de la Foy par de Père....*, Sebastien Cramoisy e Gabriel Cramoisy, Paris, 1649.

Alexandre de Rhodes, *Relation de ce vi s' est passé en l'année 1649. Dans les Royaumes où les Peres de la Compagnie de Iesvs de la Prouince du Japon, publient le Saint Euangile*, Florentin Lambert, Paris, 1650.

António Francisco Cardim, *Elogios E Ramalhete de Flores borifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu, a quem os tyrannos dos Imperio de Japão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica. Com o Catalogo de todos os Religiosos, e seculares, que por odio da mesma Fè forão mortos naquelle Imperio até o anno de 1640*, Manuel da Silva, Lisboa, 1650.

António Francisco Cardim, *Relação da Gloriosa morte de quatro Embaxadores Portuguezes da Cidade de Maco com 57 Christãos da sua companhia degolados todos pela Fè de Christo em Nangasaki Cidade do Japão a 3 de Agosto de 1640*, Manuel da Silva, Lisboa, 1650.

Giovanni Marucci, *Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales en ses trois provinces de Goa, Malabar, du Japon, de la Chine, et autres pais nouvellement descouverts. Par les Peres de la compagnie de Jesus. Presentée à la Sacrée Congregation de la Propagation de la Foy, par le P. J. Marucci Procureur de la Province de Goa au mois d'Avril 1649*, S. Cramoisy e G. Cramoisy, Paris, 1651.

Pedro Marques, *Breve relatione della gloriosa morte che il P. Antonio Rvbino della Compagnia di Giesv Visitatore della Prouincia del Giappone, e Cina, sofferse nella Città di Nangasacchi dello stesso Regno del Giappone, con quatro altri Padri della medesima Compagnia, Cioè il P. Antonio Capece, il P. Alberto Micischi, il P. Diego Morales & il P. Francesco Marquez, com tre secolari. Di marzo nel 1643*, herdeiros de Coberlletti, Roma, 1652.

António Francisco Cardim, *Relatione della gloriosa morte di quattro Ambasciatori Portughesi della Città di Macao com altri cinquantasette Christiani della sua Compagnia decapitati tutte per la fede di Christo in Nangasaqui città del Giappone alli tre d'Agosto 1640. con tutte le circostanze della sua Ambasciata di vere Relationi, e Testimonij oculari. Composta per il Padre Antonio francesco Cardim della Compagnia di Giesù Procuratore Generale della Provincia Giapponesi, s.i., s.l., s.d.*

Colégio jesuíta de Cassel, *Dominicus in Japonia pro Christi fide crucifixus, tragoedia producenda in scenam a syntaxianis collegii Calestani Soceitatis Jesu. Die VIII Martii M.D.C.XXII, , Cassel]*, s.d.

Cultus Sancti Francisci Xaverii Soc. Jesu. Japoniae, & Indiarum apostoli, Gregorii Kürzböck, Viena, s.d.

Leonardo Cinami, *Vita, e morte del Padre Marcello Francesco Mastrilli della Compagnia di Giesù. Composta dal Padre Leonardo Cinami della medesima Compagnia*, Erede del Bennacci, Bolonha, s.d.

Manuel Pimenta, *Japoneidos. Poema in decem libros distributum*, s.i., s.l., s.d, [Obra não localizada. Citada por Barbosa de Machado, III, p.338].

